PORTUGAL

ANTIGO E MODERNO

VOLUME TERCEIRO

PORTUGAL
ANTIGO E MODERNO

DICCIONARIO

Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico

DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL

E DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS

Se estas são notaveis, por serem patria d'homens célebres,
por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiveram logar
por serem solares de familias nobres,
ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes

NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA

DE QUE APENAS RESTAM VESTIGIOS OU SÓMENTE A TRADIÇÃO

POR

Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMPANHIA
68—Praça de D. Pedro—68
1874

LISBOA
TYPOGRAPHIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMPANHIA
68—Praça de D. Pedro—68
1874

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

E

EBUROBRIGA (*Eburobritium* dos romanos—vide Alfeizirão)—antiquissima cidade da Lusitamia, na actual provincia da Extremadura. Querem alguns que ella seja a actual *Evora d'Alcobaça*, e outros, que seja uma aldeia chamada *Ramalheira*, proximo da villa de Alfeizirão, concelho de Alcobaça.

Tambem póde ser que *Eburobriga* fosse uma cidade e *Eburobritium* outra, e, n'este caso, harmonisavam-se as duas opiniões; todavia *Evora d'Alcobaça* não tem a favor do antigo nome que lhe attribuem alguns, senão a asserção d'elles, fundada na tradição. Não ha alli vestigios alguns da antiga *Eburobritium*.

Eburobriga foi fundada pelos gallos-celtas, uns 300 annos antes de Jesus Christo.

Aqui alcançou uma grande victoria dos romanos, o nosso grande Viriato, pelos annos 3858 do mundo (146 antes de Jesus Christo).

No anno 84 antes de Jesus Christo, veiu á Lusitania o proconsul Decio Junio Bruto, e não tendo ainda os romanos esquecido a grande derrota que aqui haviam soffrido ha 62 annos, ou por outras razões, cahiram contra a cidade de *Eburobriga*. Os lusitanos entrincheirados em uma elevação, hoje chamada Casal do Motta, disputavam tenazmente a passagem do *estreito* por onde entrava o mar para a bahia (onde são agora os campos de Alfeizirão, Vallado e Maiorga) 10 kilometros ao N. de *Eburobriga*. Vencidos os lusitanos, se retiraram para um sitio em que hoje é a quinta de S. Gião, onde ainda houve outra renhida batalha, e só depois d'ella é que os romanos tomaram a cidade.

Devemos notar que todas estas batalhas foram sustentadas pelos habitantes da cidade e pelos montanhezes das immediações, que os vieram soccorrer.

Tão importantes julgaram os romanos estas duas victorias, que o pretor mandou erigir, no sitio da segunda batalha, um templo dedicado a Neptuno, em memoria d'este feito. Ainda hoje alli existe uma lapide commemorativa e outros vestigios.

D'ahi por diante foi *Eburobriga* governada por tribunos romanos, até ao anno 622 de Jesus Christo, em que Flavio Swintila, rei godo, expulsou os romanos da Lusitania, tornando-se senhor de toda a peninsula.

Tinha então *Eburobriga* um bom porto, defendido por uma fortaleza edificada em um ilhéo. A torre d'esta fortaleza ainda existiu muitos annos depois, e serviu de pharol aos navegantes. Ainda d'ella existem ruinas.

Tinha fôro de municipio romano. A guarnição da cidade e da fortaleza se defendeu heroicamente contra os godos, pelo que estes destruiram tudo, não deixando pedra sobre pedra.

Os arabes, occupando estes sitios em 716

e 717; fundaram ao O. das ruinas de *Eburobriga* a actual Alfeizirão, dando-lhe o nome que ainda tem.

Querem alguns que o nosso segundo Viriato fosse natural de *Eburobriga*, o que não está provado. Advirta-se que é o Viriato cognominado *moderno* ou *segundo*, que viveu entre os annos 3990 e 3962 do mundo (42 a 14 antes de Jesus Christo) e portanto nascido, um seculo (pouco mais ou menos) depois de ser assassinado o grande Viriato, o *beirão*, que quasi todos os escriptores dizem ter nascido na serra da Estrella, pelos annos 3811 do mundo, ou 193 antes de Jesus Christo, e foi morto no anno do mundo 3861, ou 143 antes de Jesus Christo.

Este segundo Viriato vivia no tempo em que já os romanos eram pacificos dominadores da Lusitania, e até era chefe de uma legião de lusitanos ao serviço do imperio. Morreu em uma batalha na Italia, em defeza de Sexto Pompeu, contra Julio Cesar.

Para evitar mais repetições, vide o complemento d'este artigo na palavra *Alfeizirão*.

EBUROBRITIUM — vide Eburobriga.

EDRAL e **FRADES** — freguezia, Traz-os-Montes, antigamente comarca de Bragança, concelho de Santalha, hoje comarca e concelho de Vinhaes, 70 kilometros de Miranda, 485 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 140 fogos.

Orago de Edral, S. Romão, e o de Frades era S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o reitor do Edral, que tinha 120$000 réis de rendimento. O reitor do Edral apresentava o cura de Frades, confirmado, que tinha 40$000 réis.

A freguezia de Frades em 1757 tinha 35 fogos.

Estas duas freguezias estão unidas ha muitos annos, formando uma só.

EDRÓZA ou **EDROSA** e **MÊILHE** ou **MELHE** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chacim, concelho de Isêda, até 1855, e desde então comarca e concelho de Vinhaes, 60 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Ouzelhão apresentava o cura de Edroza, que tinha 9$500 réis de congrua e o pé d'altar.

Tem, ha muitos annos annexa a freguezia de Meilhe, que em 1757 tinha 31 fogos e era seu orago S. Martinho, bispo. O abbade de Rebordãos, apresentava o cura de Meilhe, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Actualmente formam ambas uma só freguezia.

EDROZO ou **EDROSO** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes.

Em 1757 tinha 34 fogos.

Orago Santa Marinha.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 200$000 réis.

Esta freguezia está ha muito tempo annexa a Quiraz ou Queiraz. Vide está palavra.

EGA — villa, Douro, concelho de Condeixa a Nova, comarca e 18 kilometros ao S. de Coimbra, 12 ao NE. da Redinha, 185 ao N. de Lisboa, 520 fogos, 2:000 almas.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Feira a 11 de novembro.

Situada em uma baixa, junto ao rio do seu nome, que nasce no logar da Arrifana.

O tribunal da Mesa da Consciencia, apresentava o vigario, collado, que tinha 200$000 réis de rendimento. O parocho era freire de Christo, por a freguezia ser commenda d'esta ordem.

É povoação muito antiga. Não se sabe d'onde é derivado o seu nome. Alguns dizem que é do nome proprio de homem *Egas*, de algum assim chamado que possuiu esta villa ou aqui habitou.

D. fr. Estevão de Belmonte, mestre da Ordem do Templo, lhe deu foral no 1.º de setembro de 1231. D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 25 de fevereiro de 1514.

Teve marquez e foi couto.

Foi conquistada aos mouros, por D. Affonso Henriques, em 1135, e a deu aos templarios em 1145.

No seu antigo termo tinha outra vigaria, no logar do Furadouro (ou Aforadouro) chamada do Espirito Santo.

No monte, em sitio alcantilado, está a capella de Nossa Senhora do Circulo, e ao sahir para Condeixa, está a capella de S. Braz, onde ha uma feira a 3 de fevereiro.

EGIRA ou **HEGYRA**—E' 622 annos mais nova do que o anno do nascimento de Jesus Christo. Vide Era.

EGREJA—Vide Villa da Egreja.

EGREJA NOVA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 12 kilometros a O. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Purificação.

A mitra apresentava o abbade, por concurso synodal, que tinha 250$000 réis de rendimento.

E' terra fertil.

EGREJA NOVA DO SOBRAL—freguezia, Extremadura, concelho de Ferreira do Zêzere, comarca de Thomar, d'onde dista 12 kilometros, 144 a NNE. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 230 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Patriarchado e districto administrativo de Santarem.

O seu antigo nome era *Sobral*, e desde que se lhe construiu a actual egreja matriz se chamou *Egreja Nova do Sobral*.

A mesa da consciencia e ordens apresentava o vigario, collado, que tinha 120 alqueires de trigo, 60 de cevada, 20 almudes menos 4 canadas de vinho, 3 alqueires de azeite e 12$000 réis em dinheiro, de rendimento annual.

Ha aqui minas de ferro. É terra fertil.

EGREJA NOVA—freguezia, Extremadura, concelho de Mafra, comarca de Cintra, 30 kilometros ao NO. de Lisboa, 380 fogos.

Em 1757 tinha 173 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

A freguezia foi da casa das rainhas, e eram ellas que apresentavam o prior, que tinha 300$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil.

EGREJA NOVA—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Novas, 120 kilometros ao NE. de Lisboa.

Em 1757 tinha 361 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição, ou Santa Maria.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

O prior de S. Thiago de Torres Novas apresentava o cura, que tinha 100$000 réis.

É actualmente a freguezia de S. Thiago da villa de Torres Novas, com 500 fogos, por se ter annexado a ella a da Egreja Nova (Vide *Torres Novas.*)

EGREJINHA—freguezia, Alemtejo, comarca de Montemor Novo, concelho de Arrayolos, 12 kilometros d'Evora, 120 a E. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 131 fogos.

Orago Nossa Senhora da Consolação.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o capellão curado, que tinha 420 alqueires de pão terçado de rendimento.

É terra fertilissima em cereaes.

EGREJOL—portuguez antigo—egrejinha, capella, ermida. Tambem se dizia *egrejó* e *egrejô*, *igrejol*, *igrejô* e *igrejó*.

EGYPTO (Quinta do)—Vide Oeiras.

EI—portuguez antigo—*eu* (pronome).

EIDO—Vide Enxido.

EIRADÉGA, EIRADIGA e **HEIRADÉGA**—certo direito ou *foragem*, que, além dos oitavos, sextos e *jugadas*, os caseiros pagavam aos senhorios.

EIRA-VEDRA—freguezia, Minho, comarca da Póvoa de Lanhoso, concelho de Vieira, 24 kilometros a NO. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 176 fogos.

Orago S. Payo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

(Todos sabem que *vedra* quer dizer *velha.*)

A casa dos Sousas do Calhariz, apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento.

E' terra fertil. Cria muito gado e caça.

EIRADO—freguezia, Beira Baixa, comarca de Trancoso, concelho de Aguiar da Beira, 35 kilometros a E. de Viseu, 300 a NE. de Lisboa, 80 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Em 1767 tinha 67 fogos.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

O abbade de Coruche, da Beira, apresentava o cura, que tinha 9$000 réis de congrua e o pé d'altar.

—

Segundo escreve José Diogo da Cunha, abbade de Carapito, sonhou um lavrador e sua mulher do logar de *Aldeia Velha*, freguezia d'Açores, que no logar do *Ancinho*, d'esta freguezia do Eirado, estava em uma gruta, entre dois grandes penhascos, uma imagem de Jesus Christo crucificado. Foram os sonhadores ao sitio sonhado e ahi acharam um pedregulho, que alguma similhança tinha com um crucifixo.

Fez este achado grande alegria e balburdia no povo, que logo tratou de fazer dar á pedra tosca uma fórma mais parecida com gente, e lhe puzeram o nome de *Senhor do Castellinho*, por ser encontrado no cimo dos taes penhascos, onde havia um pequeno castello de alvenaria. Espalhou-se a noticia tanto que em pouco tempo as offertas chegaram para se formar uma irmandade e para se dar principio ao magestoso templo do *Senhor do Castellinho.*

Dirigiram as obras dois devotos, da familia dos Beltrões, da villa de Carapito. Concluida a capella, mandaram-lhe pôr a seguinte inscripção:

O sr. José de Gouveia Beltrão, de Carapito, mandou fazer esta obra em o anno de 1734.»

Zangaram-se com isto os devotos, e logo cessou a devoção, as offertas e a continuação da obra. Da confraria ha apenas um pequeno fundo, cujo rendimento mal chega para uma festa na 1.ª dominga de setembro, com grande romaria, a que dão um nome muito... exquisito:

Tambem á imagem, objecto da festa, lhe dão indistinctamente o nome de *Senhor do Castellinho, Senhòr dos Ancinhos* ou *Senhor dos Engaços.* (Aqui *engaços* ou *ancinhos* são synonimos.)

EIRAS—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 35 kilometros a NO. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 89 fogos.

Orago Santa Comba.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O visconde de Villa Nova da Cerveira, apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento.

No sitio de *Villar* d'esta freguezia, ha vestigios de edificios antigos, que é tradição ter sido uma fortaleza dos mouros.

É terra muito fertil. Cria muito gado e caça.

EIRAS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 80 kilometros a NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Santo Estevão apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

EIRAS—villa, Douro, comarca e concelho de Coimbra, d'onde dista 6 kilometros, 210 ao N. de Lisboa, 290 fogos, 900 almas.

Em 1757 tinha 246 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Veja-se o processo para o seu foral novo, na gaveta 20, maço 11, n.º 33 da Torre do Tombo.

Teve concelho proprio com camara, ve-

readores, juiz, escrivães, meirinhos, etc. Foi ha muitos annos supprimido este concelho.

O mosteiro de freiras bernardas de Cellas, junto a Coimbra, apresentava o vigario, que tinha de rendimento 100$000 réis.

Fazia-se aqui a célebre *Festa do Imperador*, ou do Espirito Santo. (Vide Alemquer.)

Teve principio em um voto feito por occasião da terrivel peste do anno de 1569, que assolou esta freguezia, escapando sómente com vida a familia de Luiz Eannes e o vigario Simão Braulim, que n'esse nefasto anno deu grandes exemplos de caridade e dedicação.

Consistia a festa do *imperador* em hir todos os annos a camara, padres e o povo d'aqui á capella do Espirito Santo, junto a Santo Antonio dos Olivaes, em grande procissão, levando um individuo coberto com um manto, e arremediando (mais mal do que bem) o trajo de imperador e coroado; que era o protogonista da festa. Atraz do imperador hia uma charanga tocando, e os rapazes e raparigas cantando cantigas sagradas e profanas (algumas d'estas soffrivelmente licenciosas) dançando, fezendo cabriolas e momices, etc.

José Freire de Faria, vigario capitular, *sede vacante*, de Coimbra, por uma circular de 20 de novembro de 1728, prohibiu todas as danças, cantigas e mais obscenidades, por terem degenerado na pratica de muitos actos indecentes.

EIRAS MAIORES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Penhas Juntas, no mesmo concelho, comarca, bispado e districto administrativo. (Vide para tudo *Penhas Juntas.*)

EIREIRA (ou **EREIRA**) **E LAPA** — freguezia, Extremadura, comarca de Santarem, concelho do Cartaxo, 70 kilometros ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos, a Ereira.

Orago o Espirito Santo.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

O commendador de Malta, senhor da freguezia, apresentava o cura, que tinha de renda, 60$000 réis.

Lapa era uma freguezia que, por pequena, ha muitos annos foi incorporada a Eireira.

O nome d'esta freguezia deverse-hia escrever com *H*, visto provir de *hereira* (hera) planta parietaria bem conhecida.

É terra fertil.

EIRIVO — Vide Irivo.

EIRIZ — freguezia, Douro, comarca de Louzada, concelho de Paços de Ferreira, 30 kilometros a L. de Braga, 330 ao N. de Lisboa, 180 fogos. Em 1757 tinha 117 fogos.

Orago S. João Evangelista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra primacial apresentava o abbade, qne tinha 500$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

Eiriz (segundo alguns) é nome proprio d'homem. É provavel que tomasse este nome d'algum individuo que fosse senhor da freguezia.

Em Arouca, proximo á villa, mas na freguezia de Salvador, ha aldeia de *Eiriz*, de que foi senhora e lhe deu o nome D. Gontina Eiriz. Tambem se dizia *Eirigo* e *Eurico.*

Apesar d'alguns etymologistas, estou persuadido que *Eiriz* não era nome proprio, mas *patronimico*, isto é, queria dizer *filho ou descendente d'Erigo ou Eurico.* Se assim é, *Eirigo* ou *Eurico* é que é o nome proprio.

(Na freguezia de Bairros, concelho de Paiva, ha a aldeia de *Villar d'Eirigo.*)

EIRIZ — aldeia, Douro, freguezia de S. Salvador do Burgo, concelho, comarca e 2 kilometros a SO. d'Arouca.

Bispado de Lamego, districto administrativo d'Aveiro.

É uma bonita povoação no fertil e formoso *Valle d'Arouca.*

N'este logar está a casa (vinculada) que é solar de um ramo dos Cabraes. É um bom e grande edificio, com uma bellissima capella dedicada Nossa Senhora. O actual possuidor d'esta propriedade é o sr. Jeronymo Leite Cabral Tavares Castello Branco.

Para a genealogia e armas dos Cabraes, vide Constancia e Belmonte.

Para a etymologia vide o *Eiriz* antecedente. (Vide tambem Moldes.)

EIRÓ—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas, 70 kilometros a NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 102 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Eiró é diminutivo d'*eira*—o mesmo que eirinha.

N'esta freguezia está a villa de Boticas, capital do concelho d'este nome. (Vide Boticas.)

O reitor de S. Pedro de Sapiãos apresentava *in solidum* o vigario collado, que tinha 85$000 réis.

É terra fertil em cereaes e legumes. Muito gado e bastante caça miuda.

EIRÓL—freguezia, Douro, concelho de Eixo, comarca d'Aveiro, até 1855; e desde então concelho e comarca d'Aveiro, 9 kilometros d'Aveiro, e 250 ao N. de Lisboa, 110 fogos. Orago Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Eiról é, como *eiró*, diminutivo d'eira.

O *Portugal Sacro e Profano* não traz esta freguezia.

Na provincia do Languedoc (França) ha um rio chamado *Erool*, que desagua no mar junto á cidade de *Agda*. (Vide Agueda.)

É terra muito fertil em todos os generos de agricultura. Cria-se aqui muito gado, que se exporta.

EIXES—antiga freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella.

Em 1757 tinha 31 fogos.

Orago S. Fructuoso.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O vigario de Suzães apresentava o cura, que tinha de rendimento 40$000 réis.

Esta freguezia está ha mais de 80 annos annexa á de *Paços*, no mesmo concelho, comarca, bispado e districto administrativo. (Vide *Paços*.)

EIXO—villa, Douro, concelho, comarca e 5 kilometros d'Aveiro, 250 ao N. de Lisboa, 410 fogos, 1:600 almas.

Em 1757 tinha 750 fogos.

Orago Santo Izidoro.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

(Teve por muitos annos annexa a freguezia da Oliveirinha, hoje independente.)

Era concelho com 1970 fogos, que foi supprimido.

Situada proximo da esquerda do Vouga.

É terra de muitos caldeireiros.

É da casa de Bragança, a qual apresentava o reitor, que tinha 200$000 réis de rendimento.

É povoação muito antiga.

Na Oliveirinha, que é proxima, ha feira a 21 de cada mez.

É terra muito fertil. Tem abundancia de peixe do Vouga e do mar.

—

Falleceu aqui, em 21 de março de 1874, D. Jacintha Soares Gomes de Lemos, irmam do fallecido D. Sebastião da Annunciação Gomes de Lemos, bispo resignatario de Angola, e commissario da bulla da Santa Cruzada.

Tinha esta senhora nascido em 1770, pelo que viveu nada de menos 104 annos. Apesar d'esta longa edade, teve até ao ultimo dia de existencia, no seu estado normal todas as suas faculdades intellectuaes. Era senhora de muita virtude e dotada de uma prodigiosa memoria.

—

D. Manuel deu foral a Eixo em Lisboa, a 2 de junho de 1516. Este foral tambem pertence a Requeixo.

O rei D. Diniz deu varios bens que tinha n'esta freguezia e em *Requeixo* e *Lamas* ao mosteiro de Santo Thyrso (*Benedictina Lusitana*, tom. 2.°, tr. 1.° part. 1.ª, cap. 8.°)

Depois de Aveiro, é a villa d'Eixo a terra maior do concelho, tendo a sua rua principal, *Rua Direita*, dois kilometros de comprimento, passando por ella a nova estrada de Aveiro a Agueda; melhoramento devido ao célebre orador parlamentar, José Estevão Coelho de Magalhães, filho do conselheiro

Luiz Cypriano Coelho de Magalhães, natural d'esta villa d'Eixo. (Vide Aveiro).

Antes de 1834 era Eixo cabeça de um juizo de fóra, ao qual pertenciam as villas annexas de Pãos, Óis da Ribeira e Villarinho do Bairro, da comarca de Barcellos. A razão de tão disparatada divisão territorial era, porque todas estas terras pertenciam a um só senhorio, a casa de Bragança. Cada uma d'estas villas era cabeça de um termo, com sua camara municipal, composto de muitas povoações.

Depois de 1834 ficou Eixo sendo cabeça de um concelho e juizo de fóra, e depois juizo ordinario (composto das freguezias de Requeixo e Fermentellos, e dos curatos d'Eirol e Nariz) que foi extincto por decreto de 31 de dezembro de 1853; passando para o concelho e comarca de Aveiro, menos a freguezia de Fermentellos, que passou para o concelho de Oliveira do Bairro.

A antiga freguezia de Santo Isidoro, d'Eixo, comprehendia uma área de terreno de 12 kilometros aproximadamente em comprimento, e compunha-se das seguintes terras: Horta, ao nascente; Granja, Povoa, Costa de Vallade e S. Bento, ao sul; e da Oliveirinha, Quintans, parte de Salgueiro, Moita e Azenha de Baixo, ao poente. Por decreto de 2 de maio de 1849, se creou a nova freguezia de Santo Antonio da Oliveirinha, ficando a freguezia d'Eixo reduzida á villa d'este nome e ás pequenas aldeias da Horta e Azenha de Baixo.

A antiga freguezia d'Eixo, tinha no anno de 1829 1:000 fogos, e 4:000 pessoas de sacramento. Em 1873 tinha a freguezia actual 335 fogos, e 1:074 pessoas maiores, 124 menores e 119 ausentes, sommando tudo 1:317.

Não se sabe em que anno nem por quem foi fundada esta terra; mas é certo que é anterior á monarchia, e que no anno de Christo 1079, tinha tal importancia, que estava dividida por duas altas personagens, a condessa D. Flamula (ou Chama) e sua prima D. Thereza Fernandes, da antiga e célebre casa dos fidalgos do *Marnel*, os Mendes de Sousa (*Monarch. Lusit.*, part. 3.ª, liv. 11, pag. 23—*Bencdict. Lusit.*, do dr. fr. Leão de S. Thomaz, tom. 2.º, parte 1.ª, tr. 1.º, cap. 8.º, pag. 51 e 52).

Pertenceram pois as rendas d'esta terra, e outras muitas d'estes sitios, aos antigos condes da casa do *Marnel*, que quizeram fazer d'ellas suas, a ponto de ameaçarem os caseiros de lhes arrancarem os olhos, se os não reconhecessem; mas é certo que no anno de 1325 o rei D. Diniz mandou proceder a inquirições, porque se mostrou serem reguengas estas terras, cujas rendas ou tributos pertenceram depois aos condes de Barcellos e á casa de Bragança, como donatarios da corôa, como se prova (além de outros documentos existentes na Torre do Tombo) pelos citados na erudicta *Dissertação Historico-Juridica*, composta pelo bacharel sr. José Correia de Miranda, de Travaçô.

—

A fonte que ficava em frente da egreja, era um monumento que attestava grande antiguidade. Chamava-se por isso *Fonte Velha*. Quando se demoliu (1867), encontraram-se vestigios de já alli se terem feito tres edificações de fontes; o que só acontece de muitos em muitos seculos. A *Fonte Velha* era uma especie de cisterna, formada de quatro paredes, que teriam metro e meio abaixo da superficie da terra, e dois e meio acima d'esta, com uma grande bica d'agua (do lado do norte) cujo volume não ha memoria de ter diminuido, ainda nos annos de maior estiagem.

A nova fonte, construida em 1868, e na qual se gastaram 500$000 réis, inutilisou aquella grande nascente, de modo que está peior do que estava antes.

Outro facto que attesta a antiguidade da villa é o de n'ella se terem edificado, pelo menos, tres egrejas (afóra as que se ignoram), a saber: a egreja actual e a anterior a esta no mesmo local, centro da villa, e outra, a que ainda no seculo passado chamavam a Egreja Velha, ao norte da villa, onde hoje é a capella de Nossa Senhora da Graça.

A egreja actual é magnifica, de uma só nave, e, dos templos n'este gosto, o melhor e maior do bispado.

Foi padroeira d'esta egreja, a princeza Santa Joanna, duqueza de Bragança, por

doação de 19 de agosto de 1485, feita por seu irmão, o rei D. João II. Ultimamente, até 1834, pertenceu este padroado aos duques de Cadaval, que percebiam os disimos da commenda de Santo Isidoro, d'esta villa, com obrigação de fazerem certas despezas da egreja, que muito bem podiam fazer, porque a commenda rendia annualmente quatro contos e seiscentos mil réis. Na frente da egreja se vêem as armas dos duques de Cadaval.

A invocação e orago (Santo Isidoro) é antiquissima. Já no anno de 1095, o famulo de Deus, Zoleima Gonçalves, fez doação de certas propriedades á egreja e mosteiro de Santo Isidoro d'Eixo, *pro tolerantia fratrum et monachorum, qui ibidem habitantes fuerint, et in vita sancta perseveraverint.* (Escriptura de doação do convento de Lorvão, citada por fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, *Diccionario*, ub. cidade, III.

Alguem, fundado nas ditas palavras da escriptura, tem pretendido que houvera aqui um convento; mas não ha memoria nem vestigios de tal; supponho que confundem o convento com a egreja *monasterial*, que esta seria. [1]

Não se sabe o anno em que a egreja actual foi edificada; mas é certo que no de 1705 estava a obra arrematada, e nos de 1711 até 1715 andava em construcção, e no de 1729 já n'ella se celebravam os officios divinos.

Na villa ha duas capellas—a de Nossa Senhora da Graça, que é festejada com esplendor no primeiro domingo de agosto, e a de S. Sebastião, que é festejado a 20 de janeiro. Aquella capella tem sobre a porta principal a data de 1710, e esta a de 1734, mas é certo que ambas são muito mais antigas, sendo estas datas as das reedificações que se lhes têem feito.

Ao pé da egreja estão os dois celleiros da casa de Bragança, a saber: um maior, e bom edificio, que até ao anno de 1832 era destinado para cereaes; e outro mais pequeno, de que só restam as paredes. No sitio d'este, era antigamente a casa da residencia do almoxarife, cuja descripção (da casa) vem no liv. 1.º do *Tombo Novo* da mesma serenissima casa, pag. 65 e 66, e no *Tombo Velho*, a pag. 65, onde se chama a esta casa, *Paços do Estado.*

É tradição que os nossos reis aqui tiveram o seu paço, constando da historia, que o rei D. Fernando aqui esteve quando assignou a *carta d'arras*, a D. Leonor Telles de Menezes, a 5 de janeiro do anno de 1372, (tres annos depois do seu casamento), que vem transcripta no tomo 8.º da *Monarchia Lusitana.*

A casa de Bragança recebia annualmente das rendas de todo o almoxarifado d'Eixo, 11:500$000 réis.

Havia um edificio soffrivel de cadeia, com salas para as repartições publicas da camara, audiencias dos juizes de fóra, e açougue e prisões no andar inferior.

Pelos annos de 1829 foi este edificio demolido, para se fazer outro melhor, que ficou em paredes e não se concluiu.

Eixo tem edificios particulares soffriveis, sendo o mais notavel o dos srs. Abreus, na rua *Direita*, no sitio do *Casal.*

—

Ha n'esta villa duas fabricas (ou fornos) de telha, que é talvez a melhor do reino, pela finura do barro de que é feita. Já em 1555 aqui se fabricava telha e tijolo.

Outra industria importante é a das caldeiras e outras obras de latão e cobre. Esta industria foi importantissima, em quanto foi uma especie de monopolio d'esta villa, d'onde estes artefactos se hiam vender para uma grande parte das terras do reino; mas tem decahido depois que se vulgarisaram taes fabricas, e as obras de folha de Flandres.

É tambem muito importante a creação de gados, com especialidade o vaccum e cavallar. Concorrem para isto os muitos e bons pastos, não só dos terrenos altos, mas, e principalmente, dos extensos terrenos do campo ou terras baixas, que ficam entre a villa e as margens do rio Vouga.

A creação de gado cavallar tem diminuido muito depois que se lançou tributo ás eguas de criação; chegando alguns creadores a vender as suas, para se livrarem do tributo.

[1] Chamavam-se *monasteriaes* as egrejas que eram padroados de qualquer convento.

No dia 3 de cada mez, se faz uma feira, ao poente da villa, no sitio a que chamam a *Serra d'Eixo*, a qual feira teve principio a 3 de outubro de 1855. O local d'esta feira é dos melhores do reino, e a feira muito concorrida de gado vaccum e suino.

Proximo d'este local é o denominado, a *Forca*, onde se vêem duas pedras similhantes a mós de moinho, com buracos no centro, onde consta que cravavam os postes da fôrca. Era um patibulo *ad terrorem*, pois não consta que alli se enforcasse jámais pessoa alguma.

Junto ao adro da egreja, ha todos os domingos e dias sanctificados, uma *praça* (mercado) em que se vende muito trigo, fructas, hortaliças, gallinhas e algumas vezes sardinhas e peixe fresco.

—

Tem uma escola de instrucção primaria, do sexo masculino, e acaba de ser nomeada professora de meninas, a sr.ª D. Clementina Barreto; para cujas aulas o dignissimo presidente da camara d'este concelho, o sr. Agostinho Duarte Pinheiro e Silva, e mais vereadores, vão mandar construir uma casa, assim como querem fazer o cemiterio, que ainda não há (1874).

Eixo abunda em boas fructas, hortaliças e cereaes, principalmente milho.

Esta villa, apesar de estar rodeada de terrenos baixos e lagôas, por todos os lados, menos sul e poente, é tão salubre, que atravessou as duas epidemias da cholera morbus, sem aqui haverem mais do que alguns casos isolados (pela maior parte de colerinas) importados de Aveiro. A salubridade d'esta villa não póde attribuir-se senão a ser uma terra muito arborisada, haver limpeza nas casas, e os seus moradores se sustentarem de alimentos sadios.

—

Não nos consta de antigos personagens de Eixo, senão de um D. Domingos e D. Pedro, seu irmão, que eram de Eixo, e povoaram *Mamodeiro*, segundo se vê das citadas *Inquirições* do rei D. Diniz.

A grandeza e amenidade da terra devia de convidar os seus antigos donatarios (da grande casa do Marnel) a viverem por aqui algum tempo; e consta das mesmas *Inquirições*, que o conde D. Garcia se intitulava—D. Garcia Mendes d'Eixo.

No principio d'este seculo e fins do passado, teve esta villa muitos clerigos, bachareis formados, advogados, dois doutores, tres licenciados e dois bispos.

Entre os bachareis formados, foram advogados distinctos, Venancio Dias de Carvalho e Figueiredo, que foi governador civil em Aveiro, e o licenciado Clemente Joaquim de Carvalho e Silva, que foi provisor d'este bispado e abbade de Palmaz.

Eram filhos d'esta terra dois bispos, a saber: D. fr. Sebastião da Annunciação Gomes de Lemos, bispo resignatario de Angola e commissario geral da bulla da Santa Crusada, e D. Sebastião Dias Larangeiras, actual bispo do Rio Grande do Sul, que supposto nascesse no imperio do Brasil, era filho de Joaquim Dias Larangeiras, natural d'esta villa.

Foi um dos bispos do imperio, que veio ao concilio, que ultimamente se celebrou em Roma. (1869).

Os doutores fóram José Jorge Ferreira de Castro e Silva, e Ricardo Gonçalves de Lima, que morreu nóvo, e pouco depois que tomou capêllo.

O dr. José Jorge, era bacharel formado em direito e doutor em philosophia, de que chegou a ser lente muito distincto, e que deixou nome na universidade de Coimbra.

ÉJA e **ENTRE-AMBOS-OS-RIOS**—villa, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 35 kilometros a ENE. do Porto, 324 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha Eja 66 fogos e Entre Ambos os Rios, 30.

Orago de Eja, Nossa Senhora da Assumpção; e d'Entre Ambos os Rios, S. Miguel, archanjo. Ainda tem estes dois oragos.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Situada na foz do Tâmega, em frente de Santa Clara do Torrão, e sobre a direita do Douro, em sitio agradavel.

É sitio bastante concorrido no verão, por pessoas que vem tomar banhos no Tamega.

O cabido da Sé do Porto apresentava o

cura de Eja, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar. O papa, o bispo do Porto e os monges benedictinos de Paço de Sousa, apresentavam o abbade de Entre Ambos os Rios, que tinha 150$000 réis.

Foi primeiramente abbadia da mitra de Coimbra, que seu bispo D. Bernardo cedeu em 1129 *por emprestimo* a D. Hugo, bispo do Porto, e assim foi ficando.

—

É aqui a casa solar de um ramo dos Peixotos, chamada «Casa da Pesqueira» hoje representada pelo sr. visconde de Lindoso, D. João Peixoto da Silva, que é tambem senhor do morgado dos Peixotos d'Alemquer,

Em Entre Ambos os Rios está a *Casa do Outeiro*, que é do sr. Manuel de Sousa Cyrne, e a do sr. Rodrigo Barroso. Junto a esta povoação e ao O. d'ella, está a vasta e boa quinta de Santa Cruz, com uma grande e optima casa, com capella, de que é actual proprietaria a sr.ª viuva Cardoso, uma das mais ricas senhoras do Porto. (Vide Santa Cruz, quinta de).

As *aguas d'Entre Ambos os Rios* (mineraes) são famosas em todo o reino e se exportam em grande quantidade, engarrafadas, para o estrangeiro. São sulphureas e ferruginosas, efficacissimas nos padecimentos do estomago.

Eja teve antigamente fôro de villa; mas, ainda junta com *Entre os Rios* e o Torrão, que ambas tambem tinham fôro de villa, não são todas mais do que pequenas aldeias.

O Torrão fica separado d'Entre os Rios pelo Tamega.

Têm foral dado por D. Manuel, em Evora a 20 de outubro de 1519.

As aguas mineraes nascem no logar das *Quebradas*, quasi a 2 kilometros da confluencia do Tâmega com o Douro.

Ignora-se a época do seu descobrimento. São frias e limpidas, com cheiro pronunciado a gaz sulphidrico.

O seu principal modo de applicação é em bebida, nos padecimentos intestinaes; mas tambem se usa externamente em banhos, para molestias herpeticas.

O manancial produz de 25 a 30 mil litros d'agua em 24 horas.

Ao N. d'esta localidade, a uns 80 metros de distancia, brota outra fonte, que, apesar de ser ainda mais abundante, não está por emquanto aproveitada.

Quatro kilometros ao N. das *Quebradas*, e na freguezia de Lagares, ha uma abundante nascente d'aguas mineraes da mesma qualidade, que principiaram a applicar-se em 1841 ou 1842. (Vide Lagares.)

—

Em toda a parte d'esta obra que se falla no convento de freiras (bentas) d'Entre-Ambos-os-Rios, que é como sempre se designava este convento, entenda-se que é o de Santa Clara do Torrão. Vide Torrão.

—

Suppõe-se que *Eja* é corrupção d'*Arégia*. Dizem alguns que foi aqui a antiquissima cidade d'*Arégia*; mas é érro: *Arégia* era ao S. do Douro e provavelmente onde hoje é a pequena aldeia d'Aréja. (Vide esta palavra.)

Note-se porem que a actual Eja, era o centro do vastissimo territorio que constituia a cidade d'Arégia. (Vide Cidade) mas fica ao N., e não ao S, do Douro.

Querem alguns que *Eja* seja abreviatura da palavra árabe *Ben-Dan-Eja*: o que me parece um despreposito—porque, dizem estes que *Ben-Dan-Eja* significa *lavado dos ventos*. Ora, nem este sitio *é lavado dos ventos*, porque é em uma baixa, muito pouco superior ao nivel do Douro (que por muitas vezes cobre a maior parte da povoação, nas cheias) nem *Eja* quer dizer semelhante cousa. Se se derivasse de *Ben-Dan-Eja*, vinha a ser—*Filho de Dan, o renegado*—ou do que abandonou a sua religião, para seguir outra. Deriva-se do verbo *âleja*, mudar de religião. Entendo pois que quer dizer—povoação do christão que se fez mouro, ou do mouro que se fez christão.

A esta freguezia pertence administrativamente a d'Fntre Ambos os Rios; mas no ecclesiastico á de Santa Clara do Torrão. (Vide Entre-os-Rios.)

ELJAS, ELGES ou **ERJAS** — rio que nasce na Hespanha e serve de raia a Portugal desde Monfortinho até entrar na esquerda do Tejo.

É a palavra arabe *Elgi* (renegado.) Vem a ser—Rio do Renegado.

Para a etymologia vide *Elja.*

ELNAS —rio. Vide Ceira, rio.

ELVAS — cidade episcopal, Alemtejo, districto administrativo de Portalegre, praça d'armas, situada a 10 kilometros da raia, 18 de Badajoz, 70 d'Evora e 187 a E de Lisboa, (pela estrada ordinaria, mas 256 pelo caminho de ferro.) Situada em uma elevação, junto de uma vasta campina, fertil em trigo, azeite e vinho.

Tem 2:510 fogos (10:000 almas) em 4 freguezias. Alcáçova (710 fogos) S. Salvador, (450) Sé (810) e S. Pedro (540.)

O concelho tem 4:300 fogos e a comarca 6:500.

Feira a 20 de janeiro, 3.º domingo de maio e 21 de setembro, trez dias.

Ha por esta occasião tambem aqui uma grande festa e romaria ao *Senhor Jesus da Piedade*, concorridissima de gente de muitas leguas de distancia (até de Lisboa, pelo caminho de ferro) e havendo quasi sempre, entre outras muitas diversões, corridas de touros.

Está em 38.º 44' de latitude e 14.º 8' de longitude.

É povoação antiquissima. Dizem uns, que foi fundada pelos *celtiberos*, juntos com os *helvecios.* [1]

O *xerife Elidrisi* nomeia na provincia de Al-Kassr, a povoação de *Jelch*, celebre pela formosura de suas mulheres.

Elidrisi escreveu pelos annos 483 da hegyra, 1090 de Jesus Christo.

Consta que foi reedificada pelos romanos, sendo o proconsul (outros dizem *pretor*) Marco Helvio, o primeiro que a republica romana investiu no governo de Hespanha Ulterior 198 annos antes do nascimento de Jesus Christo.

O que é certo, é terem aqui apparecido por varias vezes, cippos, tumulos, inscripções e moedas romanas.

[1] Os helvecios eram um povo feroz, que vivia entre a Italia e a Allemanha. D'elles procedem os actuaes suissos. Vieram á Peninsula Iberica no anno 3009 do mundo (995 antes de Jesus Christo.)

Dos godos não ha monumentos. Dos mouros appareceram duas lapides, com inscripções, segundo as quaes, o antigo castello foi feito, sendo emir o celebre Almançor, que governou no ultimo quartel do seculo X, e principio do XI.

Ainda outros querem que fosse fundada pelos hebréos, 2104 annos antes de Jesus Christo. (!) dando-lhe o nome da sua cidade d'Elba (que era da tribo d'Ásser.)

É certo que, segundo Tito Livio, p. 3.ª Dec. 4 Elvio (ou Helvio) foi governador do Alemtejo pelos romanos, e tambem é certo que estes davam o nome d'Elvii a esta cidade.

Qualquer que seja a data da fundação, d'Elvas, ella é remotissima, pois sabe-se que era o quartel do general carthaginez *Maharbal*, que viveu pelos annos 3600 do mundo —isto é—404 annos antes de Jesus Christo. Maharbal foi successor de Bohodes. Veio aqui convalescer d'uma grande doença e em acção de graças pela sua cura erigiu (diz-se) um templo a Endovelico, em Teréna.

—

Passando portodas as alternativas e vicissitudes das outras terras da Lusitania, cahiu em poder dos mouros, em 714, que aqui se conservaram até que D. Affonso I lh'a tomou em 1166. (Os árabes, não podendo pronunciar Elvas, diziam, e escreviam, *Belch*, ou *Ieléh*, ou *Jelch.)*

Os árabes a retomaram, mas D. Sancho I á tornou a resgatar em julho de 1200.

N'estea nno, de 1200, houve em Portugal um medonho eclipse total do sol, que con verteu em noute grande parte do dia. Tambem n'esse anno houve uma grande fome no reino.

Arruinada pelas continuas guerras, D. Sancho II a reedificou em 1226, dando-lhe o foral d'Evora, em maio de 1229.

Este foral foi confirmado por D. Manuel, em Almeirim, a 3 de março de 1507. O mesmo D. Manuel lhe deu foral novo, confirmando-lhe todos os fóros e privilegios antigos (que eram muitos e grandes) em Lisboa no 1.º de junho de 1512, e a fez cidade em 1513.

—

Nas guerras do nosso D. Affonso IV com D. Affonso XI de Castella, este poz a ferro a

fogo os arredores d'Elvas, em 1336. Durante as guerras de D. Fernando de Portugal contra D. Henrique II de Castella (1369) Gil Fernandes d'Elvas, invadiu a Extremadura hespanhola, destruindo algumas povoações; mas as represalias foram horriveis. D. João de Castro (filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro) á frente de um exercito castelhano, invade o Alemtejo, matando, saqueando e incendiando tudo, e deixando a traz d'elle um rasto de fogo, sangue, e desolação. Atacou depois Elvas (1381.) Era governador da praça, seu tio, D. Alvaro Peres de Castro (irmão de D. Ignez) que resistiu valorosamente, d'esde 13 de julho até 16 de agosto, 25 dias. Viu-se então o que até ahi se não tinha visto, nem até hoje se tornou á ver—isto é—um general castelhano defendendo Portugal, contra um general portuguez, que á frente de castelhanos lhe fazia guerra!

Em 6 de julho de 1482, acampou em frente d'Elvas o exercito portuguez, com o rei D. Fernando á sua frente, esperando D. João I, de Castella, que com grandes forças pretendia occupar a praça; mas, temendo uma derrota, fez as pazes, casando com a nossa infanta D. Beatriz.

D. João I, de Castella, ainda aqui tornou com outro exercito, em 1385, mas depois de 15 dias de cêrco, e sabendo que vinham em defeza da praça D. João I e o condestavel, levanta o cêrco e foge. (Vide adiante.)

Tinha voto em cortes, com assento no banco 2.º. D. Manuel a elevou á cathegoria de cidade, por carta regia de 3 d'abril de 1513.

D. Sebastião lhe obteve a dignidade de diocese, em 9 de junho de 1570.

O seu primeiro bispo foi D. Antonio Mendes de Carvalho.

—

Logo no dia 3 de dezembro de 1640, o povo d'Elvas, apesar de estar a duas horas de marcha de Castella, fez a acclamação de D. João IV sacudindo o jugo ominoso de Philippe IV. Foi tambem este povo heroico que, á sua custa, levantou então as fortificações da praça e o forte de Santa Luzia. Em 1644 veio (de 1 a 7 de julho) o marquez de Torrecusa bombardear a praça, mas teve de retirar para Badajoz.

—

Aqui nasceu o inclito cavalleiro Gil Fernandes d'Elvas, que, com o povo d'esta cidade, tanto concorreu para a nossa liberdade e independencia desde 1383 em diante; não só resistindo corajosamente aos castelhanos, mas até fazendo repetidas e bravissimas entradas em Hespanha, tornando-se o terror dos inimigos.

Adiante tornarei a fallar d'elle.

Os condes de S. Lourenço, eram alcaides móres d'esta cidade.

Tinha seis conventos, que eram:

Frades dominicos, fundado por D. Affonso III (no sitio onde depois foi o dos paulistas) em 1267. Tem uma bôa egreja de 3 naves. O convento serve actualmente de quartel militar.

—

Frades de S. João de Deus, com hospital para pobres, segundo a instituição da sua ordem. É hoje hospital militar.

—

Frades jesuitas, fundado pela camara e povo da cidade, em 1566. É hoje a sua egreja a matriz da freguezia do Salvador.

—

Frades franciscanos, (fora das muralhas e junto ao aqueducto da Amoreira) fundado em 1591.

—

Freiras dominicas, fundado em 1543 por duas irmans (que depois foram aqui freiras) nas suas proprias casas e com as suas rendas; dando-lhes tambem D. João III as fazendas e rendas do padre Pero Esteves. É este convento da invocação de Nossa Senhora da Consolação.

Foi supprimido em 1861, por ter uma só freira professa, que teve de hir viver para casa de uma sobrinha. Morreu em 1873, de 104 annos, como adiante direi.

—

Freiras Franciscanas, de Santa Clara, fundado pelos annos de 1670.

—

A confraria dos terceiros de S. Francisco possue um bom edificio e uma excellente

egreja, ornada de primorosa talha dourada.

—

A sé episcopal é um templo sumptuosissimo, de trez naves. A abobada é de marmore com primorosos artesões e laçarias, tudo dourado. O pavimento é tambem de marmore. As paredes estão forradas de bellos azulejos e tem 13 capellas ou altares. A sua torre é de uma singular e notavel architectura. A egreja é de architectura gothica. Foi fundada por D. Manuel, no principio do seculo XVI. Era a antiga Matriz de Santa Maria.

A capella-mór é sumptuosa. Foi construida pelos annos de 1750, por alguns dos melhores artistas que trabalharam no palacio real de Mafra. É toda de finos marmores. Adiante tornarei a fallar d'este templo, por causa de uma interdicção que aqui houve.

—

Tem egreja e hospital da Misericordia, com grandes rendimentos, bom edificio e bem administrado.

A egreja é de 3 naves, sustentadas por columnas de ordem toscana. É um bello templo.

Para se fazer ideia do estado florescente d'este pio estabelecimento, dou a conta geral da receita e despeza do anno economico de 1872 a 1873. É a seguinte:

Saldo do anno antecedente, 191$564 réis. Receita durante este anno, 7:002$320 réis. Soma 7:193$884 réis. Despeza, 6:631$505 réis. Saldo para o anno seguinte, 562$379. Movimento dos doentes, existentes nas enfermarias em 30 de junho, 37. Entrados durante o anno, 826. Curados, 817. Removidos para Rilhafoles, 1. Fallecidos, 98. Foram soccorridos em suas casas, 48, com 3:967 rações de pão, 3:683 de vacca e chibato (cabrito) 284 de gallinha. Remedios e assistencias de medico. Fóra as assistencias e remedios diarios no banco, a homens, mulheres, e creanças.

Elvas tem por armas um homem a cavallo, armado com uma lança na mão direita da qual pende uma bandeira com as quinas de Portugal, e em roda do escudo a legenda

CUSTODI DOMINE, UT PUPILLAM OCULI.

O mais antigo documento que se acha sellado com estas armas, é uma doação feita em 15 de dezembro de 1248.

É tradição que a origem d'estas armas foi o feito heroico praticado por o audaciosissimo cavalleiro Gil Fernandes d'Elvas (de quem já fallei) que havia protestado hir á praça de Badajoz e de lá trazer a bandeira real. Assim o fez, mas vindo uma multidão de cavalleiros castelhanos sobre elle e não lhe abrindo os d'Elvas as portas (com receio d'alguma traição) elle disse—*«Morra o homem e fique a fama!»*—e arremeçando a bandeira por cima da muralha para dentro da praça, fez cara aos inimigos, atirando-se como furioso leão; porem morrendo na desegual lucta a matar castelhanos.

Dizem outros que o cavalleiro das armas não é Gil Fernandes, mas D. Sancho I, no acto de tomar Elvas aos mouros. É verdade que o cavallo tem os jaezes ornados com as Quinas; mas, nem o cavalleiro tem o élmo coroado (como o costumavam trazer os reis) nem os monarchas traziam a bandeira, mas sim seus alferes-móres. Julgo pois que o cavalleiro é Gil Fernandes e não o rei; mas como isto é questão de supposição, cada um siga a opinião que mais verosimil lhe parecer.

—

Proximo a Elvas teem apparecido algumas sepulturas e inscripções romanas, em varias épocas.

—

Dão entrada para a praça trez grandes portas, chamadas da Esquina, d'Olivença e de S. Vicente, além de varias portas-falsas, ou poternas, que se abrem nas cortinas do recinto. Ha na praça vastos quarteis, armazens, paiões, arrecadações, etc, tudo á prova de bomba.

A sua guarnição póde elevar-se, em tempo de guerra, a 6 ou 7 mil homens. Durante a guerra da Peninsula era defendida por 257 peças de artilheria.

—

As ruas d'Elvas são em geral estreitas, mas regulares. A praça principal é a da Sé, onde tambem está o palacio episcopal, que é vasto e bom: a casa da camara, com sua

torre do relogio e com uma boa sala de sessões, e decorada com varios paineis do pincel do distincto pintor Cyrillo Volkmar Machado.

N'esta praça está o antigo *pellourinho*, monolytico, coberto de esculpturas no gosto gothico.

Tem Elvas um passeio publico, começado em 1807.

Os suburbios d'Elvas são amenos e muito arborisados, com muitas hortas e quintas, principalmente no extenso valle por onde corre o ribeiro Ceto, e que separa a praça do *forte de Lippe*.

Ha no seu termo magnificas herdades, onde se cria muito gado. É o seu territorio fertil em cereaes, legumes, azeite e vinho.

Em 1217, D. Affonso II derrotou os reis mouros de Cordova, Jaen, Sevilha e Badajoz, em frente d'Elvas, e depois em Moura e Serpa.

Em 1242 tomam os mouros Elvas por surpresa, mas são logo expulsos pelos portuguezes.

Em 1361 convoca aqui côrtes D. Pedro I.

—

Andando Portugal em guerra com Castella em 1382, estava D. João I de Castella e D. Fernando de Portugal com as suas tropas entre Elvas e Badajoz, em vesperas de darem uma batalha; mas vindo a concerto, foram assignadas as pazes em Elvas.

N'estas pazes se estipulou que D. Beatriz filha (?) do rei portuguez, casasse com D. João I de Castella (o que foi depois origem de novas guerras.)

O principe de Cambridge, com o exercito inglez, nosso auxiliar, regressou a Inglaterra.

D. João I de Castella, em pessoa, cérca Elvas com um exercito de 30:000 homens, em julho de 1385; mas em vista da tenaz resistencia dos habitantes da cidade e da heroica bravura de Gil Fernandes, retira sobre Coimbra, e d'aqui marchando sobre Lisboa, foi ser desbaratado na memoravel e gloriosissima batalha de Aljubarrota, em 14 de agosto d'esse anno.

Já n'esse tempo Elvas era uma praça forte, com robusto Castello e uma boa cerca de muralhas.

Em 1580, os Pessanhas, que se tinham vendido aos castelhanos, combinaram com elles a entrega da cidade e do castello. Principiaram por excitar o povo contra o corregedor, que era um leal patriota, e lhe podia estorvar os seus planos infames, e assim que viram o povo em desordem, abriram as portas ao general castelhano, D. Sancho de Avila, em 18 de junho. Atraz de D. Sancho veio o duque d'Alba e o seu exercito, e depois d'elle veio o proprio D. Philippe II, que aqui esteve, com a sua côrte, desde 9 de janeiro até 28 de fevereiro de 1581.

O povo d'Elvas, não querendo soffrer um governo estrangeiro, apesar de estar ainda em Lisboa o usurpador, se revolta contra elle; mas, não sendo secundado pelo resto da nação, teve de succumbir; hindo presos para Castella muitos fidalgos e gente d'Elvas.

—

Em 1645, um grande exercito castelhano põe cêrco a Elvas, mas são repellidos valorosamente pela guarnição e obrigados a levantar o sitio e retirar vergonhosamente.

Mas, de todos os feitos d'armas de que Elvas com tanta rasão se gloria, e que tanto enobrecem os fastos d'esta heroica e leal cidade, nenhum é tão memoravel como o occorrido no dia 14 de janeiro de 1659 — é a gloriosissima batalha conhecida geralmente pela denominação de *Victoria das linhas de Elvas*.

Um exercito hespanhol forte de 33:000 infantes, 6:500 cavallos e grande trem de artilheria, commandado pelo primeiro ministro de Philippe IV, D. Luiz d'Haro, marquez d'el Carpio, o melhor general de Hespanha n'aquelle tempo, põe cêrco á praça em 22 de outubro de 1658.

Era governador da praça o intrepido D. Sancho Manuel, que se defendeu com o maior heroismo, fazendo alem d'isso varias e repetidas sortidas, todas com feliz exito.

O conde de Cantanhede, general em chefe do exercito, junta como póde em Extremoz a gente disponivel de varias praças limitrophes e no dia 11 de janeiro de 1659 marcha d'Extremoz em direcção a Elvas,

com a força apenas de 8:000 infantes, 2:500 cavallos e 7 peças de artilheria.

A 13 formava em batalha em frente do inimigo.

D. Sancho Manuel, apenas vê a divisão portugueza, sahe da praça, no mesmo dia 13, á frente da sua cavallaria, e atravessa impávido, em pleno dia, todo o exercito inimigo, e vae conferenciar com o general em chefe, recolhendo de noite á praça!

«Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo e no moderno.»

No dia 14, pelas 8 horas da manhan, o nosso exercito, dividido em tres columnas, ataca arrojadamente o inimigo. D. Sancho Manuel, á frente da guarnição da praça, sahe ao mesmo tempo d'Elvas e investe os castelhanos com a maior galhardia. Estes defendem-se obstinadamente, procurando vender caras as vidas; mas nada resiste á temeraria bravura dos portuguezes. Em poucas horas é ferido D. Luiz d'Haro e todo o seu numeroso exercito roto e esmagado, retirando em vergonhosa debandada, e deixando no campo 10:000 homens, todas as suas bagagens e toda a sua artilheria e munições de guerra: sendo a nossa perda apenas de 800 homens.

O conde de Cantanhede (D. Antonio Luiz de Menezes) é feito marquez de Marialva, por D. Affonso VI, em 11 de junho de 1661, e a 23 do mesmo mez e anno, é feito conde de Villa Flor o valoroso D. Sancho Manuel.

«Pois com esforços e leaes
Serviços, foram ganhados,
Com estes e outros que taes
Devem ser recompensados.»
(*Cancioneiro real.*)

—

Elvas é a primeira (póde quasi dizer-se, hoje a unica) praça d'armas de Portugal, tanto pela sua posição, como pela solidez e vastidão das suas fortificações. A parte mais alta é occupada por um castello antiquissimo (suppõe-se ser obra dos romanos) cercado de robustas muralhas, e flanqueado por torres ameiadas, e nas collinas que lhe ficam sobranceiras e que a cercam, estão construidos differentes fortes. Entre os principaes é o de Nossa Senhora da Graça (ou *Forte de Lippe*) que é considerado como modelo de architectura militar.

Chamou-se desde o seu principio *Forte de Lippe;* mas quando D. Maria I subiu ao throno, em 1777, mais piedosa do que agradecida aos relevantes serviços que o conde de Lippe fez a Portugal, ordenou que o *Forte de Lippe* se denominasse Forte de Nossa Senhora da Graça, por haver aqui existido uma capellinha com esta invocação. Em Elvas porém e no Alemtejo, se tem sempre continuado a primeira denominação e só officialmente se lhe dá a segunda.

Foi principiado em julho de 1763, por ordem do conde inglez, Guilherme de Schumburg Lippe, commandante em chefe do exercito portuguez, sendo engenheiro constructor Mr. Valleré francez, (que depois foi general do Alemtejo.

O conde de Lippe era feld-marechal do exercito inglez e marechal-general do portuguez. D. José I o elevou á dignidade de principe de sangue, com tratamento de alteza. Nunca quiz em Portugal receber soldo, nem gratificações; porém quando voltou aos seus estados, D. José I, o presenteou com uma pequena bateria de artilheria, sendo os canhões de ouro macisso (cada um do peso de 32 libras) montados em reparos de ebano, chapeados de prata. Deu-lhe tambem o seu retrato e um botão de presilha para o chapeu, aquelle cercado e este feito de brilhantes, tudo de muito valor.

Chamava-se este sabio engenheiro Guilherme Luiz Antonio de Valleré, e tinha o posto de tenente general.

O risco foi feito por Mr. S. Etienne (tambem francez) que principiou a obra, mas M. Valleré a concluiu, fazendo-lhe grandes melhoramentos.

Terminou-se em 1792. Custou 767:199$039 réis. A casa do governador é sumptuosa e esta e a egreja á prova de bomba, tornando-se em castellos inexpugnaveis, em caso de necessidade.

Quando D. José I visitou este forte pes-

soalmente, em 1769, fez os maiores elogios a Mr. Valleré.

O principe de Waldeck, reputado um dos mais esclarecidos juizes sobre architectura militar, tambem visitou este forte em 1796, e o julgou (segundo affirma Link, na sua *Voyage en Portugal*) obra prima no seu genero, superior a tudo quanto tinha visto em obras de fortificação.

O forte de Santa Luzia, é obra de D. João IV, feita pelo engenheiro flamengo Cosmander.

A grande cisterna da praça, coberta de abobada, á prova de bomba, póde prover d'agua uma guarnição de 6:000 homens, por mais de 6 mezes.

A cidade é cercada de duplicadas muralhas, com 7 baluartes, 3 meios baluartes, 8 meias luas, 2 reductos e 3 contraguardas. Tem um soffrivel arsenal.

—

Quando se fizeram as fortificações d'esta cidade, se achou no fosso que se abriu no revelim, que fica em frente da rectaguarda da capella-mór da egreja de S. João de Deus, uma pedra de marmore, na qual está esculpido em meio relevo um homem com arco e setas, rocostado sobre uma pelle de leão, e com uma clava, o que faz julgar que séja a imagem de Endovelico (ou Cupido) deus dos lusitanos. (Vide Terena.)

Esta pedra foi collocada na face do dito revelim que olha para o Rocio do Calvario, ou Campo de S. Sebastião.

Este achado é mais uma prova da grande antiguidade d'esta povoação.

—

Até aos fins do seculo XV, não tinha Elvas dentro em seus muros mais agua potavel do que a do pôço de Alcalá, alimentado todavia por uma grande nascente.

Nas côrtes reunidas em Lisboa por D. Manuel, em 1498, requereram os procuradores d'Elvas um subsidio para reparos d'aquelle pôço. Foi deferida a pretensão, devendo o subsidio sahir do tributo de *um real* em cada arratel de carne e peixe, e em cada quartilho de vinho que se consumisse em Elvas.

Pela natureza de sua applicação se chamou *imposto do real d'agua.*

Foi o primeiro imposto d'esta denominação que houve em Portugal. Depois se foi propagando por varias terras do reino, e por fim, por todo elle. Em 1871 foi o tributo do *real d'agua* posto a quasi todos os generos de consumo e despoticamente augmentado, o que talvez venha a dar em graves desordens.

Concertou-se o pôço, mas a camara, vendo que este insignificante tributo foi bem racebido do povo, e que, ainda apesar do concerto, a agua escaceava na povoação, empreendeu a grande obra do *Aqueduco da Amoreira*, que principiou em 1500, tratando-se de trazer para Elvas a agua do manancial da *Amoreira* (que deu o nome ao aqueducto) e está a 6 kilometros ao O. da praça.

Já em 1520 se fez um chatariz provisorio na extremidade da obra que ficava mais proxima da cidade; mas só em 1622 é que a obra se concluiu, sendo preciso vender alguns baldios do municipio para com o producto das vendas occorrer ás despezas que se fizeram.

Correu esta agua pela primeira vez na cidade (no chafariz da Misericordia) no dia 23 de junho de 1622. Foi um dia de geral regosijo para Elvas, e solemnisado com uma grande festa, correndo-se touros, havendo cavalhadas, danças, foguetes, luminarias, etc.

—

O *aqueducto da Amoreira* é obra grandiosa no seu genero, pela sua extensão e altura, e unica no paiz pela sua architectura.

Percorre uns 5 a 6 kilometros, descrevendo *zigue-zagues*. Compõe-se de quatro ordens de arcadas, sendo a primeira muito mais alta do que as outras, e medindo todas 31^{m},10 de altura (140 palmos).

Está construido com grande solidez, e robustecido de espaço a espaço por fortes gigantes, alguns dos quaes sobem a toda a altura do aqueducto.

Alimenta varias fontes publicas, sendo a principal d'ellas, pela sua architectura, a de S. Lourenço, construida segundo o desenho do general Valleré. Tambem abastece os grandes reservatorios (cisternas) da praça, que foram feitos durante a guerra da restauração, concluindo-se em 1650.

Os operarios que trabalhavam no aqueducto venciam 18 réis por dia. Em 1708, apesar de toda a robustez da obra, cahiram, em consequencia das grandes chuvas, nove dos arcos mais altos, mas foram logo reparados.

Em 1825 se introduziram no aqueducto novas nascentes d'agua.

—

A *fonte da Senhora da Piedade*, é de marmore e de elegante architectura.

—

Ha em Elvas um soffrivel theatro.

—

Era antigamente quartel de infanteria 5, 17 e artilheria 3. Hoje é de caçadores 8, artilheria 4 e infanteria 4.

—

E' a 31.ª estação do caminho de ferro de leste.

—

A ribeira do Caia, que divide Portugal de Hespanha, corre 12 kilometros ao S. de Elvas.

—

N'esta cidade nasceu o insigne medico e botanico Garcia da Horta, pelos annos de 1490. Formou-se em medicina nas universidades de Alcalá e Salamanca, e foi lente de philosophia na universidade de Coimbra. Partiu para a India, como physico do rei, em 1534. Alli estudou profundamente a botanica indiana, publicando um livro, que se imprimiu em Goa, sob o titulo de—*Colloquios dos simples e drogas e cousas medicinaes da India*, etc., obra que foi geralmente apreciada na Europa e traduzida em varias linguas. Foi o primeiro medico que estudou o *cholera asiatico*. Morreu na India pelos annos de 1570.

Aqui nasceu, em 27 de março de 1816, Miguel Celestino da Silveira Carrilho, auctor de varias xácaras, repassadas de sentimento, que nos dramas *Dois Renegados*, *Homem da mascara negra*, *Fernando ou o juramento*, tanto agradaram ao publico, tanta voga tiveram e tanto duraram.

E' tambem composição sua a bellissima musica sagrada *Salutaris Hostia*, que passa por um primor d'arte; mas a sua obra prima é a musica que escreveu para o *Noivado em Friellas*, de Paulo Midosi, que foi pela primeira vez á scena, em Lisboa, em 1850, e freneticamente applaudida.

Falleceu n'esta mesma cidade, em 26 de abril de 1868. Jaz no cemiterio de S. Francisco.

Aqui morreu, em 28 de junho de 1873, D. Anna Ignacia de Gusmão, freira professa do convento da ordem de S. Domingos, d'esta cidade, a qual nascera em 9 de julho de 1769; tinha por consequencia 104 annos menos 11 dias! Tinha professado da edade de 16 annos (em 1786).

Expulsa do seu convento, em 1861, por ser a unica professa que então alli havia, foi viver com uma sua sobrinha, d'esta cidade.

Era uma senhora respeitavel pelas suas nobres qualidades. Conservou todas as suas faculdades mentaes até a hora da morte.

São tambem naturaes d'Elvas, Martim Affonso de Mello e os generaes D. João da Silva, Luiz de Mesquita Pimentel, Carlos Ferderico de Caula e Maximiano de Brito Mousinho—os antiquarios, Ayres Varella, João Eliseu Viegas e José Avellino da Silva Matta—os poetas, Alvaro de Mattos e Manuel Pereira Rego.—Tambem aqui nasceu o legendario João Paes Gago, que a tradição diz que fôra ao castello de Badajoz roubar a bandeira hespanhola.

—

Os nobres filhos d'Elvas, não precisam de quem os defenda da alcunha de *tolos* que lhe pespegam alguns invejosos do seu incontestavel patriotismo e das suas glorias. Elles sabem muito bem defender-se; mas, como tenho de relatar os apôdos e annexins de varias terras d'este meu tão querido Portugal, mencionarei alguns dos factos (sobremodo insulsos e disparatados) em que alguns de fóra da cidade fundam as suas satyras desenxabidas.

1.°

Os de Extremoz mandaram pintar o altar-mór da egreja matriz de Santa Maria do Castello. O pintor lembrou-se de pintar no timpano uma passarola, dizendo que era o Es-

pirito Santo; mas como era apenas um insignificante *bórra portas*, em logar de uma pomba, sahiu-lhe uma coruja; todavia os de Extremoz ficaram contentissimos e não se fartavam de elogiar e adorar o seu Espirito Santo, que achavam muito bonito.

Isto deu origem a muitos bons ditos, chalaças e epigrammas dos seus visinhos, e parece que os que mais *troça* fizeram foram os d'Elvas.

Por esta occasião foi a Extremoz o capitão-mór d'Elvas, e, sendo dia santificado, foi ouvir missa á tal egreja da coruja. Era ella (a missa) n'esse dia cantada, e aconteceu o *prefacio* ser o da Cruz. O celebrante garganteou a plenos pulmões o *Vere dignum et justum est*, e quando chegou ao *mentem élevas*, o bom do capitão-mór, que, pelos modos era um verdadeiro Ferrabraz, esquenta-se (e com razão, porque os d'Elvas tambem tinham fama de mentirosos) e desembainhando a terrivel espada semicircular, diz

> .... *irado e não facundo*
> *ameaçando a terra, o mar e o mundo:*

«Se se *mente em Elvas* muito mais se mente em Extremoz; e se aqui ha quem seja capaz de sustentar o contrario, sáia a campo e verá quem são os mentirosos.»

Ninguem sahiu a campo, nem quiz aceitar o repto.

Ora, todos sabem que *mentem élevas* em portuguez quer dizer—*mente em Elvas*—e então digam lá se o chefe da *bixa* elvense tinha ou não carradas de razão para despicar os seus patricios.

O que é certo é que os de Extremoz se alguma vez tornaram a chamar mentirosos aos d'Elvas, foi pela bocca pequena; e os padres, quando tinham de cantar o prefacio da Cruz, *engrolavam* sempre o tal horripilante *mentem élevas*.

2.º

Assacam tambem aos d'Elvas que, não estando elles satisfeitos com o local em que está a Sé, a pretenderam mudar para outro sitio. Reuniram-se os principaes da cidade para combinarem nos meios de se levar a effeito a projectada mudança e foi approvado por unanimidade o meio proposto por um dos preopinantes, por ser o mais simples e economico.

Consistia em se fazerem duas grossas cordas e, atando-as cada uma a sua torre, da Sé, levarem esta *a zôrro* até ao sitio indicado.

Por aquelles tempos havia pouco linho em Elvas, e por isso era muito caro; mas havia grande abundancia de lan e era portanto baratissima. Fizeram-se as cordas de lan.

Atadas convenientemente ás torres, entra toda a gente d'Elvas a puxar com unhas e dentes, e o caso é que estavam contentissimos, porque, mesmo depois das cordas chegarem ao maximo grau de tensão, elles hiam sempre andando, e se persuadiam que a egreja andava tambem. Era a elasticidade da lan que fazia o milagre. Ora, se a paciencia humana tem seus limites, tambem as propriedades elasticas de certos corpos tem um termo; e por isso, quando as cordas já se não podiam estender mais, rebentaram, e os elvenses cahiram todos de costas, ficando a Sé no mesmo sitio, e mais esta anecdota á cidade.

—

Pois senhores, esta patranha desconchavada, que alguns impingem a Elvas, dizem outros que teve logar na *Lourinhan* (Extremadura) outros que em Mançôres (freguezia da provincia do Douro) e outros finalmente na villa de Coura (Alto Minho.)

Mesmo que isto fosse uma cousa verosimil (que evidentemente não é) vão lá adivinhar em qual das quatro partes aconteceu.

3.º

O plantio das *arvores do macarrão*, é falsamen attribuido aos d'Elvas; porque homens *bem informados* sustentam que foi nos campos d'Evora.

4.º

A *sementeira das sardinhas* (e isto parece-me que foi certo) teve logar no monte

do Castéllo, na dita freguezia de Mançôres.

—

E vós, nobilissimos habitantes da heroica e sempre leal cidade d'Elvas, a quem vos apodar de parvos, respondei:

«Sim, senhores, somos *tolos*, e tão *tolos*, que á nossa custa fizemos e dotámos uma Misericordia das mais ricas e melhores da provincia.»

«Tão tolos, que fundámos e dotámos alguns sumptuosos conventos onde as orações e o insenso subiam todos os dias e quasi a todas as horas, ao throno do Altissimo, exorando-o para que arredasse da cidade e do reino todas as calamidades.»

«Tão tolos, que são filhos d'esta terra muitos e muitos varões illustres, célebres pelas armas, pelas lettras e pelas virtudes.

«Tão tolos, que tendo por chefe o nosso patricio Gil Fernandes d'Elvas, fizemos por muitas vezes morder a terra ás aguerridas hostes de Castella.

«Tão tolos, que agrupados em volta do nosso intrepido governador, D. Sancho Manuel, e do não menos valoroso D. Antonio Luiz de Menezes, destruimos as bravissimas tropas do não menos bravo (e incontestavelmente perito) general D. Luiz de Hero, marquez del Carpio.»

«Tão tolos, que preparámos a gloriosa victoria de Aljubarrota (na qual muitos elvenses tomaram parte) escorraçando dos nossos muros 30:000 castelhanos, commandados pelo seu rei em pessoa.»

«Tão tolos, que fizemos á nossa custa e sem ajuda de mais ninguem, o sumptuoso Aqueducto da Amoreira; mais de dois seculos antes do das Aguas Livres, que foi feito á custa da nação inteira.»

Tão tolos, que em todos os tempos em que Portugal precisou dos corações e do sangue de seus filhos para serem sacrificados no altar sacrosanto da patria, jámais viu tremer, a não ser de impaciencia, os peitos leaes dos filhos d'Elvas, sempre dos primeiros nas lides da honra e do patriotismo; sempre prodigos do seu sangue e das suas vidas em prol da sagrada bandeira das Quinas Lusitanas.»

—

Ora, quando outra qualquer cidade ou villa portugueza possa attribuir-se tantas *tolices* (além de outras muitas que não relato) póde e deve ter orgulho de sua *toleima*.

—

Prometti de tornar a fallar na Sé d'Elvas, vou cumprir a promessa.

Era a 21 de maio de 1818, dia em que n'esse anno *cahiu* a festa de *Corpus Christi*.

Urbano Xavier Henriques da Fonseca Monteiro, natural da villa de Castromarim, e alferes do regimento de infanteria de Tavira (n.º 14) então de guarnição em Elvas, namorava perdidamente uma menina d'esta cidade.

N'aquelle dia estava a tal menina na varanda do orgão grande, que se debruça sobre o guarda-vento, e o alferes, que, pelos modos, era mais propenso aos combates de Venus e Cupido do que ás batalhas de Belona e Marte, lá *do seu pôsto* (de observação...) não tirava os olhos da sua *casta diva*.

Apenas a procissão sahiu da egreja, o impaciente e arrebatado alferes, completamente esquecido do seu nome (que lhe impunha rigorosamente os deveres da *urbanidade*) se dirige para a escadinha do orgão, no firme proposito de se collocar ao lado do seu *anjo;* mas logo nos primeiros degraus, um *bedel*, ou *altareiro*, que vinha descendo, por ter terminado a sua tarefa de dar aos folles, lhe *barra* a passagem, por ser prohibida pelas *Constituições do Bispado*.

O official teima, o bedel profia, e vendo que aquelle não se convence com razões, lhe deita as unhas á farda. Urbano recúa, deixando por tropheu, nas mãos do bedel, dois botões, e cheio de indignação por um *toca folles* lhe querer dar sentenças, esquece o logar sagrado em que está, e com um junco que trazia lhe dá duas *juncadas* na cara, da qual logo espirraram algumas gotas de sangue sobre o pavimento.

Estava o templo interdicto; pelo que a procissão teve de recolher-se á Misericordia, e passou a ser a egreja de S. Salvador a cathedral interna emquanto durou o interdicto.

Urbano foi preso e cara lhe custou a sua

audacia. Pelo juizo ecclesiastico foi sentenciado a ser flagellado sobre as costas nuas nos degraus do taboleiro da Sé, e depois nas escadas da egreja.

Mettido no calabouço, respondeu a um conselho de guerra e este o condemnou a não sei quantos annos de prisão, que foi cumprir no forte da Graça.

A causa, innocente, de tudo isto, a tal menina, foi... testemunha contra o adorador atrabiliario.

—

Asylo da Infancia Desvalida

Este asylo, inaugurado a 8 de novembro de 1853, nascera em uma das epocas mais criticas de miseria, que se teem atravessado. Ao general Baldy, então governador da praça, deve elle a sua existencia, e o seu rapido desenvolvimento dos primeiros annos.

O numero de creanças, que desde a sua instituição tem n'elle sido educadas, ascende a 475, das quaes 256 tem recebido, a par do ensino, a alimentação quotidiana.

Destacam-se tres epochas brilhantes para o asylo, nos 20 annos decorridos desde a sua creação: a da presidencia do general Baldy, a do sr. Joaquim Travassos Valdez, auditor do exercicio, e a do sr. Antonio Fausto Namorado, cirurgião militar. Estas tres epochas são assignaladas por uma grande serie de melhoramentos e por um extraordinario augmento da receita. Prestou tambem relevantes serviços ao estabelecimento em 6 annos successivos o sr. Ezequiel Augusto de Vasconcellos, no cargo de secretario; mas em resultado de uma d'aquellas guerras acintosas que ás vezes se movem, esquecendo-se os bons serviços que nunca se deviam pagar com ingratidão, a eleição de 1864 excluiu do conselho director a este cavalheiro, o que realmente foi uma perda bastante sensivel, e que logo atraz trouxe deploraveis consequencias.

Com respeito á instrucção dos alumnos, em maio de 1855 pretendeu-se dar-lhe um grande impulso, mas isto não passou de bons desejos. Ha poucos annos, porém, os padres Filippe Nery e Domingos do Carmo, secretarios da direcção, conseguiram, á força de trabalho e dedicação, apromptar nas materias que constituem a instrucção primaria duas meninas, que fizeram em Portalegre um brilhante exame.

E desde então até hoje o ensino d'essas materias tem sido um dos mais esforçados empenhos das direcções. E segundo o que declarou o sr. Namorado, no discurso de abertura da ultima sessão, conta-se que no presente anno de 1874 mais alguns alumnos vão fazer exame ao lyceu de Portalegre, que é natural em nada desmintam os creditos que gosa este estabelecimento pio.

—

Na feira annual de S. Matheus (21, 22 e 23 do mez de setembro de cada anno) se faz uma grande festa á milagrosa imagem do Senhor Jesus da Piedade, annunciada pelos cirios que na tarde do dia 20 concorrem á Preda.

Junta-se sempre, por essa occasião, grande multidão de povo, de ambos os sexos, de todas as edades e de muitas povoações dos arredores; de Badajoz e outras localidades hespanholas. Á noite ha grandes fogos d'artificio, que custam aproximadamente 300 mil réis.

Esta romaria augmenta de concorrencia de anno para anno, e as esmolas dos romeiros, que sobem a uma grande quantia, são destinadas aos melhoramentos do templo e do sitio.

—

Foi Elvas o solar dos Peixotos Cachos, appellidos nobres de Portugal. Teve a origem seguinte: Diogo Lopes Peixoto, foi feito administrador das fortificações d'esta praça, e aqui fez o seu solar. Teve uma filha unica, chamada D. Antonia Peixoto, que casou com Diogo Gomes Cacho, e d'estes procedem os Peixotos Cachos. O primeiro que menciona a *Collecção dos Titulos e genealogias*, tomo 5.º da *Bibliotheca Publica*, fl. 111, é Lopo Gomes Borralho Cacho Peixoto. Fr. Manuel de Santo Antonio, no *Reformador do Cartorio da Nobreza*, tambem inclue na lista dos fidalgos, Pedro Ayres Peixoto. Coelho.

Suas armas são: em campo verde, um braço armado, de prata, tendo na mão um punhal com a ponta, para baixo; ferro de

prata e guarnições de ouro. (Villas-Boas diz adaga e não punhal.)

As armas dos Gomes são:—um pelicano, ferindo com o bico o peito, e dando a seus filhos o sangue que d'elle corre.

As dos Lopes são: — em campo azul, uma palmeira d'ouro, com um côrvo pousado n'ella, com as azas estendidas. Timbre o mesmo corvo, voante, com um ramo de palma no bico.

As dos Peixotos (sem Cacho) são — escudo enxequetado d'ouro e azul, de cinco peças em faxa. Timbre, um corvo marinho, da sua côr, com um peixe no bico.

—

Em 1864, pretendendo a camara d'Elvas reconstruir a fonte da rua dos Cavalleiros, resolveu mandar fazer um painel, em azulejos, com as armas da cidade, em uma elipse, acobertada com um manto. (As armas representam o rei D. Sancho I, á cavallo, armado de ferro, como entrou em acção, no dia da conquista d'Elvas aos mouros.) Por êrro de quem fez a encomenda para Lisboa, ou por engano do fabricante, sahiu o retabulo muito maior do que toda a fonte, pelo que não serviu para o sitio onde era destinado. Pretendem agora collocar o quadro em um pano do muro do aqueducto da Amoreira.

—

Duas vezes foi Elvas bombardeada, durante a guerra da successão, uma em abril de 1706 e outra em setembro de 1712, pelo marquez de Bay, alem de outros ataques menos importantes.

Em 1801, o ex-cabelleireiro Manuel Godoy, (feito principe da Paz) apresenta-se a 20 de maio, em frente d'esta praça, intimando-a para que se rendesse.

D. Francisco Xavier de Noronha, governador da fortaleza, deu lhe tal resposta, que os castelhanos houveram por bem retirar.

Em 2 de dezembro de 1807, por ordem do principe regente, recebeu Elvas pacificamente a divisão castelhana do general Solano, mas depois, os francezes que vieram occupar a cidade, taes roubos e atrocidades de toda a casta praticaram, que o povo, não podendo soffrer mais, se revoltou contra os francezes, ferindo mortalmente o seu chefe *Michel*.

Quando pela convenção de Cintra (31 de agosto de 1808) os francezes evacuaram o forte da Graça, (primeiro de outubro) para hir para Lisboa, embarcar para França, foi precizo fechar as portas da cidade, e collocar muitas sentinellas nas muralhas, para conter o povo enfurecido contra os *jacobinos*.

Foi a unica vez que, durante a guerra peninsular, os francezes entraram (á traição) em Elvas. Desde 1808 até 1812, foi sempre esta praça o paladio da nossa independencia.

—

Durante as guerras civis que teem dilacerado Portugal, desde 1820, nunca Elvas tomou a iniciativa em qualquer movimento.

Em 30 d'agosto de 1720, adheriu á revolução do Porto.

No primeiro de junho de 1823, acclamou o sr. D. João VI absoluto, depois da *guerra da poeira*.

Em 1826, acceitou a *carta constitucional*.

Em 29 d'abril de 1827, parte da guarnição (artilheria n.º 3 e um batalhão de infanteria 7) e muito povo, acclamam o sr. D. Miguel, como rei de Portugal. O general Caula, contemporisou até poder reunir forças do governo (da regencia da senhora D. Isabel Maria) e no dia seguinte, no baluarte do Trem e em S. Paulo, houve uma verdadeira carnificina, causada pela metralha, fusilaria e repetidas cargas de cavallaria, sendo os realistas vencidos.

Foi, póde dizer-se, o primeiro sangue que correu vertido por portuguezes contra portuguezes. Os insignificantes combates que até então se tinham ferido, não tinham passado de tiroteios sem importancia. Tambem então correu pela primeira vez o sangue de portuguezes por crimes politicos, em resultado de uma sentença, sendo prezos e por decisão de um conselho de guerra, sentenceadas muitas praças de infanteria 7, e outros corpos a serem chibatados (dos quaes alguns morreram) depois da flagellação.

Em 1828, Elvas toma decididamente o partido do sr. D. Miguel. Em desforra das

atrocidades que deshonraram o partido liberal, no anno antecedente; os realistas de Elvas deshonram o seu partido com outras atrocidades, que foram repetidas no fim do reinado do sr. D. Miguel.

Em 31 de maio de 1834, entra em Elvas, sem resistencia, em vista da convenção d'Evora-Monte, uma divisão liberal. Houve então algumas vinganças e represalias, mas muito menos barbaras do que em outras terras do reino.

A ultima vez que Elvas foi theatro de scenas sanguinolentas entre irmãos, foi em 9 e 10 de outubro de 1846, batendo-se parte da guarnição contra o resto, tomando tambem o povo parte pelo partido que mais lhe agradava.

Desde então Elvas tem-se conservado pacifica e indifferente a todas as mudanças politicas.

—

Tem aqui tido logar factos notaveis da nossa historia; são os principaes:

Pazes de D. Diniz com seu irmão D. Afonso (por intervenção de Santa Isabel) em 1292.

Pazes de D. Fernando, de Portugal com D. João I, de Castella, em 1382.

Reunião de côrtes, em 1361. (Vide cortes)

Casamento da infanta D. Beatriz, filha de D. Fernando e de D. Leonor Telles de Menezes, com D. João I, de Castella, em 14 de maio de 1383.

Casamento do duque de Bragança, D. Theodosio (pae de D. João IV.) com D. Anna de Vellasco, da *quinta de Uvêda*, em 15 de junho de 1603.

Casamento do duque de Bragança (depois D. João IV) com D. Luiza de Gusmão, em 11 de janeiro de 1633.

Bençãos nupciaes de principe D. José (depois I) com D. Marianna Victoria, em 19 de janeiro de 1729.

—

O concelho d'Elvas é composto de 16 freguezias, todas n'este bispado, são—na cidade Sé, S. Pedro e Salvador; fora—Ajuda, Alcáçova, Aventosa, S. Braz da Varzea, Villa Boim, Barbacêna, Caya, Santa Eulalia, Villa Fernando, Santo Ildefonso, S. Lourenço, Terrugem e S. Vicente.

A comarca comprehende trez julgados.

Elvas com 4:300 fogos. Campo-Maior, com 1:400 e Monforte com 800.

—

A comarca comprehende freguezias de 4 dioceses, Elvas, Evora, Isento do Grão Priorado do Crato (Patriarchado) e Portalegre.

ÉMERES (Santa Maria de)—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chaves, concelho de Carrazêdo de Monte Negro, até 1855, desde então comarca e concelho de Valle Paços, 80 kilometros ao NE. de Braga, 425 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Carrazêdo apresentava o vigario, collado, que tinha 112$000 réis de rendimento.

EMILIÃO (Santo)—freguezia, Minho, comarca e concelho da Povoa de Lanhoso, 12 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 15 fogos.

Orago Santo Emilião.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

O cabido da collegiada de Guimarães apresentava o cura, que tinha 40$000 réis.

EMINHATE—povoação antiquissima do Douro, proximo da villa de Agueda, e no sitio onde hoje se chama *Macinhata*. Em 848 de Jesus Christo, era senhor de Eminhate um mouro chamado Muley Achin, filho de Athach. D. Ramiro I, de Leão, o venceu n'esse anno, e fez seu tributario. Supponho que Eminhate é diminutivo de Eminio. Eminhate foi-se corrompendo em Minhate e por fim em Macinhata. Tambem póde ser corrupção de Emina, Hermina, Ermina ou Ema, antiga medida de solidos e liquidos. A de liquidos tinha uma libra; duas *eminas* faziam um *sextario*, e dois d'estes uma *bilibra*, a que os gregos chamam *ceniz*. Segundo Aulo Gelio, a *emina* dos romanos tinha meio quartilho.

A *emina* dos medicos tinha 9 onças. Esta medida era em umas terras maior, n'outras

mais pequena (como ainda hoje o nosso alqueire e almude e suas divisões). A *emina* dos solidos tambem variava, mas, mais geralmente levava um selamim de Toledo. Vide Macinhata do Vouga.

EMÍNIO (*Æminium*, dos romanos)—antiga cidade da Lusitania, que, com bons fundamentos, se julga ser no sitio actualmente occupado pela villa d'Agueda, capital de concelho e comarca, situada sobre a margem direita do rio do seu nome (que tambem antigamente se chamava *Eminio*) no bispado e districto administrativo de Aveiro.

Posto que no artigo *Agueda* (1.º vol., pag. 34) já tenha fallado d'ésta antiquissima cidade (Eminio) como julgo curiosissimos e, na sua maior parte verdadeiros, os bellos artigos que os srs. José Maria Velloso, D. Miguel Sotto Maior e José C. de Miranda, publicaram no semanario litterario, que em 1870 se imprimia em Agueda, sob o titulo de *Escola Popular*, e do qual eram proprietarios os srs. José Ferreira da Silva Castro e José Soares de F. e Castro; com a devida venia os passo a transcrever.

—

Agueda, a feliz successora da velha cidade, cuja fundação alguns querem remontar aos recolhidos tempos dos celtas, turdulos e gregos; esta famosa terra, cuja situação bem fadada tem, em diversas epocas, no andar dos seculos, podido prender a attenção de visitadores de grande nomeada; Agueda, a antiga Eminium dos romanos conquistadores, e godos, com quanto abatida agora, é ainda, e será sempre digna de notar-se, pela sua belleza natural, pelas formosas margens do seu rio, e feracissimos campos.

Decahida do pristino esplendor, mas em communicação, ainda que—por mau fado—por ora não facil, com as duas Beiras, abastece-as, em parte, de peixe, que lhe é trazido, rio acima, das praias do Oceano; e de louça, sal, e varios objectos: e d'ellas recebe em troca os seus preciosos fructos, taes como: centeio, milho, azeite, castanhas, queijo, cerejas, pera secca, vinho, amendoas, sumagre, etc. Tambem por estes sitios se consomem milhares de carneiros da serra da Estrella, muitas das saborosas vitellas d'Alafões e muitos milhares de metros de panno das fabricas da Covilhã.

Está esta villa situada ao nascente da cidade de Aveiro, a 25 kilometros do Atlantico.

Como queremos escrever com a maior imparcialidade sobre o nosso *patrio ninho*, devemos dizer que, em geral, não tem bons nem lindos edificios antigos nem modernos, mas a sua situação é encantadora.

Com a frente voltada para o meio dia, assente em amphitheatro sobre tres pequenos outeiros, tendo a seus pés os vastos e fertilissimos campos d'Assequins, Borralha, Paredes e Recardães, cortados pelas limpidas aguas do seu formoso rio, o vetusto Eminium, que desce como fita de prata em vestido verde, rodeada, a mais de kilometro, de collinas, cobertas no estio de virentes parras, e coroadas de oliveiras, pinheiros, castanheiros e carvalhos; descobrindo, a sol posto, as cumiadas dos pequenos outeiros d'Ois da Ribeira, que é uma boa povoação, a 4 kilometros da villa; e, encarando d'alli para o Oriente, demorando a vista na pequena, mas esvelta e esguia torre da nova egreja de Espinhel, que contrasta com o tisnado e triangular campanario de Recardães, cuja egreja é, aliás, um templo rico em obras de arte.

Agueda, a Eminium moderna, com os seus barcos, que, de vela e á vara, se crusam nas aguas do seu rio, e pela vista dos rusticos casaes, que se descobrem por entre a côma frondente das arvores, que os circumdam, nas encostas fronteiras; tendo ao nascente, e mais ao longe, por detraz d'estas mesmas encostas as summidades das serras do Caramullo e de Boi-Alvo; e mais para o sul, a 10 kilometros d'esta montanha, os pincaros memorandos do Bussaco, que lhe fecham o horisonte; é bella povoação.

Agueda, ufana da uberrima bacia, sobre que reina, campea elegante, pittoresca e mimosa, quasi imagem da formosa Coimbra.

Tem ella actualmente quatorze ruas, duzentas e cincoenta casas, e cerca de mil habitantes.

No mais alto dos tres outeiros, em que se assenta, está a sua egreja matriz. É esta um sumptuoso templo, em relação á grandeza

da villa, se bem que devêra ser muito mais alto. Tem tres naves, celebradas já por antigos visitadores, e nas duas dos lados sete formosas capellas. É muito perfeita e muito abundante a obra de talha dourada do arco cruzeiro e da capella-mór, bem como a da capella do Senhor dos Passos, sob cujo altar está esculpido em pedra, e em inteiro relevo, o Senhor Jesus morto, de tamanho natural; sendo uma bella imagem digna de ser contemplada, não só pelos sentimentos religiosos, que suscita o vulto venerando, mas mesmo pela sua perfeição artistica. Ha tambem no alto do altar do Santissimo Sacramento um primoroso objecto, qual é a Ceia de Nosso Senhor Jesus Christo, onde o Divino Mestre, seus doze apostolos (incluindo o discipulo traidor) e os donos da casa se vêem tambem esculpidos em pedra, a meio relevo, tendo cada um de altura, pouco mais ou menos, quatro decimetros.

Tambem merece ser mencionado o arco do côro, por ser bastantemente largo e muito abatido.

Nos já referidos logares d'este templo, assim como nas demais capellas d'elle, e principalmente na de S. Francisco, ha muito trabalho primoroso em madeira, a baixo relevo, além de muitas e mui perfeitas imagens de Christo crucificado e de outros santos, e muitas e mui variadas figuras de anjos de grandes e pequenas dimensões.

No mesmo arco de cruseiro são tambem objecto de attenção a lua, o sol, e as armas reaes portuguezas em madeira primorosamente trabalhadas. Aos lados do altar-mór ha duas estatuas de madeira, do vulto de um homem regular, proprias para sustentarem os cirios, obra de muita perfeição e preço.

Não ha em todo o templo inscripção alguma digna de menção. Ha cinco ou seis em pedra que na essencia tratam de legados pios, e são dos annos de 1623 a 1628. D'estas, a primeira está na capella de S. Francisco.

Dos livros das visitas a esta freguezia, do anno de 1700 em diante, consta que a egreja antiga estava então em estado deploravel, velha, pequena e indecente para o culto. A instancias reiteradas dos visitadores foi finalmente reedificada, como agora está, de 1735 a 1737, á custa do povo, dos fundos das confrarias, e com ajuda, que provavelmente foi muito valiosa, do cofre do estado. Consta dos respectivos livros, e effectivamente o portal da entrada principal tem gravada a data de 1737.

Ha na chamada Praça Nova, d'esta villa, a qual por ora é um largo muito irregular, um bello chafariz de duas bicas, e muito farto d'agua. É obra de bastante trabalho, e algum d'elle muito mimoso.

Tem a sua nascente a 200 metros para o norte; e ahi a casa chamada *Mãe d'agua*, a qual pela sua solidez, e pela utilidade do respectivo encanamento, é obra completa no genero, em referencia á grandeza da povoação, e ao volume das aguas. Foi construido em 1866, e foi director d'esta obra o sr. Francisco Estevão Pinheiro de Figueiredo, d'esta villa.

Além d'este, vae agora a camara municipal mandar erguer outro no mesmo sitio de uma fonte antiga, que fica ao N. da chamada Praça Velha, que, pelo que d'elle já vimos, virá a ser, sem duvida, não só pelo donairoso aspecto do seu mui bem acabado frontispicio, mas pela excellente qualidade da sua agua, um dos melhores, se não o melhor, de quantos se possam encontrar em nossas provincias.

Foi canteiro e esculptor n'esta obra o sr. Antonio da Silva Prôa, da Figueira; e mestre de risco e director o sr. Joaquim Augusto de Macedo, d'Agueda.

Tem tambem esta velha povoação uma antiga, mas segura ponte de cantaria, com cinco arcos, na direcção do norte-sul. Não ha inscripção nem documento que authentique a data da sua construcção; alguns entendidos, porém, n'estas materias affirmaram ser ella obra do tempo d'el-rei D. Sebastião. O ultimo arco do lado do sul acha-se muito deteriorado, e toda a ponte carece de grandes reparos, mas por ora não ameaça ruina.

Ha aqui um bom palacio municipal, que está ainda por concluir. A sua primeira pedra foi lançada, nos alicerces, no vertice do angulo SO., no dia 22 de outubro do anno

de 1860. É uma bella casa. Mestre do risco e director foi tambem o mesmo sr. Joaquim Augusto de Macedo.

No fundo das armas, que são mui bem esculpidas n'uma grande pedra collocada no meio do frontispicio d'esta casa, lê-se a seguinte inscripção:—*A Romanis Eminium*—como querendo dizer:—*Fui chamada Eminio pelos romanos.*—

É ponto controvertido já agora por alguns sabios, se o Eminium dos romanos foi aqui, ou pelas adjacencias da moderna Coimbra.

O sr. cardeal patriarcha, D. Francisco de S. Luiz, com aquelle enorme peso da sua grandissima auctoridade, quiz tirar a Agueda essa gloriosa memoria. Folgamos com a intima convicção de que se enganára o illustre e sapientissimo prelado.

Pelo pouco, que ha muitos annos sabiamos dos antigos geographos e dos concilios, sinceramente acreditavamos, que a Eminium romana fôra n'estas cercanias. Ultimamente, porém, o sr. Antonio Francisco Barata, illustrado antiquario de Coimbra, homem, cujo merecimento litterario admiramos, pelas circumstancias especiaes que n'elle se deram, e que o tornam mais illustre aos olhos de todos quantos sabem apreciar o merito e honrar o talento, muito nos ajudou com a sua interessante carta dirigida ao sr. Augusto Soromenho e impressa em Lisboa em setembro de 1869, a nunca abandonarmos as gratas crenças de que é devida á nossa terra natal a alta gloria de assentar-se sobre os vetustos restos da formosa cidade dos tempos de Cesar.

Com effeito, o geographo Caio Plinio Segundo, que nasceu 23 annos depois de Christo, descrevendo a Lusitania, partindo do Douro, que era a sua raia do norte, diz: *Flumen Vacca* (Vouga), *Oppidum Talabrica* (Aveiro), *Oppidum et Flumen Eminium* (Agueda), *Oppida Conimbrica* (Condeixa?) E o geographo João Hardino, mais tarde, na interpretação e notas a Plinio, diz: *Æminium. Hodie Agueda: nomen est oppido amnisque commune.* E Vasconcellius, *In Scholis ad Resendium*, edição de 1593, diz: *Talabrica* (Aveiro, em Cacia, na ribeira do Vouga) *leucae ab Agatha duae cum demidia.* Por tanto Agueda, com o seu rio, são o *Oppidum et Flumen Eminium*, a duas leguas e meia de Aveiro, ou Cacia, que era o *Oppidum maritimum* da ribeira do Vouga. Mais: Joanne Vasaeo, nos annaes *Rerum Hispaniae memorabilium*, escreve: *Erat autem Eminium, civitas et flumen ejusdem nominis, inter Conimbricam et Portugallensem Civitatem, ut ex Plinio, et clarius ex Antonino Pio constat. Aliqui opinantur, neque inepte, fuisse oppidum illud, quod nunc appellatur—Agada—situm ad flumen ejusdem nominis.*

Diz ainda o sr. Barata: No concilio de Braga, celebrado no anno 411, assistiu o bispo Gelasius Eminiensis e tambem o bispo Elipando, de Coimbra. No concilio de Toledo, em 589, subscreveu Posidonius Eminensis Eclesiae Episcopus. Logo: havia bispado no Eminio e bispado em Coimbra (Condeixa a Velha). Diz mais: Leitão Ferreira, no catalogo dos bispos de Coimbra, escreve: A antiga Eminium, sobre cujas ruinas, ou a pouca distancia d'ellas, succedeu a pequena povoação d'Agada no termo da villa d'Aveiro. Foi cidade episcopal. E em F. do Nascimento Silveira: «Muitas das quaes cidades, subjugadas pelas victoriosas cohortes de Decio Junio Bruto, e as ruinas da antiga Talabrica (Aveiro) ainda nos lembram da sua animosa ferocidade, pois vindo soccorrer aos visinhos do Eminium, hoje Agueda, experimentaram em sua cidade as iras do vencedor.» E em fr. Luiz de S. Thomaz: «A porta de Coimbra, por onde se sahia para Eminio, que é a villa d'Agueda. E, das noticias de Portugal, transcreve: Eminio está perto de Aveiro, no logar onde agora chamam Agueda. E da *Descripção do reino de Portugal*, do abalisado Duarte Nunes de Leão, copiou: «o rio Vouga se mette no mar em Aveiro, despojando do nome e das aguas ao Agueda, que antigamente se chamava Eminium, assim como tambem se chamava uma cidade por a qual elle passava, que já foi episcopal.»

E termina o consciencioso indagador: «Em 675, anno em que Wamba fez nova divisão ecclesiastica, desapparece outra vez a Sé do Eminio, ficando sujeita ao bispo de Coimbra. D'este anno por diante é que eu

supponho o successivo anniquilamento da Eminio. Privada d'aquella importancia, que lhe dava a Sé que tinha, vendo surgir uma nova cidade nas margens do Mondego, com o nome da que havia sido destruida pelos suevos em 468; pouco mais ou menos 200 annos antes da dita divisão de Wamba, a sorte da Eminio é facil de prever; definhou, até que depois de 714 a invasão arabe lhe passou por cima, não deixando alli mais do que um monte de ruinas, derruidas suas habitações até aos fundamentos, como era costume seu praticar.»

Suppomos que nada deixou a desejar sobre este assumpto o sr. Barata.

Duas palavras sobre a origem do nome d'esta terra. Aventam-se varias cousas. Nós pensamos que este nome é apenas um diminutivo de Agadão. O rio Agueda tem a sua nascente nas fontes do Alfusqueiro e do Agadão. Agadão é uma área montanhosa, que se não circumscreve precisamente a sueste de Agueda. D'ahi desce o rio. Porque não hade, pois, o Agadão ter dado um bocadinho do seu nome á sua filha predilecta? E chamamos-lhe filha, porque, senão fosse elle, Agueda, ou não existiria, ou seria alguma simples aldeia, por certo muito insignificante.

Nascidos aqui, adoramol-a como á mãe carinhosa. Como filho, queremos-lhe tanto, como na qualidade de cidadão adoramos a patria.

Fazemos votos para que um dia os poderes publicos olhem por esta perola, quasi escondida.

Abram lhe a estrada para Tondella e ella resurgirá, melhor que outr'ora, mui digna então outra vez do seu bispo e da sua Sé.

Agueda, a terra de boa fortuna, como significa o termo grego, de que traz a origem, dizem alguns ter tido a sua fundação 370 annos antes de Christo: que no tempo dos romanos e godos fôra cidade episcopal e populosa: que Alboacem Hibem Allamar, regulo de Coimbra, em tempo dos mouros, fez d'ella conde a um christão, (D. Sisnando?) que a governava, pagando-lhe tributo: e que D. Affonso I o catholico rei de Castella e Leão, pelos annos de 740 a povoou novamente, em cujo tempo se chamava Agatha, voz latina, que em romance sôa Agueda, como ainda hoje se appellida. Onde lemos isto vimos tambem que fôra conde d'Agada um D. Arias, casado com D. Aldara, ou Uduara, a qual foi mãe de São Rozendo, da illustre familia dos Souzas, o primeiro confessor, a quem canonisou a egreja romana, no anno do Senhor de 1195. Não existem aqui monumentos nem vestigios de tão remota antiguidade.

Continuando a dar noticia do que achamos de mais notavel e antigo em nossa terra, fallaremos d'uma bulla apostolica, que tem a irmandade do Senhor Jesus, que é tambem a do Senhor dos Passos n'esta freguezia. Esta bulla foi dada em Roma em Santa Maria Maior, debaixo do annel do pescador, no primeiro dia de julho do anno de 1628, no 5.º anno do pontificado do papa Urbano 8.º. Concede a todos os irmãos, que são, e houverem de ser, indulgencia plenaria, e remissão de todos os seus peccados, se confessados e arrependidos receberem o Santissimo Sacramento: ou aos que agasalharem os pobres; ou composerem paz entre inimigos: ou tambem se encaminhar algum errado, pelo caminho da salvação, ou ensinarem aos ingnorantes os mandamentos de Deus.» Ve-se d'esta bulla, que é ainda mais antiga a mencionada irmandade, porquanto ella começa: «Urbano, papa 8.º, *ad perpetuam rei memoriam.* Está instituida canonicamente na egreja parochial de Santa Eulalia do logar d'Agueda, bispado de Coimbra, uma piedosa confraria de fieis christãos, homens e mulheres, debaixo da invocação do Santissimo Nome de Jesus. Nós para que esta confraria *cada vez mais rebeba maiores accrescentamentos,* confiados na misericordia de Deus, e na authoridade de seus bemaventurados apostolos, S. Pedro e S. Paulo, concedemos misericordiosamente em o Senhor etc. etc.—*José Maria Velloso.*»

—

Que houve na Lusitania uma cidade denominada *Eminium* ou *Aeminium* não é licito duvidal-o em face do testimunho de Plinio e do *Itinerario* de Antonio, o Pio. Em que local demorára, porém, essa povoação,

é o que por mais de uma vez se tem discutido, e o que nós hoje tentamos illucidar por meio d'estas breves linhas.

A maioria dos nossos antiquarios inclinou-se sempre a que a antiga Eminio existirá no sitio da moderna villa de Agueda, á margem do rio do mesmo nome, a uns 15 kilometros de distancia de Aveiro. Alguns divergem, porém, d'esta opinião, e querem que a successora da Eminio dos romanos seja a nossa actual Coimbra. Assim o sustentava, ha pouco menos de um anno, o sr. Augusto Soromenho, em carta escripta ao sr. Antonio Francisco Barata; carta que este ultimo publicou pela imprensa, seguida de uma contestação sua, que accusa não vulgar erudição e atilada critica.

Quanto a nós, porém, o sr. Barata podia ter respondido menos diffusa e mais peremptoriamente ao seu contendor, volvendo contra elle a auctoridade de Plinio, em que se firmava sobretudo a sua opinião. Segundo Plinio—a cidade de *Eminium* estava posta á margem de um rio do mesmo nome—*oppidum et flumen Eminium.* De sorte que, para vermos em nossa actual Coimbra a successora da antiga Eminio, forçoso é admittirmos tambem que o *Eminium* e o Mondego são um e o mesmo rio. Esta hypothese é todavia insustentavel perante o texto do mesmo Plinio. Descrevendo a Lusitania diz elle:

«Ab Minio, quem supra diximus, CCM. «passuum ut auctor at Varro, abest *Emi*«*nius*... Ab Durio Tagos, CCM. passuum, in«terveniente *Munda.*» [1]

Não ha portanto que duvidar: o *Eminium* e o *Munda* (hoje o Mondego) eram rios diversos. O primeiro, alguem o confundiu (diz ainda Plinio) com o *Limia*, ou rio do Esquecimento; com o segundo não consta. O geographo Strabão chama ao Mondego *Mulliadas*: Pomponio Mella chama-lhe *Monda*; [2] nenhum, porém, o confunde com o *Eminium*, e Plinio, como acabamos de vêr, os distingue mui positivamente. Posto isto, como havemos de suppôr que a actual Coimbra, gentilmente assentada á beira do Mondego, fosse antigamente a Eminio, que jazia nas margens de um rio differente d'aquelle?

Resta, porém, ainda um outro argumento, bebido nas paginas de um antigo codice, que corta decisivamente a questão, e annulla a opinião de Bischoff, Mueller, Hubner e Saavedra, com que o sr. Soromenho argumentára, provocando as chistosas, mas assisadas observações, que se lêem a pag. 6 da carta do sr. A. F. Barata. Vejamos:

«É ponto geralmente assentado que a vetusta povoação celtica chamada *Conimbriga* ou *Conembriga* fôra em Condeixa a Velha, onde ainda subsistem os seus vestigios em alguns restos de muralhas, lapides com inscripções, etc. [1] Esta cidade foi, porém, destruida pelos barbaros, e os seus habitantes dispersos ou captivos, ficando assolada toda a região circumvisinha. [2] Depois d'isto levantou-se de novo, ou reconstruiu-se na margem direita do Mondego uma outra povoação, que se chamou *Conimbria.* Esta é a cidade conhecida nos documentos historicos posteriores, que no seculo IX se concluiu na demarcação da Galliza, cujos limites—note-se—não passavam além do Mondego, [3] e que hoje conhecemos todos com o nome de Coimbra.»

Pois bem. No meado do seculo IX, subsistia ainda, como povoação distincta da Conimbria erecta na beira do Mondego, a *Eminium* dos Romanos. Quem isto nos affirma é o Chronicon *Albeldense*, escripto até ao anno de 883, decimo-oitavo do reinado de Affonso III o *Magno*, que conquistou Eminio aos mouros, e a repovoou de christãos.

Ouçamos o referido Chronicon:

«*Conimbriam ab inimicis possessam, cre*«*marit (Alphonsus) et Gallaecis postea popu*«*lavit, multaque alia castra sibi subjecit...*

[1] Plin. Natur. Hist. Lib. IV cap. 21 e 22.
[2] Pomp. Mela, de situ Orbis, Lib. III cap. I

[1] Secco, Mem. Hist. Corogr. do Distr. de Coimbra, pag. 49
[2] Chronicon de Idacio, na Hesp. Sagrada, tom. 4.º
[3] Viterbo, Elucidar. vid. Galliza.

«*Urbis quoque Brackarensis, Aucensis, Emi-*
«*nensis, Vesensis ad que Lamecensis a Chris-*
«*tianis populantur.*»[1]

Isto é o mais positivo possivel. Vê-se d'aqui, apesar da opinião de Hubner e do sr. Soromenho, que Coimbra não foi a successora de Eminio, mas que estas duas cidades coexistiram distinctas ao tempo das expedições e conquistas do rei de Oviedo, D. Affonso o Magno.

E a passagem que acabamos de transcrever, serve ainda para desfazer o equivoco, em que laborou o sr. Barata, suppondo que depois do anno 714 a invasão arabe passára por sobre o Eminio, não deixando alli mais que um montão de ruinas.

Pelo contrario; ella sobreviveu, como deixamos mostrado, áquella primeira invasão, e conservou-se ainda por mais dois seculos.

Tomada porém aos mouros e repovoada por Affonso III, não tardou muito que não cahisse segunda vez sob o jugo sarraceno. Seria então a sua destruição total, ou viria ainda uma terceira vez ao poder dos christaos quando Ordonho III dilatou novamente as fronteiras da Galliza até ao Mondego? Ignoramol-o. Inclinamo-nos porém a crêr, que foi o terrivel Al-Mansur, o conquistador e destruidor de Coimbra em 987, quem tambem poz termo á longa existencia da Eminio, que resurgiu sim mais tarde como a sua visinha, [2] mas com outro nome e em mais limitadas proporções.

Com effeito, no começo do seculo XI o antigo rio *Eminium* já se denominava o Agata, como se vê de um documento citado por Viterbo (vid. *Regalengo*) do qual consta que D. Gonçalo, filho do conde Mendo Luci, comprára muitos bens de raiz por aquelles sitios, tendo da mão de D. Affonso V de Leão *mandamento, regalengo et condadu in ripa d'Agata.* Do mesmo modo que a antiga cidade de Eminio tomára o nome do rio, que lhe banhava os muros, assim tambem a nova povoação, que succedeu, se ficou chamando *Agueda*, acompanhando ainda o rio na sua mudança de nome.

Cumpre, por ultimo, declarar aos que porventura o ignorarem, que esses argumentos com que acabamos de corroborar a opinião de que a actual Coimbra não corresponde á Eminio da antiga geographia da Lusitania, já foram empregados pelo nosso illustre antiquario Diogo Mendes de Vasconcellos, nos seus *Schola in quatur libros Resendii;* maravilhando-nos portanto que o sr. Barata, de quem decerto não são desconhecidos os «Escholios» porque os cita na sua carta, prescindisse d'esses argumentos, especialmente da decisiva passagem do *Albeldense*, e sobretudo désse a cidade de Eminio como destruida pelos arabes depois de 714, quando o sobredito Chronicon nol-a mostra ainda subsistindo depois do meiado do seculo IX.

Como quer que seja, o ponto de haver sido a velha Eminio povoação distincta de Coimbra, está para nós mais que muito resolvido, sem todavia nutrirmos a louca pretenção de impôr esta nossa opinião, a quem por ventura tenha boas razões para contestal-a.

D. M. Sotto Mayor.

—

Ha muito que sabiamos da existencia d'essa antiga cidade *Æminium* dos romanos; assim chamada do nome do seu rio *Æminium*, que passa por ser o rio Agueda. Aos monumentos adduzidos pelo sr. Velloso, pouco mais podemos accrescentar: mas, esse pouco que sabemos e temos lido sobre a materia, aqui o damos.

Jeronymo Soares Barbosa, a quem se não póde negar a qualidade de escriptor de apurada critica, diz, no Epitome da Historia da Antiga Lusitania, cap. 6.º pag. 165,—que no tempo de Augusto a decima legião de suas tropas, tambem chamada a legião fretense, dividida em cinco cohortes, de não menos de 600 soldados cada uma, fazia presidio na costa occidental da Lusitania, desde a foz do Douro até ao rio *Eminio*, occupando as cinco cidades maritimas então existentes; a saber: *Talabrica* (Aveiro)—*Lacobrica*

[1] Mem. de Litter. da A. R. Tom. 7, pag. 113, nota 113.

[2] Coimbra, depois de estar arruinada por espaço de 7 annos, foi alfim repovoada pelos mouros.

(a Feira) — *Calen* (Gaia do Porto) — *Æminium* (Agueda) — *Vacca* (Vouga).

O mesmo escriptor não duvida que fossem cidades pequenas, mas cercadas de muros ou fossos á maneira de castellos, como n'esses tempos se usava, para as defender das incursões dos inimigos.

A pag. 182 refere que havia então uma estrada militar muito frequentada, de Lisboa a Braga, pela beira mar, que tinha de longitude 244 milhas ou 61 leguas, marcadas da maneira seguinte: — de Lisboa a Alemquer (*Gerabrica*) 30 milhas ou 7 1\|2 leguas; de Alemquer a Santarem, 32 milhas ou 8 leguas; — de Santarem a Ceice (*Celium*) 32 milhas ou 8 leguas; — de Ceice a Condeixa a Velha (*Conimbriga*) 32 milhas ou 8 leguas; — de Condeixa a Velha a *Eminio* 40 milhas ou 10 leguas; de *Eminio* a *Talabriga* (Aveiro) 10 milhas ou 2 1\|2 leguas; — de *Talabrica* a *Lancobriga* (Feira) 18 milhas ou 4 1\|2 leguas; — da Feira a Gaia 13 milhas ou 3 1\|4 leguas; — de Gaia a Braga 35 milhas ou 8 3\|4 leguas.

Finalmente, o mesmo historiador, citando Faria (Europ. Lusitan.) allude tambem á inscripção romana que foi achada em uma pedra, que para o valle de *Oscella* ou *Ossella* (de Cambra) fôra trazida das ruinas de uma povoação antiga; por onde consta que os moradores das cidades de Vouga, Ossella, Feira, Gaia e *Eminio* concorreram para as hecatombes e jogos de gladiadores, que se fizeram por morte do mesmo imperador Augusto.

Estes testemunhos tornam indubitavel a existencia da cidade de *Eminio*, em tempo que os romanos senhoriaram a Lusitania.

Faltam-nos testemunhos positivos da existencia d'esta cidade no tempo dos barbaros e da monarchia wisigothica: mas temol-os posteriores, que mostram a existencia d'ella ainda mesmo no tempo da occupação dos mouros até ás guerras de exterminio da reacção wisigothica ou monarchia das Asturias, em cujo tempo cremos que desappareceu.

Os historiadores christãos contam grandes desastres e assolações da invasão dos arabes nas Hespanhas; o que sendo natural, fica todavia muito áquem das que depois houve durante as guerras, que duraram seculos, entre mouros e christãos, e que terminaram com a total anniquilação do poder dos mouros, sendo expulsos ou reduzidos ao captiveiro os que escaparam ao ferro e ao fogo. Foi então que se queimaram campos e cidades, que muitas povoações desappareceram; não por que oppozessem tenaz resistencia e antes quizessem morrer que entregar-se ao vencedor, como Sagunto e Numancia: mas pelo modo cruel de então fazer a guerra.

O conde D. Pelayo lançou os fundamentos da monarchia das Asturias. Como não tivesse exercito capaz de se bater em campo com o dos mouros, fazia incursões ou *entradas* pelas terras occupadas por estes, matando os que podia, captivando (ou descaptivando) e levando comsigo os christãos, e queimando as povoações, que depois fazia occupar por gente sua. N'isto trabalhou emquanto viveu.

Por sua morte succedeu-lhe seu filho, D. Favilla, que reinou pouco tempo, porque foi morto por um urso, no segundo anno do seu reinado.

A este D. Favilla succedeu D. Affonso I, o *Catholico*, que era filho do duque (Pedro) de Cantabria, e genro do mesmo D. Pelayo, por ter casado com sua filha Ermisinda ou Ermisenda. Reinou 18 annos, começando no de 759, segundo parece mais certo.

Este D. Affonso I foi homem de grandes feitos, segundo os *Chronicons* do tempo. O *Abeldense* diz que elle deu muitas batalhas, tomou as cidades de *Asturica* e *Leão*, queimou os campos chamados gothicos até ao Douro, e estendeu o reino dos christãos.

O do bispo D. Sebastião é mais explicito ao nosso proposito. Diz que este monarcha fôra homem de grande valor, porque por elle fôra muitas vezes domada a audacia dos arabes; e que juntamente com seu irmão *Froylan*, dera muitas batalhas aos serracenos, tomando-lhes muitas cidades; como foram: Lugo, Tuy, *Portucalem* (Gaia do Porto), Braga, Viseu, Chaves *(Flavias)* *Agatam* (Agueda) etc.

Não sabemos se esta cidade d'*Agata* ou

Agada seria a mesma cidade de *Eminio* Póde ser que fosse a mesma: porém nós vamos achar memoria, posteriormente, da cidade de *Eminio*.

Um dos monarchas que se distinguiu nas incursões e conquistas pela Lusitania foi D. Affonso III, chamado o *Magno*. Este D. Affonso III (da monarchia das Asturias e Oviedo) filho de D. Ordonho I, principiou a governar juntamente com o dito seu pae, 4 annos antes da morte d'este, succedida na era de 904 (anno de Christo 866) e morreu no anno 910 da era christã. «O Douro e o Tejo «viram suas conquistas. Quasi não ha cida«de ou povoação notavel das nossas provincias a que ellas não chegassem; Orense, «Braga, Porto, *Eminio*, Viseu, Lamego, Coim«bra, Egitania (Idanha), Merida, por elle fo«ram não só ganhadas, mas a maior parte «povoadas...» —(diz A. C. do Amaral, na 4.ª das suas Memorias para a historia da legislação e costumes de Portugal).

Segundo o *Albeldense*, este rei tomou e queimou Coimbra e a fez depois povoar de gente da Galliza (d'além-Douro) e subjeitou ao seu poder muitos outros castellos ou cidades acastelladas, que depois fez povoar de Christãos; entre outras: as de *Braga*, *Aucence* ou *Auriense*, *Eminio*, *Viseu*, e Lamego. E accrescenta: «*Istius victoria Cauriensis, Egi«taniensis, et cœteras Lusitaniœ limites gladio et fame «consumptas, usque ad Emeritam, atque freta maris cremavit et destruxit...*»

A tomada de Coimbra, que teve logar no anno 878, deve-se ao conde Hermenegildo Gutierres, que era avô de S. Rosendo: pelo que o mesmo rei D. Affonso III o fez conde de Tuy e Portugal (povoação) e em tal qualidade assistiu á sagração da egreja de S. Thiago; como tambem *Arias* seu filho conde de *Eminio*, e *Pelagio*, conde de Bragança.

No concilio de Oviedo, que teve logar no anno de 873 (Segundo Aguirr. tom. 4.º pag. 356) ainda se encontram estes condes entre os 13 que assistiram ao mesmo Concilio; a saber: *Hermegildus Tudœ et Portugalliœ Comes, Arias filius ejus in Minio Comes.*

Depois d'isto, não achamos mais menção da cidade de *Eminio;* encontramos sómente uma referencia ao relatorio ou inventario dos bens de D. Gonçalo Viegas do anno 1017 (que dizem achar-se no cartorio da Universidade de Coimbra entre os documentos do extincto convento de Pedroso) d'onde consta que no reinado de D. Affonso V (de Leão) fôra conde *in ripa de Agata* um *D. Mendo Luci*, que aqui tinha *regalengo et Comdadu, et mandamento*. Não sabemos, porém, se ainda a esse tempo existia a cidade de *Eminio*. É provavel que fosse destruida por esses tempos, ou pouco antes, por alguma das expedições de Almansor, que começaram durante o reinado de D. Ramiro III e continuaram e recrudesceram no de D. Bermudo II, pae e antecessor de D. Affonso V; porque aquelle caudilho sarraceno, seguindo pela beira-mar da Lusitania, na expedição que fez a S. Thiago da Galliza, levou tudo a ferro e fogo, deixando destruida quasi toda a terra dos christãos. «Devastavit qui«dem civitates, castella, omnemque terram «depopulavit, usquequo pervenit ad partes «maritimas Occidentalis Hispaniae, et Gal«letiae civitatem, in qua corpus B. Jacobi «Apostoli tumulatum est, destruxit.»—diz o *Silense*.

Não ha certeza do anno em que teve logar esta expedição: mas, sendo no reinado de D. Bermudo II, a opinião commum assigna-lhe os annos de 982 até 999, e telvez com mais certeza o anno 988. Deve tambem notar-se que já antes de Almansor, no de 965, Alcorrexi, rei de Sevilha, tinha destruido toda a terra que então se chamava Portucalle.

É isto o que, em resumo, tiramos da citada Memoria de Amaral; por onde fica incontestavel a existencia da cidade de *Eminio* ainda no tempo da monarchia das Asturias, e assignadas com probabilidade a epocha e as causas da sua destruição.

Mas seria esta antiga cidade no mesmo local que actualmente occupa a villa de Agueda?

Parece-nos que não ha provas decisivas de que fosse precisamente no mesmo local, mas pode conjecturar-se, com fundamento, que seria não longe d'elle, talvês um pouco mais para o poente.

O que nos léva a pensar assim é principalmente o itinerario Romano da estrada de Lisboa a Braga, de que já fizemos menção.

Distava de *Condeixa a Velha* a cidade de *Eminio* 40 milhas ou 10 leguas, e da antiga *Talabrica* 10 milhas ou 2 1/2 leguas, mas sendo as leguas de 4 milhas, comparadas com as actuaes, de 5 kilometros, que segundo cremos, equivalem a tres milhas romanas, vem aquellas 2 1/2 leguas de distancia entre as cidades de Eminio e Talabrica a equivaler a 3 leguas e 1/3; e as 40 milhas entre Condeixa a Velha e *Eminio* equivalem a 13 1/3 das actuaes leguas. Nada sabemos de positivo sobre qual a distancia do local em que existiu a antiga cidade de Condeixa a Velha á actual Villa d'Agueda; mas sabemos que d'esta Villa a Aveiro se contam 4 leguas; e se a antiga Talabrica existiu no local em que hoje se acha a freguezia de Cacia, ou ainda a de Esgueira (como parece mais natural) não é facil explicar como distasse d'Agueda só 3 leguas e 1/3 das actuaes, 10 milhas romanas.

Póde dizer-se que a differença de 2/3 de legua podia provir de ser mais recto do que a actual estrada, o traçado da via romana? Não é facil acredital-o, nem aqui ha vestigios de tal estrada romana directamente de Agueda para Aveiro; a qual, vindo a Agueda, teria forçosamente de atravessar o rio d'este nome em alguma parte; e é isso o que a verdade historica não consente que acreditemos.

O celebre antiquario fr. Joaquim de Santa Roza de Viterbo, á palavra *estrada Mourisca*, mostra fundado em documentos do convento de Grijó, no itinerario de Antonino, e nos seus mais famosos commentadores, que a via militar romana atravessava o Mondego entre Pereira e Coimbra; e, *sem passar o Eminio ou rio Agueda*, cortava o Vouga não longe de Talabrica.

Sendo assim a cidade de *Eminio* que estava no itinerario romano, devia encontrar-se forçosamente ao sul do rio Agueda e não ao norte.

De mais, nada ha que indique que seja Agueda uma povoação antiga. Não era villa nem capital de concelho (ainda que muito digna de o ser) antes de 1834, mas pertencia a diversos termos ou concelhos; não apresenta vestigios materiaes ou moraes de cathegoria de cidade, e cidade murada ou afortalezada, como eram as cidades romanas, nem sequer um nome de alguma de suas ruas ou bairros indica essa cathegoria e antiguidade romana.

Ahi temos Vouga a antiga cidade de *Vacca* dos romanos, que está no mesmo caso, mas que ainda hoje poderia oppôr argumentos plausiveis a quem lhe contestasse a identidade. Poderia oppor que sempre gozou cathegoria de Villa, e que ainda nos principios da nossa monarchia era capital de um extenso concelho que foi successivamente desmembrado, principalmente no tempo do nosso rei D. Fernando I. Poderia oppor que pelos mesmos tempos era ainda um dos Arcediagos do bispado de Coimbra. Poderia oppôr o nome de *Carvalhal da Portella* que ainda hoje tem um pequeno *burgo* que lhe fica ao nascente; por que significando a palavra *Portélla* porta pequena, mostra que houve alguma por aquelle lado nos muros da antiga cidade, de que ficou o nome de *Portêlla* ao lugar.

Poderia oppôr o nome romano de *Belli* que teve outro lugar que lhe fica proximo, a que os naturaes ainda hoje chamam Bêlhe, nome que certamente deriva de alguma batalha que alli houve, e em memoria da qual ficou ao lugar o nome de *belli*.

Poderia oppôr ainda as tradições populares, que não damos por averiguadas, mas que conspiram tambem para fazer acreditar que a moderna Vouga foi a antiga cidade romana chamada *Vacca*.

Em Agueda, porem, não ha provas nem indicios de que fosse ali a antiga Eminio.

Entre os logares proximos não conhecemos algum que tenha nome de origem romana, a não ser o pequeno logar do *Crasto* ao sul do rio Agueda, entre as freguezias de Recardães e Espinhel. Longe de nós, porém, querer affirmar que fosse alli a cidade romana; porque seria affirmar o que não sabemos. O que concluimos do que fica dito é que nos parece mais provavel que a antiga Eminio não fosse precisamente no mes-

mo local da actual villa de Agueda, mas em algum logar proximo mais ao poente, e em todo o caso ao sul do rio Agueda; o que todavia não obsta a que a moderna Agueda se julgue a successora da antiga cidade romana, como Aveiro o é da antiga *Talabrica*, posto que seja certo que não occupa precisamente o mesmo local. As transformações phisicas do globo, além d'outras causas, determinam estas migrações.

José C. de Miranda.

EMMENTA — vide Amenta, onde se explica esta palavra.

EMPAREDADA — vide Inclusa.

ENÇALDE — vide Inçalde.

ENCARNAÇÃO (freguezia da) — vide Lisboa.

ENCHA — portuguez antigo — ira, odio, raiva.

ENCHENTES — as maiores de que ha noticia, no rio Douro, desde o seculo XVI.

(Trato só das enchentes do Douro, que são sempre as mais desastrosas; mas, sabe-se muito bem, que quando ha enchentes no Douro, tambem as ha, maiores ou menores, no Tejo e nos mais rios de Portugal. Não menciono as anteriores ao seculo XVI, porque não achei um documento que mereça credito; pois os que tenho lido vem cheios de hyperboles inverosimeis. As datas em lettra maior, indicam as cheias mais notaveis.)

Enchentes

1526, 1585, 1596, 1644, **1727** (esta inundou o convento das freiras de Villa Nova de Gaia; e, de Cima do Muro chegava-se á agua), 1729, **1739, 1774, 1779** e 1788. Algumas d'estas fizeram subir o rio á altura de 7 metros e meio acima do nivel da maré cheia.

Em **1739** choveu quasi sem interrupção de setembro a dezembro. O rio chegou a Cima do Muro. Da egreja de Santa Marinha, de Villa Nova, e da egreja das freiras da mesma villa, foi preciso mudar o Santissimo para a capella de S. Roque. No convento, a cheia entrou pelas janellas mais altas do dormitorio.

Perderam-se nove navios. Os prejuizos foram avaliados em 15 milhões de cruzados.

No Porto, a agua chegou aos altares da capella dos Terceiros de S. Francisco.

Nas ruas e casas onde chegou o rio, ficou areia de dois metros de altura.

A de **1774** foi menor 2 metros e 222 decimetros do que a de 1739; mas levou cinco navios e causou prejuizos avaliados em 3 milhões de cruzados.

A de **1779** foi quasi egual, em volume d'agua e em prejuizos, á de 1739.

A de 1821 (janeiro) chegou a grande altura, perderam-se seis navios e causou grandes prejuizos.

A de 1823 (fevereiro) subiu mais 444 decimetros do que a de 1821, mas não foi tão desastrosa. As casas da rua dos Banhos e de Miragaia, ficaram enterradas em areia até aos primeiros andares.

A de 1855 (fevereiro) levou pela barra fóra trez navios, dos quaes se perderam dois — *Campos I* e *Carl.*

A de **1860**, a mais notavel de todas as de que ha noticia escripta, subiu um metro acima da de 1823.

Perdeu-se, o hiate *Alliança* (que se despedaçou ao N. do Castello do Queijo), o hiate *Fé* (que se despedaçou na mesma praia, a 12 kilometros ao N. da barra), o patacho *Hedwig* e a galera *Linda Russiana.*

Causou gravissimos prejuizos e encheu o Porto de consternação.

—

Desde 1860 até hoje (1874) não teem havido enchentes dignas de nota.

ENCOURADOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 9 kilometros ao O. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 87 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor do convento de Santo Eloy, de Villar de Frades *(os bons homens de Villar)* apresentava o cura, que tinha 50$000 réis.

ENCRÉO — portuguez antigo (ainda hoje usado na Terra da Feira e outras povoações ruraes do norte) incredulo, sceptico, descrente, etc.

ENDE — portuguez antigo, — alli.

ENDOVELICO — divindade adorada pelos antigos lusitanos.

Parece que foi importada pelos phenicios. Dizem uns que era o deus Marte; mas então não era phenicio porem grego. Outros dizem que era Cupido, e esta opinião é mais seguida.

Eu julgo que *Endo* era palavra generica e significará deus e *Velico* era o nome da divindade.

Em um sitio do Gerez, chamado Crasto, appareceu no seculo XVIII uma lapide com esta inscripção.

ENDO CASTRORUM

Vide Terena, Villa Viçosa e Alandroal.

ENFÍAS ou **INFÍAS** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros ao NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 108 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Expectação).

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A prelada do convento de Nossa Senhora dos Remedios, da cidade de Braga, apresentava o reitor, que tinha 100$000 réis.

É terra fertil.

ENGRACIA (Santa) — freguezia, vide Lisboa.

ENGUEIRA (e mais antigo *Engeira*) — serviço que o emphiteuta ou colono prestava ao senhorio (portuguez antigo).

ENGUÍAS — vide Inguías.

ENSEMBRA — portuguez antigo (do celta) junto, misturado, confundido, etc.

ENSALDE — vide Inçalde.

ENTRADAS — villa, Alemtejo, comarca de Ourique, até 1855, e desde então comarca de Almódovar, concelho de Castro Verde, 90 kilometros de Evora, 130 ao E. de Lisboa, 180 fogos. Em 1757 tinha 152 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A Mesa da Consciencia apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada e 20$000 réis em dinheiro.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, no 1.º de julho de 1512.

Nas inquirições reaes, feitas em 1220, dá-se o nome de *Entradas*, ás limitadas pensões que se pagavam de alguns casaes.

ENTRE AMBOS OS RIOS — freguezia, Minho, concelho de Ponte da Barca, comarca dos Arcos de Valle de Vez, 30 kilometros a ONO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 170 fogos. Em 1757 tinha 121 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O arcebispo apresentava, por concurso synodal, o abbade, que tinha 450$000 réis.

Estiveram antigamente annexas a esta freguezia, as da Ermida, S. João de Villa Chan e S. Thiago de Villa Chan, que hoje estão (e ha muitos annos) independentes.

Suppõem alguns que esta freguezia se chamou antigamente S. Miguel d'Aurega, e que foi doada ao bispo de Tuy, pela rainha D. Thereza, em 1125.

Estou convencido de que aqui ha confusão e engano, confundindo Eja e Entre Ambos os Rios (duas freguezias da provincia do Douro, que hoje formam uma só) com a presente, de Entre Ambos os Rios, da provincia do Minho, e Aurega com Aregia. Accresce que o padroeiro de ambas as freguezias de Entre Ambos os Rios, é o archanjo S. Miguel, o que fez augmentar as duvidas e confusões. Vide Areja e Eja.

—

Foi villa. D. Manuel lhe deu foral, em Evora, a 20 de outubro de 1519 (*Livro de foraes novos do Minho*, fl. 24, col. 2.ª Veja-se o processo para este foral, na gaveta 20, maço 12 n.º 19).

ENTRE AMBOS OS RIOS ou **ENTRE OS RIOS** — (por ficar entre o Douro e o Tâmega).

—

Entre os Rios, Eja, Jugueiros e Torão, são das povoações portuguezas mais desparatadamente divididas.

Só por meio de uma planta topographica exacta, se poderia entender isto. Farei porem as diligencias por ver se me faço comprehender dos leitores.

Entre os Rios está na confluente do Tamega com o Douro, sobre a margem direita do primeiro destes dois rios. (Tem 121 fogos.)

O Tamega divide aqui o concelho e comarca de Penafiel do concelho e comarca do Marco de Canavezes, ficando o de Penafiel ao O, (na margem direita) e o outro na esquerda (a E.)

Mas Entre os Rios é hoje da freguezia de Santa Clara do Torrão, que está na margem esquerda, e por consequencia de differente concelho e comarca.

Ainda outro disparate—Entre os Rios está annexa administrativamente (*mas só administrativamente*) á freguezia de S. Miguel da Eja: e vem no mappa das congruas como do concelho de Penafiel, por estar administrativamente annexa a Eja!

No mesmo caso está a aldeia de Jugueiros (distante 4 kilometros de Entre os Rios) É da comarca e concelho de Penafiel, porque está ao O ou na direita do Tamega, e da comarca e concelho do Marco de Canavezes, porque é da freguezia do Torrão, e está annexa (*só administrativamente!*) á freguezia de S. Paio da Portella, que é do concelho de Penafiel.

Segue-se d'esta inextrincavel *contradança*, que na mesma freguezia (Torrão) ha trez regedores, tres juizes eleitos e tres juntas de parochia!

É uma cousa verdadeiramente insuportavel, e debalde se teem estes povos queixado, com grande razão e justiça, contra estes absurdos e vexames.

Resultou d'esta verdadeira anomalia, que na ultima divisão territorial (que ficou em projecto) ficaram os moradores d'Entre os Rios e os do Jugueiros, esquecidos e excluidos de toda a parte!

Por causa d'estes disparates o sr. E. A. de Bettencourt, no seu *Diccionario Chorographico de Portugal*, viu-se na necessidade de partir ao meio a freguezia da Eja (que nunca foi senão uma) dizendo na segunda Eja «parte do Torrão».

Engana-se porem nos concelhos, porque a primeira secção que menciona é que é (como eu já disse) do concelho e comarca de Penafiel e a segunda do Marco de Canavezes.

E qual será o mais consciencioso investigador que seja capaz de deslindar isto, sem um perfeito conhecimento d'estas localidades?

—

É urgentissimo que o governo, de combinação com o bispo do Porto, procêda a uma divisão rasoavel (e supportavel) a favor d'estes povos, que tambem pagam tributos e são portuguezes livres, como os das outras povoações do reino.

—

ENTRE HOMEM E CÁVADO — antigo concelho, Minho, arcebispado, districto administrativo e 10 kilometros ao N. de Braga situado quasi todo em planicie; limitado a E pelo extincto concelho de Santa Martha de Bouro, a NE, pelo de Terras de Bouro, a N. pelo rio Homem, e ao S, pelo rio Cávado e a O termina em ponta aguda, na confluencia d'estes dois rios, na formosa e extensa ponte do *Bico*.

A séde d'este concelho era a villa d'Amares.

Até 1834 compunha-se das 18 freguezias seguintes:

Amares, Bésteiros, Caires, Carrazêdo, Caldellas, Dornellas, Ferreiros, Figueiredo, Fiseal, Paranhos, Portella, Perozêllo, Torre, e Sequeiros; e do couto de Rendufe, que constava das 4 freguezias de Barreiros, Bico, Lago e Rendufe.

Pertencia á comarca de Vianna do Lima, e á visita d'Entre o Homem e Cávado e do Valle de Tamel.

Em 1839, era da comarca de Braga: em 1840, da do Pico de Regalados. Tinha este concelho em 1842 1:710 fogos.

D. Affonso V deu o senhorio d'este concelho a Pedro Machado, fidalgo da sua casa, e trinchante de seu irmão, o infante D. Fernando.

Pedro Machado descendia de uma das mais nobres e illustres familias do Minho, e ascendente dos marquezes de Monte-Bello, e dos condes da Figueira. Até 1822, eram senhores donatarios d'este concelho os ditos marquezes; passando então o senhorio para os condes da Figueira, pelo casamento contra-

hido entre D. José de Castello Branco Correia e Cunha Vasconcellos e Souza, primeiro conde da Figueira, e D. Maria Amalia Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcellos, senhora da quinta da Torre, 11.ª donataria d'Entre Homem e Cávado. (Vide Figueira.)

Tinha este concelho juiz ordinario; dois vereadores; um procurador do concelho; um escrivão da camara e almotaceria; um distribuidor, contador e inquiredor, (officios que andavam juntos) tres escrivães e tabelliães do judicial e notas, um juiz dos orphãos com seu escrivão e um ouvidor de vara branca. Todos estes officios apresentava a casa de Castro.

O mosteiro de Rendufe apresentava um juiz, para as causas civeis do seu couto; e o crime era processado no julgado d'Entre Homem e Cávado.

Tinha o concelho um capitão-mór e trez capitães d'ordenanças, cada um com a sua companhia.

Tinha feira nas primeiras quartas feiras de cada mez e uma d'anno, a 8 de maio e no domingo seguinte; outra a 29 de setembro e no domingo seguinte, todas na freguezia de Carrazêdo, no terreiro que hoje se chama «Feira Velha.»

Actualmente faz-se a feira na freguezia de Ferreiros, no logar da «Feira Nova.»

(Vide Ferreiros.)

Os concelhos d'Entre Homem e Cávado e de Santa Martha de Bouro, uniram-se em 1853, e ficaram a formar o actual concelho d'Amares, na comarca de Villa Verde, cuja capital (do concelho) é a villa d'Amares, 10 kilometros a NO de Braga, 7 a E de Villa-Verde.

Tem uns soffriveis paços do concelho, que servem de casa da camara, tribunal judicial e cadeia.

Tem uma escola, das mandadas fazer pelo benemerito conde Ferreira.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 8 d'abril de 1514. *(liv. de Foraes Novos do Minho, fl. 108, col 1.ª)* Trata-se neste foral das terras seguintes:

Caldellas, Figueiredo, Odivellas e Perozêllo.

O concelho de Entre Homem e Cávado, hoje denominado d'Amares, tem 2:800 fogos em 24 freguezias, que são:

Amares, Besteiros, Bico, Barreiros, Caires, Caldellas, Carrazêdo, Fiscal, Ferreiros, Figueiredo, Perozêllo, Portella, Paranhos, Rendufe, Sequeiros, Torre, Lago, Bouro (Santa Martha) Goães, Dornellas, Paredes Sêccas, Villela, S. Payo da Carvalheira e Bouro (Santa Maria.)

Todas no arcebispado de Braga.

ENTREGUE ou **ENTREGADO**—portuguez antigo, ainda hoje usado nas provincias do norte. Significa—inteiro, completo, sem quebras ou desconto.

ENTRONCAMENTO—do caminho de ferro do norte e leste. Estação 17.ª Extremadura, concelho de Torres Novas, entre esta villa e a da Barquinha. Chama-se mesmo *Entroncamento.* É na freguezia de S. Thiago de Torres Novas; mas, como fica muito distante da matriz, os Sacramentos são para aqui ministrados, da egreja matriz da Atalaia, que apenas fica 2 kilometros ao N. da estação.

Antes da construcção do caminho de ferro, este sitio era deserto.

ENTRONCAMENTO—do caminho de ferro do sul e sueste. Estação 5.ª, Extremadura (mas ao S. do Tejo), freguezia de Palmella, entre esta villa e a Moita. Chama-se *Pinhal Novo*, 15 kilometros ao S. da estação central do Barreiro.

ENTRONCAMENTO—do caminho de ferro do sul e sueste. Estação 12.ª, Alemtejo, *Casa Branca*, entre Monte Mór e Alcaçovas, 91 kilometros ao S. do Barreiro (estação central). *Casa Branca* é uma freguezia do concelho de Souzel, comarca da Fronteira. Vide Casa Branca.

ENTRUVISCADA ou **TROVISCADA**—direito dominical muito frequente nos principios da monarchia. Por elle era o emphiteuta ou colono não só obrigado a aprompta o trovisco que se lançava no rio (modo mais usual de pescar n'aquelles tempos) mas concorrer para a *merenda* do senhorio e comitiva, uma vez por anno. Ainda mesmo que o senhorio não fosse n'aquelle anno pescar, exigia a *entroviscada.* O que é notavel é que,

apesar de D. Manuel I e seus antecessores prohibirem a pesca com *trovisco;* no foral que elle deu á terra de S. Fins de Paiva (hoje de Sinfães) em 1513, enuméra uma grande porção de *gallinhas, da entruviscada,* que os povos deviam pagar aqui ao senhor da terra, que não hindo já pescar ao Paiva nem ao Douro, barbos e bogas, pescava dos pobres caseiros bellas gallinhas.

No foral de uma aldeia do concelho de Villa Pouca d'Aguiar, junto ao Tâmega, que era muito antigo (o foral) se determinava que «quando o *rico-homem* fôr fazer no rio *troviscada,* os emphiteutas lhe dêem uma merenda de *porrêtas com vinagre,* sem mais outro fôro.» (*Porrêtas* é o a que hoje se chama *alho pôrro.*—Vide *Elucidario* de Viterbo. —Tambem se chamavam *porrêtas* aos guizados de asselgas). Quasi todos os casaes proximos dos rios piscosos, pagavam este fôro, ou *direitura,* como então se dizia.

No extincto concelho de S. Fins do Paiva, ainda ha um logar chamado *Entroviscada.*

ENVENDOS—villa, Extremadura, comarca de Abrantes, concelho de Mação, 90 kilometros do Crato, 180 a SE. de Lisboa, 420 fogos.

Em 1757 tinha 328 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

É terra muito fertil.

É do grão-priorado do Crato, uma das 12 villas que lhe pertenciam.

O grão-prior apresentava o cura, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Não consta que tivesse foral antigo ou moderno; mas D. Manuel, dando foral á villa de Belvêr, datado de Lisboa, a 18 de maio de 1518, inclue n'ella as terras seguintes: Bicheira, Carvoeiro, Costa de Sôr, Envendos, Foz da Ribeira d'Eiras e Polvorosa.

ENXARA DO BISPO e **ENXARA DOS CAVALLEIROS**—freguezia, Extremadura, comarca de Cintra, concelho de Mafra, 30 kilmetros ao NE. de Lisboa, 490 fogos, 1:800 almas. Em 1757 tinha 271 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

D. Manuel deu foral (á villa de Enxara de Cavalleiros) em Evora, a 20 de novembro de 1519.

Enxara é portuguez antigo; vem a ser o mesmo que *matagal, matta, deserto, despovoado* e *sem cultura,* ao que hoje chamamos *charneca.*

Tendo Jean Gorgeon, cavalleiro francez, roubado uma senhora casada, fugiu com ella para Portugal, no reinado de D. Pedro I. O marido veio procurar o roubador, e encontrando-o junto a um ribeiro que aqui corre (no sitio onde uma lagem atravessa o ribeiro) pelejaram até cahirem ambos mortalmente feridos.

É descendente d'este Gorgeon, o sr. Francisco Raphael Gorjão, actual dono da quinta da Abrigada. (Vide esta palavra.)

O real padroado apresentava o vigario de Enxara do Bispo, que tinha 300$000 réis de rendimento; mas até 1759 era esta freguezia do collegio dos jesuitas de Santo Antão de Lisboa.

Enxara dos Cavalleiros, foi antigamente freguezia, que ha muitos annos está annexa á outra Enxara.

ENXIDO, EXIDO, EIXIDO, EXUDO, INXUDIO e **ENXUDRIO**—e tambem em algumas partes *Eido* e *Exito.* Portuguez antigo. Significa, fazendinha cerrada, quintalzinho, hortejo ou conchoso, proximo da casa do dono.

Vem do latim—*exeo*—sahir—por ser ao sahir da porta.

Na provincia do Minho, ao N. da Beira e proximo do Douro, diz-se, *eido,* de todo o aposento de casas, hortas, quintaes e todo o recinto da vivenda, que está unido e conjunto.

Tambem em algumas terras do Norte a isto dão o nome de *aido.*

Na terra da Feira chamam *aido* ao curral dos bois, bestas, porcos, ovelhas, etc.

De *enxido* ou *enxudrio* vem *enxudreiro,* pocilga onde os porcos se chafurdam, *chafurdeiro.* (Vide Almeida.)

EPOCAS PRINCIPAES DO MUNDO:

(Anno antes de Jesus Christo)

Creação do mundo.................. 4004

Diluvio (anno do mundo 1656) 2348
Troia arrasada pelos gregos......... 1183
Construcção do templo de Salomão... 1012
Fundação de Roma 753
Descoberta da electricidade......... 600
Destruição de Carthago pelos romanos 146
Era de Cesar...................... 38

(Anno do nascimento de Jesus Christo)

Destruição de Jerusalem, por Tito..... 70
Fugida de Mahomet (hegyra)........ 622
Descoberta da typographia.......... 1450
Descoberta da America [1] 1492
Descoberta do gaz.................. 1739
Descoberta do vapor [2]............... 1775
Independencia dos Estados Unidos da America 1776
Descoberta do danguerreotypo....... 1842
Principio da abertura do isthmo de Suez, pelo engenheiro francez Fernando Lesseps 1859
Descoberta das armas de agulha..... 1865
Inauguração da abertura do isthmo de Suez. Festa universal (setembro)... 1869

Epocas memoraveis de Portugal

(Annos antes de Jesus Christo)

Fundação de *Cetobriga*, por Tubal (segundo alguns escriptores).........2164?
Invasão da Lusitania pelos gregos.... 1372
Os gallos-celtas na Lusitania......... 995
Os phenicios no litoral lusitano....... 954
Colonias carthaginezas............... 592
Primeira invasão dos romanos........ 212
Viriato, o *Herminio*, ou *antigo*........ 154
Sertorio.............................. 84
Viriato, *moderno* ou *segundo* (vide Eburobriga)......................... 58
Os romanos dominadores da Lusitania 51

[1] É mais provavel que fosse em 1486. Vide Cascaes.

[2] O primeiro barco de vapor que se viu no mundo, foi no rio Hudson (New-York) fazendo a sua primeira viagem a 20 de agosto de 1807. Foi seu inventor e constructor Fulton. A sua primeira viagem foi de New-York a Albany, 60 leguas. Foi feliz. Na Europa principiaram a apparecer barcos a vapor, em 1816.

(Annos de Jesus Christo)

Primeira prégação do Evangelho ..... 36?
Invasão dos suevos, wandalos, alanos, godos, etc 405
Ataces (alano) rei dos lusitanos?...... 414
Primeira invasão dos gascões e normandos, e Wamba rei da Lusitania. 672
Invasão e conquista da Lusitania pelos arabes 715
A Lusitania principia a chamar-se Portugal .... 950?
D. Garcia, rei de Portugal e Galliza.. 1065
O conde D. Henrique senhor de Portugal.......................... 1093
Constitue-se a monarchia portugueza. 1139
Lisboa é, pela ultima vez, resgatada do poder dos arabes............. 1147
Primeira victoria naval dos portuguezes, por D. Fuas Roupinho........ 1184
Completa expulsão dos arabes....... 1250
Fundação da Universidade de Lisboa 1288
Morte de D. Ignez de Castro......... 1355
Batalha d'Aljubarrota............... 1385
Deixa de contar-se pela *era de Cesar*, e conta-se pelo nascimento de Jesus Christo (1.º de agosto) [1]...... 1422
D. Vasco da Gama, na India......... 1498
Pedro Alvares Cabral, descobre o Brasil............................. 1500
Fundação da Universidade d'Evora .. 1559
Derrota (e morte?) de D. Sebastião na Africa.......................... 1579
Usurpação de Philippe II............ 1580
Restauração de Portugal............ 1640
Principia a construcção do magestoso aqueducto das Aguas Livres 1729
Suppressão da Universidade d'Evora.. 1759

[1] Julio Cesar nasceu a 12 do mez *quintil* (assim chamado por espaço de 700 annos) o qual em honra d'aquelle imperador, se ficou chamando *julho*. É desde esse dia que começa a *era de Cesar*, segundo a reforma feita por elle mesmo no kalendario romano. Cesar nasceu 38 annos antes de Jesus Christo. O anno catholico começa no 1.º de julho, pelo que se deve advertir (para acertar as contas das datas antigas e modernas) que a era de Cesar é mais antiga do que a de Jesus Christo, 38 annos menos 11 dias, que são os que vão de 1 a 12 de julho.

Morte do marquez de Pombal........ 1782
Primeira invasão franceza por Junot, e fuga da familia real portugueza para o Brasil.................... 1807
Os francezes definitivamente expulsos de Portugal........................ 1812
Portugal revolta-se contra o dominio inglez e acclama a constituição (24 de agosto)...................... 1820
O senhor D. Miguel I desembarca no caes de Belem (22 de fevereiro).... 1828
O senhor D. Pedro I desembarca em Arenosa de Pampelido (8 de julho). 1832
Convenção d'Evora Monte (27 de maio) 1834
Inauguração dos caminhos de ferro portuguezes 1853
Inauguração do telegrapho electrico (16 de setembro)................. 1855

ERA—tendo eu tantas vezes fallado n'esta obra da era de Cesar, julgo ser preciso fazer a seguinte explicação:

Os primeiros latinos escreveram *æra, era* e *ira*, para significarem distincção de escriptura, como vgr. capitulo, n.º, §, idem, etc.

Os astronomos usaram de era, como nota ou principio de numero, calculo, etc., e d'aqui se apropriou esta palavra ao computo dos successos famosos e illustres (ou como taes reputados.) N'este sentido são synonimos *epoca* e *era*.

A *era hispanica* (de Cesar) precede 38 annos menos 11 dias o anno do nascimento de Jesus Christo.

Julio Cesar nasceu a 12 do mez *quintil* (assim chamado por espaço de 700 annos) o qual, em honra d'aquelle imperador se ficou chamando *julio* (julho.) É pois d'esse dia que começa a *era de Cesar*, segundo a reforma feita por elle mesmo no kalendario romano.

O anno catholico principia no 1.º de julho do anno 38 de Cesar, vindo portanto a haver a differença de 11 dias, que são os que vão do 1.º a 12.

Segundo a chronologia tida por mais exacta, Jesus Christo nasceu no anno 4004 do mundo (e é segundo este *calculo* que conto todas as épocas n'esta obra) mas, segundo outros auctores, Jesus Christo nasceu no anno 4709 do *periodo juliano*, 5 annos justos antes da *era vulgar*, estabelecida por Dionizio, *o Pequeno*, no anno 4714 do *periodo juliano;* de sorte que 1795 da *era vulgar*, são exactamente 1790 de Jesus Christo.

Quatro annos justos, depois que Cesar foi assassinado no senado (anno 4671 do *perriodo Juliano*, 711 da fundação de Roma e 38 antes de Jesus Christo) é que começa a *era hespanhola*.

Ainda durante a denominação arabe se continuou a contar na Peninsula pela *era de Cesar;* mas então, quando nas escripturas publicas figurava algum mouro, eram ellas ordinariameute datadas pelos annos da *heegira* (que, segundo a opinião mais seguida—pois tambem ha varias—como sobre o nascimento de Jesus Christo, principia a 15 de julho de 622 de Jesus Christo) e tambem muitas por ambas, isto é, pela de Cesar e pela hegira. Assim se vê em uma escriptura em que o mouro *Zuleiman-Iben-Giarah-Acciki*, vendeu ao abbade Dulcidio e seus frades (de Lorvão) uma grande fazenda em Villella, proximo a Coimbra, em maio de 1016 (978 de Jesus Christo e 356 da hegira.) Vide Botão.

Muitos d'estes exemplos nos offerecem as nossas *Chronicas*.

Os irlandezes, inglezes, allemães, italianos, chipriotas e outros, começaram o anno de Jesus Christo desde a sua *circumcisão* (1.º de janeiro) mas os hespanhoes tiveram diversos modos de contar o *anno christão*. Uns começavam no 1.º de janeiro, pelo que lhe chamavam *anno da circumcisão*, outros a 25 de dezembro, e lhe chamavam então *anno da graça*, outros a 25 de março e lhe chamavam *anno da paixão*, e em outras partes d'esta peninsula principiavam a contar de um qualquer dia notavel nos fastos do christianismo.

De uma escriptura original do convento de Arouca consta que alli se principiava a contar o anno a 25 de março. (Vide Moldes.)

—

Uma vez que tive de fallar na hegira, será bom advertir, aos que o ignorarem, que *Egira* ou *Hegira*, vem da palavra arabe *hajara*, que significa *deixar, desamparar, fugir*.

Os mahometanos contam a hegira desde o dia da fugida de Mafoma, da cidade de Medina (sua patria) para a de Mecca, perseguido pelos corachitas, seus parentes.

ERADA — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho da Covilhan, 54 kilometros da Guarda, 300 ao E de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O prior do Paúl apresentava o cura, que que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

ERALDO ou **HERALDO**—Antigamente era um official de guerra, que compunha e ordenava as armas da nobreza (brazões) genealogias e *provanças* dos nobres. Depois mudou-se-lhe o nome para rei-d'-armas. Vide *Heraldo*.

EREIRA —Vide Eireira.

ERICEIRA— villa, Extremadura, comarca e 18 kilometros ao N. de Cintra, 50 ao NO. de Lisboa, 870 fogos, 3:500 habitantes (quasi todos pescadores) concelho de Mafra.

Em 1757 tinha 353 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Está em 39.º 1' de latitude N. e 57' de longitude occidental.

Feira a 25 de julho, 3 dias.

Situada sobre um pequeno golfo, na costa do Atlantico, a 9 kilometros a O. de Mafra 40 ao S. de Peniche.

O seu nome provem-lhe de muitos ouriços do mar que ha na sua costa, aos quaes antigamente se chamava eyriço. Até as suas armas são um ouriço do mar, em campo de prata.

Mas no chafariz que fica ao S. da villa, e que foi construido no meiado do XV seculo, reconstruido em 1828, estão como armas da villa — um caranguejo em campo branco. (Talvez fosse ignorancia do canteiro fazendo um caranguejo em logar de um ouriço.)

Outros dizem que antigamente se dava o nome de eyriço ao carangueijo. Não me parece provavel.

Foi senhor d'esta villa, D. Antonio I, prior do Crato; porque o rei D. Manuel a tinha dado em 1513 a seu filho, o infante D. Luiz, e este a deu a seu filho natural, o dito D. Antonio.

—

D. fr. Fernão Rodrigues Monteiro, grão-mestre da Ordem d'Aviz, lhe deu foral em 1229, que D. Diniz confirmou em 1295, D. Manuel I lhe deu foral novo em Lisboa a 31 d'agosto de 1513. Tem ainda uma sentença do seu foral, de 10 de novembro de 1536.

O sr. J. de Vilhena Barbasa diz que D. Affonso IV lhe deu tambem foral em 1369; mas Franklim não falla n'este foral. Talvez que o sr. Villena Barbosa tenha razão; porque Franklim deixou escapar muitos foraes.

—

Foi praça d'armas maritima e tem um forte, hoje desguarnecido.

Este forte foi mandado construir por D. Pedro II, pelos annos de 1700. Está bem conservado.

A qui desembarcou, em 1589. D. Antonio I, com parte das tropas inglezas que lhe deu a rainha Isabel (desembarcando o resto em Peniche) para arrancar das garras do matreiro Philippe II o reino de Portugal, que este havia usurpado. Tendo porem D. Antonio feito um vergonhoso tratado com aquella rainha, pelo qual Portugal ficava sendo uma colonia ingleza, o povo (que sabia isto) não se moveu a favor d'este principe infeliz, que teve de abandonar a empreza. reembarcando em Cascaes, e não tornando a tentar fortuna, para recuperar a coroa.

—

Ainda que a Ericeira seja, como é, uma povoação muito antiga, não ha noticia da sua origem, nem tem vestigio algum d'antiguidades.

Posto que esta villa seja pequena, é muito aceiada, as ruas são muito bem calçadas, as casas muito bem caiadas e interiormente muito limpas.

É muito farta de generos alimenticios, optima fructa, excellente e muito peixe, e tudo barato. A agua é que não é lá muito boa, e a gente riea d'aqui, a manda buscar á Tapáda de Mafra (a 100 réis cada cantaro)

por ser a melhor d'estes sitios e superior á melhor de Cintra.

—

Tendo Philippe II sequestrado todos os bens de D. Antonio, passaram estes para a coroa; mas o usurpador, deu logo a Ericeira a Luiz Alvares d'Azevedo, de juro e herdade. Por morte d'este, veio a villa a pertencer a uma sua filha, religiosa do convento d'Odivellas, e a abbadeça vendeu este senhorio e a quinta e morgado de Mafra a D. Diogo de Menezes, por 8:000 crusados, com todas as suas rendas, direitos de peixe, etc.

Philippe IV fez D. Diogo, I conde da Ericeira, no primeiro de março de 1622.

—

Ainda n'esta villa existem as ruinas do palacio dos seus condes. (Julga-se ser obra do 3.º conde (D. Luiz) Nunca chegou a concluir-se.) Os condes da Ericeira lavaram bem a nódoa de acceitarem um titulo do usurpador, com os relevantes serviços que prestaram á sua patria nos reinados de D. João IV D. Affonso VI e D. Pedro II. O conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, foi um escriptor profundo e elegante e que grandes serviços prestou á sua patria com as suas estimadas e estimaveis publicações.

Os condes da Ericeira descendiam dos condes de Catanhede. Ambas estas casas estão hoje extinctas. D. Diogo, I conde d'aqui era mordomo-mór de Phillippe IV. Teve 4 irmãos, mortos ao lado de D. Sebastião, na desgraçada batalha d'Alcacerquibir. Casou com D. Isabel de Castro, filha d'Alvaro Pires d'Andrade, commendador de Torres Vedras.

O conde da Ericeira, tão conhecido na republica das letras, foi o terceiro deste titulo e era o seu nome D. Luiz de Menezes, general d'artilheria e veador de D. Pedro II. Dirigiu os negocios publicos com grande sabedoria e integridade, promovendo o desenvolvimento da industria e das artes, pelo que foi chamado o *Colbert* portuguez. É obra sua a historia de *Portugal Restaurado*, que descreve a guerra dos 27 annos (desde 1640 a 1668.) Escreveu mais diversas obras, muito estimadas no seu tempo.

Tinha o seu palacio (onde havia uma livraria preciosa de 18:000 volumes e manuscriptos d'immenso valor; mil collecções!!) na rua dos Condes. Suicidou-se atirando-se de uma janella d'este palacio ao jardim. O palacio, a rica bibliotheca e tudo quanto estava dentro foi devorado pelo fogo, com o terramoto de 1755. Sobre as suas ruinas está edificado o velho theatro chamado dos Condes.

Era este palacio, uma das mais sumptuosas residencias de Lisbôa. Foi edificado por Fernando Alvares de Andrade, em 1533.

O paço, officinas e cavallariças, occupavam todo o espaço que medeia entre a actual Rua dos Condes e o largo da Annunciada.

Distinguiu-se esta familia, em todos os tempos, pelo seu fausto e bom gosto; o que ainda hoje attestam os seus palacios, ainda que todos arruinados, e pela magnificencia passada de que dão testemunho as quintas que lhes são contiguas, etc.

Este palacio denominado da Annunciada tinha uma magnifica entrada, com grutas e fontes, e um jardim, no qual se admirava uma cascata, obra prima do celebre esculptor romano *Bernini*, e que constava não ter rival em toda a Peninsula.

Continha este palacio 120 casas, 10 pateos, jardins e hortas um museu com mais de 200 quadros, entre os quaes havia alguns de Ticiano, Corregio e Rubens. cartas hydraulicas, levantadas pelos primeiros descobridores das nossas conquistas.

A *Historia do Imperador Carlos V*, escripta por elle mesmo, era uma das obras notaveis que enriqueciam a livraria d'este palacio, assim como um livro (*Herbolario*) de todas as plantas e hervas, coloridas ao natural, que foi de Mathias Corvino, rei da Hungria.

Para a familia e armas dos Menezes, vide Cantanhêde.

—

A Ericeira assenta sobre uma elevada rocha, cortada a prumo, e minada na base pelas ondas, dominando um pequeno porto e uma extensão do Oceano.

Este porto é formado por um recomcavo quasi circular, todo guarnecido de rochedos, que vão diminuindo em grandeza até

deixar aberta uma estreita garganta, por onde entra o mar e as embarcações n'esta pequena bahia.

A estreiteza da barra (só accessivel a embarcações costeiras de pequeno lote) e a força com que aqui rebentam as vagas, tornam a entrada difficil.

Da villa desce uma calçada para o porto, sustentada do lado do mar por uma grossa muralha. O porto é frequentado por uns 100 barcos de pesca e de cabotagem, que são os principaes ramos d'industria em que se empregam quasi todos os habitantes da villa. É por isto abundante de peixe de varias qualidades, que exporta, fazendo grande commercio com o interior.

—

Os pescadores da Ericeira são ousados. Não se limitam a pescar ao longo da costa da Extremadura, vão tambem pescar ás costas de Marrocos e até modernamente teem feito varias expedições aos bancos da Terra Nova.

—

É notavel esta villa pelo extremo aceio das suas ruas e casas, que, sem excepção resplandecem d'alvura.

No chafariz chamado *Fonte do Cabo* está uma lapide embutida na parede, com uma inscripção que diz — *Feita na era de 1457, annos*.

A pouca distancia da villa ha uma *mina de kaolim*, que se tem explorado para as fabricas das Janellas Verdes, em Lisboa, e da Vista Alegre, a 9 kilometros ao SO. de Aveiro.

E' aqui o *pinhal dos frades*, assim chamado por ter sido do convento de Mafra.

A mitra apresentava o cura, que tinha 80$000 réis.

Tem uma unica parochia, da invocação de S. Pedro, muito antiga, mas que foi reedificada no seculo passado (pelos annos de 1740) concorrendo D. João V com uma avultada esmóla para esta obra.

Consta que antigamente a Ericeira era da freguezia de Mafra; mas em 1406 já era freguezia independente.

—

A Misericordia foi fundada em 1678 (onde já havia uma ermida do Espirito Santo) por Francisco Lopes Franco. Tem bons rendimentos.

—

Ha na villa varias capellas e boas casas. Na estação dos banhos de mar passa-se aqui optima e commodamente.

Os arrabaldes da villa são muito aridos e desprovidos d'arvoredo (como todos os terrenos da Extremadura, proximo da costa, e apenas aqui se cultivam cereaes e batatas.

—

Em 2 de abril de 1872 deu aqui á costa uma monstruosa baleia morta.

E' uma excellente praia de banhos, hoje muito em moda e muito concorrida por gente de Lisboa e outras terras, durante o verão.

O seu porto tem dois pharolins.

O tronco da familia dos condes da Ericeira foi D. Fernando de Menezes, o *Roxo*, pae de Henrique de Menezes, illustre vice-rei da India. Da edade de 27 annos succedeu no vice reinado ao immortal D. Vasco da Gama, e foi um dos mais bravos governadores da Asia portugueza. Morreu em Cananor, em 1526, contando apenas 30 annos de edade. Camões o immortalisou, no canto X dos *Lusiadas*.

ERIÚDO — levantado, erguido, posto a prumo. — «*por padrões certos que hi forom postos e eriudos.*» (Carta de D. Diniz, pela qual dá ao mosteiro de Tarouca a villa de Sande e outros bens pela terça parte da villa d'Aveiro, que até então era do dito mosteiro — 1306.) É portuguez antigo.

ERÍVO — Vide Irívo.

ERJAS — Vide Elgas.

ERMEEIDEVORO ou **ERMES** — era um deus adorado pelos aquiflavienses (antigos habitadores de Chaves.)

Vide Outeiro-Juzão.

ERMÊLLO ou **HERMELLO** — Traz-os-Montes, comarca e julgado de Villa Pouca de Aguiar, concelho de Mondim de Basto, 18 kilometros de Villa Real; situada na falda do Marão, 60 kilometros a NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 250 fogos, 1:000 almas.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Foi povoada por D. Sancho I, em 1195, e lhe deu foral em abril de 1196, confirmado por D. Affonso II, em Santarem, em março de 1218.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, em 3 de junho de 1514.

Era couto, até 1834, com 1:100 fogos, no couto, e tinha por seus donatarios os marquezes de Marialva. Este couto era composto de quatro freguezias.

O marquez de Marialva apresentava o abbade, que tinha um conto de réis de rendimento annual.

Tem uma boa mina de estanho, que se explora.

E' terra fertil. Muito gado e bom vinho.

Ermêllo é diminutivo de *êrmo* — o mesmo que *erminho, pequeno êrmo.*

Tambem ha o nome proprio francez *Ermel*. No *Passo de Calais* (França) ha a fortaleza chamada *Rocha de Santo Ermel.*

Ha ainda em França algumas egrejas e logares d'esta invocação.

ERMÊLLO — Vide Ancêde.

ERMELLO — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 35 kilometros ao ONO. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 115 fogos.

Em 1757 tinha 97 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O abbade de S. Pedro, do Valle, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

A egreja matriz e suas dependencias era um antigo convento de benedictinos, que consta ter sido fundado pela infanta D. Urraca, filha de D. Ordonho II, de Leão, pelos annos de 915.

D. Urraca, não querendo casar, se fez religiosa, para o que o pae lhe concedeu fundar um convento, promettendo dar-lhe todas as terras que d'elle avistasse. A filha escolheu o sitio elevado do Outeiro Maior; e vindo o pae para lançar a primeira pedra do mosteiro, e vendo que o territorio que d'aqui se avistava era uma grande parte de Portugal e Galliza, revogou a promessa.

Vejo então a infanta para Santar, e fundou o convento n'esta baixa, d'onde pouco se descobre; mas é um terreno fertil e saudavel, sendo aqui as fructas excellentes e muito temporans.

Não se sabe se na sua fundação foi só mosteiro de freiras bentas, se era *duplex* (dobrado) isto é, de ambos os sexos; mas é muito provavel que tivesse frades e freiras, como era uso n'aquelles tempos. O que é certo, é que, em 1109 era só de frades; pois que visitando este convento Gonçalo Annes, geral da ordem, mandou ao abbade, fr. Martim Vaz, que tirasse da egreja um retrato que alli havia, a quem o povo recorria nas suas tribulações e lhe fazia varias offertas, julgando que era a imagem de S. Bento, quando não era mais do que a do mestre das obras da egreja.

Tinha este retabulo a data da era de Cesar 666, que corresponde ao anno 628 de Christo.

> Ha aqui um grande anachronismo, na *Benedictina Lusitana.* Ou a data do painel foi copiada erradamente (o que é mais provavel) ou a egreja já existia havia quasi 300 annos antes da fundação do mosteiro. Todos sabem que D Ordonho II de Leão, reinou desde 910 até 923.
>
> Em 628, era rei de Leão Flavio Swintila, filho de Flavio Ricaredo I. Flavio Swintila reinou desde 621 até 631 e foi o 1.º rei godo de toda a Peninsula.
>
> Os povos (com ajuda do rei de França, Dagoberto) o expulsaram do throno, pelos seus ascorosos vicios, e foi morrer na Galliza, em 641, abandonado e despresado de todos.
>
> Succedeu-lhe Sesinando.
>
> Devemos pois suppôr que foi mal entendida ou erradamente copiada a data do tal retrato.

Em 1427, o arcebispo de Braga, D. Fer-

nando da Guerra, por breve de Martinho V, supprimiu este e outros muitos conventos do seu vasto arcebispado, uns pela sua pobreza, outros pela sua relaxação e a maior parte, para d'elles formar rendosas commendas, e boas abbadias seculares. O d'Ermêllo teve esta ultima sorte.

D. João I, que então reinava, consentiu n'estas suppressões, combinando com o arcebispo, em ter parte dos despojos dos mosteiros supprimidos; dando o que recebeu, em premio de serviços, aos fidalgos que o elevaram e sustentaram no throno, ou sob o titulo de *padroeiros das egrejas*, ou de *commendatarios*.

Ou porque o donatario d'Ermêllo assim o decidisse, ou por qualquer outro motivo, hoje desconhecido, ainda aqui tornou a haver convento de monges benedictinos, pois que em 1515, se fez divisão d'este beneficio, estando então o mosteiro occupado pelos religiosos d'esta ordem.

Um grande incendio devorou o cartorio, e sobre duvidas que tiveram os monges com os fidalgos da casa de Britêllo, estes afogaram um frade, e os mais, temendo a mesma sorte, abandonaram o convento, que tinha boas rendas.

Este mosteiro apresentava as egrejas de Suajo, Britêllo e metade da Vella, que era annexa a Britêllo.

Tinha tambem muitos *fóros sabidos*, a cujo pagamento se foram pouco a pouco eximindo as foreiros, vindo por fim a reduzir-se a bem poucas estas rendas.

Nunca mais foi este mosteiro habitado, e se foi desmantellando, a ponto de existirem d'elle hoje apenas tenues vestigios.

Tinham tambem os frades um *caneiro*, no rio, em que pescavam salmões, lampreias e outros peixes. É actualmente da casa de Britêllo.

D. Manuel diminuiu este mosteiro, annexando-o ao Valle: tirou-lhe o padroado de Suajo, e deu Britêllo aos senhores da Barca.

Houve aqui fabricas de excellente têlha.

Para a etymologia, vide o primeiro Ermêllo.

ERMIDA (DE PANOYAS)—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Real, 83 kilometros a NE. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Orago Santa Comba.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Houve aqui um convento de eremitães, em frente do Lobrigos, que em 1135 adoptou a regra de S. Bento. Foi principiado pelo padre *Jeremias* e por *Gonçalo Delgado*, dando-lhe um tal *Mendo* e seus filhos e parentes, para isso, a sua capella de *Santa Comba*, sobre a esquerda do rio *Córrago* (Córgo) em 1133.

Era convento pobre, pois pouco mais tinha do que o terreno em redor d'elle, que D. Affonso Henriques lhe coutou e doou em 24 de abril de 1139.

Na doação do couto diz o principe: «*et* «*inde pergit per illum carreirum vetus de illa Cumieira, et inde pergit per illum palacium franciscum... usque in pelago Godim*, etc. (Vide Francisco.)

Parece que esteve algum tempo unido a S. João, de Tarouca; mas em 1275 já aqui havia frades bentos independentes de Tarouca. Por fim, (parece que no principio do seculo XIV) se uniu ao convento de Refoyos de Basto.

Esta freguezia é na *terra de Panoyas* (Vide Cira.)

A camara ecclesiastica de Braga apresentava o vigario, collado, que tinha 90$000 réis.

É terra fertil. Produz bom vinho.

ERMIDA — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Certan, 65 kilometros do Crato, 190 a SE. de Lisboa, 80 fogos.

Orago Nossa Senhora da Esperança.

Era uma das freguezias do grão-priorado do Crato, e por isso está hoje annexa ao patriarchado. E' no districto administrativo de Castello Branco. E' terra fertil.

Não vem esta freguezia no *Portugal Sacro e Profano.*

ERMIDA—pequena villa, Douro, na freguezia de Ilhavo, 7 kilometros ao S. de Aveiro, 45 ao NO. de Coimbra, 60 ao S. do Porto, 252 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Feira a 13 de cada mez.

Era couto com juiz ordinario e seu escrivão, dois vereadores e um meirinho.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 8 de junho de 1514.

E' terra bonita e fertil, e proximo da ria d'Aveiro. Muito abundante de peixe.

ERMIDA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes; está hoje annexa á freguezia de Valle de Janeiro, na mesma comarca e concelho, no bispado e districto administrativo de Bragança. (Vide *Valle de Janeiro.*)

ERMIDA — freguezia, Minho, concelho da Ponte da Barca, comarca dos Arcos de Valle de Vez. Foi antigamente do concelho de Aboim da Nóbrega, comarca de Pico de Regalados, 40 kilometros ao NO. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 25 fogos.

Em 1757 tinha 26 fogos.

Orago S. Silvestre, papa.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O abbade de S. Miguel d'Entre Ambos os Rios (do Minho) apresentava o vigario, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

ERMIDA DO DOURO — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Sinfães, proximo da esquerda do Douro, 30 kilometros a O. de Lamego, 315 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 61 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Esta freguezia está annexa á de S. Miguel d'Oliveira do Douro.

É terra muito fertil. Produz optimo vinho verde.

Foi primeiro da comarca de Lamego, concelho de Ferreiros de Tendaes; depois passou este concelho para a comarca de Rezende, e, finalmente, sendo dissolvido em 1855, é hoje da comarca e concelho de Sinfães.

O papa e o conde-almirante de Portugal (conde de Rézende) apresentavam (por turno) o abbade, que tinha de rendimento 450$000 réis. O titulo d'abbadia passou para a freguezia de Oliveira do Douro.

Do foral novo de Ferreiros de Tendaes consta que a egreja da Ermida foi convento (de frades bentos) em tempos remotos. (Vide *Ferreiros de Tendaes.*)

ERMIDA DO PAIVA — villa, Beira-Alta, comarca e concelho de Castro Daire, 355 kilometros ao O. de Lamego, 325 ao NN. de Lisboa, 150 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

E' terra fertil.

Foi couto com juiz ordinario, camara, escrivães, etc.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 8 de julho de 1514. (*Liv. de foraes novos da Beira*, fl. 97 v. col. 2.ª) Veja-se a inquirição para este foral no masso unico de Inquirições, no armario 17, n.º 18.)

ERMINIO — Vide Herminio.

ERÓ — (portuguez antigo) campo, herdade ou qualquer propriedade dividida por marcos. Leira.

ÉRRA ou VILLA NOVA DA ÉRRA — villa, Extremadura, comarca de Benavente, concelho e 6 kilometros a O. de Coruche, 95 kilometros ao SE. de Lisboa, 24 ao O. de Móra, 35 ao SE. de Santarem, 150 fogos.

Em 1757 tinha 205 fogos.

Orago S. Matheus, evangelista.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

Situada em alto, banhada, pelo O., por uma ribeira do seu nome, e pelo S. pela ribeira *Sorraya.*

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 10 de julho de 1514.

Tem vastos e fertilissimos campos.

Teve um convento de frades terceiros franciscanos, que se fundou em 1582, com esmolas do povo e grandes donativos do conde da Atalaya (marquez de Tancos), que apresentava o prior collado, que tinha de rendimento 600$000 réis. Houve tambem aqui o curato de Santa Justa, apresentado pelo prior da villa, que se uniu á freguezia.

Dá-se-lhe geralmente a denominação de *Villa Nova da Érra.*

ERVAS TENRAS ou HERVAS TENRAS — freguezia, Beira Baixa, comarca de Celorico da Beira, concelho de Alverca até 1855; e desde então comarca e concelho de Pi-

nhel; 70 kilometros ao SE. de Viseu, 330 ao E. de Lisboa, 45 fogos.

Em 1757 tinha 62 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O reitor de Santo André, de Pinhel, apresentava o cura, que tinha 45$000 réis.

ERVEDAL—villa, Alemtejo, comarca da Fronteira, concelho de Aviz, 45 kilometros ao N. de Evora, 142 ao SE. de Lisboa, 160 fogos, 600 almas.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago S. Barnabé.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Portalegre.

É terra fertil, situada proximo do pequeno rio do seu nome, que se mette no *Zetas*.

Miguel Leitão de Andrade diz que ha aqui uma fonte que converte em pedra tudo quanto se lhe lance dentro. (?)

Foi couto com juiz ordinario e camara.

(Todas as povoações com este nome e com o de *Ervedêdo*, *Ervedeira*, *Ervedosa*, *Ervidel* e *Ervões* tem a mesma etymologia—significa «logar abundante de herva».

O seu foral é o de Aviz, dado por D. Manuel, em Santarem, no 1.º de janeiro de 1512. Comprehende o foral as terras seguintes—*Benavilla*, *Ervedal*, *Galveias*, *Granja* e *Valle de Mós*. (Vide Aviz.)

A mesa da consciencia apresentava o prior (por ser a freguezia commenda da ordem de Aviz) e tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada e 20$000 réis em dinheiro. O parocho era freire da referida ordem.

ERVEDAL — villa, Douro, comarca da Tábua, concelho de Oliveira do Hospital (foi antigamente da comarca de Gouveia), 60 kilometros de Coimbra, 240 ao NE. de Lisboa, 640 fogos, 2:500 almas.

Em 1757 tinha 292 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis de rendimento.

É povoação muito antiga, pois já em agosto de 1193 era villa, e a deu D. Dulce, mulher de D. Sancho I, aos frades cruzios do convento de Cêa. Tinha a rainha comprado o senhorio d'esta villa a Gonçalo Carneiro e seus irmãos por cem *morabitinos* (cada morabitino valia 500 réis). Vide Cêa, no fim.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, no principio do seculo XVI, mas Franklin, que o menciona, não declara a data.

É de suppor que fosse em 1514, pois foi n'esse anno que se expediram os foraes para as outras terras de que era (como d'esta) senhor o convento de Santa Cruz de Coimbra. Está na Torre do Tombo, no Livro de foraes novos da Beira, a fl. 19 v. col. 1.ª

Foi couto e tinha justiça e camara proprias. O couto tinha 1420 fogos.

ERVEDEDO—villa, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 90 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 270 fogos, 1:050 almas.

Em 1757 tinha 173 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A mitra apresentava o reitor, collado, que tinha 200$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

Era antigamente couto, com 1:300 fogos. Tinha então juiz ordinario, camara, escrivães, etc.

Situada na raia de Hespanha. Tem um castello, que se diz feito por D. Diniz, mas está arruinado. Parece que foi de alguma importancia, pois teve alcaide-mór. No seu ambito estão edificadas varias casas de habitação.

Foi *couto do reino* ou de *homisiados*.

ERVEDEIRA—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Fronteira, 54 kilometros d'Evora, 175 ao E. de Lisboa.

Em 1757 tinha 68 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

A Mesa da Consciencia apresentava o cura, que tinha 40$000 réis.

Já não existe esta freguezia.

ERVEDOSA — villa, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho da Torre de

Dona Chama, até 1855, e desde então comarca e concelho de Vinhaes, 70 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Foi couto, com justiça e camara proprias. D. Diniz lhe deu foral, em Santo Thyrso, a 5 de julho de 1288. D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 22 de julho de 1514.

O foral de D. Diniz, diz que é *para 20 pobradores* (povoadores) *da sua pobra d'Ervedosa, com seus termos, a saber, como parte com Verêa Velha, que se vêem de Penas Juntãs.* (Documento da camara de Bragança).

O abbade de Penas Juntas apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil. O seu couto tinha 1:300 fogos.

ERVEDOSA DO DOURO—villa, Beira Alta, comarca e concelho da Pesqueira, 35 kilometros de Lamego, 355 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Orago S. Vicente Ferreira.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Foi couto, com justiça e camara proprias.

É terra fertil.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro e Profano.*

No sitio da Furada (ou Aforada) desta freguezia, ha uma mina de chumbo, registada pelos srs. Maximiliano Schreck e Joaquim Teixeira de Macedo. Em 20 de novembro de 1873, lhes foi concedida provisoriamente.

No mesmo dia, mez e anno foi concedida provisoriamente ao dito sr. Schreck e aos srs. Daniel Mauricio Kamp e Joaquim de Macedo, a mina de estanho de Roriz, na mesma freguezia.

ERVEDOSA ou **ERVEDOSINHA** e **VIEIRO**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel, 60 kilometros de Lamego, 340 ao NE. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

É terra fertil.

O reitor d'Azêvo apresentava o cura de Ervedosinha, que tinha 2$600 réis de congrua e o pé d'altar.

Antigamente dava-se a esta freguezia o nome de *Ervedosinha*, mas hoje, em todos os papeis se chama *Ervedosa*.

Tem annexa a freguezia de *Vieiro*. Esta freguezia em 1757 tinha 50 visinhos. O seu orago era S. Vicente, martyr. Era tambem o reitor de Azêvo que aqui apresentava o cura, que tinha 30$000 réis.

ERVEDOSINHA e **VIEIRO**—(annexas). Vide Ervedosa ou Ervedosinha.

ERVIDEL—freguezia, Alemtejo, concelho de Aljustrel, comarca de Béja, 65 kilometros d'Evora, 125 ao S. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1757 tinha 140 fogos.

Orago S. Julião.

Bispado e districto administrativo de Beja.

No sitio do *Moinho dos Pinheiros*, herdade da *Margaridinha*, ha uma mina de manganez.

(Ha grande abundancia de minas de manganez em todo o districto de Beja.)

É terra fertil.

A mitra apresentava o cura, que tinha 210 alqueires de trigo e 60 de cevada.

ERVÕES ou **HERVÕES**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chaves, concelho de Valle Paços, 80 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 220 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

É fertil. Muito gado.

O commendador de Malta apresentava o reitor, que tinha 180$000 réis.

Esta freguezia era uma commenda da Ordem de Malta, pelo que tinha os grandes privilegios que lhe dava a ordem.

ESCABRALHADO—vide Aldeia da Ribeira. *Escabralhado* era uma antiga freguezia, que, por pequena, foi ha muitos annos annexada a Aldeia da Ribeira e ambas apenas formam hoje uma pequena freguezia.

ESCALHÃO—villa, Beira Baixa, comarca e 25 kilometros ao NO. de Pinhel, concelho

de Figueira de Castello Rodrigo, 354 kilometros ao N. de Lisboa, 500 fogos, 1:700 almas.

Em 1757 tinha 420 fogos.

Orago Nossa Senhora dos Anjos.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Foi concelho, com justiça e camara proprias. Foi D. João IV que a fez villa e lhe deu foral, em 1650. Franklim não traz este foral.

Situada em planicie, na margem esquerda do rio Douro. É n'esta freguezia a povoação da Barca d'Alva. Vide esta palavra.

Tem um castello em ruinas, que se diz fundado por D. Diniz, pelos annos de 1310.

Nos limites d'esta freguezia, em um sitio chamado S. Martinho, se mette no rio Douro, o rio Agueda, que correndo de N. a S. divide Portugal de Hespanha.

Ha n'esta freguezia um antigo costume, qual é—para se facilitar o parto que se julga difficil, vão sete Marias, todas virgens, dar cada uma sua badalada no sino da freguezia, para que as pessoas que as ouvem rezem sete *Ave Marias*, implorando a Nossa Senhora a felicidade do parto.

O papa e o bispo, apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 40$000 réis de rendimento.

ESCALLOS DE BAIXO—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 10 kilometros a E. de Castello Branco, 70 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago S. Silvestre, papa.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

A Mesa da Consciencia apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis.

É terra fertil.

Muito proximo d'esta freguezia passa a estrada de 2.ª ordem, que deve ligar Portugal com Hespanha pela fronteira de Salvaterra. Seguindo esta estrada encontra-se, a 8 kilometros de Escallos, a ponte da Moinhéca sobre o rio Ponsul. Esta ponte tomou o nome do sitio onde foi feita, que em termo chulo significava moinho de pouca importancia; e com effeito, encontra-se, um pouco acima da ponte, uma insignificante azenha a que dão o nome de Moinhéca.

A ponte, feita sob a direcção do actual director das obras publicas d'este districto, o sr. Fidié, está solida e elegantemente construida, sobre tres arcos eguaes, de volta inteira, tendo 14^m,0 de abertura e 7^m,10 de largura entre as faces exteriores dos parapeitos. A altura é de 24^m,0 desde o nivel da sapata do pilar mais alto, até ao nivel do passeio. É toda construida de cantaria, de granito fino, em fiadas eguaes de 0,50 de altura. Está assente toda em schisto rijo, que fórma o alveo do rio.

Na granja chamada de S. Luiz, que fica 3 kilometros a SE. d'esta freguezia, existe uma fonte de agua sulphurica, muito acreditada para certas molestias cutaneas. Um pouco mais ao S. e a egual distancia de Escallos, no monte chamado de Brito, encontram-se sepulturas mouriscas cavadas em rocha, algumas quadrilongas, em fórma de pias, outras apresentando á vista o feitio de um cadaver, isto é, com córtes proprios para a cabeça, tronco e resto do corpo.

Possue esta povoação um chafariz de boa e abundante nascente, o qual fica á vista da estrada de que já fallámos. O chafariz, cujo manancial passa por ser o mais abundante que existe por estes sitios, está em terras que pertenceram á casa do infantado, mas segundo uma tosca inscripção, que tem, foi feito a expensas do povo da freguezia.

ESCALLOS DE CIMA—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 13 kilometros a NE. de Castello Branco, 80 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

A Mesa da Consciencia apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis.

É terra fertil.

Por esta povoação passa a estrada de 2.ª ordem, que conduz a Penamacôr. Parece ter sido por aqui uma via militar romana; porque se acharam nas proximidades da povoação dois marcos milliares, um dos quaes, actualmente propriedade do sr. Joaquim Ma-

nuel, terá um metro de altura por dois decimetros de largura, e tem a seguinte inscripção:

IOVI.° M.
C°NSERV
AT°RI. IUL.
E.V.R.R.VS.°
M.GE. INI.
A.UCDLXX

É de cantaria.

A 5 kilometros d'Escallos, e seguindo a estrada de que já fallámos, encontra-se sobre a ribeira d'Alpreade a ponte de S. Gião: é, apesar de antiga, solidamente construida, e tanto que foi toda aproveitada pelas obras publicas, e póde bem ser que esta fosse feita sobre os fundamentos de alguma outra ponte mais antiga, a qual pertencesse á supradita via romana.

ESCAMARÃO—pequena villa, Beira Alta, na freguezia de Souzêllo, comarca, concelho e 18 kilometros a O. de Sinfães, 48 ao O. de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 36 fogos.

Orago Nossa Senhora da Natividade.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Situada sobre a margem esquerda do Douro, a 40 kilometros a E. do Porto, proximo do confluente do Paiva, e na extremidade occidental da provincia da Beira Alta. Era do concelho de S. Fins, comarca de Rezende. Sendo supprimido este concelho por decreto de 24 de outubro de 1855, e creada a comarca de Sinfães, foram todas as freguezias que formavam aquelle encorporadas n'esta.

Posto que o terreno d'esta freguezia seja bastante montuoso, é muito fertil em cereaes e legumes e produz muito bom vinho verde.

Ha aqui uma grande feira a 29 de setembro.

É povoação antiquissima, pois já em 1132 era couto, que D. Affonso Henriques doou ao convento d'Alpendurada (vide esta palavra.)

O primeiro nome que tinha esta povoação era Villa Mean. Vide Couto do Paiva.

Ainda hoje existe uma povoação chamada Villa Mean. É junto á margem direita do rio Paiva, na mesma freguezia de Souzêllo e não muito distante do Couto e do Escamarão. É provavel que este couto fosse creado por D. Thereza, ahi por 1123 ou 1124, e que comprehendesse Villa Mean, talvez a povoação de Villela, Couto, Varzea e Escamarão, que tudo fica proximo; ficando Varzea, Villela e Couto entre Villa Mean e Escamarão.

Esta freguezia está desde o fim do seculo passado, ou principio d'este, annexa á de Souzêllo.

O D. abbade do mosteiro benedictino de S. João d'Alpendurada, apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis.

Offerecem-se-me bastantes duvidas sobre esta freguezia e a de Souzêllo, ambas antiquissimas, pois é provavel que já existissem no tempo dos godos, e certo que já eram freguezias no X seculo, como consta de varios documentos do cartorio d'Alpendurada, cujo mosteiro era senhor donatario d'estas duas freguezias.

Vejo nos papeis antigos *couto do Escamarão—couto de Souzêllo e couto de Villa-Mean.* Vejo que a uma aldeia (a maior e melhor) da freguezia de Souzêllo, se dá o mome de Couto, e teve casa da camara e pelourinho, de que hoje não ha vestigios, mas apenas a tradição.

Dizem as Doações d'Alpendurada que o primeiro nome do Escamarão foi Villa-Mean; mas para augmentar a confusão, ao S. e a distancia de uns dois kilometros da aldeia do Couto, ha o logar chamado Villa-Mean, onde é tradição que houve um convento de freiras bentas, cujo edificio e cêrca constituem, ha seculos, uma quinta, com sua capella, que é hoje do sr. Francisco Brandão de Mello Guedes, do Porto, neto do sr. marquez de Terena.

Diz-se que a actual capella d'esta quinta era a egreja do antigo mosteiro, e tambem se diz que a egreja foi destruida pelos arabes, e que só se reedificou a capella-mór, que é o que ainda existe, reduzida a capella.

Note-se que a aldeia do Couto fica no centro, entre o Escamarão e Villa Mean.

Depois de muito examinar tudo quanto me podia elucidar sobre o que á primeira vista parecem trez coutos destinctos, vim a tirar a conclusão de que Souzêllo, Escama-

rão e Villa-Mean, não formavam mais do que um só couto, tendo por cabeça a aldeia do Couto.

Os monges d'Alpendurada (que tinham o seu mosteiro perto e em frente do Escamarão e Souzéllo, mas na margem direita do Douro) escreviam de uma cousa muito sabida por elles e por todos os povos d'aqui, pelo que escreviam com o laconismo de quem trata de objecto geralmente sabido.

Hoje este laconismo embaraça o que quer deslindar isto.

Como os 3 logares da duvida eram todos na freguezia de Souzéllo, escreviam indistinctamente couto de Souzéllo, couto do Escamarão (que era o que lhes ficava mais perto) e couto de Villa-Mean, por ahi haver um convento da sua ordem.

Isto, que parece verosimil, não é todavia positivo; porque D. Thereza, regente na menoridade de seu filho, D. Affonso I, coutou a freguezia do Escamarão (que Viterbo diz chamar-se primeiro Villa-Mean, no que me parece que ha engano) e tambem coutou Souzêllo. Haveria então dois coutos? Talvez; mas é presumivel que os frades os unissem depois, porque não ha memorias escriptas, nem a minima tradição (que me conste) por onde se prove incontestavelmente a existencia simultanea de trez coutos dentro da mesma freguezia, e em um espaço de terreno tão limitado.

Tambem podia ser que a rainha D. Thereza coutasse o convento de Villa-Mean; mas sómente o edificio do mosteiro e respectiva cêrca; e, se esta circumstancia se deu fez augmentar a confusão.

Finalmente, a minha opinião é que o logar do Couto, era onde residiam as auctoridades do couto, que comprehendia toda a freguezia de Souzêllo.

Isto porem não passa de uma supposição, que não assevero; deixando o caso para ser deslindado por pessoa mais competente, ou que possa conseguir documentos mais explicitos.

—

A feira do S. Miguel, no Escamarão, dura desde a vespera do dia do Santo, até ao fim do mez de setembro. Faz-se em um pequeno areial, junto á capella de S. Miguel, e pouco abaixo do caes de Fontellas.

(Não se confunda com outro caes do mesmo nome, em frente de Penajoia, na margem direita do Douro. Este é 48 kilometros mais a cima, na provincia de Traz-os-Montes.)

No dia 29 é a maior concorrencia á feira por ser então a festa e romaria do Santo archanjo.

Concorrem á feira povos de muito longe, que aqui vem comprar e vender variadissimos generos: vindo até bastantes negociantes hespanhoes.

Do Porto, Régua, Lamego, Viseu, Castello de Paiva, Castro Daire, Arouca, Gondomar, etc, vem ourives, botiquineiros, doceiros, chapelleiros, tamanqueiros e grande numero d'outros industriaes, aqui vender os seus artefactos. Tambem se vende aqui muito gado bovino e suino.

É uma cousa deleitosa e pittoresca ver descer dos alcantis eminentis ao areal da feira, ondas de povo, de todas as classes, sexos e costumes; não se concebendo como pode tudo caber em tão acanhado terreno, a não ter o dom da compressibilidade.

O mesmo panorama offerece a margem opposta (direita) do mesmo modo alcantilada, desde o convento d'Alpendurada até ao rio.

E toda esta multidão se amontôa e referve no pequeno areial do Escamarão.

Rarissimos annos deixa d'haver aqui, então, grandes desordens, contra as quaes a policia administrativa é impotente; pelo que todos os annos vem um forte destacamento de 1.ª linha, da guarnição de Lamego, fazer policia da feira; mas devemos confessar que os soldados apenas impoem um respeito mediocre e quasi nunca, apesar das bayonetas, deixam de haver cabeças rachadas, e pernas, braços e costellas mais ou menos trituradas.

Antigamente, por varias vezes chegaram mesmo a haver mortes.

—

ESCANÇÃO ou **ESCANSOM** — portuguez antigo — nome que no principio da monarchia portugueza se dava aos copeiros-móres dos reis. O seu officio era darem de beber ao rei na occasião em que comia em publico.

Ainda no reinado do nosso terceiro rei (D. Affonso II) havia escanções, pois em uma escriptura de doação, feita a mestre Vicente, deão de Lisboa, em Santarem, a 15 de agosto de 1222, se lhe dá o titulo de escansom.

Fr. Antonio Brandão (Monarchia Lusitana) diz.—«Escanção era o que lançava o vinho na cópa, ao rei»

Parece que o primeiro escanção que houve em Portugal, feito por D. Affonso Henriques, foi Fernão Peres, cavalleiro muito nobre e respeitavel d'aquella época.

Ignora-se desde que tempo se principiou a dar ao escanção o titulo de copeiro-mór; o que é certo, é que o primeiro assim designado, cujo nome se acha em documentos coevos, foi Fernão Gonçalves Cogominho, copeiro-mór de D. Affonso IV. segundo se vê na Chronica de Duarte Nunes de Leão.

Alguns escriptores tambem mencionam, como copeiro-mór d'este monarcha, Péro Esteves.

O emprego de copeiro-mór, veio a conferir-se (desde o ephemero reinado do cardeal rei) ao primogenito da nobilisima familia dos Souzas Menezes. O primeiro copeiro-mór desta casa, foi Francisco de Souza de Menezes, alcaide-mór da Guarda, em 26 de janeiro de 1580. Foi tambem copeiro-mór dos usurpadores Philippe II e III. Seu neto, Martim de Sousa de Menezes, foi copeiro mór de Philippe IV D. João IV e D. Affonso VI.

Estes Souzas e Menezes, foram depois condes de Villa-Flor, porque morrendo, sem filhos legitimos, o segundo conde d'este titulo, D. Christovão Manuel (filho do famosissimo D. Sancho Manuel, I conde de Villa-Flor) herdou o condado, seu sobrinho Martim de Souza de Menezes.

ESCAPÃES—freguezia, Douro, comarca, concelho e 4 kilometros a E da Feira, 30 ao S. do Porto, 12 a NO, d'Oliveira d'Azemeis, 280 ao N. de Lisboa, 120 fogos. Em 1757 tinha 100 fogos. Orago S. Martinho, bispo.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

Situado em terreno accidentado, fertil em cereaes, legumes e vinho verde, muitos pinhaes e arvoredos silvestres.

Cria muito gado bovino. É atravesada pela estrada real de Lisboa para o Norte. Passa aqui um ribeiro do seu nome. Tem uma capella de Nossa Senhora das Necessidades, onde se faz uma romaria todos os annos.

Antigamente chamava-se Escopaaes. Era do mosteiro de cruzios, de Grijó.

O ordinario, por corcurso synodal, apresentava o abbade que tinha 240$000 réis de rendimento.

ESCARIGO ou **ESCARRIGO** — freguezia, Beira-Baixa, comarca, e concelho do Fundão, 35 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Foi villa, feita por D. Diniz, que lhe deu foral, na Covilhan, em 13 de setembro de 1296.

Tinha camara e justiça proprias. É povoação muito antiga. Foi por varias vezes destruida com as guerras do principio da monarchia, e apesar das diligencias empregadas por D. Diniz, dando-lhe foros e privilegios, não se pôde conseguir um satisfatorio desenvolvimento.

O foral da-lhe o nome d'*Escarrigo.*

Escarrigo é nome proprio d'homem.

O commendador de Malta, da Covilhan (por esta freguezia ser commenda da ordem) apresentava o cura, que tinha 20$000 réis e o pé d'altar.

ESCARIGO — freguezia, Beira-Baixa, comarca de Pinhel, concelho da Figueira de Castello Rodrigo, 24 kilometros de Pinhel, 355 ao E de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O ordinario, por concurso, apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis.

ESCARIZ — aldeia, Traz-os-Montes, freguezia de Villarinho de Samardan, comarca e concelho de Villa-Real, 90 kilometros a NE de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Arcebispado de Braga e districto administrativo de Villa-Real.

É terra fertil.

Aqui foi creado e passou adolescencia (em casa de uma sua tia materna) o sr. Camillo Castello Branco, o primeiro romancista da actualidade, bem conhecido, pelos primores do seu estylo e privilegiado engenho.) Tem publicado grande numero de romances, de incontestavel merecimento. Vide Lisboa, no lugar competente.

ESCARIZ — freguezia, Douro, comarca, concelho e 20 kilometros ao O, d'Arouca, 30 ao S. do Porto, 10 ao NE d'Oliveira d'Azemeis, 12 ao SE da Feira, 100 SE de Fermedo, 280 ao N, de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 200 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

Situada em terreno accidentado, mas fertilissimo em cereaes, legumes, hortaliças e vinho (muito verde.)

Cria muito gado e colmeias. Exporta grande quantidade de todos estes generos e grande porção d'optima manteiga de vacca.

É uma rica freguezia, quasi exclusivamente composta de lavradores.

É abundante de lenhas, principalmente de pinhero. Tem caça.

Produz e exporta madeira. É muito abundante d'aguas e aqui nasce o rio Inha, que desagua na esquerda do Douro, no sitio da Foz do Inha, 1 kilometro abaixo de Pé de Moura, e 23 ao E do Porto. É ainda regada por alguns pequenos regatos que se juntam ao Inha.

É esta freguezia povoada de tempos immemoriaes, havendo aqui vestigios incontestaveis dos celtas, isto é, varias *mâmoas*, em um plató da serra de Vér. Pouco distantes d'estas *màmoas* estão as do monte Curuto (vulgarmente Cruto) mas já em terreno da freguezia de Fermêdo. (Vide Cruto.)

Dos pontos elevados da freguezia, se vê uma vasta extensão do Oceano, que fica 18 kilometros a O.; a cidade do Porto e muitas freguezias e serras.

A egreja matriz (Santo André, apostolo) é antiquisssima. As paredes são feitas de alvenaria, mas forradas exteriormente de pedras quadradas de cantaria de 0m,15 de grossura, o que as faz parecer de robusta cantaria. Estava isto tão bem feito que só se deu fé d'este *fôrro*, quando em 1844 a parede, isto é, o *fôrro externo*, da parede do S., ganhou uma pequena barriga.

Quando por estas terras se quer dizer que uma obra de pedreiro está bem construida, diz-se: «Está segura como a egreja d'Escariz». Supponho que este dito foi nos seus principios uma ironía, mas, com o andar dos tempos, vendo o povo a apparente robustez das paredes, empregou-o sériamente. Entretanto, apesar da manifesta antiguidade d'esta egreja, está perfeitamente bem conservada.

Tem uma *via sacra*, toda de boas cruzes de granito (que o ha em abundancia e optimo por aqui) que termina no logar mesmo chamado do Calvario.

Ha n'esta freguezia as capellas de S. Miguel, archanjo, em Vér, e a de S. Pedro, em Nabaes.

A abbadessa do mosteiro de S. Bento de Ave Maria, da cidade do Porto, apresentava o reitor, que tinha 80$000 réis, um soffrivel passal e boa residencia.

Eram donatarias d'Escariz as freiras do referido mosteiro, que colhiam os dizimos. Ainda existe, junto á egreja, uma grande casa, que era a tulha d'ellas, em bom estado.

Houve aqui, até ao meiado do seculo XV, um mosteiro de monjas benedictinas, cuja egreja é a actual matriz. Era muito antigo, mas não se sabe por quem, nem quando foi fundado. A actual *casa da tulha* e um edificio que está junto e ao S. da egreja, tudo de cantaria (a tulha ainda muito bem conservada e o tal edificio, ainda com paredes sólidas, mas ha mais de 60 annos destelhado e sem portas nem janellas de madeira) era o antigo mosteiro. Este passou ao arcediagado do Porto, que era padroeiro do mosteiro. Quando se supprimiu este convento, foram as freiras d'elle unir-se ás da mesma ordem, da Ave Maria, do Porto, ao qual desde então ficaram pertencendo as rendas do convento supprimido. A cêrca, mattos e campos d'este mosteiro, foram emprasados

e são hoje possuidos por varios particulares. O hospicio dos frades da mesma ordem, que aqui habitavam, para os Sacramentos e officios divinos, é a actual residencia do parocho, e um campo e matto, são os actuaes passaes.

Ao E. da freguezia fica a serra do Castêllo, onde teem apparecido vestigios dos romanos. (Vide Castêllo.)

Escariz era uma das oito freguezias do antigo concelho de Fermêdo, que foi supprimido pelo decreto da regencia, de 24 de outubro de 1855. *Para commodidade dos povos*, transferiram esta freguezia para o concelho de Arouca, que, como já disse, fica a distancia de 20 kilometros, quando a capital do extincto, ficava a 1. De mais a mais esses 20 kilometros tem de andar-se por barrancos e barrocas, sempre com o credo na boca e em risco de esmagar os ossos, porque não ha estrada, e ainda ha poucos annos nem pontes havia em varios ribeiros, que no inverno eram invadeaveis.

ESCARIZ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde, desde 1855; 12 kilometros a NO. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 90 fogos. Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Maméde.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi da comarca de Pico de Regalados, concelho de Penella.

A mitra apresentava o abbade, por concurso synodal; tinha 280$000 réis.

É terra muito fertil. Muito gado e caça.

Tinha 20 fogos na freguezia, da Alheira, em Barcellos, e 30 na aldeia de Fébros, da freguezia da Lage.

ESCARIZ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde, 12 kilometros de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757, esta freguezia e a antecedente formavam uma só.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É tambem terra muito fertil e cria muito gado e caça.

ESCOIRAL ou **ESCOURAL** ou **ESCURIAL**—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Monte-Môr-Novo, 24 kilometros d'Evora, 95 ao E. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 242 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Na *Casa Branca*, d'esta freguezia, é a 12.ª estação do caminho de ferro de Leste (Entroncamento.)

A mitra apresentava o cura, que tinha 420 alqueires de trigo e 270 de cevada.

N'esta freguezia são as grandes minas de optimo ferro, na Serra dos Monges. (Vide Monges.)

ESCRIVÃO DA PURIDADE—O individuo que antigamente exercia este cargo, era a reputado o ministro principal do rei, cujas chancellas tinha a seu cargo para os despachos de graças e mercês.

(Era um emprego tão eminente e quasi com as mesmas attribuições do lord *guarda-sêllos*, na Gran-Bretanha.)

Tinha este logar grandes honras e preeminencias: era muito antigo em Portugal, pois já existia no reinado de D. Affonso II, sendo então *escrivão da puridade*, Mafaldo de Béja, que está sepultado na egreja de S. João, em Beja, e cujo epitaphio lhe dá o titulo de *escrivão da puridade*.

Este Mafaldo de Beja, ajudou a resgatar, pela segunda vez, a cidade do seu appellido, do poder dos mouros, na era de 1229 (1191 de Jesus Christo) no reinado de D. Sancho I.

Até ao reinado de D. Diniz, todos os nossos reis—pelo menos desde D. Affonso III—tiveram escrivães da puridade, e houve 33 pessoas que tiveram esse titulo e dignidade. Desde então, não vejo mais ninguem mencionado como escrivão da puridade.

ESCUDEIROS—freguezia, Minho, comarca, concelho e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 104 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O mestre-escola (conego) da Sé de Braga,

apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis. É terra muito fertil.

ESCULCA—portuguez antigo, significa, *sentinella, vedêta.* De *esculcar*, estar de vigia. O mesmo que atalaya.

ESCURIAL ou **ESCORIAL** é vulgarmente **ARRIAGA**—quinta, Extremadura, concelho de Oeiras. É do sr. desembargador Forjaz de Sampaio. Tem um lindo palacête, do qual se avista, d'um lado, Cintra, Carcavellos e Cascaes, do outro as torres da barra do Tejo. Tem bonito jardim e sitios summamente pittorescos, e um bosque de frondoso arvoredo. D'este sitio se gosa uma vista encantadora.

ESCURIAL—vide Escoiral.

ESCURQUELLA—freguezia, Beira-Alta, comarca de Moimenta da Beira, concelho de Fonte Arcada, antigamente, e hoje concelho de Cernancelhe. 35 kilometros de Lamego, 324 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Domingos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Situada em terreno accidemtado, proximo do rio Távora.

O reitor de Fonte Arcada apresentava o cura, que tinha o pé d'altar e 2$400 réis de congrua.

ESGRAVIZAR—portuguez antigo, *declarar, explicar.* etc.

ESGUARDAR—portuguez antigo, *dar attenção, esperar, attender*, etc.

ESGUEIRA—villa, Douro, comarca, concelho e 500 kilometros ao N. de Aveiro. 258 ao N. de Lisboa, 530 fogos, 2:100 almas.

Em 1757 tinha 554 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Feira a 30 de novembro.

E' uma villa antiquissima, mas não pude saber por quem nem quando foi fundada. E' certo que, quando o conde D. Henrique tomou posse de Portugal em 1093, já esta povoação era uma populosa villa, á qual elle concedeu foral em 1110, e D. Affonso IV lhe deu outro, confirmando o antigo, em 1342.

Franklim não falla n'estes foraes, porém elles vem mencionados em muitos auctores dignos de fé.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 8 de junho de 1515. (*Livro dos foraes novos da Extremadura*, fl. 212 v., col. 2.ª) Teve Esgueira muitos senhores, sendo os mais notaveis—1.º a infanta D. Urraca Affonso, irman de D. Sancho I, e casada com D. Pedro Affonso, neto do grande Egas Moniz—2.º tendo-se annullado o casamento da rainha D. Thereza (irman de Santa Mafalda) filha do dito D. Sancho I, com seu primo D. Affonso de Leão, lhe deu este muitas terras e rendas em Hespanha, e seu pae tambem lhe deu em Portugal muitas villas e coutos, e entre aquellas se comprehendiam Esgueira e Monte-Mór-Velho. Isto pelos annos 1200. Esta rainha, fez doação das duas villas ao convento de Lorvão, ahi por 1202.—3.º a rainha D. Leonor, mulher de D. Fernando.—4.º, o infante D. Pedro, filho de D. João I (o que correu as *sete partidas* do mundo) que aqui residiu por muito tempo e construiu varios edificios.—5.º, a Santa infanta D. Joanna, irman de D. João II.—6.º, no tempo de D. Manuel, passou para D. Jorge de Lencastre, progenitor dos duques de Aveiro. Além d'estes, teve outros donatarios e senhores, de menos consideração.

Pretendem alguns que Esgueira seja povoação mais antiga do que Aveiro. Teem e não teem razão. Aveiro era a importantissima cidade romana *Talabrica*, e é muito provavel que o sitio que hoje occupa Esgueira fosse comprehendido dentro da circumvalação d'aquella antiga cidade; e é certo que ainda alguns edificios da villa revelam muita antiguidade; mas a existencia de Esgueira como villa, ainda que antiquissima, é mais recente do que Aveiro. Esta cidade, por muitas causas (vide Aveiro) tanto foi decahindo do seu antigo esplendor, que, por quasi 7 seculos, era, como Esgueira, uma simples villa: só D. José I é que a fez cidade em 1760 (mudando-lhe então o nome em Nova Bragança, denominação que só durou 17 annos, pois em 1777 lhe foi restituido, por D. Maria I, o de Aveiro.)

Por espaço de muitos annos (ainda de-

pois de Aveiro ser elevada a cidade!) deu-se mais importancia a Esgueira, pois que era aqui a séde do corregedor da comarca e Aveiro era a sua correição; mas Esgueira nunca teve assento em côrtes e Aveiro sim.

É tão antiga a comarca da Esgueira, que já existia no tempo de D. Diniz; mas Aveiro tambem era comarca, posto que da correição de Esgueira. Foi no meiado do seculo XV que o infante D. Pedro reuniu as duas comarcas, ficando comtudo sendo Esgueira a séde da correição.

Hoje póde e deve Esgueira considerar-se simplesmente um arrabalde de Aveiro, porque não é outra cousa.

A abbadessa de Lorvão apresentava o vigario, que tinha 300$000 réis.

Está Esgueira situada em uma bella, extensa e fertilissima planicie, com formosas vistas por um dilatado horisonte, e todos os generos da nossa agricultura aqui abundam. A estrada nova á mac-adam, que por aqui passa, é um delicioso passeio.

É aqui a 32.ª estação do caminho de ferro do Norte, a que, vulgarmente se chama de Aveiro.

—

No logar do Paço, d'esta freguezia, ha (em julho de 1873), um homem chamado Feliciano dos Santos, que nasceu em 1768 (!) Militou no exercito portuguez. É dos do *Rousillon* e fez toda a guerra chamada da *Peninsula*. Este Mathusalem portuguez, trabalha na lavoura e conserva em perfeito estado todas as suas faculdades mentaes.

—

Para tudo o mais que d'esta villa se quizer saber, vide Aveiro.

ESMERIZ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros ao O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 65 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra muito fertil.

Esmeriz, é sobrenome, patronimico d'*Esmerio.*

A mitra, por concurso synodal, apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento.

Parte d'esta freguezia foi *honra* de Pedro Rodrigues de Pereira, da familia dos condes de Barcellos.

ESMOLÉR-MÓR—o officio ou dignidade de esmolér-mór é dos mais antigos do reino, e andou de tempo immemorial nos abbades de Alcobaça, até 1834. Porém como os *abbades geraes*, occupados no governo do mosteiro, não podiam residir sempre na côrte, nomeavam um religioso d'aquella casa, que servisse na sua ausencia, e confirmando o rei a apresentação, servia com o simples titulo de *esmolér*. (*Mon. Lus.*, 5.ª parte, liv. 17.°, cap. 9.°) Depois se veio a dar a estes substitutos, o titulo de *esmolerès-menores*, mas só assignavam com o titulo de esmoléres; todavia em alguns actos publicos se vêem assignados o esmolér-mór e o menor.

Na escriptura da instituição do hospital de Santo Eloy, de Lisboa, em 1298, fr. Martinho se assigna *esmolér d'el-rei* e não *esmolér-menor*.

Os abbades podiam nomear e demittir livremente os seus substitutos.

No reinado de D. Fernando, era esmolér-menor fr. João d'Ornellas, que veio a ser abbade de Alcobaça, esmolér-mór de D. João I, e seu decidido e leal partidario.

Mais alguns esmoléres menores passaram a móres, por serem feitos abbades de Alcobaça.

Algumas vezes porém, os reis nomearam seus esmoléres-móres, religiosos que não eram abbades de Alcobaça.

Em 1455 era esmolér-mór de D. Affonso V, D. fr. Vasco Tinoco, abbade de Bouro.

No reinado de D. João II, era abbade de Alcobaça, o célebre D. Jorge da Costa (*o cardeal de Alpedrinha*, vide Alpedrinha) mas, estando o rei mal com elle, não o quiz para seu esmolér (1486) e nomeou para este emprego, a Lopo Gonçalves, capellão do infante D. Jorge, seu filho. A este succedeu fr. Fernando, abbade de Tamarães, já no reinado de D. Manuel.

Ainda por varias vezes depois, exerceram o emprego de esmolér-mór, varios indivi-

duos que não eram abbades de Alcobaça; por que em uma questão suscitada pelos mesmos abbades, e que elles venceram, dizia a sentença: — *No caso de não haver em Alcobaça pessoa capaz para aquelle emprego* (de esmolér-mór), *se poderia fazer a nomeação em sujeito de fóra.*

Depois da extincção das ordens religiosas, os reis nomeiam os seus esmoléres-móres segundo a sua vontade, mas, desde 1834, têem exercido quasi sempre este emprego os patriarchas de Lisboa.

ESMOLFE—freguezia, Beira-Alta, comarca de Mangualde, concelho de Penalva do Castello, 24 kilometros de Viseu, 295 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 107 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O abbade do Castello de Penalva, apresentava o cura, que tinha 32$000 réis e o pé d'altar.

ESMORIZ—aldeia, Douro, no concelho e comarca de Bayão, a pouca distancia da direita do Douro.

É aqui a bella casa e optima quinta onde nasceu e reside o sr. dr. D. Miguel Carlos Sotto Maior Azeredo, cavalheiro respeitavel e illustrado, que tambem emprehendeu um trabalho litterario quasi no gosto d'esta obra. Ainda está inedito.

E' povoação muito antiga. «*Em 1120, comprou o grande Egas Moniz e sua mulher, D. Dorothea, a D. Ejeuva Prolix Guedas, um casal em Esmoriz, junto ao castello de Bayão, por C. (100) módios, que ella lhes devia, de luctuosa, por seu marido, Froila Viliniz: e como não tivesse módo de lhes pagar, veio pedir misericordia, pondo-se de joelhos, beijando-lhes as mãos e offerecendo-lhes este casal, que tinha sido de sua mãe, Bona Fáfias, o qual está debaixo do mônte Gestaçô, na margem do ribeiro Ovil.* (Documento de Alpendurada, de 1120.)

ESMORIZ — freguezia, Douro, comarca, concelho e 10 kilometros ao O. da Feira, 22 ao S. do Porto, 294 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757 tinha 223 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

E' a 35.ª estação do caminho de ferro do Norte.

Situada sobre a costa, em bem cultivada, alegre e fertilissima planicie, abrigada do N. e NE. por vastos pinheiraes que produzem muita madeira e lenha. E' abundante de peixe do mar, principalmente de sardinha, que é optima.

E' povoação antiquissima, pois já era freguezia em 897, em cujo anno a doou Gondezindo (com outras muitas mais de que era senhor) ao mosteiro de S. Salvador de Lavra. (Vide Lavra.)

A casa do infantado apresentava o abbade, que tinha 700$000 réis de rendimento.

ESNOGA—vide Cinuna.

ESPACOS—povos que habitavam o litoral da provincia do Minho, desde a actual freguezia d'Afife, até proximo da villa de Caminha; sendo o centro das suas povoações a actual freguezia d'Ancora, no concelho de Caminha.

É por esta razão que os romanos chamavam á foz do rio Ancora—*Vicus Spacorum.* Pertenciam á chancellaria de Braga. Vide Ancora, rio.

ESPADANÊDO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho da Torre de Dona Chama, até 1855, e desde então comarca e concelho de Macêdo de Cavalleiros. 54 kilometros ao NO. de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 53 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Macêdo de Cavalleiros apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

ESPADANÊDO—freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 15 kilometros ao O. de Sinfães, 35 ao O. de Lamego, 30 ao NE. de Arouca, 48 ao E. do Porto, 314 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 126 fogos.

Orago S. Christovão.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Situada em terreno muito accidentado, sobre a margem esquerda do Douro, em elevada e vistosa posição, d'onde se descobre o convento de Alpendurada e muitas freguezias e serras.

E' n'esta freguezia a casa da *Villa*, da familia dos Cortezes Machados. O sr. Tameirão (barão do Vallado) tambem aqui tem uma boa casa e quinta.

E' terra muito abundante em cereaes, legumes, fructas e produz muito e optimo vinho verde.

Caça nos seus montes e optimo peixe no Douro. Faz bastante commercio com o Porto pelo rio.

Pertencia ao concelho de S. Fins, que foi extincto em 1855. Era então da comarca de Rezende.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 450$000 réis de rendimento.

E' tradição que foi villa em tempos remotos, e que foi couto, feito por D. Thereza, em 1122.

ESPARGO—freguezia, Douro, comarca, concelho e proximo da Feira, 25 kilometros ao S. do Porto, 285 ao N. de Lisboa, 35 ao NO. de Aveiro, 8 a O. de Ovar, 150 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos. Orago S. Thiago.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Situada em terreno levemente accidentado, muito fertil e saudavel. Cria muito gado bovino que exporta.

O papa, o bispo e os monges benedictinos do Couto de Cucujães, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de rendimento 300$000 réis.

ESPARIZ—freguezia, Beira Alta, antigamente concelho de Arganil, comarca de Côja, hoje comarca e concelho da Tábua. 40 kilometros de Coimbra, 295 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 37 fogos.

Orago Nossa Senhora da Annunciação.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

A mitra apresentava o prior, que tinha de rendimento 160$000 réis.

E' terra fertil.

ESPEÇANDEIRA ou **ESPESSANDEIRA**—vide Espiçandeira.

ESPECIOSA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Miranda do Douro, 465 kilometros ao N. de Lisboa, 35 fogos.

Em 1757 tinha 33 fogos.

Orago S. Genezio.

O abbade de S. Genezio apresentava o cura, que tinha só o pé d'altar.

Esta freguezia está annexa á de Santa Eulalia de Genizio, da mesma comarca, concelho, etc.

ESPERANÇA ou **NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA**—freguezia, Alemtejo, concelho de Arronches, comarca e 12 kilometros de Portalegre, 180 ao SE. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 31 fogos.

Orago Nossa Senhora da Esperança.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo. Fertil.

ESPERANÇA—freguezia, Minho, comarca e concelho da Povoa de Lanhoso, 24 kilometros ao NE. de Braga, 368 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 107 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

E' terra fertil.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento.

ESPIÇANDEIRA ou **ESPISSANDEIRA** e **MÉCA**—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Alemquer, 54 kilometros ao NE. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 32 fogos.

Orago da Espiçandeira S. Sebastião martyr; e de Méca, Santa Quiteria, virgem e martyr.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O povo apresentava o vigario, collado, da Espiçandeira, que tinha 120 alqueires de trigo, 2 pipas de vinho, e o pé de altar.

Foi annexa a Santo Estevão d'Alemquer.

Tambem era o povo que apresentava o

vigario, collado, da freguezia de Méca, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Em 1757 tinha 106 fogos.

Já se vê que Espiçandeira e Méca foram duas freguezias distinctas e independentes, que se uniram em 1842. A de Méca, já em tempos antigos tinha estado annexa á freguezia de Santa Maria da Varzea da Villa de Alemquer. Hoje dá-se vulgarmente a estas duas freguezias unidas o nome de *Santa Quiteria de Mêca*, mas officialmente é *Espiçandeira.*

A egreja matriz actual é na aldeia de Méca.

Os povos que constituiam a freguezia de Espiçandeira eram—Espiçandeira, Corçoaria, Bordalia, e Puticaria—os que formavam a freguezia de Méca eram—Méca, Canados, Folhandal, Carvalhal e Catem.

Na aldeia de Méca está fundada a famosa egreja de Santa Quiteria, virgem e martyr, que é capella real.

É um templo rico e magestoso; e muito concorrido de fieis de differentes povoações de muitas leguas em redor; pela muita devoção que tributam a esta santa imagem.

Segundo a tradição, no anno de 1238, apparecera em um espinheiro, na quinta de S. Braz, uma pequena imagem de Santa Quiteria, advogada contra a hydrophobia. Edificou-se logo alli uma capellinha para collocar a santa.

Principiou a concorrencia a este templosinho e a devoção dos póvos á milagrosa imagem cresceu tanto, que, não cabendo os romeiros em tão acanhado edificio, se construiu, á custa das esmolas, uma outra capella mais ampla no sitio da actual.

Formou-se uma confraria, que veio a ser das mais ricas de Portugal, e no fim do seculo XVII se decidiu edificar-se um templo vasto e sumptuoso.

D. Maria I, a quem foi pedido auxilio para as obras, deu por varias vezes avultadas esmolas, e as construcções principiaram com grande sollicitude.

É tradição que o mestre das obras as não viu concluir, por morrer da queda de uma das torres.

Emquanto duraram as obras esteve a imagem em uma barraca de madeira, no sitio onde hoje ha umas mesas de pedra.

Concluida a capella, D. Maria I obteve do papa Pio VI, que fosse declarada pertença da Basilica de S. João de Latrão, de Roma, e como tal gosa das grandes indulgencias e graças espirituaes d'esta famosa basilica.

A confraria tem irmãos, não só no concelho e immediatos, mas até á extremidade do Alemtejo. O seu rendimento anda por 1:200$000 réis.

É um dos mais vastos, ricos e magestosos templos ruraes de Portugal. (Vide Méca.)

—

Na aldeia da Espiçandeira está a egreja do martyr S. Sebastião, matriz da freguezia do mesmo nome, hoje reduzida a capella.

Não é edificio muito antigo, mas pelo abandono em que está, desde que deixou de ser egreja parochial, está a desmantelar-se. Tem um só altar, e nada que seja digno de menção, a não ser um tumulo, de pedra grosseira, sustentado por dois leões, tendo na pedra superior, em relevo, um cavalleiro vestido de ferro, e de espada á cinta. Tem a seguinte inscripção:

SEPULTURA DE FR. JOÃO BOTO PIMENTEL
DA ORDEM DE S. JOÃO BAPTISTA,
COMMENDADOR DE TAVORA E ABOIM,
E DE SANTAREM, E DE N. S. DA PORTELLA
DE VEZ E DE S. JOÃO DE VALLADARES.
O QUAL FALLECEU NO ANNO DE 1683,
A 8 DE FEVEREIRO.

—

Os Botos é uma familia muito nobre de Portugal, cujo tronco foi o desembargador Ruy Botelho Boto, filho de Ruy Boto.

Possuiam uma quinta, na aldeia da Espinçadeira, ou aqui proximo; mas já em 1750 aqui não existia nenhum membro d'esta familia. Suppõe-se que esta quinta é hoje a dos srs. marquezes de Alvito.

As principaes propriedades d'esta freguezia, são:

Quintas

De Baixo, do sr. D. José de Mello da Cu-

nha Mendonça e Menezes, marquez de Olhão, (hoje fallecido).

De Cima, do sr. Francisco de Lemos Seixas Lacerda Castello-Branco.

Do Carvalhal, do sr. A. Soares Leal.

Da Boa Vista, do sr. J. F. Leal da Costa Fajardo.

De S. Braz, do sr. J. Caetano Barradas.

Do Casco, do sr. F. J. d'Albuquerque.

Do Valle Mourisco, do sr. M. J. da Costa Carvalho.

Do Rangel, do sr. conde de Mesquitella.

Da Espiçandeira, do sr. José Lobo Garcez Palha d'Almeida.

De D. Carlos, do sr. D. José de Mello da Cunha Mendonça e Menezes.

Casaes

Do Carvalhal, do sr. A. J. Pancadares.

Dos Amarellos, do sr. M. F. Ferreira.

Do Padeco, do sr. J. F. Leal da Cunha Fajardo.

Da Costa da Raposa, do sr. A. G. Crespo.

Do Outeiro, do sr. M. Pereira.

Dos Bugarreos, do sr. J. Pereira.

Do Fiandal, da sr.ª D. Maria do Carmo da Silva Paím.

Do Miguel José, do sr. J. Carvalho.

Dos Sobreiros, do sr. Antonio Pedro.

Da Marinella, do sr. Pedro Ribeiro.

Da Faineira, do sr. Carlos Joaquim.

(Vide Méca.)

ESPICHEL — Vide *Cabo do Espichel.*

ESPINHAL — freguezia, Douro, comarca da Lousan, concelho de Penella, 24 kilometros a NE. de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa, 520 fogos.

Em 1757 tinha 345 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O prior de S. Miguel, de Penella, apresentava o vigario, collado, que tinha 100$000 réis.

É terra fertil.

ESPINHEL — freguezia, Douro, comarca e concelho de Agueda, 12 kilometros a NE. de Aveiro, 250 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 87 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Tem minuta para o foral novo, na gaveta 20, maço 12, n.º 12, da Torre do Tombo.

A casa de Bragança, donataria d'esta freguezia, apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis.

É terra muito fertil. (Vide Eixo.)

ESPINHO — freguezia, Minho, comarca, concelho e 5 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 59 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O deão da Sé de Braga apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis.

ESPINHO — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde, 12 kilometros de Viseu, 275 ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 193 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Os condes de Belmonte apresentavam o abbade, que tinha 500$000 réis.

ESPINHO — freguezia, Beira Alta, comarca, de Santa Comba Dão, concelho de Mortagua, 30 kilometros de Vizeu, 250 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 252 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Vizeu.

Consta que no principio da monarchia foi villa. D. Affonso I lhe deu foral em 1144.

É terra fertil.

O cabido da Sé de Coimbra apresentava o vigario, que tinha 220$000 réis.

ESPINHO — formosa e grande povoação, Douro, freguezia de Anta, comarca, concelho e 10 kilometros a O. da Feira, 24 ao S. do Porto, 285 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

A população é fluctuante. No tempo dos banhos do mar póde orçar-se em 3:000 almas, fóra d'esse tempo andará por umas 500 ou 600.

Ainda em 1840 não era Espinho mais do que uma informe agglomeração de peque-

nas casas de tabuado, (chamadas *palheiros*) occupadas por pobres pescadores. Foi sendo móda entre as familias ricas da *Terra da Feira,* irem para alli tomar banhos e muitas d'ellas alli construiram *palheiros* proprios. Ao principio era móda serem feitos de tábuas, depois alguns os construiram de pedra e cal, mas térreos.

O fallecido José de Sá Couto, rico industrial (fabricante de papel) da freguezia de Oleiros, d'este concelho, fez em Espinho, ahi por 1843, uma bella morada de casas, de pedra e cal, de um andar, vasta e elegante.

Muitos mais cavalheiros foram construindo bonitas casas de pedra e cal, mas sem ordem nem regularidade no seu alinhamento, até que a camara da Feira providenciou sobre isto, marcando os arruamentos, e agora, as que modernamente se teem construido e vão construindo, já formam ruas regulares. Está pois hoje Espinho uma linda e já não pequena villa, e em poucos annos de certo será uma das boas villas de Portugal.

Tem uma capella, um club, um optimo hotel (além de outros bons, mas secundarios) cafés, bilhares, restaurantes, etc.

Já se vê que está situada sobre a praia do atlantico, e o seu solo é areia; porém, proximo mesmo á povoação, ha terrenos cultivados e ferteis. É uma vasta, amena e saudavel planicie.

Hoje, não são só familias da Feira que vão passar a estação de banhos a Espinho: alli concorre muita gente d'Oliveira d'Azemeis, Arouca, Porto e outras muitas terras.

A sardinha d'Espinho é justamente famosa, pela sua optima qualidade, (superior á de Nantes) em todo o reino.

Tem mais Espinho a grande vantagem de ser estação do caminho de ferro do Norte, a 36.ª, o que facilita a concorrencia dos banhistas.

Faz-se aqui annualmente a grande romaria de Nossa Senhora da Saude, á qual afflue uma immensa multidão de gente, não só dos povos circumvisinhos, mas até do Porto, Aveiro, Feira, Ovar e outras povoações.

Os habitantes permanentes d'Espinho fazem grande negocio com as familias que vão a banhos, desde julho até novembro, em alugueis de casas, serviços, venda de comestiveis etc etc. e ainda muito mais fariam se perdessem o seu mal entendido e prejudicial egoismo, pois exigindo pelos generos alimenticios um lucro desarazoado, fazem com que muitas familias se surtam d'esses generos, do Porto, perdendo os d'Espinho *tudo* por quererem ganhar *muito.*

—

No principio de Abril de 1874, deu aqui á costa uma monstruosa baleia [1] morta, que tinha 30 metros de comprido e 6 d'altura. Tinha 5 ordens de dentes, muito agudos, e 8 barbatanas (4 por lado) muito semelhantes na forma e no tamanho ás asas de um moinho de vento. Appareceu a uns 2 kilometros da povoação.

ESPINHOSO—freguezia, Beira-Alta, antigamente comarca de Taboaço, concelho de Trovões hoje comarca e concelho de S. João da Pesqueira, 35 kilometros de Lamego, 330 ao N de Lisboa, 90 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

É terra fertil.

Esta freguezia não vem mencionada no *Portugal Sacro e Profano,* provavelmente por esquecimento.

ESPINHOSELLA—freguezia Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 60 kilometros de Miranda, 480 ao N de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 58 fogos.

Orago Santo Estevão, protomartyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A casa de Bragança, donataria d'esta freguezia, apresentava o abbade, que tinha de rendimento 400$000 réis.

ESPINHOSO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 60 kilometros de Miranda, 440 ao N de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

[1] Os velhos pescadores d'aqui, dizem que não era baleia, mas um monstro marinho, de uma especie desconhecida por elles. Não me consta que este cetaceo fosse visto e classificado por pessoa competente, que lhe desse o seu verdadeiro nome, se effectivamente não era baleia.

Orago Santo Estevão, protomartyr.

O abbade de Candêdo apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Candêdo, no mesmo concelho, e comarca, bispado e districto administrativo.

ESPIRITO SANTO — freguezia, Alemtejo, comarca d'Almodóvar, concelho de Mértola, 12 kilometros ao O de Beja, 180 ao S de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 406 fogos.

Orago Espirito Santo.

Bispado e districto administrativo de Béja.

Terra muito fertil,—muito gado.

A mesa da consciencia apresentava o cura, que tinha 120 alqueires de trigo, 90 de cevada e 10$000 réis em dinheiro.

ESPIRITO SANTO D'ARCA — Vide Arca.

ESPISSANDEIRA—Vide Espiçandeira.

ESPITE — freguezia, Extremadura, comarca de Thomar, concelho de Villa Nova d'Ourem, 18 kilometros de Leiria, 144 ao NE. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 276 fogos.

Orago Nossa Senhora da Gloria.

Bispado de Leiria, districto administrativo de Santarem.

Ha aqui minas de carvão fossil.

A mitra apresentava o cura, que tinha cem mil réis.

O *Portugal Sacro e Profano*, diz que o orago d'esta freguezia é S. João Baptista.

É terra fertil.

ESPIÚNCA — freguezia, Douro, comarca, concelho e 15 kilometros a NE de Arouca, 40 ao O de Lamego, 324 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 300 fogos.

Orago S. Martinho bispo.

Bispado de Lamego, districto administrativo d'Aveiro.

Situada em terreno montuoso, mas fertil em cereaes, legumes e fructas, optimo azeite, muito e superior vinho verde, gado, mél cêra e muita caça.

Cria bastante gado de toda a qualidade.

O abbade benedictino do convento de S. João d'Alpendurada apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis.

(Vide Córnes e Sarabigões.)

O rio Paiva, que passa pela extremidade norte da freguezia divide o districto administrativo d'Aveiro do de Viseu e a provincia do Douro da Beira Alta.

É povoação antiquissima, e em muitos documentos antigos se lhe dá o titulo de villa.

Em 1750, era esta freguezia da comarca de Bracellos (!) e do concelho de Paiva.

Em 1139 era do concelho de S. Fins, hoje extincto.

Houve aqui um antiquissimo convento de freiras bentas, que foi supprimido no seculo XV, hindo as freiras para S. Bento do Porto. Em 1138, Elvira Mendes, prioreza da Espiúnca, doou uma herdade ao padre João Guilherme, seu abbade (confessor) e a Martinho Pires, sobrinho d'este, com a condição de ficar livre por morte d'amboos.

No instrumento da união da egreja da Espiúnca, ao mosteiro d'Alpendurada, feita por D. Rodrigo, bispo de Lamego, em 1322, se manda que o vigario da Espiúnca receba annualmente de congrua «*Tres modios divisios per medium, panis, saliginis, ac milii, atque vini per mensuram de Nespreira, nunc currentem; hoc modo videlicet: quod VI. quartarios panis recipiat annuatim in Festo S. Michaelis mensis septembris; et VI pucalia vini annuatim in Festo S. Martini, mensis novembris.*» etc etc.

ESPORÕES — freguezia, Minho, comarca, concelho, e 18 kilometros de Braga, 3660 ao N de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 175 fogos.

Orago S. Thiago apostolo.

Arcebispado, e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o vigario, collado, que tinha 80$000 réis.

Houve aqui um celleiro, para emprestar milho aos pobres, fundado por Martim Ribeiro.

É terra fertil.

Dava-se a esta freguezia antigamente o nome de Asperões e Esperões. Nas provincias do N dão ás pedras d'amolar o nome de asperões, ou esperões.

ESPÓZENDE — villa, Minho, comarca, e 14 kilometros a O de Barcellos, 33 1/2 ao O

de Braga, 15 ao SO de Vianna do Castello, 14 ao N. da Povoa de Varzim, 40 ao NO do Porto, 355 ao N de Lisboa, 430 fogos (em uma freguezia) 1:650 almas (no concelho 3:330.)

Em 1757 tinha 183 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça, antigamente, e hoje Nossa Senhora dos Anjos.

Está em 41° 31' de latitude, N, e 15' de longitude occidental.

Situada em plano, sobre a direita e na foz do Cávado, com um pequeno porto de mar (unico do districto administrativo de Braga) para hiates e rascas. Era defendido por um forte que ha muitos annos está desguarnecido e muito arruinado. Tem pharol. Tem duas feiras annuaes, em junho e dezembro, ambas muito concorridas.

O seu territorio é fertil em cereaes, vinho, linho e fructas. Muito peixe.

Em frente e na margem esquerda do Cávado, fica a freguezia de Fão.

É provavel que os romanos aqui estabelecessem alguma estação naval, de maior ou menor importancia, mas d'isso não ha vestigios.

Consta porem que este rio foi navegavel, desde a sua foz até Prado, suburbios de Braga. Nos *Annaes do Municipio*, de Espózende le-se que a barra do Cávado foi antigamente muito importante, havendo n'este porto 70 a 80 navios d'alto bordo; e ainda pelos annos de 1807 a 1809, se fizeram n'este porto grandes e vastissimas obras, que a invasão franceza interrompeu; mas que ainda hoje attestam a importancia que este porto merecia ao governo do principe regente (depois D. João VI.) Em 1867, o governo decretou a cobrança de um imposto sobre todas as mercadorias importadas e exportadas por esta barra e sobre a lotação dos navios, com exclusiva applicação aos melhoramentos do porto. Chegaram a fazer-se os competentes estudos, e algumas obras preleminares, mas infelizmente a *pacifica* (assim se denominou a revolta de 1868) fez outra vez interromper os trabalhos; e o tal imposto tem continuado a receber-se, tendo produzido até hoje uma avultada somma, que se tem distrahido da justissima e urgente applicação para que fôra destinada; sem que os governos desde então queiram empregar nada do que recebem, n'este importantissimo melhoramento.

No meiado do seculo XVII se vieram aqui estabelecer varias familias de S. Miguel das Marinhas, para darem impulso á navegação e á pesca.

É da casa de Bragança.

Teve esta villa pleito com Fão, sobre os direitos da barra, mas Fão venceu, por ser mais antiga.

Tem hospital e casa de Misericordia muito rendosa.

Tem uma sumptuosa egreja matriz. Muito peixe.

O seu territorio é fertil em cereaes. Ha por aqui alguma caça, cria bastante gado, produz pouco vinho e máo, grande abundancia de sebôlas e alhos.

N'este concelho, na freguezia de S. Bartholomeu do Mar, houve um convento de monges benedictinos, que se reduziu a vigariaria no principio do seculo XVIII.

Em S. Miguel d'Alvarães, d'este concelho, existem as ruinas de uma torre antiquissima, chamada do Silveira. (Vide Carbôna.)

Na freguezia de S. Julião do Freixo, tambem d'este concelho, está o antigo castello de Curutêllo (curutello é diminutivo de curuto) com torre e muralhas, que foi dos Curutéllos.

Vide Cávado, Fão, Mar e Alvarães.

Actualmente a barra, por ser de areia está muito obstruida, e já com difficuldade é demandado, este porto aliaz importante. Foi elevada a cathegoria de Villa por ElRei D. Sebastião, em 15 de agosto de 1572. Tem espaçozos paços municipaes, sobre elegante, e solida arcaria e de vistosa architectura, ha pouco restaurados, e alargados, onde se acham installadas commodamente todas as repartições publicas, e que tem sido admirados, e elogiados por todas as pessoas que os tem visitado. É séde de uma delegação fiscal de primeira ordem, da Alfandega de Vianna do Castello. Tem uma estação telegraphica considerada do estado, uma Bibliotecá municipal, uma casa de escola, do legado do conde de Ferreira; uma Mesericordia,

e um Hospital, estabelecido ha pouco, mas em boas condições.

Tem um cemiterio publico, feito pela camara, e aberto em 1855. Possue uma boa e solida cadeia de tres pavimentos, situada no local mais central da villa, e um bom estaleiro onde se tem feito importantes construcções navaes.

Está ligada com Barcellos e Braga, por uma estrada direita, a macdam, por onde está estabelecida viação regular entre estes pontos, e finalmente a estrada municipal n.º 1, em muito adiantada construcção (1874) em breve ligará por uma boa estrada ao litoral, esta villa a Povoa, de Varzim e a Vianna, dandolhe muito mais importancia, e encurtando o trajecto entre o Porto e Vianna cerca de 10 kilometros.

É terra de muita iniciativa, e o estabelecimento e empreza para banhos do mar, devido á energia dos seus habitantes, e que a imprensa periodica ainda á pouco encomiou, deve dar-lhe valioso impulso.

Pertencem ao seu concelho as freguezias d'Apulia, apontada como boa estação para banhos do mar; a de Fão (que alguns pretendem ter sido a antiga cidade romana de Aguas-Cellenas, vide Barcellos) importante pela sua industria, e commercio maritimo; a de S. Bartholomeu, que foi o berço do actual ministro do reino o sr. Antonio Rodrigues Sampaio.

O solo do concelho é abundante em toda a qualidade de fructos do nosso paiz, e ha aqui differentes minas de varios metaes: e o seu clima é e sádio.

Tem abundante pescaria, e possue a cargo da camara um barco salva vidas com sua estação.

Exporta cereaes e muitas madeiras. Em frente á sua costa estão os penedos denominados Cavallos Fão, muito conhecidos dos mareantes.

O cabido da Sé de Braga apresentava o vigario, collado, que tinha 130$000 réis.

—

O concelho de Espózende é composto de 15 freguezias, que são:

Apulia, Antas, Bellinho, Curvos, Espózende, Fão, Fonte Bôa, Forjães, Gandara, Geméses, Mar, Marinhas, Palmeira, Rio Tinto e Villa-Chan.

Vide Cavallos de Fão, Barcellos e Braga.

—

EQUISÍLICOS — habitantes da parochia antiquissima chamada *Equesis* ou *Equisis*, que era proximo de *Baroncelli*, na chancellaria de Braga, d'onde tambem era pouco distante. Parece que o seu nome vinha de *Aquæ silicis*. D'estes povos só faz menção Plinio, e a inscripção da ponte de Chaves. Não ha d'elles outras memorias ou tradições.

ESQUADRA PORTUGUEZA — em 1830 e 1870.

Em 1830

Náos, 3 — S. Sebastião, Rainha e D. João VI.

Fragatas, 6 — Perola, Diana, Principe Real, Amazona, Principe D. Pedro e Duqueza de Bragança.

Corvetas, 6 — Urania, Princeza Real, Lealdade, Infante D. Miguel, Tritão, Voador.

Brigues, 6 — Gloria, Tejo, S. Boaventura, Constancio, Infante D. Sebastião e Providencia.

Charruas, 5 — Galathea, Maia e Cardoso, Orestes, Venus e Princeza Real.

Escunas, 2 — Andorinha e Artilheira.

Hiate, 1 — Sant'Anna.

Ao todo 29 vasos de guerra.

Em 1870

Náos, 1 — Vasco da Gama (desarvorada e incapaz de serviço. Principiou a sua construcção em 1822).

Fragatas, 1 — D. Fernando, (n'este navio está estabelecida a escola pratica de artilheria naval). Este vaso, decorado com o pomposo nome de *fragata*, não passa de uma pobre *charrúa*, que só serve para estar fundeada no Tejo com a referida applicação.

Corvetas, 10 — Estephania, Bartholomeu Dias, Sagres, Duque de Palmella, Infante D. João, Duque da Terceira, Sá da Bandeira e Infante D. Henrique (era a corveta ingleza *Hawk*, que tanto deu que fallar, pelo seu excessivo custo, sendo um *navio velho* e julgado incapaz de serviço pelo almirantado

inglez. Crismou-se primeiro em *Gil Eannes* e depois em *Infante D. Henrique*. Tirou-se-lhe o *milhafre* que tinha á proa, pondo-se em seu logar as armas do infante D. Henrique.) Temos mais ás corvetas de vela Damão (desarmada), Nova Goa e D. João Primeiro.

Vapores, 6—Mindello, Argos, Lynce, Zarco, Tejo e Maria Anna.

Canhoneiras, 4—Rio Minho, Guadiana, Camões e Principe Carlos.

Brigues, 1—Pedro Nunes.

Transportes, 1—Martinho de Mello. (É uma barca de vela.)

Escunas, 2—Lazarim e Napier. (Ambas desarmadas.)

Hiates, 3—S. Thomé, Penha Firme e Algarve. (O hiate S. Thomé está reduzido a *pontão*, em Loanda).

Ao todo, 29 vasos de guerra.

—

Temos (em 1874) 4 almirantes, 8 capitães de mar e guerra e 18 capitães de fragata.

ESQUEIROS—freguezia, Minho, até 1855 comarca de Pico de Regalados, concelho de Villa Chan, e desde então comarca e concelho de Villa Verde, 14 kilometros a NO. de Braga e 835 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 55 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, por concurso synodal, o qual tinha 350$000 réis de rendimento.

E' terra muito fertil. Cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha muita caça.

ESQUIEIRO—portuguez antigo, hoje usado na Terra da Feira. Passagem a través de uma parede, feita com degraus permanentes, por onde possa passar gente, mas não gado grosso ou miudo.

ESTAÇÕES TELEGRAPHICAS—(segundo o decreto de 7 de abril de 1869).

Estações que devem julgar-se de primeira ordem ou do estado

Por estarem nas capitaes dos districtos

Lisboa, Porto, Bragança, Villa Real, Braga, Vianna do Castello, Viseu, Aveiro, Guarda, Coimbra, Leiria, Santarem, Castello Branco, Evora, Beja, Portalegre e Faro.

Estabelecidas em praças de guerra, commandos de divisões e postos militares importantes.

Chaves, Vallença, Campo Maior, Elvas, Extremoz, Tavira e Carnide.

Junto ás residencias reaes e ás côrtes

S. Bento (côrtes), Necessidades, Ajuda, Belem, Mafra, Villa Viçosa, Cintra.

Alfandegas e estações centraes dos caminhos de ferro.

Barca d'Alva, alfandega de Lisboa, alfandega do Porto, Devezas (estação do caminho de ferro do norte), Elvas (estação do caminho de ferro de leste), Caminha, Marinha Grande e S. Martinho.

Nos portos de mar e semaphoricos

Luz (foz do Douro), Figueira, Peniche (cabo Carvoeiro), Oitavos, Cascaes, Parede, S. Julião (foz do Tejo), Paço d'Arcos, Bom Successo, Arsenal, Pragal, Sagres, Olhão e Setubal.

Succursaes

Correio Geral, Largo do Rato, Bemposta, Caes dos Soldados, Cantareira.

Por terem rendimento superior a mil telegrammas por anno.

Villa Real de Santo Antonio, Regua, Guimarães, Lamego, Villa Nova de Portimão e Lagos.

Por serem indispensaveis ao serviço, por serem no entroncamento ou intermedios.

Monte Mór, Barreiro, Villa Franca, Abrantes, Pombal, Caldas, Mealhada, Celorico da

Beira, Covilhan, Foz Côa, Mirandella e Oliveira de Azemeis.

Estações que devem ser consideradas como municipaes

Agueda, Albergaria Velha, Albufeira, Alcobaça, Aldeia Gallega, Amarante, Arcos de Val de Vez, Alemquer, Barcellos, Barquinha, Batalha (Porto), Borba, Cartaxo, Ericeira, Espózende, Fundão, Gouveia, Lagoa, Loulé, Mangualde, Mértola, Moncorvo, Mattosinhos, Penafiel, S. João da Pesqueira, Pinhão, Pomarão, Ponte de Lima, Silves, Thomar, Torres Novas, Torres Vedras, Valle Paços, Vendas Novas, Villa do Conde, Villa Flor, Villa Nova de Famalicão e Vinhaes.

ESTADIO—medida antiga, muito usada na Lusitania desde a dominação romana. Ptolomeu, Plinio, Pombonio Mella e Antonino Pio, quasi não usam d'outra medida.

Segundo a opinião mais seguida, cada 5 *estadios* formavam um dos nossos actuaes kilómetros, sendo portanto necessarios 30 *estadios* para fazer uma legua portugueza, de 18 ao grau.

A *milha romana* vinha a ser, com uma nsignificante differença, 2 kilometros. Era pois de 2 em 2 kilometros que os romanos collocavam os *marcos milliarios*, nas suas *vias militares*.

ESTÁOS—Ha diversas (e algumas eté extravagantes) opiniões sobre a etymologia d'esta palavra. (Vide Bluteau, *Vocabulario*; José Soares da Silva, *Memorias de D. João I*; e fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, *Elucidario*.) Segundo Duarte Nunes de Leão, *Origens da lingua portugueza*; *hostáos* (ou *estáos*) significa hospedaria, e está decidido que é a verdadeira acepção d'esta palavra.

Na *Evora Gloriosa*, o padre Fonseca diz que *estáos* vem de *estácas*!

Tambem se dizia *estãos*. Chamavam-se *paços dos estáos*, aos que havia no Rocio de Lisboa (onde hoje é o theatro normal) porque alli haviam varias estalagens ou *estáos*. Outros dizem que se lhe deu este nome por ser feito de proposito para n'elle se *hospedarem* os embaixadores estrangeiros.

ESTARRÉJA—villa, Douro, na freguezia de S. Thiago de Beduido; 40 kilometros ao S. do Porto, 270 ao N. de Lisboa, 800 fogos, 2:500 almas, no concelho 8:000 fogos, na comarca os mesmos.

As freiras bernardas do real mosteiro de Arouca, apresentavam o reitor, por concurso, que tinha 140$000 réis.

Situada em terreno quasi plano, na direita do *Antuan*, que desagúa com o Vouga e Agueda na ria de Ovar.

E' a 33.ª estação do caminho de ferro do Norte, que tem aqui uma bella ponte.

Além da ponte do caminho de ferro, ha aqui mais duas pontes sobre o Antuan.

Pertencem-lhe as armas da Feira, por ter feito parte das Terras de Santa Maria. Os habitantes d'aqui tinham todos os fóros e privilegios da Feira.

Chamava-se antigamente *Antuan* ou *Antuão*.

D. Manuel lhe deu foral, em Evora, a 15 de novembro de 1519, e ainda então tinha o nome de *Antuão*, que é como no foral se designa.

Aqui viveu o distincto e sapientissimo jurisconsulto José Homem Correia Telles, e aqui morreu (deixando uma filha unica, que ainda vive, solteira) em 1849. Nascêra na freguezia de S. Thiago, de Besteiros em 1780. Para a sua biographia, vide Besteiros, (S. Thiago-Maior, e para o mais de Estarreja, vide Beduido (S. Tiago de) e Antuan.

O primeiro conde de S. Thiago de Beduido, foi Lourenço de Sousa da Silva, por D. Affonso V, em 12 de novembro de 1667.

Suas armas (dos condes de S. Thiago) são: o escudo esquartellado dos Sousas e Silvas, que é, o 1.º e 4.º quartel divididos om quatro, no 1.º e 4.º de cada um d'estes, as armas de Portugal, e no 2.º e 3.º quartel, o leão dos Silvas. Timbre o mesmo leão.

Ha em Estarreja abundantes minas de chumbo, exploradas por uma forte companhia. Em abril de 1874 foi despachada na alfandega de Lisboa, uma grande caldeira, para uma machina de vapor d'esta empreza.

—

A comarca de Estarreja é composta sómente do seu julgado.

O concelho tem 9 freguezias, 6 no bispado do Porto e 3 no de Aveiro, que são: no bispado do Porto, Avanca, Beduído, Bunheiro, Murtosa, Pardilhó e Veiros; no bispado de Aveiro—Canellas, Fermelan e Solreu.

ÉSTE ou **DÉSTE**—é o nome moderno do rio *Aleste* ou *Aliste*, no Minho.

Para evitar repetições (que já não são poucas.) vide *Aleste* e *Aliste*.

Nasce proximo a Braga e morre na direita do Ave, perto do mar, com um curso de 35 kilometros. Réga, móe e traz peixe miudo.

ÉSTE ou **D'ÉSTE** (S. Mamede)—freguezia, Minho, comarca, concelho e 6 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O thesoureiro-mór da Sé de Braga apresentava o vigario, collado, que tinha de rendimento 300$000 réis.

N'esta freguezia (principalmente na aldeia de Carvalho d'Éste) a Leal Legião Lusitana, artilheria 4, alguns milicianos e povo mal armado, sustentam por tres dias (18, 19 e 20 de março de 1809) renhidos combates contra as hordas de Soult, fazendo-lhe muitos mortos e feridos: por fim, supplantados pelo numero, tiveram os portuguezes de retirar, seguindo-se, no 3.º dia a tomada de Braga.

Passa aqui o rio Éste ou Déste.

Esta freguezia e a seguinte formava antigamente só uma parochia com 100 fogos.

E' terra bastante accidentada, mas bonita e fertil.

ÉSTE ou **DÉSTE** (S. Pedro) — freguezia, Minho, comarca, concelho e 6 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 124 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Vide a freguezia antecedente.

É, como a outra freguezia sua homonyma, em terreno accidentado, bonito e fertil, regado pelo rio do seu nome.

Esta freguezia é que foi desmembrada da outra, pois o *Portugal Sacro e Profano* só traz S. Mamede d'Este.

ESTEPHANIA—villa (em projecto) na Extremadura, freguezia, comarca e concelho de Cintra, 30 kilometros a NO. de Lisboa e 1 ao NE. da villa de Cintra.

Passa por esta pequena povoação a nova estrada *Larmanjat*, feita e aberta á viação publica em 1873. N'este anno (de 1874) a villa Estephania tem apenas 10 moradas de casas. A sua situação, em uma pequena elevação, é muito bonita, como tudo em Cintra, de que fórma um arrabalde.

Entre esta povoação e a villa de Cintra, ha uma praça de touros, construida modernamente.

ESTELLA—freguezia, Minho, comarca de Villa do Conde, concelho da Povoa de Varzim, 30 kilometros ao O. de Braga, 348 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora do Ó.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O D. abbade benedictino, do mosteiro de Tibães, apresentava o vigario, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É fertil.

Estella ou *Stella*, é nome proprio de mulher. O mesmo que *Estrêlla*.

Foi senhor d'esta freguezia o conde D. Mem Paes Roufinho, tronco dos Azevedos, e tambem senhor de Villa do Conde (e é por isso que se chama assim esta villa) o qual, com seu filho Hermenegildo, venderam a freguezia d'Estella a D. Mendo, terceiro abbade de Tibães, por 25 *morabitinos*. (Cada *morabitino* valia então 400 réis.)

D. Affonso Henriques coutou depois (em 1133) esta freguezia por 600 alqueires de pão, que lhe deram os frades de Tibães.

ESTER — vide Esther.

ESTÈRE, **ESTÉREL**, **ESTERELLE** e **ESTERERA**—portuguez antigo, esteril, infructifero, que não rende.

ESTEVAES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 180 kilometros ao NE. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 44 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O abbade de Castello Branco (de Traz-os-Montes) apresentava o cura, que tinha dez mil réis de congrua e o pé d'altar.

ESTEVAES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chacim, concelho de Alfandega da Fé, até 1855, e desde então comarca e concelho de Moncorvo, 144 kilometros ao NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Cyriaco, ou segundo o *Mappa das congruas*, S. Cypriano.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor da Torre de Moncorvo apresentava o vigario, que tinha 8$600 réis de congrua e o pé d'altar.

A freguezia da Junqueira, d'este concelho, esteve alguns annos annexa a esta freguezia.

ESTEVAL — freguezia, Beira Baixa, comarca da Certan, concelho de Proença a Nova, 60 kilometros do Crato, 180 a E. de Lisboa, 140 fogos. Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Grão-priorado do Crato, annexo ao patriarchado, districto administrativo de Castello Branco.

O grão-prior apresentava o cura, collado, que tinha 120 alqueires de trigo, 20 almudes de vinho, á bica, e 2$000 réis em dinheiro.

ESTEVÃO (Santo) — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal, 35 kilometros da Guarda, 255 ao E. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

É terra fertil, mas de clima excessivo.

A mitra apresentava o prior, que tinha 130$000 réis.

ESTEVÃO (Santo) ou **CANHA** — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Extremoz, 40 kilometros ao NO. d'Evora, 150 ao E. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 64 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Esta freguezia já está sob a palavra *Canha*, que é como se chamava antigamente. Hoje nos papeis officiaes diz-se *Santo Estevão*.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e 90 de cevada.

Muito fertil em cereaes.

ESTEVÃO D'ALFAMA (Santo) — vide Lisboa.

ESTEVÃO DE BARROSAS (Santo) — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Benavente, 80 kilometros ao O. d'Evora, 60 ao E. de Lisboa, 155 fogos.

Em 1757 tinha 36 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Santarem.

É muito fertil.

A mitra apresentava o cura, que tinha 245 alqueires de trigo e 68 de cevada.

ESTEVÃO DO CACHOPO (Santo) — freguezia, Algarve, comarca e concelho de Tavira, 24 kilometros de Faro, 245 ao S. de Lisboa, 580 fogos.

Em 1757 tinha 155 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Bispado e districto administrativo de Faro.

Esta freguezia está espalhada por montes, e é no *Barrocal*, em terreno agreste e muito accidentado. Produz alfarrobas, excellente vinho e muita lenha e carvão.

É terra pobre. Ha aqui muita caça. Grande abundancia de pedra de cal e muitos fornos d'ella. Tem fama de ser muito boa a gente d'esta freguezia.

Ha dois lagares de azeite (em Mont'Agudo e proximo á egreja). Passa aqui o ribeiro Arroyo, que nasce no Bicalto, e o das Ondas, que nasce nos Buracos de João Cavalleiro. Ambos morrem no Asséca.

A esta freguezia esteve algum tempo annexa a de Nossa Senhora da Luz, que hoje está independente.

A mitra apresentava o cura, que tinha 150 alqueires de trigo, 75 de cevada e 50 arrobas de figos.

ESTEVÃO DE FAIÕES (Santo) — vide Faiões.

ESTEVÃO DAS GALLÉS (Santo) — freguezia, Extremadura, comarca de Cintra, concelho de Mafra, 24 kilometros ao NO. de Lisboa (e foi do seu termo), 320 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Situada em alto. Fertil.

Esta freguezia era antigamente uma aldeia da freguezia de Loures.

O povo apresentava o cura, que tinha 120 alqueires de trigo, 90 de cevada e o pé d'altar.

ESTEVÃO DE RIBA D'AVE (Santo)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 12 kilometros ao O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada em terreno pouco accidentado e fertil. Passa aqui o rio Ave.

Esta freguezia é actualmente a de S. Pedro Fins de Riba d'Ave. Vide Riba d'Ave.

O sacro collegio patriarchal apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento annual, segundo se vê no vol. 1.º do *Portugal Sacro e Profano*, pag. 220.

ESTEVÃO DE VILLAR DAS ALMAS (Santo) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 24 kilometros ao O. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro e Profano.*

ESTEVES—vide Couto d'Esteves.

ESTHER ou ESTER—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Castro Daire, 30 kilometros ao O. de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 109 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Terra montanhosa mas fertil em centeio, trigo, castanha, azeite e vinho. Cria bastante gado, principalmente miudo e colmeias.

Á excepção da egreja (que é bonita) todas as casas, ainda as mais aceiadas, são cobertas de lousas.

Querem alguns que o nome d'esta freguezia venha de Esther, nome proprio de mulher, e por isso fóram escrevendo com *h*: mas eu entendo que vem de *estére*, esteril. (Vide Estére e Parada d'Ester.)

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis.

ESTOI ou **ESTOY**—freguezia, Algarve, comarca, concelho e 9 kilometros ao E. de Fáro, 245 ao S. de Lisboa, 1:000 fogos.

Em 1757 tinha 570 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Fáro.

Feira a 10 de julho, 3 dias.

A mitra apresentava o prior, collado, que tinha 250$000 réis de rendimento.

Situada em um cabêço, no centro d'uma planicie amena e fertil. É uma grande e bonita aldeia, com boas casas, todas muito bem caiadas e aceiadas.

Pelo terramoto de 1755, teve 60 casas arruinadas. Corre pela freguezia, de N. a S., a ribeira do Alcaide (Vide esta palavra.)

Ha aqui bastante esparto. A egreja, que o terramoto arruinou, foi reedificada no principio d'este seculo por o benemerito bispo do Algarve, D. Francisco Gomes de Avellar: é de 3 naves, separadas por bellas columnas monolythicas, de 15 palmos de altura, sobre pedestaes de 1 metro e com bellos capiteis. Tem um magestoso frontespicio, adornado de bellas columnas jonicas, e um vasto e bonito ádro.

Teve uma grande feira de 3 dias, no 4.º domingo de julho, mas acabou.

Esta freguezia é abundante de optimas aguas.

Dizem os melhores escriptores que n'este sitio existiu a antiquissima cidade de *Ossonoba.* Outros dizem que *Ossonoba* é a actual cidade de Fáro. Outros emfim, que é *Estombar.*

Consta que *Ossonoba* foi a primeira po-

voação da peninsula hispanica onde se prégou o Evangelho, pelos annos 36 de Jesus Christo. Outros dizem que foi em Evora.

Dizem que foi bispado, sendo seu primeiro bispo, Pedro. Seus successores foram: Pluciano, Vicente, Cornelio-Iliberitano, Agripio e mais tres, de que não pude saber os nomes.

Em 589, no tempo do rei godo Flavio Ricaredo, tinha *Ossonoba* bispo e sé cathedral. Os arabes arrazaram esta cidade em 715, em desforra da brava resistencia que aqui fizeram os lusitanos. Quando o Algarve tornou a ter bispo, foi a sua séde em Silves. (Vide esta cidade.)

Principiou a ser bispado no fim do seculo III, e deixou de o ser no fim do VI. Quando os mouros tomaram o Algarve, já havia mais de um seculo que *Ossonoba* não tinha bispos; não se sabe pelo quê. Outros, porém, dizem que houve aqui sempre bispos até 715.

Ha todas as probabilidades de que effectivamente *Ossonoba* foi por uns 300 annos séde de um bispado, qualquer que fosse o local onde esta cidade existisse.

Não me consta que em Estôi tenham apparecido vestigios de tão remota antiguidade (do tempo dos primeiros christãos do Algarve) entretanto parece fóra de toda a duvida que a antiga *Ossonoba* era aqui. E tanto que os arabes lhe chamavam *Ossonoba* ou *Oksonoba* e a Fáro davam o nome de *Pharaon*. Vide Fáro, onde se trata mais circumstanciadamente d'esta antiquissima cidade.

E' terra muito fertil, tem bonitas quintas e produz optimas fructas.

Tem aqui apparecido vestigios de grandes edificios, aqueductos, sepulturas, lapides, cippos, columnas e outras antiguidades. Em Milreu, que é proximo, ha vestigios de um templo e tambem outras muitas antiguidades. Parece que o nome actual de Estoy, lhe provem de *Esteio* ou *Estuario*, por o *esteio* (esteiro) que dava ingresso ás marés, até quasi á povoação. Tudo o mais que se desejar saber quanto a antiguidade, póde vêr-se nas palavras: Algarve, Faro, Milreu e Ossonoba; o que aqui não escrevo para evitar repetições. Vide tambem Trindade (Campo da)

ESTOMBAR—villa, Algarve, comarca de Silves, concelho da Lagoa, 50 kilometros de Fáro, 240 ao S. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757 tinha 332 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Fáro.

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o prior, collado, que tinha 100$000 réis de rendimento, e o pé d'altar, além das *miúças*.

Tem uma boa egreja de 3 naves.

Tinha o parocho, antes de 1834, o dizimo das *miúças*, que rendia 500$000 réis. A povoação está dividida entre Estombar e o porto de *Mexilhoeira* (que lhe fica, a O. 1:500 metros) e varias casas e quintas.

E' terra fertil.

E' povoação antiquissima, e foi villa famosa, com forte castello, chamado pelos arabes *Abenabece*.

O seu castello foi doado por D. Sancho I ao convento de Alcobaça, em 1191, antes da perda da villa.

D. Sancho I a tomou aos mouros em 1189; mas o Miramolim de Marrocos a tornou a reconquistar (assim como a todo o Algarve e parte do Alemtejo) em 1191.

Em 9 de janeiro de 1243, sahiu de Silves (então côrte) o rei mouro *Aben-Afan-i-al-Mansor*, com parte da guarnição da cidade e veio atacar esta villa. O grande D. Payo Peres Correia, mestre da Ordem de S. Thiago e fronteiro-mór do Algarve, estava de prevenção e apenas o rei mouro sahiu de Silves, a investe e toma por surpreza. Almansor, abandona Estombar e vem logo em soccorro da sua cidade, mas já as Quinas fluctuavam ovantes nas torres do castello. Almansor teve de fugir, mas, com a pressa, cahiu a uma lagôa, onde morreu afogado. Ainda a esta lagôa se chama o *Pégo de Almansor*.

Segundo as memorias do tempo, Aben-Afan, era um perfeito cavalheiro, grande justador, musico e poeta.

Era um guerreiro corajoso, mas em tempo de paz recebia com muito agrado e ge-

nerosidade, em sua côrte, os cavalheiros e trovadores portuguezes.

—

Tinha um convento de frades franciscanos (de Xabregas) no sitio do Perchel ou Prachel, do qual a maior parte e toda a egreja cahiram com o terramoto de 1755. Era pequeno.

Em 1755, tinha esta villa 326 moradas de casas: 7 d'ellas (além do convento) cahiram então, e algumas das outras ficaram mais ou menos damnificadas. Não morreu pessoa alguma.

Por entre as ruas da villa passa a estrada de Fáro.

Alguns escriptores sustentam que esta villa está assente sobre as ruinas de *Ossonoba*. (Vide Estoi e Fáro) o que não é provavel.

—

Aqui nasceu, no anno 1797, o famoso guerrilheiro legitimista, José Joaquim de Sousa Reis (o *Remechido.*) Era filho de lavradores abastados, que o destinaram á vida ecclesiastica e o mandaram estudar no seminario de Fáro; mas namorando-se de uma senhora de S. Bartholomeu de Messines, casou com ella, e viveu em Estombar, como rico proprietario, que era. Foi homem de muita intelligencia e muito bondoso, caritativo e leal. Decidido realista, tinha emigrado para a Hespanha, em 1826, regressando em 1828.

Na desgraçada e fratricida guerra de 1832 a 1834, em que sempre serviu com fidelidade o seu rei, mostrou grande bravura e tactica militar. Depoz as armas em maio de 1834 (foi dos ultimos, como o valente algarvio Thomaz Antonio da Guarda Cabreira) e regressou a sua casa, mas os liberaes o perseguiram, o que o obrigou a *andar a monte*, por espaço de 27 mezes; mas vendo que todo este tempo não bastava para extinguir a sanha dos seus inimigos, e exasperado pelos insultos e barbaridades que elles praticaram contra sua mulher e filhos, vendo sua casa roubada e incendiada; se poz á frente d'outros perseguidos, como elle, e tratou de resistir. A primeira povoação que atacou, foi Estombar, onde tinha a sua casa e familia, que logo cahiu em seu poder.

As garantias foram suspensas e a provincia declarada em *estado de sitio*. Varios corpos de 1.ª linha e batalhões de guarda nacional andaram em perseguição do *Remechido*, que estava por fim senhor de muitas terras do Algarve e até algumas do Alemtejo. Mas, adoecendo *Remechido*, e estando quasi só, no sitio da Portella da Côrte das Velhas, houve alguem que o denunciou, sendo alli logo cercado por uma brigada.

Apesar de muito doente, *Remechido* resistiu intrepidamente por muito tempo; mas, emfim, foi agarrado, no dia 28 de julho de 1838. (Tinha principiado a sua campanha, a 23 de agosto de 1836, não contando os 27 mezes que andou refugiado e que tambem andava armado.) Foi conduzido para Fáro e alli logo fuzilado a 2 de agosto d'esse anno, isto é, 5 dias depois de prisioneiro.

O Algarve ficou assolado, tanto pelos guerrilhas como pelas tropas do governo.

ESTORÃOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 375 kilometros ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A casa de Penteeiros apresentava o abbade, que tinha 120$000 réis.

No carreiro que vae d'esta freguezia para o alto do monte, onde está a capella de Santa Justa, ha uma pequena *chan*, e no meio d'ella uma grande pedra espherica, com um buraco de um lado. E' crença do povo d'estes sitios, que a rapariga que, sem difficuldade metter e tirar a cabeça por este buraco, tem plenamente provado a sua virgindade!

ESTORÃOS—vide Esturãos.

ESTORIL—vide Cascaes, a pag. 150 do 2.º volume.

ESTOY—vide Estoi.

ESTRADA MOURISCA—vide S. Felix da Marinha, Condeixa Velha, Agueda e Mourisca.

ESTRADAS ROMANAS ou **VIAS MILITARES ROMANAS**—antes do grande Sertorio

vir governar os povos da Lusitania (a pedido d'estes) no anno do mundo 3920, 84 antes de Jesus Christo, não havia na Penisula Iberica uma só via de communicação que tal nome merecesse.

Sertorio era um romano tão corajoso e perito pelas armas como insigne pelas lettras, e estabelecendo o seu *quartel general* (melhor diria *côrte*) em Evora, não só venceu os famosos generaes romanos Cayo-Anio, Romano-Cota, Dédio, Quinto-Metello-Pio, Lucio-Domicio, Manilio, Metello e Pompeo, que Roma mandou successivamente contra os lusitanos; mas, e o que é mais! —fez progredir e desenvolver muitos e grandes melhoramentos materiaes e moraes, na sua patria adoptiva, pagando aos lusitanos, em differentes monumentos de utilidade publica (muitos dos quaes ainda existem, mais ou menos bem conservados) o amor e a obediencia que cordialmente lhe dedicavam.

E' pois provavel, e opinião de alguns escriptores, que as primeiras estradas que se viram na Lusitania foram por elle mandadas construir.

—

Mas este grande homem apenas esteve 11 annos á testa dos negocios da Lusitania. O traidor Perpêna, estrangeiro ao serviço de Sertorio, o assassina cobardemente com 21 punhaladas, em um banquete a que o havia traiçoeiramente convidado, no anno 74 antes de Jesus Christo.

Alguns historiadores attribuiram este crime a suborno de Pompeo; mas é mais provavel que a ambição levasse Perpêna a commettel-o, visto que logo se pôz á frente dos lusitanos, porém Pompeo o derrotou e matou.

Os lusitanos, apesar de não terem já um chefe habil e valente que os dirigisse contra as aguerridas, exercitadas e bem armadas legiões romanas, commandadas por generaes escolhidos, resistem tenazmente por espaço de 13 annos, até que succumbiram, depois de terem derramado ondas de sangue romano, mas quando já na patria não havia senão mulheres, velhos e creanças (63 annos antes de Jesus Christo.)

—

Julio Cesar veio pela primeira vez á Lusitania como *questor* de Tuberon, no anno do mundo 3941 (63 annos antes de Jesus Christo) e para sujeitar este paiz commetteu as maiores crueldades.

Vindo segunda vez á Lusitania no anno 51 antes de Jesus Christo, como *prefeito*, continuou a ser o mesmo sanguinario o exterminador. Vencido por elle Sexto Pompeo, no anno 49 antes de Jesus Christo, tornou Julio Cesar á Lusitania pela terceira vez; porém, com o fim de captar a benevolencia dos póvos, já não era o monstro de outros tempos, mas respirava brandura e amabilidade, cobrindo a Lusitania de honras e privilegios.

É d'este tempo que datam as primeiras *vias militares romanas* da Lusitania; porém quando estas obras tiveram grande e desenvolvimento foi quando Octavio Augusto veio aqui no anno 26 antes de Jesus Christo.

Este illustrado e glorioso imperador ampliou muito as concessões feitas por Julio Cesar, e não só construiu optimas, luxuosas e solidissimas estradas, mas levantou sumptuosos templos aos deuses, fundou varias povoações e promulgou novas e protectoras leis; pelo que os lusitanos, agradecidos, lhe levantaram estatuas em Evora, Mertola, Lisboa, Santarem e outras terras.

Repartiu a Lusitania em quatro chancellarias, que eram: Merida (capital da Lusitania, e hoje na provincia da Extremadura hespanhola) Beja, Santarem e Braga.

(Foram estas chancellarias que então fizeram o recenseamento geral da Lusitania, vendo-se por elle que esta nação tinha n'esse tempo seis milhões de chefes de familia, o que vinha a dar em resultado uma a população de mais de vinte milhões d'almas.)

No anno do nascimento de Jesus Christo, imperando ainda Augusto, todo o imperio romano gozava uma benefica e profunda paz (por isso ainda hoje se dá o nome de *paz octaviana* á que é feliz e duradoura).

Eram pretores de Augusto, na Lusitania, Quadrato e Tito Flavio Claudiano, que fizeram progredir os melhoramentos materiaes e moraes do paiz que fôra confiado á sua direcção.

Augusto morreu no anno 14 de Jesus Christo, succedendo-lhe Tiberio, que fez consul da Lusitania a Vibio Sereno.

Durante os imperios de Tiberio, Caligula e Claudio, poucos progressos fez a Lusitania. Nero, que subiu ao poder imperial no anno 41, mandou governar a peninsula, na qualidade de proconsul, ao indulgente e virtuoso Otho Sylvio, que bastante fez em beneficio das Hespanhas.

As desavenças entre Sergio Galba, Otho Sylvio e Vitelio pouco influiram nas condições da Lusitania.

—

O anno 70 porém, abriu uma nova era de prosperidade para a Lusitania, com a elevação ao thrôno do célebre Vespasiano. Foi este imperador que abriu aqui grande numero de estradas e dotou muitas povoações com obras sumptuosas.

Seu filho Tito (anno 75) não lhe ficou atraz nos desejos de progresso. Fez Plinio questor das Hespanhas, e se dividiu então a Lusitania em tres comarcas, Lerida, Beja e Santarem, havendo tambem muitas colónias e municipios romanos muito populosos.

Até ao anno 100, durante o imperio do cruel Domiciano e de Nerva, não houve alteração sensivel na Lusitania.

Nerva adoptou o immortal Trajano, gloria das Hespanhas (era hespanhol, natural de Córdova) que elevou a Peninsula ao maior grau de prosperidade. Reedificou e amplíou muitas vias romanas, construiu muitas e solidissimas pontes, grande numero das quaes ainda existe, desafiando as injurias do tempo, sendo as mais notaveis as de Alcantara (que então era na Lusitania) sobre o Tejo, a de Alvarenga, sobre o Paiva, e outras muitas; concluiu a de Chaves, e, segundo alguns escriptores, construiu as de Canavezes, Mirandella, Barcellos, Ancora, Ponte de Sôr, Amarante (a primeira) e outras.

Os lusitanos, gratos a tantos beneficios, lhe levantaram estatuas e padrões em muitas terras.

Trajano morreu no anno 114; succedeu-lhe Adriano, que tambem muito beneficiou a Lusitania; não assim seu successor Antonino Pio, que além de alguns reparos nas estradas e outros monumentos, e da redacção do seu *Itinerario*, poucas memorias ha do seu tempo.

Desde 162 até 392 a Lusitania, em vez de prosperar, decahiu; mas n'este ultimo anno, sendo elevado ao solio imperial o illustre lusitano Theodosio *o Grande*, natural de Cauca, fez muitos beneficios á sua patria; porém logo, em 405, os barbaros do norte a invadiram, destruindo estupidamente, e só pelo prazer de devastar, muitos dos principaes monumentos do tempo do imperio romano.

Com o tempo, estes barbaros se foram tornando menos ferozes e por fim se foram polindo e illustrando; e como vieram a formar uma só e mesma nação com os povos da Peninsula, sem haver differença entre invasores e invadidos, reconstruiram muitos dos edificios romanos que tinham destruido. Fundaram muitas egrejas e conventos, dos quaes muitos ainda existem; assim como grande numero de castellos e fortalezas, e alguns d'elles o tempo tem mais ou menos poupado, e cuja robusta construcção ainda nos infunde respeito e veneração.

Parece porém que pouco ou nada curaram do reparo das vias romanas, pelo menos nada a esse respeito consta das historias contemporaneas.

Em 714 teve logar a invasão dos serracenos (arabes ou mouros) e se nos primeiros annos do seu feroz dominio muito destruiram, devemos confessar que depois muito reconstruiram e edificaram. Muitas pontes, algumas leguas de estradas, bastantes castellos e grande numero de templos (hoje transformados em egrejas christans) attestam a sua solicitude e adiantamento na arte architectonica. As Hespanhas estão ainda hoje cheias dos seus bellos monumentos.

—

Constituido o reino de Portugal, e completamente expulsos d'elle) no meiado do seculo XIII os mouros) os nossos reis naturaes trataram de assegurar a corôa na sua fronte e na de seus descendentes. Fundaram é verdade, muitos castellos, muitas egrejas, muitas capellas e innumeraveis conventos;

porém—é triste dizel-o—nada cuidaram—nem no tempo mais prospero e rico—em canaes e estradas.

Ha trinta e tantos annos é que se tem dado bastante impulso á edificação de estradas publicas, e, se ainda n'esse ponto não attingimos ao adiantamento que se nota na Inglaterra, França, Belgica, Hollanda, Prussia, etc., é innegavel que estamos mais adiantados do que os nossos visinhos e co-irmãos, os hespanhoes.

Solidez e magnificencia das vias militares romanas

O povo romano era magnifico e desvelado em construir as suas estradas, commodas, duradouras, luxuosas, e proporcionando aos transeuntes vias facilimas de communicação entre as diversas povoações, e ás suas tropas o rapido transporte de um a outro ponto.

De milha em milha collocavam um padrão (marco milliar) com a indicação do numero de milhas que uma cidade distava da outra. Muitos d'estes *padrões* eram ornados de bellas esculpturas e com inscripções laudatorias a diversos imperadores ou pessoas notaveis.

Ainda em Portugal se conservam muitos, que vão especialmente mencionados nas terras onde existem. Vide Braga, Geira, Portella do Homem, etc.

Estas estradas eram construidas, ou á custa do estado, ou do dinheiro tirado dos cofres publicos, ou de donativos e legados que para isso destinavam os particulares, ou, finalmente, do producto dos despojos dos inimigos do imperio.

Havia individuos exclusivamente destinados ao governo e conservação das estradas, a que davam o nome de *Viarum Curatores*, com as attribuições, pouco mais ou menos, dos actuaes chefes de cantoneiros ou fiscaes das estradas.

Havia *vias militares* e *vias vicinaes*, e os nomes dos que concorriam para a sua construcção, reedificação ou concerto, eram inscriptos nos marcos miliares, o que era considerado como grande honra.

Ninguem estava isento de contribuir para as estradas, nem mesmo as propriedades dos imperadores.

Os montes eram aplanados, e quando absolutamente o não podiam ser, por causa dos rochedos, n'estes mesmos abriam caminho amplo a picão.

Se havia declives ou baixos, entulhavam-se ou se construiam viaductos, procurando-se sempre que as estradas fossem plannas e em linha recta.

Todas as vias militares eram calçadas, consistindo o pavimento em quatro camadas, cada uma de differente materia. A primeira, que servia como de alicerce ou fundamento das outras, se chamava *statumen;* e antes de a construirem se limpava d'alli toda a terra friavel, areia ou argilla que podesse obstar á firmeza e segurança que se exigia. A segunda camada se chamava *rudeeratio*, e consistia em uma composição de fragmentos de louça, telhas, tijolos, etc., adherentes com argamassa ou com betume, de tal qualidade, que ainda hoje admiramos a sua dureza e robustez. Á terceira camada se dava o nome de *nucleus*, e era formada de cal e areia, que se applicava em consistencia branda e capaz de admittir as fórmas que lhe quizessem dar. Era sobre esta que se collocava a quarta e ultima camada, a que se dava o nome de *summa crusta* ou *summum dorsum*, que consistia em seixos, calhãos, pedras chatas, tijolo ou cousa similhante, que fazia os caminhos lisos, rijos e duraveis.

Para que as aguas não as arruinassem, construiam fossos ou vallas de um e outro lado e deixavam as calçadas abauladas, para que as aguas se escoassem logo pelas vallas lateraes.

As estradas eram mais ou menos bellas, segundo o material proximo que n'ellas se podia empregar.

Onde havia abundancia de pedra branca rija (como na estrada de Salamanca) ficava o leito muito alvo e por isso se lhe dava o nome de *via argentea*. Onde a pedra era cinzenta ou côr de ferro, se lhe dava o nome de *via ferrea*.

Mas se nas proximidades das vias planisadas não havia material proprio, era este

transportado dos sitios em que o havia, em carros ou em barcos.

Os imperadores e seus consules, proconsules, prefeitos, questores e tribunos nunca olharam a despezas e difficuldades para levarem á conclusão e perfeição estas verdadeiramente maravilhosas obras, das quaes ainda em Portugal ha muitos e solidos restos, apesar dos seus mais de 18 seculos de existencia.

ESTREITO—freguezia, Beira Baixa, comarca da Certan, concelho de Oleiros, 75 kilometros do Crato, 210 a E. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 31 fogos.

Orago S. João Baptista.

E' no grão-priorado do Crato e por isso está annexa ao patriarchado. Districto administrativo de Castello Branco.

O grão-prior apresentava o reitor, cura, que tinha 60 alqueires de trigo, 60 de cevada, 25 almudes de vinho mosto e 3$500 réis em dinheiro.

E' terra muito fertil, sobretudo em cereaes.

ESTRELLA—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Moura, 54 kilometros de Evora, 155 ao SE. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 55 fogos.

Orago Nossa Senhora da Estrella.

Bispado e districto administrativo de Beja.

O ordinario apresentava o cura, que tinha 200 alqueires de trigo e 40 de cevada.

E' terra fertil em cereaes.

ESTRELLA (Serra da)—Beira Baixa, o *Herminio Maior dos antigos*, para o differençarem do *Herminio Menor*, que é a actual Serra de Marvão.

Dizem alguns que se lhe deu o nome de *Estrella*, porque um de seus pincaros tinha um rochedo com a configuração d'uma estrella. Isto porém é inverosimil. Querem outros que a origem do seu actual nome seja porque n'esta serra existiu em remotos tempos, um templo dedicado a *Lucifer (estrella d'alva.)*

Hermenho ou *Herminio*, é palavra lusitana antiga, significa, aspero, rude, duro, intratavel, e eis aqui sua verdadeira etymologia. (Vide Hermenho.)

Esta serra é uma notavel cordilheira granitica, que, destacando-se da Serra da Gata, no reino de Leão, corre em Portugal pela provincia da Beira-Baixa, de SSE. a NNO., lançando consideraveis *ramos* para differentes direcções e com diversos nomes; entra pela nossa Extremadura, e vae terminar no Cabo da Roca.

O pincaro do Cantaro-Delgado, ponto culminante d'esta serra, segundo *Balbi*, tem—2:400 metros acima do nivel do mar. (Mesmo assim, a maior elevação de Portugal é o monte da Gaviarra, no Minho, na serra de Suajo, que tem 2:467 metros sobre o nivel do mar.)—(Balbi.)

O Cantaro Delgado é uma especie de pyramide, formada de rochedos collocados uns sobre outros. No seu cume está uma pyramide de 11m d'alto, de cantaria, mandada fazer pelo principe regente, em 1806, segundo diz a inscripção. De certos pontos parecem um grande castello arruinado. Não é accessivel por parte nenhuma. Tem muitas cavernas. O Cantaro Gordo é uma montanha de rochedos cortados perpendicularmente pelo lado do N, mas pelo S se estende pelo cume da serra. Apesar da permanente camada de neve que o cobre, tornando perigoso o seu ingresso, alguns curiosos atrevidos aqui teem subido pelo S., para admirarem a medonha profundidade do córte do norte.

Nesta serra nascem muitos rios, sendo os principaes Mondégo, Zézere e Alva.

O alto da serra é arido, pedregoso e desabrido, e apenas onde ha terra vegetal se vê alguma planta rasteira e poucos e enfesados carvalhos; do meio para baixo porem é terreno fertil o offerece á vista lindas paisagens, povoado de villas, e grande numero de grandes aldeias e casaes.

No alto da serra e perto da villa de Manteigas, ha um plató com dois lagos, um de 1 kilometro de circumferencia, chamado Lagoa Escura (diz-se que se lhe não acha fundo) e outro mais pequeno, chamado Lagoa-Comprida.

Tem mais as lagoas Seccas e Redonda. A Lagoa Secca é assim chamada, porque, tendo pouca profundidade, sécca de verão, pastan-

do o gado no seu leito. Da Redonda nasce o rio Alva. Tem esta lagôa 616 metros de circumferencia e 5 de profundidade. A escura têm as bordas formadas de rochedos altos e denegridos: o excedente d'esta lagôa corre para a Lagôa-Comprida e dá tambem um forte manancial ao Alva. Tambem ha n'esta serra as Lagôas de Manteigas, que ficam proximo da villa d'este nome. São ellas que dão origem ás Zêzere.

A terra que rodeia estes lagos sente-se tremer, quando se anda sobre ella. É denegrida e arida: apenas aqui se veem dois robustos carvalhos e nada mais de vegetação.

Suas aguas sobem e descem, sem se poder atinar com a causa d'este phenomeno. Não ha n'elles cousa viva.

Quando embraveecem (sem tambem se saber porque!) seu horroroso estampido adverte os pastores de tempestade proxima.

O cume d'esta serra está constantemente coberto de neve. Ha na Estrella minas d'alabastro, crystal de rocha, chumbo, aguas-marinhas, turquezas, ametistas, cobre, etc. etc.

Diz-se que o sabio *Link* aqui achou admiraveis flores, no meio da neve. Encontram-se n'esta serra muitas plantas alpinas.

O nosso grande Viriato (o mais antigo) era natural d'esta serra, e um pastor de gado, antes de ser o glorioso general dos lusitanos.

Os primeiros habitadores da Serra da Estrella de que ha noticias escriptas, são os *pesures*, os mais bravos guerreiros da antiguidade e da edade media, que tantas e tão brilhantes victorias obtiveram contra os romanos. Eram na verdade os mais ferozes povos de Lusitania; mas tambem os mais aguerridos, e por mais de uma vez a patria deveu a sua liberdade aos destemidos lusitanos do Herminio. Viriato era *pesure*, e pondo-se á frente dos seus serranos, em breve viu correr a alistarem-se sob as suas bandeiras victoriosas, varios povos do resto da Lusitania, que por tantas vezes, dirigidos por este chefe audaz e infatigavel, fizeram rojar pelo solo ensanguentado da patria as soberbas aguias do imperio romano.

A serra da Estrella separa a Beira-Alta, da Beira-Baixa.

Dos *Cantaros* para o S. corre uma planicie, no cume de toda a serra, que gradualmente se vae elevando para o S, até cortar-se perpendicularmente a uma profundidade espantosa, a que chamam *Malhão da Estrella*. Chegando a este ponto fica-se maravilhado com o vastissimo panorama que se gosa. Para o E veem-se terras de Hespanha; para o S, a Beira-Baixa e Alemtejo, para o N, e O o Douro e Beira-Alta. Chama-se a esta elevadissima planicie «*Serra do Canariz*.»

A distancia de 10 kilometros do Canariz, na encosta da serra é que nasce o Mondêgo, cujo nome, se diz, tomou de uma aldeia chamada *Monda*, que está junto á origem do rio. Dá o Mondêgo grandes voltas, por causa das sinuosidades do terreno, correndo para L, até proximo da Guarda: d'aqui vira para o N. até Celorico, e d'ahi segue a direcção do O., dando ainda muitas voltas até á sua foz, na Figueira, pelo que tem um curso de mais de 180 kilometros. (Vide Mondêgo.)

O Zêzere, depois de uma despenhada corrente, desagua no Tejo, junto a Villa Nova de Constancia. (Punhete.)

O Alva, precipitando-se de grandes quebradas, formando bellas cascatas e correndo espumante por entre rochedos, cahindo em profundas cisternas e escondendo-se em cavernas, vae desaguar no Mondêgo, no sitio da *Foz do Alva*. Suas escarpadas margens são ricas em minas d'ouro, e os romanos e árabes d'aqui extrahiram grande copia d'este metal, do que ha muitos vestigios. Suas areias ainda hoje trazem palhetas d'ouro.

Todos estes rios são abundantes de varias especies de soborosos peixes, sendo os principaes *barbos*, *bogas*, *enguias* e as deliciosas *trutas*.

(Vide Alva, Mondêgo, e Zêzere.)

Em toda a serra ha grande quantidade de perdizes, coelhos, e lebres, mas só até ao meio da sua altura. Pelas cavernas ha bastantes lobos que frequentemente assaltam os rebanhos que pascem nas faldas da serra.

Nas lagoas e pantanos ha patos bravos, e em toda a parte immensidade de milhafres, mochos, hujos (ou bufos) e algumas aguias.

N'aquellas alturas não ha moscas, nem outras castas de insectos, nem reptiz; mas

nos valles onde se encontram algumas mattas, ha muitas viboras. Tambem por esta serra havia d'antes ursos e javalis. Hoje já não apparecem ursos, e os javalis (ou javardos, como aqui lhe chamam, e tambem porcos montezes) são raros, em consequencia da grande derrota que os povos d'aqui lhe teem dado.

Os que quizerem mais circumstanciadas noticias sobre a Estrella, consultem o livro do conselheiro Alexandre d'Abreu Castanheira, intitulado «*As lagoas da Serra de Estrella.*» E sobre as fabulosas tradições que d'ella ha em Portugal, a «*Academia da Humildes e Ignorantes.*» Veja-se tambem a nota a pag. 301 do tom. 1.º da Geographia d'Urcullu.

—

Em 1149, principiou Lourenço Viegas (o Espadeiro) filho de Egas Moniz, em cumprimento das ordens de seu fallecido pae, a fundar n'esta serra um convento de frades bernardos, que se concluiu em 1161, dando-se-lhe a invocação de Santa Maria da Estrella, e vindo n'este mesmo anno para aqui 9 frades d'Alcobaça, com seu abbade, que era D. Mendo Vasques.

Os frades, não gostando do sitio, em 1163 ou 1164, lhe lançaram fogo, em uma vespera de natal, ardendo tudo. Os frades tornaram para Alcobaça e as ruinas do convento ficaram abandonadas até 1220, em que D. Mendo, abbade de Maceiradão, com licença do bispo e cabido da Guarda, o reedificou ou, mais propriamente, fundou; pois do antigo só aproveitou a pedra. Foi de novo povoado (de bernardos) mas tendo sempre poucos frades, porque não queriam vir para aqui.

Pelos annos de 1565, o cardeal D. Henrique (depois rei) sendo abbade d'Alcobaça, annexou este convento ao collegio de S. Bernardo, de Coimbra, que elle mesmo havia fundado, para ajuda da sua sustentação, deixando em Santa Maria da Estrella apenas um frade para cuidar na egreja, que é a unica cousa que existe.

A doação que Lourenço Viegas fez d'este convento, já depois de lá estarem os frades, é da éra de 1199 (1161 de Jesus Christo.)

Diz fr. Bernardo de Brito, que em 1145 mandou D. Affonso I a D. Egas Moniz expulsar os mouros que faziam correrias na Estrella. Cumprida a ordem ficou por alli alguns dias D. Egas a caçar. N'uma occasião que estava só, foi atacado por uma ursa que elle feriu, mas, sobrevindo o urso, companheiro da ferida, se lançaram a D. Egas, que encostado a uma fraga, se defendeu ás lançadas, podendo em fim matar o casal dos ursos. N'este aperto havia promettido a Nossa Senhora que, se escapasse, lhe fundaria alli mesmo um convento da sua invocação; mas, morrendo d'ahi a 8 mezes, encarregou o tal seu filho do cumprimento da promessa.

A historia dos ursos devia ter logar em agosto de 1145, pois D. Egas morreu a 21 de abril de 1146.

ESTREMADOURO ou **EXTREMADOURO** — pequena aldeia, Beira-Alta, freguezia de Penajoia, bispado, comarca, e concelho de Lamêgo, districto administrativo de Viseu.

Tem aqui uma bella quinta o sr. visconde de Val-Mor. Esta propriedade foi, em grande parte, do coronel José Leite.

É uma situação alegre, sádia e fertil. Fica em frente da villa de Mezão Frio: esta na direita e Estremadouro na esquerda, do rio Douro.

ESTREMADURA ou **EXTREMADURA** — (provincia) Confina ao NE. com a Beira, ao S. com o Tejo, a O. com o mar.

Tem uma area de 433 leguas quadradas. Suas principaes montanhas são:

Monte-Junto e Cintra, e os rios são—Anços, Alcoa, Tejo e Rio-Maior.

Tem florescentes cidades, populosas e bonitas villas e muitas e grandes quintas e herdades, alem de grande numero de freguezias ruraes.

A agricultura está muito desenvolvida e o commercio e a industria tem progredido.

Julgo escusado mais explicações sobre esta provincia, visto hir tudo onde pertence.

ESTRÊMO ou **EXTREMO** — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valde Vez, 48 kilometros ao ONO de Braga, 405 ao N de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago Santa Maria ou Nossa Senhora do Estremo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Extremo quer dizer—*raia, balisa, confim, extremidade*, de qualquer reino, região ou propriedade.

O commendador de Távora, da Ordem de Malta, apresentava o vigario, collado, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

ESTREMOZ ou **EXTREMOZ**—villa, Alemtejo, capital de comarca e concelho, 24 kilometros ao N d'Evora (a cujo arcebispado e districto administrativo pertence) 150 ao O de Villa Viçosa, a mesma distancia á O, de Borba, 1:950 fogos (7:800 almas) em duas freguezias, Santo André, 1500 fogos, e Santa Maria do Castello, 450. Até ao fim do seculo XVIII tinha mais a freguezia de S. Thiago, apostolo, que está hoje annexa á de Santo André. No concelho tem 3:100 fogos, e na comarca 6:200.

Situada sobre uma eminencia, em terreno aprasivel, dos mais ferteis do Alemtejo, e muito saudavel; cercada de formosas quintas, hortas e pomares.

D. Affonso III a mandou povoar em 1258, concedendo-lhe todos os fóros e privilegios de Santarem. Tinha assento em côrtes, no banco terceiro entre Guimarães e Olivença.

Foi praça d'armas, e ainda conserva muitas das fortificações que D. Affonso III lhe mandou fazer quando a povoou, mas todas desmanteladas, menos a torre, (de que adiante fallarei) que ainda está em estado de se conservar por muitos annos.

O mesmo rei lhe deu foral, em Leiria, a 22 de dezembro de 1258. D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, no primeiro de junho de 1512.

Junto á esta villa ha uma fonte abundantissima d'agua no verão e no inverno.

Estremôz é actualmente a maior villa de Portugal, e uma das mais formosas. Parece imposivel que Thomar fosse elevada á cidade, (com quanto o merecesse) que não é metade de Estremôz, nem tendo a importancia industrial e commercial d'esta povoação, e que Estremoz ficasse permanecendo villa. Miranda, Pinhel e Silves, são cidades, e todas juntas talvez não formem uma povoação tão grande como Estremoz. Mas não se desconsolem os d'aqui. Desde que Setubal, Santarem e Covilhan, villas importantissimas e rivaes d'Estremoz, foram ellevadas com justiça á cathegoria de cidades, póde Estremoz gloriar-se, com razão, de que é a primeira villa de Portugal.

Na planicie junto ao monte onde está o castello, se vê um formoso terreiro com um bello chafariz de marmore, com 8 bicas.

Este terreiro é cercado de conventos e casas nobres.

Entre outras industrias, fabrica-se aqui bellissima louça de barro encarnado, que se exporta para todo o reino e para Hespanha.

Os marmores d'Estremoz, tanto pela sua optima qualidade, como pela belleza das suas côres, podem competir com os de Paros e Carrára.

Ha tambem crystal de rocha.

Tem por armas uma planta de tremôços, e diz-se que este fructo foi o que deu o nome á villa, pela grande abundancia de tremôços que os primeiros povoadores aqui acharam.

Outros dizem que vem d'extremo, por esta villa estar quasi no extremo da provincia do Alemtejo; mas a primeira etymologia parece mais verosimil. 400 metros ao S, da villa se veem os antigos muros de um grande lago quadrado, que tem 52m de comprido e 4m,50 de largo, com 2,m2 de grossura. Chamam-lhe aqui o *tanque dos mouros*; mas pelas medalhas e sepulturas que por aqui teem apparecido, se collige que era obra dos romanos, e que aqui foi uma povoação d'elles. Ainda se veem os grossos *gigantes* que sustentavam os muros da parte do O., e ainda existem restos de abobadas. A agua para aqui vinha do convento de Santo Antonio, mas, tendo-se obstruido a fonte, com o terramoto de 1531, ficou a agua para os frades. Tambem aqui tem apparecido cippos com inscripções romanas.

Tinha esta villa seis conventos.

1.º De frades franciscanos, fundado por D. Affonso III, pelos annos de 1260.

2.° De frades de S. João de Deus, que, segundo a sua instituição, era hospital de pobres.

—

3.° Frades agostinhos descalços. Tinha primeiramente sido de freiras de Santa Clara. (Franciscanas.)

—

4.° De freires de Malta (S. João Baptista.) o unico d'esta Ordem que havia no reino. Foi fundado em 1563 pelo infante D. Luiz, filho d'el-rei D. Manuel.

—

5.° Congregados de S. Philippe Nery, fundado por D. fr. Luiz da Silva Telles, Arcebispo d'Evora, em 1698, e no qual elle disse a primeira missa, no dia 8 de dezembro d'esse anno.

—

6.° *Frades capuchos antoninos*, da provincia da piedade, fundado em 1662, extramuros.

—

Estremoz distinguiu-se sempre pela bravura, lealdade e patriotismo de seus moradores, nas guerras de independencia contra a Hespanha.

Nas proximidades de Estremoz, é o memoravel sitio de *Montes Claros*, célebre pela assignalada victoria que os portuguezes, commandados pelo marquez de Marialva e pelo marechal de Schomberg, ahi ganharam aos castelhanos, commandados pelo marquez de Caracena (general de grande fama, que veio substituir D. João d'Austria) no dia 17 de julho de 1665. Nós perdemos 700 mortos, mas a perda dos hespanhoes foi de 4:000 mortos e 6:000 prisioneiros; perdendo tambem a artilheria, bagagens, material de guerra, etc.

Foi de tanta consideração esta nossa gloriosa victoria, que obrigou o rei de Hespanha a pedir e propôr pazes, que ainda d'essa vez se não effectuaram. É esta a memoravel *Victoria de Montes Claros.*

—

Ha em Estremoz duas feiras annuaes muito concorridas, uma a 25 de julho, outra a 30 de novembro. N'ellas se faz grande commercio.

Os suburbios da villa são muito aprasiveis e fertilissimos, muito abundantes de aguas.

Eram alcaides-móres de Extremoz os duques de Cadaval.

As actuaes armas de Estremoz são —escudo de púrpura, no centro as *Quinas*, e por baixo um tremoceiro verde, á direita, em cima, um sol de oiro, e á esquerda uma lua de prata; no centro, de cada lado, uma torre, e por baixo de cada uma um escudo em branco.

—

Não se sabe se esta povoação já existia no tempo dos romanos, mas é de suppôr que sim, em vista dos cippos, inscripções, sepulturas, etc., de que ja fallei. É certo porém que foi povoação mourisca (sem que se saiba o nome que então tinha) pois os arabes a abandonaram quando os portuguezes resgataram do seu poder as terras circumvisinhas. É provavel que fosse em 1166, quando viram em poder dos christãos a capital da provincia, a famosa cidade d'Evora. Se assim foi, esteve quasi um seculo abandonada.

D. Affonso III, vendo que esta posição era importante para defender a fronteira do Alemtejo, fundou no cume do monte um forte castello (como já dissemos) em 1258, e á sombra d'elle se foi povoando este logar, occupando não só as casas abandonadas, mas outras que de novo se foram fazendo; progredindo a povoação, que para aqui attrahia a amenidade e feracidade do paiz; e assim se foi cobrindo de habitações o monte que cercava o castello, e por fim a visinha planicie.

Pouco depois da gloriosa restauração de 1640, tratou D. João IV de augmentar as fortificações, e ainda que as primeiras obras de defeza, que então se fizeram, fossem frageis, passados poucos annos se construiram com solidez e segundo as regras da arte, ficando a villa cingida de muralhas, defendida por dez baluartes, tres meios baluartes, e um redente, além dos revelins e mais obras exteriores.

O antigo castello foi reparado, passando a ser a cidadella da praça.

Os muros de circumvallação tinham no-

ve portas, que estão hoje quasi todas demolidas.

Sobre um monte visinho construiu-se um forte com 4 baluartes, e sobre outro, um pouco mais distante, se edificou um reducto, denominado de *Santa Barbara.*

A torre ou cidadella (construida no mesmo sitio onde depois el-rei D. Diniz tinha o seu palacio) é tão alta que d'ella se avista —Portalegre, Marvão, Alter do Chão, Cabeço de Vide, Fronteira, Monforte, Veiros, Villa Boim, Albuquerque (Hespanha), Evora-Monte, Vimieiro, Arrayolos, Aviz e as serras da Estrella e Monte-Junto.

O castello de Estremoz é notavel na nossa historia, por ter servido de residencia a D. Diniz e sua mulher, a santa rainha Isabel (que aqui morreu com 65 annos de edade, em 4 de julho de 1336, quando hia estabelecer pazes entre seu filho D. Affonso IV e seu sobrinho o rei de Castella). Tambem aqui residiu e falleceu seu neto D. Pedro I, a 18 de janeiro de 1367.

Ao lado O. do castello está a capella de Santa Izabel, construida no proprio quarto em que esta virtuosa rainha exhalou o ultimo suspiro, mandada fazer pela rainha D. Leonor, mulher de D. João IV, depois da victoria *das linhas d'Elvas*, em cumprimento de um voto feito por D. Luiza, para se vencer esta batalha.

D. João V dotou esta historica capella com riquissimas alfaias, e lhe deu grandes rendas, que em 1834 foram julgadas *bens nacionaes*, e vendidas em hasta publica, ficando assim abandonoda, fechada e sem culto, esta linda egreja, que era ao mesmo tempo um monumento historico, digno do respeito eterno dos portuguezes.

O antigo palacio de D. Diniz, contiguo á referida capella, foi depois convertido em armazem de munições de guerra, e por fim serviu de payol da polvora, até 17 de agosto de 1698, em que, pela uma hora da tarde, ardeu, em resultado de uma horrivel explosão, que destruiu todo o edificio e arruinou algumas casas da villa.

Em 1738 se fundou no mesmo logar, por ordem de D. João V, a grande *sala de armas*, um dos mais ricos e curiosos museus de objectos militares que havia na Europa, e o unico de Portugal, desde que o terramoto de 1755 destruiu o que havia nos paços da Ribeira, em Lisboa.

Este de Estremoz continha 40:000 espingardas, 10:000 pistolas, armas de toda a qualidade, de varias épocas (algumas muito antigas), armaduras completas de ferro e de cobre e outras muitas curiosidades militares.

Houve n'esta villa uma fundição de artilheria. Ainda em março de 1874 foi offerecido ao sr. D. Luiz, o modelo antigo de uma peça de artilheria, de bronze, da fabrica portugueza d'Estremoz. Tem as armas reaes de Portugal, e a seguinte inscripção:—*Arsenal d'Estremoz* — 1799 =*Ultima racio Regni.*— *C.* (calibre) 14.

Em 1809 os francezes espoliaram a famosa *sala d'armas* de todas as suas preciosidades para enriquecerem com ellas os museus militares de Paris; mas julgando este infame roubo ainda pequena façanha, quizeram fazer saltar a torre pelos ares, para o que a minaram, enchendo a mina de barris de polvora (tambem roubada) e lançando fogo á um comprido rastilho, deitaram a fugir.

O fogo, porém, não se communicou á polvora, e este venerando monumento foi ainda salvo da ferocidade d'estes novos wandalos das Gallias.

Hoje é quartel de infanteria 17. Tem tambem o seu quartel em Extremoz o regimento de lanceiros n.º 1.

Até 1834 era quartel de infanteria n.º 8 e de um parque de artilheria 3.

Em 1823 tambem foi, por quasi um anno, quartel de caçadores n.º 4, que aqui esteve de guarnição.

—

Junto á villa está o palacio e quinta dos arcebispos de Evora. N'elle foi assassinado a punhaladas, por seus proprios familiares (que eram do partido do infante, depois D. Affonso IV, e elle do rei D. Diniz) o arcebispo de Evora, D. Giraldo, no dia 5 de março de 1320.

—

Estremoz foi quartel general da 7.ª divisão militar até novembro de 1869.

Até 1834 era esta villa uma corregedoria, cuja jurisdicção abrangia 15 villas. Hoje tem juiz de direito.

Tem uma boa egreja da Misericordia e bem administrado e rendoso hospital, fundado no principio do seculo XVI.

—

No dia 27 de julho de 1833, os presos liberaes (e d'envolta com elles, os que estavam presos por diversos crimes, porque n'estas occasiões todos diziam que eram liberaes) que estavam na cadeia de Estremoz, loucos com a noticia da entrada do conde de Villa Flor em Lisboa, effectuada 3 dias antes (a 24) se revoltam, pretendendo arrombar a prisão. Então os ferozes canibaes que estavam de guarda á cadeia, parte da guarnição e mesmo muitos malvados da villa, commettem toda a sorte de barbaridade contra os infelizes presos, aquem uma noticia fausta (para elles) tinha cegado a ponto de tentarem o impossivel.

O sr. D. Miguel I, só soube d'este massacre, quando já não tinha cura, e a maior parte dos realistas se horrorisaram de tamanhas atrocidades, mas nem estas razões, nem todas as crueldades praticadas pelos liberaes nos Açores, no Porto, no Algarve, em Cacilhas, em Lisboa, antes d'este dia de triste recordação, e, depois d'elle, por todo esse reino; nem todas estas razões (repito) lavam esta nódoa indelevel que cahiu no partido legitimista, em geral e contra os monstros que praticaram o crime, em especial. Dezesete foram os presos que morreram a tiro, nas pontas dasbayonetas e a machado (!) além de grande numero de feridos, mais ou menos gravemente.

Tenho querido investigar circumstanciadamente este lamentavel acontecimento; mas nada pude conseguir. Consultei varias pessoas que presencearam o facto; mas fiquei na mesma. Se o consultado era liberal, pintava-me os realistas como monstros sedentos de sangue e de carnagem, que tudo fizeram sem a minima provocação: se era realista, foram os presos os provocadores e mereciam ainda mais! — Vão lá deslindar isto!

Note-se porém que o governador militar de Estremoz tratou immediatamente de obstar á continuação da ignobil carnificina, mandando formar a tropa, carregar a artilheria e prender todos os cabeças de motim e os que mais se distinguiram n'este acto de canibalismo. Todos elles ainda estavam presos em Estremoz, quando a guerra civil terminou em 1834, e pagaram com a vida, e pelo mesmo modo, o seu crime; pois tambem foram bárbaramente assassinados pelos liberaes, e sem fórma alguma de processo, tal e qual como haviam feito ás suas victimas.

—

Da propensão natural que os filhos d'esta notavel e nobre villa teem sempre tido para a cultura das sciencias, dá brilhante testemunho o abbade Diogo Barbosa Machado, na sua *Bibliotheca Lusitana*, mencionando os nomes e as obras, em diversos generos de litteratura, de escriptores aqui nascidos. Não são menos de 27 os que até ao seu tempo se distinguiram, e desde então varios outros se addiccionaram.

Hindo já bastante longo o artigo relativo a Estremoz, não posso augmental-o com a relação dos filhos d'aqui que em varias épocas mais se teem distinguido pelas virtudes, pelas armas ou pelas lettras; mencionarei apenas os seguintes:

Manuel Alves Pêgas, nascido a 4 de dezembro de 1635, e fallecido em Lisboa, a 12 de novembro de 1696, sendo sepultado no claustro do convento do Carmo. Foi o mais distincto jurisconsulto do seu tempo, exercendo importantes empregos na magistratura e escrevendo muitas obras de jurisprudencia, ainda hoje estimadas.

Manuel Gomes Freire, mais conhecido na republica das lettras pelo nome de fr. Agostinho de Santa Maria, que adoptou na religião.

Nasceu a 28 de agosto de 1642. Era filho de Antonio Freire e de Catharina Gomes.

Em 18 de dezembro de 1665, tomou o habito dos eremitas descalços da Ordem reformada de Santo Agostinho, introduzida recentemente em Portugal, sendo elle o primeiro noviço admittido á nova congregação, professando em 19 de dezembro do anno se-

guinte, no convento de Nossa Senhora do Monte Olivete, extra-muros de Lisboa, deixando então o nome do seculo.

A muita virtude, juntava muita instrucção e amor ao trabalho. Foi feito chronista da sua ordem, prior do seu convento de Evora, secretario da provincia, tres vezes definidor geral e por fim vigario geral de toda a congregação. Apesar de todas as suas occupações, escreveu varias obras, muito apreciadas, e que sobem a 28 tomos as impressas, além das ineditas. A melhor das suas obras publicadas é o *Santuario Marianno*, 10 tomos em 4.º, impressos em Lisboa desde 1707 até 1723.

Os escriptos d'este douto varão eram correctos e elegantes.

Morreu em Lisboa, a 2 de abril de 1728, na provecta edade de 86 annos. Foi sepultado na egreja do convento de Nossa Senhora da Boa Hora.

Quando se profanou este convento, para n'elle se estabelecerem os tribunaes de justiça de 1.ª instancia, o retrato de fr. Agostinho foi para a Bibliotheca Nacional, onde existe.

—

No sequito da rainha D. Mecia Lopes de Haro, 2.ª filha do conde D. Lopo Dias de Haro, senhor de Biscaia; quando veio para Portugal, para casar com D. Sancho II, vinha com ella seu primo, D. Pedro Paes Lobo.

E' d'este D. Pedro que procedem os Lobos d'esta villa de Estremoz, Evora, Alvito, Elvas, Lisboa, etc., etc. Teem por armas:—em campo de prata 5 lobos negros armados de ouro, em aspa, lampassados de vermelho, elmo d'aço aberto — e por timbre um dos lobos.

D'esta familia foi D. Maria de Sousa Lobo, bisneta de Diogo de Sousa Lobo, um dos cinco irmãos, que em tempo de D. João I de Portugal vieram da Galliza aqui estabelecer-se. Diogo de Sousa Lobo foi senhor da villa de Alvito. D. Maria de Sousa Lobo, herdou este senhorio, por morte de seu pae, e foi segunda mulher de D. João Fernandes da Silveira, regedor das justiças e chanceller-mór de D. Affonso V, e seu escrivão da puridade. Por este casamento ficou senhor de Alvito, de cuja villa o mesmo rei o fez primeiro barão, em 1475. Tiveram varios filhos, sendo o primogenito, Diogo de Sousa Lobo da Silveira, por quem se segue a baronia d'esta casa, com o brasão d'armas antecedente, accrescentando-lhe uma orla azul, carregada de oito aspas de ouro, e o lobo do timbre com uma das aspas na espádua. É' d'este Diogo de Sousa que procedem os condes d'Oriola e barões d'Alvito, cujo titulo é mais conhecido por *conde-barão*. Vide Alvito.

—

Em setembro de 1873 chegou a esta villa o primeiro wagon do caminho de ferro do sueste.

—

Já disse que esta villa tinha no fim do seculo XVIII tres freguezias. Eram todas priorados da Ordem de Aviz, e os priores eram freires da mesma Ordem. Eram apresentados pelo tribunal da Mesa da consciencia e ordens.

A freguezia de Santa Maria, em 1757, tinha 502 fogos. O prior tinha 180 alqueires de trigo e 120 de cevada.

A freguezia de S. Thiago, tinha 27 fogos, e o seu prior tinha de rendimento 400$000 réis.

A freguezia de Santo André, tinha 1:227 fogos. O seu prior tinha de rendimento 400 mil réis.

—

A comarca de Estremôz é composta de tres julgados: Borba, com 1:350 fogos—Estremôz, com 3:100—Villa Viçosa, com 1:750.

—

O concelho de Estremôz comprehende 13 freguezias, todas no arcebispado de Evora, são:—Ameixial (S. Bento)—Ameixial (Santa Victoria) — Anna Loura — Arcos — Santo Estevão — Estremôz (Santo André) — Estremôz (Santa Maria) — Nossa Senhora da Gloria—Mamporcão — Cortiço — Canal — Evora Monte (Santa Maria do Castello) — Evora Monte (S. Pedro).

—

No dia 21 de dezembro de 1873, foi aqui inaugurado o ramal do caminho de ferro de

SE., desde a estação da Venda do Duque até esta villa.

A camara municipal da villa convidára o governo, as camaras municipaes de Lisboa, as do districto de Evora limitrophes da linha ferrea, diversos funccionarios, e os redactores da imprensa da capital, para o *lunch* destinado a celebrar tão fausto acontecimento.

Ás 7 horas da manhã estavam reunidos no Terreiro do Paço os convidados da camara de Estremôz. O governo era representado pelo sr. João de Andrade Corvo, ministro dos estrangeiros e da Marinha. O sr. presidente do conselho, que tencionava hir á inauguração, não pôde, por motivos de serviço publico, realisar o seu intento. O sr. ministro das obras publicas, tinha de assistir em Lisboa á uma lugubre ceremonia de familia. Os seus collegas do reino e da justiça estavam encommodados de saude.

Representavam a camara municipal de Lisboa os srs. vereadores Margiochi e Araujo; os funccionarios civis e militares eram os srs. Margiochi, Ernesto de Faria, Pedro Roberto, Miguel Paes, Castello Branco, Fenn, Sousa Brandão, Torres Trigueiros, major Quintino, tenente coronel Salgado, major Augusto Pinto, tenente Abreu e Sousa, coronel Valente, pagador Fava, conselheiro Thomaz Ribeiro, juiz Miguel Osorio e alguns outros. Estavam os srs. visconde do Carvalhido, Barroso, genro do sr. Andrade Corvo e antigo deputado Mello e Faro. Dos deputados do districto de Evora, o sr. Pinheiro Borges. O sr. Falcão da Fonseca não assistiu por estar fóra de Lisboa.

A imprensa era representada pelos srs. Cunha Belem, da *Revolução de Setembro;* Germano de Magalhães, do *Jornal do Commercio;* Pimentel e Brito Aranha, do *Diario de Noticias;* Santos Nazareth, do *Diario Popular;* A. Ennes, do *Paiz;* Hermenegildo Pedro de Alcantara, da *Crença Liberal;* Gastão da Fonseca, do *Diario Illustrado* e Teixeira de Vasconcellos, do *Jornal da Noite.*

Pouco depois das 7 horas e meia da manhã largava do caes do Terreiro do Paço o vapor *D. Carlos*, e ás 9 menos 10 minutos partia do Barreiro o comboio especial destinado a conduzir a Estremôz a numerosa comitiva. A manhã estava serena, formossisima e pouco fria. Depois de breve demora nas Vendas Novas e na Casa Branca, seguiu para Evora, onde chegou ás 11 horas e 25 minutos. Na estação de Evora esperavam os srs. visconde de Guedes, governador civil do districto, Silveira, presidente da camara municipal da cidade, e outros cavalheiros. Perto da estação estava formado o regimento de cavallaria 5, sob o commando do sr. coronel Sá Chaves. A tropa saudou militarmente, tocando a musica o hymno real, em quanto subiam ao ar numerosas girandolas de foguetes. Ao meio dia sahia de Evora o comboio, levando o governador civil, o presidente da camara, e o coronel do regimento.

Á 1 hora menos 1 quarto tirava-se em Venda do Duque a machina *D. Luiz*, que servira até alli, e era substituida por outra mais propria para correr sem perigo na prolongação da via, que tem muitas curvas e rampas de 15, de um e outro lado do rio Ter. A ponte de ferro, sobre pilares de cantaria, é uma formosa obra d'arte.

Á 1 hora e meia chegava o comboio á estação de Estremôz.

Ahi o espectaculo era em verdade admiravel. De um e outro lado da via, ondeavam immensas mós de povo; o regimento de lanceiros 1 esperava em linha o comboio, e saudavá com a continencia militar o representante do governo; a musica tocava o hymno, e de todos os lados, por entre os postes com bandeiras e junto do arco de verdura, por onde se devia passar para a villa, subiam aos ares immensas girandolas de foguetes.

O sr. general Maldonado, commandante da divisão, com os seus ajudantes d'ordens e a camara municipal de Estremôz, sahiram a receber no caes da estação o sr. Andrade Corvo, seguindo-se depois a benção da locomotiva. Na viagem não occorreu nenhuma novidade.

Junto da estação, estavam aguardando muitas carruagens para os convidados, em uma das quaes seguiram para a villa o sr. ministro dos estrangeiros, e os srs. general commandante da divisão, governador civil

e engenheiro Margiochi. A villa estava muito embandeirada, e manifestava por todos os modos o contentamento que lhe causava o importante beneficio solemnisado por aquella festa.

O sr. Andrade Corvo dispensára todas as honras militares que lhe estavam destinadas, mas o brilhante regimento de lanceiros desfilou por diante da casa onde o ministro esteve presenceando a esbelta attitude da tropa, e o optimo estado dos cavallos. Depois o sr. Corvo, acompanhado por differentes pessoas, entre as quaes estava o sr. Tocha, subiu ao castello e torre de menagem d'onde se avista a immensa campina da batalha do Ameixial, Evora Monte, a serra d'Ossa e outros pontos situados a grandes distancias. Na torre é curiosa uma sala, cuja architectura parece remontar ao reinado de D. Diniz.

D'ahi regressou ao palacio do sr. visconde de Monforte, agora occupado por uma sociedade de artistas, e onde devia ser o *lunch*.

A comida principiou cêrca das 4 horas, e foi excellente, como póde imaginar quem conhece o animo brioso dos alemtejanos e como sabem festejar os melhoramentos materiaes que progressivamente vão transformando a provincia. Presidia o sr. visconde de Monforte, tendo á direita os srs. Corvo e governador civil, e á esquerda o sr. general Maldonado e visconde de Carvalhido.

O primeiro brinde foi feito pelo sr. engenheiro Graça, membro da commissão dos festejos e em nome d'ella ao representante do governo e aos seus collegas pelo que n'aquelle dia lhe ficava devendo a villa e o districto. Respondeu-lhe o sr. Corvo indicando os motivos pelos quaes não estavam alli os outros ministros, e manifestando sinceros desejos de attender a todos os melhoramentos materiaes do paiz, sem esquecer os melhoramentos moraes, indispensavel elemento de prosperidade publica. Celebrou o accordo com que sob a influencia de uma idéa civilisadora se reuniam alli varias municipalidades, e prestando homenagem ao desenvolvimento da acção municipal, regulada pelas leis, brindou aos representantes d'aquelles municipios. Foi muitas vezes interrompido com applausos. Agradeceu o sr. presidente da camara municipal de Estremôz.

A festa foi explendida a todos os respeitos, e o tempo tão sereno e formoso como raras vezes se vê nos fins de dezembro.

ESTRIBEIRO-MÒR—emprego honorifico no paço dos nossos reis, rainhas e mais familia real. Não ha certeza da creação d'este titulo, e a primeira vez que o vemos mencionado na historia de Portugal, é no reinado de D. Pedro I, do qual era estribeiro-mór João Domingues de Beja (*Chron. de D. Pedro I*, por Alvaro Ferreira de Vera).

O mesmo João Domingues foi estribeiro-mór do rei D. Fernando.

Só se dava este emprego a pessoas de nobreza qualificada; e, pelo menos, desde D. Pedro I, todos os nossos reis, rainhas e infantes, tiveram estribeiros-móres.

Os titulares de que pude obter noticia, que exerceram este emprego, foram D. Francisco da Gama, 2.° conde da Vidigueira, por compra que fez a Pedro Mascarenhas, confirmada por D. João III, em 2 de maio de 1524. Foi estribeiro mór d'este monarcha.

Dos reis D. João IV e D. Affonso VI o foi D. Francisco de Sousa, 3.° conde do Prado, e 1.° marquez de Minas.

Do mesmo D. Affonso VI o foi D. Diogo de Lima Brito e Nogueira, visconde de Villa Nova da Cerveira.

De D. Pedro II o foi D. José de Menezes, conde de Vianna, que o continuou a ser de D. João V.

Do mesmo D. João V o foi D. Jayme de Mello, 3.° duque do Cadaval.

Desde o reinado de D. João V se tem dado o emprego de estribeiro-mór a fidalgos (quasi todos titulares) de differentes familias.

(Vide *Geographia Historica* de D. Luiz Caetano de Lima, tom. 1.° pag. 433.)

ESTURÃOS—freguezia, Minho, comarca de Guimarães, concelho de Fafe até 1855; e desde então comarca e concelho de Fafe, 30 kilometros ao NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago S. Thomé, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento.

(Não vejo razão justificavel para que esta freguezia se escreva *Esturãos* e a do concelho de Ponte do Lima *Estorãos*. No *Portugal Sacro e Profano* veem ambas escriptas *Esturãos*.

ESVERDADUROS, ESVERDADOS, VERDADUROS e **EXAVEADURAS**—fructos, que se colhem das hortas, pomares ou quintaes. Na baixa latinidade *verdearii, verdegarii* e *veridiaria*. (Vide Cortiçô, da Serra e Casal, ou Villa Nova do Casal.)

EUCIZIA ou **OUCIZIA**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca da Torre de Moncorvo, (foi até 1855 comarca de Chacim) concelho de Alfandega da Fé, 155 kilometros ao NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 36 fogos. Orago S. Payo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O abbade, bernardo, de Bouro, senhor d'esta freguezia, apresentava o cura, que tinha de *renda certa*, 8$600 réis e o pé d'altar.

Esteve alguns annos annexa a esta, a freguezia de Santa Justa, que hoje está independente. É no mesmo concelho.

Ha aqui uma fonte que sahe de um rochedo chamado a *Gaicha*.

EUFEMIA ou **EUPHEMIA, DA CHANCELLARIA** (Santa)—Vide *Chancellaria*, de Torres Novas.

EUFEMIA (Santa) — grande e formosa capella na aldeia de Touriz, freguezia de Real, no concelho de Castello de Paiva, comarca de Arouca, bispado de Lamego, d'onde dista 54 kilometros a O., 15 a NO. de Arouca, 7 ao S. do Douro (rio) 38 ao SE. do Porto, e 300 ao N. de Lisboa.

Faz-se aqui uma esplendida festividade e concorridissima feira nos dias 15 e 16 de setembro de cada anno, onde se vendem (além d'outros muitos generos) grande numero de bellissimas juntas de bois gordos, e de trabalho.

EUFEMIA ou **EUPHEMIA** (Santa) — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel, 60 kilometros a SE. de Lamego, 335 a E. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago antigo, Santa Eufemia; hoje Nossa Senhora de Nazareth.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

E' terra fertil.

O abbade de Souropires apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

EUFEMIA (Santa)— antiquissima capella, no logar de *Sante* ou *Pé de Moura*, freguezia da Lomba, concelho de Gondomar, mas sobre a margem esquerda do Douro, bispado, districto administrativo e 24 kilometros a E. do Porto.

Faz-se-lhe aqui uma romaria annual no 4.° domingo de setembro, muito concorrida.

EUFRAZIA—Vide Aufragia.

EUGENIA (Santa) — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho d'Alijó, 95 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago Santa Eugenia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Produz muitos o optimos figos, que exporta séccos.

O cabido da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães, apresentava o cura, que tinha 70$000 réis.

EULALIA (Santa)—freguezia, Douro, comarca, concelho e 2 kilometros a O. de Arouca, 50 a O. de Lamego, 46 a E. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 230 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro.

Era antigamente do extincto couto de Villa Mean do Burgo, comarca de Lamego.

Eram donatarias as freiras bernardas de Arouca, que recebiam dois terços dos dizimos, sendo o outro terço para o abbade.

Era este real mosteiro que apresentava o abbade.

Esta freguezia é situada no centro do formosissimo e fertilissimo *Valle d'Arouca*, em amena e saudavel planicie, abundante de todos os generos agricolas e farta de optimas aguas. Cria muito gado bovino e algum lanigero, colmeias e excellente e muito azeite.

A egreja matriz é vasta e bonita, e fica no centro da freguezia.

Foi edificada nos fins do seculo XVII, quando as aldeias, que constituem a freguezia, foram desmembradas da freguezia de S. Salvador do Burgo e S. Bartholomeu da Villa, para formarem esta freguezia. É a mais moderna do Valle, como freguezia; mas a povoação é antiquissima, do que ha vestigios.

Na serra de *Casal Máo*, a NO., ha *antas*, sendo uma d'ellas o chamado *penêdo de Casal Mào*, que é a maior que tenho visto. Mesmo proximo á egreja ha outra monstruosa *anta*, e muitas mais em diversos sitios da freguezia, afora as innumeras que tem sido destruidas para se lhe aproveitar a pedra para construcções.

Proximo da freguezia, fica a capella de Santo Antonio do Burgo, e o monumento funerario contiguo de que trato na palavra *Villa Mean do Burgo*. Sobre estes dois monumentos e sobre a batalha que em 1102 aqui teve o conde D. Henrique e Egas Moniz, contra *Echa*, rei de Lamego, vide Arouca, no logar competente.

EULALIA (Santa) — Vide *Bésteiros* (Santa Eulalia de).

EULALIA (Santa) — freguezia, Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes. (Vide Sobrosa.)

EULALIA (Santa) — freguezia na mesma comarca e concelho. (Vide *Vandoma.*)

EULALIA DE CÊA (Santa) — freguezia, Beira Baixa, comarca de Gouveia, concelho de Cêa, 65 kilometros de Coimbra, 240 ao E. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

E' terra fertil.

O prior era da apresentação do real padroado, e tinha de rendimento 280$000 réis.

EULALIA (Santa) — freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 12 kilometros de Elvas, 170 ao E. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 295 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado de Elvas, districto administrativo de Portalegre.

É a 30.ª estação do caminho de ferro de Leste.

A mitra apresentava o prior, que tinha 408 alqueires de trigo e 72 de centeio.

É terra fertilissima em cereaes e produz bastante e bom azeite.

EULALIA (Santa) coutos de — concelho extincto, na comarca e concelho de Viseu, d'onde dista 6 kilometros a O.

O vinho dos Coutos é famoso pela sua superior qualidade.

EULALIA DE GAIFAR (Santa) — vide Gaifar.

EULALIA (Santa) — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Tondella, 14 kilometros de Viseu, 257 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago a mesma santa.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

É terra fertilissima. Muito e optimo vinho. Muita caça.

O padroado real apresentava o abbade, que tinha 280$000 réis de rendimento.

EUPHEMIA (Santa) — vide Eufemia.

EVENTO — divindade dos antigos bráccaros (ou brácharos.)

Em Braga appareceu uma lapide romana, com a inscripção latina, cuja traducção é a seguinte:

Flavio Fronto, dedicou esta memoria ao Santo Deus Evento, por preceito.

Outros mais documentos existem, que provam o culto dos antigos povos braccarenses a esta falsa divindade, que alguns dizem ser o *deus da fatalidade* ou o *acaso.*

Se a origem do seu nome é latina, assim é, porque *evento* tambem póde significar *acaso, fatalidade, acontecimento,* etc.

EVORA — cidade, arcebispado, Alemtejo,

capital de districto administrativo. Situada sobre uma eminencia, no meio de uma extensa, bellissima e fertil campina, no centro da provincia e proximo do rio Degébe, ficando-lhe á NE. a Serra d'Ossa e ao S. os montes de Portél e Vianna, aos quaes se segue a serra de Monte-Muro e outras.

Tem 3:000 fogos, 12:000 almas; em 4 freguezias: Nossa Senhora da Assumpção (Sé) 1:100 fogos—Santo Antão, 700—S. Mamede, 730—S. Pedro, 470. Tinha mais a freguezia de S. Thiago-Maior, com 69 fogos (em 1757) que foi supprimida. Adiante fallarei mais circumstanciadamente n'esta freguezia, segundo o que traz o *Portugal Sacro.*

O concelho tem 5:000 fogos, a comarca 7:450. O districto administrativo 24:250. Tinham as 5 freguezias, da cidade, em 1757, 4:000 fogos.

Feira a 24 de junho, 3 dias.

Está em 38º e 30' de latitude e 13º e 20 de longitude N.

É a capital do districto administrativo e da provincia do Alemtejo.

É das mais nobres e antigas cidades da peninsula hispanica. Segundo alguns, foi fundada pelos *eburónes*, antigos povos da Hespanha, pelos annos do mundo 1945 (289 depois do diluvio, ou 2059 antes de Jesus Christo) com o nome de *Ebura* ou *Elbura* ou *Ebora.*

Os romanos lhe mudaram o antigo nome para o de *Liberalitas Julia*, e a fizeram *municipio do antigo direito latino*, isto é, os seus moradores eram em tudo e para tudo considerados como cidadãos romanos. Occupando os arabes esta cidade, em 715, lhe restituiram o seu antigo nome, que ainda conserva.

(Foi depois residencia dos grandes generaes dos lusitanos, Viriato e Sertorio.)

Viriato derrotou junto á esta cidade (no anno 3860 do mundo, 144 antes de Jesus Christo) o consul romano Caio Plaucio.

Para não fazer muito extenso o artigo relativo a esta cidade, e mesmo para evitarmos repetições, o que aqui vae apenas apontado, póde vêr-se mais circumstanciadamente na *Historia Chronologica de Portugal.*

Outros escriptores dizem que os fundadores d'Evora foram os celtiberos, e outros finalmente attribuem a fundação d'esta cidade aos tartesios andaluzes. Quaesquer que fossem os seus fundadores, é incontestavel que Evora é uma cidade antiquissima, e como tal é anterior ao dominio dos romanos. Mas o seu maior esplendor e mais nobres edificios os deve ao immortal Sertorio.

Os romanos, e ainda muito mais Quinto Sertorio, erigiram em Evora muitos monumentos, de que adiante tratarei.

Quinto Sertorio estabeleceu o seu quartel-general (ou antes a sua côrte) em Evora, no anno 81 antes de Jesus Christo.

Não podendo os romanos vencer o bravo e illustrado Sertorio, em combate leal, compraram Marco Perpêna, seu tenente, que, com outros conjurados, o assassinaram com 21 punhaladas, n'esta cidade, no anno 681 de Roma (73 antes de Jesus Christo.) Mas de nada valeu ao infame Perpêna a sua traição, porque, pouco depois d'ella, Pompeu o derrotou e matou. Sempre será bom notar que os assassinos de Viriato e Sertorio eram estrangeiros.

Com a morte de Sertorio, muito lucraram os romanos, que achando os lusitanos sem um chefe que podesse competir em illustração e tactica militar com os generaes romanos, os venceram, mas não sem muitos e sanguinolentos combates e batalhas, e que, ainda assim, os romanos foram por varias vezes derrotados, e por muitas pagaram carissima a victoria.

Com o geral dominio da Lusitania, considerada provincia do imperio, chegou Evora a um grau de esplendor tal, que era a primeira cidade do reino.

Mas os dominadores não gosavam sempre em paz o seu novo dominio. As extorções, abusos e crueldades praticadas pelos pretores, propretores etc., por muitas vezes exasperaram os povos da peninsula, obrigando-os a revolucionar-se.

Por estas razões se revoltou tambem Evora, entre os annos 90 e 100 de Jesus Christo, seguindo-lhe o exemplo Lamego e outras cidades da Lusitania. Trajano mandou então 14 legiões subjugar os revoltosos, e arrazar as cidades que se haviam insurgi-

do. Evora, n'esta conjuntura, deveu a sua salvação a Lucio Voconio Paulo, pelo que, em testemunho de gratidão, lhe erigiu estatuas com magnificas inscripções.

Não consta mais nada notavel occorrido em Evora desde então até ao fim do dominio romano, senão a edificação de alguns monumentos e os grandes fóros e privilegios que foram concedidos a esta cidade, que por isso tomou o nome de *Liberalitas Julia.*

Os arabes a occuparam em 716. D. Fruela I, rei de Oviedo, a resgatou em 753; mas foi reconquistada por Abd-el-Raman, califa de Cordova, em 760. D. Fernando Magno, rei de Oviedo e Leão a tornou a resgatar em 1037. Poucos annos depois, tornou ainda a cahir em poder dos mouros. (Estes lhe chamaram *Ieborah,* ou *Iaborah.*)

Giraldo Giraldes (o *Sem-Pavor*) nobre cavalleiro portuguez, mas que, por causa de uma morte, andava fugido da côrte e se tinha feito capitão de uma quadrilha de salteadores, querendo remir as suas culpas e obter o perdão de D. Affonso I, toma Evora, *por surpreza,* aos mouros, na noite de 30 de novembro de 1166.

Entrou só na *torre da Atalaya,* que era proximo ao sitio onde depois foi o convento de S. Bento, e tendo degolado a moura (como adiante direi mais largamente) e seu pae, que eram os vigias da torre, investiu as portas da cidade com seus camaradas, e assim venceu facilmente os mouros *estremunhados,* e tomou a cidade, que entregou a D. Affonso I, que lhe perdoou e o fez alcaide-mór de Evora.

—

Giraldo Giraldes descendia de uma nobre familia, de appellido Pestana, e era natural da Beira.

Parece que era da villa de Ferreiros de Tendaes, ou suas immediações. (Vide Ferreiros de Tendaes.)

Depois de combater heroicamente ao lado de D. Affonso I (foi este monarcha que lhe pôz a antonomasia de *Sem-Pavor,* em razão da sua bravura) teve certas questões com outro fidalgo, grande privado do rei, e o matou em desafio.

Receando a colera do rei, fugiu, hindo abrigar-se na serra de Monte-Muro, onde construiu um castello, cujas ruinas ainda existem. D'alli sahia com outros muitos foragidos, que se lhe reuniram, a roubar mouros e christãos, sendo o terror dos povos da provincia.

A fama das grandes presas que fazia, attrahiu tantos bandidos á sua bandeira, que chegou a ter 526 soldados de cavallaria e grande numero de peões, de maneira que fazia a guerra como *conquistador* e não como *salteador.*

Quem queria estar ao abrigo de suas rapinas, lhe pagava annualmente um tributo estipulado.

Mas Giraldo Giraldes era um nobre cavalleiro, não lhe soffria o animo viver sempre esta vida de rapinas e depredações e queria a todo o custo obter o perdão do rei.

Deixou os seus camaradas no seu castello e foi só com cinco á cidade d'Evora, e ahi, fallando com o alcaide mouro, lhe disse muito mal de D. Affonso I e prometteu ajudar os mouros a derrotal-o. Ficou o alcaide muito contente e o trateu muito bem, tendo-o comsigo dois dias, que Giraldo approveitou para examinar minuciosamente a fortaleza.

Tornando ao seu castello, proclamou aos seus soldados, incitando-os a uma grande façanha, em serviço de Deus, do rei e da patria (sem lhes dizer qual.) Prometteu-lhes o perdão do rei e ainda honras e terras. Todos annuiram e elle os mandou armar e prover de mantimentos para dois dias.

Assim que anouteceu, sahiram do castello, e andando toda a noute, se esconderam apenas amanheceu, continuando a marcha na noute immediata, chegando a 2 kilometros a O da cidade (onde hoje é o convento das freiras bentas) mandou aos seus cortarem trancas, em quanto esperavam por elle, descobrindo-lhe então o seu intento.

Recomendando-lhe o maior silencio, se foi só para Evora, chegando á torre da Atalaya, que hoje se vê no outeiro de S. Bento, onde estava por sentinella um mouro e uma sua filha. Giraldo hia coberto de ramos verdes, para não ser visto, mas não era preciso esta prevenção, porque as sentinellas dormiam a somno solto.

Não tinha a torre communicação alguma com as outras obras de defeza, nem porta d'entrada, e apenas tinha uma janella, para onde se subia por uma escada de mão, que se recolhia logo depois de ser preciza: Giraldo, largando a rama e espetando ferros de lança nas juntas das pedras, subiu até á janella onde estava a moura e precipitou esta abaixo da torre, cahindo sobre uns penedos, onde logo morreu. Entrando na torre, degolou o mouro, que ainda dormia, levando as cabeças dos dois vigias aos seus, em signal de bom annuncio.

Separou d'entre os seus, 120 de cavallo mandando-os pela parte onde hoje está o convento do Espinheiro, com ordem d'esperarem alli até que ouvissem rumor e gritos na cidade; e elle com os restantes se foi direito á torre de Atalaya, e subindo a ella, accendeu o fogo que indicava ser este sitio atacado por christãos.

Os da cidade se reuniram á pressa e o alcaide com a maior força sahiu da cidade em direcção á torre, sem mesmo julgar necessario fechar as portas. Giraldo, que estava á espreita, entrou facilmente na cidade, protegido pela escuridão da noute, matando quanto se lhe punha diante, e cerrando as portas com as trancas que os seus haviam feito.

Os gritos de mouros e christãos e os lamentos das mulheres e creanças eram horriveis. Acudiu o alcaide com os seus, mas Giraldo lhe defendeu a porta como um leão.

N'isto, os 120 cavalleiros deram nos mouros pela rectaguarda, pondo-os em precipitada fuga; pois julgaram que o proprio D. Affonso I estava dentro da cidade.

Não cuidou Giraldo em os seguir, mas em fortificar melhor alguns pontos da cidade. No outro dia mandou pôr fóra d'ella aos mouros que tinham ficado, só com o que tivessem vestido; menos aos que quizeram estar sob o poder dos christãos, que aqui ficaram vivendo e seus descendentes, convertendo-se muitos ao christianismo e os outros aqui viveram até ao reinado de D. Manuel, que os expulsou do reino e mais aos judeus.

A cidade foi saqueada, tirando-se o quinto para o rei (como era a praxe d'aquelles tempos) e Giraldo mandou-o a D. Affonso I com a noticia d'esta façanha e o pedido de perdão para elle e os seus, pedindo-lhe tambem que mandasse tomar conta da cidade e lhe posesse guarnição.

D. Affonso I ficou contentissimo com esta inesperada conquista: perdoou logo a Giraldo e aos seus, nomeando-o alcaide-mór d'Evora, e fazendo-lhe outras muitas mercês.

A *Pedralves Cogominho*, que foi o que levou a noticia e o presente, fez doação de muitas herdades e outras muitas mercês. Alem d'isso mandou muita gente a Giraldo, para reforçar a guarnição da cidade, e com ella os cavalleiros da nova ordem (Aviz) a quem se deu a parte da cidade a que ainda hoje se chama Freiria. (Vida Aviz.)

Assim foi arrancada para sempre do poder serraceno a nobre e veneranda cidade d'Evora.

Os phantasiadores e os poetas contam este feito de Geraldo Giraldes com algumas variantes, mettendo-lhe a historia de um fingido namoro que elle teve com a moura da torre da Atalaya; mas a versão mais seguida, por mais verosimil é a que fica escripta.

—

As primeiras fortificações d'Evora, foram feitas por Sertorio e ainda augmentadas durante a occupação dos romanos. Era uma cêrca de muros, com quatro portas, defendidas por varias torres.

A estas portas deu Sertorio os nomes adquados ás suas posições; eram — Porta do Oriente (depois Machêde) Porta do Occidente (depois Alconchel) Porta do Sul (depois do Rocio) Porta do Norte, (depois Aviz.) — Alem d'estas quatro portas, havia um postigo nas fortificações de Sertorio, que foi depois demolido.

D. Diniz emprehendeu uma mais ampla circumvalação, mas a morte não o deixou effectuar esta obra. Seu filho, D. Affonso IV, a principiou, e as obras de defeza d'esta cidade continuaram no reinado de D. Pedro I, e se concluiram no de D. Fernando. Fez-se então uma mais larga cêrca de muralhas (que ainda existem, bem conservadas) au-

gmentou-se o numero de torres, que defendiam dez portas com que ficou a cêrca. Como as muralhas de Sertorio não fechavam já toda a cidade, foram então demolidas, aproveitando-se a sua pedra na construcção das novas.

D. João IV deu principio a um novo plano de fortificações, que devia constar de 12 baluartes e dois meios baluartes, ligados ás muralhas existentes. D. Affonso VI e D. Pedro II continuaram estas obras, mas não se chegaram a concluir todas.

As muralhas tinham de circumferencia 2:902 passos, a saber—da porta do Rocio á do Raymondo, 488—d'esta á d'Alconchel, 300—d'esta á da Lagôa, 352 — d'esta á do Moinho, 416—d'esta á da Traição, 154 —desta á de Machêde, 262 — d'esta á de Mendo Esteves, 190 — d'esta á da Mesquita, 370: e d'esta á do Rocio, 370.

Das suas antigas 10 portas, uma ficou inutilisada com a construção de um dos novos baluartes, e duas com edificação de dois conventos, existindo actualmente 7, que são — da Lagôa, d'Aviz, de Mendo Esteves, da Piedade, do Rocio, do Raymondo e d'Alconchel,

As trez portas que se inutilisaram chamavam-se do Moinho (por ter um moinho de vento) Da Mesquita (por ser proximo a uma mesquita mourisca) e a da Traição (proximo ao collegio dos jesuitas.—Alconchel é corrupção da palavra árabe *alconcel*. Significa cupula ou corucheu. Os mouros deram este nome á rua em que estava então uma torre com um altissimo corucheu, e á porta que fechava a rua.

A porta da Lagôa tinha este nome por estar proximo a uma lagôa que então havia. A' de Mendo Esteves deu o nome um fidalgo que morava proximo—assim como á do Raymondo se dava este nome, por ter proximo o seu palacio um fidalgo eborense assim chamado.

Todas as 10 portas eram dedicadas á Virgem, sob varias invocações, e a sua imagem se via em um nicho sobre cada uma das portas. (Esqueceu-me dizer que á porta d'Aviz se chamava assim por dar entrada á estrada da villa d'Aviz.)

Foi Evora tambem corte dos reis gôdos, e o sabio pio e valoroso *Sisebutho*, que reinou desde 612 até 621 (ao qual Evora muito deveu) mandou aqui construir duas torres, que ainda existem com o seu nome. Este rei conquistou aos romanos a Biscaia e outras provincias. Consta que no seu tempo tinha Evora 20:000 habitantes.

—

Nada menos de 22 conventos (8 de freiras e 14 de frades) teve a cidade d'Evora e seu termo.

Freiras

1.º—*Convento de Santa Helena* (capuchas) fundado pela infanta D. Maria, filha do rei D. Manuel, em 1540.

—

2.º *Convento de Santa Clara*, (franciscanas) fundado por D. Vasco Varella, arcebispo d'Evora, em 1458.

—

3.º—*Convento dos Remedios* (carmelitas calçadas) fundado pelo arcebispo D. José de Mello, que aqui está enterrado.

—

4.º—*Convento de Santa Catharina* (dominicas) fundado por duas beatas chamadas—Vida Pobre e Amor Pobre (!) pelos annos de 1400. A este convento se uniu o recolhimento de Santa Martha, que era de *empvredadas*. A egreja, ainda serve para oculto.

5.º—*Convento do Menino Jesus* (agostinhas) fundado em 1380 por duas beatas, chamadas Constança da Vida Pobre e Maria da Vida Pobre.

—

6.º—*Convento de S. Bento*, (bernardas) a 4 kilometros d'Evora, proximo ao sitio onde esteve a torre de Giraldo, e cuja primeira fundação foi em 1169, segundo a opinião mais seguida; porem fr. Bernardo de Brito diz que foi em 1180, e fr. Antonio Brandão sustenta que foi em 1274, quando veio de Roma, Domingos Soeiro, de obter o breve para os votos religiosos, da ordem de Cister para ella e para as suas companheiras, que já neste sitio faziam vida ascetica. Nada tem de notavel; mas é muito bem situado, este mosteiro, e tem dilatado horisontes. A egreja

está ornada com magnificencia, e as cadeiras do côro são construidas de ricas e custosas madeiras. Estão na capella mór ao lado do Evangelho. Este sitio é muito concorrido por familias da cidade, por ser ameno e pittoresco. Houve aqui, em tempos remotissimos, umas pequenas fortificações, chamadas os *Castris* por isso ainda se dá ao mosteiro o nome de S. Bento de Castris.

—

7.º—*Convento de Nossa Senhora do Paraizo* (dominicas) fundado por tres irmans; da familia dos Galvôas, em 1460.

—

8.º—*Convento de Nossa Senhora do Carmo* (carmelitas descalças) junto á porta de Aviz, fundado em 1516.

Frades

1.º—*Convento de freires d'Aviz*, que existiu no sitio a que hoje se chama *Torre Mouxinha*. Foi supprimido ha muitos annos. Tinha sido fundado em 1170.

—

2.º—*Convento de S. Francisco*, junto ao paço real, fundado pelos discipulos do proprio S. Francisco d'Assis, pelos annos de 1224.

Em julho de 1245, João Esteves e sua mulher Maria Martins, deram por escriptura publica (feita por mestre Payo, tabellião) aos frades, uma terra para alargarem o convento, com a obrigação de os *encommendarem a Deus*. Por outra escriptura, feita em setembro de 1250, João Pelagio Cordura e sua mulher Mayor de Guimarães, deram aos frades outra terra, junto á porta de Alconchel, para estenderem mais o convento. (Deve notar-se que a porta d'Alconchel era então mais proxima do convento e que foi mudada para o sitio actual quando se alargou a cêrca das muralhas). Em 22 de junho de 1280, deram Pedro Affonso e sua mulher Maria Soares, ao convento, um campo contiguo ao mesmo, pelo *amor de Deus e em beneficio de suas almas*. Foi tabellião, Domingos Martins.

D. Affonso III lhe deixou em testamento, 50 libras. D. Fernando e D. Duarte lhe deram terras e casas para se alargarem. Chegou a ser tão rico e vasto este convento, que lhe chamavam *convento do oiro*. É tradição que a primeira egreja era de 7 naves, cada uma como um grande templo; que cahindo, se fez outra de 5, que tambem cahiu, e que a actual foi feita por D. Affonso V, em 1460. (A historia das 7 naves e das 5, não é das mais verosimeis.) D. Manuel lhes augmentou outra vez o convento e concluiu a egreja, pelos annos de 1501. Conta-se que, queixando-se os frades de que as portas das cellas eram muito pequenas, D. Manuel, entrando por uma, disse: «por onde cabe um rei, tambem póde caber um frade.»

Tem um vasto templo de uma só nave e sem columnas que sustentem a sua singular abobada. É matriz da freguezia de S. Pedro, desde 28 de novembro de 1840.

A galeria dos paços reaes é a actual residencia do parocho.

Tem uma maravilhosa capella subterranea (ou *carneiro*) de tres naves, cujas paredes e columnas são formadas de tibias e caveiras. Chamam-lhe o *Senhor da casa dos Ossos*. N'este convento está sepultado Gil Vicente, de quem adiante tratarei. Aqui se receberam o infante D. Pedro (depois Pedro I) com D. Constança Manuel, em 1336 (por procuração).

O mestre pedreiro d'esta egreja notavel, foi Martim Affonso.

Estando a egreja muito arruinada determinou-se que fosse a parochia para a egreja do Carmo, mas o povo de Evora deu 3:411$481 réis e o governo 3:000$000 réis e reedificou-se esta egreja de S. Francisco, principiando as obras em janeiro de 1860 e terminando em junho de 1862.

Aqui se recebeu o infante de Aragão, D. Fernando, marquez de Tortosa, com a infanta D. Maria, filha de D. Affonso IV, a 3 de fevereiro de 1354.

É um dos melhores templos de Portugal (incluindo a Graça e S. Domingos, de Lisboa) e de grandes dimensões. O convento, parte foi arrasado e parte, que serve para casa da aula da mestra regia, sel-o-ha tambem em breve.

No corredor de S. Francisco, que vae pa-

ra a *casa dos ossos*, está uma urna com as cinzas de Gil Vicente, e tem esta inscripção:

HIC TANTI VIRI CINERES

3.º — *Convento de S. Domingos*, fundado por Martim Annes e sua mulher D. Catharina, em 1286, dando-lhe quanto tinham, e aqui estão enterrados.

Aqui professou o nosso antiquario André de Rézende. Desde 1834 está parte do edificio a servir de vivenda particular, e o resto quasi todo arrasado. É aqui a praça publica.

—

4.º—*Convento de Nossa Senhora das Mercês* (agostinhos calçados). Foi vendido depois de 1834. Houve aqui (depois de vendido) um collegio do sexo masculino, e outro do feminino. Este ainda existe. As meninas ouvem missa do côro. Parte da cêrca está transformada em *curralêtes*, praça de touros e outros divertimentos publicos.

—

5.º — *Convento de Nossa Senhora dos Remedios* (carmelitas descalços) proximo á cidade, fóra das muralhas; serve de cemiterio para todo o concelho.

É situado na estrada nova, que liga Evora com Monte Mór Novo. Foi construido, a maior parte, pelos annos de 1610, com esmolas dos devotos de Nossa Senhora dos Remedios, que estava no sitio da actual capella das Brotas. Foi seu padroeiro, o arcebispo D. José de Mello, que dotou o convento com a agua necessaria para os seus misteres. Jaz sepultado no cruseiro d'esta egreja. A agua vem por um pequeno aqueducto, de um kilometro de distancia. Tambem jazem, na capella-mór, os ossos de D. Constantino de Bragança, os de sua mulher D. Eugenia, e sua filha, D. Maria de Castro; que para aqui vieram de Estremôz, em 1633. [1]

[1] Foi por decreto de 30 de julho de 1839, que o governo cedeu á camara municipal a egreja e cêrca, para o cemiterio publico, que foi inaugurado em 10 de julho de 1840. Chama-se ainda *Cemiterio dos Remedios*. Tem alamêdas de corpulentos cyprestes e varios mausoleus bonitos, e um elegantissimo portico de marmore, no gosto da renascença, que foi do demolido convento de S. Domingos.

6.º—*Convento de capuchos de Santo Antonio* (Nossa Senhora da Piedade) fundado pelo cardeal D. Henrique (depois rei) em 1576. Está a 500 metros da cidade. Foi vendido depois de 1834 e é hoje propriedade particular. A egreja está profanada. É uma bellissima vivenda, com tanques, jardins, pomares, etc.

—

7.º—*Real convento de capuchos de S Bruno* (cartuxos) d'*Ara Celi* (ou *Scala Cœli*) fundado pelo arcebispo D. Theotonio de Bragança (sobrinho e successor do cardeal-rei) em 1598. Vide Cartuxa. (É fóra da cidade, a 1 kilometro a NO.)

Foi vendido depois de 1834, e é propriedade particular. Tem uma fabrica de rolhas. A egreja conservou-se e ainda serve para o culto divino.

No dia 8 de setembro de 1587, chegaram a esta cidade quatro religiosos, da Ordem de S. Bruno, vindos de Hespanha, por diligencias do dito arcebispo, para estabelecerem a sua regra em Portugal, que ainda cá não havia. Em quanto se não concluiram as obras do mosteiro, residiram os cartuxos nos paços reaes de S. Francisco.

—

8.º—*Convento de Nossa Senhora do Espinheiro* (jeronymos), fundado por D. Vasco Perdigão, então bispo d'Evora. Principiado em 1452 e concluido em 1558.

Estando em ruinas, foi reconstruido, quasi pelos fundamentos, pelos monges de S. Jeronymo, em 1566. Está em sitio coberto de arvoredo, em uma elevação amena, cercada de vinhedos. O templo é alegre, magestoso e de primorosa architectura; mas está deserto e abandonado. Ainda aqui se conservam varias sepulturas e mausoleus de pessoas notaveis, e uma admiravel capella do Senhor morto, de esmeradissimos trabalhos em marmore. Foram tirados do convento muitos objectos ricos que possuia.

Ainda assim, é um dos mais bonitos passeios dos arrabaldes de Evora.

Aqui jaz Garcia de Rézende, em uma capella da cêrca, (que está a desabar) de quem adiante fallarei.

A egreja está quasi abandonada. O con-

vento está arruinado. É particular. Os restos d'este edificio estão 3 kilometros a NNE. da cidade. Foi n'este convento que o rei D. Manuel recebeu a faustissima noticia do descobrimento da India, por D. Vasco da Gama.

—

9.º — *Convento de Valle Verde* (capuchos de Rilhafolles) fundado pelo cardeal D. Henrique (depois rei) em 1552. Serve actualmente de seminario archidiocesano, deposito de *livros findos*, de obitos, baptismos e casamentos, do arcebispado.

Era da invocação de Nossa Senhora da Purificação, ou das Candeias.

10.º—*Convento de Paulistas*, fundado por Mendo Gomes de Seabra, e com esmolas dos reis D. João I, D. Duarte e D. Affonso V, principiado em 1430 e concluido em 1470.

A egreja serve hoje de aula regia, de primeiras lettras, do sexo masculino e o convento para repartições do concelho.

—

11.º—*Convento dos loyos* (conegos seculares de S. João Evangelista) fundado por D. Rodrigo Affonso de Mello, 1.º conde de Olivença; lançando-lhe a primeira pedra o mesmo conde, a 6 de maio de 1485.

Morrendo o conde de Olivença em 25 de novembro de 1487, deixou em seu testamento que sua filha concluisse a obra e dotasse o convento com rendas necessarias. Sua filha, unica, D. Philippa de Mello e o marido d'esta, D. Alvaro, 3.º filho de D. Fernando I, 2.º duque de Bragança, concluiram a obra. Aqui jazem os fundadores (o conde e mulher) e outros muitos membros d'esta familia.

Desde 1834 até ha poucos annos esteve a egreja fechada. Os duques de Cadaval tomaram conta d'ella, restauraram-a e alli teem um capellão que cuida na egreja e n'ella diz missa. É aqui a 3.ª Ordem do Carmo.

O convento é hoje propriedade particular.

A primeira missa que se disse n'esta egreja, foi a *do gallo*, em 24 de dezembro de 1491.

Os fundadores (condes de Olivença, marquezes de Ferreira e hoje duques de Cadaval) tinham dado isto aos religiosos, com a clausula de reversão. É hoje dos srs. duques de Cadaval.

Ha na egreja luxuosas campas, sendo algumas de bronze, com ricos relevos, que foram á exposição de Pariz, em 1867, sendo ahi muito admiradas.

—

12.º—*Convento ou collegio do Espirito Santo* (jesuitas) vulgo, *Casa Pia*, fundado pelo cardeal D. Henrique, em 1559.

Serviu 200 annos (muito certos) de universidade, até á extincção dos jesuitas (1759) e hoje serve de *Casa Pia, Lyceu*, tribunal de justiça, repartição da administração e da fazenda e typographia do governo civil.

—

13.º—*Convento de Nossa Senhora do Carmo* (carmelitas calçados) fundado pelo padre mestre provincial, D. fr. Balthazar Limpo (que depois foi arcebispo de Braga) em 1532. Foi construido pegado ás muralhas, do lado de fóra, junto á *porta da Lagôa*; depois, por causa das guerras, se derrubou, transferindo-se para os paços dos duques de Bragança, que lhes deu D. Pedro II, pelos annos de 1700.

O caldeal D. Henrique, então bispo d'Evora, deu para o convento a capella de S. Thomé, fóra da muralha e proximo da porta da Lagôa, e a camara deu o terreno adjacente para a cêrca e convento; mas quem mais deu ao convento foi Ruy Dias Cotrim, d'esta cidade, que, sendo muito rico, deu todos os seus bens ao convento, por escriptura de 24 de outubro de 1532.

Em 1663 serviu este convento de fortaleza ao terço do Algarve, commandado pelo mestre de campo Manuel de Sousa, que por alguns dias resistiu valorosamente. Tendo porém a cidade de ceder á força, D. João d'Austria, em desforra do damno que do convento causaram ás suas tropas, o desmantellou. Os frades foram para umas casas que tinham na praça do Peixe, até que lhe foi dado o palacio dos duques de Bragança, proximo da porta de *Moura*. Aqui principiaram a nova egreja em 6 de janeiro de 1670, que se concluiu em 1691. E' um templo sumptuoso.

Outros dizem que foi D. Affonso VI, em 1666, e é mais provavel.

—

14.º—*Convento de Nossa Senhora da Graça* (agostinhos) fundado em 1495 e reedificado por D. João III em 1524.

A egreja está transformada em aula nocturna e o resto do convento está servindo de hospital militar, quartel de um destacamento de infanteria, deposito de polvora, etc.

—

Ha tambem em Evora os recolhimentos da rua da Alagôa; do Senhor da Pobreza, Meninos Orphãos e Madre de Deus, etc.

—

Noticias curiosas relativas a alguns d'estes conventos

Convento de S. Bento (o 6.º) de freiras bernardas.

Chamava-se antigamente *Convento de S. Bento de Castris.*

Pouco depois da tomada da cidade, por Giraldo Giraldes, se fez a E. da *torre da Atalaya* (onde elle degolou o mouro e a filha) em um valle, uma casa forte, para recolher em noites tempestuosas as *esculcas* do campo. A esta casa chamavam *Castris*, nome dado então a esta casta de edificios, derivado da palavra latina *castra* (arraial.)

Com a total expulsão dos mouros, do Alemtejo, cessou a precisão de tal casa, que se foi desmoronando pelo abandono, e apenas servia de abrigo aos pastores, quando chovia.

D. Payo, primeiro bispo d'Evora, mandou limpar esta *crasta* e desentulhal-a, e no centro funddou uma capella, dedicada a S. Bento, na qual se fazia uma grande romaria todos os annos, no dia do santo.

D. Urraca Ximenes, nobre viuva d'um fidalgo da côrte de D. Affonso I, com uma sua irman, duas filhas e tres sobrinhas, e com licença do bispo, aqui fizeram uma casa em que viveram conventualmente.

Algumas senhoras d'Evora se lhes reuniram, doando á casa quanto possuiam, e este exemplo foi seguido por outras senhoras do reino.

Em 1169 tomaram estas reclusas o habito de *Cister*, sob a regra de S. Bento, sendo sua primeira abbadessa *D. Urraca Ximenes*, sua fundadora.

Foi o 1.º convento de freiras benedictinas que houve no reino, fundado desde o tempo do conde D. Henrique.

Principiou muito pobre, mas foi crescendo em riqueza, com as doações de varias pessoas, e com o que traziam para o convento as que n'elle professavam, de modo que chegou a ser uma casa rica.

Fundaram então uma nova e mais ampla egreja no sitio da ermida, na era de 1366 (1328 de Jesus Christo).

Em 1383 era abbadessa *D. Joanna Peres Ferreirim*, prima de D. Leonor Telles, mulher de D. Fernando. Quiz ella mudar o convento para dentro dos muros da cidade, para umas casas que eram do convento, em quanto duravam as guerras com Castella; mas o povo d'Evora lhe fazia muitos insultos (á abbadeça) e a seus criados, por a julgarem parcial de Castella.

Estando ella um dia na Sé, e vendo tratar cruelmente um homem accusado de não seguir o partido do *Mestre*, ralhou com os seus perseguidores, que se saltaram tambem a ella. Os conegos a esconderam atraz de umas reliquias, mas o povo lá foi encontral-a e a trouxe de rastos para a rua, onde a assassinaram a pancadas, rasgando-lhe depois os vestidos e lançando-a núa sobre um monturo.

Os frades franciscanos a foram buscar de noite, em segredo, e a enterraram na casa do capitulo do seu convento, onde jaz com fama de santa. (*Martyr*, pelo menos, foi ella.)

O povo, não satisfeito com aquella atrocidade, foi á casa onde estavam provissoriamente as outras freiras, para lhes fazer o mesmo; não achando porém mais do que duas, as despiram e amarraram com as mãos atraz das costas, para as violarem e assassinarem. Valeu-lhes, porém, Miguel Godinho, nobre cidadão de Evora, strenuo defensor do *Mestre*, e por isso muito querido do povo. Ellas, em premio d'esta protecção, quando regressaram ao seu convento extramuros, lhe doaram a casa em que viveram na cidade, por doação de 1392.

Collegio do Espirito Santo (jesuitas).— Quando era bispo de Evora o infante D. Henrique (depois cardeal e rei) fundou o collegio do Espirito Santo, para ensino da mocidade, entregando a direcção aos jesuitas, e logo no primeiro anno (1557) se matricularam mais de 300 estudantes.

Consta que D. Henrique mandou vir para este edificio 96 columnas jonicas, de marmore, do magnifico templo de *Endovelico*, que existiu junto a Terena (Alemtejo). (Vide Terena e Villa Viçosa.)

Doou-lhe a sua livraria, enriquecendo-a ainda com uma grande copia de livros, que de Flandres mandou vir á sua custa.

Não contente com ter já um grande collegio (o melhor do reino, n'aquelle tempo) quiz eleval-o á Universidade, para o que impetrou bulla do papa, como então era costume. Apesar da tenaz opposição da Universidade de Coimbra, foi confirmada a creação da de Evora, por bulla de Paulo IV de 18 de setembro de 1558.

Mas não pôde conseguir isto senão depois da morte de D. João III, e quando D. Henrique era regente do reino, na menoridade de seu sobrinho D. Sebastião.

Então D. Henrique accrescentou muitas obras ao collegio para accomodar as novas aulas, ficando este um dos maiores edificios d'este reino.

Duzentos annos certos durou esta Universidade, pois que em 3 de setembro de 1759, sendo dissolvida a *Companhia de Jesus*, deixou de existir este estabelecimento.

Em 1836, sendo governador civil de Evora o sr. Antonio José d'Avila (hoje marquez) lembrou-se de aproveitar este magestoso edicio, fundando aqui a *Casa-Pia*, utilissimo e bem dirigido estabelecimento, que sustenta mais de 600 individuos, entre alumnos e empregados. Além das muitas e extensas accomodações necessarias para uma casa d'este genero, ainda lá cabem (á larga) e lá estão as differentes repartições publicas e o seminario diocesano.

A *sala dos actos* á sumptuosissima. No meio do grande pateo exterior, que dá enrada para o edificio, está uma formosa fonte de marmore alimentada com agua do *aqueducto da Prata*.

Os que desejarem amplas noções sobre este vasto e sumptuoso edificio, vejam a *Chronica da Companhia de Jesus*, pelo padre Balthazar Telles, tom. II.

—

Como disse no principio d'este artigo, tinha Evora em 1757 cinco freguezias:

1.ª—*Sé* (Nossa Senhora d'Assumpção). Tinha 25 parochos, 2 cada semana para a administração dos sacramentos aos parochianos, 15 *bachareis*, e 10 beneficiados. Uns e outros—assim os bachareis como os beneficiados—eram da apresentação *in solidum* da mitra; mas os beneficiados eram de concurso de theologia moral, latim e solfa. Tinham os 15 bachareis de renda, cada um, 160$000 réis, e os beneficiados 120$000 réis.

Em 1757 tinha 1:336 fogos.

2.ª—*Santo Antão*, de que é prior o arcebispo. Rendia mais de 8:000 cruzados. É curada por um parocho, com o titulo de reitor, apresentado pela mitra, e tinha 80$000 réis de congrua.

Em 1757 tinha 1:185 fogos.

3.ª—*S. Mamede*. O parocho era prior de concurso synodal e tinha 500$000 réis de rendimento.

Em 1757 tinha 1:346 fogos.

4.ª—*S. Pedro, apostolo*. O parocho era prior da mesma apresentação. Tinha de rendimento 500$000 réis.

Em 1757 tinha 64 fogos.

5.ª—*S. Thiago* (supprimida). O parocho era prior da apresentação do padroado real. Tinha 350$000 rèis de rendimento.

Em 1757 tinha 69 fogos.

—

O concelho de Evora é composto das 20 freguezias seguintes: — Bôa-Fé, Divor, as quatro da cidade, Giesteira, S. Jordão, Machêde (Nossa Senhora da Natividade), Machêde (S. Miguel), S. Manços, Abóbada, S. Mathias, Pigeiro, Pomares, Torre dos Coelheiros, Regedouro, Tourêga, Vallongo e Matto. Todas no arcebispado.

—

A comarca comprehende os julgados de

Evora com 5:000 fogos, *Portel* com 1:550 e *Vianna do Alemtejo* com 900.

O concelho de Portél é composto de 10 freguezias; sendo 8 no arcebispado, e duas no bispado de Beja.

O concelho de Vianna é formado por tres freguezias, sendo duas no arcebispado e uma no bispado de Beja.

—

O districto adminstrativo é formado pelos 11 concelhos seguintes:—no arcebispado — Arrayolos, Bórba, Estremoz, Evora, Monte-Mór-Novo, Redondo, Reguengos e Villa-Viçosa.

No arcebispado e no bispado d'Elvas,—Alandroal.

No arcebispado e no bispado de Beja,—Portel e Vianna.

Monumentos romanos

O templo de Diana, cuja fundação se atribue a Quinto Sertorio, ahi pelos annos 75 antes de Jesus Christo. A sua frente é ornada de 6 columnas e os lados d'oito. É d'ordem corinthia e o mais bem conservado monumento d'este genero e d'aquella época, em Portugal e em toda a Peninsula.

Archeologos illustrados, dizem que os romanos seguiam a ordem corinthia para os deuses e a jonica para as deusas, e por isso que este templo não foi dedicado a *Diana*, mas provavelmente a Jupiter.

Alguns são d'opinião que este templo é de data mais recente—isto é—fundado por algum dos imperadores romanos; mas é mais provavel que seja obra de Sertorio. Alem da tradição, sempre transmittida de paes a filhos, que atribue a este illustre capitão dos lusitanos a erecção do templo em questão, accresce mais que escriptores antiquissimos dizem que Sertorio fizera conduzir a agua do aqueducto que edificára, primeiramente ao atrio do seu templo de *Diana*, d'onde corria depois para o chafariz que construira junto ao arco de triumpho, que elle tambem erigíra na praça maior da cidade. Isto convence de que o templo é mais antigo do que o aqueducto, e tudo obra de Sertorio.

Deve o templo o estado de conservação em que se acha a ter sido aproveitado pelos mouros e christãos para varios misteres.

Não se sabe a razão porque elle escapou á furia destruidora dos godos, nos seus primeiros tempos de dominio na Lusitania; o que é facto é que escapou.

Os árabes fizeram d'elle a sua principal mesquita, durante quasi $4^1/_2$ seculos.

Suppõe-se que quando os portuguezes tomaram Evora, em 1166 o purificaram e converteram em egreja christan. Não ha d'isso noticia positiva, mas toda a probabilidade; porque assim praticavam com a maior parte das mesquitas que tomavam (muitas das quaes já tinham, antes do VIII seculo, sido templos christãos) e porque não tendo em Evora templo algum do seu culto, nem o podendo edificar com a brevidade que as crenças d'aquelle tempo exigiam, de certo aproveitariam este, que estava feito.

Suppõe-se mesmo, com bons fundamentos, que foi a primeira Sé d'esta cidade, no seculo XII (e mesmo no tempo dos godos) porque fallando-se, nas chronicas d'aquelle tempo, na Sé velha d'Evora, não ha o minimo vestigio d'ella, a não ser o templo de *Diana*.

Não se sabe quando deixou de ser egreja christan, mas, tendo o bispo d'Evora, D. Payo, começado em 1186 a Sé (proximo d'este templo) e concluindo-se ella em 1204, é natural que deixasse então de ser empregado no culto catholico o antigo templo.

Parece que no seculo XVI servia de celleiro. Depois se estabeleceu n'elle o matadouro publico, que aqui esteve até 1836, em que o dito sr. A. J. d'Avila o mandou tirar, e entregou a chave á camara, que não fez caso nenhum d'este acto de illustração do seu governador civil, e deixou continuar o monumento cheio de cortumes no interior, e externamente com o mesmo aspecto immundo e repugnante.

A primittiva construção do monumento está bastante alterada na sua architectura; apenas existe o portico; tudo o mais é obra dos mouros, menos o campanario que está sobre o centro da fachada, provavelmente feito pelos christãos, para alli collocarem um sino.

Os mouros formaram uma muralha ameiada sobre a columnata, fazendo da sua mesquita uma casa forte, segundo o custume de então.

Com o tempo foi-se soterrando o envasamento do templo, mas em 1852 rebaixou-se a rua e desobstruiu-se todo; porem deixou-se ficar a indecente parede que tapava o espaço entre as columnas, tirando ao monumento a sua primittiva elegancia. Estas columnas são lavradas em canelluras e muito esbeltas e formosas e de alvissimo marmore da serra d'Ossa (vulgarmente, d'Estremoz) mui semelhante ao de Carrára. Os capiteis estão lavrados com muita perfeição e admiravelmente bem conservados, apesar da delicadeza da esculptura e dos seus 19 seculos d'antiguidade.

O sr. dr. Augusto Philippe Simões, bibliothecario da bibliotheca d'Evora, e professor do Lyceu, cavalheiro illustradissimo e dedicado investigador d'antiguidades, conseguiu salvar o templo de Diana do geral esquecimento e progressiva deterioração. A's suas incançaveis diligencias se deve o estabelecer-se n'este venerando monumento, o museu archeologico (ou museu Cenaculo.)

Para aqui transferiu tudo quanto restava das colleções do sabio arcebispo, e mandou vir do museu Sisenando, de Beja, varias lapides, assim como o que tem apparecido em Evora e visinhanças, de modo que está actualmente n'este velho templo um bom thesouro d'antiguidades.

Tirou-se-lhe ha pouco tempo a tal parede, que o tornava um casarão: hoje é outra vez o templo romano.

—

O *arco triumphal*,—eregido por Sertorio na praça maior, em honra do valor dos lusitanos, pelas victorias alcançadas contra os romanos. Soberba obra de bello marmore, em que se admiravam grandes e elegantes columnas e primorosos baixos relevos. Era da mesma edade do Templo de Diana.

Foi destruido pelo cardeal D. Henrique, pelos annos de 1566, para com seus venerandos despojos se ornar o collegio dos jesuitas, e para desafrontar a egreja de Santo Antão, que tinha alli construido.

As 8 columnas colossaes, d'ordem dorica, e de bello marmore branco, que sustentavam este magestoso arco, é que foram para o collegio dos jesuitas, e lá estão e se podem admirar, decorando o ex-refeitorio. As columnas do templo d'Endovelico, em Terena, estão no claustro do mesmo collegio.

—

Palacio de Sertorio—obra magnifica e rico de estatuas, baixos relevos e outros primores d'esculptura. Foi transformado em convento de freiras, perdendo, com a mudança, todas as galas com que se adornava.

Antes de ser convento de freiras, foi por muitos annos paço dos e bispos arcebispos, como se verá adiante.

—

Aqueducto de Sertorio (ou da Prata)—Sertorio amava sinceramente a Lusitania, sua patria adoptiva, do que deu incontestaveis provas, já fazendo leis sabias e justas, já promovendo a agricultura e a industria, já estabelecendo escolas, já creando um exercito regular e uma esquadra, já finalmente fundando varios estabelecimentos de utilidade publica.

Em Evora, porem, é onde temos os mais indubitaveis testemunhos da solicitude d'este illustrado e valoroso chefe dos lusitanos.

Entre outros monumentos com que enriqueceu e enobreceu esta cidade, alguns dos quaes, como vimos, ainda existem, fundou esse magestoso aqueducto que trazia agua para Evora.

Dos grossos alicerces descobertos por André de Rézende, no reinado de D. João III, e sobre os quaes ainda hoje assenta o aqueducto, se vê a robustez com que elle era feito. Mas se a sua sólida construcção podia resistir á acção corrosiva dos agentes atmosphericos, não o podia fazer á sanha feroz das varias raças de barbaros que invadiram a Lusitania. Esse magestoso monumento, pois, foi arrazado durante as interminaveis guerra dos primeiros seculos do christianismo, e d'elle só ficaram dois pavilhões, um na extremidade do aqueducto, sobre a muralha, entre as portas da Lagoa e Aviz, e outro, em tudo egual, junto ao convento de S. Francisco. Tudo o mais estava de tal modo

destruido, que nem o mais leve vestigio se via; a ponto de que, apesar da constante e geral tradição, alguns escriptores negavam obstinadamente a existencia de tal aqueducto.

Foi pelos annos de 1540 que o nosso infatigavel antiquario André de Rézende, examinou e investigou com tanto tino e minuciosidade o sitio provavel do aqueducto, que deu com os seus robustos alicerces, que á sua custa mandou desentulhar, e tanto instou com D. João III, que conseguiu que este monarcha restaurasse o velho aqueducto de Sertorio, dotando Evora com este melhoramento, de que a haviam despojado.

O proprio André de Rézende é que foi encarregado d'esta reconstrucção, que principiou em 1532 e terminou em 1536.

Vinha a agua a um magnifico chafariz de marmore, sahindo pela boca de 4 leões, que então se construiu na praça grande e debaixo do arco triumphal de Sertorio, que ainda existia.

Este bello chafariz tambem foi demolido quando arrazaram o arco, e seus leões andaram aos tombos pelo chão, até que foram uns para fontes publicas, outros para jardins particulares. Em lugar d'este chafariz se edificou outro defronte da egreja de Santo Antão, de macissa e desengraçada architectura, que lá está atestando á posteridade o pessimo gosto do beato e pusilamine cardeal-rei.

Chamava-se *aqueducto da Prata* por se chamar *Fonte da Prata* o manancial que o alimenta.

Principia o aqueducto em um monte, a 3 kilometros álem da egreja de Nossa Senhora da Graça, de Odivor, e a distancia de 11 kilometros da cidade, contados em linha recta. Recebe alli as primeiras nascentes (duas) e depois corre, torneando varios outeiros até á Torre Alva, vindo enriquecêl-o 28 nascentes.

Da Torre Alva prossegue para Evora sobre uma comprida arcaria construida de pedra, mas com as voltas dos arcos de tijolo. Entra na cidade por cima das muralhas, servindo-lhe de mãe d'agua o pavilhão de que já fallei, que está entre as portas da Lagoa e Aviz.

Tanto este pavilhão como o que está proximo á egreja de S. Francisco, que em tudo lhe é egual, são (como já disse) os primittivos, mandados construir por Sertorio. São muito elegantes, de forma redonda, feitos de tijolos ligados por uma tão solida argamasse e revestidos por uma especie de estuque ou cimento de betume, tão duro e compacto, que está muito bem conservado, apesar da sua antiguidade.

Fóra da cidade fornece este aqueducto 3 chafarizes, e dentro 4, publicos, além de numerosas fontes nos jardins e claustros dos mosteiros, recolhimentos, hospital, cadeia, etc.

André de Rézende teve a fortuna de descobrir a lapide com a inscripção commemorativa da primeira fundação do aqueducto, e a mandou collocar no que de novo se construiu. Diz assim:

Q. SERTOR.................................

Honorem nominis sui et cohort. fort.
Eburensum munic. vet. emer virtutis e ergo
Dou. don. bello celtiberico, deque manubiis
In public. munic. ejus utilitatem urb.
Mœnivit, eoque aquam diverseis in ducuct,
Venum colleteis fontib. perducendam c curav.

Quer dizer, em vulgar:

Quinto Sertorio, em honra do seu nome e da cohorte dos bravos eborenses, por seu valor na guerra celtiberica, cercou e fortificou a cidade, municipio de soldados veteranos e benemeritos; e para utilidade publica, fez cunduzir á mesma por um aqueducto muita agua, recolhida de diversas nascentes.

A maior parte das palavras da primeira regra estão gastas e ilegiveis, mas essa falta não transtorna o sentido das linhas subsequentes. Provavelmente as lettras que faltam exprimiam alguns titulos de Q. Sertorio, como vgr. «*dux luzitanorum*» (capitão ou chefe dos lusitanos.)

Ainda em Evora ha outras varias antiguidades (que se podem vêr em André de Ré-

zende e outros auctores) mas as mais notaveis são as que ficam descriptas.

Edificios

Sé cathedral, de tres naves, magestoso frontespicio. E' um dos mais venerandos templos de Portugal. A sua architectura, no estylo *musárabe*, assimelha-se á Sé velha de Coimbra e á Sé de Lisboa. A capella-mór não é tão antiga como o resto da egreja. Estando a antiga muito arruinada, foi demolida e totalmente feita de novo no reinado de D. João V, de 1718, até 1746, segundo o risco de João Frederico Ludovice (architecto das obras de Mafra.) É sumptuosa e rica de preciosos marmores, vasta e clara; a sua architectura, porém, está em desharmonia com a grave e simples magestade do corpo da egreja, o que é desagradavel.

A capella-mór que D. João V mandou demolir já não era a primittiva. Tinha-a mandado fazer o bispo D. Durando I. Foi esta a que se demoliu, construindo-se a segunda em *séde vacante.* Na capella-mór de D. Durando, havia a seguinte inscripção:

Esta capella, que o povo eborense enriqueceu com as suas dadivas, foi fundada pelo bispo D. Durando, que Deus levou para si, com grande sentimento nosso, aos 2 de abril de 1283. Todos os que virem esta pedra, lembrados de que tambem hão de morrer, lhe digam um Miserere pela sua alma.

Era em gothico abreviado.

Como esta inscripção está cheia de abreviaturas, como se usava então, parece que é mais veridica a interpretação que lhe dá o sr. Manuel da Cruz Pereira Coutinho, distincto paleographo conimbricense: eis a sua traducção:

Aos 2 de abril do anno de 1321, chamou o Salvador para a gloria o prelado Durando, que edificou e enriqueceu, por meio de esmolas, esta Sé. Todos voluntariamente se vestiram de lucto. Assim, todos os que de futuro virem esta lapide e os que d'ella tiverem conhecimento, digam: Ó Deus, tende misericordia d'elle.

A *claustra,* junto á egreja, é obra do bispo D. Pedro IV, em 1376. Esta Sé foi fundada por D. Payo (1.º bispo d'Evora no seculo XII) pelos annos de 1186.

Diz André de Rézende, que do *Livro dos Anniversarios* consta que D. Payo lhe lançou a primeira pedra a 21 de maio da era de 1224 (1186 de Jesus Christo.)

Suppõe-se que o seu constructor foi *mestre Roberto,* o mesmo que fez as Sés de Lisbo e Coimbra, que são mais antigas uns 10 annos. Mas no dito livro dos *Anniversarios do coro d'esta Sé,* estão marcados 5 *anniversarios* para o dia 29 de novembro, por bemfeitores da egreja, e, com relação ao ultimo dos cinco, diz: «Item: no dito dia fazem anniversario por Martim Domingues, que foi mestre da obra.»—Será este o mestre da Sé? Será o da *crasta* do bispo D. Pedro IV? O mestre da Batalha foi Affonso Domingues, que viveu pelo fim do XIV e principio do XV seculo; o de Alcobaça foi (do claustro) Domingos Domingues, que viveu pelo fim do XII e principio do XIII seculo; e o de Evora? Será da mesma familia? Viveria pelo fim do seculo XII, ou pelo fim do XIV? Parece-me que Martim Domingues foi o mestre da *crasta.* O que é certo é que elle foi o mestre de uma d'estas obras, ou da Sé ou da *crasta.*

Como já disse, parece que o *Templo de Diana,* que estava convertido em mesquita arabe, serviu de Sé nos 18 annos que decorreram d'esde a tomada d'Evora (1166) até á conclusão da Sé actual. Lançou-lhe a primeira pedra o dito bispo, em 24 de abril de 1185 e a 21 de maio de 1204 a dedicou e consagrou a Nossa Senhora da Annunciada, ou do Anjo.

Está situada no mais alto da cidade, servindo-lhe de corôa tres elevadas torres. É toda de robusta cantaria e com ameias. Na egreja ha 20 capellas, todas ricamente ornadas, e teve muitas outras encostadas aos pedestaes, que se tiraram para desabafar a egreja, ficando só a de Nossa Senhora do Anjo.

Tem 3 formosas portas de entrada, estando a principal adornada com as estatuas, de pedra, dos 12 apostolos.

Na egreja ha preciosas pinturas do Grão-Vasco e sua escola.

—

Paço archiepiscopal. D. Payo, 1.º bispo de Evora, fundou junto á Sé e pela occasião da fundação d'esta, um *mosteiro* onde vivia com os seus conegos (os conegos nos primeiros seculos do christianismo viviam em communidade como outros quaesquer frades, depois é que foram pouco e pouco saccudindo o jugo fradesco.)

Este convento serviu de palacio á maior parte dos bispos, mas quando os conegos conseguiram sahir da reclusão, ficou o convento deserto. O cardeal infante D. Fernando, viveu na *rua dos Infantes,* a que elle e seus irmãos deram o nome.

O acrdeal D. Henrique, na *rua da Mesquita,* acima da da *Madre de Deus,* e no paço de S. Francisco. D. João de Mello e seu successor D. Theotonio, residiram no *palacio de Sertorio,* a que fizeram varias alterações. Tambem aqui residiu D. fr. Luiz de Sousa, bispo eleito do Porto e governador d'este arcebispado, em 1664, e D. Luiz da Silva. Estes dois ultimos aqui fizeram muitos melhoramentos.

—

Paços reaes.—Até ao tempo de D. Affonso V, aposentaram-se os reis, com a sua côrte, nas casas que tinham na praça, chamadas dos *Estáos* (vide Estáos.)

Esta casa era no sitio onde actualmente é o palacio do sr. José Maria de Sousa Mattos, que tambem occupa o sitio de umas casas dos condes das Alcáçovas. (Estas casas e as dos *Estáos* eram então separadas pela *rua dos Toiros.*)

Segundo a constante tradição, nos *Estáos* se hospedaram D. Diniz e Santa Isabel e outros antigos reis de Portugal. O ultimo que aqui residiu foi D. Sebastião.

D. Affonso V, que tambem esteve algum tempo nos *Estáos,* é que deu principio aos paços de S. Francisco, ahi pelos annos de 1468.

Os frades deram parte do seu mosteiro a D. Affonso V, sob promessa d'elle lhes fazer a egreja; mas depois arrependeram-se, porque o rei foi alargando o paço á custa de grande parte do convento.

Seus successores foram alargando e melhorando estes paços, e D. João II foi o que fez n'elles mais obras, para aqui celebrar o malogrado casamento de seu filho, o infante D. Affonso (que morreu da quéda de um cavallo em Santarem, 8 mezes depois de casado com D. Isabel, princeza de Hespanha (1490.) Mandou então fazer, entre o palacio e a portaria do convento, um salão de madeira, que tinha 300 palmos de comprido, 72 de largo e 75 d'alto.

Estas festas (do casamento do principe D. Affonso) foram as mais esplendidas de que ha noticia que se fizessem em Portugal. Em todas as cidades e villas do reino se esmeraram as camaras e povos para dar o maior brilho e magnificencia a estas festas, mas nenhuma povoação chegou a egualar Evora em sumptuosidade.

Poucas ruinas existem d'estes paços; mas sabe-se que elles occupavam uma área muito vasta, pois chegavam desde a muralha sobranceira á *horta dos soldados,* até á *rua do Paço,* tocando quasi a portaria junto ao *largo de S. Francisco.*

Philippe III deu aos frades franciscanos a parte oriental dos paços, que elles transformaram em dormitorios.

Era aqui o *quarto da rainha,* cujas janellas ainda se conservam. Suppõe-se que os frades destruiram (ou fizeram com que se destruisse) a outra parte dos paços reaes, para ficarem com o seu edificio separado d'outras quaesquer habitações. Assim se perdeu uma das maiores e mais ricas residencias reaes de todo o reino.

—

Museu Cenaculo.—D. fr. Manuel do Cenaculo Villas-Boas, bispo de Beja e arcebispo d'Evora, era tão dado ao estudo da archeologia, que a essa circumstancia devemos muitas curiosidades antigas, de inestimavel valor. Em 25 de janeiro de 1786, sendo ainda bispo de Beja, recommendou com grandes instancias ao clero do seu bispado, em uma pastoral, os estudos physicos.

As grandes relações que teve com muitos sabios estrangeiros e nacionaes que serviam nas possessões ultramarinas, lhe proporcionaram muitos objectos de fóra do reino. Foi assim que elle deu principio ao seu célebre museu; mas a maior e melhor parte da collecção de antiguidades que elle contem, foram desenterradas, nas escavações que a expensas suas mandava fazer em Beja, suas immediações e n'outras partes, onde verosimilmente presumia que deviam apparecer, não se poupando a qualquer sacrificio.

Desde as *armas de pedra*, que muitos reputam achado dos nossos dias, até ás obras dos artistas portuguezes, tudo colligia cuidadosamente.

Escolheu a egreja de S. Sisenando, proxima do paço episcopal, para deposito das lapides e cippos, columnas e fragmentos que, por volumosos e pesados, se não accommodavam em um gabinete. Deu a esta collecção o titulo de *Museu Sisenando Cenaculo Pacense*. Eram mais de 120 as lapides que continha.

Apesar de contar 78 annos quando foi nomeado arcebispo d'Evora, não tinha o illustre prelado desanimado dos seus trabalhos litterarios e archeologicos; pelo que, logo depois de tomar posse do seu novo cargo, fundou a bibliotheca publica d'Evora, e instituiu varias escolas ecclesiasticas.

De Beja trouxera a maior parte dos seus livros e os mais preciosos objectos das suas collecções, deixando (por causa da difficuldade do transporte) n'aquella cidade, quasi todas as pedras que estavam na egreja de S. Sisenando, e annexou isto á bibliotheca.

Os francezes roubaram, tanto em Beja como em Evora, primeiro os objectos que eram de ouro ou prata, e depois tudo o que lhes fez conta, para enriquecerem os seus museus. Do que estava na egreja de S. Sisenando (que eram mais de 100 pedras) tambem quasi todas foram roubadas, pois apenas alli existem umas 10!

Felizmente porém D. fr. Manuel do Cenaculo, parece que já adivinhava o que havia de acontecer ao seu museu, pois mandou desenhar fielmente 122 lapides d'elle, e juntar aos desenhos, as medidas exactas das dimensões de cada uma e a indicação dos logares em que muitas foram encontradas.

Estes desenhos estão na bibliotheca de Evora.

—

Ermida de S. Braz.—Situada no vasto rocio que se estende ao S. da cidade e fóra das muralhas.

Por occasião de uma grande peste que assolou o reino em 1482, fizeram os habitantes d'Evora a promessa a S. Braz, bispo e martyr, de lhe edificar uma capella, se a peste cessasse; mas não esperaram pela terminação do flagello, pois logo n'esse mesmo anno deram principio á capella, construindo junto a ella um hospital provisorio, de madeira, onde se recolheram muitos dos atacados de peste, que ahi eram tratados com muito desvelo e caridade.

Consta do compromisso da irmandade de S. Braz, que, apenas se principiou esta capella, cessou a peste.

Concluida a capella, se celebrou n'ella uma sumptuosa festa, em acção de graças, e d'ahi em diante todos os annos, em dia de S. Braz, se fazia uma grande funcção, a que assistia a camara, o cabido e muito povo da cidade e visinhanças.

Hoje ainda se faz esta festa e a ella assiste o cabido, mas já não é com a antiga pompa.

A capella está solta e desassombrada de outro qualquer edificio, e posto que esteja em uma planicie, se descobre um vasto horisonte; avistando-se até a cidade de Beja, a mais de 60 kilometros.

A sua architectura é de um estylo de que restam poucos specimens em Portugal.

É o *gothico-normando* puro, pelo que exteriormente mais parece um castello do que uma egreja. Interiormente foi toda forrada de asulejo em 1575.

Diz-se que a primeira imagem de S. Braz que aqui houve era um perfeito retrato de D. João II. Foi substituida por outra, não se sabe quando.

É proximo d'esta capella que está a 15.ª estação do caminho de ferro do Sueste.

—

Collegio.—Era um recolhimento de don-

zellas pobres e desamparadas, fundado por D. Theotonio de Bragança, arcebispo d'Evora, em 1535. Era na rua da Lagôa, em umas casas que foram da familia do capitão Manuel de Sousa de Sepulveda. Este collegio é actualmente uma fabrica de moagem, e o recolhimento foi encorporado á Casa Pia.

—

A *Casa da Camara* é um bom edificio, situado em uma espaçosa praça, ornada de um chafariz.

Foi edificada no reinado de D. Affonso V, pelos annos de 1470.

—

A *Bibliotheca publica*—tambem é um bom edificio, contendo preciosos manuscriptos. Está contigua ao paço dos arcebispos.

—

Tem Evora tantos edificios notaveis, já pela sua antiguidade, já pelas suas recordações e merecimento artistico, que sómente a relação d'elles faria um longo artigo. Vejo-me pois privado do gosto de os nomear, com receio de fazer este artigo fastidioso: e são tantas as cousas notaveis d'Evora que vão descriptas, que se devem dar por satisfeitos.

—

Os que quizerem ter amplas noções de tudo o que diz respeito a esta cidade famosissima, achal-as-hão na *Evora Gloriosa* do padre Francisco da Fonseca.

Factos notaveis d'Evora

Depois da gloriosa victoria do *Salado* (30 de outubro de 1340) ganhada pelo nosso rei D. Affonso IV e seu filho, D. Pedro, depois I, e seu genro, D. Affonso XI de Castella, casado com a nossa infanta D. Maria [1] entraram os dois monarchas em triumpho, na poetica cidade de Sevilha, onde se demoraram sete dias, a solemnisar com festas inauditas esta portentosa victoria.

Prodigiosos foram os despojos d'esta batalha. Diz-se que o ouro e prata tomado aos mouros, foi em tanta quantidade, que o seu valor abateu a sexta parte; isto, além de muitos milhares de escravos, bandeiras, armas e outros muitos objectos de grande valor.

Todo o despojo publico foi offerecido pelo rei castelhano ao nosso, que respondeu: —«Não quero riquezas, mas só a gloria de ver abatida a soberba mauritana; porém, para memoria d'este dia, acceito a trombeta do rei de Granada, o infante Abohamo e as cinco bandeiras que por minha mão ganhei.»

—

A entrada de D. Affonso IV e seu filho em Evora, depois da batalha do Salado, acompanhados dos principaes guerreiros que se distinguiram n'esta empreza, e dos *terços* eborenses, foi uma das mais esplendidas festas que esta cidade tem presenceado. Mais de um mez duraram as solemnidades religiosas, em acção de graças; as justas, jogos de cannas, touradas, cavalhadas e mais demonstrações festivas do tempo.

—

Tendo fallado na maravilhosa victoria do Salado, e não tendo outro logar em que a possa commemorar, julgo interessantes alguns factos que a precederam e que passo a relatar.

Tendo a rainha Maria soffrido a maior affronta que uma mulher virtuosa póde soffrer

[1] D. Affonso, de Castella, era uma especie de Henrique VIII de Inglaterra. Casou com D. Constança (a mais formosa senhora hespanhola do seu tempo) filha do infante D. João Manuel, neta paterna do rei D. Fernando, o *Santo*, e materna de Amadeu III, duque de Saboya e da infanta D. Constança, filha de D. Jayme II, de Aragão, e da rainha D. Branca.

Induzido por D. Affonso Nunes Osorio, seu valido, *descasou-se*, para casar (em 1329) com a infanta portugueza, D. Maria, filha do nosso D. Affonso IV. Depois, quiz casar com sua cunhada, D. Constança (que foi depois primeira mulher do nosso D. Pedro I) promettendo-lhe *descasar-se* com a rainha D. Maria.

Este projectado divorcio deu em resultado uma guerra de tres annos, entre Portugal e Castella, entrando o rei portuguez pela Betica, assolando tudo até Sevilha, em quanto seu irmão, o infante D. Pedro, conde de Barcellos, invadiu e conquistou toda a Galliza.

Vendo-se o monarcha castelhano atacado pelos mouros hespanhoes e africanos (1339) ajustou pazes com Portugal, deixando vir para cá a infanta D. Constança.

de seu marido (como fica dito na nota antecedente) mas, vendo a sua patria adoptiva, em risco de imminente destruição, escreveu a seu pae, implorando soccorro para o seu marido ingrato.

O nosso D. Affonso IV, que estava justamente resentido contra o monarcha castelhano, respondeu á filha: «que, ainda que aquelles varonis pensamentos não eram alheios do seu real sangue, *como não nascera para amazona, devia deixar ao valor de seu marido aquelles cuidados, e occupar-se em torcer os fios da sua roca e os bilros da sua almofada, e esquecer-se dos ferros das lanças e dos fios das espadas.*»

D. Affonso IV dera esta resposta á filha, que tanto adorava, porque suppoz (como era verdade) que a carta d'ella fôra escripta sob a influencia do marido; o qual, vendo a sua traça descoberta, mandou embaixadores pedir formalmente soccorros a Portugal.

O monarcha portuguez lhe mandou 300 lanças, que se immortalisaram em Hespanha, na guerra contra os mouros, ficando o seu chefe Aben-Ali, filho de Ali-Boacem, rei de Marrocos, degolado na batalha.

Enfurecido Ali-Boacem com a noticia da morte do filho, se colligou com os beis de Tunes, Sejulmanca e Búgia, resolvido a vir em pessoa a Castella, vingar a morte de Ben-Ali.

Desde o Zaire até ao Nilo, se reuniram os mahometanos, para cahirem sobre a Hespanha, qual avalanche monstruosa e destruidora.

O rei castelhano pede a sua mulher que venha a Portugal implorar soccorro a seu destemido pae.

A formosa rainha vem a Evora, vestida de luto, e lacrimosa se lança aos pés de seu pae, expondo-lhe o motivo da sua vinda inopinada.

São bellas as palavras que os historiadores referem proferidas então por ella; dizem que dissera: — «*Quantos povos, Senhor, tem produzido a Africa; quantas gentes tem creado a Barberia; todos, em companhia do rei de Marrocos, estão para passar á Hespanha. Poder tamanho, junto, não se viu desde que as discordias dos homens inventaram as guerras, para seu reciproco exterminio. E, porque as nossas forças são limitadas, venho a implorar a vossa assistencia. Só a vossa pessoa e a vossa espada podem impedir esta tempestade e serenar esta tormenta. Empunhae-a, valoroso rei, desembainhae-a, amoroso pae, se estimaes a conservação da minha vida e a perpetuidade da minha corôa. Rompei as demoras e acudi apressado ao mesquinho rei de Castella; porque se tardardes, temo muito que não acheis mais do que umas poucas de cinzas, reliquias fataes da sua desgraça.*»

D. Affonso IV, aquelle que tão justamente mereceu o cognome de *bravo*, levanta sua filha, aperta-a ao coração, e, depois de lhe enxugar as lagrimas, com rosto alegre e animo sereno, lhe disse que «ainda que Ali Boacem lhe tinha offerecido vantajosos partidos (que elle tinha despresado) para não sahir a campo, acudiria a Castella com todas as suas forças e com a sua pessoa.»

Mandou immediatamente circulares a todos os senhores e cidades do reino, para que com todas as suas forças se fossem encontrar com elle na fronteira, e o rei marchou para Juromenha com sua filha, com 100 cavalleiros e 1:000 infantes eborenses (de que era alferes-mór, *Gonçalo Añes Carvoeiro*, um dos mais nobres cidadãos d'Evora) para alli reunir o resto das forças.

O rei de Castella já o estava esperando em Juromenha, e depois de algumas conferencias, passou a Sevilha, e o nosso rei a Elvas, e reunindo as forças que pôde, passou á Andaluzia, com 21:000 homens.

Foram os portuguezes recebidos em todas as povoações hespanholas com as maiores demonstrações de fraternal amisade e do mais espansivo regosijo. Em Sevilha os foi esperar, em procissão, toda a clerezia e grande multidão de povo e nobreza, cantando os sagrados hymnos da egreja, que eram principiados pelo *Benedictus qui venit in nomine Domini.*

Aqui (em Sevilha) souberam os dois monarchas, que os mouros e turcos tinham passado o estreito de Gibraltar (por culpa da esquadra castelhana, que se não uniu á

portugueza) com numerosissimas forças, que uns dizem elevar-se a 400:000 homens, outros a 700:000, 70:000 cavallos e 12:000 lanças dos principaes senhores da Mauritania. Tambem o rei mouro de Granada se lhes uniu, com 57:000 guerreiros.

Em vista de tão grande multidão, desanimaram os hespanhoes, que, em conselho de guerra, propozeram pazes com os mouros, mediante uma avultada quantia de dinheiro. Acompanhava a expedição portugueza, D. Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga, que tenazmente se oppoz a esta deliberação, o que principiava a causar murmurações aos castelhanos.

Então o rei portuguez disse: *que não tinha sahido do seu reino, com soldados sempre costumados a vencer, para se retirar sem combate. Que se os castelhanos temiam o grande numero dos inimigos, elle só com os seus 21:000 portuguezes os combateria e venceria. Que se as settas dos mouros (como diziam) eram tantas, que escureciam o sol, tanto melhor, porque combateriam á sombra.*

O rei de Hespanha tambem era corajoso, e do voto do nosso rei e do arcebispo de Braga, pelo que logo gritou—*Batalha! á batalha!*—palavra magica que, com a rapidez do raio, electrisou os soldados, que todos repetiram:—*batalha! batalha!*

—

Já disse o resultado d'esta jornada, de eterna gloria para as armas portuguezas e hespanholas.

O rei de Castella e os principaes fidalgos da sua côrte, acompanharam o nosso rei até Olivença, onde se fizeram as mais cordiaes despedidas.

—

Chegado D. Affonso IV a Evora, instituiu a confraria de Nossa Senhora da Victoria, em acção de graças, pela obtida dos mouros. Foi a irmandade constituida na egreja dos tres santos martyres Vicente, Sabina e Christeta. Inscreveu-se el-rei como irmão, e foi o seu primeiro juiz.

Mandou inscrever, em letras gothicas, em uma grande lapide de marmore) que permanece embutida no pedestal que separa a capella-mór da do Santissimo) a inscripção seguinte:

Era 1378 (1340 de Jesus Christo) *Aben-Amorim* (Ali-Boacen, filho de Amorim) *Senhor de alem do mar, confiado de si e do seu grande haver, passou áquem do mar, com ha Forra* (rainha Fatima) *filha del Rey de Tunes, para perseguir e destroir os Christaons. Cercou Tarifa, e o seu poder era tanto, que se nom podia somar. E pois El Rey D. Affonso de Castella, viu que nom pode ser certo, ouve receio, e per si veyo a Portugal, demandar ajuda a ho Quarto Affonso, Rey de Portugal, seu sogro. Á el proque muyto dea lha fazer, com seu corpo e com seu poder.*

Logo sem tardança compeçou ho caminho para a fronteyra, e mandou que os seus se fossem empós el.

De Evora levou cem Cavalleyros e mil peões. Gonsalo Pires Carvoeyro, foi por Alferes.

Lidarom com os Mouros, e el Rey de Portugal entendeu com el Rey de Granada; e El Rey de Castella com Aben-Amorim.

E, mercê foi de Deus, que nunca Mouro tornou rosto. E morrendo delles tantos a que non poderom dar conto.

Rey Aben Amorim e Rey de Granada fugirom. No arrayal de Aben-Amorim acharom grande haver em prata e oyro, e houve-o El Rey de Castella.

Matarom hi ha Forra e muytas ricas Mouras, e outras muytas Mouras, e meninos enfindos. Captivarom um filho de Aben-Amorim (o infante Abohamo) *e huã sua sobrinho, e hua sua neta. Deus seja por todo sempre bento, por tanta mercê quanta fez aos Christaons. Amen.*

—

Emquanto Evora foi côrte, cresceram os edificios d'esta cidade. A casa do senado da

camara estava estabelecida no edificio onde foi a antiga Sé (e onde hoje são os celleiros dos arcebispos). Não sendo edificio condigno de tal cidade, resolveram os vereadores lançar uma finta ao povo, para a construcção de uns novos paços do concelho. Estava presente o *pae dos pobres de Evora, João Mendes Cicioso,* que approvou a obra, mas desapprovou a imposição do tributo; offerecendo-se a fazer á sua custa os novos paços, e assim o fez com grande magnificencia.

D. Affonso V ordenou, em reconhecimento d'esta acção, e em memoria d'este serviço á cidade, se puzessem, na fachada do edificio, em vez das armas d'Evora, as de João Mendes Cicioso.

Em 1481, D. João (que no mesmo anno foi rei, 2.º do nome) mandou fazer novos ornamentos a este palacio, e por sua ordem se lhe fizeram as varandas e columnas de marmore, que ainda existem.

Está este edificio situado em uma das melhores praças d'Evora, onde se ostenta o pelourinho, que occupa o logar onde esteve um chafariz, feito durante a usurpação de Philippe II. A agua para este chafariz vinha de uma nóra, que estava no Terreirinho, da rua da Sellaria, junto da torre do rei Sisebuto. Durou este chafariz até ao reinado de D. João IV, que restaurado o *Aqueducto de Sertorio,* introduziu na cidade a agua da *Prata.*

—

El-rei D. Manuel, gostava muito da agua de um poço, que havia junto da *Piedade,* pelo que mandou romper este poço e encanar a agua até ao chafariz que mandou construir, pelo que ainda hoje se chama *Chafariz d'El-rei.*

—

Segundo alguns escriptores, Evora foi a primeira cidade fundada pelos netos de Noé, conservando ainda hoje o nome e sitio primitivos.

—

Foi, no tempo de Viriato e Sertorio, a primeira capital da Lusitania.

—

Foi tambem residencia do consul romano da Luzitania, e cabeça da religião idolatra.

—

Foi a primeira e principal praça de guerra de Viriato, Sertorio, Swintila, Sizebuto, D. Affonso Henriques, D. Sancho II, e D. Nuno Alvares Pereira.

—

Em frente d'Evora conseguiram os lusitanos as primeiras victorias contra as legiões romanas; ornando-se os templos d'esta cidade com as bandeiras e tropheus dos vencidos.

—

Consta que foi a primeira cidade da Peninsula Hispanica onde foi prégado o Evangelho de Jesus Christo, pelo discipulo dos apostolos S. Manços, entre os annos 36 e 44.

—

Diz-se que os primeiros eremitas de toda a egreja catholica foram eborenses, mandados para a serra d'Ossa por S. Manços.

—

Foi o cardeal D. Affonso, prelado eborense, o primeiro que ordenou e introduziu nas freguezias os livros dos assentos dos baptismos, casamentos e obitos, pratica elogiada e approvada pelo Concilio de Trento, que reconhecendo a sua necessidade, a mandou observar em toda a christandade.

Tambem este cardeal foi o primeiro que obrigou os parochos a fazer a cathequese aos seus parochianos, ao som da *campa tangida,* e elle a fazia tambem na sua egreja.

Foi ainda elle o primeiro que coordenou as *Constituições* da diocese d'Evora.

—

Foi em Evora que se creou pela primeira vez o officio de meirinho-mór, e que se instituiram as *guardas reaes dos ginetes e alabardeiros,* e foi seu primeiro capitão o eborense Fernão Martins Mascarenhas.

—

Foi Affonso Gonçalves Baldaya, o primeiro que trouxe a Portugal, despojos das nossas conquistas do ultramar.

Pedro d'Evora — o primeiro que foi em descoberta do caminho da India, por terra.

Pedro Fernandes de Queiroz — o primeiro descobridor das *terras austraes.*

Soeiro Mendes—o primeiro que fundou e governou praças portuguezas nas nossas conquistas.

Todos foram eborenses.

—

Foi em Evora que el-rei D. Manuel mandou em descoberta da India, por mar, a D. Vasco da Gama (que era morador n'esta cidade) e aos seus intrepidos argonautas; dando-lhe aqui as necessarias instrucções e entregando-lhe a bandeira real.

Foi tambem aqui—em Nossa Senhora do Espinheiro, que recebeu as primeiras noticias da feliz descoberta do Oriente; dando, em acção de graças, duas corôas de oiro á mesma Senhora e ao seu menino.

—

Eram naturaes d'Evora:

Lourenço de Brito—o primeiro que, sendo capitão de Cananor, defendeu um cêrco formal, na India.

D. Pedro Estaço—primeiro mestre de S. Thiago. desde que esta ordem se separou da Hespanha.

D. João Galvão—o primeiro bispo-conde de Coimbra.

D. Martinho de Portugal—primeiro e unico arcebispo da Madeira, primeiro primaz do Oriente e primeiro e unico *legado a latere* de toda a Hespanha.

D. Fernando Vaqueiro—primeiro bispo que passou á India.

D. Gaspar de Santa Maria—primeiro arcebispo de Gôa.

D. Pedro Fernandes Sardinha—primeiro bispo do Brasil.

D. Estevão Brioso—primeiro bispo de Pernambuco.

—

Foi Evora a primeira cidade portugueza que se revoltou contra os oppressores da sua patria no tempo de Viriato, de Sertorio e de D. João IV.

—

A primeira duqueza d'Aveiro (D. Beatriz de Vilhena) era eborense.

—

Nasceram mais em Evora:

D. Rodrigo de Mello—primeiro conde de Tentugal, depois marquez de Ferreira.

D. Affonso de Portugal—conde de Vimioso, depois marquez de Aguiar.

D. Francisco Luiz d'Alencastre—conde de Alcanéde.

D. Fernando de Castro—conde de Basto.

D. Ruy Mendes de Vasconcellos—conde de Castello Melhor.

D. Francisco de Vasconcellos—conde de Figueiró.

D. Alvaro de Castro—conde de Monsanto.

Ruy de Mello—conde de Olivença.

D. Diogo da Silva de Menezes—conde de Portalegre.

D. Pedro de Sousa—conde do Prado.

D. Luiz da Silveira—conde da Sortelha.

D. João de Menezes—conde de Tarouca.

D. Henrique de Menezes—conde de Loulé e de Vallença.

D. Pedro de Menezes—conde de Villa Real.

D. João Fernandes da Silveira—primeiro barão de Alvito.

—

Foi Evora solar dos condes de Cantanhéde, Santa Cruz, Sarzedas, Torre, Unhão e Villa Nova de Portimão;—dos senhores das Alcáçovas, Bobadella (que depois foram condados); dos morgados da Oliveira e Esborrandadouro;—das antigas e nobres familias de Canos (ou Cam) Cascos, Cogominhos, Pessanhas, Fuzeiros, Jacomes, Oliveiras, Patalins, Pestanas, Portugaes e Silveiras. Além de muitas outras familias nobres, que seria longo enumerar.

Havia em Evora e seu termo 5:000 casas vinculadas.

—

Consta que o primeiro bispo que Evora teve, foi S. Mancio, um dos 72 discipulos de Jesus Christo, no anno 35. O primeiro bispo christão que teve no seculo XII, foi D. Soeiro, feito em 1167. Seguiu-se-lhe D. Payo.

S. Mancio (ou Manços) avisado por Santa Celerina, de que em uma barca velha tinha arribado a Sines o corpo de S. Torpeses, martyr, e foi sepultar por suas mãos, a 17 de maio de 55. S. Torpes era um patricio da côrte de Nero.

—

É patria de S. Celerino, que com seus tios Laurentim e Ignacio (tambem de Evora) fo-

ram martyrisados em Africa, no dia 3 de fevereiro de 254. (Não se confunda com Santa Celerina, que era dois seculos mais antiga. D'esta trato adiante.)

—

No dia 3 de março do anno 300, imperando Diocleciano, foram martyrisados n'esta cidade S. Felix, S. Luciolo e Santo Eusebio.

—

Aqui se assignaram as pazes entre D. Fernando de Portugal e D. Henaique II de Castella, em 31 de março de 1369.

—

Aqui morreu em 1455, a rainha D. Isabel, mulher de D. Affonso V e mãe de D. João II.

—

Em 29 de maio de 1483, aqui foi preso, pelo proprio D. João II em pessoa, nos paços do conde de Olivença (onde o rei morava) D. Fernando II, duque de Bragança e cunhado da mulher de rei. No dia 21 de junho do mesmo anno foi condemnado á morte e no dia seguinte degolado na praça grande de Evora. (Vide Villa Viçosa.)

—

Apesar de ser muito conhecida a sentença aqui proferida por D. Pedro I, julgo dever registal-a.

Havia n'aquelle tempo na Sé d'Evora um conego chamado D. Henrique da Silva, fidalgo de costumes devassos. Era aleijado de um pé, e mandou chamar o mestre sapateiro Affonso Annes, encarregando-o de lhe fazer um par de sapatos, com recommendação de que o do pé aleijado fosse feito de modo que lhe encobrisse o defeito. Trouxe o sapateiro os sapatos, mas como o do pé torto lhe não disfarçasse a tortura, vae-se ao triste sapateiro e o mata a bordoadas.

(Outros dizem que o conego assassinou o sapateiro por este não consentir que aquelle lhe seduzisse a mulher.)

Foi isto tão publico que os parentes do tal fidalgo não poderam *abafar* completamente a justiça, que por um crime de assassinio sem provocação, se contentou em prohibir o padre de assistir ao côro por espaço de um anno.

Tinha o sapateiro um filho, que era pedreiro, e que ainda era creança quando o pae foi assassinado; mas jurou vingar tão injusta morte. D'ahi a tres annos, em um dia de *Corpus Christi*, matou o tal conego a punhaladas, publicamente na rua.

Mas o pobre rapaz não era conego nem fidalgo, pelo que foi preso e sentenceado a ser esquartejado vivo.

Estava então D. Pedro I em Evora, e tendo noticia d'esta sentença, admirou-se de tanta perversidade em tão pouca edade, pois o rapaz apenas tinha 18 annos. Mandou chamar o reu á sua presença, que desassombradamente confessou o crime e o nenhum arrependimento de o haver commettido. O rei ordenou-lhe que dissesse qual era a razão de tamanho odio contra o padre, e o criminoso respondeu: «Se um malvado, abusando da sua gerarchia, assassinasse injustamente o pae de Vossa Alteza (os reis então só tinham *alteza*) não quereria vingar a morte do auctor de seus dias? D. Henrique sem a menor razão e só por maldade, assassinou meu pae. Minha mãe gastou com a justiça tudo quanto tinha e até agora tem soffrido a fome e a indigencia com todos os seus filhos (dos quaes eu sou o mais velho) e de tudo foi causa quem matou aquelle que pelo seu constante trabalho evitava á familia as privações.» «E que castigo teve D. Henrique?» disse o rei. «O de não hir ao côro um anno» respondeu o rapaz. «Por Deus, disse D. Pedro, que, se é como dizes, justiça se fará.»

Mandou logo alli averiguar o caso, e vendo que o rapaz em tudo fallava verdade, disse: «É certo que commetteste um crime de morte, e deves ser castigado; por isso te condemno *a não fazeres sapatos até de hoje a um anno*: vae em paz.» (Esta justissima sentença em nada prejudicava o rapaz, que não vivia de *fazer sapatos*, mas de construir paredes.)

Além d'isso condemnou os herdeiros do conego a restituirem á viuva todas as despezas que tinha feito com a querella, e a darem-lhe uma pensão annual sufficiente para as suas despezas.

—

Durante a guerra da restauração, o general castelhano D. João d'Austria, filho bas-

tardo de Philippe IV, toma Evora, depois de uma heroica resistencia, feita apenas por um pequeno numero de alemtejanos e algarvios, contra um numeroso exercito, a 22 de maio de 1663; mas, depois da derrota dos castelhanos no Ameixial (7 de junho—vide Ameixial) os portuguezes recuperam Evora a 24 de junho, estando os castelhanos só 32 dias senhores da cidade. Mas n'este curto periodo tiveram tempo de saquear a cidade, destruir varios edificios e commetter muitas barbaridades.

—

Em 29 de junho de 1808, o general francez Loison, com numerosas tropas, toma de assalto esta cidade, que se achava com pequena guarnição e falta de toda a casta de munições.

Os francezes, reentrando em Evora, assassinaram todos que encontraram, não respeitando sexo nem edade; roubam todas as casas, e violam casadas e solteiras, assassinando-as depois.

—

D. João II, sendo (pela segunda vez) acclamado rei em 1481, n'esse mesmo anno reune côrtes n'esta cidade. N'ella escolhe homens para o serviço da nação, dando tudo *sómente ao merecimento*. Refreia a liberdade do povo e abate o orgulho dos grandes.

Em 1490 torna o mesmo rei a convocar côrtes n'esta cidade, para deliberarem sobre o casamento de seu filho, o principe D. Affonso com D. Isabel, filha e herdeira dos reis de Hespanha. (Talvez fosse uma fortuna para Portugal a morte desastrada de D. Affonso, como já disse. Se a morte o não arrebata tão cêdo, já então se teriam juntado as *Hespanhas* (a peninsula iberica) formando uma só nação.

—

Aqui falleceu em 1557, *Gil Vicente* (o Plauto portuguez.) Jaz na egreja do convento de S. Francisco. Sobre a campa tem um epitaphio composto por elle mesmo. (Houve dois poetas portuguezes do mesmo nome, pae e filho. O que aqui morreu em 1557 foi o pae. Vide Barcellos.)

—

Quasi todos os nossos reis, desde D. Affonso Henriques até D. Sebastião, tiveram por vezes a sua côrte em Evora.

—

Foi cidade episcopal desde o primeiro seculo do christianismo (segundo a opinião de varios escriptores) até 715. Apenas resgatada do poder dos mouros, tornou a ter bispos até ao cardeal infante D. Affonso, que morreu em 1540. Foi então elevada esta mitra á dignidade archiepiscopal, sendo seu primeiro arcebispo o cardeal infante D. Henrique, depois rei. As rendas da mitra eram no seculo passado 140:000 crusados (56 contos de réis!)

—

Em 11 de março de 715, foi martyrisado pelos mouros, Santo Arcomio, bispo d'Evora.

Não se sabe com certeza quantos foram os confessores de Jesus Christo que n'esse dia soffreram martyrio; mas sabe-se que com Santo Arcomio foram tambem martyrisados S. Faustino, arcebispo de Braga, e depois, de Sevilha; Theodofredo, bispo de Viseu; S. Fionio, bispo de Lamego e outros muitos prelados, presbyteros e diaconos das Hespanhas.

Parece que estes santos se tinham refugiado em um monte, para ahi celebrarem os officios divinos, quando os mouros os descobriram e assassinaram. Este monte estava perto de Cáceres e de Xarandilla, Hespanha.

—

Tinha voto em côrtes, com assento no 1.º banco.

D. Affonso I lhe deu foral em 28 de abril de 1167, que foi confirmado em Santarem por D. Affonso II, em 1218. Tem tambem foral dos *mouros forros*, dado por D. Affonso III, em Lisboa, a 16 de agosto de 1273.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de setembro de 1501.

—

A egreja e hospital da Misericordia foram fundados em 1533.

—

A egreja matriz de S. Pedro foi egreja dos templarios foi fundada pelos annos de 1180, mas reedificada depois, Estando muito ar-

ruinada passou a parochia para a egreja de S. Francisco em 28 de novembro de 1840.

—

A egreja matriz de Santo Antão foi edificada na praça maior pelo cardeal infante D. Henrique, arcebispo de Evora, em 1558.

—

A *Casa Pia* foi fundada em 1836.

—

O *Monte de Piedade* (celleiro para emprestimos aos lavradores pobres) foi instituido pelo cardeal arcebispo D. Henrique (depois rei) em 1576.

—

Quando Evora era côrte dos nossos reis, era residencia de muitas das mais nobres familias de Portugal, que aqui tinham os seus palacios, muitos dos quaes ainda existem, sendo o mais notavel o antiquissimo paço acastellado dos duques de Cadaval. Tambem ainda existem restos dos antigos paços reaes, com as suas formosas janellas gothicas (junto ao convento de S. Francisco) e com a sua notavel *galeria das damas*.

—

Tem Evora dois soffriveis theatros e uma casa de assembléa.

O quartel de cavallaria 5 é o mais bello e vasto de todos os quarteis militares do reino.

Não tem a cidade nenhuma praça regular, mas tem varias e algumas muito espaçosas. O *Rocio* é fóra dos muros da cidade, e junto á porta a que dá o nome. É um grande campo sem mais edificios que um chafariz. Tem uma alameda de arvores ainda novas, mas pouco concorrida, apesar de ser um agradavel passeio. E' aqui que se fazem as feiras annuaes de 24 de junho e 12 de outubro. Esta é só de gado e muito concorrida, mas a do *S. João* (e a de Viseu) são as maiores do reino.

Proximo ao Rocio, e junto á parte exterior das muralhas, está a *horta dos soldados*, com seus arvoredos, tanques e flores. É um bonito passeio, com extensas vistas, mas tambem pouco frequentado.

A cidade é abundante de agua, distribuida por varios chafarizes e alimentada pelo *aqueducto da Prata*. Tem tambem algumas fontes extra muros.

Os arrabaldes d'Evora não são formosos. Em torno das muralhas ha varias hortas e a distancia se veem espalhadas aqui e alli algumas quintas arborisadas, mas poucas e pequenas. Tudo o mais é uma planicie vastissima applicada a cearas de trigo. Só ao longe se avistam montes, olivaes, e os frondosos arvoredos dos montados.

É a cidade abundante de cereaes, azeite, vinho, fructas, hortaliças, aves, caça, etc., que lhe vem do seu termo, cujos terrenos são de uma fertilidade extraordinaria, e o grande numero e variedade de gados que n'elles se criam, e as suas optimas lans, constituem um dos mais importantes ramos do seu commercio.

É a 15.ª estação do Caminho de Ferro do Sueste.

Tem estação telegraphica de 1.ª ordem ou do Estado.

É quartel general do commandante da 4.ª divisão militar, desde 1869; e quartel de cavallaria n.º 5.

—

Tem por armas em um escudo branco um cavalleiro, armado, com uma espada na mão direita, e duas cabeças de mouro, de differente sexo, na esquerda. A origem d'estas armas é a tomada d'Evora por Giraldo Giraldes que é o cavalleiro n'ellas pintado.

—

N'esta cidade capitulou (*convencionou*) o exercito realista, a 27 de maio de 1834. (Vide *Hist. Chronologica de Portugal* e Evoramonte.)

—

Proximo da cidade passa o rio *Degébe*, que desagúa na direita do Guadiana.

—

Evora é patria de muitos varões distinctos pelas suas virtudes, pelo seu saber e pelo seu valor. Nomearei os seguintes:

Garcia de Rezende, nasceu pelos annos de 1474 e morreu pelos de 1554. Era varão de grande talento. Escreveu a *Chronica* de D. João II, de quem foi grande privado. É tambem o auctor do tão estimado *Cancioneiro* (collecção de canções populares do seu tempo e dos antecedentes).

Era tambem um primoroso desenhador e

foi o que fez o desenho da notavel torre de S. Vicente de Belem. Foi secretario da pomposa embaixada que o rei D. Manuel mandou ao papa Leão X. Instituiu o morgado das *Antas*.

Aqui viveu em *casas suas*, que ainda hoje existem. Está enterrado na capella que mandou construir na egreja do convento do *Espinheiro*.

—

Julga-se ser Evora a patria de *Jeronymo Corte Real*, nascido em 1540. Era morgado de Palme, capitão-mór d'uma armada da India.

Foi pintor distincto e bom poeta. Escreveu os poemas *Segundo cêrco de Diu* e *Naufragio de Sepulveda*, além de varias obras de menos fama.

—

Pedro Fernandes de Queiroz, que nasceu pelos annos de 1575. Foi almirante da esquadra hespanhola no tempo de Philippe III (pelo que alguns, erradamente o teem por hespanhol), e o mais notavel navegador do seculo XVII.

Segundo a opinião de *Cook*, foi Queiroz o primeiro a suppôr a existencia de um continente austral; e por isso, partindo de *Callao* (Perú) a 25 de dezembro de 1605, descobriu grande parte da Oceania, sendo o primeiro a encontrar o archipelago a que *Cook* deu o nome de *Novas Hebridas*; a ilha de Taiti e muitas outras do már do Sul.

Ignora-se quando, onde e como falleceu.

—

Santa Celerina (bisneta de Lucia Pompea Celerina) mulher de Lucio Venancio (ou Veronio) tribuno militar. Este se converteu á fé catholica, quando á Hespanha vieram as reliquias de S. Thiago, apostolo, pelos annos 44 de Jesus Christo) e bem assim sua mulher. Eram ambos portuguezes e naturaes d'Evora.

Santa Celerina era tão rica e poderosa, ainda depois de viuva, que, segundo alguns escriptores, era senhora de quasi metade da Lusitania (!). *Monfricio* diz que ella possuia metade da Lusitania (isto, quanto a mim, é força de expressão).

Edificou um magnifico templo a S. Torpes, martyr, na villa de Sines, onde ella vivia, por ser senhora de todas estas terras. Foi martyrisada em Sines a 17 de maio de 65, imperando o feroz Nero.

—

O Manuelinho d'Evora

Não se sabe com certeza quem era o individuo legendario denominado *Manuelinho d'Evora*. D. Francisco Manuel de Mello diz que Manuelinho era um idiota, do qual os jesuitas se serviram para o inculcar como cabeça de motim, nas revoltas contra a usurpação de Castella. Outros pretendem que elle era um fidalgo portuguez, desconhecido em Evora (por ter estado muitos annos ausente) e que se fingia louco, com o louvavel intento de influir o povo para a libertação da patria.

Manuel Severim de Faria, diz que elle era um official mechanico, chamado *Manuel Martins d'Evora*. Outros ainda lhe dão diferentes nomes e empregos.

O que é certo é que todas as proclamações, protestos, reclamações, officios e correspondencias diversas sobre a revolta contra a usurpação de Philippe IV, eram assignados pelo *Manuelinho*.

A opinião mais seguida, por ser a mais verosimil, é que *Manuelinho d'Evora*, não passava de um pobre mendigo idiota, que, pelo seu estado mental, se soppunha poder escapar á cruel vindicta castelhana.

—

D. Payo Peres Correia — mestre da ordem de S. Thiago da Espada; era filho de Péro Peres Correia e de D. Dordes d'Aguilar. Nasceu nos fins do seculo XII ou principio do XIII.

Morreu em *Ucles* (Hespanha) aos 11 de fevereiro de 1275, com 33 annos de governo da sua ordem, como grão-mestre. Foi commendador-mór d'Alcacer do Sal.

Acompanhou D. Sancho II nas suas expedições contra os mouros do Algarve.

Pela deposição d'este monarcha, D. Payo continuou com os seus freires e tropas, na gloriosa conquista d'aquella formosa parte da antiga nação lusitana, ganhando palmo a

palmo e com o maior denodo e dedicação as diversas e fortes praças mouriscas do Algarve, até tornar este reino uma provincia portugueza; expulsando os sectarios de Mahomet para os seus covis africanos.

Não satisfeito das portentosas façanhas por elle obradas em Portugal, durante os reinados de D. Sancho II e de seu irmão, D. Affonso III, acompanhou este monarcha á Hespanha, onde continuou a prestar relevantissimos serviços ao seu rei, á sua religião e á sua patria; adquirindo assim um nome glorioso, que será eterno emquanto em Portugal se presar a honra, o valor, o catholicismo, a lealdade e o amor da patria.

Tal era em toda a Europa a reputação d'este aguerrido e incançavel batalhador portuguez, que estando captivo dos turcos, em Damietta, Luiz IX de França (S. Luiz) foi D. Payo nomeado unanimamente, pelos mais famosos chefes militares do christianismo, para commandar a vanguarda do exercito dos crusados, que se organisava para libertar o monarcha francez.

Como se não levou a effeito esta empreza, por S. Luiz se ter remido a dinheiro, D. Payo marchou com a sua hoste, em favor de Balduino de Flandres, imperador de Constantinopola, contra os gregos. Balduino lhe deu em premio, para a sua ordem, a cidade de Vicoya.

—

Finalmente, a vida d'este inclito e valorosissimo portuguez, foi uma serie de feitos gloriosos, que honram a cidade que tão justamente se ufana de lhe ser berço, e Portugal que teve tal filho.

—

No Algarve tinha elle, só com os seus cavalleiros e alguns populares, conquistado Tavira, Silves e o então forte castello de Paderne. D. Sancho II, em premio de taes façanhas, lhe deu, para a ordem, em 1239, as villas d'Alfajar e Mértola (mandando então mudar para esta o convento d'Alcacer.) Em 1240, tomou aos mouros,) para o rei de Castella, D. Fernando o Santo) a villa d'Ayamonte, que o mesmo rei lhe deu para a ordem, logo que foi resgatada. Em 1242, foi feito Grão-mestre de S. Thiago. Estando na Hespanha em razão do seu emprego. Em 1243 conquistou os reinos de Murcia e Jaen, com as importantes praças de *Lorca, Mula e Carthagena.* Com o destemido cavalleiro D. Lourenço Soares (tambem portuguez) conquistou *Sevilha,* em 1247; e em seguida, *Xerês, Texeda, Arcos, Nebrissa, Bejar, Medina-Sidonia,* e *S. Lucar.* Depois veio ajudar o nosso D. Affonso III á conquista de Faro.

(Os milagres que lhe attribuem de *fazer parar o sol, e fazer rebentar agua de uma penha,* diz-se que tiveram logar na *Serra Morena,* e não no Algarve, como outros erradamente asseveram.)

Fundou muitos conventos da sua ordem, na Italia e Hespanha, e alguns na Hungria,

Depois de ser grão-mestre de S. Thiago (que então se chamava *Cavallaria d'Ucles,* por estar nesta villa o convento principal) veio trez vezes a Portugal. A primeira, em 1252, a negocios da ordem; alcançando do rei algumas rendas, e de D. Ayres Vasques, bispo de Lisboa, as egrejas de *Almada, Cezimbra, Palmella, Setubal, Belmonte, Villa-Nova de Canha, Alcochete* e *Sebona.* A segunda em 1261, convidado pelo rei D. Affonso III para ser padrinho de seu filho, D. Diniz, depois rei. A terceira, em 1272, para compôr certas desavenços entre *seu compadre* e a ordem.

Tantos serviços e tão espantosas façanhas tiveram por premio ..... a ingratidão e o esquecimento. Nem uma lagem raza, nem o mais simples epitaphio nos diz hoje onde jazem os ossos venerandos d'este heroe legendario!

Dizem uns que está sepultado em *Talavera;* outros, que na egreja de Santa Maria de Tudia, que elle edificou e consagrou á Virgem, no sitio em que o sol parou, para o deixar completar a derrota dos mouros.

Mas, se a ingratidão castelhana deixou no olvido o seu mais inclito grão-mestre, que um obscuro portuguez lhe levante aqui este singello monumento, que leve aos vindouros os feitos gloriosos d'este varão immortal. Sirva-lhe de epitaphio o que o padre Marianno diz na sua Historia.

IPSO ANNO PELAGIUS CORREA D. JACOBI MAGISTER

EXTINCTUS EST, ANNIS GRAVIS, OMNI LAUDUM GENERE BELLO, PACEQUE CLARISSIMUS

—

D. fr. Luiz Mendes grão-mestre da ordem de Malta. Nasceu na rua dos Infantes, em 1550. Foi um grande latino. Em 12 de setembro de 1571, se alistou freire da dita ordem, tirando-lhe as *provanças*, da sua antiga nobreza, o celebre D. Antonio 1.º, grão-prior do Crato. Fez a guerra do Levante com D. João d'Austria, do qual foi embaixador, em Malta. Foi dois annos capitão da famosa gallé *Esperança*, e na batalha de *Chaca*, saltando em terra, obrou grandes prodigios de bravura, sahindo do combate com 28 feridas, muitas d'ellas graves; que, se lhe poseram a vida em perigo, lhe immortalisaram a fama.

Em 1589 o mandou a ordem a Portugal, como recebedor das suas commendas, e d'este reino a Roma, como embaixador de Malta; ostentando-se tão dextro politico, como tinha sido militar intrepido. O papa Paulo V, lhe offereceu o bailiado d'Áquila, que elle recusou.

Em 1609 foi feito conservador da sua ordem, e em 1613, general das gallés da armada; e com ellas acoçou os turcos, dando-lhe repetidos e sempre victoriosos combates.

Foi depois bailío de S. João d'Acre, commendador de Montouto e Elvas, que trocou com a commenda de Vera-Cruz. Teve tambem, por graça especial, as commendas de Villa Cóva, Rossas (Arouça) Froços e Algoso.

O rei o quiz fazer tambem commendador de Santarem e Pontevel, mas elle regeitou, em beneficio do seu antigo camarada, Antonio Pereira de Lima.

Foi eleito grão-mestre da Ordem de Malta em 17 de setembro de 1622. Foi o 3.º grão-mestre portuguez e o 54.º da ordem. Succedeu-lhe o immortal D. Antonio Manuel de Vilhena, filho dos condes de Villa-Flor.

Morreu este grande vulto portuguez, na ilha de Malta, pelos annos de 1630.

—

Vasco Martins de Mello, senhor de Povos e Castanheira (do Riba Tejo) tronco da casa dos marquezes de Ferreira e duques de Cadaval e Buarcos, e alcaide-mór d'Evora. Foi para Castella com a infanta D. Beatriz, quando ella casou com D. João I, de Castella. Achando-se com a corte em Toledo, quando chegou a noticia da morte de D. Fernando de Portugal, o mandou o rei castelhano, que montasse acavallo e acclamasse D. Beatriz rainha de Portugal, ao que o leal fidalgo respondeu — «Como guarda-mór dos reis de Portugal, antes perderei a vida do que concorrerei para semelhante traicção á minha patria. Se quereis proseguir na vossa injustiça, escolhei alferes, ou menos honrado ou menos escrupuloso que Vasco Martins de Mello.»

O rei, pasmado de tanta coragem, contentou-se em nomear outro alferes (porta-bandeira.) Vasco Martins de Mello, veio logo para Portugal com seus tres filhos (Gonçalo, Vasco e Martinho) todos naturaes d'Evora, e todos quatro foram partidarios e amigos dedicados do mestre d'Aviz, distinguindo-se em todas as batalhas em que entraram, durante essa guerra, em defeza do seu rei e da sua patria.

—

A *infanta D. Isabel*, filha de D. João I, e da rainha D. Philippa aqui nasceu, em 11 de fevereiro de 1397.

Era uma senhora dotada de rara belleza, grandes talentos e angelicas virtudes; pelo que, foi pedida em casamento por muitos principes da Europa. Casou com Philippe III, *o Bom*, duque de Borgonha, conde e senhor de Flandres; um dos mais poderosos soberanos da Europa, e experimentado e corajoso guerreiro, que conquistou e uniu aos seus estados a Hollanda e Zelandia. Tinha casado duas vezes, a primeira com D. Michaela, filha de Carlos VI de França; e a segunda com D. Bona d'Artois, viuva de seu tio, o conde de Nivers e Rethel, das quaes não teve filhos.

Levou a nossa infanta em dote 150 mil cruzados (60 contos de reis) que n'aquelle tempo era uma quantia fabulosa. O duque a mandou buscar a Portugal por uma brilhante esquadra composta de 39 vasos de guerra, nos quaes vinha a flor da nobreza flamenga e borgonheza.

Com feliz viagem, chegou a nossa infanta a Bruges (19 de janeiro de 1430) onde o duque a esperava, e a recebeu com as mais delicadas manifestações d'amor e regosijo. Foram esplendidas as festas que então se fizeram a este casamento, e o duque, instituiu logo, em honra de sua esposa, a nobilissima ordem do Tosão d'ouro (que só se confere a soberanos e a individuos da mais alta nobreza, ou — e raras vezes — aos mais importantes serviços. Tinha esta ordem na sua instituição, só 39 cavalleiros — (o numero dos navios que vieram buscar a nova duqueza.)

A vida d'esta immortal portugueza, foi uma sequencia d'acções nobres, virtuosas e cavalheirescas. Sabendo que era tomada pelos turcos a cidade de Constantinopola (1453) escreveu, com seu proprio punho, a todos os principes christãos, animando-os a recobral'a e offerecendo-se com todos os seus vassallos para companheira dos trabalhos e da conquista.

Pretendia Carlos VII de França que os estados de Borgonha eram seus fuedatarios, e que lhe deviam pagar tributo, vindo os seus duques assistir aos parlamentos. Defendia o duque a sua soberania, não querendo reconhecer-se suzerano de França.

Estava o negocio a pique de um rompimento, que seria fatal aos dois estados; para o impedir, passou a duqueza a Paris, e com palavras eloquentes persuadiu a el-rei que o pleito se decidisse pelo duello de dois cavalleiros. Elle acceitou, nomeando o mais déstro e esforçado cavalleiro francez que tinha na sua côrte. A duqueza escolheu para seu defensor, o nosso immortal Alvaro Gonçalves Coutinho (o *Magriço*), que voltava triumphante, com os seus onze cavalleiros, dos celebres duellos de Londres. (Vide Cêa.)

Chegou o dia do duello, ao qual assistiu, em publico *tabolado*, toda a côrte de França, a nossa duqueza, os respectivos juizes e muita nobreza e povo. No primeiro impeto, partiram os contendores as lanças, e puxando das espadas, o impetuoso e déstro Magriço, cortou a cabeça ao seu adversario, vencendo assim o pleito da sua real patricia.

Teve a duqueza tres filhos, dos quaes dois morreram meninos, sendo seu herdeiro o duque D. Carlos, o *Atrevido*, que morreu, combatendo intrepidamente na batalha de Nancy. Deixou por unica herdeira, D. Maria, que casando com Maximiliano, archiduque d'Austria, que era seu primo (por ser filho do imperador Frederico III e da imperatriz D. Leonor, infanta portugueza, filha do nosso rei D. Duarte) e levou em dote á casa d'Austria os senhorios de Flandres e Borgonha.

—

Depois de estar escripto tudo quanto se acabou de ler, com respeito a Evora, obtive mais as seguintes noticias, das quaes julgo não dever privar os leitores, a quem peço desculpa de não irem no logar competente.

—

Já fallei na virtuosa martyr eborense, Santa Celerina, que, segundo a *Evora Gloriosa*, foi assassinada pelos romanos, em 93 ou 94.

Por espaço de 209 annos, foi o christianismo progredindo na Lusitania; porque as perseguições de Trajano, Adriano, Decio e Aureliano, não passaram áquem dos Pyreneos; mas sendo imperadores os crueis Diocleciano e Maximiano, todo o imperio romano nadou em sangue christão.

Para as Hespanhas veio como presidente, Daciano, o monstro mais sanguinario da Italia, que, no meio dos tormentos mais atrozes, encheu de sangue a terra e de martyres o ceo.

Chegado a Evora, já manchado do sangue de milhares de victimas, deu começo á mais horrorosa carnificina, morrendo no supplicio innumeros martyres, cujos nomes hoje se ignoram.

Mandou prender S. Vicente, mancebo nobre, das primeiras familias da cidade, e com palavras amigaveis e carinhosas tentou persuadil-o que adorasse os idolos da republica. Vicente lhe respondeu, modesta, mas terminantemente, que não deixaria o Deus verdadeiro pelos falsos deuses.

Daciano ordenou aos soldados, que levassem o santo ao templo de Jupiter, para que lhe sacrificasse, e quando o não fizesse, o assassinassem.

Os soldados prenderam Vicente com cor-

das e o levaram em direcção ao templo; mas, no meio do caminho, parou, pedindo aos soldados que o matassem, pois preferia isso a ver os seus falsos deuses. Então—diz a tradição—os soldados não o poderam tirar de sobre a pedra em que estava, tão firme, que suas pégadas n'ella ficaram impressas. [1]

Os soldados, assombrados com isto, se contentaram em o pôr em uma casa proxima, apenas guardado por dois soldados, que o deixavam fallar com quem o procurava. Vieram suas irmans Sabina e Christeta, que expondo-lhe a pouca edade (d'ellas) e os perigos que corriam entre os soldados romanos, lhe supplicaram fugisse com ellas para algum sitio remoto.

O santo, annuindo, fugiu com ellas até á cidade d'Ávila, onde porém foram presas e atormentados na *catasta*; mas, como no meio d'este atroz supplicio, os tres irmãos continuassem a louvar o Senhor, lhes esmagaram as cabeças com pedras, até fallecerem.

Teve este martyrio logar, no dia 27 de outubro do anno 303 de Jesus Christo.

Seus corpos ficaram expostos aos animaes carnivoros, no proprio sitio do supplicio; porém uma serpente gigantesca se enroscou aos tres cadaveres, fazendo-lhes vigilante sentinella.

Um judeu, que vivia em Avila, se dirigiu ao sitio, para ultrajar os santos despojos; porém a serpente, solta-se dos santos e se enrosca no judeu, que, vendo-se em tamanho perigo, e conhecendo o milagre, supplicou a Deus o livrasse da serpente, promettendo abraçar a religião christan e erigir um mausoleu aos santos martyres.

Concluida esta oração do judeu, a serpente o largou, e foi para a sua cova. Elle cumpriu as suas promessas: fez-se christão e construiu o promettido sepulchro, sobre o qual, quando cessaram as perseguições, se edificou um formoso templo, onde descançaram as cinzas de S. Vicente e suas irmans, até ao anno de 1062, no qual el-rei D. Fernando levou para a cidade de Leão o corpo do Santo, e o abbade, arlense, Garcia, para o seu convento, as de Santa Sabina e Christeta.

A casa d'estes tres santos, e na qual elles nasceram, era encostada aos muros da cidade, e n'ella, em sua memoria, erigiram os eborenses uma pequena ermida, que Luiz Eloy (tambem eborense) transformou, em 1467, em bellissima egreja, que ainda existe.

—

Pouco tempo depois de S. Vicente e suas irmans derramarem em Avila o seu sangue pela santa religião de Jesus Christo, em Evora eram pela mesma causa martyrisados 18 confessores da fé, á qual tinham sido convertidos por S. Vicente. Eram estes—S. Felix (guia e chefe de seus companheiros) outro S. Felix, e os santos Luciolo, Fortunato, Eusebio, Martinho, Herodes, Antigonio, Januario, Tortulla, Calixto, Gaviano, Quiriolo, Donato e Quinto, e tres soldados das tropas imperiaes, chamados Basilico, Eutropio e Cleonico. Os 15 primeiros eram eborenses, mas ignora-se a naturalidade dos militares.

Foram martyrisados pelo proconsul Asclepiades, que, depois de os fazer soffrer os mais incomportaveis tormentos, os fez degolar, em 3 de março do anno 304 de Jesus Christo.

—

No anno 305, voltou a Evora o sanguinario Daciano, e constando-lhe que varias pessoas professavam a religião catholica, mandou prender quantos poderam ser encontrados, e, vendo que eram inuteis todas as suas diligencias para os fazer abjurar o christianismo, os mandou levar a *Ouréga* (que então se chamava *Touréga*) 12 kilometros distante da cidade (vide *Ouréga*) onde elle então residia, em um sumptuoso palacio, e uma magnifica quinta, com um soberbo aqueducto, banhos, etc., (do que ainda ha vestigios) e alli, na sua presença, os mandou degolar a todos; fazendo-os enterrar em uma gruta, ainda hoje chamada *Cóva dos Martyres*.

Ignora-se o numero e os nomes d'estes

[1] Esta pedra ainda hoje é objecto de veneração do povo. Está na sua egreja; mas já se não conhecem os vestigios dos pés, porque o povo tem raspado a pedra, para ser o pó applicado como remedio para varias doenças.

martyres, e só se sabe que eram muitos.

O nosso famoso antiquario, Manuel Severim de Faria, viu, em poder do prior d'Auréga, um pergaminho antiquissimo, que relatava este martyrio; mas, sem mais pormemores do que os que ficam mencionados.

Ainda em Ourega, e pelo mesmo Daciano, foram martyrisados outros santos confessores de Jesus Christo. Para evitar repetições, vide Ouréga.

—

Tinha Evora sete freguezias, no tempo de D. Theotonio de Bragança. Além das cinco de que já tratei, eram tambem parochias, S. Joanninho e Santa Martha; mas, tirando D. Theotonio a congrua aos dois parochos, seu successor, D. Alexandre supprimiu estas duas freguezias, em 1602.

—

Diz-se que a primeira Sé que houve em Evora, no tempo de S. Manços, foi instituida no anno 35 de Jesus Christo, mas sómente existia como congregação. Em quanto viveu Santa Celerina, servia a sua casa de templo episcopal.

Depois do martyrio d'esta santa, até á entrada dos mouros, dizem alguns manuscriptos antiquissimos, que a egreja de S. Pedro fôra a cathedral d'Evora, o que não é verosimil, porque até ao imperio de Constantino (4.º seculo) não houve templos publicos christãos. É mais provavel que os bispos da Lusitania, como os das outras partes do mundo christão, celebrassem os officios divinos e mais ceremonias religiosas, nas grutas e subterraneos.

—

Quando os arabes invadiram a Lusitania (715 e 716) a maior parte do povo d'Evora fugiu para as Asturias e o resto foi captivo para Marrocos; ficando a cidade completamente despovoada de christãos.

Os arabes, vendo que não havia quem cultivasse os ferteis campos d'Evora, attrahiram para aqui os christãos, dando-lhes grande parte das terras abandonadas pelos eborenses. Permittiram-lhes o culto da religião christan, mas não consentiam que elles morassem na cidade, porém só nos seus arrabaldes.

Resgatada a cidade do poder dos mouros, por Giraldo Giraldes (como já disse) D. Affonso Henriques fez bispo d'Evora a D. Soeiro I, que governou 14 annos, succedendo-lhe, em 1180, D. Payo, que no 6.º anno do seu governo (a 24 de abril) lançou a primeira pedra do edificio da nova Sé, no logar em que está o altar de S. Manços. Levou 18 annos a construir este templo, e no dia de S. Manços, 21 de março de 1204, a dedicou e consagrou a Nossa Senhora da Annunciada ou do Anjo.

Emquanto duravam as obras, se faziam os officios divinos em uma casa visinha, que foi depois casa do senado da camara e por fim celleiro dos arcebispos. É' contigua ao paço archiepiscopal.

Alguns escriptores sustentam que no sitio da actual Sé, havia uma cathedral, edificada no tempo dos godos, a qual, depois da invasão mourisca serviu, segundo uns, de *mesquita*, e segundo outros, de residencia do *mufti* arabe (pontifice) sendo a sua principal mesquita o *templo de Diana*. Que, depois da tomada d'Evora pelos portuguezes, foi purificado o antigo templo, tornando a servir de Sé, por espaço de 20 annos; sendo depois arrazado, para se construir a nova Sé, por a primittiva ser muito antiga e pequena.

—

Parece que no tempo dos arabes se veio a construir em Evora uma egreja christan (musarabe) que, segundo alguns, foi a egreja de S. João Baptista, depois, da Madre de Deus, que ficava então no arrabalde, na rua da *Mesquita* e *Farrobo*, que os christãos occupavam com as suas familias. Junto d'esta egreja, fundou D. Affonso I, em 1167, o seu *hospital real*.

—

O cardeal D. Affonso foi o ultimo bispo d'Evora, que, por morte d'aquelle prelado, foi elevado á cathegoria de archiepiscopado, sendo seu primeiro arcebispo, o cardeal (infante e depois rei) D. Henrique.

Antigos Hospitaes d'Evora

Doze hospitaes e albergarias teve esta ci-

dade, no tempo do seu maior explendor: aquelles para abrigo e tratamento de doentes pobres, e estas para recolher e agasalhar viajantes, romeiros, peregrinos, e todos os que se quizessem utilisar d'este asylo de caridade.

1.º—De *S. João de Jerusalem*, (o mais antigo e mais nobre de todos.) Fundado por D. Affonso Henriques, na rua da Mesquita (junto da egreja musarabe, em que os christãos celebravam os officios divinos, durante a dominanão agarena, como já disse) ao qual succedeu, no mesmo sitio, o collegio e egreja da Madre de Deus.

2.º—*Do Corpo de Deus, da Sé.* Ficava para a parte da Freiria de Baixo.

Era para os enfermos da freguezia da Sé.

3.º—*De Santo Antão.* Junto á ermida deste santo, para a parte em que está hoje o convento de Santa Catharina. Era para os infelizes atacados pela ascorosa molestia, denominada—*fogo de Santo Antão*—(morfeia) muito vulgar n'aquelle tempo.

4.º—*De S. Bartholomeu.* Ficava junto á Porta d'Aviz, contiguo a uma capella do mesmo santo, que em 1612 o padre Lourenço Martins transformou em egreja.

5.º—*De S. Gião* (Julião) que é o orago e padroeiro de todos os hospitaes de Flandres.

6.º—*De S. João.* Estava encostado á antiga muralha da cidade, proximo da Porta de Moura, e ao edificio que depois foi casa da róda dos expostos.

7.º—*Do Salvador* Era no terreiro da egreja do Collegio, e cujas rendas se annexaram depois ao hospital de S. João de Jerusalem (o 1.º) e as casas serviram para recolhimento dos fundadores do convento do Salvador.

8.º—*Do Espirito Santo.* Situado junto á egreja da mesma invocação.

9.º—*De S. Bento.* Julga-se que foi junto ao mosteiro d'este santo, e que servia para os enfermos do mal de S. Lazaro ou *gafos* (elephancia.)

10.º—*De S. Francisco.* Era unido ao convento da mesma invocação.

11º—*Da Santissima Trindade.* Este e o antecedente, encorporou o bispo D. Martinho ao hospital do Corpo de Deus da Sé, o segundo mencionado.

12.º—*De S. Braz.* Que serviu de *Casa de Saude* e enfermaria, para os atacados de peste em 1479. Era um grande barracão de madeira, construido exclusivamente para os doentes d'aquelle contagio, findo o qual, se desmanchou, e as poucas rendas que tinha se uniram ao hospital de S. João, o 6º. mencionado.

—

Quasi todos estes hospitaes tinham boas rendas; mas, como ellas passavam por muitas mãos, pouco chegava aos pobres.

Para evitar estas desordens, D. Affonso V lhe nomeou administradores; mas como nem com essa providencia se evitavam os *extravios*; e se dispendia muito, com o grande pessoal empregado, D. João II alcançou do papa, Alexandre VI, licença para unir em um só hospital as rendas de todos os doze; mas como morreu (em 25 de outubro de 1495) foi o rei D. Manuel, que, com grande magnificencia, fez construir o novo hospital, em 1505; escolhendo para esta fundação o sitio do *Espirito Santo*, por ser mais espaçoso e sobre a muralha da cidade. E porque teve alguns escrupulos sobre a primeira bulla da união, impetrou nova bulla, que obteve do papa Julio II, em 23 de agosto de 1508. [1]

D. Manuel, e depois seu filho, D. João III, confiaram o governo d'este hospital a pessoas de provada virtude, até que em 1535 ou 1536, o rei (D. João III) o entregou, como a maior parte dos outros de Portugal, aos conegos seculares de S. João Evangelis-

[1] A *Evora Gloriosa*, que vou seguindo (no que me convem) traz aqui um anachronismo de 90 annos, e uns poucos de disparates. Diz que D. Manuel fundou este hospital em 1595, isto é, 74 annos depois da sua morte, pois todo o mundo sabe que este monarcha falleceu, em Lisboa, em 13 de dezembro de 1521. Diz que foi o papa Alexandre VI, que expediu a segunda bulla, em 23 de agosto de 1598, quando é certo que Alexandre VI foi feito papa em 1492 e morreu em 1503. Desde este pontifice até ao anno de 1598, reinaram nada menos de 18 papas, que foram: Pios III, IV e V; Julios II e III; Leões X e XI; Adriano VI; Clementes VII e VIII; Paulos III e IV; Marcello II; Gregorios XIII e XIV; Xisto V; Urbano VII e Innocencio IX *(Aliquando dormitat Homerus!)*

ta (loyos) que, com louvavel zelo e carida-de evangelica, o administraram, até que em 1551, por justos motivos, e voluntariamente, desistiram d'este penoso encargo.

El-rei entregou a superintendencia a seu irmão, o cardeal D. Henrique, que nomeou para administrador da casa ao conego Gomes Pires, até 1562, e a Luiz Alvares de Azevedo, prior de S. Thiago, até 1567. Estes dois varões, insignes em lettras e em virtudes, foram exemplares administradores; até que, em 6 de abril do dito anno de 1567, o cardeal D. Henrique (então regente na menoridade de D. Sebastião) entregou *in perpetuum*, a direcção exclusiva do hospital, á mesa da Santa Casa da Misericordia.

—

Os edificios dos outros hospitaes se converteram em casas de particulares, ficando apenas existindo o hospital dos lazaros (dedicado a Santo André) fóra da *Porta do Raymondo*, que consta ser fundação do bispo D. Affonso de Portugal. Foi arrazado em 1663, por ser visinho ás muralhas, e para as desobstruir, quando D. João d'Austria pôz cêrco á cidade, n'esse anno. As suas rendas foram para o hospital real.

—

Além dos hospitaes que ficam descriptos, havia em Evora alguns mais modernos. São os seguintes:

Hospital de Convalescentes (de S. João de Deus) fundado por Bartholomeu do Valle. Era entre as *Portas de Aviz* e da *Lagôa*. Este caridoso eborense, que era pobre, sustentou toda a sua vida este hospital, com o producto do seu trabalho e com o das esmolas dos bemfeitores. Por morte do instituidor, deixou de existir (por falta de meios) este util e caridoso estabelecimento.

—

A todos estes hospitaes excedia em riqueza e magnificencia, o *Hospital da universidade*, que é um sumptuoso palacio, mandado fundar pelo testamento do cardeal D. Henrique, para tratamento dos lentes, empregados e estudantes pobres.

Lançou-lhe a primeira pedra o reitor, padre Manuel de Sequeira, em 18 de setembro de 1584, 3 annos, 7 mezes e 18 dias depois do fallecimento de D. Henrique.

Fica no fim da *rua de Machêde*, em frente da ermida de Nossa Senhora da Natividade, fundada sobre uma das antigas portas da cidade.

—

De proposito guardei para o fim a narração da historia de um hospital ainda existente, por querer dar mais desenvolvimento a esta materia. É o

Hospital-asylo de velhas pobres, de Santo Antonio do Conde

Se são nobres os feitos gloriosos do soldado intrepido, que no horror de mil batalhas expõe seu peito magnanimo aos golpes de inimigos furiosos, em defeza do seu Deus e da sua patria; conservando, á custa de seu sangue, a religião, a paz, a propriedade e a honra de seus patricios—se merece honrosos elogios e gratidão eterna o sabio, que, passando a vida em profundos e aridissimos estudos, para dotar a humanidade com livros preciosos—quanto é nobre e digno de louvor o homem benefico, que se dedica ao allivio e protecção de seus irmãos desvalidos, e exerce uma das mais santas virtudes da religião christan—a CARIDADE!

É n'este caso que está o sr. D. José de Menezes e Távora Rapack da Silveira e Castro d'Oliveira e Miranda, marquez de Vallada, um dos mais illustrados fidalgos dos nossos dias, e o que em mais larga escala exerce com prazer e sem ostentação a virtude da caridade.

Não precisava o sr. marquez, nem da sua corôa, nem dos antigos pergaminhos de seus regios ascendentes, para se nobilitar. A sua principal nobreza está nos seus actos de caridade e na sua incontestavel illustração.

Não julgo porém fóra de proposito saber-se que o sr. marquez de Vallada é um dos mais nobres fidalgos d'este reino.

É 19.º neto d'el-rei D. Sancho I, por sua filha, D. Thereza Sanches, casada com D. Affonso Telles de Menezes. Tambem é descendente, por linha legitima, do infante D. Affonso (filho d'el-rei D. Affonso III e da rai-

nha D. Brites) casado com a infanta D. Violante Manuel, filha do infante D. Manuel e neta de D. Fernando III (o *Santo*) de Castella.

É o sr. marquez, por allianças, tambem descendente dos antigos condes de Basto; dos Castros, d'Evora; dos Mirandas, da Patameira; dos senhores de Menezes e de outras nobilissimas familias, cujo principal representante é actualmente; assim como senhor e administrador de todas estas nobres casas.

Descende tambem de um irmão do célebre Ruy Dias de Bivar (o *Cid*) e do famosissimo capitão Giraldo Giraldes, o *Sem Pavor*.

Dadas estas explicações preliminares, tratemos do *hospital-asylo*.

—

Lê-se na *Evora Gloriosa* (do padre Francisco da Fonseca) a pag. 230, n.º 408, que — D. Fernando de Castro, 1.º conde de Basto [1] fundou um hospital, na travessa fronteira á universidade, abaixo da do Salvador, para velhos e velhas, a quem a falta de forças e sobra de edade, embaraçava de ganharem a sua vida.

No cartorio da casa de Vallada existe o testamento do fundador, no qual determina aos seus herdeiros que melhorem, quanto lhes fôr possivel, as condições d'este pio estabelecimento.

O sr. marquez de Vallada, posto ser herdeiro do 1.º conde de Basto, por ter perdido grande parte dos rendimentos d'esta casa, em vista da legislação liberal de 1834, e ainda por outras razões, não podia ser, juridicamente, obrigado á conservação d'este estabelecimento; porém a sua caridade não lhe consentiu deixar morrer ao desamparo as pobres desvalidas. [2]

Tem pois o sr. marquez cuidado com paternal solicitude da prosperidade do asylo das *suas velhas*, como elle lhes chama, visitando-o varias vezes, e procurando todos os meios de lhes fazer passar os ultimos dias de sua longa existencia no conforto e carinho que as suas edades e molestias reclamam. Honra lhe seja feita, e aos ricos da terra que lhe seguirem o nobre e religioso exemplo.

—

O palacio do sr. marquez de Vallada, em Evora, está situado no logar mais alto da cidade, por detraz da Sé, e junto á *torre de Sertorio*, dentro de um pateo denominado de S. Miguel, em que ha varios predios, pequenos, a que se chama a *Freiría*, e a capella que dá o nome ao palacio e ao terreiro.

O edificio é cercado pelas antigas muralhas de Sertorio.

Era este palacio o antigo castello da cidade, no tempo dos mouros, e onde se recolheu D. Affonso Henriques, depois da tomada de Evora, e aqui fundou a ordem de Aviz, estabelecendo o convento dos freires nas casas do castello, por isso chamadas *Freiría*.

A esta ordem se deu primeiramente o titulo de *cavalleiros d'Evora*. Julga-se que fôram estes freires os fundadores da capella de S. Miguel, para alli fazerem as suas orações.

Desde que a ordem se mudou para a villa de Aviz, ficou o paço dos alcaides-móres sendo residencia real, até que D. Diniz mudou a sua residencia para o *paço dos Estáos*, d'Evora.

No tempo de D. Sebastião, tornou a servir de residencia real; mas ordinariamente era a habitação dos capitães, ou alcaides-móres d'Evora, que o julgavam propriedade sua (do que ha sentenças) porque sendo seu 1.º senhor Giraldo Giraldes, d'elle o/her-

[1] Não se confunda a familia d'este conde de Basto, com a moderna do conde do mesmo titulo, que foi ministro do senhor D. Miguel I. Este morreu sem descendentes; a linha primogenita d'aquelle, extinguiu-se no ultimo (antigo) conde de Basto, D. Lourenço de Castro, casado com D. Violante de Lencastre, da casa dos duques de Aveiro (bisneta de D. João II) de cujo matrimonio não ficaram filhos.

[2] O sr. marquez não limita a sua beneficencia unicamente a este asylo — tambem paga a renda das casas a viuvas e outras pessoas pobres de Lisboa; concorre com boas quantias para a educação de creanças pobres e para sustento e vestuario de muitos necessitados da villa de Cintra (onde reside uma parte do anno). Conserva em sua casa os creados e creadas inuteis pela sua avançada edade, etc.

dára seu descendente, o conde de Basto. Tambem foi residencia de D. Catharina de Bragança, rainha de Inglaterra, viuva de Carlos II.

O sr. marquez tem cuidado da conservação d'este sumptuoso palacio, sem lhe tirar os evidentes signaes da sua veneranda antiguidade. D'elle se gosa um formoso e dilatado panorama, vendo-se as villas de Vianna do Alemtejo e Evora-Monte; a serra de Portel, a cidade e extensa campina d'Evora e varias serras e povoações.

—

Não cabe nos curtos limites que a cada povoação se podem marcar em um diccionario geographico, tudo quanto ainda fica por dizer, com respeito á nobilissima cidade d'Evora e seus arrabaldes.

Principiei, ha muitos annos, uma *Historia abreviada da cidade d'Evora*, que, se Deus me der saude, concluirei, terminada que seja esta obra.

N'esse livro se trata com mais minuciosidade, de varios assumptos, rapidamente mencionados no *Portugal Antigo e Moderno*, assim como de outros novos, dignos de serem sabidos.

EVORA DE ALCOBAÇA—villa, Extremadura, comarca, concelho e 6 kilometros de N. de Alcobaça, 105 ao NE. de Lisboa, 400 fogos, 1:600 almas.

Em 1757 tinha 380 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Patriarchado, districto administrativo de Leiria.

Foi couto, com as respectivas auctoridades, e uma companhia de ordenanças, com seu capitão.

Situada em terreno pouco accidentado e muito fertil.

É povoação muito antiga e alguns escriptores querem que seja a *Eburobritium* dos romanos, mas é certo que nada aqui tem apparecido que revele tamanha antiguidade.

Tem Misericordia, fundada no seculo XVI.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, no 1.º de outubro de 1514.

Foi mandada povoar por D. Sancho I, em 1210, dando-lhe então foral. (Franklim não menciona este foral.)

Era uma das villas do convento de Alcobaça, cujo D. abbade apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Era o D. abbade que nomeava todas as justiças e mais empregados do couto, como senhor donatario d'esta villa. (Vide Alcobaça.)

Para evitar repetições, vide Alfeizirão e Eburobriga.

EVORA MONTE—villa, Alemtejo, comarca de Arrayolos, concelho de Vimieiro, até 1855, e desde então comarca e concelho de Estremoz. 24 kilometros ao S. de Borba, 24 ao O. de Villa Viçosa, 15 ao SO. de Estremoz, 24 d'Evora, 135 ao E. de Lisboa, 280 fogos (1:100 almas) em duas freguezias (Santa Maria do Castello e S. Pedro.)

Em 1757, tinha a freguezia de Santa Maria 101 fogos e a de S. Pedro, 90.

Hoje tem a primeira 174 e a segunda 106.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Situada em alto, d'onde se avista a maior parte da provincia, no centro de extensos e ferteis campos e vastos montados, nos quaes se criam muitas varas de porcos.

É povoação antiquissima, mas não se sabe ao certo quem foram os seus fundadores, ainda que pelo seu nome se suppõe terem sido os *eburones*; e, sendo assim, tem mais de 3:800 annos de existencia.

Segundo a *Evora Gloriosa* (pag. 297) esta villa foi colonia dos primeiros eborenses (eburones.)

D. Affonso I a resgatou do poder dos arabes, em 1166, mandando-a logo povoar.

D. Affonso III lhe deu foral em 1248, ampliando-o e dando-lhe maiores privilegios em 1271.

Dizem alguns escriptores que o primeiro foral não foi dado por D. Affonso III em 1248, nem em 1271 o segundo; mas que foi D. Diniz que lhe deu o seu primeiro foral em 1284. Franklim porém só traz o foral dado em 1271 e o de D. Manuel.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 15 de dezembro de 1516.

—

Parece que já tinha algumas obras de fortificação do tempo dos romanos (provavelmente de Sertorio) mas foi D. Diniz que

a cingiu de muralhas e lhe edificou o castello, em 1312. Até este anno parece que esteve abandonada, porque a povoação que para aqui mandou D. Affonso I, vendo-se em uma villa aberta e exposta ás continuas correrias dos mouros, a abandonara; por isso só se principiou a povoar com permanencia *(Poblacion general de España)* desde que se fortificou.

Um espantoso tremor de terra que houve em fevereiro de 1531, e que durou 8 dias, causou grandes ruinas a esta villa, demolindo muitas casas, parte das fortificações e matando varios habitantes. D. João III (que então reinava) mandou reedificar a parte arruinada das muralhas, e concorreu para a reconstrucção das casas dos mais pobres.

O territorio d'esta villa é muito fertil e cria muito gado, sobre tudo porcos, no que faz grande negocio.

—

N'esta villa foi assignada, em 27 de maio de 1834, a célebre *convenção*, pela qual a França, Inglaterra e Hespanha obrigam a depôr as armas ao sr. D. Miguel e ao seu exercito.

—

O papa e o arcebispo, apresentavam alternativamente o prior da freguezia de Santa Maria do Castello, que tinha 150$000 réis de rendimento.

A Sé apostolica apresentava o prior da freguezia de S. Pedro, que tinha de rendimento, tambem os mesmos 150$000 réis.

—

Para a grande festa de Nossa Senhora do Carmo, vide Azeruja.

EXAVEADURAS—portuguez antigo. (Vide Esverdaduras.)

EXERCITO PORTUGUEZ—e resumo abreviado da historia militar de Portugal, desde 1807 até ao sr. D. Luiz I (1874.)

—

A nação portugueza foi em todos os tempos uma das mais bravas e mais bellicosas da Europa.

A fundação d'este reino, ganhado palmo a palmo á ponta da espada dos portuguezes, contra os innumeros exercitos musulmanos; suas acções heroicas; suas grandes emprezas; os prodigios de valor dos generaes e soldados d'esta briosa nação em todas as cinco partes do mundo, sobre tudo, suas gloriosissimas façanhas e conquistas na Africa e na Asia, contra nações valorosas e guerreiras; as longas, desproporcionadas e sempre gloriosas luctas sustentadas contra o poder colossal da Hespanha, principalmente na diuturna *guerra da restauração*, desde 1640 até 1668; tantos prodigios, demonstram plenissimamente quão briosos, dedicados e audaciosissimos foram sempre os portuguezes.

Se a Hespanha nos conservou por 60 annos sob o mais atroz e incomportavel jugo, deve-se esse captiveiro, de sempre triste e horrida recordação, á imbecilidade de um padre (o cardeal rei) valetudinario e pusilame; á ignobil traição de muitos fidalgos portuguezes; ao estado de terror em que a desgraçada derrota de Alcacer-Quibir deixou o povo portuguez; e sobre tudo á falta de um chefe estimado d'elle, que fosse prudente mas decidido.

A restauração de 1640 acordou os brios dos portuguezes, dando-lhes constancia, resignação e energia.

O universo, espantado, viu então um reino pequeno, sem thesouro, sem marinha, sem exercito, sem colonias (pois que tudo tinha sido devorado e destruido pela pilhagem systematica e organisada do governo hespanhol) sustentar gloriosamente durante 28 annos uma guerra desigual e sahir victorioso, obrigando uma nação soberba e arrogante, e que dispunha de vastos e inesgotaveis recursos, a reconhecer a nossa independencia e autonomia.

Note-se ainda, para maior gloria da nação portugueza, que nós não luctavamos sómente contra os exercitos numerosos, disciplinados e aguerridos de Castella; tambem simultaneamente combatiamos em varios pontos do Brasil contra os francezes e hollandezes, até os expulsarmos á fuzilaria e metralhada, e na ponta de nossas bayonetas, de todas as paragens que nos tinham roubado.

Na campanha de 1706 viu-se que os portuguezes ainda eram os filhos não degenerados dos heroes de 1640; e os nossos sol-

dados triumphantes entraram na capital da Hespanha para alli proclamar Carlos d'Austria.

Desde a paz de *Utrecht* até á invasão de 1762, se descurou completamente tudo quanto dizia respeito ao exercito, deixando-o em quasi total abandono, reduzido a 8 ou 10 mil homens, mal armados, mal equipados, mal instruidos e mal pagos.

Portugal seria victima da sua imperdoavel negligencia se então o conde Lippe-Schauenburg, chamado pelo marquez de Pombal, não reformasse os restos subsistentes do exercito, creando um novo, composto de 33 batalhões de infanteria e 26 esquadrões de cavallaria. Este illustre general restaurou tambem as fortificicações das praças da raia e construiu o famoso forte do seu nome (Lippe) na praça d'Elvas, considerado, com razão, pelos entendedores como obra prima de architectura militar.

Regressando o conde de Lippe á sua patria (Allemanha) bastante se esqueceu o exercito; porém o receio de uma nova guerra com Hespanha, deu momentaneamente alguma actividade ao ministerio da guerra.

A sanguinaria revolução franceza, chamou de novo a attenção do governo para o exercito.

A curta campanha contra os francezes no *Roussillon*, em 1795 em que as nossas tropas obraram prodigios de valor, e a guerra contra os francezes e hespanhoes, em 1801, terminada pelos tratados de paz de 6 de junho e 29 de outubro d'esse anno, alguma attenção attrahiram do governo sobre o exercito, e varias providencias se tinham dado.

No tratado de 6 de junho démos á Hespanha em *refens* a praça de Olivença, que, com a mais inqualificavel má fé, ainda hoje conservam, usurpada contra todo o direito.

Quando Junot invadiu Portugal pelo Sul, occupando Lisboa a 30 de novembro de 1807, e o general hespanhol Taranco invadiu o Norte, occupando o Porto em 13 de dezembro d'esse anno, foi o nosso exercito desarmado, e mandado grande parte d'elle para França.

Alguns fidalgos são intimados para se apresentarem em França a Buonaparte; mas muitos para lá foram *muito por sua livre vontade* prestar-lhe os seus serviços.

Mas, nem todas estas desgraças, aggravadas pela fugida do rei (ainda principe regente) para a America, foram sufficientes para quebrar o animo á nobilissima e indomavel nação portugueza.

Buonaparte, por uma ignobil traição, prende em França Carlos IV e seu filho (depois Fernando VII) pelo que os hespanhoes se levantam contra os francezes, e a 6 de junho de 1808, a divisão hespanhola que estava no Porto, marcha para Hespanha.

A cidade de Bragança foi a primeira que teve a gloria e o arrojo de acclamar o principe regente. O Porto e todo o Norte do reino adhere a este grito de liberdade, e logo a 19 de junho se forma no Porto uma *Junta Suprema do Governo do Reino.*

O Algarve annue tambem logo á gloriosa revolução do Norte, e o Alemtejo, apesar de occupado pela divisão do feroz *Kelerman*, dá o grito da liberdade em Evora, a 20 de julho. Mas *Loison* toma esta cidade de assalto a 29 do mesmo mez, praticando as maiores atrocidades.

O nosso exercito do Norte, organisado á pressa dos restos dispersos das nossas tropas; mas, na maxima parte formado de paizanos, marcha para a Estremadura.

Uma divisão ingleza, commandada por *Dalrimple* e *Wellesley* (depois lord *Wellington*) que havia desembarcado na Figueira e na Estremadura, se juntam ao nosso exercito e marcham sobre Lisboa.

Logo a 17 de agosto, os alliados, commandados por Wellesley, derrotam o general francez *Delaborde*, na Roliça, e a 21, Junot no Vimieiro.

Estas duas derrotas obrigam os francezes a capitular a 30 d'agosto; mas Dalrymple os deixa sahir de Portugal, levando uma quantidade enorme de milhões de cruzados que nos roubaram em dinheiro, e em preciosidades.

A convenção de Cintra é o tratado mais vergonhoso que um vencedor tenha concedido aos vencidos.

Nós ficamos espoliados, é verdade, nem

os francezes cá vinham a outra coisa, (o que plenamente provaram) mas a sacrosanta bandeira das quinas tremúla de novo nas fortalezas de Portugal.

Os francezes, vendo que ainda em Portugal havia mais alguns milhões para roubar. o tornam a invadir em 1809, com 30:000 homens, commandados por *Soult*, que occupa Braga a 20 de março e o Porto a 29.

Mas o bravo e incansavel Wellesley, com o exercito luso-anglo, expulsa do Porto o general francez, a 12 de maio, e a 17 já Portugal estava de novo livre.

Buonaparte, desesperado por ver que uma nação tão pequena tinha feito morder a terra ás suas aguerridas legiões, manda um terceiro exercito de 120:000 homens, commandado por um dos seus melhores generaes, o marechal *Massena* (a quem chamava— «*o filho querido da victoria*») em 1810.

Porém, Massena estáca logo 17 dias e 17 noutes, em frente de Almeida, e só tomou esta praça depois de desmantelada por uma explosão do paiol, (não sem suspeita de traição) a 27 de agosto.

Massena marcha para o Norte, mas encontra o exercito luso-anglo (na força de setenta mil homens) nas fortes posições do Bussaco. Faz um *reconhecimento* no dia 26 de setembro, do qual não tirou em resultado senão alguns mortos e feridos.

A 27 foi a esquerda e centro da nossa linha atacada vigorosamente pelos francezes; mas foram repellidos com a maior bravura e galhardia, tendo grande numero de mortos, feridos e prisioneiros.

Quasi o mesmo lhes aconteceu no dia seguinte (28).

Vendo Massena que n'estes tres dias tinha perdido 4:000 soldados mortos na acção e 3:000 prisioneiros, retira sobre o Sardão na noite de 28 para 29. (Vide Bussaco.)

Os alliados, conhecendo o plano do inimigo, marcham sobre Lisboa com admiravel ordem e rapidez, derrotando os francezes nos campos de Coimbra e em Leiria.

O general inglez *Trant*, com uma divisão de milicias do Norte, cahe sobre Coimbra, onde aprisiona mil francezes.

O general inglez *Hill* occupa com a sua divisão o Alemtejo, e o marquez de la Romaña, com 10:000 hespanhoes se reuniu, a 20 de outubro, ao exercito alliado.

O designio de Massena era, por uma manobra arrojada, e a marchas forçadas, occupar Lisboa; mas, o *filho querido da victoria* pára á vista das *Linhas de Lisboa*, e retira para Santarem e Leiria, d'onde os nossos o não podem desalojar, por causa do inverno. (Os francezes occuparam estas duas cidades a 14 de novembro).

No principio de 1811, Massena recebe um reforço de 30:000 homens, mas nem com elle se atreve a atacar-nos; antes, de 5 para 6 de março, começa a sua vergonhosa retirada para a Hespanha.

Os nossos o atacaram no Pombal, na Redinha, na Foz d'Arouce e no Sabugal, levando sempre a melhor.

Os francezes, que cercavam a praça de Campo Maior, fogem á vista dos alliados, que commandava o marechal *Beresford*. Massena entra em Hespanha a 4 de abril.

Os portuguezes tomam Olivença a 15 de abril. (Esta praça estava, como já disse, em refens, em poder dos hespanhoes, desde 6 de junho de 1801, e tendo-a perdido e nós resgatado do poder dos francezes, a regencia, por um acto de mal entendida lealdade, a entrega aos hespanhoes, que abusando da nossa generosidade, boa fé e cavalheirismo, nunca mais a quizeram largar.)

A 11 de abril resgatámos a praça d'Almeida, ficando Portugal livre, pela terceira vez, das hordas de Buonaparte.

Massena recebe ainda novos reforços e ataca os alliados a 3 de maio, em Fuentes-de-Honor; mas, foi vencido, perdendo 4:000 homens.

O exercito alliado, commandado por Beresford, derrota a divisão de Soult, em Albuera, a 16 de maio. Os alliados perderam 6:000 homens n'esta sangrenta batalha; mas os francezes perderam 9:000.

Massena, tornado de *filho da victoria* em *engeitado*, é substituido por Marmont. Este toma toda a artilheria dos alliados, em Fuente-Guinaldo, a 27 de setembro, e obriga o exercito luso-anglo a retirar sobre as fronteiras portuguezas; mas esta retirada foi

um dos maiores feitos d'armas do exercito luso-anglo e do seu nobre chefe, lord Wellington. A cavallaria franceza, que nos *picava* constantemente a rectaguarda, foi sempre repellida com perda, em todos os seus ataques, e n'um d'elles resgatámos a nossa artilheria.

A 28 de outubro, a divisão luso-ingleza do general Hill, derrota na batalha do *Arroyo-de-los-Molinos* o general francez *Gerard*.

A 19 de janeiro de 1812, os alliados tomam d'assalto a praça de *Ciudad-de-Rodrigo.*

A 6 de abril tomam tambem de assalto a forte praça de Badajoz.

A 22 de junho, os alliados, commandados pelo inclito general Wellington, derrotam o exercito de Marmont, em Salamanca, causando-lhe a perda de 15:000 homens, e alcançando a mais bem disputadá, famosa e gloriosa victoria de toda a guerra peninsular.

Desde então, os francezes fogem em toda a parte diante do bravo e victorioso exercito alliado, que toma Madrid a 12 de agosto, e El-Retiro a 24.

Por desobodiencia, ou cobardia, do general hespanhol Ballesteros, os francezes podem reunir em Burgos (que ainda era d'elles) cem mil homens. Forças tão numerosas obrigam os alliados a levantar o cêrco da praça, e á fatal *retirada de Burgos* para a fronteira portugueza, onde chegaram no meiado de novembro; mas n'esta retirada, a bravura e galhardia dos portuguezes mereceu os maiores e mais enthusiasticos e merecidos encomios de Wellington, e foi um dos mais gloriosos feitos do nosso exercito, apresentando poucos eguaes a historia militar de qualquer nação.

Em 15 de dezembro teve logar o combate de Arapiles, em que ainda os nossos levaram a melhor.

No principio do anno de 1813, os alliados tomam a offensiva, levando por toda a parte os francezes de vencida.

A 24 de junho, os alliados alcançam os francezes em Victoria, e os derrotam. O inimigo perdeu mais de 6:000 homens, toda a sua artilheria, thesouro (roubado) bagagens, etc.

José Buonaparte (intitulado *rei de Hespanha*) salvou-se, fugindo em um veloz cavallo.

Os regimentos portuguezes de infanteria n.° 9, 11, 21 e 23 e os batalhões de caçadores, tambem portuguezes, n.° 7 e 11 obraram taes prodigios de valor na batalha de Victoria, que causaram a admiração de toda a Europa (até dos proprios francezes) e em premio da sua coragem e disciplina, lhes foram conferidas novas bandeiras, pela ordem do dia de 13 de março de 1814, com honrosas legendas, em letras de oiro. As de infanteria diziam:

Julgareis qual é mais excellente,
Se ser do mundo rei, ou de tal gente.

As de caçadores diziam:

Distinctos vós sois na lusa historia
Com os louros que colhestes na victoria.

—

O exercito francez, aterrado com esta derrota, atravessa os Pyreneus, entrando na França, no 1.° de julho; mas deixando fortes guarnições em Pamplona e S. Sebastião.

Soult toma o commando do exercito de Marmont, reforçando-o com 30:000 homens e para fazer levantar o cêrco de Pamplona ataca os nossos em *Porto de Maia* e *Roncesvalles*, á 25 de julho. Os nossos concentram-se em *Villalba* e *Huerta*, cobrindo a praça. Grandes combates de 27 e 28 de julho, em que os alliados levam a melhor e tomam a offensiva, ganhando a célebre batalha dos Pyreneos, a 30 de julho; na qual Soult perde 15:000 homens e é de novo arrojado para França.

A 31 de agosto o exercito anglo-luzo toma d'assalto, com a mais pasmosa intrepidez, a forte praça de S. Sebastião. A guarnição franceza mette-se na cidadella; mas rendeu-se a 8 de setembro.

Os alliados passam o Bidasoa e a 7 de outubro ganham a memoravel batalha de *Nivelle*, tomando as linhas francezas. Os combates, já no territorio francez, são diarios.

Principiam a 9 de dezembro os sangrentos ataques junto á praça de Bayona, e os francezes são arrojados das suas formidaveis posições entre os rios *Nive* e *Adour*, perdendo ainda a 13 de dezembro a batalha de *Nive*. Soult dirige-se para *Dax*.

A 27 de fevereiro de 1814, os nossos ganham contra Soult a sanguinolenta batalha de *Orthez*, em que os francezes perderam 5:000 homens.

A 12 de março entra Beresford em Bordeos com a sua divisão luso-ingleza.

O general francez *Suchet*, abandona a Catalunha e se junta a Soult, que toma fortissimas posições entre o canal de *Languedoc* e o rio *Garonq*, nas alturas que dominam Tolosa; mas os nossos ahi o atacam furiosamente a 10 de abril, e depois de 10 horas de um combate desesperado, ganhamos a gloriosa batalha de Tolosa; em cuja cidade entraram a 12. Soult retirou de noite.

A 30 de maio é proclamada a paz geral de Paris, com a expulsão de Buonaparte, e o exercito portuguez volta á patria coroado de louros immarcessiveis, ganhos em uma campanha de seis annos, memoravel para todos os seculos; na qual os portuguezes obraram sempre tamanhos prodigios de valor, que causaram a admiração de todo o mundo.

—

Desde 1814 até nossos dias pouco ha a dizer sobre o nosso exercito, pois não queremos fazer recrudescer odios de partido, quasi dissipados com o tempo.

Só direi que de 1832 a 1834, n'essa guerra fratricida, ainda de ambos os lados as tropas portuguezas mostraram por muitas vezes que eram os netos dos soldados de D. Affonso I, D. Sancho I, D. Affonso III, D. Affonso IV, D. João I, D. João III, D. João IV, e D. João VI.

—

Rapida noticia sobre a organisação do exercito portuguez, segundo as ordens do dia de Lord Beresford, de 1814. [1]

Primeira linha

24 regimentos de infanteria, com duas companhias de granadeiros e 8 de fuzileiros, cada um. Total 1:011 praças cada regimento.

12 batalhões de caçadores, cada um com 5 companhias armadas de espingardas, e uma (a 6.ª) armada de *reffes* [1]. Cada batalhão com 501 praças.

12 regimentos de cavallaria, sendo dois d'elles de *dragões* [2]. Cada regimento com quatro esquadrões, total 531 praças e 435 cavallos cada regimento.

4 regimentos de artilheria, cada um com 892 praças.

1 regimento de artistas engenheiros (vulgarmente *artifices*) 348 praças.

A brigada real da marinha.

O corpo de engenheiros conductores, na força de 276 praças, divididas por 4 companhias, de 69 praças cada uma [3] e 400 muares. (Chamava-se *artilheria-montada.*)

O corpo da *guarda real da policia de Lisboa*, composto de 8 companhias de infanteria, 4 esquadrões de cavallaria e um *parque* de artilheria. (Chegou a ter, no reinado do sr. D. Miguel, quasi 3:000 homens.)

Este corpo foi creado em 1804 pelo conde de Novion, emigrado legitimista francez, no ministerio de D. Rodrigo de Sousa Coutinho. Segundo a primittiva organisação, o seu *completo* eram 1241 praças. Pouco depois foi creada a policia do Porto.

O corpo da *guarda real da policia do Porto*, composto de 3 companhias de infanteria e 1 de cavallaria. Tinha 400 e tantas praças. (A 3.ª companhia de infanteria tinha o seu quartel em Villa-Nova de Gaya.

Estes dois corpos eram os mais brilhantes de toda a Europa. Desde furriel, inclusivé, até ao coronel, suas fardas eram cobertas pela frente, gola, e canhões, de ricos galões d'ouro fino; e as calças

(1) Lord Beresford era marechal-general do exercito portuguez e inquestionavelmente o melhor organisador e disciplinador militar dos tempos modernos.

(1) Carabinas de *broca oitavada* e que se carregavam a maço (!) Todavia seus tiros eram de muito alcance e certeza. Eram armadas de terçados (como as modernas), e não de bayoneta, como todas as mais espingardas d'aquelle tempo.

(2) Era a *elite* dos cavalleiros e cavallos.

(3) Cada companhia estava aggregada a um regimento de artilheria.

eram tambem agaloadas do mesmo metal.

Nas policias não se sentava praça. De todos os corpos de cavallaria, caçadores e infanteria do exercito eram escrupulosamente escolhidos os officiaes, officiaes inferiores e soldados de melhor comportamento, mais aceiados e de mais serviços, para completarem estes dois respeitaveis corpos, que, em todos os sentidos, eram dos melhores da Europa.

O corpo do estado-maior do exercito.

O regimento de Malta (de fardas encarnadas) que só servia para montar as guardas dos paços reaes. Foi dissolvido em 1833.

Trinta companhias de veteranos, cada uma com 120 praças; 8 companhias na Extremadura, 6 na Beira, 3 no Alemtejo, 2 no Algarve, 4 no *Partido do Porto*, 4 no Minho e 3 em Traz-os-Montes.

—

Além de toda esta força respeitavel de 1.ª linha, havia durante a guerra da Peninsula a célebre *Leal Legião Lusitana*, que tão relevantes serviços prestou á patria n'essa época.

—

E os dois regimentos de *Voluntarios reaes do commercio* (um de cavallaria, outro de infanteria e artilheria) formados exclusivamente da classe que lhe deu o titulo. Estes corpos eram quasi tão aceiados como as policias. Suas fardas eram cobertas de alamares de prata, e as calças agaloadas do mesmo metal. A cavallaria era fardada á *hussard*, tendo sobre a farda e só presa por cordões de prata, uma jaqueta tambem coberta de alamares do dito metal.

Fez tambem muitos serviços durante a guerra peninsular.

—

Houve tambem desde 1823, em Lisboa, um corpo de *Voluntarios realistas urbanos*, que acabou com a convenção d'Evora Monte.

Milicias

Portugal tinha no principio d'este seculo 48 regimentos de milicias, que no fim da guerra peninsular estavam tão aguerridas e tão bem exercitadas como a infanteria de linha.

As milicias eram compostas de proprietarios, ou filhos de proprietarios, desde a edade de 18 até 40 annos.

Eram porém isentos, os empregados civis, os estudantes da universidade de Coimbra [1], os lentes e mestres de instrucção publica, os medicos, cirurgiões e boticarios, um certo numero de operarios de cada fabrica ou estabelecimento manufactureiro, um individuo por cada junta de bois e um carro etc.

Eram estes corpos a parte *auxiliar* do exercito, e recebiam meio soldo da linha, quando faziam serviço.

Formavam uma vez por mez para fazerem exercicios militares.

Seus officiaes eram escolhidos de entre os mais ricos proprietarios do districto, á excepção dos majores e ajudantes, que eram, aquelles capitães e estes subalternos do exercito, que vinham em commissão para as milicias.

Um general era inspector geral das milicias do reino, sendo seus immediatos dois sub-inspectores, um para o Minho e *Partido do Porto*, outro para Traz-os-Montes.

O completo de cada regimento de milicias era o mesmo dos regimentos de infanteria de linha, e identica a sua organisação.

Eis aqui as terras que tinham regimentos de milicias:

EXTREMADURA

Lisboa — 4 regimentos, dois de Lisboa oriental e dois de Lisboa occidental. (Além de dois regimentos de *voluntarios reaes*, a pé, de Lisboa oriental e outros dois do mesmo titulo, de Lisboa occidental; dos dois regimentos, um de cavallaria outro de infanteria de *voluntarios reaes do commercio*, de que já tratei e dos *voluntarios realis-*

[1] Mas durante a guerra da Peninsula formaram o bello e arrojado corpo de *Voluntarios Academicos* que era a *Ala dos Namorados*, do seculo XIX.

tas urbanos e *regimento de Malta*, já mencionados.)

Os 4 regimentos de Lisboa (vulgarmente *milicias novas*) eram, dois de caçadores nacionaes e dois de artilheiros nacionaes.

Torres Vedras, Santarem, Thomar, Louzan, Setubal, Alcacer do Sal, Leiria e Soure.

ALEMTEJO

Beja, Evora, Villa Viçosa e Portalegre.

ALGARVE

Lagos e Tavira.

BEIRA BAIXA

Castello Branco, Idanha e Covilhan.

BEIRA ALTA

Viseu, Tondella, Lamego, Arouca, Trancoso, Guarda e Arganil.

PARTIDO DO PORTO

Coimbra, Figueira, Aveiro, Oliveira de Azemeis, Feira, Porto, Maia e Penafiel.

MINHO

Basto, Guimarães, Villa do Conde, Braga, Barcellos, Barca, Vianna e Arcos.

TRAZ-OS-MONTES

Villa Real, Chaves, Bragança e Miranda.

Voluntarios Realistas

No reinado do senhor D. Miguel I, além de todos os corpos de 1.ª linha e milicias referidas, se crearam 52 batalhões de caçadores, denominados *Voluntarios Realistas*, (por quererem servir o rei por sua livre vontade). O seu completo e organisação era como o dos batalhões de caçadores de linha.

Para officiaes eram, na maxima parte, escolhidos fidalgos, ou pessoas nobres. Os majores e ajudantes eram (como nas milicias) capitães e subalternos de 1.ª linha.

A maior parte d'estes batalhões de voluntarios, estavam tão bem disciplinados e aguerridos como os caçadores de linha.

Não me foi possivel obter dados officiaes para designar quaes as terras que tinham batalhões de voluntarios realistas; pelo que dou em primeiro logar as de que tenho certeza, e em segundo, as de que tenho probabilidade.

Se houver algum engano (que julgo improvavel) obsequeiam-me muito os senhores que me advirtam d'elle, para o rectificar opportunamente.

As terras de que tenho certeza terem batalhões de voluntarios realistas, são as seguintes:

Arganil, Aveiro, Braga, Bragança, Castello Branco e Penamacôr, Castro Daire, Covilhan e Fundão, Guimarães, Lamego, Lisboa (4 batalhões), Mangualde, Mirandella, Moncorvo, Monsaraz, Montalegre, Oliveira d'Azemeis, Penafiel, Porto, Santarem, Serpa, Thomar, Trancoso, Vianna do Lima, Villa Flôr, Villa Real.

Supponho que os tinham:

Abrantes, Agueda, Barcellos, Beja, Borba e Villa Viçosa, Chaves, Cintra, Elvas, Evora, Faro, Figueira, Guarda, Leiria, Miranda, Monção, Moura, Palmella, Pinhel, Ponte do Lima, Portalegre, Setubal, Tavira, Tondella e Viseu.

—

O senhor D. Miguel chegou a ter um exercito de 1.ª e 2.ª linha, de 84:000 homens.

Ordenanças

Todos os portuguezes que não pertenciam á primeira ou segunda linha, e que não tinham empregos publicos — desde os 16 annos de edade até aos 60 eram obrigados a alistar-se nas ordenanças.

> Os francezes chamam a estes corpos «*levée en masse*» os hespanhoes «guerrilhas oo sumaten» e os allemães «landsturm.»

Pela organisação das ordenanças, decre-

tadas em 1804, era o reino devidido em 441 *capitanias-móres*— sendo—71, na Extremadura— 51, no *Partido do Porto*— 79, no Minho—46, em Traz-os-Montes,—119, na Beira,—61 no Alemtejo.— e 14 no Algarve.

Cada *capitania-mór* era subdividida em um certo numero de companhias, commandadas por um capitão, ou sargento mór, que tinha por immediato um alferes. Cada companhia tinha tambem sargentos, cabos, um tambor, e a maior parte d'ellas um porta-bandeira, com sua bandeira.

Era das ordenanças que sahiam os soldados para a primeira linha.

Estes corpos, ainda que sob differente forma, tinham sido creados por D. João IV, em 1641. A constituição de 1820, dissolveu-os; mas a restauração de 1823, os tornou a chamar. Foram de novo suprimidos em 1826, e tornados a reorganizar até 1834, em que foram definitivamente exterminados.

Foi uma das medidas bem acertadas dos liberaes; porque se estes corpos irregulares fizeram bastantes e bons serviços a Portugal durante a guerra da Peninsula, depois faziam mais perca do que proveito, e mais descredito do que honra; porque tinham degenerado de corpos irregulares, em hordas de gente sem rei nem roque; rotos, descalços, incorregiveis pessimamente armados, e ratoneiros.

Fugiam dos combates, e só appareciam depois d'elles terminados, para roubarem os mortos e feridos.

Deve confessar-se porem que alguns capitães-móres, valentes e rigorosos, conseguiram que as suas companhias conservassem uma tal ou qual desciplina; mas foram excepções.

Na maior parte, esta instituição, desde 1812 só deu maus resultados.

Exercito portuguez em 1874

18 Regimentos de infanteria.
12 Batalhões de caçadores.
3 Regimentos d'artilheria.
1 Batalhão de sapadores.
8 Regimentos de cavallaria e lanceiros.
1 Batalhão de marinheiros militares.
Estado maior d'engenheria.
As guardas municipaes de Lisboa e Porto.

Tudo com um total de 24:000 homens.

Para mais explicações, vide a palavra *Divisão,* a folhas 468, 469 e 470 do segundo volume.

EXERTADO ou **ENXERTADO**—portuguez antigo logar cheio d'arvores fructiferas, enxertadas—pomar.

EXPORTAÇÃO DE GADO BOVINO—pela barra do Porto, para a Inglaterra, desde o anno de 1847, em que principiou este felicissimo commercio, até ao fim de 1873.

ANNOS	CABEÇAS DE GADO	CUSTO, EM RÉIS
1847	548	17:500$000
1848	825	31:200$000
1849	791	35:100$000
1850	362	13:800$000
1851	150	6:000$000
1852	312	18:400$000
1853	1:383	45:000$000
1854	2:606	105:440$000
1855	2:926	142:300$000
1856	4:288	217:170$000
1857	3:253	199:604$000
1858	3:431	203:040$000
1859	3:992	255:563$000
1860	5:426	329:923$000
1861	6:196	410:456$000
1862	8:222	551:735$000
1863	5:772	403:350$000
1864	6:537	454:525$000
1865	4:621	319:325$000
1866	6:035	414:842$000
1867	6:979	493:316$000
1868	8:511	592:450$000
1869	11:892	797:440$000
1870	16:800	1.092:000$000
1871	18:350	1.192:950$000
1872	17:810	1.157:650$000
1873	17:702	1.062:120$000
	165:720	10.292:229$000

Dez mil duzentos e noventa e dois contos duzentos e vinte e nove mil réis, isto é, dois milhões duzentas oitenta e sete mil cento e sessenta e duas libras sterlinas.

Isto afóra a grande porção de gado que tambem sae pela barra de Lisboa.

EXTREMADURA—já está em Estremadura.

EXTRÊMO — já está em estrêmo.

EXUDRIO—portuguez antigo—o mesmo que *eixido* ou *enxido*. Vide esta ultima palavra.

F

FACHA ou **SANTO ESTEVÃO DA FACHA** —freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 385 kilometros ao N. de Lisboa, 25 a O. de Braga, 12 a NE. de Vianna, e 5 de Ponte de Lima, 230 fogos.

Em 1757 tinha 185 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É terra muito fertil.

A mitra, por concurso synodal, apresentava o reitor, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Houve aqui, em tempos antigos, um convento de monges benedictinos, que, no fim do seculo V, sendo abbade Diogo Alvares Pacheco, passou a reitoria secular, e commenda da Ordem de Christo.

Fernão Borges Pacheco, filho do tal abbade, foi o primeiro commendador.

Foi antigamente concelho, que el-rei D. Fernando deu, com outras terras (estando em Valença do Minho) a Fernão Caminha e seus filhos, que da Galliza o vieram ajudar, na guerra contra D. Henriqee, *o Bastardo*, de Castella.

Estes Caminhas, vieram depois a passar-se para o partido de D. Beatriz e D. João I, de Castella, contra o nosso D. João I, que por isso lhe tirou esta commenda, e a deu a Fernão Annes de Lima, pae de D. Leonel de Lima, 1.º visconde de Villa Nova da Cerveira, para elle e seus descendentes.

No alto da *Nó*, ha vestigios de uma cidade e de um castello. Ha aqui uma casa, a que chamam o *Paço*, em que viveu o rico homem, D. Soeiro Mendes Facha, do qual se diz que a freguezia tomou o nome. Era casado com a condessa D. Elvira Gonçalves da Faya. Este Paço passou depois para os Barretos do Amaral.

A freguezia fica dentro do angulo, e nas encostas de duas serras que correm, a primeira de norte a sul, com o nome de serra da *Nó*, no alto da qual e na extrimidade SE apparecem ainda vestigios de povoação antiquissima, e grandes cavernas com seus compartimentos de tijolo, onde ninguem quer entrar por se apagarem as luzes, segundo dizem, e é possivel, por decomposição do ar; mas é mais rasoavel que seja por medo por que, se algum mais ousado tem tentado isso, dizem que sae immediatamente, pallido e assustado.

Corre a outra serra com o nome de *Castello* (e vestigios mostra d'isso) em direcção de nascente a poente, destacando-se da primeira, onde forma o angulo, na *Portella de Santo Estevão*, e hindo morrer, em declive sobre as freguezias de Victorino das Donas e Geraz do Lima.

A freguezia fica, pois, nas faldas d'estas serras, n'um fundo valle, cortado em toda a sua extensão por um riacho anonymo, que descendo pobre, da Portella, divide a freguezia em duas partes quasi eguaes; toca algumas rodas de engenhos e azenhas, e vae morrer no Lima, na extremidade occidental da formosa veiga da Correlhan.

É terra abundante em todo o genero de fructos; mas nem por isso os seus habitantes deixam de ser geralmente pobres; porque, de trinta e tantas quintas (a freguezia é muito grande) que se encerram em seu ambito só trez ou quatro, se tanto, pertencem a proprietarios d'ahi; sendo os mais habitantes méros caseiros de senhorios de Vianna, Ponte do Lima, Arcos e outras terras.

A egreja foi bom templo antigo.

Já não é a mesma: foi demolida e feita inteiramente de novo em 1868, com uma elegante torre, donde cahiu um desgraçado pedreiro no momento em que lhe estava a metter o fecho do zimborio.

Ficou despedaçada, ficando cada membro a palpitar para sua parte!

A' iniciativa do seu ex-parocho, o sr. Antonio Joaquim Feijó (hoje abbade de Villa-Fria), homem eminentemente emprehendedor, deve aquella freguezia tão consideravel melhoramento, que lhe importou não pequenos dissabores, pelas dificuidades com que lutou e caprichos que venceu.

Fica como a egreja da Correlhan, sua limitrophe, na vertente occidental da serra da Nó, que é a da freguezia.

A residencia parochial está proxima á egreja e é boa.

Tem no quintal contiguo, uma fonte d'agua frigidissima, qualidade que deve de certo á profundidade d'onde sae, por isso que nasce da raiz da serra.

Nada ha de notavael na freguezia a não ser o bom palacete do ex.mo sr. Francisco de Mello Barreto, que fica a poucos metros da egreja, para o sul, e que exceptuando o palacio da Brejoeira, é dos melhores do Minho.

Fica mesmo junto á raiz da serra da Nó, o que é de grande vantagem para o edificio no sentido de o fazer sobresahir, pelo contraste que formam ambos.

Gosa-se das janellas das suas duas torres, que são elevadissimas e elegantes e guarnecidas de graciosas pyramides, um panorama pouco vulgar, pela sua triplice vista de serras, veiga e rio.

O palacete é d'uma architectura primorosa pelos seus engraçados lavores de pedra, na fachada.

A porta principal, que fica no centro da grande varanda, (para onde se sobe por uma ampla escada de pedra) e que dá para a sala nobre, é uma peça magnifica pelos seus arabescos e trabalhos de talha.

Mas o que prende ahi mais a attenção são as maneiras e o tracto lhano e franco com que o sr. Mello costuma receber a todos.

FACHO — Fogo artificial, convencionado, accêso em uma eminencia, para indicar a aproximação do inimigo. Os lusitanos lhe chamavam *almenára*, nome que conservou ainda nos principios da monarchia.

O *facho* porem, tinha certas combinações mais perfeitas do que a *almenára*. Ainda se usou na guerra da Peninsula. Haviam companhias, com officiaes, sargentos e soldados (chamadas *companhias do facho*) cuja obrigação era fornecerem combustivel para o *facho*, guardarem-o, accenderem-o etc. segundo as instrucções recebidas.

Esta gente tinha certos privilegios. Vide *Almenára.*

FACUNDO (S) — freguezia, Extremadura, comarca e concelho d'Abrantes, 150 kilometros a E, de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 35 fogos.

Orago S. Facundo.

Bispado de Castello Branco, districto administrativo de Santarem.

O vigario de S. João Baptista, d'Abrantes, apresentava o cura, que tinha 70$000 réis.

FACUNDO (S) e **ANTUZÊDE** — freguezia, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa, 165 fogos.

Em 1757, tinha Antuzêde 35 fogos, e era seu orago Santo Agostinho—e S. Facundo, 105, e era seu orago S. Facundo. Estas duas freguezias estão, ha muitos annos annexas, e é seu orago actual Santo Agostinho.

Bispado districto administrativo de Coimbra.

A universidade de Coimbra apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis e o péd'altar.

É terra fertil.

D. João III a deu á Companhia de Jesus, e, por extincção d'esta ordem, passou para a universidade.

FÁFE — villa, freguezia, Minho, 10 kilometros de Guimarães, 30 kilometros ao NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 530 fogos (2:100 almas) no concelho 6:050 fogos, na comarca os mesmos.

Em 1757 tinha 342 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Fafe era uma importante freguezia, e foi elevada a villa em 1840. Diz-se que Fafe tomou o nome de D. Fafe Luz, rico homem e alferes-mór do conde D. Henrique, pae de D. Affonso I.

—

Grande romaria a Nossa Senhora d'Antime ou Senhora da Misericordia, ou do Sol.

A imagem é de pedra, e com a charola pésa 24 arrobas!

Outros dizem que a senhora pésa 8 arrobas, e o andor, que tambem é de pedra (!) outras oito. Levam-a na procissão os maiores valentões da freguezia.

A imagem da Senhora é de granito metamorphico, com braços postiços e sem pernas nem pés, nem feitio algum de gente, álem da cara. São 8 rapagões que levam a charola e a Senhora, mas vão outros oito para os revezar. Apesar da sua valentia, por varias vezes teem alguns ficado esmagados debaixo da imagem; mas, mesmo assim, ha grandes empenhos para levarem a charola, porque teem fé de serem bem succedidos, nos seus casamentos, se tiverem sido conductores da santa.

Já dos nossos dias, um dos que ajudava a levar a Senhóra, andava picado com outros dos conductores, e ao dobrarem uma esquina, tal geito deu, que o andor cahindo sobre o seu inimigo, o matou logo, ficando esmagado; mas esta morte foi immediatamente vingada por um terceiro, que deu no tal amigo uma *choupada*, matando-o immediatamente e ficando a santa e a charola cheios de sangue!

Fafe era antigamente concelho de Monte-Longo, ao qual D. Manuel deu foral em Lisboa, a 5 de novembro de 1513.

A villa tem uma só rua, mas tem boas casas. Ha aqui feira no primeiro de cada mez e na Pica aos 18.

—

Em Fafe nasceu o bacharel José Cardozo Vieira de Castro, filho do desembargador Luiz Lopes Vieira de Castro. José Cardoso foi deputado e era bom orador e de muita intelligencia. Tendo ido ao Rio de Janeiro dar mostras do seu talento oratorio, casou com uma brasileira. Regressando com a mulher a Lisboa, deu entrada em sua casa a um sobrinho do immortal *Garrett*, por nome José Maria d'Almeida Garret, joven de muita intelligencia, mas de uma devassidão proverbial. Tendo José Cardozo (ou julgando ter) provas do adulterio de sua mulher com Garrett, estrangulou-a. Foi em 1871 degredado por 15 annos para a Africa, onde morreu a 5 de outubro de 1872, de febre perniciosa. Um anno, dia por dia, depois de chegar a Africa. Morreu em Loanda.

Muito se tem dito e escripto contra José Cardozo. Eu, que não sou nada, e me acho segregado do mundo, penso sobre este tragico successo do modo seguinte.

Se não precedessem ao facto certas circumstancias, estava Cardozo, plenamente justificado pela sociedade; porque todo o homem de bem, todo o homem d'honra, no primeiro impulso do seu furor faria o que elle fez; faria até mais porque mataria os dois adulteros.

O que é certo é que a mulher morreu assassinada e que o assassino morreu no degredo e assim se annullou uma intelligencia que podia vir a ser utilissima á patria.

—

No monte de S. Jorge Magno ha grandes pedreiras de granito metamorphico e porphiroide, optimo para construcções. É proximo da villa. N'este monte venera o povo o *Penêdo de Pégadinha*, no qual deixára impressas as suas *santas patas*, a jumentinha da Nossa Senhora, *quando esta aqui passou acavallo, na fugida para o Egypto!!!*

É fertil em trigo, vinho e algum azeite. Muitos gados, mel e cêra, caça e pesca (em 3 regatos que nascem no concelho e formam o Visella.)

Teve um antiquissimo mosteiro, ignorando-se quando deixou d'existir para ser unido ao de Santa Marinha da Costa.

A 12 kilometros de Fafe, proximo ao logar de Luilhos, uma rapariga descobriu, por acaso, em principios de 1870 uma nascente d'agua que rebenta d'uma rocha e que se diz ser efficaz para curar toda a qualidade de molestias cutaneas e outras. Já alli corre muita gente. O povo diz que alli proximo está enterrado S. Silvestre; pelo que chama esta fonte *Banhos de S. Silvestre.* Tem um cheiro particular e é muito limpida e leve. Apesar da aridez do sitio, está alli um arraial com barracas de comida, muitas pipas de vinho etc.

Nas escavações que se fizeram em junho de 1870, para a construção d'uma capella, proximo á villa, appareceram varios objec-

tos e entre elles differentes moedas, cujo metal e nacionalidade se ignora, por estarem muito corroidas da ferrugem.

É tradição que este logar foi occupado (e habitado) pelos celtas. Outros dizem que pelos romanos.

A irmandade da Misericordia foi instituida a 23 de março de 1862, mas a primeira pedra do hospital de S. José, que ella administra, foi lançada a 6 de janeiro de 1859, e em 19 de março de 1863 foi aberto aos pobres. É um elegante e vasto edificio, em optimas condicções. Foram seus fundadores José Florencio Soares e outros negociantes d'aqui, estabelecidos no Brazil. Os estatutos, foram feitos em 23 de março de 1862. O povo d'aqui tambem concorreu muito para esta obra. A sua receita ordinaria é de 829$772 rs. e a extraordinaria de 432$364 rs. A despeza obrigatoria é de 776$472 rs, e a facultativa 379$114. Ainda são precizos 16 contos de réis para a conclusão d'este estabelecimento de caridade, que nos primeiros trez annos já tratou 210 doentes. Os poderes publicos, longe de subsidiarem este estabelecimento e procurarem o seu desenvolvimento, teem procurado varios meios de o prejudicarem e embaraçarem. É seu actual provedor (o 1.º) o sr. José Florencio Soares.

Em janeiro de 1874, falleceu em Lisboa, Antonio Joaquim Vieira Montenegro, que foi um rico negociante, no Brazil. Era natural de Travassós, d'este concelho.

Deixou ao hospital de Fafe, 2 contos de réis fortes. A' camara municipal da mesma villa, 7 contos de réis, para mandar construir uma casa na freguezia de Travassós, para escola de meninos: 14 contos de réis, para a mesma camara mandar construir uma casa para asylo de meninas pobres, das differentes freguezias d'este concelho.

Tambem deixou ao hospital de S. Domingos de Guimarães, um conto de réis fortes.

Vide Travassós.

O mosteiro de monges jeronimos, de Santa Marinha da Costa, de Guimarães, apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis.

A comarca de Fafe, é composta sómente do seu julgado.

O concelho comprehende 35 freguezias, todas no arcebispado de Braga; são as seguintes:

Antime, Armil, Agrella, Arões (S. Romão) Arões, (Santa Christina) Aboim, Arnozella Cepães, Esturãos, Fafe, Felgueiras, Fornélos, Freitas, Faréja, Gontim, Gulães, Médêllo, Monte, Moreira, Pedrahido, Paços, Queimadella, Quinchães, Regadas, Revelhe, Ribeiros, Serafão, Seidões, S. Gens, Silvares, (S. Clemente) Silvares (S. Martinho) Travassós, Varzea-Cóva, Villa-Cova, e Vinhós.

A pouca distancia de Fafe, na serra d'Arga (ou Agra) nasce o rio Ave, que passando junto a Guimarães e outras povoações, entra no Oceano, em Villa do Conde. Vide esta palavra e Ave.

FAGILDE — ha varias aldeias em Portugal com este nome. É nome proprio d'homem (gòdo.)

Tambem se dizia *Fagile* (Vide Cêa.)

Na freguezia do Canêdo, Douro, concelho da Feira (Vide Conêdo) ha a quinta de Fagilde, onde nasceu e morreu o brigadeiro realista Victorino José da Silva Tavares.) Vide Pernes.)

FAGUNDO ou **FACUNDO** (S.) — freguezia, Douro, comarca e concelho de Coimbra. Vide Antuzêde e S. Facundo.

FAIA — freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, 48 kilometros a NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 99 fogos.

Orago S. Thiago.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

O grão-prior do Crato apresentava o abbade, que tinha 450$000 réis.

É n'esta freguezia a quinta do *Vellar*, que foi de Antonio de Lima de Noronha, senhor de Regalados, e passou a seus genros Bento Rebello Lobo e Balthazar Pereira da Silva.

Vide Cabeceiras de Basto e Refojos de Basto (S. Miguel.)

FAIA — freguezia, Beira-Alta, comarca de Moimenta da Beira, concelho de Caria e Rua até 1855, e depois, concelho de Cernancêlhe 35 kilometros de Lamego, 325 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

É terra fertil.

Orago S Martinho.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O *Portugal Sacro e Profano*, não traz esta freguezia.

FAÍA—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho, 6 kilometros da Guarda, 305 a E de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 129 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O ordinario apresentava o prior por concurso, e tinha 320$000 réis de rendimento.

FAIL — freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 6 kilometros de Viseu, 275 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O vigario de S. Cypriano apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

FAÍLDE—freguezia, Traz os Montes, comarca e concelho de Bragança, 35 kilometros de Miranda, 490 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 34 fogos.

Orago Santo Ildefonso.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

(É a mesma etymologia de Fagilde.)

A mitra apresentava o cura, confirmado, que tinha 12$500 réis de congrua e o pé d'altar.

FAÍLDE E CAROCÊDO—Traz-os-Montes, havia um concelho d'este nome, na comarca de Bragança, que foi extincto, (Vide Carrocêdo.)

FAIÕES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 90 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 289 fogos.

Orago S. Estevão, protomartyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

É terra fertil.

A camara ecclesiastica de Braga apresentava o reitor, que tinha 120$000 réis. (Vide a freguezia immediata.)

FAJÃO—villa, Beira Alta, comarca d'Arganil, concelho da Pampilhosa, 60 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 190 fogos, 730 almas.

Em 1757 tinha 99 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O collegio dos conegos regrantes, de Santa Cruz de Coimbra, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

Fajão, Faiões e Fajões, é corrupção de nome proprio de homem (godo) *Fayão*. Foi D. Fayão Soares que fundou Arrifana de Sousa (Penafiel) em 850.

Foi concelho, com 808 fogos. Foi supprimido. Tinha seis freguezias, duas no bispado de Coimbra e quatro no da Guarda. As do bispado de Coimbra, eram: Fajão e Teixeira; as do da Guarda, eram: Dornellas, Janeiro de Baixo, Unhaes o Velho e Vidual de Cima.

FAJÕES — freguezia, Douro, comarca, concelho e 9 kilometros ao N. de Oliveira de Azemeis, 35 ao S. do Porto, 275 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago S. Martinho.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Em escripturas antigas tambem se dá a esta freguezia o nome de *Fojões* e *Fajozes*.

No foral dado por D. Manuel á Terra da Feira, em 10 de fevereiro de 1514, se dá a esta freguezia o nome de Fayões. (E é o mais proprio.)

O povo chama-lhe *Feijões*.

A abbadessa de S. Bento da Ave Maria, do Porto, apresentava o reitor, que tinha de rendimento 22$000 réis e o pé d'altar.

É situada em uma planicie abundante de agua, mas pouco fertil, por ser muito fria, e cercada de serras pelo S. e N.

A egreja foi fundada, ou reedificada, pelos annos 1550.

Não é terra muito rica. Ha aqui muitos serralheiros, pregueiros, verrumeiros, ca-

nastreiros e chapelleiros (de chapeus de lan.)

A capella de S. Marcos corôa o môrro do mesmo nome, que é muito alto, e de mais a mais está assente no alto de uma serra.

Esta capella e o môrro pyramidal em que está assente vêem-se de muitas leguas de distancia. D'aqui se vê perfeitamente o Porto (em dias claros, mesmo a vista desarmada) grande extensão de mar e innumeras povoações, serras e freguezias.

Ha n'esta capella uma festa no dia do santo evangelista, e tambem uma feira, chamada *da Linhaça*. (a 25 de abril.)

Quem tem filhos travêssos que os leve alli no dia da festa, se os quizer mansos. Isto diz o povo, e eu tambem digo que, se os rapazes forem por seu pé, quando chegarem á capella hão de por força ir *mansos* para 2 ou 3 horas.

Ha no logar do Côtto uma capella particular que tem uma inscripção sobre a verga da porta, que diz que a capella foi fundada por um fulano de tal, *familiar do Santo Officio*.

Esta povoação é antiquissima e tinha algumas *antas*, que o povo destruiu.

Na serra, em redor do môrro de S. Marcos, ha muitos vestigios de paredes e alicercer antigos.

(Vide Fajão.)

Está aqui bastante desenvolvida a industria da creação do gado bovino, que exporta pára a Inglaterra. Ha tambem aqui muita e optima manteiga de vacca, que vae, em grande quantidade, para a cidade do Porto.

Esta freguezia era das freiras benedictinas, do Porto, que ainda aqui teem muitas rendas.

FAJOZES ou **FEIJOZES**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Villa do Conde, 18 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 59 fogos.

Orago S. Pedro ad Vincula.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento.

É aqui a casa vinculada dos srs. Ferreiras, da Maia.

FALACHOS ou **FALASCOS** ou **FALAXOS**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 54 kilometros de Viseu, 330 ao NE. de Lisboa, 55 fogos.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O commendador de Malta, extra muros de Trancoso, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Falacha, é um bôlo que se faz com maça de castanhas piladas, muito usado nas terras onde ha abundancia de castanheiros.

Esta freguezia não vem no diccionario de Bettencourt.

FALDIJÃES—aldeia, Minho, freguezia de Arcozêllo do Lima, comarca, concelho e em frente de Ponte de Lima. (Vide Arcozêllo do Lima.)

É um logar populoso e rico. Por estar nas *faldas* dos montes e com planicies proximas, talvez se lhe désse o nome de *Faldas Chans*, que com o tempo degenerou em *Faldijães*.

Ha n'esta aldeia uma fonte chamada *Fonte do Piôlho*.

FALIJAR—portuguez antigo, *respirar*, *resfolegar*, *aspirar*.

FALPERRA—pequena aldeia, Douro, na freguezia de Escariz, concelho de Arouca, que teve principio em uma casa de taboado, em 1840, abaixo uns 100 metros do monte Curuto, de Fermêdo. É situada em um alto, d'onde se vê o formoso valle de Fermêdo, a cidade do Porto (30 kilometros ao NO.) muitas freguezias, aldeias e serras e uma vasta extensão de mar. (Vide Cruto.)

FALPÊRRA (serra da)—no monte da Magdalena, Minho, a 1:500 metros ao S. da cidade de Braga.

No alto da serra da Falpêrra, está o edificio que foi convento de missionarios apostolicos (falperristas) denominado Seminario de Santa Maria do Monte da Magdalena.

Foi vendido depois de 1834, e é hoje propriedade particular (tanto o mosteiro, como a cêrca) da irmandade de Santa Maria Ma-

gdalena, estabelecida na sua capella, no cimo da serra, contigua ao convento, e proximo da antiga estrada publica, entre Braga e Guimarães.

A esta irmandade da Magdalena estão annexas, as do Senhor da Agonia e de Santa Martha. Esta tem a sua capella no monte do seu nome, sobranceiro ao da Magdalena.

N'este monte, pouco acima da capellinha de Santa Martha, ha uma pyramide geodesica (ou trigonometrica) que está 562 metros e 53 centimetros acima do nivel do mar.

Principiou a edificação d'este mosteiro, em 1826, mediante um breve do pontifice Leão XII, obtido pelos preseverantes esforços de seu fundador, fr. Antonio de Jesus, missionario apostolico, do convento de Vinhaes (Traz-os-Montes) para onde entrára aos 15 annos de edade. Recolheu-se fr. Antonio de Jesus, ao convento da Falpêrra, em abril de 1833, sendo expulso em 1834.

Como os terrenos que occupavam o mosteiro e cêrca, foram cedidos com a condição de, em caso de suppressão, voltarem ao poder do doador; é por isso que tornou áquella irmandade.

Segundo um letigio, julgado em 1872, a capella de Santa Maria Magdalena, e todo o mosteiro e cêrca, da Falpêrra, está em territorio de Guimarães, e não no de Braga.

FAMALICÃO—villa, Beira Baixa, comarca de Valhêlhas até 1855, depois concelho, comarca e 12 kilometros da Guarda, 285 ao E. de Lisboa, 210 fogos, 800 almas.

Em 1757 tinha 163 fogos.

Orago Nossa Senhora da Annunciação.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Situada na Serra da Estrella, pouco distante da bonita villa de Manteigas, e em uma baixa cercada de arvoredos, pelo que só se vê depois da gente estar dentro da rua.

É povoação antiquissima, mas pequena. Grande abundancia de castanhas, e do mais fertil.

Famalicão é nome proprio d'homem.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Foi concelho antigamente, com os magistrados e empregados competentes. Ha muitos annos que foi supprimido.

FAMALICÃO—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Alcobaça, até 1855 era do concelho da Pederneira (extincto) 105 kilometros ao NE. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 217 fogos.

Orago Nossa Senhora da Victoria.

Patriarchado e districto administrativo de Leiria.

Foi couto.

Tem foral, dado por D. Manuel, em Lisboa, a 10 de janeiro de 1514. Serve para Caniceira, Outeiro e Povoa do Roupeiro.

O D. abbade geral de Alcobaça, apresentava o vigario, collado, que tinha 2 pipas de vinho, 30 alqueires de cevada, além do pé d'altar.

A mesma etymologia da antecedente.

FAMALICÃO—vide Villa Nova de Famalicão.

FANADÍA—freguezia, Extremadura, comarca das Caldas da Rainha, concelho de Obidos, 84 kilometros ao NE. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 179 fogos.

Orago S. Gregorio, papa.

Patriarchado, districto administrativo de Leiria.

E' terra fertil.

O prior beneficiados da e collegiada de S. Pedro, d'Obidos, apresentavam o cura, que tinha 60 alqueires de trigo, 90 de cevada e 1 tonel de vinho.

FANDINHÃES—freguezia, no bispado do Porto, da qual era orago S. Martinho, bispo.

Em 1757 tinha 158 fogos.

O marquez de Marialva apresentava o abbade, que tinha 800$000 réis.

Dista do Porto 60 kilometros e de Lisboa 384 ao N.

Esta freguezia foi supprimida no fim do seculo XVIII.

FANGA DA FÉ—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedras, até 1855, e desde então comarca de Cintra, concelho de Mafra, 40 kilometros ao NE. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 178 fogos.

Orago S. Domingos.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Tambem a esta freguezia se dá o nome de *Encarnação*.

O prior de S. Thiago, de Torres Vedras, apresentava o cura, que tinha 60 alqueires de trigo, 30 almudes de vinho e 6$000 réis em dinheiro.

É terra fertil.

FANHÕES —freguezia, Extremadura, comarca de Lisboa, d'onde dista 15 kilometros ao NE., concelho dos Olivaes, 340 fogos.

Em 1757 tinha 91 fogos.

Orago S. Saturnino.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Era antigamente uma aldeia da freguezia de Santo Antão do Tojal, da qual se desmembrou, formando freguezia independente, ha mais de 150 annos.

O povo da freguezia apresentava o cura, confirmado pelo patriarcha que tinha de rendimento 100$000 réis. Os *benesses* d'esta freguezia e da de Santo Antão do Tojal eram divididos egualmente entre os dois parochos.

É terra fertil.

—

São dignos de menção honrosa n'este *Diccionario* dois benemeritos cavalheiros d'esta freguezia.

São os srs. Lucas Duarte, e seu irmão Germano Duarte Junior, d'aqui naturaes. Ambos teem trabalhado com o maior empenho para o engrandecimento moral d'esta terra.

Em 1865, por iniciativa d'elles, foi creada uma pequena bibliotheca, para a formação da qual concorreram differentes cavalheiros, contando hoje (1874) já uns 300 e tantos volumes.

O professor publico (o sr. José Duarte) é da mesma familia, e não menos incansavel em secundar a propaganda civilisadora d'aquelles seus dois parentes. Ensina gratuitamente musica aos seus alumnos (quasi todos muito pobres) que honram tão bom mestre, pelo seu aproveitamento e moralidade. Os progressos d'estas creanças teem sido rapidos. Está já formada uma philarmonica, composta de 12 figuras, que tem já acompanhado algumas procissões, com geral louvor dos auditores.

Á bibliotheca concorrem, aos dias santificados e feriados, varias pessoas, que, sendo conhecidas, podem mesmo levar livros para lerem em suas casas.

Note-se que este caridoso mestre dá as lições de musica, fóra das horas destinadas pela lei á instrucção primaria.

—

Ha tambem n'esta freguezia a *Associação Fanhoense*, cujo fim é cultivar e desenvolver o estudo das bellas artes e das letras.

Tudo isto é devido ás diligencias e exemplos dos srs. Duartes.

Honra pois a estes utilissimos cidadãos que tão poderosamente concorrem para a bôa educação e moralidade do povo, que se ufana de ter taes patricios.

Agradeço cordialmente ao sr. Francisco Augusto Cordeiro da Camara Leme os esclarecimentos, que a este respeito se dignou enviar-me.

FANZERES ou **FANZES** —freguezia, Douro, concelho de Gondomar, comarca e 6 kilometros ao NE. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 510 fogos.

Em 1757 tinha 350 fogos.

Orago o Salvador. Foi antigamente S. Thiago.

Bispado e districto administrativo do Porto.

É terra muito fertil.

O cabido da Sé do Porto apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis.

Foi aqui solar dos Araujos Rangeis.

Rangel é um dos nobres appellidos de Portugal. Veio da Extremadura hespanhola. O primeiro que em Portugal se acha com este appellido é D. Diogo Dias Rangel, commendatario do mosteiro de Villela.

Esta familia está ramificada em Lisboa, Beire, Fânzeres, Aveiro, Porto e outras partes, assim como no Rio de Janeiro.

As armas dos Rangeis são: — em campo azul, flôr de liz, de prata, orla d'ouro, carregada de sete romans, verdes, abertas com bagos de púrpura. Timbre um ramo de ro-

meira verde, com tres romans como as do escudo.

Os Rangeis, d'Aveiro, trazem por armas —em campo de oiro 6 cabeças de corvos, de negro, cada um com seu pão no bico› em duas palas, viradas umas para as outras. Timbre o ramo da romeira, como o das antecedentes, mas com 4 romans.

Ainda outros Rangeis usam das armas d'este modo—em campo d'oiro, 5 flores de liz, esquarteladas de prata e purpura. O mesmo timbre.

FÃO—villa, Minho, comarca de Barcellos, concelho de Espózende, sobre a margem esquerda do Cávado, defronte de Espózende, 30 kilometros a O de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 460 fogos.

Em 1757 tinha 453 fogos. Orago S. Payo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Fão é uma povoação antiquissima, fundada muitos seculos antes de Espózende.

Querem alguns que fosse aqui a cidade romana de *Aguas Celenas* (Vide Espozende e Barcellos).

E até podia ser aqui uma *Aguas Celenas* e outra em Barcellos; porque o *Agiologio Lusitano* (tom. 3.°, pag. 627) menciona duas cidades do mesmo nome de *Aguas Celenas*, na Galliza, e todos sabem que a Galliza, segundo a antiga divisão, chegava até á margem direita do Douro.

O que é certo é que em 66 já era cidade e a 12 d'abril d'esse anno aqui foram martyrisados os Santos Chrispulo e Restituto.

Situada 2 kilometros acima da barra ou foz do Cávado, da parte do S., em terreno arenoso.

A casa de Bragança apresentava o vigario, que tinha 120$000 réis.

Consta que quando tinha o nome de *Aguas Celenas* era uma grande povoação.

Parece que foi fundada pelos celtas, ahi pelos annos do mundo 3020 (984 antes de Jesus Christo) mas grande parte da povoação foi em tempos remotos submergida pela areia.

N'este porto, dizem os historiadores antigos, se carregavam navios de ouro para os carthaginezes e romanos.

Aqui fundeou tambem uma grande esquadra romana, carregada de soldados para a conquista de Braga e seu territorio.

Em Fão principiava uma das cinco vias romanas que hiam a Braga.

É da casa de Bragança.

No mar, a 3 kilometros da barra, em frente de Fão, e perto da costa, estão os celebres *Cavallos de Fão*, que são uns penhascos que correm de Norte ao Sul, na distancia de 1:500 metros, podendo navegar qualquer navio entre elles e a terra. Na baixamar se pescam aqui muitos mariscos. (Vide Cavallos de Fão.)

Desde janeiro até dia de Paschoa se faz uma estacada no rio, para se armarem rêdes, onde se pescam salmões, iris, saveis, lampreias, trutas, rêlhos, etc.

A terra é abundante de cereaes, linho e prodigiosa quantidade de alhos e cebolas, mas muito falta de lenha.

Teve antigamente marinhas de sal. Ainda em 1160 deu D. Affonso I o dizimo d'ellas aos frades do convento de Nossa Senhora da Abbadia.

Consta que houve aqui um concilio celebrado pelo arcebispo primaz D. Paterno, no qual se condemnou a heresia de Presciliano (gallego) no anno de 402.

Tem Misericordia e hospital. (Vide Barcellos, Cávado e Espózende.)

FAREJA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Fafe, 20 kilometros ao NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 74 fogos.

Orago S. Martinho.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

E' terra fertil.

É tradição que n'esta freguezia existiu a antiquissima cidade d'*Aufragia* (ou *Eufrazia*). (Vide Aufragia.)

É a palavra arabe *Fareija*. Significa o *o prazer* (do verbo *faraja*, ter gosto, prazer, allivio, etc.) Vem pois a ser—*Povoação do prazer.*

O D. prior da collegiada de Nossa Senhora de Guimarães apresentava o vigario, confirmado pelo arcebispo. Tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar.

FARELLÃES—Vide Fralães.

FARIA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros ao O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 68 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção.)

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Esta freguezia foi annexada á de Milhares ou Milhazes, formando uma só freguezia, sob o nome de *Milhares e Faria*, mas estão outra vez independentes.

Está aprasivelmente situada em uma planicie, entre as freguezias de Milhares (ou Milhazes) Villar de Figos, Paradella e Christéllo.

A egreja matriz é muito antiga, mas foi reedificada em 1695, segundo consta de uma data que está sobre a porta da egreja. Tem um bom campanario com tres sinos, feito em 1846.

O castello de Faria é celebre nos annaes das glorias portuguezas, pelo acto de coragem e amor da patria praticado por *Nuno Gonçalves de Faria*, alcaide-mór d'este castello, o qual, tendo ficado prisioneiro dos castelhanos, em 1373 (no reinado de D. Fernando I de Portugal) elles o levaram defronte do castello (cujo governo elle tinha confiado a seu filho) para que obrigasse este a entregal-o; porém o nobre portuguez disse ao filho, que ainda que o visse alli fazer em postas, se não rendesse. Então, o governador da Galliza, *Pedro Rodrigues Sarmento*, commandante dos castelhanos, mandou alli mesmo, á vista do filho, assassinar covardemente o corajoso Nuno, cobrindo este de gloria eterna, e o gallego a si e aos seus de perpetua ignominia.

O castello de Faria é antiquissimo, e tanto que nem se sabe ao certo quem o fundou.

Dizem alguns, que chegando a este sitio *Offer* ou *Offir*, filho de *Letan*, 4.º neto de Noé, fundou esta povoação, pelos annos 1900 do mundo (ou 2104 antes de Jesus Christo). Outros dizem que os seus fundadores foram os netos d'*Offir*, pelos annos 2000 do mundo, ou 2004 antes de Jesus Christo.

Os fundadores (quem quer que elles fossem) lhe puzeram o nome d'*Offerina*.

Diz-se tambem que chegando aqui, pelos annos 2700 do mundo (1304 antes de Jesus Christo) *Fara*, chefe grego, fundou ou reedificou *Faria*, dando-lhe o seu nome. Outros querem que o nome lhe provém de *Farai*, célebre na Biblia. Finalmente, dizem outros que, aportando aqui os gregos, ahi pelos annos 2900 do mundo (1104 antes de Jesus Christo) fundaram ou reedificaram a povoação e edificaram o castello, pondo-lhe o nome de algumas das terras da Grecia, como era em Creta (hoje Candia) a cidade de *Phara*, na Dalmacia *Pharia*, ou em fim do rio *Faro*.

Até alguns pretendem que o nome de Faria provém de Santa Fara, virgem, que foi monja benedictina, e morreu muito velha, ahi pelos annos 1280; mas não é verdade, porque o castello de Faria já tinha este nome em 1093, quando o conde D. Henrique veio para Portugal.

Para não ficar nada por dizer, de quantas patranhas se têem inventado, para dar a Faria um fundador de nome, e uma antiguidade remota, direi que, ainda outros escriptores sustentam que o castello de Faria foi fundado pelos francos, e que por isso a este sitio se chama a *Franqueira*. É certo que o castello tinha por armas tres flores de liz; mas não é por isso, é pelos seus condes.

De todas estas fabulas, só se conclue uma cousa, e é que Faria e o seu famoso castello são de muita antiguidade e foram importantissimos em eras remotas.

O conde de Trastamara, D. Fernando Peres de Trava (que uns dizem amante, outros marido, e que o mais provavel é não ser uma cousa nem outra, de D. Thereza, viuva do conde D. Henrique) pretende tomar o castello de Faria, mas D. Affonso Henriques o põe em fuga, pelos annos de 1125 ou 1126.

Era este castello no alto de um monte, onde ainda hoje se vêem restos de suas ruinas venerandas. Foi demolido, para com os seus materiaes se edificar o convento da Franqueira, alli proximo.

Este castello foi por muitos seculos resi-

dencia e solar de senhores godos, e deu o appellido aos Farias. Tambem teve condes.

Foi por muitos seculos couto, dos frades cruzios da Junqueira. Vide Junqueira.

Pelos annos 1400, D. João I fez conde de Faria e Neiva a D. Gonçalo Telles de Menezes, 5.º neto da célebre D. Maria Paes Ribeira (a *Ribeirinha*). Era esta que tinha tres flores de liz nas armas, e que as mandou pôr no castello. Para evitar repetições, vide Cantanhede, onde trato dos Telles de Menezes e suas armas. (Vide Neiva.)

FARINHA PODRE—villa, Douro, concelho de Penacova, comarca e 30 kilometros de Coimbra, 220 ao N. de Lisboa, 470 fogos, 1:900 almas.

Em 1757 tinha 318 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Foi concelho, que se supprimiu em 1855; tinha, o concelho, 1:500 fogos.

É fertil.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 180$000 réis.

Nunca teve foral.

Foi da comarca de Arganil.

FARINHA PODRE (S. Payo de)—freguezia, Douro, comarca e concelho da Tábua, 30 kilometros de Coimbra, 230 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago S. Payo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Foi do concelho de Farinha Podre (a villa antecedente) que foi supprimido em 1855, e era então da comarca de Arganil.

O vigario da villa de Farinha Podre (S. Pedro) apresentava o cura, que tinha 10$500 réis e o pé d'altar.

FARINHO—freguezia, Alemtejo, foi villa, hoje chama se *Fáro*. Vide esta palavra.

FARMINHÃO—freguezia, Beira Alta, comarca de Tondella, concelho de S. Miguel do Outeiro, até 1855, e desde então comarca, concelho e 9 kilometros de Viseu, 275 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 136 fogos.

Orago Nossa Senhora da Luz.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O vigario de S. Miguel do Outeiro apresentava o cura, que tinha 10$500 réis e o pé d'altar.

FÁRO DO ALEMTEJO ou **FARINHO**—villa, Alemtejo, comarca e concelho de Cuba, 45 kilometros d'Evora, 18 ao N. de Beja, 120 ao SE. de Lisboa, 90 fogos, 320 almas.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Luiz.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mitra apresentava o cura, que tinha 150 alqueires de trigo.

É terra bonita e fertil em cereaes.

Antigamente, esta villa só era conhecida pelo nome de *Farinho*, para a distinguir da cidade de *Faro*, no Algarve.

Consta que foi fundada por D. Estevão de Faro e sua mulher D. Luiza Cabral, em 1616, em uma terra sua, chamada de S. Luiz de Jacente, por auctoridade de Philippe III, que deu o titulo de conde de Faro, ao dito D. Estevão.

FÁRO—cidade episcopal e capital do districto administrativo, Algarve, (unico bispado e unico districto administrativo da provincia), na foz do rio de Valle Formoso, na costa do Oceano, 8 kilometros a O. da antiga *Ossonoba*, com excellente porto, defendido por tres fortalezas em bom estado, e pelo qual faz grande commercio. As fortalezas são:—*Fuzêta*, *S. Lourenço* e *Farrobilhas*. Fica 135 kilometros ao O. de Beja, 30 ao O. de Tavira, 45 de Silves, 240 ao S. de Lisboa. Tem 2:150 fogos (8:600 almas) em duas freguezias (S. Pedro e Sé). No concelho 5:600 fogos, na comarca 9:250, no districto administrativo 45:100.

Está em 36° 57' de latitude N. e 32' de longitude oriental.

Defronte de Faro está um grupo de ilhotes.

Situada em planicie arenosa na margem oriental do dito rio, que, passando pela freguezia da Conceição, vem até onde chega a maré, encontrar-se com ella. Sobre elle está a ponte do Rio Sêcco. O rio é formado por

um braço de mar, que se mette entre o areal chamado a *Ilha*, e a terra firme. O seu porto, apesar de ser de areia, e por tanto amovivel, é um dos melhores do Algarve. Dá, na praia-mar, entrada pela *Barra Grande*, defronte de Olhão, a embarcações de mais de 200 toneladas. É defendida por o forte da Barra Grande. Mais a O., no fim da Ilha (a 6 kilometros) está a *Barrêta*, que dá entrada a barcos de 50 toneladas.

O rio, na praia-mar, tem 3 kilometros de largo, e na baixa-mar fica reduzido a uns 65 metros. Toda a outra extensão do rio, até á cidade, é composta de ilhotas, cobertas de murraça (*dactylis cynosoroides*, de Linneu—*paspalum cynosoroides* e *spicis linearibus*, de Brotéro.) É planta herbacea marinha, creada nos pantanos d'agua salgada. Entre a *murraça* se criam bons mariscos, principalmente ameijoas.

Chama-se *Praia do Ramalhete*, ao sitio onde se lança a armação do atum. É desde a Barrêta até S. Francisco, na extremidade da cidade, do lado do E., no comprimento de 3 kilometros.

Ao E. da cidade ha a marinha do *Joinal*. (Vide Farrobilhas e Ancão, onde ha mais marinhas.)

O clima de Fáro é quente, mas saudavel.

Os arabes lhe chamavam *Pharaon*.

Antes de tratarmos da actual cidade de Faro, precisamos dizer o que consta da velha Ossonoba. —

A fundação de Ossonoba, como a de todas as povoações cuja origem se perde na noite dos tempos, está envolvida em fabulas mais ou menos verosimeis; e varios escriptores lhe dão fundadores e edades differentes.

Escolhamos o que nos parecer menos fabuloso.

Dizem varios historiadores que esta cidade foi fundada por uma colonia de gregos, pelos annos 2640 do mundo, ou 1364 antes de Jesus Christo, dando-lhe o nome de Ossonoba. (Era no sitio onde hoje está a povoação d'Estôy.)

Dizem alguns que o seu primeiro nome foi *Pharo*, por causa de um pharol que os seus fundadores aqui edificaram, para guia dos navegantes. É certo que *pharo*, *phano* e *phanal* é de origem grega; mas não consta que a antiga Ossonoba tivesse jámais este nome. Em todo o tempo da dominação romana e ainda depois da invasão dos arabes, sempre se chamou Ossonoba.

Auctores menos crendeiros, attribuem a fundação de Ossonoba aos *curetes*, antigos povos da Lusitania, uns 500 annos antes de Jesus Christo. Se os *curetes* não foram os seus fundadores, pelo menos a reedificaram e ampliaram; e, ainda que não pude saber a significação da palavra Ossonoba, é certo que ella me parece mais lusitana do que grega.

No tempo dos romanos era Ossonoba cidade famosa, e já então reputada muito antiga, capital da Celtica, que é, pouco mais ou menos, o actual Algarve.

Se dermos credito a escriptores julgados veridicos, foi Ossonoba séde episcopal desde o primeiro seculo do christianismo.

Era pois esta cidade uma povoação de muita importancia, quando se deu o fatal cataclismo do principio do seculo VIII. Mas Ossonoba não se rendeu aos invasores, senão depois de uma heroica resistencia, pelo que os mouros conquistando-a a desmantelaram. Seus moradores, parte foram captivos para a Africa, e os que poderam fugir, se foram acoutar nas serras de Monchique e Caldeirão.

Passados alguns annos e sujeita a maior parte da peninsula aos mouros, começaram alguns pescadores a edificar varias casas em um sitio asado para as suas pescarias, 8 kilometros a O. da destruida Ossonoba, de cujas ruinas foram aproveitando os materiaes.

Foi augmentando a povoação, e muitas familias fugidas de Ossonoba, se vieram aqui estabelecer pouco a pouco, e assim se deu principio á povoação de Santa Maria, que foi o primeiro nome que teve a actual cidade de Faro.

Aqui temos outra vez duvidas sobre a etymologia da palavra Faro. Dizem uns que, tendo-se com o andar dos tempos desenvolvido a navegação e o commercio n'estas paragens, se edificou aqui (outros dizem que nos ilhotes fronteiros) um pharol, para governo dos navegantes, e que á povoação se

principiou a chamar *Villa de Faro* (Farol.)

Dizem porém outros (e eu acho isto mais natural) que não querendo os moûros estar pelo nome que os christãos impozeram á povoação (Santa Maria), lhe deram o nome de *Faraon*, que significa *povoação dos cavalleiros;* porque *farás* significa o cavallo e *fares* o cavalleiro.

(Já disse que alguns sustentam que o nome de Faro já se dava á velha Ossonoba, e sendo assim, o que é, pelo menos, muito duvidoso, não é palavra arabe, mas grega, como já disse).

—

Tendo os mauritanos invadido a Celtica, pelos annos 260 de Jesus Christo, o general romano Lucio Quintilio Galion, veio com uma legião em soccorro dos lusitanos algarvios, e secundado por elles expulsou os invasores, que fugiram derrotados para a Africa. Em Ossonoba se gravou um magnifico padrão com uma inscripção laudatoria, dedicado a Galion.

—

O conde D. Henrique e todos os seus descendentes até D. Sancho II, tinham expulsado de Portugal, a poder de rios de sangue, os sarracenos, que se tinham apossado do reino havia mais de cinco seculos, e que agora o defendiam palmo a palmo, pois não se podiam acostumar á idéa de trocar o doce e fertilissimo clima de Portugal pelos adustos areaes africanos.

Mas a maior parte do reino do Algarve, ainda via tremular nas suas torres e barbacans as meias luas do propheta. D. Affonso III decide a restauração do Algarve, e dedica a esta empreza todas as suas attenções.

Era fronteiro-mór do Algarve o bravissimo e prudente mestre de S. Thiago, D. Payo Peres Correia, e não podia o monarcha portuguez fazer melhor escolha; porque D. Payo em poucos mezes conquistou muitas povoações do Algarve.

Era n'esse tempo Faro uma praça muito bem fortificada e abastecida de tudo (que facilmente lhe vinha da visinha costa africana) e vendo o rei que D. Payo não podia com as suas poucas tropas emprehender a conquista d'esta villa, vem de Lisboa, põe cêrco em pessoa á praça por mar e terra, e apesar da obstinada resistencia dos mouros, os portuguezes, animados com a presença e com os exemplos do seu rei, e do grande D. Payo, atacavam como leões e em poucos dias as Quinas portuguezas ondulavam ovantes sobre os muros de Faro.

Os mouros não esperaram pelas *ultimas*. Em 9 de março (outros dizem que em 29) de 1249, capitularam o alcaide Aloandro e o almoxarife Aben-Barran, que tinham a praça pelo miramolim de Marrocos. O rei lhe deu o nome de *Santa Maria de Faraon*. É certo que ainda em agosto de 1251 era dos portuguezes, pois aqui fez D. Affonso III uma doação, n'esse mez e anno, ao chanceller Estevão Annes, pretor d'esta povoação. Parece que depois de 1251 se tornou a perder (por causa das guerras com Castella), pois que Ruy de Pina e outros, dizem que Faro foi tomada aos mouros em janeiro de 1260.

Esta victoria e outras muitas dos portuguezes desanimaram os mouros, e em menos de dois annos todo o reino do Algarve ficou sendo uma parte da monarchia portugueza.

Porém as fortificações e os edificios de Faro ficaram tão arruinados com este cêrco, que a maior parte dos habitantes se viram obrigados a abandonar a povoação. Já se sabe que em Faro, como em todas as outras povoações, os mouros que se queriam sujeitar á dominação portugueza, continuavam a residir nas suas terras, e se se fizessem christãos, tinham todos os fóros e privilegios dos portuguezes. (Não eram como os judeus, que, mesmo depois de convertidos, não deixavam de ser uma raça geralmente despresada.)

—

Tão destruida tinha ficado a povoação, que, apesar de D. Affonso a mandar povoar em 1250, pouco se tinha desenvolvido a população. O rei, querendo fazer de Faro uma boa povoação e uma praça de guerra, a mandou cercar de murós muito mais fortes do que os antigos, e guarnecer de torres em 1250, dando-lhe então por armas um escudo em branco (de prata) coroado, por ser conquistada pelo proprio rei em pessoa.

Nem assim Faro attingia o grão de desenvolvimento e prosperidade que o rei desejava; pelo que, estando em Lisboa, lhe deu foral em agosto de 1266 com muitos e grandes privilegios. Tambem deu foral aos *mouros fôrros*, de Faro, em Lisboa, a 12 de julho de 1269.

Depois, ainda D. João I lhe deu foral particular da *portagem*, com todos os privilegios do de Lisboa, por carta regia feita em Santarem, a 18 de maio de 1401.

D. Manuel lhe confirmou todos os seus antigos privilegios no foral novo que lhe deu em Lisboa, a 20 de agosto de 1504.

Tem ainda uma sentença de foral, dada pelo desembargo do Paço a favor de Faro, em 14 de janeiro de 1556.

—

Foi elevada á cathegoria de cidade, por D. João III, em 7 de setembro de 1540, dando-se-lhe então por armas as que agora tem, isto é, o mesmo escudo de prata, coroado, e no centro Nossa Senhora da Conceição entre duas torres soltas. (L. 25 de D. João III, fl. 27 v.)

—

D. Sebastião determinou que se transferisse para aqui a séde episcopal de Silves, em 30 de mazço de 1577; mas esta transferencia só se effectuou em 1580, já no tempo do usurpador Philippe II. Esta Sé tem 29 prebendas! (7 *dignidades*, 12 *conegos* e 10 *beneficiados.*)

Quanto ao bispado e aos bispos d'Ossonoba, vide Estoy.

Faro tinha voto em côrtes, com assento no 3.º banco.

Era da casa das rainhas, desde D. João II, que a deu a sua mulher D. Leonor.

D. Affonso V, fez conde de Faro, a D. Affonso, 3.º filho de D. Fernando, 1.º duque de Bragança.

(Vide Guarda, art. *Barbadão.*)

Até 1834 era quartel de artilheria 2, hoje é de ifanteria 15.

Tinha Faro 4 conventos.

1.º de frades franciscanos, fundado em 1529.

2.º de frades capuchos de Santo Antonio (denominados *piedosos*) fundado em 1620.

3.º o collegio dos jesuitas, fundado por Fernão Pires Mascarenhas, bispo do Algarve, em 1602. Foi depois, de *mariannos.*

(Em 1809, fazendo-se escavações no Largo do Collegio, se acharam ruinas de edificios, os alicerces de um chafariz e os restos do aqueducto que para elle conduzia a agua.)

4.º freiras capuchas da Madre de Deus (franciscanas) fundado por D. Catharina, mulher de D. João III (e irman do imperador Carlos V) em 1527. Foi extincto pelos liberaes, e as freiras transferidas para as bernardas de Tavira.

Havia tambem um recolhimento de mulheres, ao qual dissiparam o que produziam os rendimentos, pelo que acabou.

Este recolhimento foi fundado por Catharina da Fonseca Henriques, viuva de Simão Soeiro de Sousa, que a elle se recolheu com algumas donzellas pobres. As casas eram d'ella, e as deixou por sua morte para o mesmo fim. Depois annexaram-o á Misericordia e por fim o venderam.

—

No ultimo quartel do seculo XVIII era bispo do Algarve o virtuoso e illustradissimo varão D. Francisco Gomes de Avellar, que antes de ser bispo tinha viajado pela Europa e residido algum tempo em Roma. D'esta cidade trouxera o gosto pelas bellas artes e o amor á agricultura.

A este sabio prelado deve o Algarve o desenvolvimento da agricultura, a plantação de olivaes, a sementeira das batatas, o aperfeiçoamento na apanha e sécca da uva, do figo e da amendoa, e muitos outros processos que elle indicava e recommendava em suas pastoraes, fazendo com que os parochos influissem os povos para as pôrem em pratica, o que concorreu poderosamente para o melhoramento material do Algarve.

Foi por suas diligencias que se construiram as formosas e utilissimas pontes de *Ludo, Marim, Cacella, Maxil* e outras.

Ao seu cuidado se deve tambem a construcção da calçada sobre o *Sapal* que conduz á barra de Portimão, e a de muitas outras estradas de incontestavel utilidade publica.

(Como nas provincias do Norte não sabem o que é *sapal*, direi aos que o ignorarem que sapal, é um pantano ou lesiria d'agua salgada. No Minho se lhe dá o nome de *pateira*)

Rara é a obra publica do Algarve feita no fim do seculo passado, de algum vulto, que ou pela construcção ou pela reparação, não recorde o nome do benemerito D. Francisco Gomes de Avellar.

Fundou tambem varias egrejas, estabelecimentos de instrucção e de caridade e reedificou ou ampliou outros.

Foi elle que construiu de novo o excellente hospital da Misericordia d'esta cidade, e o esbelto arco de cantaria lavrada que adorna a praça. Foi esta a ultima obra de D. Francisco, porque a morte lhe veio interromper os seus proveitosissimos trabalhos.

É composto este arco de duas columnas jonicas e cimalha corrida, em que assenta o nicho, dentro do qual está a imagem de S. Thomaz d'Aquino, que é de bello marmore branco, com 1m,80 de altura, que elle mandou vir de Italia. Foi feita esta estatua por Francisco Xavier Fabri.

A primeira egreja e casa da Misericordia, foram fundadas pelo bispo do Algarve, D. Affonso de Castello Branco, em 1583; posto que já antes um devoto houvesse applicado alguns bens seus, para tratamento de pobres doentes. O bispo D. Francisco Barréto (2.º) mandou fazer mais acommodações, e o cardeal Pereira fez novos reparos, em 1733. Quasi tudo cahiu em 1755.

A sua renda anda por dois contos de réis annuaes.

Faro está situada em uma planicie arenosa na margem esquerda do rio (ou esteiro) denominado de *Valle Formoso*, que, communicando com o Oceano a 9 kilometros de distancia, lhe forma um porto accessivel a barcos de navegação costeira e até a navios de 200 toneladas.

Em frente de Faro fica o *Cabo de Santa Maria*.

—

A Sé é um templo muito antigo, de 3 naves quadradas, sustentadas por columnas jonicas. N'ella esteve depositado o cadaver que se diz ser de D. Sebastião I.

Um dos conegos é *reitor* da freguezia e tem 4 curas *beneficiados*. A Sé foi edificada pelos godos. Desde 716, foi mesquita de mouros, até que, resgatada definitivamente Faro, do seu poder, foi purificada e tornou a ser templo christão, estabelecendo-se n'ella o collegio de Santa Maria, da Ordem de S. Thiago, d'onde depois passou para a egreja de S. Pedro, quando para a outra foi transferida a Sé.

A egreja de S. Pedro (da Ordem de S. Thiago) é antiga e mediocre. Tem prior, 2 beneficiados curados, com congruas, que antigamente eram pagas pela commenda, ás quaes juntava o prior, metade do pé d'altar das freguezias de S. Braz, Estoy, Santa Barbara, S. João da Venda, Olhão, Quelfes e Peixão, suas annexas. Tinha mais 2 beneficiados *simples*, nomeados pelo bispo e pagos pela *massa grossa* dos dizimos.

—

A egreja da Misericordia foi fundada em 1583, e o hospital, como já disse, por D. Francisco Gomes. Estes edificios são na praça. Ha tambem n'esta cidade a bonita egreja de S. Luiz e varias capellas.

Além d'estes edificios e dos conventos, os principaes da cidade são o paço do bispo, feito por D. Affonso Castello Branco, pelos annos 1590; o seminario diocesano, que se communica com o paço dos bispos; e a casa da camara, que fica proxima d'ambos.

O primeiro bispo que aqui houve, depois da mudança de Silves para esta cidade, foi o grande D. Jeronimo Osorio, escriptor bem conhecido e varão de muitas virtudes e acrisolado patriotismo; mas o que se intitulou primeiro bispo de Faro foi o dito D. Affonso Castello Branco.

As barras, que, como disse, estão a uns 9 kilometros da cidade, são estreitas e mudaveis, fazendo o rio (que é o maior do Algarve) muitas voltas e ilhotes de pouco fundo.

A posição de Faro é agradavel e a alvura e aceio de suas casas offerece uma bonita vista. Tem ruas espaçosas e em geral limpas e uma grande praça rectangular, cujo lado do sul deita para o rio, onde tem um

caes e um forte. N'esta praça ha mercado diario.

Faro é ainda considerada praça de guerra. Foi começada a fortificar com reductos para o lado do mar e com alguns baluartes para a parte de terra, nos fins do seculo XVII. Das fortificações antigas, reedificadas por D. Affonso III, ainda conserva o seu velho castello e muralhas torreadas. Dentro do castello ha bons quarteis militares. N'elles está hoje o 15 de infanteria.

Era Faro o quartel general do commandante da 8.ª divisão militar; mas pela reforma feita em novembro de 1869, passaram os districtos de Portalegre, Evora, Beja e Faro a pertencer á 4.ª divisão, e o quartel general passou a ser em Evora.

É residencia do governador civil do Algarve e mais auctoridades e empregados que competem á capital de um districto.

Tem um lyceu, um theatro e a respectiva alfandega.

Nos arredores da cidade ha alguns sitios aprasiveis. O da ermida de Santo Antonio do Alto, que é uma pequena elevação, proximo da cidade, offerece lindas e variadas perspectivas. O grande banco de areia a que chamam a *Ilha*, que juntamente com outras menores, divide a barra em dois canaes (*Barra Grande* e *Barreta*) é um logar de agradavel passeio, pela sua pittoresca situação e pela vista da cidade.

O termo de Faro é fertil e bem cultivado. Produz cereaes, azeite, vinho, e grande abundancia de figos, amendoas e alfarrobas, constituindo estes tres ultimos generos o ramo mais importante da sua agricultura, e do seu commercio de exportação. Tambem exporta muito peixe, principalmente atum.

Tambem exporta laranja, sumagre, assafroa (aqui chamada *assaflor*) cortiça, obras de esparto e de palma, etc., etc.

No mez de outubro de 1871 foi grande a exportação de figo, feita pela alfandega de Faro e suas delegações. O seu valor foi calculado em 222:449$490 réis, sendo o figo destinado para Bruxellas, Dunkerque, Nantes, Waardinger, Amsterdam, Antuerpia, Londres e Roterdam.

É tambem importantissima a exportação de minerio pela alfandega d'esta cidade. Para se fazer uma idéa aproximada do valor d'este ramo de industruia, note-se que, só em abril de 1873 se exportou minerio de cobre no valor de 22 contos e 600 mil réis.

Ha aqui feira a 16 de julho e 20 de outubro. E em Estoi (onde foi Ossonoba) a 10 de julho.

É famosa a festa que aqui se faz a S. Sebastião, e data de tempos antiquissimos.

—

Havia 16 annos que Portugal gemia no ominoso captiveiro do jesuitico Philippe II, quando uma esquadra ingleza fundeia em frente de Faro. Desembarca as suas tropas em Farrobilhas, e entram á força na cidade no dia 25 de julho de 1596. Depois de saquearem a povoação, e de lhe terem lançado fogo, tornaram a embarcar.

Era governador do Algarve Ruy Lourenço de Tavora, e bispo D. Fernando Martins Mascarenhas. Arderam então os archivos e cartorios antigos. Os inglezes ainda chegaram até á aldeia de S. Braz, talando e assolando tudo por onde passavam, e commettendo toda a sorte de atrocidades. Eram 3:000 homens commandados pelo duque de *Essex*.

A cidade ficou no mais lamentavel estado de miseria e ruina. O fogo devorára a maior parte dos seus edificios, e dos templos apenas escapou a egreja de S. Pedro e a da Misericordia.

A riquissima livraria do bispo D. Jeronymo Osorio foi levada pelos inglezes, para a sua Universidade de Oxford.

O diabo do meio dia (o usurpador Philippe II) por causa de quem soffremos estes e outros muitos roubos dos inglezes (em desforra da estupida guerra que aquelle lhes pretendia fazer) nenhumas providencias deu em favor d'esta desgraçada cidade, que pouco a pouco e com seus proprios recursos se foi levantando das suas cinzas.

Os habitantes de Faro foram sempre de extremado valor. Em 1616, resgataram do poder dos mouros uma não flamenga, captivando alguns mouros.

Em 1617, captivaram 70 turcos e o seu capitão.

Em 1620, tomaram uma *navêta* de turcos com toda a sua artilheria e armas de toda a qualidade, matando ou captivando a sua guarnição e tripulação.

N'esse mesmo anno de 1620, tomaram aos turcos 14 peças de artilheria, munições e todo o armamento.

Em 24 d'agosto de 1630, tomaram uma galé de turcos.

Em 1638, tomaram outra galé de turcos.

Tambem a gente de Faro concorreu com muita e luzida gente, navios e munições, para as guerras d'Africa.

Em 1722, um horroroso terramoto derruba muitos edificios, e muitos dos habitantes d'esta cidade, ficam sepultados debaixo das ruinas.

O terramoto do 1.º de novembro de 1755, que tanto mal causou a quasi todas as povoações do Algarve, tambem causou aqui enormes prejuizos, arruinando ou derrubando grande numero de edificios e fazendo muitas victimas.

—

Uma nodoa indelevel cahiu sobre alguns habitantes d'esta cidade e sobre as auctoridades de então. Foi o caso.

O bravo e fiel general *Thomaz Antonio da Guarda Cabreira* ainda general das armas do Algarve pelo sr. D. Miguel I (apezar das suas poucas forças e da invasão das tropas hespanholas) em 27 de maio de 1834: n'esse dia teve ordem do general em chefe (Lemos) para fazer depôr ás suas tropas as armas, entregando-as ás auctoridades liberaes, e mandando os officiaes e soldados para os depositos indicados na convenção d'Evora-Monte.

Cabreira cumprio rigorosamente as ordens do seu chefe e os artigos da convenção, recolhendo-se muito descansado a sua casa.

Os liberaes, faltando ao estipulado na convenção, o prendem e fazem conduzir, no meio de insultos á cadeia de Faro.

Então alguns malvados entram na prisão em pleno dia, e alli assassinam, a punhaladas, este bravo portuguez.

Os que praticaram este acto de malvadez, entraram na cadeia com as caras cobertas.

Tem Faro a incontestavel honra de ser a patria da nossa famosissima e valorosissima heroina *Brites* (ou *Breatiz*, como então tambem se dizia) *d'Almeida*, por alcunha a *Pisqueira*, conhecida nos fastos militares portuguezes pelo titulo de *Padeira d'Aljubarrota.*

Não se sabe ao certo quando nasceu, mas é provavel que fosse ahi por 1345; porque, segundo os nossos historiadores, tinha ella pouco mais ou menos 40 annos, no dia da gloriosissima batalha e victoria de Aljubarrota (14 de agosto de 1385).

Era tão alta como o homem mais agigantado; magra, mas corpulenta, de semblante feio, pallido e triste. Tinha os olhos muito pequenos em proporção do tamanho do rosto, e por isso era alcunhada *Pisqueira.*

Seu cabello era aspero, o nariz adunco e grande a bôcca. Tinha 6 dedos em cada mão.

Era filha de paes humildes e laboriosos. Ficando orphan aos 26 annos, gastou a maior parte do que herdara de seus paes em aprender a jogar as armas. Arrendou depois uma fazenda em Loulé, e ahi vivia.

Um soldado Alemtejano, namorado do valor d'esta virago (já se vê que do *physico* não podia ser) lhe pediu a mão d'esposa. Ella respondeu-lhe que brigassem, e que se fosse vencida, casaria com elle. O soldado acceitou, mas perdeu a vida no combate.

Para evitar a prisão, fugio *Brites* para Faro, embarcando-se ahi, sósinha, com destino a Andaluzia, em uma lancha; mas sendo o vento contrario, a arremessou ao mar largo, onde foi feita captiva d'um chaveco argelino.

Em Argel foi vendida a um mouro rico. Este, tendo mais dois escravos portuguezes, Brites os convenceu a fugirem todos trez. N'uma noite mataram quantos mouros havia em casa e embarcaram em uma lancha, que tinham já de prevenção na praia; mas sem terem a precaução de levarem alimentos.

Quatro dias luctaram contra as ondas sem comerem nem beberem, até que finalmente chegaram á *Ericeira.*

Temendo ser reconhecida, vestiu-se de homem e se fez almocreve. N'este modo de

vida teve uma desordem com outro almocreve e o matou, pelo que foi presa para as cadeias de Lisboa.

Conseguiu livrar-se e foi para *Vallada*, onde pouco se demorou, ajustando-se para Aljubarrota como criada de uma padeira. Viveu oito mezes e meio com a ama, e, morrendo esta, ficou *Brites* com a padaria, ganhando a sua vida honestamente.

Casou, logo depois da batalha, com um lavrador rico, de quem teve uma filha, que por sua morte (provavelmente em 1393) tinha seis annos.

Morava na *Rua Direita*, em uma casa pegada ao celleiro dos frades d'Alcobaça; a qual casa, por morte de Brites, foi de uma mulher chamada a *Tubarôa*, e esta casa depois se annexou ao mesmo celleiro

Para o mais vide Aljubarrota.

—

O terramoto do 1.º de novembro de 1755 arrazou quasi todos os edificios de Faro. A Sé só teve uma fenda. Morreram 250 pessoas.

Governava então as armas do Algarve o arcebispo *D. Fr. Lourenço de Santa Maria*, o qual, salvando-se por entre as ruinas do seu palacio, que todo foi a terra, deu logo energicas providencias, e distribuiu muitas esmolas na cidade e por todo o Algarve.

O mar aqui sahiu pouco do seu leito ordinario.

Em 13 de janeiro de 1757 um medonho furacão (ou cyclone) deitou por terra a egreja de S. Pedro d'esta cidade. N'esse mesmo dia, no convento do *Cabo de S. Vicente*, pelas 2 horas da tarde, matou algumas pessoas. (Vide Algarve.)

—

São dependentes de Faro—o *Forte Novo* e as baterias de *Ancão, Barrêta, Barra Nova* e de *Olhão*.

Eu supponho que Faro já existia quando florescia Ossonoba, e que era uma especie de cidadella d'esta ou ponto fortificado, para guardar a embocadura da sua barra e surgidouros.

Ossonoba, capital do Algarve, e seu governo, estavam sujeitos ao *convento juridico pacense* (de Beja) mas documentos irrefragaveis provam ter Ossonoba um governo democratico, composto de uma junta governativa (ou coisa que valia o mesmo) e seis membros (ou *tribunal sevirato*) como republica distincta e populosa.

Os outros pontos do Algarve eram governados por *duumviratos* ou *quadrumviratos*; ou por delegados do Cesar, investidos do poder consular.

Uma lapide que existe na casa da camara de Faro prova esta verdade, pela inscripção que contem, cuja copia é a seguinte:

M. CORNELIVS ERIDANVS. G. IVNIVS. RECEPTVS.
OB HONOREM IIIIIIVIR. D. S. P. DD.
MARCVS CORNELIVS HERIDANVS,
GAIVS JVNIVS RECEPTVS.
OB HONOREM SEVIRATVS,
DE SVA PECVNIA DEDICARVNT.

Isto é—*Marco Cornelio Eridano e Gaio Junio Recepto, por causa da honra de sevirato, dedicaram esta lapide á sua custa.*

Esta lapide veio de Ossonoba e esteve em differentes sitios de Faro, até que, em 1846, estava embebida na muralha do arco da *Porta da Villa*, proximo á casa da guarda. A camara, a pedido do sr. B. J. de Senna Freitas, a collocou no frontispicio dos paços do concelho, no 1.º de junho d'esse anno de 1846.

Tal era a honra de ser do sevirato de Ossonoba, que os eleitos mandaram gravar esta lapide para perpetuar esta honraria.

(Tudo quanto se desejar saber sobre antiguidades de Faro, que não vá aqui, procure-se em Estoi, Milreu (ou Mirleu), Ossonoba e Trindade (Campo da).

—

Em Faro havia, em 1872, quatro macrobios, a saber:—Thereza Gomes, viuva de José Gomes, do sitio da Boa Vista, com 110 annos. Governa a sua casa e está no gozo de todas as suas faculdades—Maria Thereza, tambem viuva, com 109 annos, com perfeita saude e são juizo—Isabel Correia, com 101 annos. Não tem molestia alguma, apenas soffre alguma falta de vista, e, finalmente—José Gonçalves Borrêga, com 96 annos, que

governa perfeitamente a sua casa e trata de todos os seus negocios.

—

Em agosto de 1873, constituiu-se n'esta cidade uma commissão de 27 cavalheiros, cujo utilissimo fim é a construcção de um asylo de mendicidade. D'entre estes senhores foi eleita uma commissão directora para solicitar subscriptores e encarregar-se dos mais trabalhos preliminares, para se levar a effeito este caridoso estabelecimento.

Honra a estes nobres patriotas que tão bem sabem comprehender uma das principaes virtudes da religião catholica.

—

Faro póde ter orgulho de ser a patria de muitos varões illustres, nas virtudes, nas lettras e nas armas. Já fallei na famosissima Brites d'Almeida, a *Padeira d'Aljubarrota*, mencionarei agora alguns dos principaes filhos d'esta terra.

Pelos annos de 1513, aqui nasceu Antonio Pinheiro, mancebo valorosissimo. Na edade de 25 annos, só com outro companheiro, tambem mancebo, sustentaram, de cima de um andaime, fóra da parede do *baluarte dos Rumes*, na fortaleza de Dio, o combate dos turcos, que em grande força accommetteram a praça, na tarde de 27 de setembro de 1538, matando os dois intrepidos portuguezes muitos inimigos ás lançadas e ficando ambos gravemente feridos.

—

Pelos annos de 1520, aqui nasceu Francisco Barrêto, filho do grande Ruy Barrêto, fronteiro-mór do Algarve, e de D. Branca de Vilhena. Foi para a India por capitão-mór de tres naus e governador de Baçaim. Depois governou os estados da India (16 de junho de 1555) por morte do vice-rei D. Pedro Mascarenhas.

Foi substituido por D. Constantino de Bragança, em 1558.

Na volta ao reino, foi governador das *galés*, com as quaes se achou na tomada de *Penhão de Vellez*, em 1564, a favor de Castella, onde praticou taes acções de valor, que o rei hespanhol lhe escreveu uma carta de elogio e agradecimento, e lhe deu o seu retrato, preso a uma rica cadeia de ouro.

Foi depois feito capitão governador dos reinos que estão desde o Cabo das Correntes até ao Cabo Guardafú; e encarregado da conquista do imperio de Monomotapa, para onde partiu a 18 de abril de 1569, fallecendo ahi de molestia.

Foi casado duas vezes; da primeira mulher teve dois filhos, Ruy Nunes Barreto, que foi com seu pae á conquista e morreu em Rios de Sena, e Luiz da Silva Barreto, que foi morto em Goa n'um desafio.

—

Aqui nasceu, pelos annos de 1540, Belchior Vieira, um dos melhores *espingardeiros* que passaram á India, onde obrou prodigios de valor, principalmente nos cêrcos da fortaleza de Ito, em 1569; cuja conservação foi devida ás maravilhas que alli obrou nos dois cêrcos; sendo preciso levarem-o de cadeirinha para uma guarita, por estar doente de cama. No primeiro cêrco matou o *caciz* que commandava os ternates e no segundo, Ben-Aviah, commandante da gente de Tidore, além de grande numero de inimigos.

D. João III o fez fidalgo da sua casa, dando-lhe o habito de Christo, com uma boa tença, brasão d'armas, e querendo que se chamasse Belchior Vieira Ternate.

—

Pelos annos 1600, nasceu aqui Dionisia Antonia da Encarnação. Era filha de gente *ordinaria*, mas não obstou isso a que fosse muito instruida em philosophia, mathematica, astronomia e architectura. Tambem desenhava e pintava com muito mimo e gôsto.

—

Aqui nasceu, pelos annos de 1746, Francisco José da Horta Machado, filho de João Carlos de Miranda e Horta e de D. Maria Benta. Foi embaixador na Russia e na Austria, de grande erudição, e prestou relevantes serviços ao paiz.

Juntou o mais rico museu numismatico que havia em Portugal, e pelo qual, ainda em 1835, havia quem désse 8:000$000 réis.

Foi commendador da Ordem de Christo, do conselho de sua magestade e do da fazenda; socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 22 de maio

de 1780, e socio livre em 30 de novembro de 1809. Morreu em Lisboa, em 1817.

—

N'esta cidade nasceu em 1753, Antonio José da França e Horta, irmão do antecedente. Foi conego d'esta Sé, mas abandonou a sua cadeira, para ser militar, sentando praça no regimento de infanteria de Tavira. Era formado em philosophia e mathematica pela universidade de Coimbra. Sendo já tenente coronel aggregado, do regimento de artilheria da côrte, foi posto fóra por Junot, no 1.º de agosto de 1808, por ter hido para o Brasil. No Brasil, foi nomeado capitão general e governador da provincia de S. Paulo; sahindo d'este logar (mais pobre do que entrou) em 1818. Foi reformado em marechal de campo e nomeado conselheiro da fazenda do Rio de Janeiro, d'onde regressou ao reino com a familia real, em 1821.

Morreu em Lisboa no principio do anno de 1823.

No seculo XVIII floresceu *Antonio dos Santos da Cruz*, natural d'esta cidade, primoroso esculptor de grande fama.

A 11 de novembro de 1764, aqui nasceu *Carlos Frederico Lecor*, filho de Luiz Pedro Lecor e de D. Quiteria Maria Krusse.

Sentou praça no regimento d'artilheria de Faro. Sendo primeiro tenente, embarcou com um destacamento, para a Bahia. Foi feito capitão, ajudante d'ordens do marquez d'Alorna. Não querendo acompanhar para França, em 1808, este *fidalgo* (que foi um dos muitos que se venderam a Buonaparte) emigrou para Inglaterra.

Expulso de Portugal o execrando Junot, regressou Lecor á patria, com a Leal Legião Lusitana. Distinguiu-se nas campanhas da Peninsula, e, commandando a 6.ª brigada d'infanteria, assistiu ás batalhas de Victoria, dos Pyreneus e de Zugaramundi.

Commandou a 7.ª divisão do exercito alliado, na batalha de Nivelle, e uma divisão portugueza na de Nive.

Sendo marechal de campo, commandou o exercito portuguez, no regresso de França, em 1814. Em toda a parte se portou com extremado valor.

Nomeado tenente general, em 1815, conduziu ao Brazil a brilhante divisão dos Voluntarios Reaes d'El-Rei, com a qual passou em 1817 ao Rio da Prata, onde em poucos dias conquistou a cidade de Montevideu e a banda oriental; cujos estados governou até 1828, em que voltou ao Rio de Janeiro, onde foi feito marechal do imperio. Tinha sido feito barão de Lagúna, em 6 de fevereiro de 1817.

Na guerra da separação do Brazil, esquecendo-se que era um militar portuguez e de quanto devia a Portugal e a D. João VI, bandeou-se com os inimigos da patria, que renegou, e se fez general ao serviço do sr. D. Pedro, perseguindo encarniçadamente a bandeira das Quinas e os portuguezes fieis á patria! Assim deslustrou uma carreira honrosa de 30 annos de serviços! o sr. D. Pedro o fez visconde de Lagúna. Tinha casado em Montevideu. Morreu no Rio de Janeiro, em 2 de agosto de 1836.

É preciso notar—a independencia e autonomia do Brasil, foi um acto justo, previsto e naturalissimo. Os brasileiros praticaram acção heroica pugnando pela sua emancipação, e os mesmos portuguezes residentes no Brazil em 1820, e que nenhum juramento ligava ao seu rei e á sua patria, fizeram muito bem em preferir o Brazil a Portugal; mas os militares, que tinham solemnemente jurado defender a bandeira das Quinas, ou morrer a seu lado; e os ministros, magistrados e todos os mais empregados publicos que, tambem por juramento, tinham promettido obediencia e fidelidade, não podem deixar de ser indelevelmente manchados com a nódoa de *traidores*, conspirando-se contra a sua patria e guerreando e insultando a gloriosa bandeira *Portugueza*

—

Aqui nasceu em 4 de outubro de 1808, Sebastião Francisco Severo Drago Valente de Brito Correia Lacerda Green Cabreira. Era filho de Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira (general) e de D. Maria Amelia Alves Pinheiro Correia de Lacerda Green, senhora de origem ingleza.

Sentou praça de cadete, em artilheria n.º 4 (de cujo regimento era então seu pae coronel) em 23 d'agosto de 1820, e feito alferes, em 18 de setembro d'esse anno. Em 1828

foi despachado tenente de infanteria n.º 18. Seguiu o partido liberal e assistiu ás acções da Ega, Venda do Cégo, Cruz dos Morouços e Ponte do Vouga. Emigrou para a Galliza, e d'alli para a Inglaterra e depois para a Ilha Terceira, onde já estava seu pae, e seu tio, o general Diocleciano Leão Cabreira (que depois foi barão de Faro.

Desembarcou em Arenosa de Pampellido, a 8 de julho de 1832. Assistiu á batalha de Souto Redondo (7 d'agosto de 1832) e logo depois foi feito capitão. Foi para a Hespanha com a divisão auxiliar, e foi feito major, quando regressou a Portugal. Na guerra chamada dos *Marechaes* (1837) sendo commandante de caçadores n.º 2, salvou a vida ao marquez de Sá da Bandeira, que estava a ponto de ser apunhalado, na procissão de Corpo de Deus, em Lisboa; e apaziguando o tumulto que pretendia assassinar Antonio Bernardo da Costa Cabral (conde de Thomar) e José da Silva Carvalho.

Casou, em 10 de janeiro de 1842, com a senhora D. Guilhermina Henriqueta Peixoto d'Almeida e Silva.

Em 1751, sendo coronel commandante de caçadores n.º 5, foi promovido a brigadeiro (general de brigada, como hoje se diz) e feito barão de Nossa Senhora da Victoria da Batalha.

Em 1852, foi feito governador da torre de S. Julião da Barra (Lisboa) fazendo então varios melhoramentos n'esta fortaleza. Tambem, por sua iniciativa, se construiu então, no *Campo da Cruz do Alqueidão*, um monumento á memoria do general Gomes Freire de Andrade, que foi enforcado por sentença do concelho de guerra (depois de exautorado das honras militares) promovido pelo marechal Beresford, em 18 de outubro de 1817, em frente d'esta torre. (Outros infelizes companheiros de Gomes Freire, foram, no mesmo dia, enforcados, no Campo de Sant'Anna (Lisboa) e depois queimados e suas cinzas lançadas ao mar.)

O crime d'estes desgraçados era pretenderem sacudir o jugo dos inglezes; mas devemos notar que Gomes Freire tinha sido traidor á sua patria, bandeando-se com os francezes, inimigos d'ella, e feito, desde 1807 até 1814, a guerra contra as nações nossas aliadas.

Era este um dos pontos principaes da accusação contra elle.

Tornemos ao barão da Batalha.

Em 1856, foi governador da praça d'Abrantes, onde tambem fez notaveis melhoramentos nas fortificações. (Vide Abrantes.)

Em 1862, foi feito vogal do supremo concelho de justiça militar, e em 1867, foi nomeado presidente dá commissão militar, que devia assistir ás manobras do *Campo de Chalons*, para onde foi. Morreu em Paris, a 12 de novembro de 1868.

Tinha sido por varias vezes ferido e algumas gravemente.

Sendo um valente militar, era ao mesmo tempo de trato afavel, extremoso amigo dos seus soldados (de quem era amado.) Ear bondoso, caritativo, nunca negando esmola a quem lh'a pedia.

Finalmente, era um verdadeiro portuguez e um brioso e intrepido militar, digno de outras eras.

—

O districto administrativo de Faro, comprehende 13 concelhos, todos no bispado do Algarve, que são:

Albufeira, Alcoutim, Castro-Marim, Fáro, Lagôa, Lagos, Loulé, Monchique, Olhão, Silves, Tavira, Villa-Nova de Portimão e Villa Real de Santo Antonio.

A sua comarca tem dois julgados, Faro, com 5:600 fogos; e Olhão, com 3:650.

O concelho de Fáro é composto de seis freguezias, que são:

Alportel, Estoy, Nexe, Conceição e as duas da cidade.

—

Em 1757, tinha Fáro as mesmas duas freguezias que tem actualmente.

Nossa Senhora da Assumpção, ou Santa Maria Maior (Sé) com 1:080 fogos. O parocho era reitor, e denominava-se vulgarmente conego reitor. Era apresentado alternativamente pelo papa e pela mitra. Tinha de rendimento 220$000 réis.

S. Pedro tinha, em 1757 747 fogos. O prior era apresentado pelo tribunal da Mesa da Consciencia, e tinha 221 alqueires de trigo,

150 de cevada, 10 almudes de vinho e em dinheiro 19$000 reis: tinha metade do pé d'altar das freguezias d'Estôy, Santa Barbara, S. João da Venda, Olhão, Quelfes, Pexão e suas annexas.

—

O sr. Francisco Pedro da Silva Soares, commerciante da praça de Fáro, está construindo (1874) na mesma cidade um bello theatro, no gosto moderno.

—

FARREJAL—aldeia, Extremadura, termo de Leiria. É a palavra arabe *farrejal*, composta de *farr* (a fugida) e *rejal* (os homens). Vem a ser—*povoação da que foje aos homens*—da esquiva.

(Não se confunda com *ferragial* ou *ferregial*, que é campo de *ferran*—herva.)

FARROBILHAS ou **PEDREGOSA**—aldeia, Algarve, freguezia, concelho e 3 kilometros ao O. de Faro, proximo á *Barrêta*. Ha aqui boas marinhas de optimo sal, armazens para elle e cabanas de pescadores.

Houve aqui uma povoação fundada pelos moradores de Loulé, com boa egreja e uma torre para defesa do porto, pelos annos de 1460.

Supponho que o terramoto de 1722 deu cabo d'esta povoação e da sua torre (que consta ter sido uma das melhores do Algarve) Não ha hoje o minimo vestigio d'isto.

A 3 kilometros ao O. de Farrobilhas desagúa o ribeiro de *Ludo*. Ha aqui tambem outras marinhas de excellente sal e terras de lavoura muito ferteis, nas margens do ribeiro. Ainda mais adiante, a O., ha as marinhas d'*Ancão*.

Em Farrobilhas desembarcou, em a noite de 24 para 25 de junho (outros dizem de julho) de 1596, o duque d'Essex (irmão da rainha d'Inglaterra) com 3:000 inglezes, e d'aqui foram roubar e incendiar Faro.

FARROBO (Quinta do)—Extremadura, no Monte-Gordo, immediações de Villa Franca de Xira, sobre a margem direita do Tejo. É uma das melhores propriedades do districto de Lisboa. É d'ella que tomou o titulo o sr. conde do Farrôbo (até então barão de Quintella) e seu filho, o actual 2.º conde do Farrobo e 3.º barão de Quintella.

Esta quinta foi arrematada em praça publica, e a comprou, em 20 de março de 1874, por 112 contos de réis, o fidalgo hespanhol, o sr. *conde de Torres Novaes*, que é o seu actual proprietario.

(Para se saber a razão por que foi anniquilada a casa Farrôbo, uma das mais ricas de Portugal. (Vide a *Hist. Chron. de Port.*, no fim d'esta obra.)

FARROPO—portuguez antigo—bezêrro, pôrco ou carneiro grande, castrado. Applica-se mais frequentemente ao bezêrro ou touro.

FARTO—portuguez antigo—*muito*.

FATAÚNÇOS e **FOLGOSA**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Vousella, 18 kilometros de Viseu, 275 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha Folgosa 208 fogos.

Orago S. Carlos Borromeu.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

N'esta freguezia, e proximo á aldeia de *Bandabizes* (ou *Vendavizes*) está a propriedade da *Torre*, que é da familia dos *Lemos*, da casa da *Areia*, em Avanca. (Hoje pertence á sr.ª D. Maria José de Lemos, viuva do doutor medico Manuel da Costa Pinto Basto, d'Oliveira d'Azemeis.)

Ha n'esta propriedade uma antiquissima torre, que dá o nome á quinta, e se chama *Torre dos Mouros*, ainda em bom estado.

É quadrada, e serviu em tempos remotos de habitação, como se vê dos cachôrros que sustentavam os pavimentos, e ainda mostra claros vestigios de ter sido coberta de telha.

Esta torre é na freguezia de Folgósa, annexa a Fataunços.

É tradição que, depois da expulsão dos mouros d'estas terras, foi solar dos Figueiredos, de Figueirêdo das Donas.

Esta freguezia, como todas as da antiga comarca de Lafões, é terra muito abundante d'agua, muito fresca, aprasivel, saudavel e fertil.

Cria muito e optimo gado. As suas vitellas, como as de todo o valle de Lafões, são de um gosto especialissimo. Tem colmeias, caça e pesca.

Aqui nasceu em 1820 o sr. *José Lourenço*

de Sousa. Filho de paes humildes, laboriosos e honrados, foi na adolescencia para a cidade do Porto, empregar-se como caixeiro. Á sua honradez e á sua perseverança no trabalho, deveu unicamente o vir a ser dono de uma boa typographia e de algumas boas moradas de casas.

Mas nem por estar a 70 kilometros de Fataunços se esqueceu da terra que lhe deu o ser, antes fez mais do que outros mais ricos e poderosos d'alli podiam fazer, se quizessem.

Fundou em Fataunços, em umas casas suas e á sua custa, uma bôa escóla de instrucção primaria, em 1870, e é já actualmente muito concorrida. Deu á mesma escóla uma escolhida bibliotheca, composta de numerosos livros rudimentares, indispensaveis aos discipulos, e mesmo outros muitos de reconhecida utilidade para os proprios adultos que se quizerem instruir.

Honra a este benemerito e prestante patriota que tão bem soube applicar os seus haveres. Morreu na cidade do Porto, em 1871.

—

Tambem em Fataunços é o solar dos Mellos, de que ha por estas circumferencias muitas e nobres familias. Um dos ramos principaes d'esta familia, procedente de D. Maria Izabel de Mello, são os Castros de Côvo (proximo a Oliveira de Azemeis—vide Côvo) á qual familia pertence a actual senhora condessa da Ribeira, residente á Junqueira, em Belem.

Ainda existe o paço dos Lemos de Fataunços. É antiquissimo e está em ruinas. Pertence ao sr. Antonio Carlos de Castro e Lemos Magalhães e Menezes, do Côvo, tio da referida condessa.

—

O real padroado apresentava o abbade da Folgosa, que tinha 500$000 réis de rendimento.

O *Portugal Sacro e Profano* não traz a freguezia de Fataunços.

FATELLA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, 45 kilometros da Guarda, 250 ao E. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Muito fertil, cria gado e caça.

O commendador do mestrado da ordem de Christo apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

FATIMA—freguezia, Estremadura, comarca de Thomar, concelho de Villa Nova d'Ourem, 18 kilometros de Leiria, 125 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 255 fogos.

Orago Santo Antonio, e antigamente Nossa Senhora dos Prazeres.

Bispado de Leiria, districto administrativo de Santarem.

O cabido da collegiada de Ourem apresentava o cura, que tinha 80$000 réis.

Fatima é a palavra arabe *Fatema* ou *Fatma*, nome proprio de mulher.

Tomou esta freguezia o nome de *Fatima*, por ser o de uma nobre e formosa moura, assim chamada, que era senhora d'Ourem e d'esta freguezia.

Estando ella em Alcacer do Sal, que estava cercada por D. Affonso Henriques, sahiu da villa na madrugada do dia 24 de junho de 1158, com alguns familiares seus, mas foi captiva pelo templario *Gonçalo Hermigues.* (N'esse mesmo dia se tomou Alcacer do Sal aos mouros.)

Gonçalo Hermigues era joven, bravo e poeta; e Fatima era uma perfeita formosura oriental. Viram-se, pois, e amaram-se. Fatima deixou a lei de Mafoma e baptisou-se, tomando então o nome de *Oriana* ou *Ouriana*, e casou com Gonçalo Hermigues. Vide Ourem.

FAVAIOS—villa, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Alijó, 20 kilometros ao N. E. de Villa Real, 4 a E. de Penhão, 4 ao O. do Tua, 7 ao N. de Douro, 98 ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 400 fogos (1:600 almas).

Em 1757 tinha 240 fogos.

Orago S. Domingos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Foi concelho com 1:110 fogos, supprimido em 1855. (Vide Villarêlho.)

É povoação antiquissima, e já existia no tempo dos romanos com o nome de *Flavia* ou *Flavias*.

É situada na falda de uma serra granitica. Tem um bello chafariz de boa agua, muito antigo.

A egreja matriz é um templo vasto e aceiado, tambem bastante antigo, e a sua torre é muito alta; a maior de toda a provincia.

Tem uma nascente d'aguas mineraes (ferreas).

É fertil em azeite, castanha e muita qualidade de fructa, cereaes e optimo vinho de embarque.

D. Affonso II lhe deu foral, datado de Balsemão, a 29 de outubro de 1211.

D. Affonso III lhe deu outro foral em Lisboa, a 10 de julho de 1270; e D. Diniz outro, em Lisboa, a 20 de julho de 1284.

D. Manuel lhe deu novo foral em Lisboa, a 15 de julho de 1514.

Foi dos marquezes de Tavora, e passou para a corôa em 1759.

Perto d'esta villa, entra na direita do Douro o ribeiro *Roncão*, que nasce nas serras situadas ao Sul de Murça de Panoyas.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 200$000 réis de rendimento.

É patria de Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, auctor do um *Diccionario Geographico Abreviado de Portugal*, publicado em 1852, que era o unico moderno que existiu até 1863, e pelo qual todos se regulavam apezar dos muitos erros e bastas omissões que continha.

Tem aqui apparecido cippos, inscripções e outras antiguidades romanas.

Segundo João de Barros, foi esta povoação fundada pelos flavios, no I ou II seculo da nossa era.

FAVÕES—freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes, 54 kilometros a E. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago S. Payo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Foi da comarca de Soalhães, concelho de Bemviver, depois passou para a comarca e concelho de Bayão e ultimamente para a de Marco de Canavezes.

—

É n'esta freguezia a quinta da *Casa Nova*, na qual viveu Julio Giraldes, corregedor no Minho, e Traz-os-Montes, no reinado de D. Fernando. Falleceu em 30 de janeiro de 1419.

O papa, o bispo e o convento de S. João de Alpendurada (bentos) apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de rendimento 280$000 réis.

FAYÃO—vide Faião, Fajão e Arrifana de Sousa.

FEBRES e **BUEIRO**—são duas freguezias annexas, que já estão descriptas na palavra Bueiro; mas officialmente diz-se Febres. São na provincia do Douro, comarca e concelho de Cantanhède, 30 kilometros a O. de Coimbra, a cujo bispado e districto administravo pertence. Tem 890 fogos, e é seu orago Nossa Senhora da Conceição.

O *Portugal Sacro* não traz nenhuma d'estas duas freguezia.

FEDEGOSA—portuguez antigo, de mau cheiro, fedorenta.

Ha duas aldeias d'este nome.

FEIJÕES e **FEIJOZES**—vide Fajões e Fajozes.

FEIRA (S. Sebastião da)—villa, Douro. comarca da Tábua, concelho de Oliveira do Hospital. (Até 1855 era da comarca de Gouveia, concelho de Penalva d'Alva) 54 kilometros a NE. de Coimbra, 240 a E. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 31 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Chamava-se antigamente S. Sebastião de Riba d'Alva, e é este o nome que tem no foral que lhe deu D. Manuel, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514.

A mitra apresentava o prior, que tinha de rendimento 80$000 réis.

FEIRA—villa, Douro, 26 kilometros ao S. do Porto, 84 ao N. de Coimbra, 30 ao N. de Aveiro, 12 ao ONO. de Oliveira de Azemeis, 10 ao N. de Ovar, 280 ao N. de Lis-

boa, 500 fogos (2:000 almas) na comarca e concelho 9:000 fogos.

Em 1757 tinha 297 fogos.

Orago S. Nicolau.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Situada em terreno muito accidentado, mas pittoresco e aprasivel, passando pelo meio da villa o rio *Lavandeira*, atravessado na rua por um optimo pontão, da largura d'ella, e no fim do Rocio por uma ponte de pedra, feita por D. Manuel, em 1512.

O reitor do convento de Santo Eloy, d'esta villa, apresentava o cura, que só tinha o pé d'altar.

Seus arrabaldes são muito abundantes de agua, ferteis e saudaveis, semeados de boas quintas e bonitas casas de campo. Varios e formosos cabeços, em parte cultivados e em parte cobertos de frondoso arvoredo, dão abrigo e poesia a esta villa.

Ao SO. d'ella e sobre o maior e mais elevado cabeço dos que a circundam, se ostenta, desafiando as injurias do tempo, o seu nobilissimo e venerando castello, e a sua famosa *torre de menagem*.

—

Pelos annos 390 antes de Jesus Christo, uma colonia de gallos-celtas fundou esta povoação, a que deu o nome de *Lancobriga*.

Querem alguns que o chefe d'esta colonia se chamasse *Lanco*, e que d'elle tomou o nome a povoação. Na verdade, em celta, *Lancobriga* significa *povoação* (ou *cidade de Lanco*.)

Outros escriptores porém, remontam a fundação d'esta villa ao anno do mundo 1920, isto é, 2084 antes de Jesus Christo! Dizem estes que o seu fundador foi Brigo, 4.º rei de Hespanha. Estes fundam-se unicamente na terminação *briga*, e não adduzem facto algum por onde se possa provar tamanha antiguidade. Quanto mais, está hoje provado que *briga* é palavra celtica; que significa povoação, cidade, etc. E que, se em alguns casos *briga* indica a povoação fundada por Brigo ou em sua honra (o que podia ser muitos annos depois da sua morte) na maior parte d'elles não exprime senão cidade ou povoação.

A Feira, como todas as mais povoações da Peninsula, teve que soffrer as tristes consequencias das interminaveis guerras da edade media, até que a Lusitania cahiu no 1.º seculo de Jesus Christo, exhausta de forças e quasi reduzida a mulheres e creanças, em poder dos romanos.

Estes, que achavam barbara a terminação *briga* em tantas povoações da Lusitania, a *alatinisaram*, mudando-a para *brica*, e aqui temos *Lancobriga* chrismada em *Lancobrica*.

Foi cidade de muita importancia no dominio romano e por aqui proximo passava a *via militar* que de *Merida* (então capital da Lusitania) vinha a *Conimbrica* (Condeixa a Velha) *Talabrica* (Aveiro) *Lancobrica* e *Cale* (Gaia) onde terminava. (Vide S. Felix da Marinha.)

No seculo IX, vendo os arabes que a *via romana* era muito dispendiosa, por ser preciso concertar-se com muita frequencia nos pantanos por onde passava, fizeram uma nova estrada de Coimbra ao *Porto de Cale*, pela cidade de *Æminium* (Agueda) e quasi pelo leito da actual estrada de Lisboa para o Norte.

A esta nova via se ficou chamando *estrada mourisca*, e durou muitos annos. (Vide Mourisca.)

Quando os povos do Norte invadiram a Luzitania, ficou Lancobrica pertencendo aos visigôdos (vulgarmente gôdos.)

Ha toda a probabilidade para crer que os gôdos fôram os constructores do castello. Attesta-o a sua architectura e as suas *séteiras* em fórma de cruz. (As *séteiras* das fortalezas arabes tinham a fórma de um crescente.)

Durante o dominio romano e no principio do gothico, pertencia *Lancobriga* ao bispado de *Merida*. Os godos, creando o bispado de Coimbra, desmembraram do de *Merida* todo o territorio entre o Mondego e Douro, e outras mais terras, para constituirem o novo bispado. Ficou pois *Lancobriga* a pertencer ao bispado de Coimbra até 1195, em que passou a ser do bispado do Porto. (Vide Grijó.)

Parece que durante a dominação agarena, conservou *Lancobriga* o seu permittivo

nome: pelo menos não ha prova do contrario.

Os christãos hiam resgatando, palmo a palmo, do poder dos arabes, o solo querido da patria. Já quasi toda a provincia do Minho até á cidade do Porto era christan. Então os reis de Leão e Oviedo deram aos seus cavalleiros as terras que elles resgatassem ao sul do Douro, as quaes se denominariam *Terras de Santa Maria.*

Já disse que o castello tem indicios incontestaveis de ser construcção gothica, o que não quer dizer precisamente que foi construido durante os tres seculos do seu dominio na peninsula; porque a architectura gothica sobreviveu muitos seculos á essa epoca; todavia suppõe-se que quando os arabes occuparam a Feira já existia o castello.

O que é certo é que, no anno 990, reinando em Castella D. Bermudo II (o *Gotoso*) dois illustres condes, chamados Mem Guterres e Mem Lucidio, juntos com os senhores do Marnel (todos do sangue dos reis de Leão) estando Lancobriga abandonada e quasi destruida, a reedificaram e povoaram de christãos, construindo-lhe então (ou reedificando-lhe) o seu nobre castello, fortissimo para aquelles tempos, em que ainda não havia artilheria.

Estes condes deram então á velha Lancobriga o nome de *Villa de Santa Maria*, e a todo o territorio desde a margem esquerda do Douro até ao Caima, e desde o Oceano até ao rio Arda, o nome de *Terra de Santa Maria*. Isto, como já disse, em cumprimento das ordens do rei.

Os descendentes de Mem Guterres, Mem Lucidio e dos senhores do Marnel, tinham o nobre titulo de *infanções antigos de Santa Maria*. (Vide *infanções*).

Em tanta conta tinham os antigos reis de Castella e os primeiros reis portuguezes a Terra de Santa Maria, que todo o cavalleiro aqui nascido tinha os foros e privilegios de *infanção*, e todos os peões tinham o foro de cavalleiros. Foram os primeiros infanções que houve em Portugal.

Assim o declara D. João I, nos privilegios que deu ao Porto, Braga, Guimarães e outras povoações, e o mesmo se vê de uma sentença de 3 de julho de 1486, transcripta por *Pêgas*. (Tom. 7.º, pag. 377.) Em 1337, havia na Terra de Santa Maria 24 casas de infanções.

Quando o conde D. Henrique tomou posse de Portugal, em 1093, confirmou todos os foros e privilegios da Terra de Santa Maria, e lhe deu foral em 1109, declarado nas *inquirições* tiradas no mez de agosto de 1251. (Maço 8.º dos foraes antigos, n.º 1. Torre do Tombo.) Já n'este foral se dava a esta povoação o titulo de villa.

D. Affonso III lhe deu foral em 1270. (Franklin não falla n'este foral).

D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514. Este foral não é só da villa, o seu titulo é—*Foral da Terra de Santa Maria.*

Comprehende as seguintes povoações:

Anta d'Ermujães (hoje Anta, freguezia do litoral á qual pertence Espinho); Arada; Azevedo da Bailia; Azevedo de Sayões (Azevedo, aldeia da freguezia de Gião); Azeveduce (Azevedo, aldeia da freguezia das Caldas de S. Jorge); Barrella; Burgo d'Arrifana (Arrifana de Santa Maria); Cabêdo (Canedo?) Cacavellos; Capiellos; Carrazinha(?) Carregosa; Cesár; Ciricosa (?) Cucujães de Cacavellos (Couto de Cucujães); Curraes; Ermilhe; Escapães; Escariz; Esmoriz; Espargo; Fafião (aldeia na freguezia de Romariz); Fayões (Fajões); Fiães; Fornos (da Feira); Fornos de Guizande (aldeia da freguezia de Guizande); Gaiate (aldeia da freguezia de Milheiroz de Poiares); Gandara; Gandarei; Insua de Cadal; Lama (aldeia na freguezia de Guizande); Lever; Lobão; Lourosa; Macêdo (Macêda); Maceira do Soveral (Macieira de Sarnes ou das Terças); Macinhate; Madail; Madeira (S. João da Madeira); Mançores; Manhôce; Milheiroz de Poiares; Mosteirô; Muzellos (Mósellos); Nogueira (da Regedoura); Nogueira de Cravo; Oleiros; Oliveira d'Azemeis; Ossella; Paço de Brandão; Paços; Parada (Parada do Monte, na freguezia de Lourêdo); Parmos (Parâmos); Pereira de S. Vicente de Goncida (S. Vicente de Pereira); Pigeiros; Pindello; Pruzelhe (Perozêllo); Riba d'Alfigueiredo (Figueiredo); Rio Meão;

Romariz; Sandim; Sanfins; Sanguedo (Terreiro); S. Gião (Gião); Sé de S. Jorge (aldeia na freguezia das Caldas de S. Jorge); Serra Alva (Serralva, aldeia da freguezia do Valle); Silvade (ou Silvalde); Silvares (aldeia da freguezia de Carregosa); Souto Redondo (ou Airas, aldeia nas freguezias de S. João de Ver e das Caldas de S. Jorge); Souto de Theobalde (Souto); Villa Boa (proximo á villa); Villa Chan; Villa Nova de Buim (Villa Nova de Guim, aldeia na freguezia de Romariz); Villa Secca (grande aldeia, que fórma mais de metade da freguezia de Loredo); Ul.

N'este foral não estão nem a terça parte das terras chamadas de Santa Maria. As povoações que aqui faltam ou têem foraes proprios, ou estão comprehendidas nas que os têem. Nomearei aqui as povoações da *Terra de Santa Maria* que têem foraes proprios, e que me lembrarem, com as datas d'esses foraes.

Angeja, 15 de agosto de 1514—Antuão (Estarreja), 15 de novembro de 1519—Bemposta (Pinheiro da), 1 de junho de 1510—Cambra, 10 de fevereiro de 1514—Fermedo, 27 de setembro de 1514—Ovar, 10 de fevereiro de 1514—Pereira Juzão, 2 de junho de 1514.

Além d'estes foraes dados por D. Manuel, tem Canêdo foral velho, dado por D. Affonso II, no 1.º de junho de 1212. N'este foral se dá a Canedo o titulo de villa.

—

El-rei D. Manuel deu muita consideração a esta villa, fazendo-lhe a ponte (como já disse) reedificando-lhe (tambem em 1512) a sua antiga torre (a que vulgarmente se dá o improprio nome de castello) e cercando, essa torre, de muralhas com seus reductos, cubellos e barbacans, o que tudo ainda existe, mas desmantellado.

Tambem lhe fez uma fonte dentro do recinto fortificado e á porta da torre. A fonte lá está com as armas de D. Manuel, mas a agua foi roubada ha muitos annos.

O mesmo rei D. Manuel, creou o condado da Feira, em 1515, a favor de D. Diogo Pereira, senhor de Bésteiros. Este condado continuou n'esta familia até ao reinado de D. Pedro II, em que acabou, por falta de successão, hindo a maior parte das suas terras e foros para a casa do infantado. Os condes da Feira intitulavam-se senhores da terça parte da villa d'Aveiro. (Pégas á *Ordenação*, pag. 241 e seguintes.)

O castello propriamente dito, tinha duas portas e um postigo. A *porta da Villa*, defendida por dois cubellos e uma estrada coberta, ainda existe, do lado do O., em bom estado e coroada com as armas de D. Manuel. A *porta da traição*, ao N., não se póde hoje ver, por ter cahido sobre ella todo o lanço da cortina d'este lado. O *postigo* (a E.) defendido por uma estrada coberta, casamatas e um revelim, ainda existe.

A torre, que apesar de ter a parte mais antiga, é a mais bem conservada da fortaleza, ficou servindo de torre de menagem ou cidadella.

Dentro d'esta torre está uma grande cisterna (quasi completamente entulhada) e proximo, mas fóra da torre, do lado do norte, está outra que foi desentulhada em 1852, até uns 10 ou 12 metros. As paredes d'esta estão perfeitamente conservadas. Tem uma escada de caracol parallela á cisterna, para serviço d'ella, toda de degraus inteiros e em tão bom estado, com as arestas tão vivas e a pedra tão branca como se fosse apenas feita ha uns poucos de dias.

A cisterna da torre é de certo da edade d'ella; a segunda é com toda a probabilidade do tempo de D. Manuel.

Foi este rei que fez alcaide-móre do castello da Feira, a D. Diogo Pereira; e este fez dentro do castello uns paços para a sua residencia e dos seus descendentes, que ainda existem, mas ameaçando imminente ruina.

Desde que D. Diogo Pereira foi feito conde, ficaram os condes da Feira sendo seus alcaides-móres.

A familia dos Pereiras era de sangue gôdo e o ramo primogenito do conde Mem Guterres. Eram donatarios da Feira.

D. Affonso V, tambem fez conde da Feira a D. Rodrigo Vaz Pereira.

O condado da Feira era um dos maiores e melhores de Portugal, pois comprehendia toda a Terra de Santa Maria, já então chama-

da vulgarmente Terra da Feira. (Officialmente se chamou sempre até 1834 Terra de Santa Maria)

A maior parte do condado da Feira passou para a casa do infantado. Desde então ficou o castello, e todas as propriedades e fóros a elle vinculados, pertencendo ao infantado, até 1834.

—

Do alto da torre gosa-se um deliciosissimo panorama. Ao O., vê-se uma vasta extensão do Oceano. Ao S., N. e L., lindos valles, viçosos outeiros e varias povoações. Ao NO., ao sopé do castello se assenta a villa, que da torre apresenta uma bonita vista.

—

A comarca da Feira era uma das maiores de Portugal. Parte d'ella pertencia á correição de Barcellos (!) e parte á d'Esgueira.

Depois passou toda para esta ultima villa e depois para Aveiro, pela suppressão (ou mais propriamente transferencia) da corregedoria d'Esgueira para Aveiro. Depois finalmente, formou a Feira correição propria.

Tinha a comarca da Feira em 1834 noventa e seis freguezias, muitas d'ellas de mais de mil fogos.

As actuaes comarcas d'Oliveira d'Azemeis, Estarreja e Ovar, foram exclusivamente formadas com freguezias da comarca da Feira.

Álem d'isso ainda esta comarca deu para a d'Arouca as freguezias de Louredo, S. Miguel do Matto, Fermedo, Escariz e Mançores.

Era a esta vastissima comarca que se chamava Terra de Santa Maria, e depois Terra da Feira.

Ainda que verdadeiramente a Terra da Feira é hoje a mesma que era antes de 1834, todavia só se dá agora o nome de Terra da Feira ás 37 freguezias que formam o seu actual concelho, que é tambem comarca.

Mas o pôvo da maior parte das freguezias que pertenceram a esta comarca, a qualquer parte aonde chega, se lhe perguntarem d'onde é, diz que é da Terra da Feira.

—

Já disse que a Feira é uma povoação bonita, mas não tem senão uma rua, estreita e torta (e mais chama-se Rua-Direita) é comtudo muito bem calçada.

Tem 3 ou 4 bêccos ou travessas, estreitas, tortas, immundas e quasi sem casas, que não merecem até mencionar-se.

Tem alguns edificios bons, sendo os principaes a casa do tribunal das audiencias, que foi paço dos condes da Feira, a antiga matriz da villa (S. Nicolau) hoje Misericordia, as casas que foram de Bernardo José Correia de Sá, no Rocio, etc.

Tambem tem uma bonita casa da camara, feita em 1860, mas pequena. Nos baixos d'esta casa está montada uma pequena typographia, para impressão dos papeis da camara e das outras repartições do concelho.

Tem um bonito chafariz na praça, em frente do tribunal, feito em 1845, devido á iniciativa do sr. José Correia Leite Barbosa, então e actual administrador do concelho.

Tem outro, feito pelos frades, no seculo passado, ao fundo das escadas do convento.

A villa é muito abundante d'agua, que lhe vem do grande manancial chamado da Velha, ao ONO. e ao cimo da villa.

Esta agua foi achada ha uns 40 annos, rebentando com grande força de uma mina que se andava fazendo. Antes d'esta feliz descoberta era a villa muito falta d'agua.

Ha na Feira mercado todos os domingos, e feira nos dias 3 e 20 de cada mez.

Tem um convento, que foi de conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) fundado pelo 4.º conde da Feira, D. Diogo Forjaz Pereira, em 1560.

A sua egreja é a matriz da freguezia, ha mais de cem annos. A primitiva matriz, como já disse, era S. Nicolau.

A actual matriz é sumptuosa, vasta e toda de solida abobada. O convento era tambem um amplo e magestoso edificio.

Agora é alli a residencia do parocho, um theatro (feito no antigo refeitorio) muito ordinario e feito em 1854, a repartição de fazenda e a eschola de instrução primaria. A maior parte do edificio porem, está correndo a passos agigantados para a sua total ruina, e tão asquerosamente immundo, que nem se lá póde hir, sem perigo de morrer de peste!

Fóra da porta da egreja, e mesmo nas escadas que dão ingresso para ella, estabele-

ceram algmas pessoas o cemiterio (!) de sua familia.

Em algumas das campas se veem epitaphios, que a camara, por honra da terra, devia mandar eliminar, pois não são mais do que um chorrilho de baboseiras.

Por muitos annos, os grandes rendimentos d'este municipio foram desaforadamente devorados, sem o povo saber em que; mas, sendo eleito presidente da mamara, o doutor Fausto da Veiga Campos (hoje delegado do procurador regio, em Abrantes) mancebo de uma honradez a toda a prova, energico e independente; tomou á sua conta a ardua tarefa de recoperar para a camara o seu antigo nome honrado (que estava tristemente desacreditado) e conseguiu-o.

Desde então vê-se em que se despende o dinheiro do povo, e as obras publicas municipaes tem-se desenvolvido satisfatoriamente.

A camaras que lhe seguiram, continuaram merecendo a approvação publica, pelo seu zello em promover o desenvolvimento das commodidades dos povos.

—

A Feira está ligada a Lisboa e Porto por um ramal d'estrada á mac-adam; e com o caminho de ferro do norte, pelo prolongamento do mesmo ramal, que vai ter á estação de Cabanões (Ovar) a 10 kilometros ao S.

Outra estrada em construcção ligará esta villa com a estação do caminho de ferro, em Esmoriz, 8 kilometros a O.

O caminho de ferro do norte, atravessa varias freguezias d'este concelho.

—

Tem correio diario, e expede e recebe dinheiro em vales d'elle, desde a quantia de mil réis até á de 50$000.

—

Foi até 1834 quartel do batalhão de caçadores n.º 11, o que muito fazia prosperar a villa e seu termo.

—

Tem por armas, em escudo branco, Nossa Senhora da Conceição (com o menino) em pé, sobre a porta de um castello, com uma torre de cada lado e por baixo a legenda *Lancobriga.*

(Como estas armas são as da Terra da Feira, entendo que tambem devem ser as armas de Angeja, Cambra, Estarreja, Fermedo, Oliveira d'Azemeis e Ovar—menos a legenda.—As armas não são só da villa, são de toda a Terra da Feira. A legenda é que é exclusivamente da villa.

Faz-se aqui no dia 20 de janeiro, á custa da camara, a festa de S. Sebastião, vulgarmente chamada das fogaças ou das fogaceiras (fogaças é uma especie de bôlos e fogaceiras, as pequenas que os levam.)

Consta que esta festa se instituiu por occasião de uma grande peste que assolou todo o reino em 1505. Dizem uns que foram os alcaides-móres do castello que principiaram esta festa, outros que foi a camara e o povo. Parece mais provavel que fosse a camara e o povo.

Todavia é tradição que foram os condes da Feira, e que no dia em que se fez a festa cessou a peste.

Estas fogaças, que não são para comparar com as de Pombal, Abiul e outras do S. do reino, pois apenas conterão um alqueire de farinha, teem comtudo a mesma origem e etymologia, pelo que, quem quizer saber isto circumstanciadamente veja—Pombal—que é onde a cousa teve principio.

—

Álem de ser esta villa até 1834 quartel e praça do batalhão de caçadores n.º 11, tinha tambem um regimento de milicias, capitão-mór, uma companhia d'ordenanças na freguezia e mais sete no conceiho.

—

No concelho ha varias fabricas de papel, de differentes qualidades, sendo algum já muito aperfeiçoado—muitas fabricas de chapeus de lan, e outras industrias. Fabrica-se tambem grande quantidade de finas teias de linho.

Ha grande abundancia de pedreiras d'optimo granito, de schisto e de pedras de amolar.

Ha minas de cobre, chumbo, kaolim e feldespatho, mas nenhuma se explora,

A sua costa é abundante d'optimo peixe, sendo famosissima em todo o reino a deliciosa *sardinha de Espinho.*

(As noticias mais circumstanciadas das differentes manufacturas e productos d'este concelho, vão nas freguezias ou aldeias em que estão os respectivos estabelecimentos.)

—

As terras d'este concelho, são, em grande parte, bem cultivadas e arborisadas, muito abundantes d'aguas e ferteis. Ha por aqui muitos e vastos pinhaes, que constituem um florescente ramo de commercio, pela grande quantidade de madeira e lenha que constantemente exporta para o Porto, para onde tambem exporta grande numero de bois gordos, que vão para a Inglaterra.

—

Os habitantes da Terra da Feira, são, no geral, inclinados ao trabalho e ás especulações commerciaes. Teem porém um horror hereditario ao serviço militar (como quasi todos os habitantes das provincias do Norte) e, a dizer a verdade, são, pela maior parte, pessimos soldados. (Haja vista a *bravura*, alguma cousa abaixo de zero, das célebres *milicias da Feira.*)

—

Além das duas feiras que ha na villa, ha mais as seguintes no concelho:

No 1.º domingo de cada mez, na Póvoa; a 4, na Arrifana; a 7, em Canedo; a 10, nas Vendas Novas (aqui tambem ha feira d'anno a 29 de setembro) a 17, em Souto Redondo; a 24, no Terreiro; a 25, no Murado, e a 28 nas Vendas Novas.

—

O concelho da Feira confina—pelo E, com o de Arouca—pelo N., com o de Gondomar (sómente a freguezia da Lomba, ao S. do Douro) pelo S., com o de Ovar—pelo SE., com o de Oliveira de Azemeis e pelo N. com o de Gaia. Pelo NNO. chega até ao rio Douro, e finalmente pelo O., na extensão de mais de 15 kilometros é limitado pelo Oceano.

—

Já disse que os condes da Feira representavam o ramo primogenito de D. Mem Guterres, isto por um costado, por outro, que é o da familia dos Pereiras, procedem do conde D. Forjaz Bermuez, neto do conde D. Mendo, que era irmão de Desiderio, ultimo rei dos longobardos, e de sua mulher (de D. Mendo) D. Joanna Romães, filha do conde D. Ramon, filho de D. Fruela I, rei de Leão.

Seu descendente, D. Gonçalo Rodrigues Forjaz, veio para este reino, em tempo de D. Sancho I (por desgostos que teve em Castella.)

O rei portuguez lhe fez muitas honras; e D. Gonçalo Pereira foi um dos grandes senhores de Portugal e poderosissimo.

Conta-se que um dia, estando no seu solar de Pereira (quinta junto ao rio Ave, na terra de Vermuim, d'onde tomaram o appellido) deu a parentes e amigos seus, 70 cavallos escolhidos! (Vide Flor da Rosa.)

Foi bisneto d'este D. Gonçalo Pereira, o grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira, ascendente de muitas familias reinantes da Europa e do Brazil.

(Vide Guarda.)

Os descendentes de D. Gonçalo Pereira deram principio á casa da Feira, á dos senhores de Riba Visella e outras.

As armas dos condes da Feira eram: em campo de purpura, uma cruz de prata, floreada, e por timbre uma cruz vermelha floreada, entre dois côtos d'azas d'anjos.

Foram dadas estas armas (segundo alguns) a D. Rodrigo Forjaz Pereira, por se achar na célebre batalha de *Navas de Tolosa*, em 1212, em cujo dia appareceu no ceu uma cruz vermelha, similhante á de *Calatrava* (Aviz) á qual muitos fidalgos, dos que alli se achavam, tomaram por armas, ou por timbre das que já tinham.

Segundo fr. Manuel de Santo Antonio, os Pereiras tomaram esta cruz por armas, em memoria das cruzes que appareceram a D. Affonso II, de Leão (o *Casto*) que subiu ao throno em 791.

—

Em muitos papeis antigos vemos mencionada a *Terra da Feira* com o nome de *Cidade de Santa Maria*. É porque antigamente dava-se o nome de cidade ao territorio, mais ou menos vasto, que tinha governo proprio, e se regia por os *usos e costumes* da terra. (Vide Cidade.)

—

A comarca da Feira é formada só pelo seu julgado.

O concelho comprehende 37 freguezias, que são: Anta, Argoncilhe, Arrifana, Canêdo, Cortegaça, Escapães, Esmoriz, Espargo, Feira, Fiães, Fornos, Gião, Guizande, Lamas, Lever, Lobão, Lourosa, Macêda, Milheiroz de Poáres, Mosteirô, Mósêllos, Nogueira da Regedoura, Oleiros, Parâmos, Paços de Brandão, Pigeiros, Rio-Meão, Romariz e Duas Egrejas, Sanguêdo (ou Terreiro) S. João de Vêr, S. Jorge (ou Caldas de S. Jorge) Silvalde, Souto, Sub-Feira (ou S. Fins, ou S. Pedro Fins) Travanca, Valle e Villa-Maior.

—

Foi esta villa solar de varias familias nobres; mencionarei as principaes:

Pedrosas, appellido nobre em Portugal. É opinião seguida que a familia d'este appellido, descende de Garcia Alvares de Pedrosa, fidalgo gallêgo, que veio para Portugal no reinado de D. Affonso V.

Foi seu filho Diogo Pedrosa, que casou com D. Ignez Gomes de Azevedo, criada da infanta D. Leonor, que foi imperatriz da Allemanha. Suas armas, são: em campo de ouro, uma aguia de negro, lampassada de púrpura, sobre uma pedra, entre 4 aguias, acantonadas, eguaes á 1.ª; timbre, a aguia das armas, sobre a pedra. Elmo de prata, aberto.

Villas Boas diz que esta familia é oriunda de *Tôro,* no reino de Leão (Hespanha) e lhe dá por armas: em campo de ouro, cinco pedras de negro, em aspa, e uma aguia azul, armada de prata, na pedra do meio. Timbre uma aguia azul, armada de prata como a das armas.

Em um antigo manuscripto da livraria dos marquezes (depois duques) de Palmella, se diz que a aguia dos Pedrosas era bicada, armada e membrada de púrpura.

—

Pereiras, [1] appellido nobre em Portugal, procede de D. Gonçalo Rodrigues, que, com seu pae, D. Rodrigo Forjaz de Trastamara, se passou de Castella para Portugal, por ter morto a D. Fernando Gutierres. Foram bem recebidos por D. Sancho I de Portugal, que lhe deu os coutos de Palmeira e *Pereira,* tomando D. Gonçalo Rodrigues o appellido de Palmeira, e casando, a primeira vez, com D. Froyla Affonso, filha do conde D. Affonso, teve a D. Rodrigo Gonçalves, o primeiro que se appellidou Pereira, por ser senhor da quinta de Pereira, onde fundou o seu solar, junto ao rio Áve, no Minho, em Terras de Vermuim; e do qual procedem os Pereiras legitimos d'este reino.

Suas armas são—em campo de púrpura, uma cruz de prata floreada, e vasia do campo. Elmo d'aço cerrado, e timbre uma cruz vermelha, floreada e macissa, entre duas asas d'ouro, abertas.

—

Pinhos—appellido nobre em Portugal. O conde D. Pedro, no *Tit. 44,* faz menção d'este appellido em João Lourenço de Pinho, e que ha familia d'elle (appellido) na Terra da Feira.

Suas armas são—em campo de prata 5 pinheiros verdes em aspa, com pinhas de ouro. Elmo de aço aberto, e por timbre um dos pinheiros.

—

Pintos—appellido nobre em Portugal, cuja familia, (segundo Villas Boas) procede de D. João Garcia de Sousa Pinto, neto do conde D. Mendo, e que foi o primeiro que usou d'este appellido. Mas fr. Manuel de Santo Antonio, ultimo reformador do cartorio da nobreza, diz, que procede de Payo Soares Pinto, que viveu no tempo do conde D. Henrique, na quinta do *Paço* (hoje *Paço de Brandão*) proximo á villa da Feira.

D. Payo Soares Pinto falleceu antes do anno 1126, em que sua mulher, Dona Mayor Mendes, vendeu a quinta do Paço ao mosteiro de Grijó. [1]

Suas armas são—em campo de prata, cin-

[1] Repito aqui a origem dos Pereiras da Feira, tal e qual como achei em um manuscripto, copiado d'outro da bibliotheca da casa Palmella, por ter algumas variantes ao que antecedentemente fica escripto.

[1] Ou esta venda não teve effeito, ou se annullou, ou algum descendente de Dona Mayor a revindicou; porque ainda hoje é possuida pela familia do mesmo appellido. (Vide Paço de Brandão.)

co crescentes de púrpura, em aspa. Elmo de prata, aberto, e por timbre um leopardo de prata, armado de púrpura, com um crescente do escudo, na espadua.

Antonio Soares d'Albergaria (fl. 164 v.) diz que o 1.º que se acha d'este appellido, é Garcia Soares Pinto, nas *Inquirições d'el-rei D. Diniz*, em cujo tempo tinha o titulo de seu vassallo.

Os descendentes do conde D. Mendo de Sousa Pinto deixaram as armas dos Sousas e tomaram as seguintes:—em campo de prata, cinco quadernas de crescentes, de púrpura, em aspa, e por timbre um leão de prata, lampassado de vermelho. As quadernas de crescentes, são as ganhadas por um ascendente d'esta familia, na batalha de Mértola, e o leão, por descenderem do rei D. Ramiro de Leão.

—

Castros—appellido nobre em Portugal. Os Castros verdadeiros d'este reino procedem de dois ramos, um legitimo, outro bastardo.

Os legitimos procedem de Alvaro Pires de Castro, fidalgo castelhano, e trazem por armas, em campo de ouro, 13 aroellas azues em 3 palas, as duas dos lados com 4 e a do centro com 5. O ramo principal d'esta familia é actualmente o sr. conde de Rézende.

Os do ramo bastardo, descendem da rainha D. Ignez de Castro, e de seu irmão D. Alvaro Pires de Castro, filhos naturaes do outro D. Alvaro Pires de Castro.

Estes trazem por armas—em campo de púrpura seis aroellas de prata, em duas palas, e por timbre um caranguejo de prata, realçado de azul, com bocas grandes, pregadas em uma truta.

Os principaes representantes d'esta familia eram os marquezes de Cascaes, os condes d'Arrayolos, os condes das Galvêias, os Castros de Villa Nova da Cerveira (hoje do Côvo) e outras nobilissimas familias portuguezas.

—

Costas—appellido nobre em Portugal. Procedem de D. João da Costa, conde de Soure.

Suas armas são—em campo de púrpura, 6 costas (costellas) de prata, em 3 faxas, timbre 2 *costas* em aspa, atadas com uma fita de púrpura.

FEIRÃO—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Rézende, 12 kilometros ao O. de Lamego, 265 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 25 fogos.

Orago Santa Luzia.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de Carquere apresentava o cura, que tinha 9$500 réis de congrua e o pé d'altar.

FEITAL ou **FETAL**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 60 kilometros a SE. de Viseu, 340 ao NE. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Orago Santa Margarida.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Consta que na matriz d'esta freguezia está enterrado D. Rodrigo, ultimo rei dos gôdos. (Vide Viseu.)

O abbade de Nossa Senhora da Fresta, de Trancoso, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

FEITOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 30 kilometros a O. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 35 fogos.

Em 1757 tinha 25 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

O reitor de Santo Eloy, do convento de Lamego, apresentava o vigario, que tinha 30$000 réis.

Esta freguezia está annexa á de Palme. (Vide Palme.)

FEITOSA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 30 kilometros ao O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Salvador. O *Portugal Sacro e Profano* diz que é S. Thiago.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O prior de Ponte do Lima apresentava o cura, que tinha 40$000 réis.

Era esta freguezia couto da casa de Bragança, e fica proximo a Ponte do Lima.

Foi villa em tempos remotissimos com o nome de *Vedendri*. Diz-se que foram os normandos que fundaram esta povoação, pelos annos 700 de Jesus Christo, pondo-lhe o nome de *Vendredi*, que na sua lingua quer dizer *Sexta-feira*. D'aqui *Vedendri*.

Depois se chamou *Dómisi* (ainda aqui ha uma veiga com este nome), que se corrompeu em *Dornes*. Quando tinha este nome é que foi coutada.

Ha uns poucos de seculos que se chama Feitosa.

Em 1131, *Sesnando Ramires*, e sua mulher *Justezenda Soares*, doaram ao arcebispo de Braga *D. Pelagio* e ao seu cabido e successores *a sua villa de Dómizi, que antigamente se chamava Vedendri.*

FELGAR—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Moncorvo, 150 kilometros a NE. de Braga, 325 ao N. de Lisboa, 270 fogos. Em 1757 tinha 222 fogos.

Orago S. Miguel archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

É terra fertil. Produz optimas cebôllas.

O abbade de Santa Maria de Mós apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis.

No sitio do *Cabeço de Mua*, d'esta freguezia, está um buraco, que se diz ser obra dos mouros, para explorarem metaes.

O que é certo é haver n'este sitio uma abundante mina de ferro, que foi concedida em março de 1874 á companhia de exploração de ferro, da Serra de Reborêdo.

É a freguezia situada nas vertentes da Serra de Reborêdo. Produz muitas amendoas. Ha aqui olarias de boa loiça e faz grande commercio em sedas.

Tem um vasto pinheiral, que é do pôvo.

FELGARES—freguezia, Traz-os-montes, concelho de Villa-Flor, comarca de Mirandella. Está annexa á freguezia do *Freixial*. (Vide Freixial.)

FELGUEIRAS—villa, Douro, cabeça de comarca e concelho, 30 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 350 fogos, 1:400 almas. Orago Santa Eulalia e Santa Maria (ou Nossa Senhora da Expectação.).

No concelho tem 5:800 fogos: na comarca os mesmos, porque é formada só por este julgado.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A villa de Felgueiras não é freguezia, pertence á de Margaride e Padroso, duas parochias que estão annexas.

A freguezia de Margarida, tinha em 1757 150 fogos, e era seu orago Santa Eulalia.

O D. abbade benedictino do mosteiro do Pombeiro, apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis.

A freguezia de Padroso tinha em 1757 60 fogos.

Era seu orago Nossa Senhora da Expectação, ou Santa Maria.

Os monges, jeronymos, do mosteiro de Santa Marinha, da *Costa*, extramuros de Guimarães, apresentavam o cura, que tinha quarenta mil réis.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 15 de outubro de 1514. *Livro dos Foraes Novos do Minho, fl. 45 v. col. 1.*

É concelho muito antigo. Foi primeiramente da comaaca do Porto, e até 1855 comarca da Lousada.

Este concelho e comarca é composto de 32 freguezias, todas no arcebispado de Braga, que são:

Aião, Airães, Borba de Godim e Lixa, Caramôs, Friande e Pinheiro, Jugueiros, Idães, Lagares, Lordello, Macieira da Lixa, Margaride e Padroso, Moure, Pedreira, Pena-Cova, Pombeiro, Rande, Regilde, Refontoura, Revinhade, Santão, Sendim, Sernande, Souza, Torrados, Unhão, Varzeas, Varziella, Villa Cova da Lixa, Villa Fria, Villa Verde, Visella (Santo Adrião) e Visella (S. Jorge.)

—

A familia dos Peixotos tinha aqui uma grande casa e muitas rendas e foros, e era o solar dos Coelhos Peixotos. Antonio Peixoto Padilha, o ultimo morgado desta familia, vendeu tudo.

Para as armas dos Peixotos e Padilhas, vide Fermêdo.

—

FELGUEIRAS— aldeia, Minho, na fregue-

zia de Chamoim, concelho de Terras do Bouro, comarca de Villa Verde.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Proximo a esta aldeia e de um ribeiro, que do monte desce á estrada, no sitio chamado *Hervosa*, estavam duas columnas romanas, uma com a inscripção apagada e a outra marca o numero das milhas. Do resto da inscripção apenas se lê.

. . . .
BRACARA AUG.
. . . .
. . . .
A BRAC. . . AUG.
M. P. XXII

N'este mesmo sitio existiu uma outra columna de excessiva grandeza, que os moradores d'aqui levaram para o adro da egreja, pelos annos de 1718, e fizeram d'ella um cruseiro, que ainda existe.

FELGUEIRAS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Fafe, 30 kilometros ao NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Em 1757 tinha 24 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de S. Thomé de Travassos, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis.

Aqui nasceu o célebre classico Manuel de Faria e Souza, cujas numerosas obras foram quasi todas publicadas em hespanhol, nas typographias castelhanas.

Vide Sigude.

FELGUEIRAS—freguezia, Traz-os-Montes comarca e concelho de Vinhaes.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Esta freguezia está annexa á de Penhas Juntas, do mesmo concelho, comarca, bispado e districto administrativo.

Vide Penas-Juntas.

FELGUEIRAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho, e proximo de Moncorvo, 150 kilometros ao NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 146 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Aqui nasceu o célebre chimico, padre Thomé Rodriges Sobral.

Foi concelho, com justiças proprias e independentes. Houve aqui grande lavra de minas de ferro. D. Duarte I, (em 1436) deu grandes privilegios aos que aqui trabalhavam na extracção e fabricação do ferro e a esses operarios se dava o nome de *ferreiros*.

A collegiada da Torra de Moncorvo, apresentava o vigario, que tinha 9$000 réis de congrua e o pé d'altar.

FELGUEIRAS —freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Rézende, 12 kilometros a O de Lamego, 315 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O abbade de Rézende apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

FELGUEIRAS—freguezia, Traz-os Montes, concelho d'Alfandega da Fé, comarca de Moncorvo. Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de S. Miguel d'Agrobom. É no districto deBragança, arcebispado de Braga.

FELGUEIRAS—aldeia, Beira-Alta, comarca de Mangualde, concelho de Nellas, freguezia de Cannas de Senhorim, 15 kilometros de Viseu, 225 ao N. de Lisboa.

Bispado e districto administrativo de Viseu

A 500 metros da margem direita do Mondego, junto á aldeia de Felgueiras, nascem as aguas sulphurosas, conhecidas hoje pelo nome d'esta povoação, e que o teem sido tambem pelo de Cannas de Senhorim, de cuja villa dista 2 kilometros, para ESE.

A temparatura d'estas aguas é de 30° cent. e o seu volume é de 50:000 litros em 24 horas. São limpidas e cheiram a gaz sulphidrico.

(Os limos d'estas aguas, depois de sêccos, ardem como se fossem mechas enxofradas.)

Tem um pequeno edificio para onde a agua sulphurosa é conduzida por canaes abertos, e que tem uns pequenos quartos com banheiras.

Ha diligencia diaria entre Mangualde e a Mealhada, passando em Nellas: d'aqui vae-se a cavallo para Felgueiras, 6 kilometros.

Foram analysadas na exposição universal de Pariz, em 1867, e o resumo do relatorio, feito sobre estas aguas, é o seguinte—(traducção.)

«Tiram o seu nome do logar onde nascem. Rebentam na encosta de uma collina, a 500 metros da margem direita do Mondêgo, e a 2 kilometros a ESE. da villa de Cannas de Senhorim. São limpidas e transparentes, não apresentando nada notavel quanto ao gôsto e cheiro: a sua composição é simples e deixam, por kilogramma. O gr. 34467 de residuo fixo, formado de sulphatos e chlorurétos alcalinos; saes calcareos, de magnesia e de silica, e uma diminuta quantidade de ferro e d'alumina.

«Sua temperatura é 32° 5 C., a 35° C.

FELIX (S.)—freguezia, Beira Alta, comarca de Vousella, concelho de S. Pedro do Sul, 18 kilometros ao N. de Viseu, 275 ao N. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757 tinha 53 fogos.

Orago S. Felix.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis.

FELIX DA MARINHA (S.)—freguezia, Douro, concelho de Gaia, comarca e 12 kilometros ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 221 fogos.

Orago S. Felix.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Passava aqui a antiga estrada mourisca. Nos documentos de Grijó se faz larga menção de propriedades por baixo e por cima da estrada mourisca.

Em 1148, Tructezindo Mendes, doou ao convento de Grijó o que tinha em Brantães e em S. Felix «*subter illam stratam mauriscam, discurrente rivulo Cerzedo.*»

Chama-se mourisca, por ser feita pelos mouros; provavelmente por estar já intransitavel a via militar romana, que sahindo de *Conimbriga* (Condeixa Velha) atravessava o Mondego entre Pereira e Coimbra actual, e, sem passar o *Eminio* (rio Agueda) cortava o Vouga proximo a *Talabriga* (Aveiro) e d'aqui, por entre *Lancobriga* (Feira) e o mar, hia a *Cale* (Gaia).

Com o tempo, a costa do mar se entupiu e alteou por causa das areias, e os rios estagnados, não só esterilisaram os campos, mas tambem destruiram as estradas e pontes; por isso os mouros fizeram a sua estrada mais por terra, hindo do Porto por Grijó, Oliveira d'Azemeis, Albergarias (Nova e Velha) Vouga, Agueda, Coimbra, etc., quasi pelo leito da actual estrada real de Lisboa ao Porto.

A povoação da Mourisca, herdou o seu nome, da estrada mourisca.

—

Parte da grande povoação do Côrvo pertence a esta freguezia e parte á de Arcozêllo, tudo no concelho de Gaia. (Vide Côrvo.)

É tambem n'esta freguezia, de S. Felix, a formosa povoação da Granja, concorridissima estação de banhos, e 37.ª estação do caminho de ferro do norte. (Vide Granja).

Está esta freguezia situada no litoral, em terreno levemente accidentado, formoso e fertilissimo. É uma rica povoação, pelo grande e constante commercio que faz com a cidade do Porto.

FERMÊDO—villa, Douro, comarca, concelho e 24 kilometros ao O. d'Arouca, 12 ao NO. de Oliveira de Azemeis, 12 ao ENE. da Feira, 30 ao SE. do Porto, 280 ao N. de Lisboa, 300 fogos. Em 1757 tinha 244 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Expectação.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

Os Peixotos, senhores donatarios d'esta freguezia, apresentavam o abbade, cujos rendimentos andavam por perto de 1:000$000 réis.

Officialmente denominava-se villa de *Fermêdo;* porém ha uns poucos de seculos que a capital do concelho era a villa de Cabeçaes, e alli havia dois pelourinhos, e duas

casas da camara; um pelourinho e uma casa da camara era da *honra* dos duques de Aveiro, que depois passou aos condes da Feira e depois (por troca) para os Peixotos do Porto (os fidalgos de Simães); e outro pelourinho e casa da camara, que ainda existem, pertenciam ao concelho de Fermêdo.

Quando os povos do norte invadiram a Lusitania, no principio do V seculo, um senhor gôdo povoou e dominou esta freguezia e lhe deu o seu nome. Chamava-se *Pharamundo* ou *Faramondo*. Nos primeiros seculos da nossa monarchia já esta palavra se tinha corrompido em *Fermudo*, e por fim em *Fermêdo*.

O seu primeiro donatario foi o mosteiro de frades bentos de *Castromíre* (Crestuma), ao qual D. Ordonho II, a deu em 922. (Vide Crestuma). Extincto este mosteiro, passou para os duques d'Aveiro, depois (por casamento) para os condes da Feira, e, finalmente (por troca) para os Peixotos do Porto.

—

Este concelho é muito mais antigo do que a monarchia portugueza. Suppõe-se que o conde D. Henrique lhe deu foral, porque no foral velho, que lhe deu D. Affonso III, em 1275, falla-se de um foral antigo.

Tem uma sentença sobre o foral antigo, dada em Fermêdo, a 22 de novembro de 1490. (Veja-se na Torre do Tombo, maço 6 dos foraes antigos, n.º 1. No mesmo maço e numero estão os apontamentos para o foral novo.)

D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 27 de setembro de 1514. (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 64, col. 1.ª)

Com o fim da freguezia de Fermêdo, no rio Arda (ao NE.) terminava tambem a Terra de Santa Maria (hoje Terra da Feira.)

Este antiquissimo concelho foi supprimido pelo decreto (da regencia do Senhor D. Fernando Coburgo) de 24 de outubro de 1855, contra toda a justiça, em incontestavel prejuizo dos povos do concelho, e sem nenhuma utilidade publica.

Para *commodidade* dos povos (como diz o decreto) a freguezia de Fermêdo, que dista 12 kilometros de Oliveira de Azemeis ou da Feira, foi para o concelho de Arouca, que fica a 24—Escariz, que fica a 9 kilometros de Oliveira de Azemeis, ficou para Arouca, a 24—S. Miguel do Matto, que fica a 12 kilometros da Feira, foi para Arouca, que fica a 27.

Mas o que ainda é mais notavel é o seguinte:

A freguezia de Lourêdo fica a 8 ou 9 kilometros da Feira, e ficou pertencendo a Arouca, que dista 30 kilometros!

Ainda mais. Esta freguezia ficou completamente *insulada*, de modo que, para o povo d'aqui hir para Arouca, tem infallivelmente de atravessar o concelho da Feira!

—

A egreja matriz é de duas naves, e antiquissima. Ignora-se quando foi fundada, só se sabe que o corpo da egreja foi reedificado em 1480. Tendo o terramoto do 1.º de novembro de 1755 arruinado a capella-mór, foi esta reedificada pelo abbade, (que era obrigado á conservação e reparos d'ella) em 1785. Isto consta de uma inscripção que está na parede exterior da mesma capella-mór, que diz:

TERCEIRA VEZ REFORMADA
EM 1785 A.ˢ

Esta inscripção está em uma pedra de granito, e sobre ella, tambem embebida na parede, está uma lapide de marmore durissimo (que com certeza veio de muito longe, porque desde a extremidade septentrional do reino até á Extremadura, não ha semelhante casta de pedra) e n'ella está uma inscripção latina.

(No fim do artigo vae a inscripção, no estado em que se acha actualmente.)

—

Tenho-me cançado a investigar onde seria *Aviobriga*, mas é povoação que não acho em auctor nenhum. *Aviobriga*: seria Aveiro? seria Fermêdo?

O que é certo é que *Aviobriga* é incontestavelmente nome de povoação celtica, e tambem é certissimo que Fermêdo foi habitado pelos celtas ha mais de 2:000 annos, porque deixaram aqui vestigios de uma diuturna residencia, pois no monte do Curuto ha mui-

tas *mâmoas*, e no monte de Borralhoso ha um *dolmen*, além de outros mais que o povo tem destruido.

—

É tradição que em Fermêdo houve um castello mourisco, no sitio onde ainda hoje é a casa chamada do *Castello*. Faz acreditar esta tradição uma robustissima muralha de uns 10 metros de altura, e muito bem conservada, que cérca um grande terreiro que está na frente da tal *casa do Castello*. (Esta propriedade é dos srs. Camizões.)

—

Proximo da egreja matriz, em um vasto terreiro, está o paço que foi dos condes da Feira, mas todo desmantelado. Este paço tinha communicação por uma galeria construida sobre arcos de pedra (ainda bem conservados) com uma formosissima capella de architectura musarabe, que está mesmo junto da egreja (apenas a uns 5 ou 6 metros de distancia).

Esta capella foi edificada no seculo XIV, segundo se collige da sua architectura. Foram seus fundadores os condes da Feira, cujas armas magistralmente esculpidas se vêem no frontispicio e no interior, em quatro escudos, a saber: dois dentro, um de cada lado das *credencias* e dois fóra, um de cada lado da porta. Sobre estes escudos estão, no da esquerda do espectador, a figura do sol, e no da direita um crescente, tambem de boa esculptura, mas inferior á dos escudos, manifestando evidentemente não serem obra do mesmo artista. A porta principal era formada por varias columnas esculpidas nas hombreiras e muito floreadas. O côro assentava sobre um bello arco de *ponto abatido*, com bem acabadas esculpturas e era guardado por uma formosa grade de pedra rendilhada. Sobre a cornija em toda, a volta da capella, havia uma *platibanda* de cantaria, que, como um gigante que reforça a parede do norte, mostram ser obra mais moderna. A *platibanda*, como lhe faltou o apoio de grossas traves de ferro, que lhe tiraram em 1834, tombou; mas está ainda toda ou quasi toda sobre as paredes. Esta capella, que está ha mais de 60 annos destelhada e sem portas, é de tal robustez e suas pedras tão bem argamassadas, que promette durar ainda muitos seculos, se a mão impia do homem não antecipar a obra destruidora do tempo.

O ultimo donatario de Fermêdo (Antonio Peixoto Padilha) vendendo tudo quanto aqui tinha, não teve quem lhe comprasse a capella, pelo que está sem dono, e completamente abandonada.

—

O *valle de Fermêdo* é muito lindo e fertilissimo. Abundante de aguas, fresco e aprasivel. Produz cereaes, legumes, vinho, algum azeite e fructas. Cria-se aqui muito gado bovino, que se exporta. As suas vitellas são tão famosas pelo seu delicioso gosto como as de Lafões. Fabrica-se aqui muita e optima manteiga. Ha tambem muitas colmeias e nos montes e serras da freguezia muita caça.

As armas de Fermêdo são como as da Feira, mas sem a legenda.

—

Eis a inscripção que se vê na parede exterior da capella-mór da egreja matriz:

IAFIVS CATURONIS PT. (1)
AVIOBRICI SISHS FT.
AN. XXIIX NICER
TRAI. ER. IXI. EST AN. E. N. O.
PACIINDVM CVRAVII
ARII TRAI. VOLABERI
EX O A. II. OLISIPONẼSIS.

Note-se que ha letras que se não pode evidenciar se são EE se FF, no mesmo caso estão os CC e os GG; finalmente varias das letras d'esta inscripção as ponho, *deitando-me a adivinhar*.

Esta inscripção está quasi indecifravel, porque, além das abreviaturas formadas por uma só letra representando duas e trez, está em partes já pouco legivel, e errada na orthographia.

Apenas se póde colligir que *Jafo Caturão*,

(1) Segundo o padre D. Jeronymo Contador d'Argote (*Mem. do Arceb. de Braga*, vol. 1.°, pag. 257, n.° 424), os *caturões* eram patricios romanos, que residiam em Braga, e da familia dos Tarquinios. Vide o 1.° vol. d'esta obra, a pag. 470 e 471.

pretor (?) d'Aviobrica dedidcou esta memoria a Trajano, no anno 28.º

Não sei que anno 28 é este. Trajano imperou 14 annos (desde o anno 100 até 114 de Jesus Christo, em que morreu) e portanto similhante data não se póde referir a este imperador. Deixo esta enigmatica inscripção para ser decifrada por pessoas mais competentes do que eu em similhante materia.

O concelho de Fermêdo tinha 1:750 fogos, e comprehendia as sete freguezias seguintes — Fermêdo, Escariz, Mançôres, S. Miguel do Matto, Valle, Lourêdo e Romariz e sua annexa Duas Egrejas.

(Para o mais que aqui não fôr, vide Cabeçaes, Cruto e Borralhoso.)

—

Tendo fallado dos Peixotos, donatarios d'esta freguezia, d'Alfêna, Felgueiras, Vieira, e outras povoações: dou aqui as suas armas, que eram as dos *Coelhos*, *Padilhas*, *Peixotos*, *Pereiras*, *Pintos* e *Silvas* — todos appellidos nobres de Portugal.

Coelhos — em campo de ouro um leão de púrpura, faxado de tres faxas, empequetado d'ouro e asul, armado de púrpura, e uma bordadura asul, com sete coelhos de prata, malhados de preto. Timbre o leão das armas, com um coelho nas garras. Trazem a legenda «*Nos a sanguine Regum venimus, et nostro veniunt sanguine Reges.*»

Padilhas — Appellido tomado do logar de *Padilha* (junto á cidade de Burgos na Castella Velha, Hespanha) trouxe-o para Portugal Pedro Norberto d'Harcourt e Padilha, que foi em Portugal secretario do desembargo do Paço, na repartição do Minho.

Suas armas (incompletas) são — em campo asul, 3 pás de prata, em 3 palas, entre 3 minguantes, no chefe, e tres crescentes de prata no contra-chefe — todos seis na direcção das pás — um por cima e outro por baixo — e mais 3 crescentes, em pala, tambem de prata. Timbre, uma aguia negra, voante.

Note-se que só o ultimo donatario de Fermêdo (Antonio Peixoto) é que era da familia Padilha, por sua mãe.

Peixotos — é familia portugueza. No tempo de D. Affonso II (que subiu ao throno em 1211) já ha noticia de *D. Gomes Peixoto, o velho*, filho de D. Egas Henriques, de Porto-Carreiro. D. Gomes, tomou o appellido da quinta de *Pardêlhas* (peixe pequeno) de que era senhor, no concelho de Monte-Longo, comarca de Guimarães, onde tinha o seu sollar.

Tinham os Peixotos um morgado, em *Pombeiro* (Douro) comarca e concelho d'Argamil, instituido por Vasco Gonçalves Peixoto. Outro morgado, chamado de *Pousada*, instituido por Gonçalo Gonçalves Peixoto, conego da Sé de Braga, e por seu irmão Gomes Gonçalves Peixoto. Passou esta familia á provincia do Alemtejo, Fermedo, Peso da Régua, Lamego, Vieira e outras terras do continente, e ás ilhas dos Açores.

Trazem por armas — escudo xadrezado de ouro e asul de 6 peças, em faxa e 7 em pala. Elmo d'aço aberto, e por timbre um corvo marinho, da sua côr, com um peixe de prata no bico.

Como no portuguez antigo *peixôto* é diminutivo de peixe, e como *pardêlha* é um peixe pequeno, d'aqui se deriva a alcunha de *Peixôto*, que depois passou a appellido.

Outros Peixotos, usam das mesmas armas mas têem por timbre, em logar do côrvo um golphinho, com o peixe (pardelha) na bôca, tudo de prata.

Ha ainda outras familias de *Peixotos Barretos* e *Peixotos Cachos* (vide Elvas) que usam outras armas.

Pereiras — vide Feira.

Pintos — Vide Feira.

Silvas — esta familia veio da Galliza, e tem o seu solar na *Torre da Silva*, povoação situada sobre a margem direita do rio Minho, em territorio gallêgo.

Passou a Portugal, na pessoa de D. Gutierres Paes Alderête, companheiro do conde D. Henrique (pae de D. Affonso I de Portugal). Era *rico-homem* de Castella, e casado com D. Maria Peres Andia. Teve um só filho, D. Payo Gutierres da Silva, que foi senhor da *quinta da Silva* (que julgo ser a

actual quinta da *Gandarella*, na freguezia de Reboréda, concelho de Villa Nova da Cerveira, hoje pertencente aos herdeiros de Sebastião de Castro Lemos, da Casa do Côvo).

Foi alcaide-mór do castello de Santa Olaia, junto ao rio Mondêgo, por baixo da villa de Monte-Mór Velho.

Suas armas são—em campo de prata, leão de púrpura, lampassado de azul. Elmo d'aço aberto, e por timbre o mesmo leão das armas.

D'esta familia eram os condes d'Aveiras, que ao leão do escudo juntaram uma cercadura de silvas verdes.

O 1.º conde d'Aveiras, foi João da Silva Tello de Menezes, feito por Philippe IV, em 24 de fevereiro de 1640.

Ha ainda mais dois troncos d'esta familia.

Os que procedem de D. Pedro da Silva tem por armas—escudo esquartelado—no 1.º e 4.º de púrpura, 6 besantes de oiro, entre uma dobre cruz (como as dos Mellos) e bordadura do mesmo—no 2.º e 3.º de prata, leão azul, e por tmbre uma aguia negra, abesantada de ouro.

Os Silvas, da casa dos condes de Unhão, teem por armas—escudo esquartelado, no 1.º e 4,º, de oiro, liso; 2.º e 3.º de prata, leão de púrpura. Timbre, uma donzella, com um escudo de oiro na mão esquerda.

FERMELAN ou **FORMELÃO**—freguezia, Douro, comarca d'Agueda, concelho d'Angeja, até 1855, e desde então comarca e concelho de Estarreja, 15 kilometros ao N. de Aveiro, 264 ao N. de Lisboa, 480 fogos.

Em 1757 tinha 357 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Derivado do francez *ferme* (granja ou casal). D'isto fizeram os antigos portuguezes *formal*. *Formelans* ou *Formelães*, é o territorio onde ha *fórmaes*. Vide *Formal*.

As freiras dominicas, do convento de Jesus, de Aveiro, apresentavam o reitor, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

É aqui a casa dos herdeiros do desembargador Francisco Lourenço d'Almeida.

É uma freguezia grande, bonita e muito fertil, proxima ao famoso *campo d'Angêja*.

FERMENTÉLLOS—freguezia, Douro, concelho d'Eixo, comarca d'Aveiro, até 1853, e desde então concelho de Oliveira do Bairro, comarca da Anadia, 9 kilometros ao N. de Aveiro, 245 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Orago Santo André.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Situada ao O. e proximo do ribeiro ou *pateira* do seu nome.

É terra fertilissima, sobretudo em milho.

A *pateira* de Fermentellos tem 4 1/2 kilometros de comprido e 1:500 metros de largo.

O *Portugal Sacro* não traz esta freguezia. Vide Eixo e Pateira.

FERMENTÕES ou **FERMONTÕES**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 128 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro*, nem no *Diccionario Geographico* de Almeida, de certo, por descuido, pois existe.

O seu nome é derivado de *foramontãos*. Vide esta palavra.

É terra fertil.

FERMENTÕES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 54 kilometros de Miranda, 450 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 28 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Salsas apresentava o cura, que tinha 6$000 réis e o pé d'altar.

A mesma etymologia da antecedente. Esta freguezia foi ha muitos annos annexada á de S. Nicolau, de Salsas.

FERMIL—grande povoação, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, no arcebispado e districto administrativo de Braga, 4 kilometros ao E. da villa de Freixieiro, 40 a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.

É uma das maiores e melhores aldeias da provincia, que bastante tem prosperado ha

cousa de 30 annos, e que bem merecia o titulo de villa; pois é maior e melhor do que muitas povoações que têem esta cathegoria.

FERNÃO JOANNES — freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 12 kilometros da Guarda, 300 a E. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 131 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O ordinario apresentava, por concurso, o vigario, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

FERRADOSA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chacim, concelho de Alfandega da Fé, até 1855, e desde então do mesmo concelho, mas da comarca de Moncorvo, 390 kilometros ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 91 fogos.

Orago Santo Amaro.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor de S. Pedro, de Alfandega da Fé, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

FERRADOSA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 480 kilometros ao N. de Lisboa, 20 fogos em 1757.

Orago Santa Maria.

O abbade de Guide apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi ha muitos annos annexada á de S. Mamede de Guide.

FERRAGIAL, FERREGIAL e **FERRAGINAL**—(portuguez antigo) terra semeada de *ferran*, na accepção restricta da palavra; mas amplia-se muitas vezes a qualquer terra que produz herva para o gado. Hoje diz-se prado, lameiro, pastio ou pastagem.

Em Lisboa ha duas ruas e uma calçada com o nome de Ferregial; provavelmente porque aquelles sitios estavam em tempos antigos reduzidos a campos de herva.

FERRAGUDO—freguezia, Algarve, comarca de Silves, concelho da Lagôa, 50 kilomemetros de Faro, 234 ao S. de Lisboa, 380 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Faro.

A mitra apresentava o cura, que tinha 70$000 réis.

Situada na foz e margem esquerda do rio Portimão, pouco a cima da fortaleza de S. João, na encosta d'um serro, com frente para o rio. Suas ruas são tortas e quasi todas de ladeira, mas com bastantes casas bôas e modernas. Tem uma bôa egreja, feita a requerimento da camara de Silves (a que pertencia esta freguezia) com o privilegio de nunca ser desannexada do seu termo (!) por carta de 21 d'agosto de 1520. (Lei 11 de D. João III, fl. 24.)

Esta freguezia foi eregida em 1749, pelo bispo do Algarve, D. Ignacio de Santa Thereza. Pelo terramoto de 1755, tinha 60 fogos.

O mar entrou então pelas casas e derrubou 20 e tantas; mas não morreu ninguem.

Os pescadores d'aqui são muito peritos no seu officio e audaciosissimos, hindo pescar mais longe do que os outros do Algarve.

Faz-se aqui muito azeite de peixe. Nos mezes d'inverno, passada a *temporada*, vão nos seus cahiques pescar nos mares de Lisboa, e n'esta cidade vendem o peixe que pescam. Tambem se occupam no transporte das fructas e artefactos do paiz

Tem uma escola de instrucção primaria, fundada por decreto de 16 de novembro de 1839.

É terra fertil. Exporta muito e optimo figo sêcco.

FERRAL — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mantalegre, foi até 1855 do concelho de Ruivães. 50 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 119 fogos.

Orago Santa Marinha.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

É terra muito fertil.

A esta freguezia está ha muitos annos annexa a de Codeçoso do Arco. Vide esta palavra.

É da casa de Bragança, que apresentava o abbade, o qual tinha 300$000 de rendimento annual,

FERRÃO — Vide *Pontos do Douro*.

FERRARIAS — Vide *Aljesur*.

FERRÁRIOS—Vide, *Ferreiros.*

FERREGIAL, FERRAGEAL, e FORRAGEAL etc.—Portuguez antigo—Vide Ferragial, na pagina antecedente.

FERREIRA—freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho de Coura, 48 kilometros a NO. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 230 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Suppõe-se que se déu o nome de Ferreira ás povoações onde havia minas de ferro.

A casa dos Silvas Telles, de Lisboa, apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento. (Estes Silvas Telles, succederam á Gabriel Pereira de Castro, pelos Caldas de Vascões.)

Na casa do Paço, d'esta freguezia, se diz nascêra, em 1521, o primeiro bispo d'Elvas, D. Antonio Mendes de Carvalho.

N'esta freguezia, em Linhares e em outras povoações circumvisinhas, ha muitos vestigios de edificios antigos e de fortificações do tempo dos romanos. Ainda conservam aquelles o nome de *Cividades*, e estas o de *Crastos*. A O. e proximo á egreja, estão as ruinas de uma fortaleza, chamada a *Modôrra*, nome celta, que parece indicar ter aqui havido algum monumento celta (mâmoa.) A um kilometro ao S., junto ao rio Coura, ha vestigios de um castello, que dizem ser dos mouros: chama-se *Crasto de Brosendes*. Aqui appareceram moedas d'ouro e prata romanas.

Tem esta freguezia uma boa egreja matriz. Nos passaes estão as ruinas da residencia. Diz-se que um abbade d'aqui morreu de susto, porque um rapaz, vestido de defunto, lhe appareceu em uma noute; desde então, mais nenhum abbade alli quiz morar mudando a sua residencia para a aldeia de Villa-Mende. Vide Villa Mende e Paço de Ferreira. Se não está errada a data que se vê sobre a porta da residencia parochial da freguezia, é ella muito antiga, pois diz—

«Era 1002, que corresponde ao anno 964 de Jesus Christo.»

FERREIRA—freguezia, Douro, comarca e concelho da Figueira; foi do concelho de Maiorca até 1855, 24 kilometros a O. de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa, 420 fogos.

Em 1757 tinha 137 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo de Coimbra. É fertil.

O prior do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, apresentava o cura, que tinha 40 mil réis, e o pé d'altar.

FERREIRA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho da Torre de Dona Chama, até 1855, e desde então comarca e concelho de Macêdo de Cavalleiros, 60 kilometros de Miranda 455 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 43 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Macêdo de Cavalleiros, apresentava o cura confirmado, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

FERREIRA (do Alemtejo) e **VILLASBOAS**, (ou Villas Lobos)—villa e freguezia, Alemtejo, cabeça de concelho, no bispado districto e comarca de Beja, 180 kilometros ao S. de Lisboa, 820 fogos, 3:200 almas. No concelho 1:400 fogos.

Em 1757 tinha Ferreira 70 fogos e Villas Bôas 24.

Orago de Ferreira, Nossa Senhora d'Assumpção, que é o actual, e de Villas Bôas, Nossa Senhora da Natividade.

É terra muito fertil, sobre tudo em cereaes, vinho, azeite e frutas.

Ha por aqui bastante caça miuda.

—

Tem foral, dado por D. Manuel, em Lisboa a 5 de março de 1516 (*Livro de Foraes Novos do Alemtejo, fl. 86, col. 1.ª*)

Grande feira a 16 de setembro.

A mesa da consciencia, apresentava o prior de Ferreira, que tinha 210 alqueires de trigo, 180 de cevada e 20$000 réis em dinheiro.

O papa apresentava o prior de Villas Bôas que tinha 150$000 réis de rendimento.

Estas duas freguezias estão ha muitos annos annexas, formando uma só.

Em um monte, ao E. da villa, está um castello, cercado de muralhas, com 9 torres e suas barbacans, que, segundo a tradição, foi fundado por D. Gualdim Paes, mestre do Templo (vide Amares, Almourol e Thomar) pelos annos de 1150.

Proximo á villa ha vestigios de uma povoação, que, segundo alguns escriptores, foi a cidade romana chamada *Singa*, na qual se fez célebre uma lusitana, defendendo heroicamente a porta do castello, contra os godos, com um malho na mão (outros dizem com dous, um em cada mão) no anno 405 de Jesus Christo.

Em memoria d'este facto, tem a villa por armas, uma mulher, com um malho em cada mão.

Ha 104 annos (1770) ainda se viam junto á villa (a E,) restos de edificios, em uma extensão de trez kilometros.

Julga-se que esta cidade foi destruida pelos godos, por causa da sua tenaz resistencia.

Passam proximo da villa as ribeiras de Valle d'Ouro e Safrins. A primeira dista 1:500 metros da villa, e a segunda 3 kilometros. Os bordallos de Safrins, dão-se aos doentes.

Em 1796, appareceram aqui muitas medalhas de prata e cobre, de varios imperadores e consules (e até de familias patricias romanas.) As de prata foram achadas em um sitio, entre Ferreira e Barrellas, e as de cobre em um monte sobranceiro ao Valle da Ribeira. Tambem então appareceram varios instrumentos agrarios, domesticos e fabris. Eram todos de ferro, mas estavam muito oxidados.

Perto da villa, está a freguezia da Figueira dos Cavalleiros, assim chamada por n'ella residirem (segundo a tradição) 20 cavalleiros, que tinham optimos cavallos, famosos em toda a provincia.

—

O concelho de Ferreira é composto de cinco freguezias, todas no bispado de Beja são:

Ferreira e Villas-Bôas, Figueira dos Cavalleiros, Alfundão, Peroguarda e Santa Margarida do Sadão.

—

FERREIRA—villa, Douro concelho de Paços de Ferreira, comarca de Louzada, 20 kilometros ao NE. do Porto, 30 ao S. de Braga. 340 ao N. de Lisboa, 230 fogos (900 almas)

Em 1757 tinha 160 fogos.

Orago S. Pedro.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O reitor era de collação ordinaria, por concurso synodal, e tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Foi couto dos frades cruzos de S. Pedro de Ferreira, e depois dos bispos do Porto.

Houve aqui um mosteiro de templarios, que desde 1319 passou a ser de cruzios.

D. João d'Azevedo, bispo do Porto, uniu e annexou este convento, *in perpetuum*, á mesa pontifical, da cathedral do Porto, por bulla de Sixto 4.º, em 1475.

Ainda conserva o nome de *mosteiro*, e tem uma collegiada, com beneficiados.

Foi este convento fundado por D. Soeiro Viegas (tronco dos Pachêcos) em 1120.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 15 de setembro de 1514 *(livro dos foraes novos do Minho, fl. 58, col. 2.ª)*

Serve tambem para Parada e Portella.

Dá-se a esta freguezia vulgarmente o nome de *S. Pedro Fins de Ferreira.*

FERREIRA D'AVES — villa, Beira Alta, concelho de Satão, comarca e 24 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 650 fogos, 2:600 almas.

Em 1757 tinha 529 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu

Os duques de Cadaval, marquezes de Ferreira, apresentavam o abbade, que tinha de rendimento 400$000 réis.

Situada na margem direita do Vouga, em frente de Villa-Rei, que é na margem esquerda, já no bispado de Coimbra.

É povoação antiquissima, provavelmente do tempo dos romanos. Abandonada pelos arabes, esteve alguns annos quasi deserta, até que D. Thereza e seu filho D. Affonso Henriques a mandaram povoar e lhe deram foral, em 24 de novembro de 1126, com muitos privilegios. (Franklim diz que D. Thereza deu este foral em 1136, o que é manifes-

to engano, visto que esta senhora falleceu em 1130.)

O foral elleva Ferreira d'Aves á cathegoria de villa, constituindo concelho independente. Mas D. Thereza (como muitos escriptores dizem) não achou esta terra despovoada, o que ella fez foi augmentar-lhe a população.

(Note-se que n'aquelles tempos chamava-se *povoar uma terra* ao acto de lhe dar foral.)

Logo em 1126, foi pela *rainha* e seu filho dado esta terra a Fernão Jeremias, fidalgo leonez, que em 1093 tinha vindo para Portugal com o conde D. Henrique.

[Casou este fidalgo, aqui, com *D. Maria Soares*, filha de *Soeiro Viegas* (que fundou o mosteiro de cruzios, de *Ferreira* de Santo Thyrso, e outro aqui, de que logo tratarei).

Não pude saber porque titulo, em 1156 já metade d'esta villa era dos templarios. O foral velho (o de D. Theresa) é escripto no latim barbaro d'aquelles tempos, e dá á villa o nome de *Ferreira d'Aules* (que de certo é corrupção de *ales* (aves).

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514. N'este foral está a traducção do antigo.

Parece que os templarios não residiram aqui muitos annos, nem se occuparam na restauração do castello; antes a cantaria do antiquissimo que aqui havia (com toda a probabilidade romano) foi empregada toda, depois, no magestoso templo de Santo André e n'outros edificios. Estabelecidos já os templarios no seu castello de Soure, trocaram com os *cavalleiros do hospital* (Malta) o que aqui tinham.

Os de Malta aqui residiram algum tempo no logar ainda por isso chamado *Cas-Freires* (Casa dos Freires) e ainda aqui estavam no tempo do rei D. Diniz.

El-rei D. Manuel fez marquez de Ferreira a *D. Rodrigo de Mello*, conde de Tentugal. Quando os marquezes de Ferreira passaram a ser duques de Cadaval (1548) ficou intitulando-se marquez de Ferreira, o filho primogenito d'aquella casa. (Vidé Cadaval.)

N'esta freguezia está o convento da *Fraga*, que foi de frades capuchos da Conceição. N'elle viveu, escreveu, falleceu e jaz o bem conhecido antiquario e consciencioso escriptor, *fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo*, auctor do tão lido e geralmente apreciado *Elucidario*. Nasceu em Gradiz pelos fins do seculo XVII, ou principios do XVIII. (Vide Gradiz.)

Tambem aqui foi conventual *fr. Francisco dos Prazeres Maranhão* (o *Flaviense*) auctor de um *Diccionario Geographico de Portugal* (muito resumido).

Ha aqui um convento de freiras benedictinas, que alguns escriptores dizem que esteve primeiro no *Barrocal*, mas é erro. O principio d'este convento é o seguinte.

Soeiro Viegas, (de que já fallei) fundou aqui um *mosteirinho* para eremitas (ermitães) em 1111, junto á capella de Santa Eufemia, que já n'esse tempo era muito antiga. *Dona Mayor Soares*, filha de Soeiro Viegas, ampliou o edificio, e por fim o transformou em mosteiro de freiras bentas. Esta *Dona Mayor Soares* era viuva de *Pelagio Fernandes*. (Adiante direi mais alguma coisa d'esta senhora.)

—

Ferreira d'Aves foi por sete seculos concelho independente, com juiz ordinario e das sizas e orphãos, camara, escrivães, etc., e até, segundo diz *Viterbo* (que além de ser um escriptor muito verdadeiro e investigador, aqui escreveu) já tinha *juiz de fóra* no tempo de D. Affonso Henriques, assim como a villa de *Cótta*, sua visinha; mas ambas deixaram perder esta *regalía*, usurpando os senhores da terra o direito de nomear juizes.

Não valeram a esta villa, nem a sua veneranda antiguidade, nem os fóros e privilegios de seus regios pergaminhos; nem as suas tradições, para escapar ao furor dos modernos reformadores, e o seu concelho foi supprimido, passando a formar parte do concelho de Satão.

A capital do concelho de Ferreira d'Aves era a villa do *Castello*.

Ferreira d'Aves era o solar dos *Ferreiras*.

O primeiro que usou o appellido de *Ferreira* foi *Ruy Pires de Ferreira*, bisneto de *Fernão Jeremias* (de quem já fallei), em 1191.

Quando Dona Mayor Soares transformou o convento de frades em freiras, foi com tenção

de se recolher a elle com algumas suas filhas, sobrinhas e parentas. Em 1136 já n'elle havia freiras, e em 11̄0 já o convento era bastante rico. Em maio d'este ultimo anno, sendo abbadessa *Maria Fernandes*, doou ao conveno *Sancha Pires* a sua herdade de *Barreiros*.

Passados alguns annos entraram para o convento Dona Mayor Soares com suas 3 filhas, *Dordia, Thereza* e *Mayor*.

Logo que Dona Mayor entrou para o convento, os outros seus filhos, *Pedro, Egas, Soeiro, Fernando, Mendo, João, Affonso, Martinho, Maria* e *Marinha* lhe demittiram as herdades que tinham no bispado de Lamego, que eram a quinta de *Maçans*, com todas as suas pertenças; dois casaes em *Moimenta;* dois em *Quintella;* um no *Omisio*, e o mais que lhes pertencia em *Almakavi* e *Lama*; e davam isto a «*Nostræ Matri et filias vestras Dordia, Tarasia et Mayor Pelagii.*» Esta doação não tem data, mas foi pelos annos 1181.

Martinho Paes, um dos doadores, filho de D. Mayor Soares, foi abbade de Santo André de Ferreira, e depois bispo da Guarda, e deu ao convento de Santa Euphemia, em attenção a uma de suas irmans, que era alli abbadessa, todos os dizimos das terras que o mosteiro fizesse cultivar em toda a sua freguezia, *que se estendia desde o Vouga até ao Paiva!*

Não pude saber quando este mosteiro tornou a ser habitado por frades; é porém de suppôr que por morte de Dona Mayor e suas filhas, faria *Martinho Paes*, já bispo da diocese, esta mudança recolhendo-se n'este mosteiro como seu irmão João Paes se tinha recolhido ao de Santa Cruz de Coimbra, d'onde sahiu para primeiro deão da Guarda.

Em 1206 andavam os monges de Santa Eufemia todos afadigados na reedificação da sua egreja e nas officinas da sua abbadia. Os bispos de Lisboa, Guarda, Viseu e Lamego ajudaram a esta sobras.

Em 1207 ainda aqui residiam os frades, com o seu prior, fr. Lourenço; mas em 1209 já havia outras freiras aqui, das quaes era abbadessa D. Maria Fernandes, que ainda o era em 1228. (Se era a mesma *Maria Fernandes*, abbadessa em 1170, morreu velha.)

Desde então continuaram a viver aqui freiras bentas, até ao meiado do seculo XV, em que as professas d'este instituto se esqueceram inteiramente d'elle (no que tiveram muitas imitadoras, — vide sobre tudo Recião) e das obrigações do seu estado; seguindo-se á corrupção dos costumes o despreso dos póvos a estes conventos e a suppressão de muitos d'elles.

Por morte da abbadessa *Leonor Pires Mourata, D. João de Chaves*, bispo de Viseu, lhes não permittiu elegerem abbadessa, e havendo então aqui 6 ou 7 freiras, as lançou fóra do mosteiro, reduzindo este a egreja e *beneficio* secular, unido ao *mestre-escolado;* dignidade que de novo havia instituido na sua cathedral.

Largas e renhidas foram as contendas que isto originou. Em 1448, *por administração e cargo que então havia no mosteiro de Santa Eufemia*, fez o dito bispo prazo a *Gonçalo Annes* e sua mulher, do casal de *Bordonhos*, que era do mosteiro; porém, desde 1450 até 1455 habitaram n'elle os religiosos terceiros de S. Francisco, postos alli pelo prelado. Vendo, porém, *estes bons frades* que as freiras expulsas queriam viver regularmente n'esta casa, promptamente as admittiram.

Ellas elegeram então para abbadessa *Ignez Martins*, por auctoridade de *D. Alvaro*, bispo de Silves e legado *a latere* — e em 4 de novembro de 1460, obtiveram final sentença, dada por *D. Fr. Fernando*, abbade de Salzedas, e juiz apostolico — e desde então se tornou este um dos conventos mais respeitaveis e exemplares de Portugal, pela virtude e santidade de suas religiosas.

—

A collegiada de Santo André de Ferreira d'Aves, principiou com 5 *raçoeiros* sujeitos ao abbade, isto talvez antes do bispo *D. Egas*, que foi o que lhes deu estatutos. Já no tempo de *Fernão Jeremias* se haviam supprimido as *duas egrejas*, das quaes apenas resta a lembrança, no logar que ainda tem este nome (Duas Egrejas).

No principio do seculo XIV se erigiram

duas egrejas ruraes (*S. Miguel de Lamas* e *Forles*) que foram unidas á collegiada, pelo bispo D. Egas (que o foi desde 1287 até 1313).

Em 1331, *D. Miguel Vivas*, estando em visita no *Castello de Ferreira*, a 30 de dezembro, deu nova fórma e estatutos novos a esta collegiada; *por consentimento dos senhores da terra*, *Lopo Fernandes Pacheco* e sua mulher *D. Maria Gomes Taveira*; podendo os *raçoeiros* ser 10, e que *chegando a este numero, se podessem chamar conegos e ter deão*—tendo só *prioste* emquanto não tivessem tal numero—que as rendas ecclesiasticas d'este concelho se dividissem em tres partes, a primeira para o cabido (*livre de todo o encargo*) a segunda para o abbade, e a terceira repartida entre os beneficiados, tirando-se d'estas duas terças partes *tudo o que fôr preciso para a fabrica e reparos da egreja*=*e que não vençam as suas porções, senão os que forem presentes ou legitimamente impedidos, por molestia, serviço da egreja, ou por mandado superior.*—(Docum. da Camara Eccles. de Viseu.)

Lopo Fernandes Pacheco, que em 1331 era senhor de Ferreira d'Aves, como vimos—era um dos *cavalleiros da tavola redonda*, e um dos célebres «*Doze de Inglaterra*». (Vide *Cêa* e *Pachacos*).—Seu filho, *Diogo Lopes Pacheco* foi um dos cobardes assassinos da formosa e infeliz *D. Ignez de Castro*, o qual escapou ao cruel mas justo castigo dos seus cumplices, por ter fugido a tempo para Castella e de lá para França. (Para evitar repetições enfadonhas, vide *Pachacos*, onde vem mais alguma coisa a este respeito.

D. João Fernandes Pacheco, filho de Diogo Lopes Pacheco, passando-se para os castelhanos (como digo em *Pachacos)*, perdeu o senhorio de Ferreira d'Aves, que passou a outros, até que por fim veio a ser da nobilissima casa do Cadaval. (Vide Coimbra e Gaya.)

—

Até 1517 formavam as villas de *Ferreira d'Aves* e a de *Villa-Rei* um só concelho, cuja capital era *Castello de Ferreira*, e o rei D. Manuel as dividiu então, fazendo dois concelhos independentes.

—

A pedido de *Diogo Lopes Pacheco*, senhor d'esta villa, eximiu D. João I, em 1389, as freiras d'aqui, de pagarem *jugada* na sua quinta da Arrancada (julgado do Vouga) e mandou que tambem não fossem obrigadas a *mostrar cavallo, no primeiro de maio.*

> (Em Viseu e seu termo todo o chefe de familia era obrigado a *mostrar* no primeiro de maio de cada anno, um cavallo de marca, proprio para a guerra, e o que o não mostrasse tinha uma multa. A esta multa se chamava *cavallo de maio.*)

FERREIRA DO ZEZERE—villa, Extremadura, cabeça do concelho de seu nome, na comarca de Thomar, d'onde dista 12 kilometro, 30 ao N. de Abrantes, 60 ao S. de Coimbra, 144 ao NE. de Lisboa, 480 fogos, 1:900 almas.

No concelho 2:560 fogos.

Em 1757 tinha 350 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Santarem.

A Mesa da Consciencia apresentava o prior, que tinha 500$000 réis de rendimento.

É povoação antiquissima. Foi povoada por *mestre Gualdino* (D. Gualdim Paes de Marecos, mestre da Ordem do Templo) em junho de 1156, dando-lhe elle então foral; mas em 1222 vemos senhores d'esta povoação, um grande fidalgo (*ferreiro* de profissão) chamado Pedro, e sua mulher, Maria Vasques, que n'esse anno deram foral *aos que andavam povoando uma sua herdade chamada Ozezar, nas margens do Zêzere «quæ vocatur de novo Villa Ferreira.»*

D. Affonso II confirmou, a este *ferreiro fidalgo*, a doação que seu pae, D. Sancho I, lhe havia feito de *juro e herdade*, de uma grande porção de campo, no sitio dos *Ordiaes*, que parte com o termo de Thomar, em premio dos seus grandes serviços. A carta de confirmação é datada de Santarem, a 5 de julho de 1191: a confirmação de D. Af-

fonso II não tem data; mas deve ser por ahi de 1218, que foi quando elle, estando em Santarem, confirmou grande numero de foraes e doações de seus pae, avô e bisavô.

D. Sancho I, deu ainda a este illustre *ferreiro*, a herdade de *Valdorjães*, no termo de Thomar, em 1190, e no de 1225 a deu o *ferreiro* aos templarios, e no mez de maio d'esse mesmo anno, o ferreiro, sua mulher, e sua filha Maria, deram aos templarios *todas as suas herdades de Ordiaes e Villa Verde.*

Eu estou convencido que não era *ferreiro* nenhum: que era um fidalgo chamado Pedro Ferreiro, a que algum copista pespegou um *f* pequeno no appellido.

É verdade que na Arrifana de Sousa houve um nobre fidalgo, que exercia a profissão de ferreiro, sem que as chispas do *ferro rubro* lhe chamuscassem os pergaminhos; e até de mais a mais morreu com fama de santidade. (Vide Arrifana de Sousa.)

Em 1306, deu D. Diniz aos templarios o padroado d'esta villa.

—

D. Manuel deu foral novo a esta povoação (elevando-a então á cathegoria de villa) datado de Lisboa, a 12 de março de 1513.

Outros porém sustentam que já era villa, feita por D. Affenso V, em 1450.

—

É terra muito abundante d'aguas, fertil e sadia. Situada em planicie, mas o seu termo do lado do *Zêzere* é terreno fragoso, com muitas serras de desmedida altura e grandes penhascos. Tem á beira do rio *Zêzere* um cabeço muito alto, separado dos mais, e n'elle uma capella, de cantaria lavrada, muito antiga, dedicada a S. Pedro, apostolo.

Diz-se que no sitio da *Castanheira*, tambem á beira do rio, houve em tempos remotos um convento de frades bentos, que deixou de existir ha muitos annos e que das pedras da sua egreja fizera a actual capella uma *D. Antonia*, d'esta villa. Ha n'este cabeço sepulturas vazias, feitas á maneira de caixas, a que chamam *sepulturas dos mouros*. É provavel que fosse aqui algum *almocabar* dos arabes.

—

Esta villa é do bispado de Coimbra e fica fronteira a Villa Rei, que é do outro lado do rio (margem esquerda) e já no bispado da Guarda.

—

Este concelho é composto de 9 freguezias, sendo 5 em Coimbra e 4 na prelasia de Thomar, hoje patriarchado.

As do bispado de Coimbra, são: Ferreira do Zêzere, Aguas-Bellas, Payo Mendes, Dornes e Bêco.

As da prelasia (isento) de Thomar, são: Areias, Pias, Chãos e Egreja Nova.

—

Em grande extensão de territorio d'este concelho e nas proximidades de Thomar, ha importantes minas de ferro, manifestadas em 1873 e 1874.

FERREIRIM—freguezia, Beira-Alta, concelho de Cernancelhe, comarca de Moimenta da Beira, 36 kilometros de Lamego, proximo da pequena villa da *Lapa*, 324 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago Santo Estevão.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

E' terra fertil.

Foi do concelho de Fonte Arcada, que se supprimiu em 24 de outubro de 1855.

O reitor de Fonte Arcada, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

FERREIRIM—freguezia, Beira Alta, comarca e 6 kilometros de Lamego, concelho de Tarouca, 320 kilometros ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

É terra fertil.

Em uma elevada collina, coberta de frondosa vegetação, está a rica ermida de *Nossa Senhora da Guia, dos Cyprestes*, com sua *galilé*, ou vestibulo, e um pequeno jardim, e casa de habitação dos ermitães. Tem um espaçoso adro, com uma copiosa fonte de boa agua.

A imagem da Senhora é de *roca* e muito antiga.

D'este sitio se gosa uma extensa e bonita vista.

Ha aqui grandes festas a Nossa Senhora, na primeira oitava da paschoa, e no domingo seguinte (por occasião de hir a Cruz de Sepões á capella, como é obrigada, por costume immemorial.)

Ainda nos seguintes domingos continuam a hir alli muitos romeiros; mas a maior concorrencia é nas duas primeiras solemnidades. Nas casas dos ermitães viveram por muitos annos algumas *recoletas*, ou *beatas*; mas, no seculo XVIII não entraram mais nenhumas, pelo que foram acabando as que havia, e no fim do dito seculo já não existia nenhuma. Jazem sepultadas na mesma capella.

Junto ao templosinho estão dois vetustos cyprestes, bastante corpulentos. É por isto que á capella de Nossa Senhora da Guia, se lhe dá o *sobrenome*, dos *Cyprestes*.

O *Portugal Sacro*, não traz esta freguezia.

FERREIRIM (convento de)—vide Bertiandos.

FERREIRIM—vide Mós.

FERREIRÓ—freguezia, Douro, comarca e concelho de Villa do Conde, 30 kilometros a O. de Braga, 330 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Orago S. Martinho (o *Portugal Sacro* diz que é Santa Marinha.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O arcebispo apresentava o abbade, por concurso synodal, e tinha 150$000 réis.

É terra fertil.

FERREIRÓS—freguezia, Minho, comarca, concelho e 6 kilometros de Braga, 50 ao N. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

O *Portugal Sacro e Profano* não traz esta freguezia.

FERREIROS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, bispado e districto administrativo de Bragança.

Esta freguezia já não existe, como tal, por estar ha muitos annos annexa á do Edral. Vide esta palavra.

FERREIRÓS ou **FERREIROZ**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Tondella, 18 kilometros de Viseu, 264 ao N. de Lisboa, 138 fogos.

Em 1757 tinha 77 fogos.

Orago S. Christovão.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O abbade de S. Miguel, de Papisios, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil.

FERREIROS—freguezia, Minho, comarca e concelho da Póvoa de Lanhoso (foi até 1855 do concelho de S. João de Rei) 12 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757 tinha 81 fogos.

Orago S. Martinho.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor do convento de Nossa Senhora da Graça (Populo) de Braga, apresentava o cura, que tinha 20$000 réis e o pé d'altar.

É n'esta freguezia a quinta da *Torre*, que foi dos marquezes de Monte Bello. É o solar dos Machados, por D. Maria Moniz, filha de D. Moninho Osorio, neta do conde D. Osorio, povoador d'estas terras. Esta D. Maria teve de Mem Moniz de Gondarem (outros dizem que foi de D. Sancho I) a Martim Martins, que com um machado arrombou as portas de Santarem (8 de maio de 1147) sendo dos primeiros que entrou na praça. D'este acto lhe proveio e aos seus descendentes, o appellido de *Machado*.

Pedro Machado foi senhor d'Amares, porque comprou este senhorio, por 500 corôas, que D. João I devia a D. Maria de Azevedo, viuva de Alvaro de Biedma, dando-lhe o rei esta terra com a obrigação do pagamento d'aquella divida.

FERREIROS—freguezia, Minho, foi até 1855 da comarca de Pico de Regalados, e desde então é da de Villa Verde, d'onde dista 6 kilometros a E., concelho d'Amares. 10 kilometros ao N. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Expectação, ou Nossa Senhora do Ó.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O arcebispo apresentava o abbade, que tinha de rendimento 440$000 réis.

É aqui a torre e solar da nobilissima familia dos Vasconcellos, descendentes de Ramiro III, de Leão, e de sua irman, a infanta D. Ermenezinda, de cujo incestuoso ajuntamento, tido na casa de Lóbios (Galliza) solar dos Vellosos, nasceu o infante D. Velloso, pae do conde D. Osorio (que veio povoar estas terras, em tempo do conde D. Henrique.) Era parente de D. Egas Moniz.

Descendem d'este D. Velloso, tambem os marquezes de Castello Melhor, alcaides-móres de Pombal, senhores de Valhêlhas, Famalicão, Almendra e Moura, e do concelho e solar d'Alvarenga.

É tambem n'esta freguezia a antiga e nobre casa da *Corredoura*, da qual é actual representante o sr. dr. Antonio d'Amorim Soares de Azevedo.

Foi antigamente da comarca de Vianna, visita d'Entre Homem e Cávado.

Situada em terreno quasi plano, com bonitas vistas.

Grande feira (em todas as quartas feiras do anno) de gado e varios generos, em um vasto terreiro da freguezia. Chama-se *Feira Nova*, porque foi para aqui mudada do sitio antigo, que era na freguezia de Carrazêdo. Vide Carrazêdo.

Tem tambem uma boa feira annual, a 5 e 6 de maio.

A egreja matriz é um templo vasto e bom; foi edificado em uma pequena elevação, quasi na extremidade oriental da freguezia, no anno de 1802, á custa do povo da parochia.

Tem uma soffrivel torre, e um extenso e bonito adro, feito em 1844, á custa dos freguezes.

A antiga matriz era uns 80 metros ao sul da actual, dentro do *quinteiro* (pateo) da residencia parochial.

Ha n'esta freguezia duas capellas, muito antigas — Santa Catharina e Santa Luzia.

É terra muito fertil em cereaes, vinho (verde), azeite, linho e optimas laranjas, e outras fructas.

—

A E. d'esta freguezia, corre o ribeiro do *Barrio*, que nasce na freguezia de Caires, e morre na direita do Cávado. Réga e móe.

Pelo centro d'esta freguezia de Ferreiros, passa a estrada districtal de Barcellos a Monte Alegre, que anda em construcção (1874).

FERREIROS—villa, Extremadura, na freguezia da Moita dos Ferreiros, comarca de Torres Vedras, concelho da Lourinhan, 60 kilometros ao NE. de Lisboa, 50 fogos, 200 almas.

É povoação muito antiga. D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 10 de março de 1514. Este foral é tambem o do Soalhal.

Era capital do concelho do seu nome, hoje extincto. Tinha camara, juizes e mais auctoridades e empregados publicos.

Vide Moita dos Ferreiros.

FERREIROS D'AVÕES—freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 2 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 81 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Purificação, vulgò, das Candeias.)

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

A mitra, por concurso synodal, apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis.

É terra fertil.

FERREIROS DE TENDAES — villa, Beira Alta, comarca e concelho de Sinfães, 24 kilometros ao O. de Lamego, 60 a E. do Porto, 325 ao N. de Lisboa, 340 fogos, 1:300 almas.

Em 1757 tinha 41 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Situada na margem esquerda do Douro, no declive da serra de Monte Muro (ou Monte do Mouro) do lado do N. d'ella. Esta serra, com as da Franqueira, Castro, S. Macario, Pernaval, Arouca, Freita, Caramullo e outras, são ramificações da serra do Bussaco, e ás quaes todas chamavam os antigos *serra d'Alcóba*.

Ferreiros de Tendaes, que é uma povoação antiquissima, foi muitos seculos conce-

lho, com casa da camara, pelourinho, cadeia, juizes (ordinario, dos orphãos e das sizas) tabelliães, escrivães, etc.

Era primeiro da comarca de Lamego, depois de 1834 passou a ser um concelho da comarca de Rézende (então creada) e pelo decreto da regencia (do senhor D. Fernando Coburgo) de 24 de outubro de 1855, foi supprimido este concelho (que tinha 1:200 fogos) e passou a formar parte do concelho e comarca de Sinfães.

—

D. Sancho I lhe deu foral, em maio de 1210. D. Affonso III lhe deu outro foral, com grandes privilegios e fóros, elevando Ferreiros de Tendaes á cathegoria de villa, e mudando-lhe o julgado em concelho.

Este foral é datado de Coimbra, de 4 de janeiro de 1258.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 6 de setembro de 1513, confirmando-lhe todos os seus antigos fóros, privilegios e regalias, sendo dos principaes os seguintes— Nomearem entre si um *mordomo* para receber os fóros e entregal-os ao rei. Não hirem á guerra senão com o rei em pessoa, isto é, só eram obrigados a hir para a guerra, quando o rei fosse. Não responderem senão pelos crimes de *homicidio, rapto* e *lixo na bocca.* (De modo que podiam ser adulteros, sacrilegos, herejes, falsarios, ladrões, etc., impunemente!)

Todos estes privilegios e outros menos importantes tinham os povos da *Agralheira* (hoje *Gralheira) Alhões, Bustêllo da Lagem, Pinheiro* e *Villa Boa de Cima*, que tem o mesmo foral, isto é, que todos são comprehendidos no mesmo foral.

Tambem tinha o concelho, privilegio de *reguengo* e nunca poder sahir da corôa; mas D. Affonso V annullou-lhe este privilegio (como em outras muitas partes fizeram differentes reis) dando esta terra, *em sua vida*, a D. Fernando I, duque de Bragança, por doação regia, de 15 de agosto de 1471, com a cathegoria de julgado.

D. Manuel confirmou esta doação no duque D. Fernando II (filho d'aquelle) de *juro e herdade*, por provisão passada no *Rastello* (Belem) a 15 de agosto de 1495, e depois a confirmou ao duque D. Jaime, em Alcochete, á 16 de julho de 1496. Era pois da casa de Bragança.

—

D. Jayme era intimo amigo e companheiro d'armas de Ruy Vaz Pinto (outros dizem Gonçalo Vaz Pinto) da familia dos *Pintos*, de *Riba Bestança*, senhor da quinta de *Covellas*, adiantado de Entre Douro e Minho, regedor das justiças e alcaide-mór de Chaves. (Esta geração dos *Pintos* acabou em Manuel Antonio Pinto, que morreu no fim do seculo XVIII.)

Tendo o rei D. Manuel dado o commando de uma armada a D. Jayme, este toma á viva força a cidade marroquina de Azamor, em e 3 de outubro de 1513. Esta victoria desanimou tanto os mouros, que abandonaram as cidades de *Ti-Ti* e *Al-Medinah. Ben-Al-Cafiz, Ta-Fut* e *Tetnest*, se rendem em poucos dias ás armas portuguezas.

Ruy Vaz Pinto, capitão de uma das gallés, taes feitos de valor obrou n'esta guerra, que D. Jayme pediu ao rei licença para lhe doar (a Ruy Vaz) o senhorio de Ferreiros de Tendaes, ao que D. Manuel annuiu.

Esta doação foi feita em 1515. D. João III a confirmou em Evora, á 22 de novembro de 1533.

Assim passaram os *Pintos* (desde então chamados da *Torre da Chan* ou *Villar da Chan*) a serem donatarios d'este concelho.

—

Fallemos agora d'este célebre castello de *Villar da Chan*, ou, como vulgarmente era denominado, *Torre da Chan.*

Não ha nenhum portuguez que ignore o feito glorioso do audaciosissimo cavalleiro Giraldo Giraldes, o *Sem Pavor*, isto é, a conquista d'Evora, em 30 de novembro de 1166.

Um precioso manuscripto, de auctor anonymo (mas que era com certeza frade bento) que muito me tem servido para esta obra, diz que Giraldo Giraldes era natural da villa de Ferreiros de Tendaes, ou do concelho, e de uma familia de *sangue limpo* de appellido *Pestana.* Joven, bravo e aventureiro, reuniu uns 100 homens seus patricios, e apresentando-se com elles a D. Affonso Henriques, obrou prodigios de valor com a

sua gente; pelo que era muito estimado do rei, que lhe chamava o *Sem Pavor;* porém, matando em desafio um fidalgo chamado D. Nuno, grande valido de D. Affonso I, e temendo a colera d'este (que era terrivel) fugiu com a sua hoste.

Como antes de ser um grande soldado tinha sido um caçador intrepido, sabia que sobre a margem direita do *Bestança*, 6 kilometros a ESE. do Douro, havia no alto de um monte um sitio agreste e escabroso, formando um plató quasi inaccessivel, por estar cercado de altas penedias, tendo no centro um alcantilado rochedo. Sobre elle edificou Giraldo e os seus, um robusto castello, tão inexpugnavel por arte como terrifico por natureza, e aqui fez o centro de suas operações, que eram, diga-se a verdade, roubar indistinctamente mouros e christãos. (Para tudo o mais que diz respeito ao *Sem Pavor*, para evitarmos repetições, vide Evora, no logar competente.)

Eis aqui, segundo o tal manuscripto, a origem do *Castello da Chan*, a que deu o nome a *chan* ou plató em que está edificado.

Foi depois este castello o solar dos Pintos, da *Torre da Chan*, que construiram junto ao castello as suas casas de habitação. No declive do monte se veio com o tempo a formar a aldeia da *Chan*, onde ha uma capella mandada fazer em 1671 por Francisco de Oliveira e Brito e sua mulher Isabel Pinto da Costa.

O castello está quasi desmantellado, porém a torre ainda está muito bem conservada e para resistir muitos annos ao rigor do tempo. É toda de cantaria, com ameias; está coberta de telhado e é habitada. Ainda n'esta torre se conserva um morrião ou capacete, de cobre, uma couraça de tiras tecidas, de couro cru, e uma espingarda sem feixos e de accender com morrão, muito comprida e mais pesada do que tres das actuaes.

—

Querem alguns, que os povos da *Bastetania* foram os primeiros povoadores d'esta terra e que deram ao rio o nome da sua patria, que depois se corrompeu em *Bestança*. O que é certo é ser povoação antiquissima, povoada no tempo dos godos, que aqui construiram os tres castellos chamados da *Corôa da Aldeia, de Alrête e de Ramires*.

De todos estes tres castellos ainda ha vestigios. No da *Corôa da Aldeia* ainda está de pé parte da muralha. Ainda ha poucos annos aqui havia um pôço, que, segundo a tradição, era a entrada de uma galeria subterranea, que ia até ao Bestança.

Por uma escriptura que existia no cartorio do convento de *Paço de Sousa*, consta que o rio *Bestança* já assim se chamava na era de 1088 (1050 de Jesus Christo.)

—

O concelho de Ferreiros de Tendaes tinha duas freguezias: S. Miguel, de Oliveira do Douro e Ermida, annexa—e S. Pedro de Ferreiros, que tinha quatro curatos: Bustello da Lage, Alhões, Gralheira e Ramires.

Do foral novo se vê que a egreja da Ermida (hoje annexa a Oliveira do Douro) foi convento em tempos remotos.

—

O concelho de Ferreiros de Tendaes era limitado ao S., por o concelho de Castro d'Ayre—ao E., por a ribeira do Cabrum, que o separa do concelho d'Arégos)—ao O. pelo Bestança (que o separa dos concelhos de Sinfães e Tendaes) e pelo N. terminava no rio Douro.

Tinha 12 kilometros de comprido, desde a serra do Pernaval até ao rio Douro, e 6 de largo, entre os ribeiros Cabrum e Bestança.

O terreno d'este concelho é muito accidentado e escabroso, semeado de rochedos graniticos e basalticos. Tem porem alguns pequenos valles, muito amenos e ferteis, principalmente na margem do Douro, onde é mais cultivado, e produz bastantes cereaes e frutas, optimo vinho verde e azeite.

As vaccas d'este concelho dão optima manteiga, industria aqui muito antiga, pois já no seu foral pagavam os seus moradores annualmente, 25 *bôlos* de manteiga, *do tamanho d'óvos de pata*. As vitellas d'aqui são saborosissimas, e os presuntos (conhecidos em Lamego por presuntos da Gralheira e em outras partes por presuntos de Lamego) são optimos.

As suas principaes industrias são a agricultura e a nevegação do Douro.

Exporta continuadamente para o Porto vinho verde e madeira de castanho, e no tempo proprio castanha, cereja, laranjas e nozes.

Nos seus montes ha muita caça, e o Douro, Bestança e Cabrum lhe fornecem vario e saboroso peixe, sobre tudo saveis, lampreias e trutas.

—

FERRO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Covilhan, 35 kilometros da Guarda, 275 ao E. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 200 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O prior de S. Thiago, da Covilhan, apresentava o cura, que tinha 200$000 réis.

É terra muito fertil. Gado e caça.

FERROCAN — monte, Minho, territorio de Braga, ribeiras do Cávado. Em abril de 1185 Sancha Viegas, e seus filhos, venderam aos templarios de Braga, sendo seu mestre D. Pedro Arnaldo, um casal nas faldas d'este monte, regado pelo dito rio.

Entendo que Ferrocan é a palavra tártara adoptada pelos árabes, *Ferruk Kan* (o capitão ou chefe, *Ferruk.*)

FERVENÇA —rio, vide Bragança.

FERVENÇA —freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 40 kilometros ao NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 298 fogos,

Em 1757 tinha 338 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra muito fertil, e produz bom vinho.

As religiosas de Santa Clara, de Villa do Conde, apresentavam o reitor que tinha 200 mil réis.

O rei D. Diniz, deu esta freguezia a seu filho bastardo, D. Affonso Sanches, senhor de Albuquerque, e este a doou ás referidas freiras.

Segundo a tradição, houve n'esta freguezia um convento de freiras benedictinas, muito antigo, pois já existia no tempo de D. Affonso Henriques, convento que se chamava *Mosteiro de Recião* e estava sujeito ao de *Caramós.*

> Julgo ser engano, confundindo-se os nomes por causa da sua identidade. Não achei em parte nenhuma outro convento de *Recião*, senão o que existiu junto a Lamego, que era effectivamente de freiras benedictinas, e que se tornou tristemente celebre, como direi no logar competente. Vide as palavras *Evason* e *Recião.*

FERVENÇAS — Douro, no concelho e comarca de Catanhede. freguezia da Cadima, ha dois *olhos d'agua* chamados *as Fervenças*, que (segundo dizem) sorvem tudo quanto se lhe lança, ainda que sejam arvores inteiras. Suas aguas vão formar a *Lagôa de Mira.*

Já Plinio, o naturalista (que, aqui para nós, mentia muito) celébra esta fonte, ou *olhos marinhos*, e lhe chama *Fonte Catinense*; de *Catina*, antigo nome de Cadima.

FERVIDELLAS ou **FIRVIDELLAS** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, 6 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 50 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Santa Maria de Viáde, de Barroso, apresentava o vigario, que tinha 50 mil réis.

FETAL — Vide *Feital.*

FETÊNA ou **ALFETÊNA** — portuguez antigo, derivado do árabe. Significa revolução, rebelião, ou anarchia.

«*Depois da morte do bispo Hermenigildo, cahiu aquella terra.* (Braga e seu territorio) *em alfetena, isentaram-se estes homens de servirem a Santa Maria, até que se restituiu a paz ao paiz, no tempo de D. Affonso, descendente de D. Bermudo.*» (Chronica de D. Affonso V, de Leão.) Já se sabe que o positivo é *fetena;* mas antepunham-lhe o artigo *al*, ficando, com o tempo, a ser *alfetena* uma só palavra.

FÉVEROS — (hoje diz-se *Fébros*) pequeno rio, Douro, nasce na freguezia d'Avintes, con-

celho de Gaía, comarca do Porto, e morre na esquerda do rio Douro, no logar do *Esteiro*, com apenas um kilometro de curso. Divide a freguezia d'Avintes de Oliveira.

Faz mover dois moinhos de pão, réga alguns campos e traz peixe miudo.

Em frente da pequena foz d'este rio, e na margem opposta, está a bella quinta das *Sete Capellas*, do sr. dr. Albino Pinto Miranda Montenêgro.

Fica a 5 kilometros a E do Porto.

FÉVEROS (hoje **FÉBROS**)—pequeno rio, Minho, já conhecido dos romanos, que se julga lho deram o nome. Passava pela villa de *Requeixo*, abaixo do monte *Severoso*, ou *Reveroso*, e por *Villa de Mouro*, e proximo ao *Castello de Barbudo*, pela villa de *Crespéllos* e nas faldas do monte *Burrial*.

Este rio (ribeiro) corre pela actual freguezia de Carreiros e pela de Moure: d'ahi vae a S. Julião da Lagem, ao logar de *Fébros*, e mais a baixo, junto á villa do *Prado*, desagúa no Cávado. Não é caudaloso. Tem moinhos de pão, réga e traz peixe miudo, mas gostoso.

FIÃES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Melgaço, 66 kilometros a NE. de Vianna, 66 a NO. de Braga, 425 ao N. de Lisboa, 340 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A egreja do mosteiro de S. Bento é a matriz da freguezia.

(Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro*.)

Passa aqui o pequeno rio Trancoso, que divide Portugal da Galliza e entra na esquerda do rio Minho, 6 kilometros acima de Melgaço.

Fian, *Fiãa*, *Fiaam*, *Ffia*, *Sfiãa*, e *Fiada*, é tudo o mesmo (portuguez antigo) significa vaso de barro chato e redondo, a que depois se chamou *almofía*. Servia antigamente para pagar certa medida de cereaes e tambem de manteiga. 16 *fiães*, faziam um alqueire.

É provavel que aqui se pagasse este fôro pelo que se diria, *terra de Fiães* (ou que paga *fiães*.) Ou que houvesse aqui oleiros que fabricassem *fians*. A *fian* era quasi da fórma de um alguidar, e levava 2 quartilhos. Em latim, *fiala*.

—

Houve aqui um convento de frades benedictinos, antiquissimo, pois já existia em 851, no tempo de D. Ramiro II, de Leão, e de sua mulher, D. Paterna. (Vide Ancora, Gaia e Areosa.)

Consta que era o mosteiro mais rico das Hespanhas. Tinha fóros e rendas no Minho, Traz-os-Montes e Galliza.

Na egreja d'este convento (como na de Alcobaça) havia *Lausperenne*, no verdadeiro rigor da palavra, estando o Santissimo Sacramento em exposição permanente e ininterrompida, de dia e de noite.

Tinha regularmente 80 religiosos de missa, fóra os conversos, minoristas, leigos, etc.

Foram aqui sepultados alguns principes, tres infantes e muitos fidalgos, portuguezes e gallegos, que quasi todos lhe doaram rendas e propriedades.

Tambem aqui foi sepultado Fernão Annes de Lima, pae do primeiro visconde de Villa Nova da Cerveira.

Era um edificio magnifico, que existiu mais de tres seculos em grande prosperidade; mas foi destruido por um pavoroso incendio, onde arderam todos os papeis do cartorio, incluindo todos os titulos das suas rendas: reduzindo os frades á miseria, porque os foreiros subnegaram os seus titulos, recusando-se a pagar os foros; porém Alvaro de Abreu arcou com os mais poderosos, e bastante ainda conseguiu para o mosteiro.

Affonso Paes e seus dois irmãos, o reedificaram, dando-o aos religiosos de Alcobaça.

Em 1151, mandaram pedir a Alcobaça um religioso de S. Bernardo (ordem de S. Bento, reformada) para instruir os frades d'aqui, que queriam adoptar o novo instituto.

—

Aqui perto, junto á raia, fundaram uma aldeia, a que chamaram *Alcobaça*, em honra da villa capital da ordem, com uma capella de S. Bento.

Pagava este convento, 40$000 réis á Capella Real, e 25$000 réis ao convento do *Destêrro*, em Lisboa.

Julga-se, com fundamento, que este con-

vento foi coutado do seu principio, pois já era couto no tempo do nosso primeiro rei, que lhe confirmou o coutamento; assim como seu filho, D. Sancho I.

O D. abbade, tinha jurisdicção episcopal, metropolitana, com recurso sómente para o pontifice. O provisor, nomeado pelo D. abbade, recebia directamente os breves apostolicos.

O arcebispo de Braga não podia aqui fazer visitas, nem na *Ourada de Melgaço;* nem o bispo de Tuy as podia fazer na Azoreira e em Lapella, por serem freguezias que, apesar de estarem dentro do seu bispado, eram sujeitas a este mosteiro.

Sendo abbade D. João, deu a condessa D. Frouilla, em 1166, ao mosteiro, as quintas da *Ourada* e de *Cavalleiros.* (Vide *Ourada.*)

Ainda no fim do seculo XVI tinha este convento a apresentação (no todo ou em parte) de 20 abbadias, entre ellas *Lamas de Mouro, Christoval, Chaviães, Santa Maria da Porta da Villa* e *Villela dos Árcos.* Depois só tinha Christoval e Villela.

Tinha tambem a egreja de *Paderne,* na Galliza, e muitos coutos, que os commendarios aforaram a varios fidalgos.

A casa de Bragança pagava ao mosteiro um *florim d'ouro,* pelas aldeias de *Villarinho, Fézes de Jusão* e *Mondim;* e pelos padroados das egrejas d'estes logares, visinhas a *Monte Rei.*

Tinha na Galliza, o couto de *Freyxomo,* proximo de *Alhariz,* que lhe doara Fernão Peres de Sandias; fallecido n'este mosteiro em 1386: pelo que o convento cobrava annualmente, 600 maravedins de prata. Em 1640, os gallegos suspenderam-lhe este pagamento, mas tornaram a pagar-lhe desde 1668.

Tinha mais, na Galliza, os coutos de *Coginha, Asperêllo, Gancêros, Requeixo* (em *Enterimo*) e *Rio Frio,* em Vigo; a fóra fazendas, granjas e casas que possuiam em differentes pontos da Galliza.

O D. abbade tinha, *de direito* de condado, as cabeças de toda a *caça real,* morta no couto do mosteiro; mas os moradores d'elle eram isentos do pagamento de *fintas* ou *pedidos,* ainda feitos pelo rei.

Está este mosteiro situado a 3 kilometros a E. da villa de Melgaço, na chapada de um monte alpestre, mas cercado por montes ainda mais altos e alcantilados.

São vastas as suas proporções e imponente a sua magestosa apparencia, a dominar um vasto horisonte.

Confrange-se o coração ao contemplar estas gigantescas ruinas, testemunhas melancolicas e severas da piedade de nossos avós.

Alli, onde o insenço se elevava dia e noite em parenne adoração ao Omnipotente; onde a toda a hora se ouvia o plangente som do orgão, os cantos sagrados dos religiosos e do povo; alli, refúgio predilecto dos que no mundo soffriam attribulações; alli, finalmente, a Casa de Deus, em que a piedade tinha amontuado prodigios sobre prodigios de magnificencia, de fé e de caridade—que vemos hoje? Ruinas, devastação, silencio, horror! As silvas e os cardos invadem os marmores de suas aras santas. Os reptis immundos, revolvem as ossadas venerandas de varões illustres. As aves nocturnas pairam sobre suas abobadas, e fazem seus ninhos sobre os brincados capiteis de suas columnas, dez vezes seculares.

Quem foi, ó solitario e respeitavel mosteiro, que assim dsemantelou tuas robustissimas muralhas, que pareciam desafiar a acção corrosiva de seculos de seculos? Quem destruiu teus sagrados altares? Quem aniquillou tuas esculpturas primorosas? Quem desterrou tuas santas imagens? Quem com tal iniquidade te transformou de um primor d'arte, em um montão de destroços e ruinas?

Não foi a tua vetustez; não foi o incendio; não foi um inimigo estrangeiro, sanguinario e implacavel: mas foi cousa peior do que tudo isso! — Foi a indifferença, o abandono, e a descrença!

Leitor, se tens um coração portuguez; se a luz divina da fé se não apagou totalmente em tua alma; se respeitas a memoria de teus passados—dos que te deram uma patria um lar, uma familia; e se algum dia viajares pelo Alto Minho, não deixes de visitar as tristes e poeticas ruinas do convento de Fiães; e alli, qual outro Mario

contempla respeitoso estes restos venerandos da fé e piedade de nossos maiores, e chora sobre as ruinas d'este testemunho de suas crenças inabalaveis.

—

Sei são desconsoladoras as reflexões que a saudade nos induz a fazer, sérve-nos ao menos de lenitivo o ver que os póvos simples d'estas terras, conservam fervorosa e indestructivel a fé e a esperança de seus paes. Milhares de pessoas, de todos os sexos e edades, portuguezes e gallegos, aqui concorrem no dia 11 de julho, consagrado á solemnidade do patriarcha S. Bento; formando-se então aqui um pittoresco arraial. É o sitio sobremodo asado para elle. Já disse que o edificio está construido em uma vasta chapada, ficando no centro d'ella, e tendo em frente um extenso terreiro assombrado por frondosos carvalhos, dispostos symetricamente em linhas rectas, e formando uma ampla abobada impenetravel aos raios do sol do estio.

—

O templo ainda se conserva em soffrivel estado, e podendo celebrar-se o culto divino. É de architectura gothica, vasto, e seu tecto sustentado por formosas arcarias.

A entrada principal é ornada de muitas columnatas da mesma ordem architectonica, que, revelando uma remota antiguidade, mostram a largura robustissima das paredes do templo.

Dentro d'elle, junto ao altar de S. Sebastião, está um elegaute tumulo de granito, que se suppõe ser o de *Fernão Annes de Lima*, por ter as armas dos viscondes de Villa Nova da Cerveira (Limas).

O interior da egreja é escuro e triste, como são quasi todos os templos gothicos. As cornijas e cimalhas são ornadas de differentes figuras, mais ou menos phantasticas.

—

Ao O. do adro rebenta um manancial de agua mineral ferruginosa, a que se attribuem algumas virtudes medicinaes. Consta que houve aqui uns tanques para banhos, mandados entupir por ordem da auctoridade por causa das desordens, ferimentos e até mortes, de que eram causa, por quererem todos banhar-se ao mesmo tempo.

Em um recanto da larga rua que do lado de Melgaço dá entrada para o rocio do mosteiro, ha uma *meia laranja*, com assentos de pedra, orlados de murta, e no meio um chafariz de frigidissima e optima agua.

—

Ainda ha poucos annos as paredes do mosteiro estavam de pé. Foi o edificio posto em praça; mas como a ninguem fazia conta tão gigantesca fabrica, n'aquelle sitio, o governo mandou vender *por todo o preço*, em detalhe, a pedra das paredes, columnas, arcarias, telhados, portas, janellas, varandas, grades de ferro, etc.

—

O clima d'esta freguezia é excessivo, e seu sólo, apesar de abundante de aguas, é em geral pouco fertil. Produz porém muito centeio, algum milho, pouco (e mau) vinho, muita castanha e bastante fructa, em um estreito e profundo valle, que fica a E.

Cria bastante gado, e os seus presuntos, curados sem sal, são os melhores da provincia.

Ha aqui muita caça de varias especies, principalmente no sitio das *Ramalheiras*, immensa floresta de carvalhos, urzes e giestas.

Toda a freguezia está assente em terreno muito accidentado, e é vasto o seu territorio. Tem montes quasi a pique. Ainda ha poucos annos desabou um cabêço, na distancia de uns seiscentos metros, arrastando na sua queda grandes arvores e penedias, e destruindo uma aldeia, da qual morreram então 15 pessoas.

Esta *avalanche* monstruosa foi direita a uma capella da encosta, e quando todos se persuadiam que ella seria arrazada, aquella mole immensa se divide em duas, e se precipita pelos dois lados da ermida, ficando esta intacta.

Por muitas vezes se teem n'esta freguezia dado deslocações identicas, deixando sempre tristes consequencias da sua passagem devastadora.

—

A 1:500 metros ao S. do mosteiro, se ele-

va magestosa a alta serra de *Pernidêllo*, d'onde a vista se estende por um vastissimo e formoso panorama. Ao sopé d'esta serra se estende na distancia de 6 a 7 kilometros a verde e fertil veiga de Melgaço.

Do alto da serra se vê grande parte da Galliza, e a cidade d'*Orense*, a uns 40 kilometros para o N.—Mais áquem, se descobrem as povoações (tambem gallêgas) de *Cartegada, Arnoya, Caniça, Salvaterra, Pont'Areias*, a cidade de *Tuy*, etc.

Cincoenta kilometros a O. se vê uma vasta extensão do Oceano Atlantico. Vêem-se tambem muitas povoações de Portugal, sendo as principaes *Monção, Melgaço, Valladares, Vallença, Caminha* e outras.

—

O ribeiro de *Varzeas* divide aqui Portugal da provincia da Galliza.

—

Em 1861 foram devastadas as povoações gallegas de *Padrenda, Monte Redondo* e *Gazgoa*, por uma féra, que uns diziam ser lobo, outros tigre, outros javalí, etc.

D'alli passou a Portugal e encheu de terror as povoações de Castro Laboreiro e immediatas, fazendo muitas victimas.

Só em um dia, matou duas creanças de 11 annos, em Castro Laboreiro, devorando uma e despedaçando outra. Não era raro encontrar aqui um braço, acolá uma perna, além um craneo; principalmente nas freguezias gallegas.

Tudo andava horrorisado. Ninguem sahia de noite, e, mesmo de dia, só bem armado e nunca só.

O povo, sempre propenso ao maravilhoso, ligou varias historias sobrenaturaes a este acontecimento. Segundo uns, era a féra—um filho indigno, amaldiçoado por seus paes. Segundo outros era um Caim que tinha assassinado um seu irmão. Outros pretendiam que era uma *alma do outro mundo*. Os mais *espertos* sustentavam que era um *lobishomem* — e os mais *serios*, teimavam que era, nem mais nem menos, o diabo em pessoa.

Combinaram-se todos os povos d'estes sitios para fazerem uma grande montaria ao animal feroz, qualquer que fosse a especie a que pertencesse.

Reuniu-se grande numero de povo no terreiro da capella d'*Alcobaça*, limites de Fiães e Castro Laboreiro, e mais de 300 homens investiram com a floresta das *Ramalheiras*.

Não appareceu a féra, mas achou-se um rapaz, de 14 annos, horrorosamente ferido por ella, e salvo por umas vaccas, que andava guardando, as quaes se atiraram resolutamente ao animal feroz, e o fizeram fugir. O rapaz escapou.

Esta féra appareceu n'estes sitios por duas vezes, com intervallo de dois annos, demorando-se de cada uma alguns mezes.

Desappareceu sem se saber como, nem para onde.

Tambem nunca se chegou a saber positivamente que especie de animal era. Pelos signaes que davam os que tiveram a infelicidade de o ver, suppõe-se ser um grande tigre, fugido da jaula de qualquer domador de féras.

FIÃES—freguezia, Douro, comarca, concelho e 8 kilometros a NE. da Feira, 20 ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 340 fogos.

Em 1757 tinha 218 fogos.

Orago Santa Maria Maior ou Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Situada em terreno accidentado, mas saudavel e fertil.

A mesma etymologia.

Ha aqui muitos artistas e bastantes negociantes, o que faz a terra soffrivelmente rica.

A egreja matriz foi edificada no seculo XIV. É pequena, mas bonita.

O convento de Crusios, de Grijó, apresentava o cura, que tinha 100$000 réis. (O *Portugal Sacro*, diz que era apresentado pelos conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) do convento de Santa Cruz, da cidade de Lamego; mas entendo que é erro.

FIÃES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Valle Paços (foi da comarca de Chaves, concelho de Monforte do Rio Livre) 80 kilometros de Miranda, 405 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento.

A mesma etymologia.

FIÃES—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Trancoso, 40 kilometros a E. de Viseu, 330 ao NE. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 65 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O abbade de Santa Maria, de Trancoso, apresentava o cura, que tinha 3$000 réis de congrua e o pé d'altar.

A mesma etymologia.

FIÃES-DO-RIO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, 60 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro*. A mesma etymologia.

FIÃES DO TAMEGA—freguezia, Traz-os Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas, 420 kilometros ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

Tambem não vem no *Portugal Sacro*.

A mesma etymologia.

FICALHO ou **VILLA VERDE DE FICALHO**—villa, freguezia, Alemtejo, comarca de Moura, concelho e 24 kilometros a E. de Serpa, 90 a SO. d'Evora, 180 ao SE. de Lisboa, 120 fogos, 400 almas.

Em 1757 tinha 31 fogos.

Orago S. Jorge.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mesa da consciencia e ordens, apresentava o capellão-curado, que tinha 180 alqueires de trigo, 195 de cevada e 19$000 rs. em dinheiro.

É povoação antiquissima. Os romanos lhe chamavam *Finis*.

Das ruinas d'esta antiga cidade ainda ha vestigios junto á villa. O Itinerario d'Antonino Pio, situa *Finis* entre *Arouche* (Arronches) e *Serpa*. O padre Fonseca (*Evora Gloriosa*, pag. 297, suppõe que de Finis provem o actual nome de Ficalho; mas não é verosimil.

Situada em um outeiro, junto á serra do seu nome, 3 kilometros do rio *Chança*, que divide aqui Portugal d'Hespanha, e ao sul, do Guadiana.

É terra fertil em tudo, menos em vinho, que ha pouco. Tem extensos montados, onde se criam muitos porcos e onde ha muita caça.

Passa tambem aqui o rio *Alcarabouça*. Tanto este como o Chança, regam e moem, e trazem peixe.

A sr.ª D. Maria II, por decreto de 14 de maio de 1836, fez duqueza de Ficalho a sua camareira-mór, marqueza do mesmo titulo a sr.ª D. Eugenia d'Almeida, filha do terceiro marquez do Lavradio e viuva de Francisco de Mello, segundo conde e quinto senhor de Ficalho. Foi pois esta senhora segunda condessa, primeira marqueza e primeira duqueza de Ficalho.

(Para a genealogia d'esta senhora, vide Lavradio.)

Não me consta que esta villa tivesse foral antigo ou moderno. Ao menos Franklim não falla n'elle.

FIEIS—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 330 kilometros ao NE. de Lisboa, 70 fogos.

Esta freguezia foi supprimida ha mais de 100 annos.

FIEIS DE DEUS—Os celtas enterravam os seus chefes em *mâmoas*, cujo tamanho era na proporção directa da consideração que davam ao defunto. Se morria algum pobre, contentavam-se em lhe collocar sobre a cóva uma pequena pyramide de pedras miudas soltas.

(Vide *Mâmoas*.)

É muito provavel que os Lusitanos adoptassem esta pratica dos celtas.

Os romanos tambem usavam estes *monticulos* de pedras (a que chamavam *montes gaudios*) para indicarem os caminhos, e eram

dedicados a Mercurio, que entre outros muitos e variados empregos era tambem deus dos caminhos.

Os Lusitanos, desde que se fizeram christãos, continuaram ainda com a pratica dos *montinhos* das pedras; mas collocavam as sobre o sitio onde estava enterrado algum criminoso que fosse punido de morte, e por fim, nos sitios onde alguem tinha morrido de morte violenta ou desastrosa.

Quem por alli passava, resava um *padre-nosso* e punha uma pedrinha. Em pouco tempo se via no sitio uma *pilha* de pedras, e era a isto que se chamava *Fieis de Deus*.

Nas povoações do N., principalmente na *Terra da Feira*, ainda ha este costume.

(O nosso povo chama *fieis-de-deus* aos que teem morrido.)

Em Lisboa (no Bairro-Alto) ha uma rua dos *Fieis de Deus*; talvez por aqui houvesse os taes *fieis de Deus*... de pedras.

FIFE—Vide Afife.

FIGO—monte, Algarve, proximo de Tavira, na serra do Algarve. Tem 667m sobre o nivel do mar, segundo *Franzini*. Está em 37°9' latitude N. e 43' long. or.

FIGUEIRA—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho e 6 kilometrss de Lamego, 324 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O cabido da Sé de Lamego apresentava o obbade, que tinha 800$000 réis de rendimento.

FIGUEIRA— freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 30 kilometros ao NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 46 fogos.

Orago Santa Marinha, virgem e martyr.

Bispado e districto administrativo do Porto

É terra fertil.

Os monges benedictinos, de Paço de Souza, apresentavam o cura, que tinha 40 alqueires de pão e 25$000 réis em dinheiro.

FIGUEIRA—freguezia, Traz-os-Montes, e concelho do Mogadouro, 24 kilometros de Miranda, 385 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 39 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O padroado real apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

É terra pobre.

Chama-se vulgarmente a esta freguezia, para a distinguir das outras do mesmo nome *Figueira do Mogadouro*. [1]

FIGUEIRA e BARROS — villa, Alemtejo, comarca da Fronteira, concelho e 12 kilometros a E. d'Aviz, 24 ao N. de Estremoz, 54 d'Evora e 116 a SE. de Lisboa, 120 fogos, 480 almas. Em 1757 tinha 61 fogos.

Orago S. Braz.

Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Portalegre.

Situada em um têso, proximo do rio Aviz em terreno fertil.

O tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o prior, que tinha 154 alqueires de trigo e 120 de cevada.

Tem Misericordia e hospital.

Foi concelho com camara, juizes, etc. etc. D. Manuel lhe deu foral, em Santarem, no primeiro de outubro de 1510.

Era commenda d'Aviz.

Barros, foi até ao fim do seculo passado freguezia independente. Tinha em 1757 22 fogos.

Era seu orago Nossa Senhora dos Barros.

Era tambem commenda d'Aviz, por isso o tribunal da mesa da consciencia apresentava o capellão-curado, que tinha 120 alqueide trigo e 90 de cevada. As mesmas distancias.

FIGUEIRA DE CASTELLO RODRIGO—villa, Beira Baixa, comarca e 18 kilometros de Pinhel, 345 ao NE. de Lisboa, 250 fogos, 800 almas. No concelho 2:450 fogos.

[1] Não se confunda esta freguezia com a outra freguezia da *Figueira de Mogadouro*, que vae descripta adiante. A de que tracto n'este artigo, posto ser do districto administrativo de Bragança, e na comarca e concelho do Mogadouro, é no arcebispado de Braga. A outra (a que vae descripta adiante) é tambem no mesmo concelho, comarca e districto administrativo, mas está annexa á freguezia de Travanca, e são ambas no bispadod e Bragança.

Em 1757 tinha a villa e freguezia 157 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o vigario, que tinha 70$000 réis e o pé d'altar.

Esta villa era uma aldeia (e freguezia) do concelho de Castello Rodrigo, porém esta villa, pela asperesa da sua posição, foi decahindo, ao passo que a *Figueira* ia prosperando; pelo que esta foi elevada á cathegoria de villa em 25 de junho de 1836, e para aqui mudada a capital do concelho n'esse mesmo anno.

Os foraes e mais honras, fôros, privilegios e armas de Castello Rodrigo, são hoje as d'aqui. (Para evitar repetições, vide Castello Rodrigo.)

É terra fertil.

—

O concelho da *Figueira* é composto de 14 freguezias, todas no bispado de Pinhel. São: *Algodres, Almofalla, Castello Rodrigo, Escalhão, Escarigo, Figueira, Freixêdo do Torrão, Matta de Lobos, Penha d'Aguia, Quinta de Pèro Martins, Valle d'Affonsinho (*ou de *Affonsim) Vermiosa, Villar Torpim* e *Villar d'Amargo*

FIGUEIRA DOS CAVALLEIROS—freguezia, Alemtejo, comarca de Beja, concelho de Ferreira, 54 kilometros a O. d'Evora, 140 ao S. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Oragos Nossa Senhora da Luz e S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mesa da consciencia e ordens apresentava o prior, collado, que tinha 150 alqueires de trigo, 120 de cevada e 10$000 réis em dinheiro. É terra muito fertil.

Vide *Ferreira*, da comarca de Beja, ou *Ferreira do Alemtejo.*

FIGUEIRA DA FOZ DO MONDEGO—villa, Douro, 44 kilometros a O. de Coimbra, 185 ao N. de Lisboa, 1450 fogos, 5:800 almas (população permanente) no concelho 8:600 fogos, na comarca os mesmos.

Orago S. Julião.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O cabido da Sé de Coimbra apresentava annualmente o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altár.

Situada no angulo septemtrional da foz do Mondego, margem direita, nas praias do Atlantico, com porto fortificado. Em 40° e 9' de latitude N. e 26' de longitude occidental.

Exporta em grande escala, sal, vinho azeite, laranja, cortiça, nozes, cereaes, pedra calcarea, etc.

Tem boas casas, a maior parte modernas, e um bom theatro.

Tem uma extensa e bellissima praia, frequentadissima por grande numero de familias de varias provincias (até d'Hespanha) na estação dos banhos. Tem conde.

É a mais bem situada e populosa villa do districto de Coimbra. Maior, mais bonita e mais rica do que algumas das nossas cidades.

No seculo passado era apenas uma aldeia de 300 moradores (em toda a freguezia) do concelho de Monte-Mór-Velho. Todavia a povoação da Figueira é muito antiga, e até era aqui a alfandega de Buarcos.

Está de tal sorte ligada a existencia d'esta villa com a de Buarcos que é indispensavel ver esta ultima palavra.

Já no tempo dos nossos primeiros reis, e emquanto a côrte d'elles foi em Coimbra, era por aqui que sahiam as nossas armadas.

Foi elevada á cathegoria de villa, por decreto de D. José I, de 12 de março de 1771, creando-se no mesmo decreto um juiz de fóra, e a comarca composta dos coutos de *Mayorca, Alhadas, Quiaios, Tavarêde* e *Lavos,*—das villas de *Buarcos* e *Redondos,*—e dos concelhos e territorios ao S. do rio, chamado de *Carnide* ou *Louriçal*, desde onde principiava o districto da ouvidoria do Pombal até ao *Moinho do Almoxarife*, o que tudo fazia parte do concelho de Monte-Mór Velho. Foi seu primeiro juiz de fóra, o bacharel *Bento José da Silva.*

Corre ao longo do rio um comprido e largo caes de cantaria, com varias escadas e linguetas. Desembocam n'elle a *Praça do Commercio* e *Praça Nova*, cercadas de bellos predios, bem calçadas, e com renques de arvores e assentos de pedra.

O vasto areial que se estende desde o forte de Santa Catharina até Buarcos é pittoresco, e dos melhores sitios de banhos da nossa costa.

Os arrabaldes da Figueira são bonitos e semeados de lindas casas de campo e herdades.

Em razão da grande afluencia de familias que para aqui veem a banhos, era preciso ampliar a villa. Em 1861 formou-se aqui uma companhia constructora, por iniciativa do sr. *Antonio Maria Pereira da Silva*, para erigir um novo bairro, junto ao forte de Santa Catharina, e do mesmo nome do forte; que já tem construidas muitas e bonitas habitações.

—

A egreja matriz, da invocação de S. Julião, é um templo vasto, e muito antigo. No *Livro Preto* da Sé de Coimbra se acha a doação d'esta egreja, pelo abbade *Pedro* á mesma Sé, sendo bispo D. Cresconio, que o foi desde 1092 até 1098. N'esta doação se diz que a egreja fôra destruida pelos sarracenos e que elle, doador, a tinha restaurado nos bens e edificios, por ordem do conde *D. Sisnando*, que havia facultado aos clerigos e leigos o edificarem as egrejas *more hæreditario, sicut à Rege Fernando acceperat potestatem, et postea ab ejusdem Filio Rege D. Aldephonso.*

Esta egreja é de singela fabrica e sem coisa notavel. Foi reconstruida no principio do seculo passado.

Tem um *convento*, que foi de *frades da Ordem seraphica de Santo Antonio*, no couto de Tavarede. (Vide *Tavarêde.*)

Egreja da Misericordia, cuja porta principal communica com a egreja do convento de Santo Antonio, formando com ella um angulo recto. A irmandade da Misericordia administra um hospital com sufficientes rendimentos e a sua botica, que é no interior do convento.

De parte da cerca do convento se fez o cemiterio publico, que é bonito e tem elegantes mausoleus.

O forte de Santa Catharina.—Este castello fica exactamente no vertice do angulo formado pela margem direita do rio e pelo mar. Tem bonitas vistas. É construido sobre enormes rochedos, contra os quaes as ondas se debatem furiosas. É d'esta fortaleza que se fazem os signaes para a entrada das embarcações.

O castello de Santa Catharina recorda-nos um feito gloriosissimo praticado por *Bernardo Antonio Zagalo*, sargento d'artilheria do corpo de *voluntarios academicos*, e pelos seus 40 intrepidos companheiros. Foi o seguinte:

Estava o forte em poder dos soldados do feroz *Junot*.

O vice-reitor da Universidade, *Manuel Paes d'Aragão Trigoso*, acclamado pelo povo governador de Coimbra, vendo que era convenientissimo á causa do povo a tomada d'este castello, tanto para se tirarem aos francezes as armas e munições de guerra, de que havia grande falta, como para estabelecer communicações com a esquadra ingleza, encarregou esta acção ao destemido *Zagalo.*

Partiu este de Coimbra, a 25 de junho de 1808, com os seus quarenta bravos camaradas (e collegas quasi todos). Levava porém ordens do governador *Trigoso* a todas as auctoridades por onde passasse para lhe darem todo o auxilio e gente que podessem.

Zagalo, tendo entregado o commando do destacamento a *Antonio Ignacio Cayolla*, sargento do regimento de Peniche, o mandou marchar até Monte-Mór-Velho, pela margem esquerda do Mondego, e elle, com quatro cavalleiros, seguiu pela direita.

Por todas as terras por onde passaram fizeram a acclamação da nossa independencia, ao que os povos annuiram com o maior enthusiasmo, descobrindo por toda a parte as quinas portuguezas.

Reunidos em Monte-Mór, continuaram a marchar de noite, e ás sete horas do dia 26 chegaram á Figueira, levando com elles

uns 3:000 paizanos armados de piques, lanças, fouces, etc.

A villa foi atacada por duas divisões, sendo logo aprisionados 11 francezes, que andavam fóra do castello, e pondo-se sentinellas á porta do governador.

Dirigiram-se depois para o forte, que *Zagalo* tencionava fazer render por capitulação; porém os paizanos que o acompanhávam, aos quaes logo se reuniu o povo da villa, impacientes por se lançarem sobre os *jacobinos*, corriam indiscretamente a atacar o castello, o que obrigou Zagalo a correr á frente para os fazer parar. Então os francezes deram uma descarga de mosqueteria, que nenhum mal nos fez.

O commandante do castello era um tenente de engenheiros, portuguez. Cercado formalmente o castello, Zagalo intimou os francezes a que se rendessem, sob pena de serem todos passados á espada. Respondeu o commandante do castello que não podia render-se, porque, se o fizesse, seria infallivelmente assassinada a sua familia, que estava em Peniche, em poder dos francezes. Mas os soldados estavam desprevenidos de mantimentos e proximos a renderem-se á descripção, quando no dia 27, *Zagalo* recebeu ordem de recolher immediatamente a Coimbra. Não lhe soffria o animo abandonar assim uma empreza tão bem encaminhada, pelo que, propoz ao commandante do castello a capitulação, podendo os francezes retirar para Peniche com espingardas e mochilas, mas sem polvora nem bala. Foi acceite a proposta, e, estando os francezes para embarcar, a fim de atravessarem o rio, caminho de Peniche, quiz o povo fiscalisar se elles cumpriam as condições, e posto que lhe achassem as patronas vasias, lhes encontraram muitos maços de cartuxos escondidos nas mochilas e nos bolsos. Como infractores do tractado, ficaram os francezes prisioneiros.

A bandeira portugueza foi arvorada ao som de uma salva real, poz-se guarnição no castello e deu-se a guarda e governo d'elle ao major Soares.

O destacamento regressou a Coimbra com os prisioneiros e as suas armas, e cinco peças de artilheria de campanha, que se tinham achado no castello.

—

Tem a villa dois clubs recreativos, um d'elles estabelecido em uma boa casa que foi dos condes de Tavarêde, e hoje é do negociante o sr. Manuel dos Santos Junior.

Tem tres optimas hospedarias, e construiu-se ultimamente uma vastissima e de toda a magnificencia. Além d'isto grande numero de casas particulares recebem hospedes, na estação dos banhos.

Ha tambem na Figueira um elegante café, de cuja varanda se vê o mar e todo o movimento do porto.

Está em construcção, e quasi concluido (1874), um bonito e elegante theatro.

Ha aqui uma associação de artistas e outra commercial.

—

Foi 1.º conde da Figueira, feito por D. João VI, D. Jorge de Castello Branco Correia da Cunha Vasconcellos e Sousa, senhor l'Entre Homem e Cávado, da quinta da Torre, de Cabra, Arranca Cépas, alcaide-mór de Mourão, par do reino, grão-cruz das Ordens da Torre e Espada, Conceição e Carlos III, de Hespanha, commendador da Ordem de Christo e veador da princeza D. Maria Benedicta. Em 1818, foi capitão general e governador da provincia do Rio Grande do Sul. Era grande de Hespanha, de 1.ª classe, marquez d'Olias e de Zurrial, na Catalunha, e marquez de Mortara, no ducado de Milão. Foi casado duas vezes. Nasceu a 5 de fevereiro de 1788 e morreu em Lisboa, de 84 annos, a 17 de março de 1872. Era um verdadeiro, intelligente, respeitavel e virtuoso fidalgo, sempre fiel e dedicado amigo do senhor D. Miguel I e de seu filho, o senhor D. Miguel II. Era sogro do nosso mavioso e eximio poeta e dramaturgo *Antonio Pereira da Cunha*. (Para a familia dos Machados e suas armas, vide Carrazêdo de Bouro).

—

A Figueira tem soffrido grandes calamidades.

Os arabes a arrasaram completamente, não deixando pedra sobre pedra, em 717.

Em 1580, *Gregorio Gancheagui*, alferes do

beato Philippe II, sob pretexto de procurar o *prior do Crato*, entrou com grande numero de soldados castelhanos no convento de Santo Antonio, e alli praticaram toda a casta de violencias, roubos, insultos e sacrilegios. Queixando-se d'isto os frades ao usurpador, contentou-se este em lhes responder que *sentia muito o excesso do seu alferes!*

Em maio de 1602, sete naus inglezas desembarcaram em Buarcos grande porção de soldados, que depois de saquearem e incendiarem aquella villa, vieram tambem saquear a Figueira, onde se demoraram seis dias, fazendo-se fortes no convento, que entrincheiraram, e guarnecendo os fortes.

Sabendo que grande numero de gente armada, de Coimbra, Monte Mór Velho e outras localidades os vinham atacar, embarcaram uma noite em segredo, perdendo apenas uns 15 ou 20 homens, que por se desordenarem, lhe mataram os nossos, e dois prisioneiros.

D. Affonso Furtado de Mendonça, reitor da Universidade, havia corrido em soccorro da Figueira e Buarcos com um escolhido corpo de academicos e povo, em numero de 500 e tantos. D. Affonso de Castello Branco, bispo de Coimbra, que estava então em Lavos, alli mesmo juntou muita gente de Soure, Pombal, Condeixa, Ega e Redinha e com ella veio em soccorro das duas villas. Como os inglezes fugissem á approximação d'esta gente, não teve logar acção nenhuma.

Todos os que vieram soccorrer este povo, tiveram tanta comiseração das suas desditas, que lhes deram quanto traziam, tanto dinheiro como mantimentos.

O prior geral de Santa Cruz mandou tres barcas carregadas de pipas de vinho, pão cosido, grande porção de carne de vacca, muitos carneiros mortos e algum dinheiro, que tudo foi distribuido pelo povo. Tambem mandou duas pipas de vinho para os frades e algum dinheiro para repararem as perdas do seu convento e para vestidos de alguns frades.

Dando-se parte d'este acontecimento ao usurpador, limitou-se a dizer que *tinha muita pena d'isto*, e nem sequer perdoou um *ochavo* dos tributos d'esse anno, das duas villas, assim, por culpa d'elle, roubadas.

—

Tendo Massena invadido Portugal em 1810, os povos de varias localidades se refugiaram na Figueira, horrorisados á chegada d'aquellas hordas de malvados (que nos vinham dar uma amostra do que era o governo de Buonaparte.)

Da agglomeração de tanta gente, se desenvolveu um contagio, e a peste e a fome mataram aqui mais de 5:000 pessoas.

Em commemoração d'esta terrivel calamidade, se erigiu em 1812 um cruseiro (em frente do campo que então serviu de cemiterio) e no pedestal d'elle uma elegante e sentimental inscripção latina, que por extensa não transcrevo.

Tambem em nossos dias o estrago do porto da Figueira, que a accumulação das areias tornou perigoso, causou grandes prejuizos aos figueirenses. Desde 1854 a 1859, os trabalhos hydrographicos effectuados sob a direcção do intelligente tenente da armada, o sr. Francisco Maria Pereira da Silva, têem melhorado muito as condições d'esta barra. Tem-se gastado n'estas obras, até setembro de 1873, 95:000$000 réis.

—

Foi nas praias do concelho da Figueira que desde 2 até 5 de agosto de 1808 desembarcaram 13:000 homens de tropas inglezas, que, sob o commando de sir Arthur Wellesley (depois lord Wellington) vieram em nosso auxilio, contra os francezes. (Vide *Historia Chronologica.)*

—

Do alto do monte da *Salmanha* se gosa um surprehendente panorama.

Do monte da *Despedida*, se descobre uma vasta extensão e costa do mar. É d'aqui que as familias e amigos dos nautas se vão despedir dos que sahem a barra, accenando-lhes com lenços e enviando-lhes, por entre lagrimas de saudade, o ultimo adeus.

O clima da Figueira é ameno e saudavel.

Muitos filhos da Figueira vão procurar fortuna na Africa e na America, e não poucos teem voltados ricos. Então o humilde tugu-

rio onde nasceram bem depressa se converte em esplendida e elegante vivenda.

O desenvolvimento material e moral da Figueira ha meio seculo dão-lhe juz incontestavel á cathegoria de cidade, e já é uma das mais bellas, ricas, grandes e prosperas villas de Portugal.

Em 1873 appareceram aqui, em rochas, á beira-mar, *palhetas* de ouro. Em dezembro de 1873, foi registada n'esta camara uma mina d'ouro.

—

Aqui nasceu, parece que em 30 de junho ou julho de 1771 (no dia e mez ha suas divergencias) Manuel Fernandes Thomaz.

Foi filho de João Fernandes Thomaz e de D. Maria da Encarnação. João Fernandes, era negociante, pouco abastado dos bens da fortuna.

Manuel Fernandes Thomaz formou-se em direito, na Universidade de Coimbra.

Foi feito juiz de fóra de Arganil, em 1800. Superintendente das alfandegas de Coimbra, Leiria e Aveiro, em 1805.

Quando entrou Junot, retirou-se para a sua quinta da *Alegria*, nas *Alhadas*.

Foi feito provedor de Coimbra, em 1808. Desembargador da relação do Porto, em 1811.

(O sr. Manuel Pinheiro Chagas, nos seus *Portuguezes Illustres*, diz que foi em 1817.)

Fez com José da Silva Carvalho e outros, a revolução do Porto, em 24 de agosto de 1820.

Foi nomeado membro da *junta provisoria do governo supremo do reino*, e eleito deputado ás côrtes de 1820.

Foi casado com D. Maria Maxima Fernandes.

Morreu em Lisboa, a 19 de novembro de 1823 (o sr. M. Pinheiro Chagas, na sua obra já citada, diz que foi em 19 de novembro de 1822.) Falleceu na *Rua do Caldeira*, a Santa Catharina e jaz no cemiterio occidental (Prazeres.)

—

A comarca da Figueira é formada só pelo seu julgado. O concelho é composto de 11 freguezias, todas no bispado de Coimbra, são: Alhadas, Brênha, Buarcos, Ferreira, Figueira da Foz, Lavos, Maiorca, Paião, Quiaios, Tavaréde e Villa Verde.

FIGUEIRA DE LORVÃO—freguezia, Douro, comarca e 12 kilometros de Coimbra, concelho de Penacova, 215 kilometros ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 228 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

As freiras bernardas, de Lorvão, apresentavam o vigario, que tinha 60$000 réis, e o pé d'altar.

É terra muito fertil.

—

Aqui nasceu, em 1750, uma mulher (um monstro) chamada Luiza de Jesus. Em 1772, tendo apenas 22 annos de edade (!) foi por muitas vezes á *Róda* de Coimbra buscar grande numero de expostos, dos quaes envenenou 34, só para adquirir 600 réis e o enxoval que a *Róda* dava a quem levava cada criança! Foi presa e sentenciada á morte, mas parece que morreu na prisão, pois não consta que morresse no patibulo.

FIGUEIRA DO MOGADOURO—freguezia, Traz-os-Montes. comarca e concelho de Mogadouro, 24 kilometros de Miranda do Douro, 395 ao N. de Lisboa, 20 fogos, em 1757.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Travanca apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Nossa Senhora da Assumpção, de Travanca,

Vide a nota na outra Figueira, d'este mesmo concelho e comarca.

FIGUEIRA VELHA—vide *Pontos do Douro*.

FIGUEIRAS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Lousada, 30 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 296 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

É terra fertil.

O bispo do Porto e o bailio de Leça, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 450$000 réis de rendimento.

Os bispos do Porto e os bailios de Leça andaram muitos annos em letigio, allegando ambas as partes o direito de padroado d'esta freguezia.

FIGUEIREDO—rio, Alemtejo, passa por a villa de Niza e desagúa na esquerda do Tejo. *Figueirêdo* e *Figueirido*, são synonimos de figueiral.

FIGUEIREDO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Certan, 190 kilometros a E. de Lisboa, 80 fogos.

Orago S. João Baptista.

Patriarchado (por ser isento do Crato) districto administrativo de Castello Branco.

Nem o *Portugal Sacro*, nem o *Diccionario Geographico* de José Avellino de Almeida trazem esta freguezia, apesar de ser muito antiga e ainda existir.

A mesma etymologia.

FIGUEIREDO (de *Amares*) — freguezia, Minho, comarca e 8 kilometros a E. de Villa-Verde, concelho e 1 kilometro a E. de Amares (até 1855 era do mesmo concelho, mas da comarca de Pico de Regalados.) 11 kilometros a NE. de Braga, 60 ao N. do Porto, 370 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1757 tinha 88 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Antes de ser da comarca de Pico de Regalados, tinha sido da comarca de Vianna, concelho e visita de Entre Homem e Cávado.

Ha n'esta freguezia 4 capellas: S. Sebastião (pertencente á confraria do Santissimo Sacramento.) Santo Aleixo, S. Verissimo e Nossa Senhora da Conceição. As 3 ultimas são particulares.

É situada em planicie, na margem direita do Cávado, que corre ao S. da freguezia, com lindas vistas.

O ordinario apresentava o abbade, por concurso synodal, e tinha 400$000 réis de rendimento.

Seu terreno é fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz.

N'esta freguezia está a quinta *do Villar*, solar dos Abreus Limas. É sua actual possuidora a sr.ª D. Francisca Barbosa de Sousa Machado, casada com o sr. D. Luiz de Azevedo Sá Coutinho, capitão do estado-maior de engenheria, e filho segundo da casa da Tapada.

É tambem n'esta freguezia a antiquissima e nobre casa da Ribeira, de que é actual proprietaria a sr.ª D. Maria Antonia d'Araujo Malheiro, descendente dos Malheiros de Ponte do Lima.

A mesma etymologia.

FIGUEIREDO — freguezia, Minho, comarca concelho, e 6 kilometros ao S. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mesma etymologia.

Um dos conegos da Sé de Braga apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis.

FIGUEIREDO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 60 fogos. Em 1757 tinha 53 fogos.

Orago S. Payo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mesma etymologia.

O prior do convento de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, apresentava o vigario, que tinha 11$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

FIGUEIREDO D'ALVA — freguezia, Beira-Alta, comarca de Vousella, concelho de S. Pedro do Sul, 20 kilometros ao N. de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 106 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A mesma etymologia.

O arcediago de Viseu apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

FIGUEIREDO DE CÊA — freguezia e Couto extinctos (dos frades bernardos de Maceiradão) Beira Baixa, na freguezia, concelho e proximo á villa de Cêa, comarca de Gouveia.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda. (A mesma etymologia.)

Peyson, abbade do convento dos bernardos de Maceiradão, lhe deu foral em agosto de 1242 (1204 de Jesus Christo.)

Notarei aqui algumas curiosidades d'este foral.

O que o povo de Figueiredo de Cêa pagava aos frades era *o oitavo dos fructos e vinho—uma fogaça, d'alqueire e meio de trigo,—um frangão e dés óvos* : *pelo S. João.—um corazil*, (é o rabo e cousa de um palmo, 22 centin.—do ôsso—com a competente carne e coiro da espinha dorsal) *de toicinho—e não matando porco, uma galinha, ou uma geira de bois*—tudo pago *pelo natal*. Já se sabe, isto pagava cada fogo, ou chefe de familia.

O *monteiro* (caçador) que só vivesse de caça, pagava *um coelho, com a sua pelle, todas as vezes que dormisse no monte duas noutes; mas se matar um só coelho, só dará as mãos d'elle. Se matasse um porco montez, daria 4 costas* (costellas) *e de outra qualquer veação um lombo.*

Os frades se obrigaram a nunca edificar casa em Figueiredo, para ahi habitarem.

O mordomo, para receber estes fóros, era da mesma freguezia, nomeado pelos frades, mas os habitantes lhe davam, como *eyradégo* (que recebia os fóros na eira dos foreiros.) meio feixe de linho, uma quarta de pão e uma quarta (3 canadas) de vinho.

Dos montados não pagavam *vexação* (fôro)

A mulher que enviuvar, e quizer tornar a casar, não pague luctuosa.

O visinho que furtar no campo e não quizer restituir o furto, pelas duas primeiras vezes, pagará meia vara de bragal. (se o furto vallesse mais do que a *meia vara de bragal*, ainda o ladrão fazia negocio, *sem ficar com pêso na consciencia*) *mas, se depois reinsidisse no mesmo crime, seria lançado fóra e vendidos os bens que tivesse no logar.*

Nas vendas de bens de raiz, pagavam ao convento *um oitavo da siza.*

Os dizimos da villa eram para o *clerigo* de S. Salvador.

Terminava o foral com estas terriveis palavras:

Este foral, e leis acima escriptas, guardarei vós outros, em quanto viverdes, e vossos descendentes, para com o nosso mosteiro. E, se algum de nós quizer quebrar este foral e não dér a emmenda devida, pela primeira vez pagarêmos 20 alqueires, em pena, e vós, de propria maneira. E álem disto seja maldito e excommungado e atormentado sem fim no inferno, com Judas Scharioth e com o proprio demonio; e vossos filhos e netos ardam nas proprias chamas, se contradisserem este contrato.

FÍGUEIREDO DAS DONAS — freguezia, Beira Alta, concelho e comarca de Vouzella, 18 kilometros a NO. de Viseu, 285 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 17 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O vigario de S. Pedro do Sul, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Ha aqui um antiquissimo *paço acastellado* em ruinas. É da familia dos *Mellos*. Consta que foi solar do célebre *D. Ansur* (de que vou fallar) progenitor dos *Figueiras*, *Figueirôas*, e *Figueiredos*.

Contam todos os nossos historiadores que o que deu a esta freguezia o sobrenome (das Donas) foi o facto seguinte.

Mauregato, filho de D. Affonso, o *catholico*, e d'uma escrava, pretendeu usurpar (como usurpou) o throno a seu sobrinho, D. Affonso, filho de D. Fruela, e para isto pediu e obteve o auxilio das tropas do kalifa de Córdova, Abd-el-Raman, em 783, mediante o vergonhoso tributo de 100 donzellas lusitanas, para os harens mouriscos.

Em 784, *Orélia* e mais 5 companheiras, d'estes sitios, foram escolhidas pelos *caçadôres* do usurpador, para fazerem parte do tributo d'esse anno. Hiam ellas passando por Figueiredo, acompanhadas e guardadas por 20 mouros e 40 castelhanos, todos de cavallaria, álem dos guardas de pé.

Um nobre cavalleiro lusitano, de sangue gôdo, natural de Lafões, chamado *D. Guesto Ansur*, era namorado de Orelia, que lhe mandou dizer a desgraça que lhe acontecêra e pedir-lhe que a salvasse.

D. Guesto junta á pressa uns trinta homens de Lafões e com elles cahe inopinada-

mente sobre a escolta que conduzia as donzellas a Merida, quando ella passava a Figueiredo. O furor de *D. Guesto* e dos seus era tal, que os mouros e castelhanos morreram quasi todos no combate. As damas foram libertadas, e *D. Guesto* as levou para o seu castello e alli casou com Orelia.

(Ha tambem quem diga que este facto não occorreu aqui, mas em Figueiró dos Vinhos Estes, quanto a mim, fundam-se sómente nos primeiros dois versos da poesia de D. Guesto, que em muitos escriptores veem assim—«No figueyrol de figueyredo—*A no figueyrol entrei.*»)

No maior furor da peleja, tinha quebrado a espada *D. Guesto*; mas este *estroncando* um grosso ramo d'uma figueira, continuou com elle a esmagar os inimigos.

Por esta façanha, D. Bermudo 1.º deu, em 789, a *D. Guesto Ansur* o appellido de Figueiredo (outros dizem, de Figueirôa) e por armas um ramo de figueira.

Depois, na reforma dos brazões, em logar do ramo, foram 5 folhas de figueira, que ainda hoje são as armas dos Figueirôas.

O mesmo rei determinou que ao logar da peleja se chamasse d'ahi em diante Figueiredo das Donas.

Dizem outros escriptores que estes appellidos e estas armas, foram dadas por D. Ramiro 1.º em 848, mas é mais provavel que fosse D. Bermudo 1.º porque é de suppor que D. Ansur já não existisse 64 annos depois d'este facto, e mesmo porque o rei não demoraria tanto tempo um premio que nada lhe custava.

Os gallegos dizem que um facto semelhante aconteceu junto a *Mondonhêdo*, por esse tempo, com um cavalleiro da Galliza, que tambem com uma pernada de figueira matou os guardas que escoltavam algumas donzellas d'aquelle reino, destinadas ao infame tributo, resgatando-as. Outros escriptores gallegos e castelhanos dizem que o tal cavalleiro que obrou esta façanha tinha por appellido Figueirôa já antes a d'ella, e que é por esse motivo e não por ter combatido armamado do ramo de figueira, que aos seus descendentes se conserva o appellido de Figueirôas.

O que é certissimo é que todos os escriptores de boa nota contam o facto e a origem do appellido e das armas, como primeiro relatei—que em Hespanha ha tambem o appellido de *Figueirôa*,—e que, nem sò em *Figueiredo das Donas* e *Mondonhêdo*, mas em varias terras das Hespanhas, o pôvo por varias vezes sahiu ás escoltas que levavam as donzellas do tributo, e as libertaram, com mais ou menos derramamento de sangue.

Este infamante tributo só durou 6 annos, porque, tendo morrido o usurpador Mauregato, em 789, e subindo ao throno D. Bermudo I, só n'esse anno pagou o tributo, porque atacando as tropas do kalifa *Abd-el-Raman*, junto de *Aledo*, as derrotou, e livrou os christãos de tão humilhante tributo.

—

D. Guesto Ansur era poeta e celebrou o resgate da sua *Orelia* e companheiras em uns versos, que depois dos attribuidos a D. Rodrigo, ultimo rei gôdo (em que se relata a perda das Hespanhas) é a mais antiga poesia que existe na nossa lingua.

Eis a poesia:

No figueiral figueiredo
a no figueiral entrei,
seis niñas encontrara,
seis niñas encontrey:
para ellas andára
para ellas andey,
lhorando as achára
lhorando as achey.
Logo lhes pescudára,
logo lhes pescudey,
quem las mal tratára
y a tão mala ley.

No figueiral figueiredo
a no figueiral entrey,
uma repricára
—«infançon, non sey:
mal ouvesse la terra
que tene o mal Rey.
Se ei armas usára
a mi fee non sey
se hombre a mi levára
de tão mala ley.

A Deos vos vayades,
garçon, ca non sey
se onde me falades
mais vos falarei.»

No figueiral figueiredo
a no figueiral entrei:
eu lhe repricára
—«a mi fee non irey,
ca olhos d'essa cara
caros los comprarey:
a las longas terras
entras bos me irey;
las compridas vias
ei las andarey,
lingoas de aravias
ei las falarey:
mouros, se me bisse
ei los matarey.»

No figueiral figueiredo
a no figueiral entrey,
mouros que las guarda
cerca los achey;
mal las ameaçára
eu mal me anegey,
troncon desagalhára
troncon desagalhey,
todolos machucára
todolos machuquey:
las niñas furtára,
las niñas furtey.
La que a mi falára
nalma la chantey.
No figueiral figueiredo
a no figueiral entrey.

—

Tenho visto esta poesia escripta de varios modos; mas o essencial é em todos os copistas o mesmo — menos nas donzellas, que esta diz *seis niñas*, e outras dizem *las niñas*.

Tambem alguns escriptores dizem que as *niñas* eram cinco e não seis. Estes fundam-se em que as armas dos *Figueiredos*, *Figueiras* e *Figueirôas*, são cinco folhas de figueira, verdes, em campo de prata. Parece-me verosimil.

Para mais esclarecimentos sobre este facto, vide *Figueiró dos Vinhos*.

FIGUEIRÓ —(Santa Christina de) freguezia, Douro, comarca e concelho d'Amarante, 40 kilometros ao NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago Santa Christina, virgem e martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

É terra fertil e cria muito gado de toda a qualidade.

Figueiró é diminutivo de figueira— quer dizer—figueirinha.—Em latim do seculo XII escrevia-se—figairola — e d'aqui figueirol.

Era do concelho de Santa Cruz de Riba-Tâmega, que foi supprimido em 1855.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, por concurso synodal, e tinha de rendimento 500$000 réis.

É n'esta freguezia, a casa e quinta da Torre, solar dos Figueirós.

Já está descripto em Santa Christina, mas descrevo-o aqui, por causa de mais esplicações.

FIGUEIRÓ — (S. Thiago de) freguezia, Douro, camarca e concelho d'Amarante) até 1855, do concelho de Santa Cruz de Riba Tâmega) 40 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 420 fogos.

Em 1757 tinha 85 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O reitor de Villa Cova da Lixa, apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis.

É terra fertil. Cria muito gado.

A mesma etymologia.

FIGUEIRÓ — freguezia, Douro, concelho de Paços de Ferreira, comarca de Lousada, 36 kilometros a ENE. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

É terra fertil.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano.*

A mesma etymologia.

Dá-se vulgarmente a esta freguezia o nome de *Figueiró de Ferreira*, para a distinguir dos outros *Figueirós*.

FIGUEIRÓ DO CMAPO—freguezia, Douro,

concelho e comarca de Soure, (até 1855) concelho de Santo Varão) 18 kilometros ao S. de Coimbra, 200 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 228 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É terra muito fertil.

A abbadessa (bernarda) de Cellas (Coimbra) apresentava o vigario, que tinha 120$000 rs.

A mesma etymologia.

FIGUEIRÓ DA GRANJA —villa, Beira Baixa, comarca de Celorico da Beira, concelho de Fornos d'Algodres, 35 kilometros a E. de Viseu, 305 ao NE. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 116 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

É terra fertil.

Foi concelho com camara, juizes e mais officiaes.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 24 de julho de 1518.

Era do convento de Tarouca.

O ordinario apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

Houve aqui uma escaramuça, entre as tropas portuguezas e os invasores francezes, em 1811.

A mesma etymologia.

FIGUEIRÓ DA SERRA—freguezia, Beira-Baixa, comarca de Celorico da Beira, concelho de Linhares até 1855, e desde então comarca e concelho de Gouveia, 275 kilometros a E. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 136 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O commendador de Malta apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

Rosalia Lopes, d'esta freguezia, pariu, a 20 de março de 1842, aqui, um monstro. A cabeça tinha um talhe e figura medonha. O rosto semelhava o do cão, os queixos tinham dentes tão agudos como de pescada, o tronco aproximava-se á figura humana, mas com os braços e pernas desconformes, tomando a apparencia d'um quadrupede medonho.

Nasceu vivo, mas morreu poucos minutos depois de nascido.

Esta freguezia foi commenda da ordem de Malta, pelo que tinha muitos e grandes privilegios.

A mesma etymologia.

Chama-se da Serra, por estar na serra da Estrella.

FIGUEIRÓ DOS VINHOS— villa, freguezia, Extremadura, 40 kilometros ao N. de Coimbra, 30 ao N. de Thomar, 165 ao S. de Lisboa, 730 fogos, 2:900 almas.

Em 1757 tinha 410 fogos, no concelho 3:400 na comarca 6:160.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

O collegio novo de Santa Cruz de Coimbra apresentava o prior, que tinha 200$000 réis. Feira a 27 de julho, 3 dias.

A mesma etymologia.

Chama-se Figueiró dos Vinhos, pelas muitas figueiras e excellentes vinhos em que abunda.

Figueirol, no antigo portuguez, significava figueiral e é provavelmente o nome primittivo d'esta villa.

Figueiró ou *Figueirô* significa *figueira pequena, figueirinha.* Vide Figueiró (Santa Christina de.)

Tambem o seu territorio produz muitos cereaes e fructas, azeite, linho, etc.

Passam proximo os rios *Zezêre* e *Pera*, que regam, moem e dão peixe.

Situada em uma planicie amena, fertil e saudavel. Cria muito gado.

D. Pedro Affonso, filho natural de D. Affonso I, a povoou em 1174, dando-lhe foral, com grandes privilegios, em maio do mesmo anno (segundo Viterbo, em 1176) que depois veio a ser confirmado em Santarem, por D. Sancho I, em 1187.

Tornou a ser confirmado por D. Affonso II, em Santarem, no anno de 1218. Vide adiante o que se diz a respeito do primeiro foral.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 16 d'abril de 1514.

Al-Bojaque, rei mouro de Sevilha, saqueia e arraza esta villa em 1181, e d'aqui marcha para Santarem a pôr cêrco a D. Affonso I, que lá estava; mas o infante D. Sancho (depois primeiro) correu em soccorro de seu pae e ambos derrotam os mouros, hindo D. Sancho em sua perseguição até Sevilha.

Em tal estado ficou esta povoação, que em 1187 estava reduzida a uma pobre aldeia, sujeita a Pedrogão Grande.

D. Sancho I, a tornou a mandar povoar de novo nesse anno, dando-lhe a cathegoria de villa, confirmando-lhe todos os privilegios do foral que seu irmão lhe tinha dado.

Tem Misericordia.

Tinha um convento de frades carmelitas descalços, fundado por D. Pedro d'Alcaçova, e outro convento de Freiras franciscanas, fundado por *Anna de Jesus, Isabel da Conceição, Justina do Salvador* e *Catharina da Conceição*, naturaes d'esta villa, em 1549.

—

Tinha voto em cortes, com assento no banco 15.°

—

Rodrigo Mendes da Silva, na *Poblacion general de España*, diz que bons escriptores dizem que aqui foi o caso de *cinco cavalleiros* lusitanos, que durante a usurpação de Mauregato (de 783 a 789) libertaram *cinco donzellas*, que hiam para os harens de Cordova, por serem parte do tributo d'esse anno, e não em Figueiredo das Donas, nem em Mondonhêdo.

Entendo que podia muito bem ser verdadeiro isto em todas as tres partes.

Em *Moudouhêdo* não consta com certeza qual era o numero de donzellas resgatadas: só dizem os escriptores (ao menos os que li) que uns *cavalleiros* gallegos assaltaram a escolta que levava as donzellas e as resgatou.

Em *Figueiredo das Donas*, consta que foi *D. Guesto Ansur com a sua gente*, e que as donzellas eram *seis*.

Aqui consta que *cinco cavalleiros* lusitanos libertaram *cinco donzellas*.

Por consequencia, já veem que as circumstancias diversificam.

Eu já disse (e é constante) que *em muitas partes* das Hespanhas christans, o povo sahia ás escoltas que conduziam as donzellas do tributo e as libertavam á força.

Álem d'isso—segundo o mesmo escriptor (R. M. da Silva) as armas de Figueiró dos Vinhos são—Em campo d'ouro, *cinco* folhas verdes de figueira, orladas d'esta legenda. —«*Por Deus e pela patria.*»

Cada um tire d'aqui os corollarios que quizer.

—

D. Philippe III, de Castella, quando ainda dominava Poriugal, fez conde d'esta villa a D. Francisco de Vasconcellos.

—

No foral de D. Pedro Affonso, tractando das divisões do termo d'esta villa pela parte do Pedrogão Grande, diz.—«*Quomodo venit pela teia* (muro? vallado? cava?) *de Monasterio de Agia, et venit ás cabeças de Nadavis, etc. etc.*»—Vê-se d'este antigo documento que houve aqui um mosteiro chamado *da Águia*, que nenhum auctor menciona.

—

Esta villa é uma povoação insignificante, que apezar da fertilidade de seus campos, nada tem prosperado. Compõe-se de uma rua torta e alguns bêccos ou travessas. A casa da camara é um pardieiro.

O unico edificio bom é a egreja, notavel pela sua vastidão e pela sua antiguidade.

No largo da Egreja (de S. João Baptista.) existiam ainda ha poucos annos tres carvalhos de extraordinaria grossura. O maior tinha na parte inferior 8 metros de circomferencia.

—

No convento d'esta villa foi freira, Antonia da Trindade, natural da villa de Cantanhêde. Sendo de poucos annos, desejou aprender grammatica e depois theologia. Veio para Coimbra, em 1549, com sua mãe. Vestiu a batina de estudante e em pouco tempo excedeu seus condiscipulos em saber e talentos.

Não poude encobrir tanto o seu sexo, que não fizesse acordar as curiosidades. Um dia que passeava na ponte do Mondego, com alguns estudantes, estes lhe foram observando

o modo de andar e attentando em outros signaes.

Com palavras equivocas, lhe deram a entender as suspeitas que tinham. Ella então, vendo descoberto o seu sexo, resolveu metter-se freira, e tomou o habito no convento d'esta villa de Figueiró; tomando o nome de Soror Beatriz da Cruz. Morreu com fama de santa.

—

A comarca de Figueiró dos Vinhos é composta de tres julgados, que são: Alvaiazere, com 1:560 fogos; Figueiró dos Vinhos, com 3:400 fogos; Pedrogão Grande, com 2:200 fogos; total 6:160.

—

O concelho de Figueiró comprehende oito freguezias, que são: Agúda, Aréga, Avellar, Campêllo, Chão do Couce, Figueiró dos Vinhos, Maçans de Dona Maria e Pousa Flores todas no bispado de Coimbra.

FIGUEIRÓS—freguezia, Extremadura, comarca de Alemquer, concelho do Cadaval, (até 1855, da mesma comarca, mas concelho de Alcoentre, então suprimido), 70 kilometros a NE. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 106 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

É terra fertil.

O prior e beneficiados de S. Thiago, de Obidos, apresentavam o cura, que tinha 60 alqueires de trigo, 30 de cevada e duas pipas de vinho.

FILHADELLA—vide Folhadella.

FILHADO—portuguez antigo, *tomado, prêso, agarrado, pilhado*, etc.

FILHAR—portuguez antigo, *tomar, aprehender, agarrar, pilhar, fillar*, etc.

FILHO DAS HERVAS—vide Hervoeira.

FINS (S.)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vallença, 60 kilometros a NO. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Orago S. Felix.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Couto e villa extinctos. Antigamente foi unido com Coura, até ao reinado de D. Sebastião. Tinha juiz ordinario, dois vereadores, procurador do concelho etc., por eleição triennal do povo, a que presidia o corregedor.

Houve aqui um convento benedictino, chamado de S. Fins das *Fréstas*. [1]

Já existia em 566. Dizem que S. Rosendo (fundador do convento de *Cella Nova*) foi abbade d'este mosteiro.

Era muito florescente em 1023.

D. Affonso I coutou este mosteiro e a freguezia, em 1172, dando o couto aos frades. Os abbades eram senhores do couto no espiritual e temporal; mas depois, vinha a justiça de Coura fazer aqui audiencias de 15 em 15 dias.

O convento passou no fim do seculo XIV, ou principio do XV, a poder de commendatarios, que com as suas extorsões reduziram a communidade a 3 ou 4 monges, pelos annos de 1545, em que D. João III deu este couto ao mosteiro, com as egrejas de que era padroeiro (que tudo já era do real padroado) aos frades da Companhia de Jesus, para fundarem o seu collegio, de Coimbra.

(Ainda aqui ha uma casa a que chamam a *Torre*, que é tradição ter sido por vezes prisão de pessoas nobres.) O papa Paulo III confirmou esta doação, em 1548, tomando os jesuitas posse de tudo, n'esse mesmo anno.

Os religiosos benedictinos d'este mosteiro, eram senhores do direito de *condado* (vide esta palavra a fl. 368 do 2.º vol. d'esta obra) pelo que recebiam o 1.º veado, côrça ou javalí, que no couto se matasse, em cada anno; bem como o 1.º salmão, sôlho ou truta marisca [2] que fosse pescada no rio Minho, dentro do territorio do couto; tambem em cada anno.

[1] Diz-se que o nome de *fréstas* (no Minho *friéstas*) lhe provem das projecções do sol, pelas aberturas de uns altos montes que ha proximos.

[2] Não me consta que hajam *trutas mariscas* em Portugal, senão no rio Minho. O seu comprimento medio é de dois palmos (0m44.) São exteriormente manchadas de varias cores (dominando o encarnado) e no interior de um amarello alanranjado como os salmões frescos, e quasi tão saborosas e apreciadas como elles.

Tinham o privilegio de não morar n'este couto homem poderoso. Seus moradores não eram obrigados a hir á guerra, senão com o rei em pessoa; mas tinham obrigação de defender dos gallegos, leonezes e castelhanos, o *Váo de Carrexil.*

Depois de ser dos jesuitas, todas as rendas do mosteiro hiam para o seu collegio de Coimbra, ficando apenas a congrua para um superior e dois ou tres religiosos que aqui residiam ordinariamente.

O nome d'esta freguezia (S. Fins) provem de uma capella (que estava pouco acima do sitio onde chamavam *S. Fins o Velho*) onde estava a cabeça de S. Felix, de Gerona (Catalunha) martyr. Tinham os povos d'estes sitios a crença de que esta cabeça santa perseverava de hydrophobia, aos mordidos por cães damnados.

Tinha tambem esta capella reliquias de S. Rosendo, e outras, que se não sabia a quem haviam pertencido. Tambem aqui havia a correia, com sua fivella, que fôra de S. Rosendo, e por isso reputada como reliquia. Perdeu-se, em 1854. Diz-se que esta correia fez muitos milagres ás parturientes, que se cingiam com ella no acto do parto.

A architectura da egreja do mosteiro, matriz da freguezia, é gothica e magnifica. Sobre a porta do lado direito tem o anno de 1548.

A matriz primittiva era a egreja dos Remedios; depois passou a ser a do mosteiro, e, finalmente, tornou a primittiva a ser parochial, por exigencia do abbade. O povo oppoz-se a esta mudança, com rasão, porque a egreja do mosteiro é mais vasta e melhor. Correu demanda com o abbade, que ficou vencido por uma sentença que determinou que a matriz fosse a egreja do convento.

Na *capella dos Milagres*, estão tambem muitas reliquias de S. Felix e S. Rosendo.

—

Nos limites d'esta freguezia, ha no rio Minho (que a termina pelo N.) duas *insuas* (ilhas) chamadas *Lagos de Rei* e *Verdoêjo.* São ferteis em cereaes (sobretudo milho) e produzem muito pasto para os gados.

FINS (S.)—concelho extincto, Beira Alta, situado sobre a margem direita do Paiva, que lhe fica a O. e a esquerda do Douro, que lhe fica a NO.

Emquanto existiu este concelho, era da comarca de Rézende. Foi supprimido em 24 de outubro de 1855; e sendo então creada a nova comarca de Sinfães, as freguezias que formavam este concelho passaram a pertencer ao concelho e comarca de Sinfães.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 20 de novembro de 1513, serve para, Antemil, Cortegaça, Entruviscada, Ervilhães, Fornellos, Macieira, Nespereira, Paradella, Pereira, Pindello, Portella, e Ventuzéllos. (Vide Entruviscada.)

FINS DO DOURO (S.)—freguezia, Traz-os-Montes, concelho e comarca de Alijó, 1:500 metros a NO. de Favaios (a cujo concelho pertenceu até 1855, anno em que se supprimiu este concelho.) 20 kilometros a NE. de Villa Real, 4 a E. de Penhão, 6 ao O. do Túa, 8 ao N. do Douro, 136 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757 tinha 132 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

Boa casa de residencia parochial e optimos passaes.

É terra fertil..

(Vide Villarêlho.)

FINS (S.) DE FERREIRA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Valle Paços. Vide Ferreira (S. Pedro Fins de.)

FINS (S.) e PARADA—freguezia, Traz-os-Montes, concelho e comarca de Chaves (foi até 1855 do concelho de Monforte do Rio Livre, então supprimido), 420 kilometros ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago S. Pedro *ad vincula.*

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

O real padroado apresentava o cura de S. Fins, e tinha 150$000 réis de rendimento.

Parada foi uma pequena freguezia inde-

pendente, que ha muitos annos se annexou a esta.

Tambem a esta freguezia se dá o nome de *S. Fins do Castanheiro.*

FINS (S.) DE RIBA D'AVE — Vide *Santo Estevão Fins de Riba d'Ave.* É no concelho de Villa Nova de Famalicão, e denomina-se officialmente *Riba d'Ave.*

FINS (S.) DE SUB-FEIRA ou **S. FINS DA FEIRA** — (officialmente *Sub-Feira*) freguezia, Douro, comarca, concelho e 1:500 metros ao NE. da Feira, 30 kilometros ao S. do Porto, 280 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 106 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo; ou S. Pedro Fins.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

É freguezia bonita, abundante de agua, fertil e saudavel.

As freiras benedictinas da *Ave Maria,* da cidade do Porto, apresentavam o cura, que só tinha o pé d'altar.

Tem uma egreja nova, que ainda está por concluir. É pequena, mas desmedidamente alta, em comparação do seu tamanho.

É um arrabalde da villa da Feira. Quasi toda a gente chama a esta freguezia *S. Fins da Feira.*

FINS (S.) DE TAMEL — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros ao O. de Braga, 365 ao N. Lisboa, 68 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago S. Pedro Fins ou S. Pedro *ad vincula.*

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

É terra muito fertil.

Esta freguezia e as de Santa Leocadia de Tamél e S. Verissimo de Tamél, são situadas no lindo e feracissimo valle do Tamél, que lhes dá o nome. (Vide Tamél.)

FIOLHOSO — freguezia, Tras-os-Montes, comarca de Alijó, concelho de Murça, 100 kilometros ao NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 135 fogos.

Em 1757 tinha 106 fogos.

Orago Nossa Senhora das Candeias (da Purificação).

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Diz o padre Carvalho, que ha aqui uma fonte, chamada da *Pipa,* na qual mettendo uma garrafa de vinho, bem tapada, brevemente perde toda a sustancia, não ficando mais do que uma *escassa tintura.*

O que é certo é a agua da *Fonte da Pipa* ser frigidissima.

O cabido da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

FIRVIDELLAS — já está descripta em *Fervidellas.*

FISCAL — freguezia, Minho, foi até 1855 da comarca de Pico de Regalados, concelho e 4 kilometros a O. d'Amares, e desde então é do mesmo concelho, comarca de Villa Verde, d'onde dista 3 kilometros a NE. 10 kilometros a N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 157 fogos.

Em 1757 tinha 103 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo (antigamente S. Maméde).

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, por concurso synodal. Rendia annualmente a abbadia 250$000 réis.

Era antigamente da comarca de Vianna, concelho e visita de Entre Homem e Cávado, a que hoje se chama Amares.

A egreja matriz, mediana em tudo, foi construida no anno de 1739.

—

Ha n'esta freguezia uma capella dedicada a S. Bento, outra a Santo Antonio (antigamente de S. Sebastião) meeira da freguezia de Carrazedo, conhecida pela denominação de Santo Antonio do Pilar; e mais outra pertencente á casa e quinta da Tapada, dedicada a Nossa Senhora da Guia, a qual tem sobre a porta principal a seguinte inscripção:

ESTA CAPELLA MANDOV FAZER FER.DO DE SAA DE MENEZES. 1618.

N'esta capella existe uma irmandade de

ecclesiasticos, intitulada de S. Pedro de Rates. O fim d'esta irmandade é soccorrerem-se os irmãos uns aos outros nos apertos da morte. Não se póde averiguar com certeza, em que anno começaram os primeiros alicerces e fundamentos d'esta piedosa obra. Só se presume, por tradição, que seria pelos annos de 1552, em que foram trasladadas para a Sé de Braga as preciosas reliquias do seu primeiro prelado e pastor, o glorioso martyr S. Pedro de Rates, ao qual os primeiros fundadores d'esta irmandade tomaram por patrono e pedra fundamental da mesma. Outros fazem sua origem mais antiga; e dado que defendam, com bons argumentos, a sua opinião, comtudo, o que tenho dito, parece mais provavel e verosimil.

Com tão feliz e acertado principio foi esta irmandade crescendo e augmentando-se de maneira que, d'alli a poucos tempos, se podia contar por uma das mais auctorisadas do nosso Entre Douro e Minho; porque se lhe uniram logo os mais ecclesiasticos dos concelhos de Regalados, Villa Chã, S. João de Rei, Lanhoso Couto de Bouro e termo de Braga, e na irmandade existiram por muitos annos.

Esteve primeiro esta irmandade instituida e encorporada na egreja parochial de S. Martinho de Carrazedo; depois, por conveniencias e respeitos que assim o pediram, se mudou, pelos annos de 1618, para esta capella de Nossa Senhora da Guia, onde hoje permanece em grande decadencia.

—

Está situada esta freguezia em terreno accidentado, na margem esquerda do rio Homem, que corre ao O. da mesma freguezia. É fertil em cereaes, vinho verde e fructas, principalmente laranja. Corre pelo centro d'esta freguezia um ribeiro, chamado *Villonços*, que principia na freguezia da Torre, e acaba, com 2 kilometros de curso, na esquerda do Homem. Réga e móe.

Esta freguezia fica perto do mosteiro de Rendufe. É n'esta freguezia a casa e quinta da *Tapada*. É actual possuidor d'esta casa o sr. D. Rodrigo de Azevedo Sá Coutinho. A quinta da Tapada é celebre por ter sido do poeta classico Sá de Miranda, que a fundou no seculo XVI e que jaz na sua capella, na egreja de Carrazêdo de Bouro.

Sá de Miranda era da familia dos Sás. Por uma sua neta, ou bisneta, que casou com o senhor de S. João de Rei (ramo 2.º dos Azevedos) passou aos Azevedos.

O ramo primogenito dos Azevedos é na freguezia de Lama, onde teem o seu solar, que já o era d'esta familia no tempo de D. Affonso Henriques; sendo então senhor d'ella D. Pedro Mendes d'Azevedo, 23.º avô, por linha legitima e primogenita o sr. visconde de Azevedo, que reside na cidade do Porto.

Para evitarmos fastidiosas repetições, vide *Carrazêdo de Bouro.*

FISCO — vide Cambres.

FLOR DA ROSA — freguezia, Alemtejo, comarca de Niza (até 1855 comarca de Portalegre, d'onde dista 18 kilometros) 12 kilometros do Crato, 180 a SE. de Lisboa, 150 fogos. Em 1757 tinha 31 fogos.

Orago Nossa Senhora da Flor da Rosa, ou Nossa Senhora das Neves.

Era isento do grão-priorado do Crato, pelo que pertence hoje ao patriarchado; districto administrativo de Portalegre.

Feira a 15 de agosto e 8 de setembro, ambas muito concorridas, e cada uma dura tres dias.

O grão prior apresentava o cura, que tinha 120 alqueires de trigo, 2 almudes de vinho cru, dois cantaros de azeite, e em dinheiro 4$000 réis.

Chama-se vulgarmente *Arrabalde da Flor da Rosa.* Deve este nome e a sua origem a um templo que ahi fundou o grão-prior do Crato, *D. Alvaro Gonçalves Pereira*, (pae do santo e immortal condestavel *D. Nuno Alvares Pereira*) em 1356, dedicado a Nossa Senhora das Neves, e mais vulgarmente Nossa Senhora da Flor da Rosa.

A imagem da Senhora achou-se escondida, no mesmo logar em que está fundada a egreja. Consta que no mesmo sitio da egreja actual existiu em tempos remotos outra, (a que pertencia a imagem aqui apparecida) e um convento de monges benedictinos, que os mouros destruiram completamente em 716.

Outros dizem que este convento existiu sobre o monte visinho, onde hoje está uma capella dedicada a S. Bento, e que a imagem de Nossa Senhora da Flor da Rosa pertencia á egreja d'esse mosteiro.

A egreja de Nossa Senhora da Flor da Rosa é de architectura gothica e de excellente fabrica.

No meio d'ella descança o fundador, em um tumulo de marmore. Suppõe-se que foi seu filho, o *condestavel*, que mandou erigir este monumento.

No cruzeiro ergue-se outro tumulo, tambem de marmore, sobre seis leões, no qual estão os restos de D. Diogo Fernandes de Almeida, grão-prior do Crato, e filho de D. Lopo de Almeida, conde d'Abrantes.

R. M. da Silva designa este edificio como um *forte castello*, e diz que Flor da Rosa foi povoada por D. fr. Alvaro Gonçalves Pereira (que então lhe edificou o *castello*) em 1356.

(Já no seculo XVI aqui se fazia a grande feira de 8 de setembro.)

Na verdade, ao edificio da egreja da Flor da Rosa mais lhe cabe o nome de castello do que o de templo. Aqui foi o alcaçar do seu fundador, e devia então ser uma inexpugnavel fortaleza, pois é todo construido de robusta cantaria e coroado em toda a sua extensão de ameias, guaritas e cubêllos, recordando os tempos em que os portuguezes, das proprias egrejas defendiam a patria e a liberdade.

As cellas dos antigos moradores estão em completa ruina, e apenas algumas salas se conservam ainda de pé, servindo de deposito de palha. Tambem ainda se conserva de pé um claustro de oito arcadas, com pilares de marmore, todo coberto de cardos e silvas.

Ainda em 1737, segundo diz fr. Lucas de Santa Catharina, nas suas *Memorias da Ordem militar de S. João de Malta* «*davam corpo ao antigo edificio, nobre e sumptuoso, grandes claustros, casarias espaçosas e eguaes officinas, servindo-lhe d'ornato torres de cantaria, altas e bem lavradas.*»

O que se acha mais bem conservado de todo este edificio, por tantos annos residencia principal dos grão-priores de Malta e dos seus freires, é a egreja, apesar de estar assente em terreno alagadiço, reçumando agua, ainda na maior estiagem, as paredes e pavimento.

Sobre o portico tem a seguinte inscripção:

VIRGINI GRATIARUM SACRUM

O templo é muito comprido, de uma só nave, em fórma crucial e mal alumiado. O arco cruzeiro é altissimo.

A imagem da padroeira é de marmore e de primorosa esculptura, apesar da sua muita antiguidade. Tem no braço esquerdo o menino, tambem de muita formosura.

Nos dias das duas feiras, fazem-se tambem duas grandes romarias a que concorre gente de muitas leguas em redor e até de Hespanha.

Este alcaçar é em uma planicie, separado, mas a pequena distancia da povoação.

Foi n'este alcaçar que o immortal Garrett fez nascer a formosa *Alda*, donosissima esposa do *Alfageme de Santarem*, sobrinha do bom Froilão Dias e afilhada de D. Alvaro Gonçalves.

—

A aldeia da Flor da Rosa é grande e muito alegre e desabafada a sua situação. Quasi todos os seus habitantes são oleiros de louça ordinaria, mas que tem a qualidade de resistir muito ao fogo, e por isso é muito estimada e tem grande extracção, até para fóra da provincia.

—

D. Alvaro Gonçalves Pereira, fundador do castello e templo da Flor da Rosa, era filho de D. Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga e de D. Thereza Pires Villarinho. Este arcebispo era filho do rico e poderoso conde D. Gonçalo Pereira e de D. Urraca Vasques Pimentel.

Foi este conde D. Gonçalo Pereira que, estando um dia no seu solar de Pereira, deu 70 cavallos a parentes e amigos seus. (Vide Feira.)

D. Alvaro Gonçalves Pereira, achou-se, com o arcebispo seu pae, na batalha do Sallado (30 de outubro de 1340) onde, por or-

dem de D. Affonso IV (o *Bravo*) arvorou o *santo lenho da vera cruz*, que levára do Marmellal, á vista do exercito portuguez, para ser adorado, servindo-lhe depois de guia, precedendo a *signa* real.

Casou com D. Iria Gonçalves do Carvalhal, e d'este casamento nasceu, a 24 de junho de 1360, o excelso D. Nuno Alvares Pereira, condestavel de Portugal, conde de Ourem e de Barcellos, mordomo-mór de D. João I, etc. Além do condestavel, houve d'este casamento mais 18 filhos (alguns dos quaes degeneraram, tomando o partido de D. João I de Castella, contra a sua patria.)

FOGAÇA, FOGACIA e **FOGAZA**—originariamente eram bolos cosidos sob o borralho, a que os latinos chamavam *subciniricios*. O uso d'estes bolos *(fogaças)* é muito mais antigo do que a monarchia, pois data, pelo menos, do tempo dos romanos.

Eram pequenos pães redondos e chatos, proprios para serem facilmente cosidos (ou, melhor diriamos, *assados*).

Ainda em algumas terras de Portugal, principalmente nas provincias do norte, se usa isto, e lhe chamam *bôlo do borralho*.

Mais tarde, se deu o nome de *fogaças* a grandes pães de trigo, ovos e manteiga, cosidos no forno, attingindo alguns um grande volume. (Vide Abiúl, Feira e Pombal).

Convertidos os lusitanos ao christianismo, principiaram a pôr sobre os altares *offertas*, que consistiam em maiores ou mais pequenas *fogaças*, mais ou menos aperfeiçoadas. Depois tambem foram depondo outras offertas, a que egualmente davam o nome de *fogaça* (porque eram comestiveis).

Com o andar dos tempos, cahiram os vassallos, colonos e emphiteutas em *offerecerem* ao rei ou ao senhorio, ou pelas festas, ou quando elles vinham ás terras, seus *presentes* de *fogaças*, e eis como, por um acto de deferencia, attenção e obsequio, crearam um fôro contra si mesmos, vindo o que até então era um *favor*, a converter-se em um *fôro*.

Muitos foraes e emprasamentos impõem o fôro ou *reconhecença* de fogaças, mais ou menos volumosas. (Vide Colles e Serpins).

As *fogaças* da villa da Feira, porém, nunca foram obrigatorias nem consideradas fôro. É a camara que manda fazer certo numero d'ellas, e tambem ás vezes os particulares, para darem *talhadas* aos amigos (que tenham 12 vintens, ou o que quizerem, para dar á *fogaceira*, que é o nome da pequena que leva a fogaça na procissão, e a distribue. Vide Feira).

O povo da terra da Feira tem para si que estas *fatiinhas* de fogaça livram de muitos males da alma e do corpo.

—

Querem alguns que o dar-se a estes pães o nome de *fogaça*, é porque a *festa da fogaça* na villa do Pombal foi inventada por uma tal *D. Maria Fogaça*; mas é erro: ella é que o tomou (ou o povo lh'o deu) pela enorme *fogaça* que alli mandava coser annualmente. Ou até mesmo já teria este appellido, que é muito mais antigo do que ella.

A antiga familia portugueza que usava o appellido de *Fogaça*, tinha por armas, além de cinco faxas de ouro, uma fogaça azul, *gretada* de ouro, e por timbre, um molho de lenha, ardendo.

FOGO—Dá-se este nome a uma familia que cosinha no mesmo lar. Nas nossas antigas leis civis e ecclesiasticas, nos tombos, foraes, emprasamentos, etc., chama-se *fôgo inteiro* se o chefe da familia é casado—e *meio fôgo* se elle é solteiro ou viuvo. Em regra o proprietario casado pagava sempre para a egreja o dobro do que pagava o viuvo ou o solteiro.

Se na mesma casa ha mais do que uma cosinha, em serviço, para familias que vivam em separado, são tantos os fogos, como os lares. Finalmente, nos documentos antigos, e para o que fica dito, lar, fogo e familia, são synonimos.

FOGO MORTO—*Casal de fogo morto* (fogo apagado) é o que está deshabitado, reduzido a matto e sem cultura.

Direito de fogo morto, é o que tinha a pessoa que roteou a terra brava e inculta ou abandonada, de não poder ser expulso pelo direito senhorio d'aquellas terras.

Em 1240, achando-se de *fogo morto* todo o territorio de Idanha Velha, mandou D. Sancho II, a 10 de março d'esse anno, que

fosse todo povoado até ao ultimo do proximo maio, sob pena de perderem o que seu fosse, os que o não fossem povoar (os que d'aqui eram proprietarios ou seus herdeiros) sob pena de se julgarem propriedades de *fogo morto.*

FOGUEIRA—o mesmo que *fogo, casal* ou *reguengo.*

D. Diniz, por alvará de 1281 «deu a Antonio Esteves e sua mulher Thereza Esteves, a sua *fogueira* de *Coraciães*, com a condição de fazerem cabeça da tal *fogueira*, na herdade que elles tinham em *Calvilhi* (hoje Calvelhe) onde se chamava *Palas.*»

FÓIA—pico granitico e isolado, na serra do Algarve. Vide Foya.

FOIO—vide Fojo.

FOJO—vide Portella do Fôjo.

FOJO LOBAL—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 24 kilometros ao O. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Fôjo Lobal, quer dizer—*fôjo de caçar lobos.* Vide Foyo.

Esteve annexa á freguezia dos Cabaços.

É terra fertil.

O reitor de Cabaços apresentava o vigario, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé d'altar.

FOJOS ou **FOIOS** ou **FOYOS**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal, 285 kilometros ao E. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 10 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

É proxima da raia. Vide Foyo.

O vigario da Nave apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

FOLES ZOMAQUES—Em 986, venderam *Segulfo Frudildi, Gutina* e *Bezemira*, a *Truitesindo Osorediz* e sua mulher *Unisco*, certas fazendas em *Oredi*, abaixo do castello *Aviarelivi*, no territorio do Porto, por 50 *foles.* Já no tempo dos romanos, e muito depois, *foles*, era uma moeda de cobre, que, segundo uns, valia um real, e segundo outros 10 réis.—Mas *foles zomaques*, é a pelle de qualquer animal. É derivado do grego *zoma* ou *soma*, que significa o corpo humano e tambem o pergaminho.

Geralmente, aos pergaminhos já preparados para escrever, se dava o nome de *foles zomaques.* Nas provincias do norte chamam *fole* á pelle inteira do carneiro ou cabrito, que serve de sacco para a farinha. É tal e qual como um odre. Vide Penella, comarca da Louzan.

FOLGOSA—freguezia, Douro, concelho da Maia, comarca e 12 kilometros ao N. do Porto, 324 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 147 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Terra muito fertil e cria muito gado bovino, que exporta para Inglaterra.

O bispo e o mosteiro benedictino de Santo Thyrso, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

FOLGOSA—vide Pontos do Douro.

FOLGOSA—freguezia, Beira Alta, comarca de Taboaço, concelho de Barcos até 1855, e desde então comarca e concelho de Armamar, 18 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Viterbo diz que D. Sancho I lhe deu foral em 1188, repartindo todo o terreno da freguezia em *dês quairellas* (coirellas—casaes) o que constava dos documentos do mosteiro de Salzêdas. Franklin não menciona este foral. O que é certo, é que esta freguezia é muito antiga, e, pelo menos, do tempo dos godos.

O reitor de Armamar apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra muito fertil. Produz muito azeite e excellente vinho, havendo no territorio da

freguezia muitas e valiosas quintas, sendo as melhores, a que foi do convento de Salzêdas, hoje dos herdeiros do célebre estadista e eloquente orador, Rodrigo da Fonseca Magalhães, e a de *Valle Mor* (ou Valmor) que deu o titulo de visconde ao sr. José Isidoro Guedes, e actualmente a seu sobrinho, o sr. Fausto de Queiroz Guedes, segundo visconde do mesmo titulo.

Na extremidade N. d'esta freguezia, corre a bella estrada marginal do Douro.

Era natural d'esta freguezia, o fallecido desembargador da Relação do Porto, Joaquim Cardoso de Carvalho e Gama.

FOLGOSA — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Vousella, 18 kilometros de Viseu, 275 ao N. de Lisboa.

Esta freguezia está ha muitos annos unida á de Fataúnços.

Na freguezia de Folgosa está a celebre torre de *Bandavizes* (corrupção de *Ben-dab-Issa* — os cabelludos — appellido de uma familia arabe). Vide Bandavizes.

FOLGOSINHO — vide Carraceira.

FOLGOSINHO — villa, Beira Baixa, comarca e concelho de Gouveia, 95 kilometros a NE. de Coimbra, 6 da villa de Mello, 300 a NE. de Lisboa, 280 fogos, 850 almas.

Em 1757 tinha 190 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Situada na serra da Estrella, banhada por a ribeira do seu nome.

Foi povoada por D. Sancho I, em 1188. Todos os auctores dizem que foi povoada por aquelle rei e n'aquelle anno, menos Franklin, que diz — que o foral lhe foi dado em 1187, e não é provavel que o foral lhe fosse dado um anno antes de estar povoada. Ha aqui apenas a differença de um anno, que póde ser de alguns dias, porque, como Franklim não traz o dia e mez da data do foral, podia este ser dado no fim de 1187, povoando-se então a villa, e como faltavam então poucos dias para o anno de 1188, podiam os escriptores marcar a época da povoação n'este anno.

D. Affonso II confirmou este foral, em outubro de 1217.

D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 20 de setembro de 1512.

Grande abundancia de carvão, lenha, castanha, gado e caça. Do mais mediania.

Os duques de Lafões, que são tambem marquezes de Arronches e condes de Miranda (do Côrvo) eram senhores donatarios das villas de Jermêllo, Folgosinho, Sóza, Podentes, Vouga e Oliveira do Bairro. Para as armas d'esta familia, vide Alafões.

Eram estes duques que apresentavam o vigario, o qual tinha de rendimento 50$000 réis.

FOLGOSO — grande aldeia, Douro, comarca e 15 kilometros a NO. de Arouca, concelho e 9 kilometros a O. de Paiva, 1 ao S. do rio Douro (margem esquerda) 30 ao E. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Pertence á freguezia de S. João Baptista de Raiva, que fica 1 kilometro a NE.

Ha aqui duas boas fabricas de papel, sendo a melhor do sr. Manuel Vieira de Andrade e Silva. O motor de ambas é a agua do rio *Arda*, que passa ao NO., pelo fundo da povoação, a distancia de um kilometro.

Ha aqui uma capella dedicada a S. Lourenço, onde se diz missa nos dias santificados e se faz uma festa a 10 de agosto.

Por este logar passa a grande zona carbonifera de Paiva.

Proximo á povoação, e a E. d'ella, fica (mesmo sobranceiro ao logar) o môrro ou pico de *S. Domingos*, que é a extremidade O. da serra do mesmo nome. (Vide S. Domingos, serra, Douro.)

Nas immediações de Folgoso (nas duas margens do Arda) teem apparecido muitas mós de *moer ouro*, do tempo dos arabes.

Estas *mós* revelam muita antiguidade e bastante uso. Entre duas d'estas mós collocavam o minerio, e depois de bem triturado procediam á *lavagem*, para separarem da terra as particulas ou *palhetas* d'ouro.

Tambem por aqui ha varias galerias abertas pelos arabes, para extracção de metaes. Em 1860 se achou aqui um pedaço de cobre nativo, do peso de 2 kilogrammas; mas por mais que se tenha investigado, não appareceu mais. (Vide Arda, rio.)

Folgoso é povoação bem situada e seu

terreno fertil em cereaes, azeite e optimo vinho verde; produz muitas e boas melancias e outras fructas. Pelo S. passa o ribeiro do seu nome.

FOLHADA — freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes (antiga comarca e concelho de Soalhães) 54 kilometros a NE. do Porto, 345 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 139 fogos.

Orago S. João Baptista, ou Degolação de S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

FOLHADELLA ou **FILHADELLA** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Real, 84 kilometros ao NE. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 315 fogos.

Em 1757 tinha 220 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

É terra muito fertil. Cria muito gado de toda a qualidade, e caça.

A mitra apresentava *in perpetuum* o vigario, que tinha 120$000 réis de rendimento.

FOLHADOSA — freguezia, Beira Baixa, comarca de Gouveia, concelho de Sandomil, até 1855, depois concelho de Cêa, 65 kilometros a NE. de Coimbra, 245 ao NE. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 65 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

É terra fertil. Cria muita caça.

O cabido da Sé de Coimbra apresentava o prior, que tinha 200$000 réis annuaes.

«Constando por officio do governador civil do districto da Guarda que D. Maria Carlota Vieira Tovar e Albuquerque tem praticado relevantes actos de caridade em beneficio da povoação de Folhadosa, do concelho de Cêa, onde reina uma epidemia de escarlatina maligna, já soccorrendo os pobres com dietas e roupas, e já abonando-lhes os medicamentos; de modo que, em virtude da sua generosidade se tornou desnecessario nomear uma commissão de soccorros para acudir aos enfermos: determina sua magestade el-rei que, em seu real nome, louve o dito magistrado a referida D. Maria Carlota Vieira Tovar e Albuquerque, pelos beneficios que tem prodigalisado aos enfermos da sobredita localidade, no que tem dado provas de uma dedicação verdadeiramente christã. —Paço, em 29 de janeiro de 1874.—*Antonio Rodrigues Sampaio.*»

FOLQUES—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho d'Arganil, 40 kilometros de Coimbra, 220 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 290 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Tem um convento que foi de frades cruzios; mas como d'este convento disse tudo o que tinha a dizer no artigo *Arganil*, para evitar repetições, víde Arganil.

Folques é corrupção da palavra arabe *falque* (divisão) do verbo *falaca*, que significa *dividir*, *partir ao meio*—por causa de um ribeiro, que passa pelo centro da freguezia.

É terra bonita e muito fertil.

O collegio da Sapiencia de Coimbra (crusios) apresentava annualmente o cura, que tinha 60$000 réis annuaes.

FONTAINHAS — Estremadura, proximo a Oeiras. São uns *olhos d'agua*, que rebentam no meio da praia, formando uma pequena lagôa, rodeada de grandes penedos.

É um sitio aprasivel no verão, porque recreia ver, junto á superficie do Tejo, no centro d'alvissimo areal, e entre rochas de varias fórmas, um lago d'agua crystallina, onde borbulham continuamente diversas nascentes. No inverno desapparece o lago, porque o invadem as ondas embravecidas.

FONTÃO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 30 kilometros a O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 146 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

As freiras benedictinas do Salvador, de Braga, apresentavam o vigario, que tinha 80$000 réis annuaes.

É terra fertil.

FONT'ARCADA ou **FONTE ARCADA**—villa, Beira Alta, comarca de Moimenta da Beira, concelho de Cernancêlhe, 35 kilometros de Lamego, 324 ao N. de Lisboa, 220 fogos, 800 almas;—no concelho, que foi extincto em 1855, tinha 680 fogos.

Em 1757 tinha 13 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Em 1122 entrou *Al-Bucazan*, rei mouro de Badajoz, pelas terras do Alemtejo e Beira, saqueando, incendiando tudo, e degolando quantos portuguezes alcançava.

Foi pôr cerco a Trancoso; mas acudindo D. Affonso Henriques e o grande Egas Moniz, apezar dos moiros serem muito superiores em numero e se baterem como leões, foram completamente derrotados, tomando-se todas as grandes riquezas que tinham roubado e as suas proprias.

Quando o principe portuguez marchava victorioso para Guimarães, lhe sahiu, na passagem de Tavora, um numeroso corpo de mouros. D. Affonso Henriques fez descançar a sua gente e tomar alguma refeição até ao meio dia, e então, investindo os mouros, com tal impeto o fez, que em duas horas os desbaratou completamente.

Esta batalha teve logar junto ao rio Tavora, onde pouco depois se fez uma fonte de pedra (que ainda existe) entre as povoações de *Villar* e *Font'Arcada*. Foi em acção de graças por esta batalha, que D. Affonso Henriques mandou fundar o convento de S. João de Tarouca.

—

É povoação muito antiga. *D. Sancha Vermuiz* (senhora d'esta villa) e seus filhos lhe deram foral em fevereiro de 1193. Outros dizem que este foral velho lhe foi dado pela tal D. Sancha Vermuiz e seus filhos, em 16 de fevereiro de 1231.

D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514.

Está em sitio alto, com má entrada, por causa dos grandes penhascos que a cercam. Fica proxima do rio Tavora.

O nome de Fonte Arcada provem-lhe da sua antiga fonte, em fórma d'arco, que mencionei.

Foi concelho, quasi tão antigo como a monarchia, que foi supprimido em 24 de outubro de 1855.

É terra fertil. Cria muita caça.

A Universidade de Coimbra apresentava o vigario, collado, que tinha 120$000 réis annuaes.

FONT'ARCADA—villa, Minho, comarca e concelho da Povoa de Lanhoso, 12 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 420 fogos.

Em 1757 tinha 312 fogos.

Orago o Salvador, ou resurreição de Jesus Christo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi couto, com justiças proprias, e com nove freguezias.

A egreja matriz foi de um mosteiro de frades bentos, que fundou o *rico-homem* D. Godinho Fafez, (da freguezia de Gallegos) em 1067.

Este convento passou depois a abbadia secular, de commendatarios.

Não se sabe quando este convento deixou de existir como congregação religiosa, mas foi supprimido depois de 1434; porque n'este anno ainda aqui havia frades.

Em 1455, o arcebispo, D. Fernando da Guerra, apresentava aqui um clerigo; e em 1465, creou para a sua Sé, com cadeira, um arcediagado, com grandes rendas, que os arcebispos ficaram apresentando.

É n'esta freguezia a villa da Povoa de Lanhoso, capital do concelho d'este nome. (Vide Lanhoso e Povoa de Lanhoso.)

É terra muito fertil. Cria muito gado, que exporta para Inglaterra.

O sacro collegio patriarchal apresentava dois vigarios, com alternativa egual, que curavam a freguezia. Cada vigario tinha 90$000 réis annuaes.

FONT'ARCADA — freguezia, Douro, comarca o concelho de Penafiel, 24 kilometros ao NE. do Porto, 324 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 203 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Houve aqui um convento de freiras benedictinas, muito antigo, que no seculo XVI foi encorporado no de S. Bento de Ave Maria, do Porto. N'éste convento de Fonte Arcada viveu a riquissima viuva, D. Froilla Herminges (*familiar* da Ordem do Templo) a qual, em 1228, fez uma amplissima doação aos templarios, de todos os seus bens que tinha nos tres reinos de Portugal, Leão e Castella. Tendo-lhe morrido um filho unico e sua mãe (d'ella) ainda herdou muitas terras e egrejas nos bispados de Lamego, Braga, e Coimbra, que tudo deu aos templarios, em 1239.

Pela extincção d'esta ordem (1311) passou o convento e todas as terras de D. Froilla a constituir uma boa commenda de Christo, em 1319.

A Mesa da Consciencia apresentava o reitor (que era freire de Christo) e tinha 50 mil réis e o pé d'altar.

A egreja matriz só podia ser visitada pelo bispo da diocese, que recebia 40$000 réis por cada visita, dados pela commenda.

FONTE DE ALDEIA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 12 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago Santa Anna.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Villa Chan da Barciosa, apresentava o cura, que tinha só o pé d'altar.

Esta freguezia está annexa á de Villa Chan da Barciosa. (Vide Barciosa.)

FONTE BOA—freguezia, Minho, comarca de Barcellos, concelho de Espózende, 30 hilometros a O. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 160 fogos. Em 1757 tinha 129 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O ordinario apresentava, por concurso, o abbade, que tinha 1:100$000 reis annuaes.

Chamou-se primeiro *Fonte do mar*, depois, *Fonte Má* (por ter *más* aguas) depois Fonte Boa. (Porque *melhorariam* as aguas? É o que não pude saber.)

Pouco acima da *Barca do Lago*, n'esta freguezia, estão as ruinas de um castello (no sitio chamado *Crasto*) que parece ser obra dos romanos.

Chega a freguezia até ao sitio chamado *Pôço da Batalha*, e é tradição que aqui houve uma muito grande, entre christãos e mouros, e fugindo estes até um ribeiro, affluente do Cávado, alli foram acabados de derrotar, e ao ribeiro, por causa do sangue que então correu, se ficou chamando *Rio Tinto*.

A partir com esta freguezia está a de *Rio Tinto*, a cujo nome deu origem o mesmo ribeiro.

Em ambas estas freguezias ha grande abundancia de sebolas, que se exportam.

FONTE COBERTA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros ao O. de Braga, 342 ao N. de Lisboa, 50 fogos. Em 1757 tinha 34 fogos.

Orago S. Romão.

Arcebispado, e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

O reitor de S. João de Silveiros, apresentava o vigario, que tinha 70$000 réis annuaes.

Esta freguezia esteve alguns annos annexa á da Carreira; mas está outra vez independente.

FONTE DA PIPA—vide Almada.

FONTE DA PIPA—vide *Fiolhoso*.

FONTE DO BISPO ou **SANTA CATHARINA**—freguezia, Algarve, comarca e concelho de Tavira, 24 kilometros de Faro, 240 ao S. de Lisboa, 460 fogos.

Em 1757 tinha 403 focos.

Orago Santa Catharina.

Bispado e districto administrativo de Faro.

Situada junto a fragosas serranias, no caminho de S. Braz.

A egreja é de tres naves, ordinaria.

Abundante em alfarrobas e azeite; do mais pouco.

Ha aqui muitos caçadores de profissão e muita caça, que se exporta. Muitos almocreves. Povo richoso e turbulento.

As mulheres fabricam *surianos*, estamenhas, linho e estopa. Muitas colmeias. (Moram aqui muitos hespanhoes, que levam a cêra em *râma* para a Hespanha.) Muita *gran de carrasco*, que vae para Tavira. Tres lagares de azeite. Muite pedra de amolar. Escola de instrucção primaria, creada por decreto de 16 de novembro de 1839.

15 kilometros ao N. da egreja, no sitio da *Agua das Tábuas*, ha uma fonte de *aguas ferreas*, que se diz muito efficaz nas obstrucções.

Tem esta freguezia 18 kilometros de comprido e 12 de largo.

O bispo do Algarve apresentava o cura. Não tinha renda certa. Um arado, pagava alqueire e meio de trigo; dois arados, 2 alqueires, e o que não faz lavoura, 1 alqueire, e todos pagavam meio alqueire de cevada, excepto os moradores d'este logar (Fonte do Bispo.)

FONTE DOS AMORES — vide pag. 339 do 2.º vol.

FONTE LADRÃO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Miranda, d'onde dista 18 kilometros, 455 ao N. de Lisboa, 22 fogos, em 1757.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Está annexa á freguezia da Silva. Quando era independente, tinha por orago S. João Baptista.

O abbade de Villar Sêcco apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar

FONTELLAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 5 kilometros a O. do Pêso da Regua, 90 kilometros ao ENE. do Porto, 340 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 139 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real.

N'esta freguezia, no sitio mesmo chamado *Caldas*, pertencente ao logar da Rêde, estão as célebres caldas vulgarmente denominadas do *Mollêdo* (povoação da Beira Alta, que lhe fica em frente, na margem opposta, esquerda do Douro.)

Como toda a gente chama a estas aguas mineraes, *Caldas do Mollêdo*, ponho tudo o que lhe diz respeito, no Mollêdo. (Vide Mollêdo.)

Fontellas fica sobre a margem direita do Douro, ficando-lhe sobranceira e a 3 kilometros ao NO., a villa de Mezão-Frio.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 1:200$000 réis de rendimento.

Muito bom vinho e fructas; poucos cereaes, caça, e peixe do Douro.

É aqui a quinta do sr. dr. Antonio Fernandes Alvares Fortuna, juiz de direito aposentado.

FONTÊLLO — villa, Beira Alta, comarca e concelho de Armamar, 8 kilometros a NE. de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 99 fogos.

Orago S. Domingos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Foi concelho, com camara, juizes e mais *officiaes* proprios, supprimido depois de 1834.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 17 de maio de 1514.

Situada a 6 kilometros ao S. do Douro, 54 ao NE. de Viseu, e 95 ao E. do Porto.

A mitra apresentava o vigario, collado, que tinha 60$000 réis.

N'esta freguezia está a alta e alcantilada serra de S. Domingos, a que dá o nome uma capella de S. Domingos, que está no vertice do monte. Este Santo é advogado contra a esterilidade.

A capella está em territorio deFontêllo; mas a serra não é toda d'esta freguezia: parte d'ella, a menor, pertence á freguezia da Queimada, e por isso uns lhe chamam, *Serra de S. Domingos de Fontêllo*, outros, *Serra de S. Domingos da Queimada.*

D. Affonso V e depois seu filho, D. João II, aqui vieram pedir ao santo para terem filhos.

Para o mesmo fim aqui vem gente de mais de 20 freguezias.

Diz-se que, onde hoje é a capella, foi um castello arabe.

Na falda da serra, está a extensa *Veiga de*

Naçarães, onde, segundo a tradição, foi o primittivo assento da cidade de Lamego, que por se têr revoltado contra os romanos (pelos annos 100 de Jesus Christo, sendo imperador Trajano, hespanhol, e amigo dos lusitanos; porém seus consules e pretores, estando Roma tão longe, praticavam taes e tantas extorções e crueldades contra os lusitanos, que isto os levou á revolta) por se haver revoltado, digo, mandou o imperador 14 legiões á Lusitania castigar os *rebeldes.*

Estas legiões arrasaram e incendiaram completamente a cidade escapando muito poucas casas.

Os lusitanos que escaparam, foram fundar a actual cidade de Lamego.

Consta que as aldeias de *Queimada* e *Queimadella* (no antigo sitio de Lamego) trazem o seu nome d'este tragico successo. (Vide *Queimada* e *Queimadella.*)

Outros escriptores dizem que esta devastação aconteceu á cidade de Lamego, estando já no sitio actual.

Da capella de S. Domingos, se vê *Bayão,* Castro-Daire, Rézende, Mezão-Frio, Peso-da Régua, Santa Martha de Penaguião, Villa-Real, Sabrosa, Alijó, S. João da Pesqueira, Penedôno, Moimentada, Beira, Tarouca, Lamego, Armanar, Jugueiros, Parada do Bispo, o rio Douro e grande extensão de montes (incluindo a serra do Marão).

O sitio onde está fundada a capella de S. Domingos, é um dos mais lindos pontos de vista de Portugal.

Tem esta serra um medonho despenhadeiro, que vae perder-se nos bellissimos e feracissimos campos de Valdigem, que se veem ao sopé e do lado opposto á bonita villa de Fontéllo, que está na falda da serra.

É terra amena e fertil, sobre tudo, em cereaes e vinho, que produz em grande abundancia e de optima qualidade.

FONTELLO — quinta dos bispos de Viseu (Beira Alta) proximo á cidade.

Não se sabe quando principiou este vasto terreno á ser quinta; do que ha certeza é de ser muito antiga, pois consta de um documento que existe no archivo do cabido da Sé cathedral de Viseu, que esta quinta já era propriedade da mitra, d'esde 1159 em que o bispo *D. Odorio,* a comprou a Ximena Mendes e a seus filhos, Pedro e João, pelo preço de *25 miramolins* (morabitinos) ou maravidins.)—*Sub era 1197. Ego Exmena Mendis, una cum filiis meis. Petro Heris et Joanne Heris, facimus vobis domno Odorio, episcopo, cartam venditionis, et firmitudinis de heriditate, quae habemus in territorio Viseo, ubi vocitanti Fontanello: damus illa hereditate pro pretio, quae de vobis accepimus XXV moramolinos, etc.*

O chronista da companhia de Jesus, Balthazar Telles, diz, que *D. Miguel da Silva, bispo de Viseu, fizera esta famosa quinta, junto da cidade, com paços pontificaes com grande magnificencia, para habitação dos prelados d'esta diocese e que dentro da quinta se estendiam grandes ruas cobertas de parreiraes bosques mui frescos, tanques mui formosos, fontes de grande artificio e outras notaveis curiosidades; entre as quaes se viam gaiolas d'arame, de tal altura e capacidade, que dentro d'ellas voavam os passaros livremente; criando nas arvores que ficavam dentro d'estas vastas rêdes.*

Ainda que esta quinta seja uma das melhores e mais vastas da provincia e tenha uma grande abundancia d'agua e uma extensa matta, e que deva grande parte dos seus melhoramentos a D. Miguel da Silva, é provavel que Balthazar Telles errasse quanto ao fundador, e exagerasse quanto á magnificencia.

Tambem alguns escriptores sustentam que esta quinta pertenceu aos duques de Viseu, e que fôra por elles doada á mitra diocesana, o que é êrro porque já era da mitra muito antes do nascimento do infante D. Henrique, que foi o primeiro duque de Viseu, como disse no principio d'este artigo.

FONTE LONGA—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Carrazêda de Anciães, comarca de Moncorvo, 140 kilometros a NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 99 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Arcebispado de Braga, districto administrativô de Bragança.

O reitor do Salvador d'Anciães apresentava o vigario, collado, que tinha 40$000 rs.

FONTE LONGA — freguezia, Beira Alta, comarca de Villa Nova de Foscôa, concelho da Méda, 60 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O vigario de Longroiva apresentava o cura, confirmado, que tinha 40$000 réis.

FONTENARES — villa, Beira Baixa, comarca do Sabugal, concelho d'Almendra, 12 kilometros a E. de Pinhel, 335 a E. de Lisboa.

Proximo de *Cinco Villas*, existiu uma villa chamada *Fontenares*, que era muito antiga, e a que D. Manuel deu foral, em Evovora, a 15 de novembro de 1519.

Durante a guerra da restauração (chamada dos 27 annos) os castelhanos arrazaram e incendiaram esta villa, não deixando pedra sobre pedra, de módo que d'ella apenas ha tenues vestigios. O seu concelho e foral passou a ser depois o de *Cinco Villas*. Vide esta palavra.

FONTES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca do Pêso da Regua, concelho de Santa Martha de Pena Guião, 90 kilometros a ENE. do Porto, 340 ao N. de Lisboa, 530 fogos. Em 1757 tinha 311 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real.

O commendador de Malta apresentava o vigario, collado que tinha apenas o pé d'altar.

É povoação muito antiga e foi villa e couto. D. Sancho I lhe deu foral em 1202. D. Affonso II, lh'o confirmou, com todos os seus privilegios, em Coimbra, em julho de 1218. D. Manuel lhe deu novo foral, em Evora, a 15 de dezembro de 1519.

É terra fertil, sobretudo em optimo vinho.

FONTES BARROSAS — freguezia, Traz os Montes, comarca e concelho de Bragança, 60 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 25 fogos.

Orago S. Lourenço.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Conlellas apresentava o cura, que tinha 8$500 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de *Conlelas*, ou de *S. Pedro de Conlelas*.

FONTOURA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Vallença, 54 kilometros ao NE. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 340 fogos.

Em 1757 tinha 260 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É terra muito fertil.

Os Silvas Telles, de Lisboa, apresentavam o abbade, em duas vidas, e a casa de *Aborim* (termo de Barcellos) e o morgado de Covas (termo de Villa Nova da Cerveira) em terceira.

O abbade tinha 500$000 réis de rendimento. Tinha sido antigamente da apresentação dos Antas, de Rubiães.

É n'esta freguezia o antigo solar da *Casa Alta*, que hoje está unido ao de Covas.

Junto ao cruzeiro da egreja parochial, está a capella do Senhor dos Afflictos, muito frequentada de romeiros. A imagem do Senhor dos Afflictos, veio para aqui, do Bom Jesus do Monte (Braga) e é de grandes proporções.

Foi edificada esta capella pelo abbade d'esta freguezia, José Barbosa de Vasconcellos (natural de Braga) para a qual obteve do papa Pio VII, (que governou a egreja desde 1800 até 1823 e foi o 250.° na ordem dos papas) por bulla de 14 de novembro de 1820, os privilegios e graças seguintes — O altar do Senhor privilegiado *in perpetuum,)* para todas as missas que n'elle se disserem pelas almas dos fieis defuntos—Indulgencia plenaria a todos os fieis christãos, de um e outro sexo, que, confessando-se e commungando, visitarem a dita capella, nos dias da festa da Conceição e da apparição do archanjo S. Miguel. Este jubileu principia desde vesperas até ao pôr do sol, do dia seguinte.

Alem disto, aos mesmos fieis, assim dispostos, que visitarem, nos dias das Estações de Roma, esta capella e altar, ganharão as

mesmas indulgencias, como se esta visita fosse feita nas egrejas romanas.

O edital, que publicou a bula pontificia, foi datado em Braga, aos 2 de outubro de 1821.

No logar do *Reguengo*, d'esta freguezia, é á casa da *Rua*, de que é actual possuidor o sr. Francisco José Dantas Montenegro, morgado da casa d'Antas, na freguezia de Rubiães, concelho de Coura. A casa da Rua, é célebre por n'ella ter estado a rainha Santa Isabel, quando foi (segundo dizem) em romaria a S. Thiago de Compostella.

—

Na encosta do monte de S. Gabriel, ao N. a capella, ha um sitio chamado *Telhões*, pelos muitos que aqui teem apparecido. Tambem alli se vê um pequeno môrro pyramidal, de pedras e terra, que parece ser o resto de alguma fortificação.

Nos *Telhões*, andando-se a fazer os alicerces de uma casa, appareceram os de outra, achando-se muito carvão vegetal, e varias cunhas, de metal amarello, desconhecido, dentro de um forno.

Diz-se que o nome d'esta freguezia procede de uma fonte que havia junto á *Casa-Alta*, entre *Rio-Torto* e *Casa-Gonçallo*; porque a agua d'ella trazia palhetas d'ouro.

No sitio do *Córgo*, junto ao logar de *Gróve*, ha um monte, cercado de um fosso, pelo lado da estrada de Coura; parece ser o resto de algum antigo *castro*, ou d'algum acampamento dos antigos lusitanos.

No alto da montanha, entre os concelhos de Vallença e Coura, existe um pequeno fortim, quadrado, com seu fosso em redor. Chamam a este sitio—*os Casarões*—Este fortim serviu de casa do *facho*, no tempo da guerra peninsular.

FONTOURA—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Rézende, 15 kilometros a O. de Lamego, 335 ao N. de Lisboa, 340 fogos. Em 1757 tinha 200 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de S. Martinho de Mouros apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É uma grande e rica freguezia, fertil em todos os generos agricolas, produzindo muito e optimo vinho e azeite.

Fica perto da margem esquerda do rio Douro, que a abastesse de optimo peixe.

Suppõe-se que a esta freguezia deu o nome alguma antiga fonte que se chamasse *Fonte do Douro*.

Talvez que lhe provenha de *fonte da toura*. (Na cidade do Porto, junto á margem dideita do Douro—no bairro da Ribeira—ha uma fonte denominada—*Fonte Taurina*—que deu o seu nome á rua onde está edificada, por isso chamada—*Rua da Fonte Taurina*.) Não era muito que aqui houvesse tambem uma fonte que, por qualquer razão, se chamasse *da toura*. Já se vê que isto não passa de conjectura.

FORAES—os foraes são de instituição gothica. Ainda que alguns escriptores sustentam que os romanos davam *carta de foral* ás terras que queriam beneficiar, é erro manifesto.

Os romanos davam por um *decreto* do senado, ou por uma *carta* do imperador, *privilegio de colonia romana*, ou elevavam á cathegoria de *convento juridico, com as honras e prerogativas de cidade do antigo direito latino*, as importantes povoações que queriam engrandecer; e tambem davam estes privilegios (os imperadores) com o fim de attrahirem adhesões e crearem partido, o que lhes era necessario, nas continuas guerras civis em que andavam envolvidos.

Sertorio, chefe dos lusitanos depois de Viriato, o *antigo*, adoptou para a Lusitania todos os usos, costumes e legislação dos romanos, dando muitos d'aquelles privilegios; mas a isto não se póde nem deve chamar *foraes*; porque estes tinham fins quasi totalmente diversos, e até a sua redacção era differente.

Quando no seculo V as hordas semi-selvagens do norte dividiram entre si os innumeros paizes que constituiam o immenso imperio romano, os que occuparam as Gallias e as Hespanhas, foram pouco e pouco modificando e civilisando seus barbaros costumes e perdendo a sua ferocidade; porque já então n'estes paizes havia a dominação

romana derramado as suas luzes, as suas leis e costumes.

Não levou muitos annos que as raças germanicas se não misturassem com as peninsulares e formassem um só povo. Então os reis godos trataram de promulgar leis tanto sobre religião, como sobre os diversos ramos de administração publica, e direito de propriedade.

Todas estas leis e regulamentos que as explicavam, eram feitas pelos concilios, formados dos bispos e dos *senhores*, e estes procuravam estabelecer legal e solidamente o seu dominio sobre a propriedade e o seu despotismo sobre o povo. D'aqui nasceram os *foraes*.

A Peninsula Iberica cahe no principio do seculo VIII em poder dos sarracenos, e o poder dos *senhores* godos acabou.

Pelayo, senhor godo, de sangue real, junta nas cavernas de Covadonga o nucleo d'essas legiões que, depois de uma guerra de mais de 500 annos, conseguiram expulsar os arabes das Hespanhas.

Tornam pois a ressuscitar as leis, a religião e os costumes gothicos; e novos *foraes* se vão dando ás terras resgatadas do poder dos mussulmanos.

Não tenho noticia da existencia de nenhum foral anterior ao reinado de D. Rodrigo, ultimo rei godo.

Os mais antigos que ha em Portugal foram dados pelo conde D. Henrique, por sua mulher D. Thereza, por varios senhores de terras, bispos, conventos e mestrados, no fim do seculo XI e principio do XII.

Todos os nossos reis desde D. Affonso I até D. Affonso III concederam muitos foraes; mas D. Diniz deu mais do que todos os seus antecessores, e muito mais favoraveis ao povo.

Os reis que lhe succederam, até D. João II, foram dando alguns foraes e varios privilegios. Até D. João II inclusivé se dá a todos os foraes o titulo de—*Foraes velhos*.

D. Manuel, vendo a confusão e irregularidade que havia nos *foraes velhos*, e o quanto eram vexados os povos com os foraes dados pelos fidalgos, grão-mestres, bispos e frades, decidiu dar foraes a todas as terras do seu reino, e é a estes que se chama *Foraes novos*.

Este rei, por *carta regia* de 22 de novembro de 1497, escripta em Evora, por Vicente Pires, deu ordem para se proceder á factura de novos foraes para todo o reino.

A commissão era composta do dr. Ruy Boto, do seu conselho e chanceller-mór do reino—do dr. João Façanha, do desembargo do paço—e de Fernão de Pina, cavalleiro de sua casa.

N'esta carta mandou recolher os originaes de todos os foraes de todas as cidades, villas e logares do reino, para se fazerem os novos.

O primeiro foral que deu D. Manuel, foi o de Lisboa, a 7 de agosto de 1500.

O trabalho dos foraes, abrangeu todo o reinado de D. Manuel. Poucos mais foraes se deram depois da morte d'este monarcha—e a esses se dá o nome de *foraes novissimos*.

A relação mais exacta das terras que têem foraes, é a que escreveu Francisco Nunes Franklim, socio da academia real das sciencias, cuja 2.ª edição foi publicada em 1825. [1]

E' preciso muito cuidado com as datas que o padre Carvalho deu aos foraes, na sua *Chorographia*.

A confusão no modo de datar, umas vezes pela *era de Cesar*, outras pelo *anno de Jesus Christo*, o atrapalhou, fazendo escrever muitos anachronismos.

O padre Cardoso, no seu *Diccionario Geographico de Portugal* (que não passou da letra C) é muito mais exacto nas datas; mas ainda assim, traz alguns érros de chronologia.

FORAMONTÃOS—(portuguez antigo) emphiteutas, colonos ou caseiros, que pagavam ao direito senhorio, como parte da pensão, o *foro de montaria*, ou *de monte*. Segundo

[1] Franklim não leu mais do que os titulos dos foraes, pelo que a sua obra, aliás importante, tem o grande defeito de deixar o leitor ignorando a que povoação pertencem os foraes de terras pequenas, principalmente se ha mais de uma do mesmo nome. Tambem em muitos lhe dá a provincia errada, o que ainda causa mais confusão.

alguns foraes ou prasos, era pago em caça; segundo ontros, era a obrigação de correrem os montes com armas e cães, na companhia do senhorio ou seu mordomo.

Nas *inquirições* de D. Affonso III, se achou, na freguezia de S. Miguel de Queiran, que o logar de *Noumam* ou *Loumam*, fôra dado por D. Affonso Henriques, em 1134, a *Pelagio Vozoiz*. Em 1290, nas *inquirições* de D. Diniz, se achou que alli (Noumam) moravam uns 12 homens, cujos casaes eram coutados e elles eram *foramontãos*.

Em *Ventosa* se achou então, que o casal de *Covêllo* era foreiro ao rei e seus colonos *foramontãos*.

Em *Vousella*, a maior parte da herdade de *Paços de Vilharigues* era de *foramontãos* d'el rei.

No mesmo anno um casal da aldeia (freguezia) de *Pindello d'Alafões*, era de *foramontãos* da Ordem do Hospital, etc.

Havia *foramontãos* do rei, dos fidalgos, das ordens religiosas e de cavallaria, e de alguns bispos e abbades.

FORCALHOS—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal, (até 1855 do concelho de Villar Maior), 120 kilometros a SE. de Lamego, 315 a E. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O reitor d'Alfaiates apresentava o cura, que tinha 5$500 réis de congrua e o pé de altar.

Fiça perto da raia.

FORJÃES ou **FROJÃES**—freguezia, Minho, comarca de Barcellos, concelho de Espózende, 30 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 167 fogos.

Orago Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Fica perto da costa do Oceano.

É terra muito fertil.

O D. abbade benedictino do mosteiro de Palme, apresentava o vigario, que tinha réis 70$000.

FORLES — freguezia, Beira Alta, concelho de Sattão, comarca e 28 kilometros de Viseu, 310 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Em 1757 tinha 22 fogos.

Orago Santa Luzia.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Forles, forlys, frolyees, frolys e *frolanças*, o mesmo que *florins*. Moeda de ouro puro, que se começou a cunhar em Florença, em 1252, tendo cada uma, uma oitava. Esta moeda foi introduzida em Portugal, no reinado de D. Diniz. Em 1309 já cá havia *forles* de ouro (vide Guimarantinhos) em 1380, já os havia de ouro e de prata. (vide Forum.)

O abbade de Ferreira d'Aves, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis e o pé d'altar.

FORMAL — (portuguez antigo) vivenda, casas, quinta ou qualquer fazenda ou casal, que anda emprasado. Tambem se diz *formal*, a parte que toca a cada herdeiro. Ha varios logares em Portugal com o nome de *Formal*, *Formaes* e *Formelans*.

FORMARIZ — freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho de Coura, 48 kilometros ao NO. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 200 fogos. Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Formariz é corrupção de *Frumariz*, que quer dizer—filho, ou da familia de Frumario.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira apresentavam o abbade, que tinha 300$000 réis annuaes.

(O abbade d'esta freguezia era primeiramente feito pelo povo, e confirmado pelo arcebispo; mas um abbade—filho do abbade de Fontoura—conseguiu dos freguezes que cedessem o direito de apresentação, nos taes viscondes.)

—

N'esta freguezia é a antiquissima casa de *Aborim*. Dizem alguns, que nasceu aqui D. Antonio Mendes de Carvalho, primeiro bispo d'Elvas, e não em *Villa Mende*, na freguezia de *Ferreira;* nem em Caminha, como outros pretendem.

Tambem n'esta freguezia está a antiga e illustre casa de *Mantellães*, e não em *Parêdes*, como outros dizem. Foi esta casa solar dos Castros, que vieram de Fornéllos (Galliza) descendentes de *Aldonsa Vasques de Fornéllos*, senhora da casa de seu marido, Fernão Pires (ou Peres) de Castro, filho bastardo de D. Pedro Fernandes de Castro, senhor de *Lemos*; a qual se uniu á casa de *Sotto Maior*, por casamento de D. Ignez Annes de Castro, senhora de Fornéllos, que casou com Alvaro Paes de Sotto Maior, senhor de Sotto Maior.

Consta que esta casa foi originariamente dos condes de Belmonte.

—

Houve n'esta freguezia uma torre antiquissima, que Thomé Pereira mandou derrubar, para com os seus materiaes se construir uma casa, onde fazia as audiencias. É hoje esta casa possuida por o sr. João Pereira d'Azevedo.

No mais alto monte d'esta freguezia, estão as ruinas de uma grande fortaleza, ainda hoje chamado *Crasto*. É provavelmente obra dos romanos, porque, pouco distante passava uma das vias militares romanas (ou ramal d'ella) que se dirigia a Astorga.

—

É a freguezia mais fertil, amena e bonita, do concelho de Coura.

Nos seus montes ha abundancia de caça, grossa e miuda.

FORMARIZ — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa do Conde, 35 kilometros a O. de Braga, 335 ao N. de Lisboa, 20 fogos.

Em 1757 tinha 14 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mesma etymologia.

O abbade de S. Salvador de Touguinhó, apresentava o vigario, confirmado, que tinha 30$000 réis annuaes.

FORMÍGA — Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, freguezia de Arcozéllo.

Na serra de *Arga*, em terreno d'ella pertencente a esta freguezia, existem as ruinas de um castello construido pelos romanos.

O padre Carvalho, diz assim na sua *Chorographia:*

Acima do arruinado castello da Formiga *está a capella de* Santa Justa, *virgem e martyr, de Sevilha; mui visitada com clamores de muitas freguezias, e romagens de toda esta ribeira:* (do Lima) *é advogada d'aquelles que não teem filhos, e quando lh'os vão pedir, lhe levam frangos e frangas brancas, e obra Deus, por sua intercessão, grandes maravilhas.*

FORMIGÃES — freguezia, Extremadura, comarca e 18 kilometros de Thomar, concelho de Villa Nova de Ourem, 150 kilometros ao NE. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 137 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Prelasia de Thomar (actualmente patriarchado) districto administrativo de Santarem.

A Mesa da Consciencia e ordens, apresentava o vigario, que tinha 120 alqueires de trigo, 30 de cevada, 1 pipa de vinho e 24$000 réis em dinheiro.

Junto ao logar da Quebrada, d'esta freguezia, ha uns *olhos d'agua*, abundantes no inverno. Por elles sahem ás vezes ouriços de castanhas. Em mais de 8 kilometros de distancia não ha castanheiros, o que faz crêr que veem do rio Zêzere.

FORMIGOSO — monte, na serra de Arga, Minho, pertencente á freguezia de Arcozéllo, comarca e concelho de Ponte do Lima. Ha aqui muita caça e tambem muitos lobos e rapozas.

FORMIL — pequena freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Bragança. Está ha muitos annos annexa á de Gostei.

(Vide Gostei.)

FORMILLO — aldeia, Beira Alta, da freguezia da Granja Nova, concelho de Mondim da Beira, comarca de Armamar, bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

É aqui o solar do sr. Miguel Antonio de Mesquita Pimentel, fidalgo da casa real, e chefe de uma das mais nobres familias da Beira Alta.

Mesquita é um appellido, nobre am Portugal. Procede de Fernão Martins Vasques

Pimentel, que lhe accrescentou Mesquita, por ter tomado, com quatro irmãos seus, a mesquita dos moures, na conquista da praça de Ceuta, em Africa (14 de agosto de 1415.)

Foi seu primeiro filho, Lopo Martins de Mesquita, que herdou a casa de Guimarães, na provincia do Minho.

Tem brasão d'armas completo, que é—em campo de ouro, 5 cintos, de púrpura, com fivella e passadores de prata, em banda. Orla azul, carregada de sete flores de liz, de ouro; elmo de aço, aberto, e por timbre, meio mouro, de frente, vestido de azul, com turbante de prata, e uma lança, da sua propria côr, com hastea de ouro, e n'ella enfiada uma bandeira de prata.

Outros do mesmo appellido, usam—escudo dividido em pala—na 1.ª as armas dos Pimenteis 2.ᵒˢ, e na 2.ª, as dos Mesquitas.

Ainda outros d'este appellido, trazem o escudo dividido em pala—na 1.ª as armas dos Mesquitas 1.ᵒˢ—e na 2.ª, as dos Pimenteis 2.ᵒˢ

—

Pimentel, é tambem um nobilissimo appellido em Portugal. Procedem da alcunha, imposta por D. Affonso III a Vasco Martins de Novaes, que era môço fidalgo e meirinho-mór d'aquelle rei, pela sua intelligencia e desembaraço.

Suas armas são—em campo verde, 5 vieiras (conchas) de prata, em aspa, realçadas de negro. Timbre, meio touro, de púrpura, armado de prata, com uma das vieiras do escudo na testa.

Alguns lhe accrescentam orla de ouro, carregada de oito cruzes de púrpura.

Foram d'este appellido e usaram d'estas armas, os condes de Benavente; mas as augmentaram da maneira seguinte:

Escudo esquartellado—no 1.º e 4.º, de ouro, 3 coticas de púrpura, em faxa—no 2.º e 3.º, de verde, 5 vieiras de prata, realçadas de negro, em aspa.

Outros do mesmo appellido, trazem por armas—escudo esquartelado, no 1.º e 4.º de ouro, 3 coticas, de púrpura, em faxa; no 2.º e 3.º, de verde, tres vieiras de prata, em roquete, realçadas de negro, orla de prata, carregada de cruzetas de púrpura.

Os condes de Benavente, procedem de D. Rodrigo Affonso Pimentel, que casou na Hespanha, com a filha do almirante D. Affonso Henriques, filho do mestre de S. Thiago, D. Fradique, e o rei de Castella (Philippe II) lhe deu o titulo de conde de Benavente, em 1598.

Suas armas são—escudo dividido em pala, na 1.ª, de verde, 5 vieiras de prata, em aspa, e na 2.ª, de prata, faxa, de 3 coticas de púrpura.

Os marquezes de Vianna, d'este mesmo appellido, procedem de D. Pedro Pimentel, filho segundo de D. Affonso Pimentel, ao qual Philippe II de Castella fez marquez de Vianna.

Suas armas eram—escudo esquartelado, no 1.º e 4.º, de ouro, 3 coticas, de púrpura, em faxa, e no 2.º e 3.º, de verde, 5 vieiras, de prata, em aspa. Elmo e timbre dos outros Pimenteis.

FORMOSELHA—aldeia, Douro, proximo á villa de Soure. É aqui a 25.ª estação do caminho de ferro do norte.

FORNACA—portuguez antigo—*casa da moeda* (em razão da *fornalha* em que alli se derrete o metal).

FORNASINHO ou **FORNESINHO**—portuguez antigo—*filho bastardo.*

FORNÊLLO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa do Conde, 25 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 200 fogos. Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

As freiras de Vairão apresentavam o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

Fornêllo é diminutivo de forno, o mesmo que *forninho.*

FORNELLO—quinta, Douro, freguezia de Pédorido, concelho de Paiva, comarca de Arouca, districto administrativo de Aveiro, bispado de Lamego. Situada sobre a margem esquerda do rio Douro. É seu actual proprietario o sr. Verissimo Albino Teixeira Vaz Pinto, do Burgo, d'Arouca.

Esta quinta tem terras de semeadura e um extenso pinhal. Junto a ella, ao O. passa a grande zona carbonifera de Paiva.

FORNELLO DO MONTE—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Vousella, 18 kilometros ao NO. de Viseu, 265 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 103 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A mesma etymologia.

O vigario de Santa Maria da Ventosa apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

FORNÉLLOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 25 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 80$000 réis de rendimento.

A mesma etymologia.

Foi da Ordem de Christo.

FORNÉLLOS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Fafe, 24 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1757 tinha 77 fogos.

Orago Santa Comba, virgem e martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mesma etymologia.

A casa de *Lestido*, a de *Quintan* e a do *Assento* apresentavam o abbade, que tinha de rendimento 180$000 réis.

FORNÉLLOS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 30 kilometros a O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 250 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mesma etymologia.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 140$000 réis annuaes.

Foi commenda de Christo. É n'esta freguezia o *paço de Anguião*, que foi de D. Rodrigo de Mello e Lima, 5.º filho de D. Leonel de Lima, 1.º visconde de Villa Nova da Cerveira.

Ha tambem aqui a nobre e antiga casa de *Barreiros*, que foi dos descendentes do dito visconde.

É tradição que no monte proximo viveram umas santas mulheres, fazendo vida ascetica.

No alto da serra ha vestigios de antigas fortificações.

FORNÉLLOS— freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Sinfães, 40 kilometros a O. de Lamego, 315 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 118 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Era do concelho de S. Fins, comarca de Rézende; mas, sendo supprimido o concelho de S. Fins, em 24 de outubro de 1855, e creada então a comarca de Sinfães, ficou esta freguezia a formar parte da nova comarca e concelho. É terra fertil.

A mesma etymologia.

O papa e a mitra apresentavam o abbade, que tinha 450$000 réis annuaes.

Fica proxima da margem esquerda do Douro, que a fornece de peixe; servindo-lhe o mesmo rio para a navegação do Porto e Alto Douro.

FORNÉLLOS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca do Peso da Regoa, concelho de Santa Martha de Penaguião, 90 kilometros a ENE. do Porto, 340 ao N. de Lisboa, 140 fogos. Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real.

A mesma etymologia.

O commendador de Fontes (da Ordem de Malta) apresentava o cura, que tinha de rendimento 40$000 réis e o pé d'altar.

FORNEZÍNHO—o mesmo que *fornazinho* (filho bastardo).

FORNILHOS ou **FORNINHOS**—freguezia, Beira Baixa, comarca de Trancoso, concelho de Aguiar da Beira, 30 kilometros a E. de Viseu, 305 ao NE. de Lisboa, 110 fogos.

Orago Santa Marinha, virgem e martyr.

Bispado de Vizeu, districto administrativo da Guarda.

O *Portugal Sacro* não traz esta freguezia.

FORNIZIO—portuguez antigo—concubinato, adulterio, mancebia, vida torpe, etc.

FORNOS—freguezia, Douro, comarca e 18 kilometros a NO. de Arouca, concelho e 3 kilometros a NO. de Paiva, 40 ao O. de Lamego, 35 ao E. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 260 fogos,

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago S. Pelagio (ou S. Payo).

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro.

Situada no angulo formado pela confluente do rio Paiva com o rio Douro, ficando na margem esquerda (a O.) do primeiro e na margem esquerda (ao S.) do segundo.

Os Azevedos Britos, senhores da *honra* de Barbosa, apresentavam o abbade, que tinha 400$000 réis annuaes.

É n'esta freguezia a antiga e grande povoação do Castello de Paiva, que dá o titulo a todo o concelho, mas não é a capital d'elle, que esta é a villa de *Sobrado do Paiva*. (Vide Castello de Paiva).

N'esta freguezia e pouco distante da margem esquerda do rio Paiva, está a nobre e antiga casa da Cardia, solar dos Pintos. É seu actual possuidor, o sr. Nicolau Pereira Pinto d'Almeida. A familia da Cardia, é uma das mais dignas, respeitaveis e respeitadas d'estes sitios.

É freguezia muito abundante d'aguas e fertilissima em todos os generos de agricultura. Cria muito gado e algumas colmeias.

Ha nos seus montes bastante caça e é muito farta de saborosissimo peixe (sendo o mais precioso a lampreia, truta e savel) do Douro e Paiva.

Exporta constantemente para o Porto (pelo Douro) optimo vinho verde, fructa, carvão, cortiça, madeira, etc.; e no tempo proprio, cereja, castanha, azeitonas e nozes.

Ha n'esta freguezia um sitio (e que não é feio) chamado o *Inferno!* Fica mesmo sobre a margem esquerda do Douro.

FORNOS e **S. NICOLAU**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Marco de Canavezes, 48 kilometros ao NE. do Porto, 324 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Orago Santa Marinha e S. Nicolau.

O orago da antiga freguezia de S. Ncolau era o mesmo santo. O de Fornos era Santa Marinha.

Bispado e districto administrativo do Porto.

N'esta freguezia é que está a nova villa de Marco de Canavezes, capital do concelho e da comarca.

(Vide Canavezes, Marco de Canavezes e S. Nicolau de Riba Tâmega.)

A freguezia de Fornos e a de S. Nicolau estão unidas ha mais de 150 annos.

A Sé apostolica apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento.

FORNOS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Mogadouro, concelho de Freixo de Espada á Cinta, 180 kilometros ao NE. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

E' terra fertil.

Os beneficiados da villa de Freixo de Espada á Cinta apresentavam o vigario, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

FORNOS D'ALGODRES—villa e concelho, Beira Baixa, comarca de Celorico da Beira, 35 kilometros a E. de Viseu, 300 a NE. de Lisboa, 320 fogos, 1:200 almas. No concelho 1:600 fogos. Em 1757 tinha 206 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

É uma linda povoação e que em nossos dias tem prosperado muito.

Eram senhores d'esta villa os condes de Linhares, e depois passou para a casa do infantado.

Situada em um terreno accidentado, mas o seu territorio é fertil em todos os generos de agricultura, cria muito gado e colmeias, e seus montes teem muita caça.

Era antigamente dependente de Algodres (que lhe fica 3 kilometros ao S. e é muito mais antiga) e hoje é a capital do antigo concelho d'Algodres, vindo para aqui os tribunaes, casa da camara, etc.

O seu foral é tambem o de Algodres.

O primeiro que teve foi dado por D. Diniz, em Lisboa, a 6 de março de 1311. D. Manuel lhe deu novo foral em Lisboa, a 20 de maio de 1514 (Vide Algodres.)

—

O concelho de Fornos é composto de 13 freguezias, todas no bispado de Viseu são: *Algodres, Casal Vasco, Cortiçô, Figueiró, Fornos, Fuinhas, Infias, Maceira, Matança, Muxagata, Queiriz, Sobral,* e *Villa Chan.*

—

FORNOS DA FEIRA—freguezia, Douro, comarca, concelho e proximo da Feira, 30 kilometros ao S. do Porto, 280 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

É terra muito fertil, amena e bonita.

O papa e o bispo, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 330$000 réis annuaes.

FORNOS DE LÉDRA—freguezia, Traz os Montes, comarca e concelho de Mirandella, (foi até 1855 do concelho da Torre de Dona Chama)' 420 kilometros ao N. de Lisboa, 57 fogos, em 1757.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Guide apresentava o cura, que tinha 6$000 de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Guide.

FORNOS DE MACEIRA DÃO—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde, 12 kilometros a SE de Viseu, 280 ao N. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1767 tinha 208 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

É terra fertil.

O ordinario, por concurso, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis.

FORNOS DO PINHAL—freguezia, Traz-os Montes, comarca e concelho de Valle Paços, 420 kilometros ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 104 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O abbade de Santa Valha (Santa Eulalia) apresentava o cura, que tinha 50$000 réis.

FORNO TELHEIRO (antigamente **FRONTELHEIRO**)—villa extincta, Beira Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 18 kilometros da Guarda, 310 ao E. de Lisboa, 160 fogos, 560 almas.

Em 1757 tinha 182 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado, e districto administrativo da Guarda.

O prior da freguezia de Açores apresentava o cura, que tinha 60$000 réis.

FORO MORTO—*Casal do foro morto,* é aquelle que está livre e isento de qualquer foro ou pensão, por doação, compra, troca ou outro qualquer titulo.

Em julho de 1139 (antes da gloriosa batalha d'Ourique) hindo D. Affonso Henriques para o fossado de *Ladéra,* vendeu a *Monio Guimariz,* um casal em *Travancella,* termo de Satão, e diz o principe no titulo.—«*Et accepi in pretio de te uno caballo bono, et uno manto. Hebias tu ipso Casale firmiter, et omnis posteritas tua a foro morto, usque in temporibus saeculorum.*» *(Amen.)* (Documentos de Viseu.)

FORTÍOS—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Portalegre, 185 kilometros a SE. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 109 fogos.

Orago S. Domingos. Bispado e districto administrativo de Portalegre.

A mitra apresentava o cura, que tinha 120 alqueires de trigo, de rendimento.

FORUM—segundo os bons auctores latinos, esta palavra não só significa, *a praça em que se celebravam as assembléas do povo* (pouco mais ou menos ao que nós agora chamamos *meeting*) mas tambem as *praças em que se faziam feiras e mercados publicos.* Tambem se dava o nome de *forum* ao logar em que se faziam as audiencias publicas e em que litigavam as partes. É por isto que ainda hoje chamamos *forenses* a todas as demandas e causas do *fôro.* (Segue)

Da palavra *forum* se deriva o *fôro ecclesiastico*, o *fôro secular*, o *fôro militar*, o *fôro interno*, o *fôro externo*, etc., etc.

Chamavam os romanos ás praças em que se faziam feiras ou mercados, *Fora venalia*; e *Fora civilia* ás destinadas para administração de justiça. A estas tambem se dava o nome de *Fora judicialia*. D'esta ultima classe de praças, havia varias em Roma, sendo as mais célebres o *Forum Romanum*, o *Forum Julii Cæsaris*, o *Forum Augusti*, o *Forum Divi Nervæ* e o *Forum Trajani*.

Os romanos, as passo que hiam conquistando reinos, estabeleciam n'elles, á imitaçôo de Roma, estas praças, tambem com o mesmo nome de *forum*. D'esta maneira tiveram principio muitas cidades na Italia, França, Hollanda, Hespanhas, etc. Á actual cidade *Frejus*, deu origem o *Forum Julii* (de que Frejus é corrupção.) Á de *Forli*, deu origem *Forum Livii* (que se corrompeu em *Forli*) á de *Ferrara* deu origem *Forum Alleni*, á villa de *Ponte do Lima*, deu origem *Forum Limicorum*, et., etc.

FOSSADO—(do latim *fossa*) *expedição militar*, *cavalgada* que hia a terras inimigas colher fructos, talar campos, saquear, etc. [1]

Tambem se toma por *fóssos*, *vállas* ou *cavas* de uma fortalleza ou arraial. Castello, ou *adarve*, *fossado*, é o que está cercado de fóssos.

FOSSO—campo, terreiro, rocio, paúl, que ficava junto ao mosteiro (d'aqui o nome de *Fôsso*, que tem o rocio de Pinhel e outros terreiros.)

Em um praso das freiras bentas de *Rio Tinto* (junto ao Porto) eram os caseiros obrigados a lavrarem o *fôsso* do mosteiro.

Designa tambem o *fôsso* de uma fortalleza.

FÓSTE—vara de ministro real. Vem do latim, *fustis*.

O [1] *fossado* compunha-se de cavalleiros, escudeiros e tropas regulares, e de gente de toda a casta (muitas vezes até mulheres e rapazes) para trazerem o que se pilhasse. Os mesmos reis, infantes e bispos, tomavam parte nos *fossados*, sem terem isso por desdouro.

Os *fossados* eram arranjados repentinamente, para cahirem de surpresa na terra inimiga.

É d'esta palavra que tomou o nome a aldeia de *Fuste*, proximo e ao NE. da vila de Arouca, e mais algumas; ou talvez da palavra *fusta* (certo castigo.) Vide Futa e Fuste.

FOZ DO ALGE—vide Aréga.

FOZ DE AROUCE—villa extincta, Douro, comarca e concelho da Louzan, 18 kilometros ao N. de Coimbra, 12 de Miranda do Côrvo, 190 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 183 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Situada nas margem do rio *Arouce*, em terreno muito accidentado, mas com alguns valles ferteis.

Tem visconde.

Foi povoada pelo conde D. Sisnando, governador de Coimbra, em 1080; fazendo-lhe então o castello. Tornando a despovoar-se, por causa das guerras, D. Affonso I a povoou de novo em 1150.

Os francezes de Massena são aqui atacados pelo exercito luso-anglo, em fevereiro de 1811, e retiram para o Alemtejo.

Para o seu castello e mais curiosidades respectivas a estes sitios vide *Arouce*.

A abbadessa do convento de Lorvão, apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis de rendimento.

FOZ COA—vide Villa Nova da Foz Côa.

FOZ-DÃO ou **FOZ DO DÃO**—sitio onde o rio Dão conflue com o Mondego. N'estas proximidades, varios penedos difficultam e tornam perigosa a navegação d'este ultimo rio. Por esse motivo tem-se cortado as pedras mais perigosas que existiam no seu leito. Estas obras foram principiadas na estiagem de 1873, e já a 31 de agosto d'esse anno haviam pedras cortadas e extrahidas, na extensão de 175 metros quadrados.

FOZ DO DOURO (ou **S. JOÃO DA FOZ DO DOURO**)—villa, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros a O. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 1:350 fogos, 4:800 almas, de povoação permanente.

Em 1757 tinha 625 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O D. abbade do mosteiro de Santo Thyrso, apresentava o vigario (que era sempre um monge benedictino) e tinha 150$000 réis de rendimento.

Foi couto, com as justiças proprias.

Situada no angulo septentrional da foz do Douro, em sitio levemente accidentada, formoso, fertil e saudavel; ficando-lhe o rio ao S. e occeano a O.

Em 1400 já existia uma pequena povoação de pescadores na margem direita do Douro, junto á sua foz. Aquelle territorio constituia então um couto pertencente aos frades benedictinos de Santo Thyrso.

Em Arouca (no cartorio do mosteiro) se acha a doação da ermida de *S. João da Foz do Douro* (que depois foi de Santo Thyrso) feita por D. Affonso I, em 1145, ao mosteiro *de S. Miguel de Riba Paiva*, que já era mosteiro *duplex* em 989. Este mosteiro existiu na freguezia de Santa Maria de Sardoura, cuja egreja é a actual matriz. (Adiante digo mais alguma cousa sobre a actual egreja matriz da Foz.)

Vendo os frades que a aldeiasinha crescia e prosperava de anno para anno, edificaram no pontal onde o Douro mistura as suas aguas com as do Oceano, um hospicio com sua egreja, para o qual foram viver dois frades, encarregados de ministrar aos pobres pescadores o *pasto espiritual.*

Foi o templo consagrado a S. João, e pela sua posição, *S. João da Foz;* nome que se fez commum á povoação.

O Castello de S. João da Foz teve principio do modo seguinte:

—

Segundo diz o nosso incançavel e curiosissimo investigador de antiguidades Portuguezas, o sr. Camillo Castello Branco [1] (*Mosaico e Silva de curiosidades historicas, litterarias e biographicas*, pag. 8) o castello

Em 1560, D. Catharina, viuva de D. João III, e regente do reino, na menoridade de seu neto, D. Sebastião I, mandou ao Porto, João Gomes da Silva, com a missão de fortificar as costas maritimas d'esta cidade.

> O documento d'esta mensagem está no archivo da camara do Porto, á fl. 142, do livro 1.º das *Chapas.* [1]

Começou J. G. da Silva a fortalleza de S. João da Foz. Parece que a camara se recusou a concorrer com as despezas d'esta obra, pelo que Silva embargou e sequestrou logo as rendas da cidade e das imposições. A camara reagiu, conseguindo que no anno seguinte se levantasse o sequestro, obrigandose a pagar 120$000 rs. annualmente para a guarnição da fortalleza, e ficou obrigada ao concerto dos telhados d'ella.

—

É certo que a construcção d'este castello ficou por então nos alicerces.

Os usurpadores Philippes não se importavam absolutamente nada do abandono das nossas praças de guerra do interior e das colonias, antes o que queriam era o nosso enfraquecimento; não era assim porém nos nossos portos maritimos do continente. O receio de que as nações inimigas de Castella desembarcassem em Portugal e nos ajudassem a saccudir o seu jugo execrando, foi causa de que elles (Philippes) tratassem da defeza das nossos portos maritimos.

Depois de mandar fortificar Lisboa e outros portos, ordenou Philippe III que se construisse um castello na Foz do Douro.

Fez-se. O logar escolhido não podia deixar de ser o mesmo onde Silva principiára a construcção primittiva, e em que se achava o hospicio e templo de S. João e assim ficaram estes no interior da fortalleza. Estas

[1] Todos sabem que este distinctissimo escriptor, reune a uma *veia romantica* inexgotavel, o mais decidido amor pelas nossas cousas; por isso tem *desencantado* das bibliothecas, documentos que ainda por nenhum archeologo seu antecessor tinham sido descobertos e publicados.

[1] No registo d'este documento ha anachronismo. D. Catharina foi regente do reino desde 11 de junho de 1557 (data da morte de D. João III) até 1562. (Supponho que a hida de Lisboa ao Porto, foi em 1560.) De 1562 até 1568, foi regente o cardeal D. Henrique; e por conseguinte, em 1570 já D. Sebastião tinha *tomado as redeas do governo.* Se fosse n'este anno a hida de Silva ao Porto, já tinham terminado as duas regencias.

obras porém hiam vagarosamente, de modo que, quando rebentou a gloriosa revolução de 1640, que immediatamente repercutiu em todo o reino, ainda o castello estava muito longe da sua conclusão.

Foi D. João IV, que, apenas subiu ao throno, mandou concluir este castello, ficando com 4 baluartes, 1 revelim e largos e profundos fossos do lado de terra. Foi guarnecido com 18 peças de artilheria, 12 de bronze e 6 de ferro, e se ficou tambem chamando *Castello de S. João da Foz do Douro.*

Os marquezes de Fontes (titulo que depois foi mudado para o de Abrantes) gozavam a regalia de nomear, com approvação régia, os governadores d'esta fortaleza, a cujo cargo correspondiam grandes proventos, pois que todos os navios, nacionaes e estrangeiros e embarcações costeiras, que entravam ou sahiam a barra, pagavam certa quantia ao governador, segundo a sua naturalidade e lotação. Até os barcos de pesca de quaesquer partes do reino, que fossem ao Douro pescar ou vender peixe, pagavam os emolumentos, em especie, entregando os pobres pescadores ao governador as melhores peças de pescado que tinham nos seus barcos.

A povoação crescia sempre, de modo que no principio do seculo XVIII já contava 730 fogos e 1:508 almas. Comtudo não passava de terra de pescadores e as casas eram quasi todas terreas.

É aos banhos do mar, cujo uso se tem propagado por todo o reino, no presente seculo, que esta formosa villa deve o seu actual engrandecimento.

Tanto o castello como a povoação soffreram muito com o cêrco de 1832 a 1834; mas finda a guerra se foi reparando e mesmo augmentando, vendo-se todos os annos levantarem-se muitas e formosas casas, melhorarem-se e illuminarem-se as ruas, arborisarem-se passeios, fazer-se uma boa estrada do Porto aqui, que hoje tem um caminho de ferro americano; feito em setembro e outubro de 1871, o primeiro que se estabeleceu em Portugal.

Esta estrada, que tem 5 kilometros desde a *Porta Nobre*, até á Foz, é um bonito passeio, ornado de casas e arborisado.

Em 1647, concluido o castello, foi a parochia mudada da egreja antiga (que era dentro d'elle) para um novo templo, edificado a meia encosta da collina. É templo grande, de architectura singela e desengraçada, mas com bonitos altares de talha dourada.

Da egreja velha, só ficou no castello a capella-mór, servindo de capella militar; o corpo da egreja foi demolido. D. João IV deu do *seu bolsinho*, para a construção da nova egreja, 6 mil cruzados (2:400$000 réis) e os frades benedictinos de Santo Thyrso, pagaram as restantes despesas.

A provisão do rei, sobre a demolição d'esta egreja, vem a pag. 13 da já citada obra do sr. Camillo Castello Branco. É datada de 14 de fevereiro de 1648.

Ha mais n'esta freguezia as capellas de *Santa Anastacia, Nossa Senhora da Lapa,* e *Nossa Senhora da Conceição,* (primeiro intitulada de *S. Sebastião.*)

Antigamente tinha mais duas: *S. Miguel, archanjo,* (que serve agora de casa de conferencia dos pilotos) construida sobre um pontal de rochedos que entra pelo rio; e *Nossa Senhora da Luz,* onde actualmente está o pharol e um telegrapho maritimo.

O castello está menos mal conservado. Depois da guerra civil de 1846 e 1847, o governo mandou recolher a sua artilheria a Lisboa, deixando-lhe apenas duas peças velhas de pequeno calibre, para os signaes dos navios que demandam a barra. Em 1865 mandaram-lhe mais umas 3 ou 4 peças do systema antigo, por isso quasi inuteis. Tem um governador e uma companhia de veteranos de guarnição. Serve de casa do governador, o hospicio dos frades.

Na praia contigua ao castello e a pouca distancia d'elle, está a casa chamada *Salva-Vidas.* É edificio de solida construção, fundado sobre rochedos. Foi o Senhor D. Miguel I que o mandou fazer em 1830, para d'alli se ministrarem promptos soccorros aos naufragos. O governo, em 1835, vendeu este indispensavel e humanitario edificio, recebendo por elle a quantia de 800$000 réis.

Por 17 annos foi a casa do *Salva Vidas* uma residencia particular.

O horroroso naufragio do vavor Porto (29 de março de 1852) no qual morreram 60 e tantas pessoas —*mesmo junto á casa do salva-vidas*— sem ninguem lhe poder valer, abriu os olhos ao povo do Porto e da Foz, que amaldiçoaram os que deram cabo d'um tão prestante estabelecimento.

Logo em 1852 se instituiu a *Real sociedade Humanitaria*, que obrigou o governo a expropriar a casa do *Salva-vidas* por 5 contos de réis (!) havendo portanto uma economia... (para o expropriado) de 4:200$000 réis.

Esta casa, desde então, está convertida em hospicio de naufragos e administrada pela dita *Sociedade*, governador civil e camara. Está com muito aceio e tem bastantes camas, sempre promptas, botica e todos os utencilios precizos para a salvação e tratamento dos naufragos, possuindo *barcos salva-vidas, boias de salvação*, a parelhos de electricidade, cabos, ètc.

—

A alfandega do Porto tem um posto fiscal na Foz, em uma casa construida em 1841, no sitio da *Cantareira*, junto á antiga capella de S. Miguel, onde é o principal caes da povoação.

D'esta casa devia seguir uma muralha até ao castello, segundo um plano d'encanamento do rio e melhoramento da barra, traçado e principiado a executar no principio d'este seculo, chegando a concluir-se alguns lanços de muralha, que ainda existem. Modernamente, dando-se um *pequeno empurrão* a estes trabalhos, fez-se um muro e aterro junto á tal estação da alfandega, que se converteu em alameda com seus assentos de pedra. Tambem ha aqui outro passeio publico, chamado *Passeio Alegre*.

A praia dos banhos é erriçada de penhascos e perigosa, o que não obsta a que na estação dos banhos concorram aqui milhares de familias do Porto e de muitas terras do reino.

Ha aqui alguns estabelecimentos de banhos quentes, mas todos incommodos e mal montados.

Ha cinco hospedarias, tambem ordinarias, a que é alguma cousa soffrivel é a de M.me *Mary Castro*. A melhor foi feita em 1874, e pertence á senhora D. Maria Henriqueta de Mello Lemos e Alvellos.

Não ha uma casa de assembleia, um theatro nem um botequim decente!

Ha aqui duas grandes festas annuaes: a *S. Bartholomeu* (a 24 d'agosto) e a de *Nossa Senhora da Luz*, a 8 de setembro. São concorridissimas.

A bella estrada á mac-adam, da Foz a Lessa da Palmeira, é um bello passeio, sempre á beira-mar. Tem 4 kilometros de comprimento. Vae-se guarnecendo de casas pelo lado de terra.

A maior parte das casas da Foz são de bonita apparencia, mas sem nada notavel. As duas melhores são: uma edificada em 1808, no sitio do *Monte*, por um negociante inglez d'appellido *Nassau*, e é hoje do sr. Fladgate, tambem inglez. É no gosto britannico e cercada pelo jardim e por um frondoso bosque—a segunda é de cantaria, em forma de castello, com suas ameias e com janellas ogivaes. Foi feita pelo fallecido capitalista Domingos d'Oliveira Maia, ha cousa de 30 annos, e é hoje do sr. Bernardo Pereira Leitão.

Ha na Foz varias fontes, sendo a melhor, pela excellencia e frescura da agua, a da Senhora da Luz.

O pharol da Senhora da Luz não merece descripção, tanto pela mesquinhez do edificio, como pelo seu máo arranjo.

Teve outrora luz de eclipse e de cores: hoje porem, é fixa, mas deficiente.

N'estes ultimos annos tem-se tirado alguns penedos do rio n'este sitio; mas ha quem diga que a barra peorou com estas obras em vez de melhorar, porque até agora se via o perigo (os rochedos) e se podia evitar; ao passo que, quebrando-lhes apenas os topos, fica o perigo escondido e quasi inevitavel, e constantemente estão aqui despedaçando-se navios, principalmente na occasião da entrada da barra.

Ainda é o governo causa de grande parte d'estes naufragios, porque ha no Porto uma companhia de reboques a vapor, funda-

dá ha 12 ou 13 annos, que têm prestado relevantes serviços ao commercio, rebocando inumeros navios, sem que até hoje os assim rebocados tenham soffrido o minimo desastre; porem a maior parte dos capitães de navios, donos ou consignatarios, para pouparem o que se dá aos rebocadores, fazem entrar os navios á vela, o que tem causado tantos e tão continuados sinistros.

O governo devia prohibir, pelo menos a entrada, sem ser a reboque dos vapores.

A companhia dos reboques, tambem devia construir um vapor de maior força, para navios maiores, e baixar alguma cousa o prêco dos reboques, que é excessivo.

—

D. Manuel lhe deu foral, em Evora, a 20 de novembro de 1519.

FOZ DE SOUZA ou simplesmente **SOUZA** —freguezia, Douro, concelho e 6 kilometros a E. de Goudomar, comarca e 12 kilometros a E. do Porto 310 ao N. de Lisboa, 460 fogos.

Em 1757 tinha 198 fogos

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo do Porto

O reitor do collegio da Graça, de Coimbra, aprosentava o reitor, que tinha 180$000 réis de rendimento.

—

Situado em terreno moutuoso nas margens do pequeno rio Souza, que desagúa na direita do Douro, onde termina a freguezia pelo S.

É celebre a *Foz do Souza* em razão de um antiquissimo castello que aqui houve, no confluente e sobre a margem direita, e de uma povoação que tambem em tempos remotos existiu fronteira ao castello, e que alguns querem que fosse a primittiva cidade de Penafiel. Para evitarmos repetições vide *Aguiar de Souza, Arrifana de Souza Castello de Souza e Penafiel.*

O termo da freguezia é fertil em milho, legumes, linho e vinho.

Tem muitos pinhaes e bastante caça.

FOZÊTA — vide Fuzêta.

(*Fozêta* é diminutivo de *foz*, e, por consequencia, dever-se-hia escrever *Fozêta* e não *Fuzêta*; mas, como todos escrevem *Fuzêta*, não me quiz fazer-me singular, e segui-os.)

FOYA — Algarve. Pico, na serra de Monchique, que, segundo Franzini, tem 1:277 metros acima do nivel do mar. Tem 7 kilometros de diametro e 26 de circumferencia, formando no topo um plano inclinado para o O., onde se encontra uma fonte, muito abundante de excellente agua. Ás vezes cobre-se de neve no inverno, mas derrete-se logo.

No alto mar, serve de balisa aos navegantes.

FOYO *foio e fojo* — É uma cova funda feita ao fim de duas paredes (que principiam a distancia, ás vezes, de mais de 2:000 metros, e vão ambas terminar na tal cova.) Os caçadores e mouteiros cercam os lobos e outros animaes ferozes, impellindo-os para entre as duas paredes, depois os espantam para elles hirem fugindo até que não tendo outra sahida, cáem á cova, que está disfarçada com ramos.

Antigamente haviam em Portugal muitos d'estes *fojos*, que hoje estão destruidos.

Algumas freguezias e muitos logares devem o seu nome (Fojo, Foia, Refoyos, etc.) á circumstancia de terem n'ella existido fojos. Antes da imenção das armas de fogo, eram estes fojos indispensaveis.

FRADÉLLOS e **TADIM** — duas freguezias curadas por um só parocho, Minho, comarca, concelho e 9 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 140 fogos nas duas freguezias.

Em 1757 tinha Fradéllos 41 fogos, e Tadim 45.

O orago de Fradéllos era S. Martinho, bispo, e o de Tadim era S. Bartholomeu, que é o actual orago.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra primacial, apresentava o abbade (que de tempos antigos parochiava as duas freguezias). Tinha de rendimento annual 360$000 réis. (Vide Tadim.)

Estas duas freguezias são consideradas, para todos os effeitos, como se fossem uma só.

FRADÉLLOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 340 kilometros ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 200 fogos.

Orago Santa Leocadia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha de rendimento 600$000 réis annuaes.

Terra fertil. Cria muito gado bovino, que exporta.

FRADES — vide Edral e Frades.

FRADES — freguezia, Minho, comarca e concelho da Póvoa de Lanhoso (até 1855 do concelho de Vieira, que foi então supprimido), 24 kilometros ao NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 78 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Os condes de Unhão, apresentavam o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

FRADIZELLA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, (até 1855 do concelho da Torre de Dona Chama, que foi então supprimido), 425 kilometros ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago S. Lourenço, martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Guide, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de rendimento.

FRÁGOAS—villa, Beira Alta, comarca de Moimenta da Beira até 1855, e sendo então supprimido o concelho de Frágoas, passou a formar parte do concelho e comarca de Castro d'Ayre, 30 kilometros de Lamego, 305 ao N. de Lisboa, 110 fogos, 400 almas. Tinha no concelho 1:120 fogos.

Em 1757 tinha a villa 82 fogos.

Orago S. Pelagio (ou Pelayo ou Payo).

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de Barrellas apresentava o cura, que tinha 30$000 réis annuaes.

Situada sobre a direita do rio Paiva, em terreno muito accidentado e pouco fertil.

Diz-se que o seu nome lhe provém de uma grande e antiga fabrica de fundição de ferro que aqui houve e da qual ha vestigios. Chamava-se antigamente *Frávegas* (que quer dizer o mesmo).

D. Thereza, viuva do conde D. Henrique, coutou esta villa, em 1128, e se ficou chamando por muitos annos *Couto de Frávegas.*

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 16 de julho de 1514. Já n'este foral se lhe dá o nome de *Frágoas.*

Ha nos montes d'esta freguezia bastante caça, grossa e miuda.

FRÁGOAS—freguezia, Extremadura, comarca de Santarem, concelho de Alcanêde até 1855, e sendo então supprimido este concelho, passou para o de Rio Maior, 90 kilometros a NE. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 142 fogos.

Orago Santo Antonio, de Lisboa.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

Feira a 29 de setembro, tres dias.

A origem do seu nome é a mesma da villa de Frágoas. Ha aqui minas de ferro.

A Mesa da Consciencia apresentava o vigario, que tinha 90 alqueires de trigo e 30 de cevada.

É terra fertil em cereaes.

Era da Ordem de Aviz, da commenda de Alcanêde.

FRAGOZELLA—freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 6 kilometros de Viseu, 280 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

É terra fertil.

A mitra apresentava o cura, collado, que tinha 30$000 réis de rendimento.

O sr. José Pereira Loureiro, foi feito visconde de Fragozella, em 1871.

FRAGOSO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 30 kilometros a O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 226 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

Foi couto da casa de Bragança, pelo que tinha grandes privilegios.

Tem uma fonte de agua mineral, que dizem ser milagrosa. Não está ainda analysada.

Ha aqui uma pia, com uma cruz no fundo, que o povo beija tres vezes, de mergulho, na firme crença de que, ou logo saram, ou morrem antes de poucos dias.

Na freguezia de *Mariz*, proxima, ha outra egual fonte. Entre outras molestias, dizem que cura o fastio.

Era ouvidor perpétuo d'este couto o abbade da freguezia de *Abbade do Neiva*, que aqui nomeava juizes, recebia luctuosas, coimas e *gado do vento*.

A casa de Bragança apresentava o reitor, collado, que tinha 150$000 réis. Os dizimos foram dados pela mesma casa ao thesoureiro-mór de Barcellos.

FRAIÃO ou **FRAYÃO**—freguezia, Minho, comarca, concelho e proximo de Braga, 360 kilometros ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Em 1757 tinha 15 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O arcediago de Olivença, da Sé de Braga, apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis de rendimento.

Frayão e *Fayão* (que vem a ser o mesmo) é nome proprio de homem, muito usado no tempo dos godos.

FRAIÃO ou **FRAYÃO** (castello de)—vide Boulhosa, serra, Minho, e Coura, villa.

FRÁISSEO—vide Freixo de Baixo.

FRALÃES ou **FARELÃES**—villa extincta, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 40 fogos.

Foi couto da casa de Bragança, com as respectivas justiças.

Foi ha mais de 200 annos supprimida a freguezia, e a villa ficou reduzida a aldeia.

FRANÇA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 480 kilometros ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago S. Lourenço, martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

É freguezia antiga, pois já existia em 1356. Vide Castanheira, concelho do Mogadouro.

O reitor de Rabal, apresentava o cura, que tinha 7$500 réis de congrua e o pé d'altar.

FRANCE—freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 12 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 470 fogos.

Em 1757 tinha 316 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Muito fertil. Gado e caça.

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o vigario, que tinha 120$000 réis annuaes.

FRANCEMIL, hoje **SANJOMIL**—aldeia na freguezia de S. Martinho do Campo, concelho de Vallongo, comarca e 12 kilometros a NE. do Porto, 315 ao N. de Lisboa. Tem a villa 100 fogos, e toda a freguezia 330.

(Vide Campo, S. Martinho do).

Dizem que a actual aldeia de *Sanjomil*, foi villa, em tempos remotos, com o nome de *Francemil*; mas isto só consta da tradição. Não ha documento algum que o atteste.

FRANCISCO—(portuguez antigo) quer dizer *francez*. (Vide Ermida de Panoyas e Santa Martha de Penaguião).

Francisco era tambem uma especie de machadinha, insignia dos consules. Era tambem certa medida de pão (talvez por ser originaria de França.)

É tambem, como todos sabem, nome proprio de homem, usado na Peninsula desde alguns seculos antes da monarchia portugueza.

FRANCISCO (S.)—freguezia, Beira Baixa, na cidade, comarca e concelho da Covilhan, 36 kilometros a SSO. da Guarda, 285 a E. de Lisboa, 470 fogos.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

E' no districto d'esta freguezia que está fundada a riquissima e magnifica fabrica de lavar, cardar, fiar, e tecer lans, para toda a qualidade de telas. A sua firma social é *Campos Mello & Irmão*, cujo chefe é o sr. Francisco Joaquim da Silva Campos e Mello, visconde da Coriscada.

O estabelecimento fabril immediato a este em magnificencia, movimento e prosperidade é o do mesmo genero, que foi do sr.

commendador Marques de Paiva, e que é hoje de uma sociedade denominada—*Companhia Nacional de Lanificios, Covilhanense*—da qual é actualmente director o sr. visconde de Mourão.

—

Era isto mesmo que eu tinha escripto no original e que se tinha composto; mas na revisão houve quem, com informações erradas, me fez emendar, confundindo assim o nome do sr. visconde da Coriscada com o do sr. Marques de Paiva, e uma com outra fabrica. Peço desculpa ao sr. visconde de um engano em que todavia não tive culpa.

—

Principiei esta obra em 1840, e desde então innumeras alterações teem havido em Portugal, tanto nas divisões ecclesiasticas como nas civis, administrativas, judiciaes e militares.

Não me tem dado pouco trabalho a emendar e *reemendar* tantas alterações, notando-as logo que ellas tenham logar; mas é inevitavel escaparem algumas, por mais attenção e cuidado que n'isso empreguei.

Por estas razões disse no artigo—*Covilhan* (pag. 431 do 2.° vol.) que esta cidade tinha cinco freguezias, quando é certo que actualmente só tem quatro, porque foi supprimida a de S. Silvestre.

No fim da obra publicar-se-ha um supplemento com todas as indispensaveis rectificações.

FRANCISCO DA SERRA (S.)—freguezia, Extremadura, comarca de Alcacer do Sal, concelho de S. Thiago de Cacem, 80 kilometros a O. d'Evora, 105 a SE. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 152 fogos.

Orago S. Francisco de Assis.

Bispado de Beja, districto administrativo de Lisboa.

O tribunal da mesa da consciencia apresentava o capellão-curado, que tinha 150 alqueires de trigo, 120 de cevada e 10$000 réis em dinheiro, annualmente.

E' terra fertil em cereaes.

FRANCO—freguezia, Traz-os Montes, comarca e concelho de Mirandella, (até 1855 foi do concelho de Lamas d'Orelhão) 105 kilometros a NE. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 105 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O vigario de Santa Cruz, de Lamas de Orelhão apresentava o cura, confirmado, que tinha 40$000 réis, annuaes.

FRANCOS (A dos)—freguezia, Estremadura, comarca das Caldas da Rainha, concelho d'Obidos, 80 kilometros ao NE. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 134 fogos.

Orago S. Silvestre, papa.

Patriarchado, districto administrativo de Leiria.

A mitra apresentava o cura, que tinha 100$000 réis annuaes.

FRANCOS (A dos) ou **MIRAGAIA**—freguezia, Estremadura, comarca de Torres Vedras, concelho da Lourinhan, 60 kilometros de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 212 fogos.

Orago S. Lourenço, martyr.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

E' terra fertil.

O povo apresentava o cura, que tinha 90 alqueires de trigo, 30 de cevada e 100 almudes de vinho.

FRANQUEIRA—serra, Beira-Alta. (Vide *Ferreiros de Tendaes*.)

FRATEL—freguezia, Beira Baixa, comarca de Castello Branco, concelho de Villa Velha de Rodão, 195 hilometros a E. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

E' terra muito fertil. Cria muito gado, e nos seus montes ha abundancia de caça miuda e grossa.

O povo apresentava o cura, que tinha 100$000 réis annuaes.

FRAZÃO—villa, Douro, comarca de Lousada, concelho de Paços de Ferreira, 24 kilometros a NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 274 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

E' terra fertil.

Foi *honra* dos Alcoforados.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 13 de novembro de 1514.

O papa e o mosteiro benedictino de Santo Thyrso apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 90$000 réis.

O juiz da *honra* elegia os officiaes, para servirem triennalmente.

Os moradores da *honra* não eram obrigados a sahir fóra para coisa nehuma.

Os Alcoforados, senhores d'esta *honra* estão hoje unidos aos Sousas.

Ha aqui uma torre que foi seu solar.

Os direitos reaes d'esta freguezia eram da casa dos Azevedos Coutinhos, senhores de S. João do Rei. (Vide Bayão.)

FRAYÃO (Castello de) — Vide Boulhosa, serra.

FREAMUNDE — freguezia, Douro, comarca de Lousada (foi até 1855 da comarca de Santo Thyrso) concelho de Paços de Ferreira, 30 kilometros a NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 330 fogos.

Em 1757 tinha 190 fogos.

Orago o Salvador,

Bispado e districto administrativo do Porto.

Aqui nasceu em 1795 o bravissimo e fidelissimo general *Bernardino Coelho Soares de Moura*, e aqui falleceu em 1860.

E' terra fertil e muito antiga, pois já em 1288, nas *Inquirições Reaes*, se menciona como povoação antiga, e tendo alli a Ordem do Hospital oito casaes. Era então do julgado de Bayão.

A casa do infantado apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis de rendimento.

Foi prestimonio da Ordem de Christo, que com o habito davam os marquezes de Villa Real (Noronhas) e tinham as mesmas honras e privilegios, como se fossem dados pelo rei.

Isto e tudo o mais d'esta nobre e grande casa e da dos duques de Caminha, (que era a mesma familia), perderam os Noronhas em 1641, por tentativa de regicidio, (pelo que foram executados, no *Rocio* de Lisboa, em 29 de agosto de 1641) passando a maior parte das suas propriedades e fóros para o infantado.

FRECHÃO — Vide Torres.

FRÉCHAS ou **FRÉCHES** — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 54 kilometros de Viseu, 320 ao NE. de Lisboa, 185 fogos.

Em 1757 tinha 74 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição (antigamente Nossa Senhora da Graça).

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O real padroado apresentava o vigario que tinha 50$000 réis de rendimento.

E' terra fertil. Cria gado e caça.

FRÉCHAS — villa extincta, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 130 kilometros ao NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 70 fogos, 300 almas.

Em 1757 tinha 105 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

D. Manuel lhe deu foral *novo*, mas o escriptor esqueceu-se de o datar.

E' porém feito depois de junho de 1510, porque nos seus ultimos capitulos se refere ao foral de Miranda, que foi passado em Santarem, no 1.º de junho de 1510. (*Livro dos foraes novos de Tras-os-Montes*, fl. 19, col. 2.ª—Veja-se a inquirição para este foral, na gav. 20, maço 11, n.º 4.)

Dizem alguns que D. Lourenço Soares, senhor de Villa Flor, lhe deu foral (tambem não se sabe quando), mas Franklim não falla em similhante foral. E' provavel que nunca existisse.

O reitor de S. Lourenço de Lilella apresentava o vigario, que tinha 90$000 réis de rendimento.

Era dos senhores (depois condes) de Villa Flor, donatarios d'esta e outras freguezias de Traz-os- Montes.

A familia dos condes de Villa-Flor extinguiu-se por morte do seu ultimo conde, o marechal, que foi feito duque da Terceira pela senhora D. Maria II.

FRÉCHES — Vide *Fréchas ou Fréches.*

FREGIM — freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante (foi até 1855 do concelho de Santa Cruz de Riba-Tâmega, então supprimido) 30 kilometros a NE. de Braga, 360 a N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 206 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O commendador de Malta, da casa do Calhariz, apresentava o reitor, que tinha 120$000 réis. O reitor era freire de Malta.

E' terra fertil.

Ha aqui uma imagem de Nossa Senhora que, segundo a tradição, appareceu em uma *olaia* (arvore). Levaram-a para a egreja, mas ella fugiu para a olaia.

Quantas vezes a tiraram d'alli, tantas ella tornou a regressar; pelo que não tiveram remedio senão construir-lhe uma capella no sitio onde appareceu.

Ainda junto á capella existe uma grande olaia.

FREI-GIL — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Rezende (foi até 1855 do concelho d'Arégos, então supprimido) 24 kilometros a O. de Lamego, 335 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago Santa Maria ou Nossa Senhora da Purificação (vulgo das Candeias).

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

E' terra fertil. Produz bom vinho.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis annuaes.

Fica proximo da margem esquerda do Douro, que, além de lhe fornecer optimo peixe, lhe dá uma via de communicação com a cidade do Porto, para onde exporta o remanescente dos generos que o seu territorio produz.

FREINEDA — freguezia, Beira Baixa, comarca de Pinhel, concelho d'Almeida, 105 kilometros ao ESE de Lamego, 320 ao E. de Lisboa, 125 fogos. Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O vigario de Castello Bom, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

FREIRÍA — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedras, (foi do concelho da Azueira) 35 kilometros de Lisboa, 340 fogos.

Em 1757 tinha 78 fogos.

Orago S. Lucas, evangelista.

O prior de S. Pedro, de Torres Vedras, apresentava o cura, que tinha 60 alqueires de trigo, 30 almudes de vinho e 6$600 réis em dinheiro. É terra fertil.

Freiría, casa onde habitavam os *freires.*

Tambem significa congregação, confraternidade, confraria, sociedade, ordem, sodalicio, de varias corporações militares.

FREIRIZ — villa extincta, Minho, comarca e concelho de Villa Verde, (foi antigamente do concelho do Prado, comarca de Braga) 12 kilometros ao NO. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 120 fogos, 420 almas.

Em 1757 tinha 88 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Purificação.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi couto, com as respectivas justiças. Deriva o seu nome ou de *Freire*, ou de *Freiría*, logar onde residiam os *freires*. (Vide Freiría.)

A casa dos Menezes, apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis annuaes.

Era senhor d'este couto, Fernão Nunes Barrêto, depois passou a seu genro Fradique de Menezes, senhor da Barca, por sua mulher, D. Jeronyma Nunes Barrêto.

Esta casa rendia sete mil e tantos alqueires de pão, afora as mattas e outros rendimentos. Foi primitivamente uma quinta de Egas Paes, de Penagate, e depois, por casamento, passou para os Penellas, senhores do concelho de Penella.

O juiz que terminava, elegia, com o povo, o que lhe havia de succeder, sentenciava no civel e orphãos. O crime, era processado pelas justiças de Prado.

Aqui passava a *Geira*. Ainda existem ruinas de uma fortificação romana, que protegia a via *militar*.

FREITA — alta e ingreme montanha granitica, Douro, no concelho e ao SE. e S. do valle d'Arouca, 55 kilometros ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisbaa, e 20 ao SO. do rio Douro.

É um ramo da *Gralheira* e poucos mezes deixa de ter neve em seu alcantilado cume. Apenas produz pouco e enfesado matto rasteiro do meio para cima; mas para baixo, nas vertentes de ONO. é povoada de varios, bonitas e ferteis aldeias, que dominam o valle d'Arouca.

Freita e *freitada* vem do verbo *freitar* (portuguez antigo)—significa—*roteada, cultivada*, reduzida á cultura.

Na parte d'esta serra pertencente á freguezia de Rôças mandou a rainha Santa Mafalda construir uma albergaria (em 1280) para peregrinos. Havia uma pessoa encarregada de tocar uma buzina de noute, para advertir os passageiros, de que alli havia uma albergaria, para se abrigarem da neve e dos lobos. O *buzineiro* ganhava certa pensão. (Vide *Albergaria das Cabras.*)

FREITAS (pôço das)—Célebre lagôa, Traz-os-Montes, na Ribeira do Térva, uns 18 kilometros ao SO. de Chaves, e proximo á aldeia de *Sapéllos*, ou *Çapéllos*, entre a freguezia d'Ardãos e a aldeia Çapellos, que é na freguezia de Sipiães, e na aldeia de Nogueira, da freguezia de Bobadella, no concelho das Boticas, comarca de Montalegre. (Vide Carrazêdo de Bouro.)

É uma vasta escavação mineira, dos romanos ou árabes, pois tem aqui apparecido algumas vezes páos, que provavelmente foram d'antigos escoramentos. (O povo diz que isto é um *ôlho marinho*, que communica com o Oceano, e que aquelles páos são restos de navios!).

Terá uns 45 metros de comprido e 25 de largo. A sua agua pouco diminue na estiagem: está quasi sempre na mesma altura. Não cria animal de qualidade nenhuma e está completamente coberta de limos.

A mesma etymologia.

Eram minas d'ouro, que ainda se exploraram no reinado de Philippe IV. Vide (para evitar repetições) o que digo d'esta mina, em Carrazêdo de Bouro.

FREITAS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Fafe, 18 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 114 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi da comarca e concelho de Guimarães até 1855.

É terra fertil.

As religiosas do convento dos *Remedios*, de Braga, apresentavam o reitor, que tinha 11$600 réis de congrua e o pé d'altar.

É aqui o paço e solar dos Freitas.

Suas armas são: em campo de púrpura, cinco estrellas d'ouro, de 6 pontas cada uma; timbre, dois braços de leão, d'ouro, em aspa.

FREIXEDA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 420 kilometros ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Mirandella apresentava o cura, que tinha 60$000 réis.

FREIXEDA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 54 kilometros a NO. de Miranda, 475 ao N. de Lisboa, 38 fogos em 1757.

Orago S. Nicolau (foi antigamente S. Silvestre.)

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Salsas, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está, ha muitos annos, annexa á de Salsas.

No alto de um monte d'esta freguezia, ha uma fonte d'agua frigidissima, tão corrosiva, que em 30 minutos (dizem) consome toda a carne de um quarto de carneiro, deixando-lhe só os ossos.

Junto a esta fonte está o cabeço de *Figueiro*, onde se veem concavidades na terra, que segundo a tradição, foram minas de prata, exploradas pelos romanos ou pelos árabes. Junto ao ribeiro estão as ruinas de uma grande casa, onde a prata se purificava e fundia-

No sitio de *Valle de Mouros*, ha vestigios de fortificações antiquissimas.

FREIXÊDA DO FORRÃO—freguezia, Beira Alta, comarca de Pinhel, concelho de Figueira de Castello Rodrigo, 80 kilometros ao S. E. de Lamego, 345 ao NE. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 152 fogos.

Orago Nossa Senhora dos Anjos.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

É terra fertil.

O ordinario apresentava o abbade (por concurso e collado) tinha 200$000 réis.

FREIXÊDAS—freguezia, Beira Baixa, comarca de Celorico, concelho d'Alverca até 1855, e desde então, comarca e concelho de Pinhel. 70 kilometros a SE. de Viseu, 330 ao NE de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 353 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

É terra fertil.

O real padroado, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de rendimento.

FREIXEDELLO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 40 kilometros a NO. de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 50 fogos, em 1757.

Orago S. Vicente, martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A casa de Bragança, apresentava o abbade, que tinha 120$000 réis de rendimento.

Esta freguezia foi supprimida no fim do seculo passado.

FREIXIAL—Vide *Telhado e Freixial.*

FREIXIAL—Vide *Villa Garcia*, a cuja freguezia está annexa. *Freixial* era uma antiga villa, á quem deu foral D. Sancho Fernandes, prior da Ordem do Hospital, em abril de 1112. D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa a 19 de julho de 1515.

É na comarca e concelho de Trancoso.

Em 1757 tinha 137 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O abbade de Santa Maria, da villa de Trancoso, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

FREIXIAL DO CAMPO—freguezia, Beira-Baixa, concelho e comarca de Castello Branco (até 1855, concelho de S. Vicente da Beira) 210 kilometros a E. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 38 fogos.

Orago S. Bartholomeu.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

O vigario de S. Vicente da Beira, apresentava o cura, que tinha 9$200 réis de congrua, e o pé d'altar.

FREIXIAL DOS PÓTES—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, 54 kilometros da Guarda, 250 a E. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O prior da freguezia do Souto da Casa, apresentava o cura, cuja renda era incerta.

Esta freguezia já fica descripta em Castellêjo, á qual está annexa.

FREIXIANDE—Vide *Freixiendas.*

FREIXIEIRO—villa, Minho, cabeça do concelho e comarca de Celorico de Basto. (Vide esta palavra.)

É situada na freguezia de S. Pedro de Britêllo. Até 1870, nem merecia o nome de villa; mas desde então tem tomado bastante desenvolvimento e feito progresso materiaes, graças ás suas duas ultimas vereações. Tem-se edificado muitos predios: sendo o melhor a casa da escola, fundada com o legado do benemerito conde de Ferreira (Vide Campanhan.)

Para o mais que pertence á comarca e concelho de Celorico de Basto, vide esta palavra, a folhas 233 do 2.º volume.

FREIXIEIRO—*Reguengo*, no extincto concelho de *Bem Viver* (sobre a direita do rio Douro.) Teve foral dado por D. Affonso III, na Guarda, em 23 d'agosto de 1256. (*liv. 1.º de Doações, do sr. Rei D. Affonso III, fl. 16 v. col. 2.ª in fine: liv. 2.º de Doações*, do mesmo rei, *fl, 22 in principio liv, dos Foraes antigos de leitura nova fl. 142 col. 2ª.*

—

FREIXIEIRO DE SOUTELLO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, 45 kilometros a O. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 100 fógos.

Em 1757 tinha 81 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O conde d'Aveiras, apresentava o abbade, collado, que tinha 220$000 réis de rendimento.

É terra fertil cria gado e caça.

FREIXIEL—villa, extincta, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho de Villa Flor, 125 kilometros a NE. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 230 fogos, 900 almas.

Em 1757 tinha 137 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O commendador de Poyares, (da Ordem de Malta) apresentava o vigario, confirmado que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

Situada em uma baixa, rodeada d'altos montes. Não é tão fria como a maior parte das terras d'esta provincia; mas o seu clima é pouco saudavel.

É todavia muito abundante, sobretudo em pão e azeite.

Foi, até 1641 dos marquezes de Villa Real, que então a perderam, com tudo o mais (e a vida no patibulo, no *Rocio*, de Lisboa, em 29 d'agosto d'esse anno) por traidores á patria.

Foi natural d'esta freguezia fr. Antonio das Chagas (arrábido) célebre orador sagrado —no seu tempo—e escriptor mystico.

FREIXIENDAS ou **FREIXIANDAS**—freguezia, Extremadura, comarca de Thomar, concelho de Villa Nova de Ourem, 30 kilometros de Leiria, 150 ao N. de Lisboa, 660 fogos.

Em 1757 tinha 560 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação (vulgo, *das Candeias*.)

Bispado de Leiria, districto administrativo de Santarem.

O cabido da collegiada de Ourem, apresentava o cura, que tinha 120$000 réis annuaes.

É terra fertil.

Tem uma grande feira, a 8 de setembro de cada anno.

FREIXINHO—freguezia, Beira Alta, comarca de Moimenta da Beira, concelho de Cernancêlhe (até 1855 concelho de Fonte-Arcada) 35 kilometros de Lamego, 320 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 74 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de Fonte Arcada apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de rendimento.

FREIXIOSA—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde, 18 kilometros a SE. de Viseu, 280 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago Santa Luzia.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O reitor de S. João, de Mangualde, apresentava o cura, que tinha 6$500 réis de congrua e o pé d'altar.

FREIXIOSA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 6 kilometros de Bragança, 474 ao N. de Lisboa, 36 fogos, em 1757.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Villa Chan, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está ha mais de 60 annos annexa á de Villa Chan, no mesmo concelho.

FREIXO (S. Julião do)—freguezia, Minho, concelho de Espózende, comarca de Barcellos, até 1855, e desde então, comarca e concelho de Ponte do Lima. 360 kilometros ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 36 fogos.

Orago S. Julião.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

N'esta freguezia está o antiquissimo castello de *Curutêllo*, com sua torre e muralhas, que foi de uns fidalgos appellidados

Curutêllos. Sobranceiro ao castello, em outro monte mais elevado, está a antiquissima capella de *S. Christovão dos Milagres*, tendo em roda um alto muro, que lhe mandou fazer D. Agostinho de Castro e Jesus, arcebispo de Braga, para a abrigar dos temporaes.

O reitor de S. Miguel de Alvarães, apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis e o pé d'altar.

FREIXO (quinta do)—Formoso palacio e bonita quinta do sr. Antonio Affonso Velado (hoje visconde do Freixo) nos arrabaldes do Porto, sobre a direita do Douro, na freguezia de Campanhan, concelho de Gondomar.

Dentro da quinta está uma fabrica de sabão (de optima qualidade) das mais bem montadas do paiz. Actualmente está fechada.

Já na freguezia de Campanhan tratei d'esta bellissima propriedade. (Vide Campanhan) e do seu attenciosissimo proprietario; mas darei aqui mais algumas noticias.

A architectura do palacio pertence ao estylo chamado *renascença*, como era moda no principio do seculo XVII, isto é, sobrecarregado de ornatos.

É um edificio quadrangular, com 4 fachadas, rematando cada uma um bonito pavilhão. A fachada mais nobre é a do S., (do lado do rio) que deita para um pequeno mas bonito jardim, cercado de bellas grades de pedra e tendo no meio um bonito chafariz de repucho.

No interior, este palacio está decorado com grande magnificencia e é habitação digna de um principe. Tem formosas salas, com differentes titulos, e em diversos gostos, embellecidas com bellas pinturas e primorosos estuques.

Não pude saber quando foi construido este edificio; mas parece que foi no principio do seculo XVIII, e a sua architectura nos indica essa data.

Em 1770, era proprietario do palacio e quinta, Vicente de Noronha Leme Cernache. Pelo casamento de uma filha d'este fidalgo, chamada D. Anna Rosa de Noronha Leme Cernache, com João Antonio Salter de Mendonça, 1.º visconde de Azurára, veio a *quinta do Freixo* para a casa de Azurára.

Jorge Salter de Mendonça, 2.º visconde de Azurára, vendeu isto ao actual proprietario, em 1850; e este foi feito *barão do Freixo*, em 1866 e visconde em 1870.

FREIXO—freguezia, Beira Baixa, comarca de Pinhel, concelho de Almeida, 315 kilometros a E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago Nossa Senhora da Natividade.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Era do concelho de Castello-Mendo, que foi supprimido em 24 de outubro de 1855, e as freguezias que o compunham foram annexas ao concelho do Sabugal.

Em dezembro de 1870, todas as freguezias que tinham sido do antigo concelho de Castello Mendo, ficaram fazendo parte do de Almeida.

O vigario de S. Vicente, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis de rendimento.

FREIXO—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho do Redondo, 24 kilometros d'Evora, 135 ao SE. de Lisboa, 106 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

O *Portugal Sacro* não traz esta freguezia.

É terra fertil. Tem bom vinho.

FREIXO—freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes, 48 kilometros ao N. do Porto, 345 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 94 fogos.

Orago Santa Maria (ou Nossa Senhora da Purificação.)

Bispado e districto administrativo do Porto.

É terra fertil.

Foi até 1855 da comarca e concelho de Soalhães.

O reitor de Tuyas, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua, e o pé de altar.

FREIXO DE BAIXO—freguezia, Douro, comarca e concelho e proximo de Amarante, 40 kilometros a NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 105 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

É terra fertil.

Esta freguezia e a seguinte chamavam-se antigamente, *Fráisseo.* (É mais provavel que sò em escripturas se lhe desse esse nome, por ser *alatinisado,* e que o *vulgo* sempre lhe chamasse *Freixo.*)

Houve aqui um mosteiro de frades cruzios, fundado em 1120, por D. Gotinha (ou Gontina) Godins, mulher de D. Egas Hermiges, *o Bravo,* e sogros de D. Egas Gozendes.

Em 1540, D. João III o deu aos frades dominicos de S. Gonçalo de Amarante, o que foi confirmado pelo papa Paulo III, em 1542. (Parece-me que os frades d'aqui, se então os havia, é que foram povoar o convento de Amarante; porque vejo os dois conventos unidos no mesmo anno em que se fundou o de Amarante.)

O prior dos frades dominicos, de S. Gonçalo de Amarante, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis.

FREIXO DE CIMA—freguezia, Douro, comarca, concelho e proximo de Amarante, 40 kilometros a NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 112 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O prior dos religiosos dominicos de S. Gonçalo de Amarante, apresentava o cura, que tinha 45$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

FREIXO DE ESPADA Á CINTA—villa, Traz-os-Montes, comarca de Mogadouro, 180 kilometros ao NE. de Braga, 30 ao SE do Mogadouro, 400 ao N. de Lisboa, 510 fogos, 4:600 almas.

No concelho 1:500 fogos.

Em 1757 tinha 350 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Situada 4 kilometros ao N. do Douro (margem direita) que aqui divide Portugal de Hespanha.

É povoação muito antiga e foi *cuto de reino* ou de *homisiados.* (Vide Couto.)

Em 1211 foi esta villa saqueada pelos leonezes.

—

D. Affonso II, ambicionando as gandes riquezas que seu pae deixára aos ouros filhos, não quiz estar pelo testamento paterno (apesar de o ter promettido a su pae agonisante!) e quiz expoliar violentamente seus irmãos das suas villas, castellos e rendas. O infante D. Fernando teve de fugir para Castella, e o infante D. Pedro para Marrocos. As infantas defenderam-se nos seus castellos e d'alli pediram auxiio ao rei de Leão e ao papa, e foi então que os leonezes assolaram e roubaram Freixo.

Esta villa foi até 1240 do concelho da villa de Alva. Na guerra que n'esse anno teve D. Sancho II de Portugal, com o rei de Leão, foi esta villa de Alva cercada pelo infante leonez D. Affonso, (filho de D. Fernando III de Castella, *o Santo*) e os seus moradores, ou por mêdo ou por traição, se entregaram aos leonezes, sem resistencia. Em castigo d'esta cobardia ou traição, lhe tirou D. Sancho II logo o fôro de villa, dando-o a Freixo de Espada á Cinta, pela fidelidade e bravura que então seus habitantes mostraram, defendendo-se obstinada e valorosamente, pelo que os leonezes tiveram que levantar o cêrco e retirar-se vergonhosamente.

A data da fundação d'esta villa, e etymologia do seu nome e a origem do seu brazão d'armas, são cousas muito duvidosas.

João de Barros, nas suas *Antiguidades de Entre Douro e Minho,* diz que foi fundada por um fidalgo chamado, por appellido, *Feijão,* primo de S. Rozendo, que morreu em 977; e diz que, por este fidalgo trazer por armas um *freixo e uma espada,* ficara o *freixo e a espada* por nome á villa.

Segundo a tradição, porém, foi um capitão gôdo, de appellido *Espadacinta,* que, chegando áquelle sitio cançado de uma batalha, e deitando-se á sombra de um grande *freixo* que alli havia, deu á arvore o nome de *Frixo de Espada á cinta,* e este nome passou á povoação, que pouco depois alli se principiou a fundar, a qual, em memo-

ria do caso, tomou por armas o *freixo* e a *espada*, em campo de púrpura.

Ainda no principio do seculo passado, existia junto á egreja matriz da villa, um freixo colossal, cercado de assentos de pedra, que os povos d'aqui tinham em grande estima por o reputarem o mesmo da lenda.

—

Em 1272 conseguiram os povos da villa de *Moz*, que D. Affonso III decidisse a grande demanda que traziam com os de Freixo de Espada á Cinta, sobre pastagens e limites, mandando *que os gados pastassem nas relvas, só depois de n'ellas não haver pães, e que logo que estejam lavradas fiquem defezas.*

Tem um castello, que, *no seu tempo*, foi muito forte, guarnecido com tres soberbas torres. Foi edificado por D. Diniz, no anno de 1310. Está sobre um outeiro contiguo á villa.

—

Em 1342 requereu o povo d'aqui, a D. Affonso IV, que lhe desse a *terça* da sua egreja, para concluir as muralhas da villa, o que o rei concedeu. Depois, com essas mesmas *terças* fizeram a egreja (que parece ter sido principiada por D. Diniz.) Mesmo assim, não chegou o rendimento da *terça* para a conclusão do templo, que esteve incompleto muitos annos. Ainda em 1650 estava por fazer o côro, o pulpito e os remates. Já então as *terças* de todo o reino pertenciam á corôa (vide *Castellatico*) pelo que os de Freixo pediram a D. João IV a *terça* d'aqui, para conclusão da sua egreja, que é de cantaria lavrada, com abobada tambem de cantaria.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 10.º

D. Sancho II, como já disse, lhe deu o titulo de villa, em 1240, mas não consta que lhe desse foral. O 1.º que teve, lhe deu D. Affonso III, sem data. (*Livro das doações de D. Affonso III*, fl. 118 v., col. 2.ª, gav. 15, maço 8.º, n.º 23.)

D. Manuel lhe deu foral *novo*, mas tambem esqueceu a data; comtudo é posterior ao 1.º de junho de 1510, porque, a ultima verba da *portagem*, do foral novo, remette-se ao foral de Miranda, que foi dado em Santarem, n'aquella data.

Tambem tem uma sentença de foral, dada a favor da corôa, datada de 6 de junho de 1533, no reinado de D. João III.

Ha na villa 10 ermidas e 12 fontes (de má agua.)

Diz o padre Costa na sua *Chorographia*, que no logar de *Masouco*, d'esta freguezia, ha uma fonte, chamada do *Xido*, que principia a deitar agua em março, com a circumstancia de que, se o anno tiver de ser fertil, deita muito pouca, e muita se tiver de ser esteril.

O seu territorio produz cereaes, azeite, vinho, amendoa e poucas fructas.

Fazem-se aqui optimos queijos.

Tem creação de bichos de seda, que antigamente constituiu um ramo muito importante da sua industria, exportando para todo o reino muita variedade de manufacturas de seda, principalmente tafetás e meias.

Ha alguns annos tem-se por aqui plantado muitas amoreiras e desenvolvido muito a sericultura. Deus queira que não desanimem.

Hoje (como a maior parte das povoações de Traz-os-Montes) tem decahido bastante da sua antiga prosperidade (relativa) pela falta de boas vias de communicação.

—

A villa está assente sobre uma elevação, rodeada de muitas vinhas, olivaes e terras de pão, muito bem cultivadas.

N'este concelho e entre os limites de *Lagoaça* e *Quinta das Quebradas* (concelho de Mogadouro) corre em sitio aprasivel, a ribeira de *Valle de Marinha*. Na sua margem esquerda existe um manancial d'agua, chamado *Fonte Santa*. Dizem que as suas aguas são um remedio efficacissimo para sarna, tinha, lepra e todas as mais molestias cutaneas, e até para as ulceras cancerosas. Perto da fonte se vêem restos de pequenas casas, talvez habitações dos que em outras eras alli concorriam a tomar banhos.

Ao N. d'esta ribeira eleva-se uma alta serra, cujas pedras (de uma côr amarellada) são alguma cousa sonoras, o que faz crer

aos lavradores das visinhanças que é *ouro encantado.*

Ao fundo d'esta serrania, está um cerrado, fechado por uma parede de descommunal altura e grossura, que revela grande antiguidade e (na fórma do costume) se diz ser obra dos mouros, que por aqui habitaram, no seu tempo. Ainda a este cerrado se chama *Casal dos Mouros.*

Perto da villa, ha uma collina chamada *Cabêço de S. Braz,* e no seu cume está a capella de Nossa Senhora dos Montes Ermos. Na base d'esta collina passa a estrada de Lagoaça, Mogadouro, etc. Junto da mesma está a fonte de *Mé Nunes.*

Diz-se que um sujeito de Lisboa sonhára que perto d'esta fonte havia uma grande mina de ouro. Não quiz saber mais nada, logo se dirigiu para aqui. Chega, procura, acha a mina e desandou logo com todo o seu ouro para Lisboa, onde chegou *riquissimo.* No sitio onde estava o ouro, deixou esta quadra:

Adeus, fonte de Mé Nunes,
Quem te dever que te pague;
Que eu dentro de ti achei
O valor d'uma cidade.

Se isto é verdade, o homem, mesmo assim, tinha mais habilidade para descobrir *thesouros encantados,* do que para achar consoantes.

—

O concelho de Freixo d'Espada á Cinta, é composto de 6 freguezias, todas no arcebispado de Braga, são:—Freixo, Lagoaça, Fornos, Mazouco, Poyares e Ligares.

FREIXO DE NUMÃO—(concelho extincto da comarca da Pesqueira), villa, Beira Alta, hoje comarca e concelho de Villa Nova de Foz Côa, 54 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 215 fogos, 400 almas. No concelho tinha 1:100 fogos.

Em 1757 tinha a freguezia 220 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

A universidade de Coimbra, por concurso, apresentava o vigario, que tinha de rendimento 100$000 réis.

Freixo era uma aldeia e freguezia, do concelho de Numão, e como fosse prosperando e a capital do concelho decahindo, passou para aqui a séde do concelho, até que foi extincto, em 1855.

A villa é pequena; mas o seu territorio é fertil em cereaes, optimos vinhos, fructas, etc.

O seu foral é pois o de *Numão* (que hoje é uma freguezia d'este concelho). Era senhor de Numão (então *Nemam*) Fernão Mendes, que, a 7 de julho de 1130, lhe deu foral, o qual foi confirmado em *Quintellâ,* em outubro de 1217, e outra vez confirmado em *Trancoso* a 27 de outubro de 1285.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 22 de agosto de 1512.

(Tudo quanto pertence a Numão, vae sob esta palavra.)

FREIXO DA SERRA—freguezia, Beira Baixa, comarca de Celorico, concelho de Linhares até 1855, e desde então comarca e concelho de Gouveia, 95 kilometros ao SE. de Coimbra, 300 ao E. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Em fevereiro de 1872, cahiu um raio na torre da egreja matriz, lançando o zimborio a grande distancia e abrindo largas fendas nas paredes. O prejuizo foi de uns 800$000 réis. Cahiu na mesma occasião outro raio em casa de um tecelão, proximo á egreja, mas só causou susto.

O commendador de Oliveira do Hospital e o vigario de Folgosinho, apresentavam alternativa e annualmente o cura, que tinha 35$000 réis de rendimento.

FREIXOFEIRA—aldeia, Extremadura, concelho de Torres Vedras, 44 kilometros a NO. de Lisboa. É a 13.ª estação do caminho de ferro Larmanjat, de Lisboa a Torres Vedras.

FRENDE—freguezia, Douro, comarca e concelho de Bayão, 60 kilometros a NE. do Porto, 345 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago Santa Maria.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era, até 1855, da extincta comarca de Soalhães.

É situada sobre a margem direita do Douro, em terreno muito accidentado, mas com valles muito ferteis. Produz muito bom vinho.

Ha aqui muitos barcos, que navegam constantemente para o Porto, sustentando um commercio activo com esta cidade, o que faz a freguezia florescente.

A mitra apresentava o abbade, por concurso, que tinha 60$000 réis de rendimento annual.

FRÉTE—vide Pontos do Douro.

FREZULFE — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 488 kilometros ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 43 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra, por concurso, apresentava o abbade, que tinha 150$000 réis annuaes.

FRIANDE e **PINHEIRO** — (annexas), freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras, 35 kilometros a SE. de Braga, 335 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 271 fogos.

Orago S. Thomé e S. Thiago, apostolos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

É terra muito fertil. Muito gado e caça.

O D. abbade benedictino, do mosteiro de Pombeiro, apresentava o vigario de Friande, que tinha 140$000 réis annuaes. Era orago d'esta freguezia S. Thomé, que tinha 208 fogos.

O prior dos conegos regrantes, do mosteiro de Caramôs, apresentava o vigario, confirmado, do Pinheiro, que tinha 250$000 réis annuaes. Era orago d'esta freguezia, S. Thiago. Em 1757 tinha 63 fogos. Vindo pois a ter estas duas freguezias, no tal anno de 1757, os 271 fogos, que lhe dou acima.

Estas duas freguezias estão unidas, desde o fim do seculo passado, formando uma só, com dois oragos.

FRIANDE — freguezia, Minho, comarca e concelho de Póvoa de Lanhoso, (até 1855, do concelho de S. João de Rei, então supprimido), 20 kilometros a E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 37 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

Chamava-se antigamente *Friães do Rio.*

O reitor de Santa Maria de Veade (concelho de Celorico de Basto) apresentava o vigario, collado, que tinha 40$000 réis annuaes.

FRIAS-TELLAS ou (mais etymologico) **FRIESTELLAS** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 18 kilometros a O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 77 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É terra fertil. Muita caça.

O reitor de S. Pedro de Calvéllo, apresentava o vigario, que tinha 14$000 réis de congrua e o que rendia o pé d'altar.

Foi originariamente abbadia.

Hoje dá-se a esta freguezia officialmente o nome de *Frias-Tellas*, mas é corrupto. O seu nome, como se vê nos livros antigos (que é o verdadeiro) é *Friestellas,* diminutivo de *frésta* (nas provincias do norte *friésta*). Vem a ser *povoação das frestinhas* ou *friestinhas*.

FRIDÃO — freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 48 kilometros ao NE. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Orago S. Faustino.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro e Profano.*

FRIEIRA—villa extincta, Traz-os-Montes, comarca de Chacim, concelho de Isêda até 1855, em que passou tudo para Macêdo de Cavalleiros, 45 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 20 fogos, 80 almas, em toda a freguezia.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O cabido da Sé de Miranda (depois o de

Bragança) apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Era uma pequena villa, que mal merecia semelhante titulo, que foi ha muitos annos supprimido, assim como a freguezia.

Dizem alguns que foi couto, ou honra; mas parece-me que é êrro, pois nunca teve foral.

FRIELLAS — pequeno rio, Extremadura, 12 kilometros de Lisboa, dá o nome á freguezia de Friellas, ou d'ella o recebe. Passa a esta freguezia, a Santo Antão do Tojal e a Sacavem, onde morre na direita do Tejo. Toma o nome das terras por onde passa.

FRIELLAS — freguezia, Extremadura, concelho dos Olivaes, termo, comarca e 12 kilometros a NO. de Lisboa, 3 de Loures, 80 fogos.

Em 1757 tinha 251 fogos.

Orago S. Julião.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

A abbadessa de Odivellas, apresentava o prior, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

Situada proximo da estrada de Loures, nas faldas de uns montes pouco elevados e tendo na frente extensissimas campinas.

A egreja matriz é antiquissima, pois já existia em 1191, em cujo anno, sendo bispo de Lisboa D. Soeiro Annes, a reservou este prelado para os seus successores, tendo até então pertencido ao cabido da Sé de Lisboa.

Foi senhor de Friellas e Unhos, Lopo Mendes do Rio e seus descendentes.

Rio, é um appellido nobre em Portugal. Procede da Galliza, passando a este reino na pessoa de Fernando Ayres do Rio (que trouxe seus filhos) no reinado de D. Affonso V. Lopo Mendes do Rio, 1.º senhor de Friellas, era neto de Fernando Ayres do Rio, que instituiu morgado em uma capella do mosteiro de Bemfica. Suas armas são—em campo verde, um castello de prata, sobre um contrachefe de ondas, da sua côr, e em chefe, tres flores de liz, de ouro. Timbre, uma aspa verde, carregada das tres flores de liz do escudo. Outros *Rios* trazem por armas—em campo de púrpura, uma torre de prata, com ameias, firmada em ondas de asul e prata. Contrachefe estreito, de verde e nas ameias, uma cara humana e duas flores de liz de ouro, de cada lado.

A segunda familia d'este appellido, veio do reino das Asturias; foi Christovão do Rio, que se estabeleceu em Portugal, no reinado de D. João III, e ao qual este rei confirmou as armas que trazia, em 1530. São—em campo de ouro, duas faxas de ondas, orla de prata perfilada de negro, carregada de cinco cabeças de serpe, verdes, lampassadas de púrpura, cortadas em sangue. Timbre, uma d'estas cabeças.

—

Havia aqui um palacio real, principiado por D. Affonso III e concluido por seu filho D. Diniz, que d'elle datou muitas doações e outros documentos. Em 1313 erigiu o mesmo D. Diniz n'este paço a capella de Santa Catharina, com capellão e missa quotidiana. Este *palacio* não passava de uma casa de campo, em que vinham habitar os reis, quando se davam ao exercicio da caça miuda, que por estes sitios abundava.

Aqui residiram alguns dias e por varias vezes, D. Diniz, D. Affonso IV, D. Pedro I e D. Fernando.

Durante as guerras que este ultimo rei teve com D. Henrique II de Castella (1369) por aquelle pretender o throno d'este, chegando algumas cidades castelhanas a prestar obediencia ao rei de Portugal (pelo que Henrique II se viu obrigado a alliar-se com o rei de Aragão e com o rei, mouro, de Granada) e cuja guerra terminou pelo tratado de paz d'Evora, de 31 de março d'aquelle anno; durante esta guerra, digo, os castelhanos que vieram sitiar Lisboa, incendiaram este palacio e outros muitos edificios.

Em 1378 fez D. Fernando doação do que havia d'este paço e da sua quinta, aos monges de S. Jeronymo, para aqui fundarem um convento da sua ordem, o que não se realisou.

Com o tempo e o abandono, desmantelou-se completamente o edificio, e seus materiaes se applicaram a outras construcções, de modo que d'elle já nada existe. Em 1670, fazendo-se uma escavação no local em que estava o paço, se achou uma bella taça de

marmore e um pavimento de marmore de côres, em xadrez (mosaico).

Ha por aqui muitas quintas.

FRIÉSTAS ou **FRÉSTAS** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Vallença, 60 kilometros a ONO. de Braga, 415 ao N. de Lisbóa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

E' terra muito fertil.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis annuaes.

Esta freguezia é muito antiga, e já aqui era uma abbadia, no reinado de D. Diniz.

Junto a esta freguezia está o celebre convento benedictino de S. Fins (por isso chamado *das Friestas*). (Vide S. Fins, de Vallença).

FRIO ou **RIO FRIO** — pequeno rio, que nasce na Cadíma, faz um semicirculo para N. e E. e entra na direita do Mondego, acima de Monte-Mór-Velho, com 30 kilometros de curso.

FRIO ou **RIO FRIO** — pequeno rio, Traz-os-Montes, nasce na freguezia de Rio Frio, comarca de Bragança, extincto concelho do Outeiro, e desagua na esquerda do Sabôr.

FRIÕES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Valle Paços, 90 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 355 fogos. Em 1757 tinha 254 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

É terra fertil. Cria muito gado e nos seus montes ha muita caça, grossa e miuda.

A casa de Bragança, donataria d'esta freguezia, apresentava o reitor, que tinha annualmente 200$000 réis.

FRIÚMES — freguezia, Douro, comarca da Lousan, concelho de Poiares até 1855, e desde então concelho de Penacóva, comarca de Coimbra, d'onde d'sta 24 kilometros ao N., 215 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 133 fogos.

Orago S. Matheus, evangelista.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É terra fertil.

O prior de Penacóva apresentava annualmente o cura, que tinha 30$000 réis de rendimento.

FROJÃES — Vide *Forjães*.

FRONTEIRA — villa, Alemtejo, 2 kilometros do rio *Zétas*, 40 kilometros d'Evora, 30 de Portalegre, 165 a E. de Lisboa, 530 fogos, 2:200 almas, no concelho 2:300 fogos, na comarca 6430.

Em 1757 tinha a villa e freguezia 561 fogos.

Orago Nossa Senhora da Atalaya.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

Foi antigamente da comarca d'Estremoz.

Feira a 28 de junho.

Dista 24 kilometros ao N. de Borba, e 26 ao E. d'Aviz, e 24 ao N. d'Estremoz.

É uma bonita povoação, collocada em um plató. A sua primeira fundação foi em um outeiro, a que ainda chamam *Villa Velha*, onde então estava uma atalaya *fronteira* aos mouros de *Viamonte*, de cuja circumstancia tomou o nome.

A *Villa Velha* foi fundada em 1226 por *D. Fernando Rodrigues Monteiro*, quarto mestre da Ordem de S. Bento d'Aviz, segundo a opinião de varios escriptores.

Tem um castello com duas torres soffrivelmente conservadas, além de outras em ruinas. Eram sete as que desappareceram.

Era cercada de muralhas torreadas, que estão em grande parte destruidas.

O seu territorio é abundante em cereaes, e nos seus vastos montados se cria muito gado, principalmente porcos. Cria muita caça.

Foi fundada pelos cavalleiros d'Aviz pelos annos de 1226.

Dizem outros auctores, que foi D. Diniz que a fundou, pelos annos de 1290, e que perguntando-se onde elle queria que se fizesse, o rei, apontando para o sitio actual da villa, respondeu «*na fronteira*», e que é d'isto que lhe provém o nome. (A primeira etymologia parece-me mais verosimil.)

O que é mais provavel é que *D. Fernando R. Monteiro* fundou a *Villa Velha*, e que estando arruinada com as guerras dos mou-

ros, e querendo-a D. Diniz reedificar, mas não gostando do sitio, a mudou para o actual, que na verdade fica *fronteiro* a *Villa Velha*, que desde então se abandonou.

No sitio da *Villa Velha*, ainda estão abertas muitas covas, como poços, e lá está a capella de Nossa Senhora.

Tem na porta de uma das torres do castello umas garatujas, que alguns pretendidos paleographos entendem que são letras e que dizem *Casa do Prazer*.

Tem Misericordia e hospital.

Tinha um convento de frades capuchos da provincia da Piedade.

Tinha voto em côrtes com assento no banco 12.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, no primeiro de junho de 1512.

Pelo concelho passa o rio de *Aviz*, que traz muito peixe. Rega e móe.

O seu brazão d'armas é simplesmente um escudo de prata em branco; isto é, sem divisa nenhuma.

No *Valle da Amoreira*, no sitio chamado *Cerejeira*, ha vestigios de edificios antiquissimos, e alli se acharam, no principio do seculo XVIII, 1:700 moedas d'ouro, romanas, de grande valor pelo seu peso e antiguidade.

Foi n'este concelho, proximo á aldeia dos *Atoleiros*, que se deu a gloriosa batalha denominada dos *Atoleiros*, a 29 de janeiro de 1384, no qual o grande *D. Nuno Alvares Pereira* derrota e põe em fuga o exercito castelhano, de D. João I, commandado pelo irmão do mesmo D. Nuno, o transfuga *Pedro Alvares Pereira*. As perdas dos castelhanos foram enormes.

—

O orago da freguezia era Santa Maria — e o de *Nossa Senhora da Atalaya* consta que lhe foi posto pela rainha Santa Isabel (talvez em razão da atalaya que existiu na *Villa Velha*).

O parocho é prior e a egreja matriz é collegiada, com quatro beneficiados. A mesa da consciencia apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada e 20$000 réis annualmente.

O termo da Fronteira é muito fertil, sobretudo em trigo e azeite. Produz tanbem algum vinho e fructas.

—

O primeiro marquez de Fronteira foi D. João Mascarenhas, segundo conde da Torre, feito por D. Pedro II em 1670. O actual é o 7.º marquez de Fronteira — chama-se *D.* José Trasimundo Mascarenhas Barreto — é o 5.º marquez d'Alorna, 8.º conde da Torre, 7.º conde d'Assumar, e mordomo-mór da rainha.

A familia dos marquezes de Fronteira é das mais nobres do reino, e a mesma dos duques d'Aveiro, dos marquezes de Gouveia, condes d'Alva, condes de Coculim (villa, da comarca de Salsete e Bardez, na India) dos condes de Sandomil (todos estes titulos actualmente extinctos) e de outras muitas nobilissimas familias portuguezas.

Mascarenhas, appellido nobre d'este reino. É da Galliza. Procedem os de Portugal de Estevão Martins (outros dizem Rodrigues) (1) a quem D. Sancho I deu a villa de Mascarenhas, em Traz-os-Montes, onde é o seu verdadeiro solar. O filho de Estevam Martins, — Lourenço Esteves, foi o primeiro que se assignou Mascarenhas.

As armas d'este appellido são completas — a saber: em campo de púrpura, tres fachas de oiro — elmo de prata, aberto, e por timbre, um leão de púrpura, armado e lampassado d'oiro.

> Na sepultura de D. Fernão Martins Mascarenhas, capitão-mór dos ginêtes, que morreu em 13 de novembro de 1501, a qual se vé no convento dos jeronymos da cidade d'Evora, estão as suas armas, do modo seguinte: — escudo esquartelado — no 1.º e 4.º as armas que ficam descriptas; e no 2.º e 3.º as de Castella, que são — em campo de púrpura, castello de oiro, mantelête do mesmo, carregado de dois leões de púrpura, trepantes.

(1) A causa d'esta duvida é porque antigamente escrevia-se *Miz* por Martins e *Riz* em vez de Rodrigues (por abreviatura). Era facilima a duvida, logo que a primeira letra não estivesse bem formada.

D. Pedro Mascarenhas foi vice-rei da India, por D. João III. Este rei lhe accrescentou as armas, por mercê feita em 1564. (Morreu sem successão.) Ficou assim o brazão completo. Em campo de púrpura tres faxas d'ouro — orla azul, carregada de oito anneis, repassados dois a dois. Elmo de prata, aberto, e por timbre, um leão de púrpura com um ramo verde de palmeira, com tamaras de ouro, na garra direita.

Pela união da familia d'este appellido com a dos Lencastres (casa ducal d'Aveiro) se uniram os seus escudos em 1752, ficando do modo seguinte:

Escudo dividido em pala, na 1.ª as armas de Portugal, e na 2.ª as primeiras dos Mascarenhas.

Outros d'este mesmo appellido usam das armas primeiramente descriptas, porém o timbre é meio unicornio de oiro.

Ainda outros Mascarenhas trazem por armas, em campo de púrpura, 4 palas d'oiro, em logar de tres. Timbre o mesmo.

—

A comarca de Fronteira é formada por 4 julgados, que são: — *Alter do Chão*, com 1:760 fogos; *Aviz* com 1:500; *Fronteira* com 2:300, e *Ponte de Sôr* com 870.

—

O seu concelho é formado de 11 freguezias; 7 no bispado d'Elvas, que são — *Santo Aleixo, Santo Amaro, S. Bento, Fronteira, Almuro, Vallongo e Veiros* — e 4 no arcebispado d'Evora, que são: — *Câno, Casa-Branca, S. João* e *Souzel.*

FRONTEIRO-MÓR — Já na palavra *Almocadem* dissemos d'onde os portuguezes tomaram este posto militar, suas antigas attribuições e etymologia da palavra.

Depois se *crismaram* em *fronteiros-móres*, alargando-se-lhes muito a orbita da sua auctoridade.

Em cada comarca havia um fronteiro-mór, que fazia o officio de capitão-general da gente da sua circumscripção, para assim se poder acudir promptamente e em boa ordem, ás *entradas* que o inimigo fizesse no reino.

FRONTILHEIRO — Vide *Forno Telheiro.*

FRÓSSOS — freguezia, Minho, comarca, concelho e 9 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 62 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

O thesoureiro-mór da Sé de Braga apresentava o vigario, collado, que tinha 50$000 réis annuaes.

FRÓSSOS — villa extincta, Douro, comarca d'Agueda, concelho de Albergaria-Velha (até 1855 do concelho de Angeja) 9 kilometros ao N. d'Aveiro, 258 ao N. de Lisboa, 170 fogos, 600 almas.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago S. Payo.

Bispado, e districto administrativo de Aveiro.

Situada na direita do Vouga, que aqui fórma uma *pateira* navegavel, a qual tem 450 metros de comprimento e 260 de largo.

E' terra bonita e fertilissima, sobretudo em milho. E' muito abundante de peixe do rio e do mar. Cria muito gado.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 22 de março de 1514. N'elle lhe dá o nome de *Foróços.*

O reitor de S. João de Loure apresentava o cura, que tinha 9$500 réis de congura e o pé d'altar.

FUÍNHAS — freguezia, Beira-Baixa, comarca de Celorico da Beira, concelho de Fornos d'Algodres, 40 kilometros ao SE. de Viseu, 310 ao E. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

E' terra pouco fertil em cereaes e fructas pela frialdade do seu clima, mas abundante de aguas, e produz bastante azeite e castanhas.

Nos seus montes ha muita caça grossa e miuda.

O vigario de Algodres apresentava o cu-

ra, que tinha 6$500 réis de congrua e o pé d'altar.

FULGOSA, FULGOSINHO e **FULGOSO** — Vide *Folgosa, Folgosinho* e *Folgoso.*

FUNDADA — freguezia, Beira Baixa, comarca da Certan, concelho de Villa de Rei, 180 kilometros a E. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 166 fogos.

Orago Santa Margarida.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

O vigario de Villa de Rei apresentava o cura, que tinha 8$600 réis e o que rendia o pé d'altar.

FUNDÃO — villa, Beira Baixa, 45 kilometros ao S. da Covilhan, 54 da Guarda, 260 a E. de Lisboa, 530 fogos, no concelho 6:200, na comarca os mesmos, porque é composta só do seu julgado.

Em 1757 tinha a freguezia 457 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Situada em uma baixa, d'onde lhe provém o nome. E' povoação muito rica e commercial e seus arrabaldes são muito aprazíveis e ferteis em cereaes, vinho, azeite e fructa. Cria muito gado, e nos seus montes ha muita caça grossa e miuda.

Tem muitas fabricas de pannos de lan, e de chapeus.

Tem Misericordia e hospital.

Tem um convento de capuchos da Piedade, fundado pelo povo em 1553.

Foi por muitos annos quartel de cavallaria n.º 8.

Tem no seu territorio minas de manganez e outros metaes.

O concelho e comarca do Fundão comprehende 31 freguezias, sendo 23 no bispado da Guarda, que são:—*Alcaide, Alcaría, Alcongôsta, Aldeia de Joannes, Aldeia-Nova, Barróca, Bodelhão, Bógas de Baixo, Bógas de Cima, Capinha, Castellêjo e Freixial* (annexas), *Donnas, Escarígo, Fatélla, Fundão, Janeiro de Cima, Lava-Cólhos, Pero-Vizeu, Salgueiro, Silvares, Souto da Casa, Telhado* e *Valle Verde.*

As do bispado de Castello Branco são 8: *Alpedrinha, Atalaia, Castello-Novo, Orca, Povoa, Soalheira, Valle de Prazeres* e *Zêbras.*

FUNDÕES — bonita aldeia, Douro, freguezia de Ul, concelho e comarca d'Oliveira de Azemeis, bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro. E' situada na encosta O. da serra do seu nome, e proximo da esquerda do rio Ul, e dá nova estrada real de Lisboa ao Porto.

Teem aqui uma boa quinta com grande casa e capella, e ricas propriedades, os srs. drs. Manuel e João Baptista Camossa Nunes de Saldanha, e suas irmans, filhos do fallecido dr. José Antonio Nunes de Saldanha, que foi juiz de fóra, no reinado do Senhor D. Miguel I, e um dos mais ricos cavalheiros da Terra da Feira.

FUNDÕES — aldeia, Douro, freguezia de Sobrado de Paiva, concelho do Castello de Paiva.

Ha aqui as ruinas de um antigo edificio, que, segundo a tradição, foi uma mesquita mourisca. Supponho que era antes algum templo ou qualquer outro edificio romano, porque em 1868 appareceram aqui varias peças de mosaico, uma das quaes (a maior) se conserva na quinta da *Boa Vista* (do sr. Bernardo Pinto de Miranda Monte-Negro) junto á villa de Sobrado.

Ha mais em Portugal algumas aldeias d'este nome.

FURADOURO — portuguez antigo — sahida, atalho pouco frequentado e pouco conhecido, por onde se póde fugir sem ser visto. *Não lhe dar furadouro,* não lhe dar sahida. Tambem a *acolheita* ou refugio, onde se podia estar sem ser facilmente encontrado.

FURADOURO corrupção de **AFORADOURO** — aldeia, Douro, freguezia e 2 kilometros ao S. d'Ovar, na costa do mar. E' muito concorrida, e por gente de muitas leguas de distancia, no tempo dos banhos do mar. (Vide Ovar.)

Aforadouro quer dizer = terreno inculto que está para aforar.

FURADOURO (corrupção de **AFORADOURO**) — freguezia, Douro, concelho de Condeixa a Nova, comarca e 18 kilometros ao

S. de Coimbra, 185 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

A mesa da consciencia (por ser a freguezia commenda de Christo) apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis annuaes.

E' terra fertil.

FUSCO—portuguez antigo—*triste, melancholico*, tristonho, sorumbatico, etc.

FUSTA e **FUSTÃO**—castigo que, por auctoridade de justiça, se dava, açoitando com varas os criminosos. D'aqui *fustigar*.

Era castigo dado ao de leve, mais por despreso e pela vergonha, do que pela dôr. A *flagellação* era mais rigorosa e d'ella muitas vezes resultava a morte. Talvez de *fusta* venha o nome á aldeia de *Fuste*, proximo a Arouca (Vide Foste.) Vinha então a ser := *logar do açoutado* ou *dos açoutes*.

Fusta é tambem certo barco. Uma especie de *falúa*.

FUSTE — portuguez antigo — *cano* ou *canhão*. Tambem o bocado de palha, que o juiz dava ao beleguim, como insignia do seu cargo, para fazer alguma citação. (Vide *Fosta* e *Fusta*).

Na freguezia de *Móldes*, do concelho de Arouca, ha uma aldeia d'este nome.

O *Diccionario* de Constancio diz que *fuste* é uma canna, com uma cabeça fingida de cavallo.

Entre os romanos era uma vara, insignia do juiz.

FUZETA — freguezia, Algarve, comarca, concelho e 13 kilometros ao Sul de Tavira, 240 ao S. de Lisboa, 450 fogos.

Orago Nossa Senhora do Carmo.

Bispado e districto administrativo do Algarve.

Antes de mais nada apresso-me a dizer que escrevi *Fuzeta*, porque assim vejo escripto em todos os auctores; mas estou convencido que é um grande erro, porque, sendo esta palavra diminutivo de *Foz*, dever-se-hia sempre escrever *Fozêta* e não *Fuzêta*.

E' uma freguezia moderna, composta quasi exclusivamente de pescadores e gente que vive da pesca.

Os pescadores d'aqui são tão laboriosos, intelligentes na sua arte e atrevidos, como os d'Olhão e Villa Nova de Portimão, que teem fama (bem merecida) de audaciosissimos.

É situada á beira do *Canal*, junto á barra do seu nome (Fozêta) pela qual ainda entram embarcações de mais de 2:000 arrobas de tonelagem.

Tendo esta povoação em 1784 já 132 fogos, requereram ao bispo do Algarve a fundação da freguezia, desmembrando-se da de *Moncarapacho*, a que pertenciam; a que o bispo (que então era D. André) acedeu, por provisão de 12 de março d'esse anno, mandando n'ella, se creasse aqui uma *coadjutoría* annexa á antiga matriz, com a clausula de que, tendo maior augmento a população, seria de todo separada, e formaria freguezia independente; devendo comtudo pagar ao parocho de Moncarapacho 9:000 réis por anno.

Por sentença do bispo D. Francisco Gomes d'Avellar, de 22 de outubro de 1802, só se ficou dando ao tal parocho 3:000 rs. por anno, e os restantes 6:000 rs. foram applicados para a confraria do SS., da Fozeta.

Em 1835, o governador do bispado (o dr. fr. Antonio de Santo Ilidio da Fonceca e Silva) isentou o povo, do pagamento dos taes 3:000 réis, ficando esta freguezia completamente separada e independente.

Tem a Fozeta uns 18 *cahiques* e mais de 30 *lanchas* de pesca. Os pescadores d'aqui, vão aos mares de *Larache* (Africa) desde abril até setembro, fazer as suas pescarias, grande parte da quaes alli vendem aos larachinos. Nos outros mezes, pescam no mar de Setubal, levando o peixe para Lisboa.

A povoação, que no seu principio apenas era composta de cabanas de junco, tem-se desenvolvido muito, e as cabanas foram substituidas por boas casas de pedra e cal, que já chegam até ao forte (arruinado) da *Fozêta*.

A egreja matriz é pequena mas bonita e muito aceiada.

Concorrem aqui muitos almocreves a com-

prar peixe, que vão vender ao Alemtejo.

Tem uma escola de instrução primaria, creada por decreto de 16 de novembro de 1839.

O seu territorio é fertil em cereaes, vinho (optimo) azeite, figos, alfarroba e outras frutas.

A agua aqui é pessima (quasi toda *salôbra.*) Na baixa mar, vão buscar bôa, a uns olheiros, onde chega a maré, que ficam proximo e ao S. da povoação.

Ha por aqui bella pedra de cantaria e outra optima para mós.

A uns 800 metros a O. da povoação, sobre um alto, estão as ruinas de uma torre redonda, de uns 10 metros d'altura e 7 de diametro, tendo ao pé uma pedra de cantaria, com as armas de Portugal, e por baixo a legenda «*Joannes 3.º 159...*» não se destingue o ultimo algarismo. (Aqui ha manifesto engano—talvez erro typographico—na *Chorographia do Algarve* de João Baptista da Silva Lopes, que vou segunido—porque D. João III morreu em 11 de junho de 1557. Em 1590, já haviam 10 annos que estavamos debaixo do jugo ominoso do usurpador Philippe II.)

Ao lado das armas está a corôa real, que tinha estado sobre o escudo. (Isto estava alli em 1840; não sei se ainda se conserva no mesmo sitio.)

Fica esta torre a uns 1:500 metros do Occeano (que lhe fica ao S.) e está cercada de vinhas.

A 1:500 metros a NO. está a torre d'*Alfanxia*—a egual distancia para o O, está a torre de *Bias*, e a 5 kilometros a E. está a torre d'*Ares*, todas mais ou menos desmanteladas.

Junto á torre de *Bias* teem-se encontrado muitas sepulturas antigas.

Alfanxia parece ser corrupção do árabe—*Alhajar* (penêdo) que os mouros pronunciavam *Alfaxar*. *Bias*, é nome proprio d'homem.)

Ha na Fozeta uma bôa armação d'atuns.

G

GABIARRA — *Gabiara, Gaviara* ou *Gavieira*, notavel cabêço, da serra de Suajo, Minho, perto de Castro Laboreiro. O seu pincaro tem, segundo *Balbi*, 2:467 metros, acima do nivel do mar.

A serra de Suajo é um dos ramos do Marão. Vide Suajo.

GADO DO VENTO — Dá-se este nome em todos os foraes e mais papeis antigos, ao gado de toda a especie que era encontrado sem dono.

GAFANHA — aldeia, Douro, na freguezia e concelho de Ilhavo, comarca e 3 kilometros a O. d'Aveiro, a cujo bispado e districto administrativo pertence, proximo da costa. É uma povoação pequena, rodeada pela ria d'Aveiro, tendo ao SO. a barra, e a fortaleza dos signaes, e ao S., a villa de *Vágos*. A E. está Aveiro, com cuja cidade está ligada por uma boa estrada, e uma ponte, de madeira. (Esta estrada vae sempre parallela á ria, desde a cidade até á barra.)

Parece que a primeira povoação que aqui houve foi um hospital de *gafos*, que lhe deu nome.

Dizem outros que o seu nome provem de *gafar* (palavra árabe) tributo que se paga pela passagem de um rio, em barca ou ponte do estado, porque aqui havia já antigamente uma ponte de madeira para a communicação com a terra do E. e N. do Esteiro. Vinha então a ser—*Logar onde se paga o gafar*. (Ou ao qual se não póde hir sem pagar *gafar*.) Parece-me isto mais provavel, mesmo porque os antigos portuguezes denominavam *gafaría* (e não *gafanha*) ao hospital dos gafos.

Ainda ha outra versão. É que uma infeliz mulher que tinha morfeia, vendo-se despresada de todos (que fugiam d'ella com

horror) viera habitar, só, para este sitio, que d'ella tomou o nome, pois os d'Aveiro lhe chamavam a *gafanha*.

Ha aqui 3 capellas: Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora de Nazareth e Nossa Senhora da Encarnação.

Ha tambem aqui um soffrivel estaleiro, onde se construem *palhabotes*, hiates, lugres e barcos de pesca.

GAFANHÃO — villa, extincta, Beira Alta, comarca e concelho de Castro d'Aire, 30 kilometros ao N. de Viseu, 340 ao N. de Lisboa, 115 fogos, 350 almas.

Em 1757 tinha 190 fogos.

Orago Nossa Senhora do Pranto.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Tirou-se inquirição para se lhe dar foral na reforma d'elles por D. Manuel, mas não se chegou a expedir. (Torre do Tombo, Gav. 20, maço 12, n.º 1.)

(A mesma etymologia.)

No logar de *Grijó*, d'esta freguezia, reside o sr. Joaquim d'Almeida, official do exercito realista, um dos mais ricos lavradores do districto administrativo de Viseu, e o cavalheiro mais popular d'estas terras.

(Vide *Grijó*.)

A povoação principal é pequena, e nada tem de notavel.

A freguezia é situada em terreno muito accidentado; mas seus valles são ferteis e saudaveis.

Nos montes d'esta freguezia ha muita caça, grossa e miuda.

Os descendentes de Bento José Barreto Corte-Real, da villa da Feira, apresentavam o abbade, que tinha 200$000 réis.

GAFANHOEIRA—freguezia, Alemtejo, comarca de Monte Mór Novo, concelho d'Arrayolos, 24 kilometros d'Evora, 100 ao E. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 81 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mesma etymologia.

A mitra apresentava o cura, que tinha 120 alqueires de trigo e 90 de cevada.

É terra fertil em cereaes.

GAFARÍA—portuguez antigo, hospital de gáfos, isto é, hospital de lazaros.

GÁFETE—villa, Beira Baixa, comarca de Niza, concelho e 12 kilometros ao N. do Crato, 190 a E. de Lisboa, 270 fogos, 1:000 almas.

Em 1757 tinha 205 fogos.

Orago S. João Baptista.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Portalegre.

Situada em uma planicie. Fertil.

O seu primeiro nome foi *Gafete*, depois (em 1680) se chamou *Villa Nova de S. João de Gafete*, e ultimamente tomou (por abreviatura) o seu antigo nome.

A mesma etymologia.

Tem Misericordia e hospital.

D. Pedro II lhe deu a cathegoria de villa, e foral *novissimo*, em 1700. (E' das poucas terras que tem foral *novissimo*, isto é, dado depois do reinado de D. Manuel.) Franklim não traz este foral.

E' uma das 12 villas do grão-priorado do Crato.

O seu termo é muito fertil em azeite, e produz alguns cereaes, vinho e fructas. Cria muito gado e ha por aqui bastante caça.

O grão-prior do Crato, apresentava o reitor, que tinha 70$000 réis annuaes.

GÁGOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 40 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 135 fogos. Em 1757 tinha 41 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

E' terra fertil. Tem caça.

O abbade de S. Clemente de Basto e o reitor d'Antime apresentavam, alternativamente, o vigario, que tinha 40$000 réis annuaes.

GAIA—(portuguez antigo) do arabe *Gaia*, significa *pequena*. De *áça* (arabe) e de *gaia*, se fez *asagaia* ou *azagaia*, isto é, lança pequena. Vide Assaes.

GAIA ou **VILLA NOVA DE GAIA**—villa, Douro, comarca e em frente do Porto (separada d'esta cidade apenas pelo Douro, e sobre a margem esquerda d'este rio), 1:800 fogos, 7:000 almas, no concelho 12:300 fogos (45:500 almas) em 23 freguezias.

Orago Santa Marinha.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Ha n'esta villa grande numero de armazens, que podem conter mais de 100:000 pipas.

Chamou-se *Villa Nova de Gaia*, para a distinguir da villa velha de Gaia *(Cale?)*

Tambem, por muitos annos, o povo lhe chamava *Porto Novo.*

Gaia é palavra arabe, significa *pequena.* (Vide *Assaes.*) Vide *Cale* por causa da etymologia.

A maior parte dos escriptores dizem que esta villa foi fundada por D. Affonso III, em 1255 (fundando n'esse mesmo anno a sua egreja matriz—Santa Marinha). Mas eu estou intimamente convencido que o que D. Affonso III então fez, foi tornar esta povoação freguezia independente (desmembrando-a de S. Christovão de Mafamude) elleval-a á cathegoria de villa e dar-lhe foral. Já disse em mais de uma parte, que n'aquelles tempos, ao acto de dar foral a uma terra se dizia *povoar*, e isto tem causado, e causará, muitas duvidas a quem se propozer a escrever sobre as nossas cousas antigas.

(Por mais que queira evitar n'esta obra aborrecidas repetições, não tenho remedio senão repetir ás vezes o que já disse; quando com isso evitar aos leitores o trabalho de folhear outros logares do diccionario.)

—

No *Livro Grande*, da camara do Porto, a folhas 72, está o foral que D. Affonso III deu aos moradores da sua villa de Gaia *(que então era uma pequena povoação ou aldeia)* em 1255.

N'elle convida o rei, aos moradores *de meo Burgo veteri de Portu*, a que vão povoar a dita villa de *Gaia.*

Na incerteza do que era o *Burgo velho d'apar do Porto* (que até podia muito bem ser a villa chamada então *Portugal*, que D. Ordonho II, de Leão, doou a D. Gomado, bispo de Coimbra, no anno 874 de Jesus Christo. Vide Burgo velho a par do Porto, Grijó, Cale e Porto), n'esta incerteza, repito, do que se não póde duvidar é de que é povoação e couto antiquissimos; pois quando em 1123, a rainha D. Thereza (viuva do conde D. Henrique e mãe de D. Affonso I) coutou os arrabaldes da Sé do Porto (isto é—o terreno, povoado, que ficava fóra dos muros e do castello dos gascões) e deu isto ao bispo do Porto D. Hugo, que n'esse mesmo anno de 1123 lhe deu foral; já á povoação da margem opposta se dava o nome de *Burgo Velho.*

(Note-se que o bispado de *Merída*, —antiga capital da Lusitania—chegava até á margem esquerda do Douro. Depois, se creou o bispado de Coimbra, em 1064, que egualmente pelo norte chegava até aos mesmos limites, e finalmente, sendo bispo do Porto D. João Peculiar—que tinha sido cruzio de Grijó—pelos annos de 1138, passou toda a *Terra da Feira* (de que Gaia formava parte) para o bispado do Porto). Vide Bispado.

O primeiro foral de Gaia (o de D. Affonso III) é datado de Coimbra, em setembro de 1255, e o segundo, o de D. Diniz.

—

No reinado de D. João I, tendo esta villa perdido aquelle foral (o primeiro) e não se descobrindo cópia em parte nenhuma, pediu a camara d'aqui ao rei que lhe désse o foral de Villa Nova de Rei, que lhe tinha dado o rei D. Diniz, em Lisboa, a 13 de agosto de 1288, pelo seu que tinham perdido e se não achava. D. João I lhe deferiu, expedindo-lhe carta, feita no Porto, a 25 de outubro de 1394, com o theor do foral de D. Diniz.

D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 20 de janeiro de 1518. Serve para Arcozêllo, Golpelhares, Grijó, Mafamude, Magdalena, Mezide, Paraizo (Villar do), Pedroso, Perosinho, Sanfins, Santa Marinha, Santo André, S. João (Canellas), Sermonde, Serzêdo, Valladares, Villa Chan, Villar d'Andorinho e Ulveira (Oliveira).

O foral de D. Diniz (que tambem é assignado por sua mulher, a rainha Santa Isabel) está transcripto no dito *Livro Grande* da camara do Porto, a folhas 73.

D'elle consta que este rei deu ao *Burgo velho a par do Porto*, como até alli se lhe

chamava, o nome de *Villa Nova do Rei* (ou d'El-Rei).

Damus, et concedimus vobis populatoribus de illo nostro loco, qui consuevit vocari Burgum vetus, cui imponimus de novo nomen Villa Nova de Rey, pro Foro Forum de Gaia, quod tale est: In primis, etc.

A causa de se dar foral, elevar á cathegoria de villa e conceder grandes privilegios ao *Burgo velho a par do Porto*, depois *Villa Nova de Rei*, depois *Villa Nova de Gaia* e finalmente (por abreviatura) *Gaia*, foi a seguinte:

Os bispos do Porto, a quem D. Thereza dera (como já disse) o senhorio do *Burgo novo do Porto* (na doação dá-se-lhe este nome para o distinguir do *Burgo velho*, que é Villa Nova de Gaia) não só chamaram seu ao *burgo novo* (que não era mais do que o actual bairro da Sé, entre o Codeçal e Bainharia e entre a ribeira e uma *alfurja* que do sitio onde esteve a *Porta da Vandoma*, vae ter ao convento de Santa Clara), mas a todas as mais casas e ruas (aliás becos) que com o andar dos tempos se foram fazendo a O., NO., N., NE. e E. do tal *burgo novo*.

D. Sancho I e D. Affonso II não gostaram de ver sumir-se e dissipar-se no luxo e em toda a qualidade dos mais mundanos vicios dos bispos do Porto e dos seus conegos, as grandes rendas provenientes dos direitos sobre os generos e fazendas importadas e exportadas pela barra do Porto, a que aquella santa gente chamava suas, e por varias vezes pretenderam pôr um dique, não só a este abuso, mas a toda a casta de extorsões praticadas pelos beleguins do bispo e do cabido; mas a influencia e o poder do clero eram n'esse tempo immensos, e apenas egualados pela sua ambição, e prepotencia. Nada pois poderam fazer.

D. Sancho II tomou a serio esta e outras delapidações do clero portuguez, e quiz, pelo menos, cerceal-as. Os bispos e o alto clero, que receiaram ver diminuir os seus rendimentos, tremeram de raiva, e vociferando, chorando e excommungando, tiveram a astucia de illudir varios *fidalgos* e algum povo, e, ajudados com todo o poder do papa, depozeram e excommungaram o rei, que foi morrer a Toledo.

Substituiu-o seu irmão, o conde de Bolonha (D. Affonso III) que, diga-se o que se disser, foi um bom rei, e cohonestou com as suas obras os meios pouco fraternaes e decentes porque subiu ao throno.

D. Affonso III era talhado de molde para luctar com os padres, oppondo razões a razões e sophismas a sophismas. De mais á mais possuia uma boa dóse de despotismo, que cresceu e se radicou com o seu incontestavel valor nos combates e sobretudo com a plena restauração do Algarve.

Pois mesmo assim, apesar de tudo isto, não se atreveu a arcar desassombradamente contra o bispo do Porto e seu cabido. Preferiu *levar a agua ao seu moinho* por meios mais moderados, e sem atacar nem destruir ostensivamente os pretendidos e mais que duvidosos *direitos* dos padres.

O seu plano (que foi optimo e sortiu bom effeito) era fundar na margem opposta do Douro uma cidade rival do Porto, ou, pelo menos, um emporio commercial importante.

Dando á nova villa muitos e grandes privilegios, para attrahir para alli moradores, ordenou que descarregassem na margem esquerda todas as embarcações que affluissem ao Porto, para assim lhe serem pagos os direitos. D. Diniz, D. Affonso IV e D. Pedro I, foram fazendo o mesmo, do que resultaram muitas desordens, conflictos, lamurias e demandas com os bispos do Porto, que se queixaram amargamente para Roma, pelo que choveram os *interdictos* e *excommunhões*; até que por fim a ambição episcopal ficou vencida pela influencia benefica d'aquelles reis, todos propriissimos para arrostarem com o poder clerical.

Com a restauração de Portugal do poder dos mouros, e com a paz, que poucas vezes e por pouco tempo foi alterada n'esses felizes tempos, se tinha desenvolvido prodigiosamente o commercio do Porto; pelo que seus bispos, que se apoderavam de todos os tributos e direitos, novos e velhos, do Porto, tinham chegado a um estado de riqueza e poderio, que fariam tremer ou-

tros reis que não fossem D. Affonso III e seus filhos, neto e bisneto.

A alfandega real, estabelecida logo em 1255, n'esta villa, e tornada ella a escala e ponto unico do commercio do Douro, a fez prosperar muito, chegando a ser rival do Porto.

—

Em 1322, tomou o principe D. Affonso (depois IV) a D. Diniz, seu pae, entre outros, o castello de Villa Nova de Gaia e a cidade do Porto.

—

Em 1336, reinando D. Affonso IV, veio sobre o Porto um exercito de castelhanos. A cidade não foi entrada pelo inimigo, graças á valorosa defeza dos seus habitantes e das tropas levantadas e organisadas pelo bispo D. Vasco, que afinal pozeram os sitiadores em vergonhosa fuga; mas todos os arrabaldes do Porto foram assolados pelo inimigo, e esta villa foi tambem por elles saqueada.

Quando D. João I se propôz dar cabo da guarida dos piratas africanos, que infestavam os nossos mares, incommodando o nosso commercio e roubando os nossos navios mercantes; se apresentou no Porto, seu filho, o immortal infante D. Henrique, (Vide Sagres) e d'esta cidade e de Villa Nova de Gaia lhe foram liberal e patrioticamente offerecidos muitos navios, tropas, munições e dinheiro.

O proprio infante se pôz á testa da esquadra e das tropas, que foi capitaneando até Lisboa, e Ceuta cahiu em poder dos portuguezes no glorioso dia 14 de agosto de 1415.

Em 1420 se desenvolveu aqui a peste, que matou muitos de seus habitantes.

No dia 27 de setembro de 1580, entrou n'esta villa D. Antonio I (o *prior do Crato*) á frente de uns 4:000 portuguezes fieis á sua patria. Este principe, vencido pela grande desproporção do numero, na ponte de Alcantara, junto a Lisboa, tinha retirado para o norte do reino, e obtendo em Coimbra soccorros de gente e munições, vinha em demanda do Porto, esperando achar no patriotismo de seus habitantes um poderoso auxiliar contra a usurpação de Filippe II.

Mas o Porto, esquecido então das suas gloriosas tradições, se tinha declarado a favor do usurpador. D. Antonio assentou o seu arraial em Villa Nova, e d'aqui mandou intimar a cidade do Porto para que se rendesse. Como seus habitantes se recusassem foi investida e tomada sem grande resistencia; mas o rei portuguez viu-se obrigado a abandonal-a logo, por ser perseguido pelo general castelhano D. Sancho de Avila, com um numeroso exercito.

D. Antonio dirigiu-se a Vianna e dalli embarcou para a França.

—

O dia 28 de dezembro de 1727 é de triste recordação para o Porto e Villa Nova, pelos grandes prejuizos que lhes causou uma das maiores enchentes do Douro, de que ha memoria. Além da gente morta e de muitos navios e barcos perdidos, teve esta villa muitos edificios destruidos, avaliando-se os prejuizos em alguns milhões de cruzados.

—

A instituição da *companhia geral dos vinhos do Alto Douro*, que provocou na cidade do Porto aquella fatal rebellião, do dia 23 de fevereiro de 1757, pela qual foram punidas com a pena de morte, de açoites, galés, confiscações de bens e degredo, 283 pessoas; essa instituição, digo, trouxe a esta villa uma nova era de prosperidade. Feita deposito geral dos vinhos do Douro, não só reassumiu em breve a importancia que perdêra pela transferencia da sua alfandega, para o Porto, mas ainda veio a adquirir maior trafico do que tivera, augmentando em edificios e crescendo de dia para dia em riqueza e população.

—

A 22 de fevereiro de 1785, outra enchente do Douro, ainda mais desastrosa do que a de 1727 (porque accresceu um medonho tufão do oeste) encheu Villa Nova (e o Porto) de ruinas, e o rio de destroços e naufragios. Estavam então ancorados no Douro 85 navios portuguezes e 33 estrangeiros, muitos dos quaes foram a pique ou despedaçados uns contra os outros. No Porto foram alagadas 18 ruas e mais de 1:000 casas.

Aqui foram a terra todas as casas e armazens situados na praia.

—

Em 1806 se fez a ponte de barcas que ligou esta villa com o Porto e deu passagem á estrada real de Lisboa para as provincias do Norte. Mas esta obra imperiosamente reclamada para utilidade publica, foi prejudicial a Villa Nova, porque, sendo até então aqui os grandes depositos de todas as mercadorias destinadas ás duas Beiras, evitando assim a passagem do rio, esses depositos, feita a ponte, se foram pouco a pouco mudando para o Porto.

Em 18 de junho de 1808, levantando a cidade do Porto o grito de independencia, os habitantes de Villa Nova accudiram logo, cheios de enthusiasmo, a alistar-se nos batalhões que o bispo do Porto á pressa organisava.

Este grito repercutiu por todo o reino, fazendo crear aos portuguezes novos brios, e imitando os valorosos *portuenses* e *gaienses*.

—

A 26 de março de 1809, o marechal Soult, á frente de um numeroso exercito, põe cêrco ao Porto, apenas defendido por pouca tropa e muitos guerrilhas, pelo que, no fim de 3 dias de obstinada, mas mal dirigida resistencia, os francezes entram na cidade a 29 d'esse mez, dia marcado para sempre como de luto nacional, porque, além das muitas pessoas de todo o sexo e edade que foram mortas ou atropeladas sob as patas dos cavallos e pelas cutiladas dos *bravos* francezes, morreram innumeraveis (calculam-se em 5:000) afogados na passagem da ponte, que tinha um dos alçapões levantados. (Vide Porto.)

Tambem foi desastrosa para esta villa a desgraçada guerra fratricida de 1833.

A occupação por mais de um anno das tropas realistas; os projectis lançados da Serra do Pilar e do Porto sobre esta villa, durante esse tempo; o incendio dos grandes armazens de vinho do Alto Douro (ordenado pelo conde de Almer, a 16 de agosto de 1833) causaram a esta villa enormes prejuizos.

A dissolução da *Companhia Geral dos Vinhos do Alto Douro*, decretada pelo governo liberal, tambem prejudicou muitissimo os habitantes de Villa Nova.

Os grandes e numerosos armazens alugados pela *Companhia*, faziam entrar annualmente n'esta villa muitas dezenas de contos de réis de rendas.

Havia proprietarios que não tinham outros rendimentos e eram ricos. Dissolvida a *Companhia* e desacreditados os *vinhos do Porto* pelas adulterações operadas por especuladores sem alma nem consciencia, a maior parte dos armazens ficaram vazios, desertos e improductivos.

—

Em 1834, foram alargados os limites d'este concelho, que até então eram muito estreitos, unindo-se-lhe a povoação de Gaia, que até então formava concelho independente e juntaram-se ao concelho de Villa Nova muitas e populosas freguezias, com o que está hoje um dos mais importantes municipios do reino.

Era tambem julgado, com juiz ordinario e mais justiças e empregados respectivos, que foi extincto pelo decreto de 24 de outubro de 1855, passando para uma das *varas* do Porto. (Faziam melhor se, quando dissolveram este julgado, formassem uma comarca nova na grande e bonita povoação dos Carvalhos, 10 kilometros ao S. de Villa Nova.)

—

Em 1842 se fez a bonita ponte pensil, que ligou Villa Nova ao Porto, e veio substituir a de barcas, que era preciso desmanchar em tempo de cheias.

Foi um grande melhoramento para Villa Nova e Porto em especial, e em geral para todo o reino.

—

Esta villa está na extremidade septentrional da provincia da Beira Alta, mas com a *raccional e scientifica divisão territorial* feita em 1834, se ficou chamando *provincia do Douro* a todo o territorio entre o Áve e o Mondego, e ainda muito ao sul d'este ultimo rio.

—

Tem esta villa uma só parochia, e já disse que a matriz (orago Santa Marinha) foi

edificada por D. Affonso III, em 1255, quando deu foral e fez villa a esta povoação. Posto que fosse modernamente reconstruida é um templo insignificante. (Tinham mais juizo os que o *reedificaram*, se o *construissem* em sitio mais proprio e bem escolhido, pois o actual é improprio e entre bêcos immundos.)

A villa propriamente dita, não tem nem um unico monumento notavel e tem apenas duas ruas, a *estrada rua*, que de Lisboa vem desembocar na ponte, e que se vae povoando vagarosamente, e a chamada (por escarneo) *Rua Direita*, que é estreita, ingreme, immunda e *tortissima*. Tudo o mais não passa de um labyrintho de bêcos, viellas, alfurjas e bitesgas. (Nunca aqui houve casa da camara, nem tribunal das audiencias do julgado, servindo-se os vereadores e juizes de casas alugadas. O mesmo está acontecendo com a administração do concelho, que tambem nunca teve edificio proprio. Custa a comprehender similhante miseria em uma das principaes villas de Portugal.)

Esta villa, que deve ser considerada como um bairro do Porto, que é muito commercial e que tem muitos proprietarios ricos, está dando o mais triste exemplo da incuria, desleixo ou ignorancia e incapacidade de todos quantos teem administrado os negocios do municipio. Ao passo que povoa ções muito mais insignificante (e sem as condições de prosperidade d'esta) teem progredido a olhos vistos, Villa Nova de Gaia conserva-se estacionaria! Não tinha um cemiterio, enterrando-se os cadaveres nos adros! (só agora construiram um, que se benzeu a 7 de junho de 1874.) Não tem um theatro, um passeio publico, uma assembléa (nem mesmo um *café!...*) uma typographia, nem nada que preste senão as suas recordações historicas. É a villa de ha cem annos: são os mesmos becos lamacentos e escuros (porque tem uma insignificante illuminação que não illumina) sem ar puro, sem uma praça, e, o que é mais! sem esperança de vir a ser uma povoação limpa, salubre e habitavel. Causa vergonha, este criminoso abandono! Villa Nova de Gaia era digna de melhor sorte.

No momento que estou escrevendo, anda ahi uma representação com grande numero de assignaturas, requerendo a passagem da villa, para um dos bairros do Porto, o que seria vantajoso para ambas estas povoações.

Ha no antigo *monte de S. Nicolau*, que depois se chamou *de Quebrantões* e ultimamente *Serra do Pilar*, um convento de frades cruzios. D'elle trato em artigo especial. (Vide Serra do Pilar.)

Ha na villa, e proximo ao rio, o convento (ainda habitado) de freiras dominicas, intitulado de *Corpus Christi*.

(Foi primeiramente de agostinhos e depois é que mudou para dominicas.)

Foi fundado em 1345 por D. Maria Mendes Petite, viuva de Estevão Coelho e mãe de Pedro Coelho, um dos assassinos de D. Ignez de Castro, ao qual D. Pedro I mandou arrancar o coração pelo peito, em Santarem, no dia 18 de janeiro de 1357. (Vide Germéllo.)

(Tinham assassinado D. Ignez de Castro em Coimbra, a 7 de janeiro de 1355.)

A Alvaro Gonçalves, seu cumplice, lhe foi no mesmo dia e logar arrancado o coração pelas costas. Tinham todos os tres assassinos fugido para Castella, mas o terceiro, Diogo Lopes Pacheco, passou de lá a França e assim escapou á barbara mas justa vingança, do rei, ou antes, ao justo castigo, de cobarde seu crime.

Os dois primeiros foram entregues a D. Pedro I, por seu sobrinho D. Pedro *cruel*, de Castella, dando-lhe em troca os traidores castelhanos que cá estavam fugidos, que eram D. Pedro Nunes de Gusmão, D. Mem Rodrigues Tenorio, D. Fernando Gudiel de Toledo e D. Fortão Sanches Calderon, a quem tambem o rei castelhano mandou matar, no meio de barbaros supplicios.

Quando D. Pedro Cruel, mandou prender os 3 assassinos de D. Ignez, tinha Pacheco sahido para a caça.

O rei mandou pôr guardas a todas as portas, para não sahir ninguem que levasse a noticia ao infame Pacheco; mas um mendigo pôde conseguir passar e o avisou. Elle fugiu para França vestido d'almocreve e no

meio d'outros almocreves. Perdoado depois por por D. Fernando I, regressou a Portugal. Diogo Lopes Pacheco, era filho de Lopo Fernandes Pacheco, Senhor de Ferreira d'Aves, cavalleiro extremrdo, um dos da *tavola redonda*, e um dos celebrados *Doze d'Inglaterra.*

(«*Vide da natureza o desconcerto* !»)

Diogo Lopes Pacheco, regressando a Portugal, tambem foi senhor de Ferreira d'Aves. Tendo aconselhado ao infante D. Diniz (filho da sua victima) a que não beijasse a mão de D. Leonor Telles de Menezes, mulher do rei, teve de fugir de novo para Castella.

D. João I, o tornou a chamar, e, tendo já Pacheco 80 annos de edade, ainda combateu valorosamente em Aljubarrota (14 d'agosto de 1385) com seus tres filhos, D. João Fernandes Pacheco (legitimo) e Lopo Fernandes e Fernão Lopes (bastardos) a favor de Portugal. Mas o primeiro de seus filhos (D. João) se passou depois para os castelhanos.

Por isto perderam os Pachecos o senhorio de Ferreira d'Aves, que passou a outros até que por fim veio a ser da casa dos duques de Cadaval.

D. Maria Mendes Petite, era muito rica, e o convento foi fundado nas proprias casas em que ella vivia, e a fundadora n'elle professou. O cabido da Sé do Porto quiz-se oppor á fundação d'este convento; mas as freiras recorreram ao papa Innocencio VI (que então estava em Avinhão.) e este lhe concedeu a licença, por bulla de 5 de março de 1353. Se esta senhora (a fundadora) foi mãe do cobarde assassino Pedro (ou Pero.) Coelho, tambem era avó de D. Leonora d'Alvim, mulher do inmortal dondestavel, D. Nuno Alvares Pereira, ambos progenitores de quasi todos as familias reaes da Europa e da do Brazil.

E' tambem progenitora do grande Nicolau Coelho, que com D. Vasco da Gama descobriu a India; sendo aquelle o commandante de uma das galés d'essa gloriosa esquadrilha, de D. Vasco da Gama.

—

Peço perdão aos meus leitores, d'esta divagação, e tornemos a Gaia.

—

O edificio das freiras dominicas, tem sido reedificado e ampliado por diversas vezes, algumas por ser destruido pelas cheias do Douro. Chegou a ter mais de 300 mulheres, entre freiras, seculares, recolhidas e criadas. Agora está a acabar.

—

Ha tambem a egreja do *Bom Jesus* de Gaia. É situada no monte d'este nome e serve d'auxiliar á matriz, por ser a freguezia muito extensa e populosa, para o que tem SS. e um padre encarregado pelo abbade para o substituir, quando for preciso.

Tambem no monte de Gaia ha a capella de S. Lourenço, fundada ha mais de 400 annos, por um papa, em cumprimento de certo voto, segundo a tradição. Em 1836 foi reparada e accrescentada.

Ha mais algumas capellas de pouco valor.

—

Não ha n'esta villa uma unica praça, servindo-lhe disso o vasto areal que se estende ao N. da povoação, á beira do rio. Era aqui que estava o *pelourinho*, que a cheia de 1822 derrubou e se não tornou a erguer.

Ha n'esta villa um *theatrito*, feito em um armazem, pelo sr. Antonio José da Costa Veiga, em 1856.

Tambem tem uma philarmonica, formada por artistas e operarios.

É terra muito abundante d'aguas, tendo umas 30 fontes. Uma d'ellas chamada *Fonte Santa*, foi analysada pelo doutor (medico) Antonio Francisco da Silva, em 1764, e diz que as suas aguas são semelhantes ás célebres aguas medicinaes de *Spa*.

Foi illuminada ao mesmo tempo que o Porto, por decreto de 5 de outubro de 1824, sendo consignado para essa despeza o imposto de 2 réis em cada arratel de carne de vacca e porco, e o rendimento da ponte de barcas.

—

Havia por aqui algumas antiguidades, que o tempo, as guerras, e ainda mais, o furor vandalico dos proprios portuguezes, destruiram completamente.

A mais notavel d'ellas, era o *castello de Gaia*, o *castrum antiquum* dos romanos, o *alcaçar*, *d'Alboazar*. (Vide Ancora, rio,) de

que não ha vestigios, nem mesmo se sabe com certeza o sitio onde era edificado.

Tambem já não existe a *capella de S. Marcos*, que ficava proximo e ao N. do dito castello, e que alguns escriptores pretendem fosse a Sé dos bispos de *Calle* (que nunca existiram.) Vide Calle.

—

O caminho de ferro do N. deve atravessar (para as kalendas gregas......) esta villa de O. a E. Actualmente, a estação principal provisoria é no sitio das *Devezas*, que é a 39.ª estação não comprehendendo n'este numero a de Lisboa—pois d'esta cidade até Gaia, ha 40 estações.

—

A pesar de tudo quanto tem concorrido para estorvar o engrandecimento e prosperidade d'esta villa, ainda ella é uma povoação muito industrial e commercial. Emprega grande unmero de pessoas no negocio dos vinhos, dos quaes contem constantemente em deposito uma quantidade nunca inferior a 60:000 pipas.

Nos seus estaleiros se construem annualmente muitos navios, não só para este porto, como para o Brazil.

Tem varias fabricas de louça de *faiança*, pó de pedra e azulejo. Tem uma fabrica de vidros, e tambem aqui se fabrica sabão, *zuarte*, e outros tecidos, cervaje, genebra e aguardente. Fabricam-se aqui muitos prégos e differentes artefactos de ferro. Alem de varias padarias de trigo e brôa, ha aqui uma fabrica mechanica, de moagem, pão de trigo e bolachas, do sr. Eugenio Ferreira Pinto Bastos, movida á vapor.

—

Apesar da sua antiguidade, não tinha esta villa brasão d'armas, por mais que as camaras municipaes d'aqui as tivessem, com justiça, requerido. Em 1850 porem, lhe foram ellas dadas, e foram assim compostas.

(Como tinha sido indicado pela camara, de que era então presidente, o sr. Authero Albano da Silveira Pinto.)

Um escudo partido: no lado direito sobre campo d'ouro (alludindo ao rio Douro.) *um castello antigo ameiado — no lado esquerdo, em campo de purpura, uma fortaleza com zimborio* (alludindo ao convento da Serra do Pilar) e no centro do escudo um estandarte azul cercado pela legenda — «MEIA VILLA DE GAIA»—(que são palavras do foral de D. Affonso III.) Sobre o escudo uma corôa mural, e por timbre, sahindo d'ella, um guerreiro armado, embocando uma bvzina (alludindo á lenda de D. Ramiro II de Leão) Vide Ancora.

O escudo é cercado com uma fita branca com a legenda em letras azues «NOME E RENOME» (alludindo ao nome que *Cale* deu ao reino de Portugal.)

Devemos confessar que, se a cousa não é muito bem combinada, segundo as regras d'*armaria*, pelo menos, o mais exigente rei d'armas, nada tem que lhe notar, quanto á abundancia (mesmo prodigalidade) de ornamentação.

Os arrabaldes de Villa Nova, são formosos, amenos e muito ferteis.

—

Havia aqui um convento de frades franciscanos, denominado de Santo Antonio do Valle Piedade, de menores reformados da provincia da Soledade.

Foi fundado pela camara e povo do Porto e Villa Nova, em 1569, e reedificado a primeira vez em 1680 e a segunda no seculo XVIII.

A camara e o povo fundaram este convento, porque até então havia aqui um *denso bosque*, onde homens e mulheres praticavam constantemente muitas deshonestidades pelo que se chamava *Val d'Amores*, e a gente séria queria acabar com este inmoral *rendez-vous*. Os liberaes incendiaram este convento no dia 17 de dezembro de 1832.

Em 1834, foi vendido ao sr. Antonio José de Castro e Silva, negociante da praça do Porto, a quem depois a senhora D. Maria II, fez *barão de Val d'Amores*; mas como esse titulo vinha recordar a antiga applicação do sitio (isto é—vinha a ser como se se dissesse *barão do Alcouce*) foi-lhe trocado, subindo o *agraciado* mais um furo, e vindo agora a ser *visconde de Val Piedade*.

A egreja foi transformada em um armazem de vinhos, e o convento é hoje uma bonita casa d'habitação.

Nos arredores d'esta villa ha muitas e bonitas quintas, sendo as melhores a de *Campo Bello*, em deliciosa situação, junto ao monte de Gaia e sobranceira ao Douro, com boa casa de residencia com sua torre ameiada. É dos herdeiros do sr. Alvaro Leite Pereira de Mello e Alvim, descendentes de D. Maria Mendes Petite, fundadora do convento de *Corpus Christi*.

A dos herdeiros do sr. Ricardo Browne, junto á villa. As outras dignas de mensão, vão nas freguezias onde são situadas.

—

Já disse que o *caminho de ferro do Norte* (se não houver ordem em contrario, o que parece provavel) hade cortar esta villa de O. a L.

Este caminho de ferro tem trez principaes *tunneis*, e d'estes o mais pequeno é o denominado da *Serra do Pilar*, que principia n'eta villa. Tem este tunnell d'extenção 425,^{m} 10—d'altura sobre o balastro 6.^{m}, e de largura 8.^{m} Atravessa a serra tambem de Oeste a Leste.

Gastaram-se 29 mezes na perfuração da montanha e na construcção do tunnell, principiando os trabalhos no primeiro de julho de 1861 e terminando no primeiro de dezembro de 1863. É todo formado em *rocha viva*, máis ou menos dura.

A direcção do tunnell, bem como da estrada em principio desde as *Devezas* (estação provisoria) até elle—onde ha uma bella ponte — Viaducto de boa cantaria, com 5 arcos, que custou bons contos de rs. e está em perigo d'hir a terra! — e do tunnel para ENE. (onde tambem ha uma linda ponte-viaducto) é para a Pedra Salgada, na margem esquerda do Douro, onde se devia fazer a magestosa ponte *tubular*, que atravesse o rio; mas que pelos modos já se não faz alli; perdendo-se todo o trabalho e algumas centenas de contos já gastos com este lanço de quasi 4 kilometros; onde tantas obras d'arte foi preciso fazer, que todas talvez fiquem para sempre inuteis (se ainda por cima não for preciso gastar muito dinheiro para se desfazerem, por estarem obstruindo este trato de terreno!)

Desde a sahida do tunnel até á *Pedra Salgada*, ha um espaço de 2:420 metros. Os trabalhos estavam d'este lado muito adiantados e das *Devêzas* até ao embocamento do tunnel (SO) quasi concluidas.

O risco da ponte sobre o rio Douro, é do sr. *Jaubert*, engenheiro chefe da construcção. É esbelto e grandioso.

Se se adoptasse o plano feito e cuja execução está (como se viu) tão adiantada, na margem opposta do rio (direita) percorreria o caminho de ferro uma extensão quasi egual á que medeia entre a *Pedra Salgada* e a bôca NE. do tunnel.

Desde a primeira ponte de que fallei (entre as *Devezas* e o principio do *tunnell*) começa um longo *desatêrro* por onde segue a via ferrea, quasi sempre em bastante profundidade até outra ponte mais pequena (tambem *viaducto*, que passa por cima da *Rua Direita*) e d'esta continúa tambem entre altas *trincheiras* até á entrada do *tunnell*. Perto d'esta entrada, a uns 40 ou 50 metros d'ella, atravessa a via ferrea a estrada da *Bandeira* (estrada real de Lisboa ao Porto) sobre uma bonita ponte, com um grande e largo arco, que toma toda a largura da via ferrea, e dois *meios arcos*, que se vão embeber nas altas trincheiras da mesma via. Esta ponte é de optima cantaria, tendo por guardas gradarias de ferro.

Esta ponte e a nova estrada real de *macadam* foram construidas pelo governo, em 1861, para serviço da *mala-posta* entre Lisboa, Porto e provinvias do Norte.

O concelho de Gaia é composto de 23 freguezias, todas no bispado do Porto, que são:—*Arcozêllo, Avintes, Canellas, Canidêllo, Crestuma, Grijó, Golpelhares, Guetim, Mafamude, Magdalena, Marinha (S. Felix da), Olival, Oliveira do Douro, Pedroso, Perosinho. Sandim, Seixezêllo, Sermonde, Serzêdo* (ou Cerzêdo), *Valladares, Villa Nova de Gaia, Villar d'Andorinho* e *Villar de Paraizo.*

GAIFAR— freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 30 kilometros O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É terra muito fertil.

É corrupção da palavra arabe *gafar*. (Vide *Gafanha.*)

O cabido da Sé de Braga apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis annuaes.

GAITA — portuguez antigo.—Dáva-se este nome á lampreia pela similhança que, pelos seus buracos, tem com uma *gaita*.

Em muitos prazos, de terreno das margens do Mondego, Douro, Lima e Minho, se impõe o fôro de certo numero de *gaitas*.

Por a lampreia ser saborosissima, quando algum guizado estava muito bom, dizia-se (e ainda se diz) «*Sabe que nem gaitas.*»

GALAFÚRA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Péso da Regoa, (foi do extincto concelho de Canellas, de cuja villa dista 8 kilometros a NE.) 85 a E. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 152 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O vigario de Goães apresentava o vigario, *ad nutum*, que tinha 150$000 réis annuaes.

Situada em terreno accidentado, proximo do ribeiro Coura, e 3 kilometros ao N. do Douro. O seu territorio produz optimo vinho d'embarque, excellentes laranjas, azeite, fructas, cereaes e legumes. Abunda em peixe do Douro e do Coura.

Foi antigamente da comarca e termo de Villa Real.

A freguezia de *Covellinhas* foi antigamente povoação d'esta freguezia, que se desmembrou para formar parochia independente.

GALAMARES — Vide Monserrate.

GALHARDOS (Casa dos) — a 1:500 metros ao NNE. de Castello de Vide, está aqui um *dolmen* celta. (Vide *Dolmen.*)

GALLEGO — portuguez antigo — ainda hoje usado para o N. É o gado de casta pequena ou magro; plantas de casta tambem pequena. Para evitar repetições, vide o que sobre isto fica dito em *Aldeia Gallega da Merceana.*

GALLEGOS — pequena villa extincta, na freguezia de Vallongueira, ou Valle de Nogueiras, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Real, 80 kilometros a NE. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 50 fogos, 200 almas.

Foi honra. El-rei D. Diniz, dormindo aqui (em 1300) uma noite, os moradores erigiram um arco de cantaria. O rei lhe deu n'esse anno foral, com grandes privilegios.

D. Manuel o confirmou no foral novo que lhe deu em Evora, a 12 de novembro de 1519.

Era uma das *beetrias* de Portugal.

GALLEGOS (Santa Maria de) — freguezia, Minho, camarca, concelho e 6 kilometros ao N. de Barcellos, 25 a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 89 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Encarnação.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Tem aguas sulphureas eguaes em tudo ás de Lijó (que ficam proximas) e superiores ás das Taipas em mineralisação, mas inferiores em calorisação. Foram analysadas em septembro de 1867 pelos srs, *dr. Pereira Caldas* (de Braga), *J. B. Schiappa d'Azevedo* e *F. G. Klass*, engenheiros de minas, por ordem do governo.

São muito efficazes para molestias herpeticas, ephelide e suas congeneres, applicadas externamente em banhos, e para doenças do estomago tomadas internamente.

Tem uma pequena casa com tinas de madeira para banhos, coisa muito insignificante.

De Barcellos póde ir-se de trem até estes banhos.

Para mais explicações vide *Lijó*.

—

É terra fertil.

Os descendentes de Pedro Lopes de Azevedo Pinheiro Pereira e Sá, senhor da casa d'Azevedo, apresentavam, *in solidum*, o abbade, que tinha 800$000 réis.

—

Ha aqui as ruinas de uma casa, que foi solar dos *Campos*.

Campos é um nobre appellido em Portugal. D. Affonso V lhe deu brazão d'armas em Portalegre, no anno de 1465.

GALLEGOS (S. Martinho de) — freguezia, Minho, comarca e concelho da Povoa de Lanhoso, 15 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o reitor, collado, por concurso, que tinha 80$000 réis annuaes.

Aqui viveu o conde e rico-homem D. Fafez Sarrazim, de Lanhoso, que morreu junto a Coimbra, pelejando pelo seu rei D. Garcia, contra D. Sancho, rei de Castella (1067). Succedeu-lhe seu filho, D. Godinho Fafez, fundador dos mosteiros de Fonte-Arcada e Muhia.

Já se vê que esta freguezia é mais antiga do que a monarchia portugueza.

GALLEGOS — freguezia, Minho, comarca, concelho e 6 kilometros ao N. de Barcellos, 20 ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 64 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

O sacro collegio patriarchal e o vigario de Salvador, de Fonte-Coberta, apresentavam dois vigarios collados, que parochiavam ás semanas, alternativamente, com a matriz de Fonte-Coberta. Tinha cada um d'estes vigarios 100$000 réis.

GALLEGOS — freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 35 kilometros ao NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 208 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O abbade era apresentado alternativamente pelo papa, do bispo do Porto e D. abbade benedictino do mosteiro de Paço de Sousa. Tinha 300$000 réis de rendimento.

Foi *honra* e era uma das *beetrias* do reino (vide esta palavra). A honra era sujeita á de Lourêdo.

Foi do concelho de Aguiar de Sousa.

É terra fertil.

GALLÉS — vide Santo Estevão das Gallés.

GALLINHEIRA — monte do Minho, na comarca de Villa Verde. É um ramo da *Serra Amarella*. Tem lobos, javalís e caça miuda.

GALLISTÊU — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 18 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa, 47 fogos, em 1757.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O prior de Vide d'Entre as Vinhas, apresentava o cura, que tinha 24$000 réis e o pé d'altar.

Esta freguezia foi supprimida. Está encorporada á freguezia de Nossa Senhora da Annunciação, de Vide. Vide *Vide*.

GALLÍZES — freguezia, Douro, concelho de Oliveira do Hospital, comarca da Tábua, 54 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 70 fogos em 1757.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É terra fertil.

O prior de Nogueira do Cravo, apresentava o cura, que tinha 26$000 reis annuaes.

Esta freguezia está desde o fim do seculo XVIII annexa á de Nossa Senhora da Expectação, de Nogueira do Cravo.

GALVEIAS — villa, Alemtejo, comarca da Fronteira, concelho de Ponte de Sôr, 12 kilometros de Aviz, 60 d'Evora, 54 de Portalegre, 144 a E. de Lisboa, 380 fogos, 1:500 almas.

Em 1757 tinha 313 fogos.

Orago S. Lourenço, martyr.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Portalegre.

A Mesa da Consciencia apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada e 20$000 réis em dinheiro.

Feira a 7 de janeiro, tres dias.

Situada na encosta de uma collina de bonita apparencia. Do alto, onde está a egreja matriz, se descobre um vasto e aprasivel

horisonte, e ao sopé um extenso valle, ornado de grandes larangeiras, limoeiros e outras arvores de fructo, hortas e campos.

Foi fundada por D. fr. Lourenço Affonso, mestre da Ordem de Aviz, em 1342, e ampliada por D. Jorge d'Alencastre, filho natural de D. João II (e que o pae tentou collocar no throno portuguez, por sua morte, ao que a rainha e a côrte se oppozeram) em 1425.

O seu primeiro nome foi *Villa Nova do Laranjal*. D. João III lhe deu o titulo de villa, em 1538, tomando então o nome actual. Dizem alguns que D. Manuel lhe tinha dado foral em 1517, que D. João III confirmou por outro em que a fez villa, no dito anno de 1538; mas Franklim não traz nenhum d'estes foraes, e diz que está incluido no foral d'Aviz.

Seu territorio é fertil em vinho, azeite, fructas, gado, colmeias e muita caça. Produz tambem cereaes, mas não em grande abundancia.

Tem conde. O 1.º conde das Galveias foi D. Diniz de Mello e Castro, feito por D. Pedro II, em 10 de novembro de 1691. Era D. Diniz terceiro filho de D. Jeronymo de Mello e Castro e de D. Maria Josepha Côrte Real, ambos de nobilissimas familias.

Na acclamação de D. João IV, passou D. Diniz de Mello e Castro a servir na provincia do Alemtejo, com o conde de Vimioso; e, apesar de não ter mais de 16 annos de edade, se fazia respeitar de seus superiores.

Cento e onze vezes combateu contra os castelhanos, sendo 22 vezes ferido, mas sahindo sempre vencedor.

As maiores batalhas em que se achou, foram: — Montijo, S. Miguel, Linhas d'Elvas, Ameixial, e Montes Claros. Na 1.ª, soldado; na 2.ª e 3.ª, tenente general de cavallaria, e general d'ella, na 4.ª e 5.ª

D. Pedro II o fez conselheiro d'estado e governador das armas do Alemtejo, quando já contava mais de 80 annos de edade.

As suas duas façanhas militares, foram a tomada das praças de Albuquerque (Extremadura hespanhola) e Vallença do Minho.

Falleceu em Lisboa, em 18 de janeiro de 1709, com 85 annos de edade. Foi sepultado na capella-mór dos eremitas de S. Paulo.

As armas d'esta familia são: — escudo partido — no primeiro, em campo de prata, seis arruelas azues (que são as armas dos Castros, de D. Ignez), e no segundo, de púrpura, seis besantes de prata, entre uma doble cruz, e uma bordadura de ouro. (Estas são as armas dos Mellos).

GAMELLAS — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de S. João da Pesqueira, 80 kilometros de Viseu, 360 ao N. de Lisboa, 60 fogos em 1757.

Orago S. Sebastião.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O reitor de S. Pedro, de Pinhel, apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia é a actual chamada do *Pereiro*. Vide Pereiro, do concelho da Pesqueira.

GAMÍDE — villa extincta, Minho, comarca e concelho de Braga, 360 kilometros ao N. de Lisboa, 50 fogos, 200 almas.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi couto, com juiz e mais justiças, e escrivães proprios. Tudo isto foi extincto ha muitos annos.

GAMÍL — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 12 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 55 fogos.

Em 1757 tinha 49 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Diz-se que o seu nome é corrupção do arabe *gomía* — arma de arremesso — especie de faca de matto. D'aqui *gomiáda*, golpe dado com *gomía*. Outros pretendem que seja derivado de *gamo*, e que *gamil* vem a ser — sitio onde *ha muitos gamos*.

As religiosas franciscanas de Valle de Pereiras (proximo a Ponte de Lima) apresentavam o vigario, que tinha 40$000 réis.

Sendo abbade de Gamil, Estevão Ferreira (da casa de Cavalleiros) deu este padroado e abbadia áquellas freiras, em recompensa d'ellas lhe admittirem no seu convento duas filhas suas, do abbade.

GANDARA—freguezia, Minho, comarca de Barcellos, concelho de Espózende, 30 kilometros ao O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 48 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É perto da costa do Oceano.

O cabido da Sé de Braga apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis.

GANDARA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vallença, 54 kilometros a ONO. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 219 fogos.

Orago S. Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É terra muito fertil, sobre a margem esquerda do rio Minho.

A mitra apresentava o abbade, collado, que tinha 600$000 réis annuaes.

Foi couto, que a rainha D. Thereza e seu filho D. Affonso Henriques, deram, com a egreja, á Sé de Tuy, sendo bispo D. Affonso, em 3 de setembro de 1125.

É tradição (quanto a mim inverosimil) que Diómedes, depois da guerra de Troia (1:084 annos antes de Jesus Christo) entrára pela foz do rio Minho, e veio edificar n'estes sitios, a cidade de Tide (em memoria de Tideu.) Faria e Sousa diz que esta cidade é a *Tuy Velha*, a que hoje se chama *Tuide*, e é um logar d'esta freguezia da Gandara. O que é certo é não haver por aqui vestigio de similhante cidade; por isso não é acreditavel a opinião de Faria e Sousa, que, decerto, teve más informações.

O que ha aqui proximo, mas já na freguezia de S. Pedro da Torre, são vestigios de fortificações antigas, que demonstram ter sido arrasadas. Vide Torre (S. Pedro da).

GANDARA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 30 kilometros ao O. de Braga, 384 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 135 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

As religiosas de Sant'Anna, de Vianna, apresentavam o vigario perpetuo, que tinha 150$000 réis annuaes.

Foi primeiro abbadia, que os freguezes apresentavam.

Na *Coutada dos Viscondes* (de Villa Nova da Cerveira) ha um *olho marinho*, que dizem sorver tudo quanto se lhe lança. (Vide Cadima e Fervença.)

Esta parochia é uma das mais antigas de Portugal, pois já existia como tal, pelos annos de 560. Theodomiro, rei dos suevos, a deu, com outras mais do Minho, n'esse anno, á Sé de Tuy. (O bispado de Tuy chegava então até á margem direita do Lima, e comprehendia esta freguezia. Então o seu orago era o Salvador.)

A sua egreja foi reedificada por D. Mafalda, mulher de D. Affonso I de Portugal, pelos annos de 1160. Dizem outros que a reedificou a rainha Santa Mafalda, filha de D. Sancho I, no seculo XIII, mas é engano.

É terra muito fertil. Gado e caça.

Ha aqui uma capella muito antiga, dedicada a S. Sebastião. Conta-se a seu respeito a tradição seguinte: Um rapaz pobre, chamado Martim Rodrigues de Lima, tirou da caixa das esmolas da capella, 18 réis. Por essa occasião (1511) se enforcou um ladrão, e muitos disseram que se havia de fazer o mesmo ao ladrão das offertas de S. Sebastião. O rapazito, ouvindo isto, fugiu, e foi ter á India. Lá, chegou a ser riquissimo, e mandou dinheiro para restaurar a capella, e para n'ella se dizer missa diaria, de boa esmola. Mandou tambem um grande legado á Misericordia da villa, com a condição de dar um quartilho de vinho e um pão alvo, a cada morador d'esta freguezia, em 20 de janeiro de cada anno; e em maio 14 alqueires de milho, aos parentes do doador.

GANDARA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Oliveira de Azemeis, 36 kilometros ao S. do Porto, 275 ao N. de Lisboa, 330 fogos.

Em 1757 tinha 262 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

E' terra fertil.

Esta freguezia é povoada desde tempos remotissimos, e ha aqui a aldeia do Crasto, cujo nome procede de um *castro* (talvez *carn*) que aqui houve e de que ainda se vêem os alicerces. Perto d'elle havia uma *mâmoa* celtica (que o vulgo chamava *Mama do Gato*) mas já na freguezia de Cucujães (vide esta palavra). E' tradição que ao tal crasto ou castello, se dava o nome de *Castro Trancal* ou *Troncal*.

A mitra apresentava o reitor, collado, que tinha 300$000 réis aunuaes.

GANDARA — freguezia, Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes, 24 kilometros ao NE. do Porto, 325 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 190 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

E' terra fertil.

O papa e o bailio de Leça, com seis mezes cada um, apresentavam o abbade, que tinha 250$000 réis annuaes.

Ha em Portugal mais 100 aldeias com o nome de *Gândara*, *Gandra* e *Gândaras*, mas nenhuma tem cousa notavel.

GANDARELLA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 58 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

E' terra fertil.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 150$000 réis annuaes.

Gandarella é diminutivo de *Gandara*. Ha tambem em Portugal 35 aldeias chamadas *Gandarella* e *Gandarellas*, mas não têem cousa digna de especial menção.

GANDARINHA—bonita aldeia, Douro, freguezia do Couto de Cucujães, comarca, concelho e 4 kilometros a ONO. de Oliveira de Azemeis, 10 a SE. da Feira, 30 ao S. do Porto, 285 ao N. de Lisboa e 10 a E. d'Ovar.

No centro da aldeia ha um bonito terreiro e n'elle a capella de S. Sebastião. O lado septentrional d'este terreiro é limitado pela quinta e magnifica casa do sr. Sebastião Pinto Leite, feito visconde da Gandarinha, em 1870.

Uns 200 metros abaixo da Gandarinha (ao NE.) está a sumptuosa casa, jardins e bella quinta do *Buraco*, que vae no logar competente.

GANFEI—freguezia, Minho, comarca, concelho, proximo e ao NE. de Vallença, 60 kilometros ao ONO. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757 tinha 361 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi couto.

Grande e antiquissimo convento de frades bentos. Dizem uns escriptores que o fundou S. Martinho de Dume, outros que seu successor, S. Fructuoso. É certo que em 691 já estava fundado havia annos. Em 997, Almançor, bravo mas feroz rei mouro de Cordova, o destruiu. Foi reedificado por D. Ganfrido ou Ganfei ou Gaifeiros (francez) em 1018. Este Ganfei aqui se metteu frade e foi santo.

O seu primeiro titulo era *Convento do Salvador*, depois, em attenção ao seu reedificador, lhe deram a invocação de *S. Ganfei*.

Em redor do convento se foram (como era costume) edificando casas e formando a população, que constituiu depois freguezia com o nome de S. Ganfei.

Este convento foi vendido depois de 1834.

É hoje propriedade do sr. dr. Antonio Xavier Torres e Silva, sobrinho do fallecido 2.º barão de S. Roque, e primo do sr. dr. José Joaquim de Oliveira Torres, 3.º barão de S. Roque. (Vide Caminha.)

O D. abbade benedictino do mosteiro d'esta freguezia, apresentava triennalmente o vigario (regular) que tinha 70$000 réis.

—

N'esta freguezia, na aldeia de *Tardinhade*, (onde ha uma capella da sua invocação, e com reliquias d'elle) nasceu o grande S. Theotonio, 1.º prior de Santa Cruz de Coimbra, e amigo querido do nosso D. Affonso I. Morreu em Coimbra, a 18 de fevereiro de 1162.

Esta freguezia fica na margem esquerda do rio Minho, em terreno levemente accidentado e em formosa situação. D'aqui se vêem Vallença, varias serras e campos de Portugal, o rio Minho, a cidade gallega de Tuy, e varias serras e povoações da Galliza.

É fertil em cereaes, fructas, hortaliças, vinho e gado. Muito e optimo peixe. (Vide Villar).

Este convento ajudou, com as suas rendas, a povoar Vallença, e fundou a egreja de Santa Maria dos Anjos e a de Cristéllo. Os reis o favoreceram com outras rendas, e D. Affonso II lhe deixou a sua prata lavrada, para que os monges lhe encommendassem a alma a Deus.

O infante D. Pedro, conde de Barcellos, aqui viveu quatro annos, no tempo das guerras com Galliza, reedificando então o mosteiro.

Passou á commendatarios, e por bulla de Pio V (que governou a egreja de Deus, desde 1563 até 1572) tornou á congregação benedictina, contra vontade do marquez de Villa Real, que queria que lhe pertencesse o padroado. Para o socegarem lhe deram algumas outras apresentações.

Tinha este mosteiro quatro coutos, que eram — *Ganfei, Torreiras, Villarinho* e *Rebordões*; que tinham sido supprimidos já antes de 1834.

O mosteiro tinha muitos e bons prasos em Coura, Vallença, Sanfins e Monção. Tinha uma vida para apresentarem Insalde e Cerdal.

A capella de Nossa Senhora do Pharo, era d'este mosteiro, (chama-se do *Pharo*, por ter alli havido um *facho*). Havia n'esta capella uns grilhões, que, segundo a tradição, eram de um christão, captivo na Barberia, o qual por intercessão d'esta senhora, se achou em uma noite á porta da capella, preso com os mesmos grilhões.

Tem tambem a capella de S. Vicente, junto á *Caxaría*.

GARDINGO — os godos davam este nome aos filhos da primeira nobreza, os quaes serviam em palacio, até que a edade lhes désse logar ao condado ou ducado. Depois se chamou *gardingo* ao guarda-mór. Ricome, porém, diz que *gardingo* era superior ao *tyufado* e immediato ao duque e conde.

GARDUNHA ou **GARDUNIA** — (portuguez antigo) teixugo: animal bem conhecido.

Ha em Portugal varias serras com este nome, sendo a maior na Beira Baixa, e um ramo da *Estrella*. Ha tambem alguns logares com este nome.

No concelho de Paiva (freguezia do Paraizo) ao fundo do logar de Serradéllo, passa o pequeno ribeiro da *Gardunha*, e no seu leito ha uma mina de cobre. Nas suas pedreiras, que são exclusivamente de schisto, apparecem muitas *impressões*, sobretudo fosseis de conchas bivalves.

GARFE — freguezia, Minho, comarca e concelho da Põvoa de Lanhoso, 18 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 194 fogos.

Orago S. Cosme e S. Damião.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

E' terra fertil.

A mitra apresentava o reitor que tinha 150$000 réis annuaes.

GARÍTO — portuguez antigo — Casa de jogo; e d'aqui *gariteiro* ao que a dá. Hoje em estylo chulo, diz-se *casa de batota* e *batoteiro*.

GARRIOSO — portuguez antigo — *divertido, alegre, garrido, enfeitado*, etc.

GARULHA — portuguez antigo — *carócha* (insecto). Tambem diziam *carulha*.

GARVÃO — villa, Alemtejo, comarca d'Almodovar, concelho d'Ourique, d'onde dista 12 kilometros para O., 95 d'Evora, 135 a E. de Lisboa, junto á estrada real qne communica com o Algarve, 160 fogos, 640 almas. Em 1757 tinha 124 fogos.

Orago Nossa Senhora d'Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mesa da consciencia apresentava o prior, que tinha 240 alqueires de trigo, 120 de cevada e 12$000 réis em dinheiro, annualmente.

Feira a 10 de maio, 3 dias.

Alguns escrevem *Gravão*. É a palavra *Gorabon*, que significa *corvo*.

É povoação pequena, mas muito antiga. É provavel que fosse fundada pelos mouros, que lhe deram o nome que ainda conserva; porém alguns dizem que a fundaram os cavalleiros da Ordem de S. Thiago, no reinado de D. Affonso I, ahi pelos annos 1150.

Supponho que estes, achando-a abandonada, a povoaram. É certo que o seu primeiro foral lhe foi dado pelo grande D. *Paio Peres Correia*, mestre da ordem de S. Thiago, em Alcacer do Sal, em fevereiro de 1268, dando-lhe então o titulo de villa. Era commendador de Mértola *D. Jaão Raymundo*.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.° de julho de 1512, dando-lhe novos e maiores privilegios.

—

Ha todas as razões para acreditar que esta villa é muito mais antiga do que a monarchia portugueza; porque desde os primeiros tempos d'ella que *Garvão* era povoação importante, pois tinha a prerogativa de enviar procuradores ás côrtes, os quaes tinham assento no banco 14.°

Era antigamente muito maior e muito mais populosa do que hoje, do que ha vestigios, além do que está escripto e da tradição.

Tem Misericordia e hospital.

Ainda conserva a sua antiga casa da camara e pelourinho.

Tem 3 capellas (Espirito Santo, S. Pedro e S. Sebastião).

O seu territorio é muito fertil em cereaes, legumes e fructas; cria-se n'elle muito gado, especialmente suino, e muita caça.

O seu brazão d'armas é um escudo de prata, com uma arvore verde, e na parte superior duas cruzes de púrpura, da Ordem de S. Thiago, uma de cada lado da arvore.

GASCO ou **GASCÃO**—Vide *Normão*.

GATÃO — freguezia, Douro, comarca e concelho d'Amarante, 48 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Foi villa.

É o seu nome corrupção da palavra arabe *Càtton*, o gato, animal domestico bem conhecido. Vem pois a ser — *povoação do gato*.

Outros dizem que o nome lhe provém de D. Gatão, conde e senhor d'esta freguezia; o que povoou Astorga, em tempo da restauração d'esta cidade do poder dos mouros. Era descendente do rei gôdo Flavio Egica. Fundou muitas egrejas em Portugal.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 500$000 réis annuaes.

É terra fertil.

A freguezia de Villa Garcia esteve annexa a esta freguezia de Gatão.

GATEIRA — freguezia, Beira Baixa, foi da comarca da Meda, concelho de Marialva, (hoje é da comarca e concelho de Villa Nova de Foz-Côa), 63 kilometros de Lamego, 345 ao NE. de Lisboa, 30 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Orago a Santissima Trindade.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O abbade de Marialva apresentava o cura, que tinha 6$600 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi supprimida no fim do seculo passado, e está annexa á de Marialva, formando uma só e mesma freguezia.

GATÊNHO — portuguez antigo — coisa infructifera, esteril, de monte ou de pousio. Tambem se dá este nome a uma especie de tojo.

GATIM — Vide *Parada de Gatim*.

GATÕES — freguezia, Douro, comarca e concelho de Monte-Mór-Velho, 24 kilometros a O. de Coimbra, 144 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago Nossa Senhora das Virtudes.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

A abbadessa de Santa Clara, de Coimbra, apresentava o cura, que tinha 27$000 réis e o pé d'altar.

Tem a mesma etymologia de *Gattão*, mas no plural. Foi villa.

É terra fertil.

GATÕES — Vide *Seixo de Gatões.*

GÁVE ou **GÁVIA** — freguezia, Minho, comarca de Monção, concelho de Valladares até 1855, e desde então comarca e concelho de Melgaço, 60 kilometros a NO. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Situada em terreno accidentado, proximo da margem esquerda do rio *Mouro.*

E' terra fertil.

O *Portugal Sacro e Profano* não traz esta freguezia.

O reitor de Riba de Mouro apresentava o cura, que tinha os *benesses.*

GAVIÃO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros a O. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis annuaes.

É terra fertil.

GAVIÃO — villa, Alemtejo, comarca de Niza, 30 kilometros a NO. do Crato, 190 a E. de Lisboa, 410 fogos, 1:600 almas. E' cabeça de concelho com 1:200 fogos.

Em 1757 tinha 262 fogos, a freguezia.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Patriarchado, (grão-priorado do Crato) districto administrativo de Portalegre.

Era uma das 12 villas do grão-priorado do Crato.

O grão-prior do Crato apresentava o reitor, que tinha 120 alqueires de trigo, 40 alqueires de centeio, 25 almudes de vinho crú, 1 1/2 cantaro de azeite e 6$000 réis em dinheiro.

Feira a 24 de setembro, 3 dias. É terra muito fertil em cereaes.

E' povoação antiquissima. Alguns sustentam que foi aqui a *Fraginum* ou *Fraxinum* dos romanos. Outros dizem que *Fraginum* é a actual villa de *Alpalhão.*

D. Manuel lhe deu foral em Evora, a 23 de novembro de 1519.

—

A 5 kilometros d'esta villa (ao O.) e ao S. do Tejo, em frente da povoação de Torres de Belver, que fica uns 3 kilometros ao N. do rio, nasce uma fonte, chamada *Fedegosa,* ou *Fedegosa do Pêso de Belver,* tão proxima do rio, que com qualquer enchente fica coberta.

Brota por entre penhascos, na quantidade de uma telha d'agua. É fria, crystalina, e comcheiro proprio das aguas hepatiasadas, sulphureas, e tão activo que se sente a distancia. Tem gosto nauseabundo, e por onde passa, deixa lôdo, que, depois de sêcco, arde como enxofre.

As analyses tem mostrado que estas aguas são verdadeiramente sulphureas, mineralisadas com o gaz hydrogenio sulphurado e oxido de ferro.

Havendo cuidado no engarrafamento, conservam-se por tempo indeterminado, sem perderem nenhuma das suas virtudes therapeuticas.

—

O concelho de Gavião é composto de 6 freguezias. No priorado do Crato (patriarchado) — *Amieira, Atalaia, Commenda* e *Gavião.*

E no bispado de Portalegre — *Margem* e *Longo-mel* — e *Villa-Flor.*

GAVIÃO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa-Flor, no arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Já não existe esta freguezia e está ha muitos annos annexa á do Seixo. (Vide *Seixo*).

GAVIARA — vide Gabiarra.

GAVIEIRA — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez (foi do concelho de Suajo) situada na serra do seu nome (ou Gabiarra) 54 kilometros ao NO. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 107 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É terra montanhosa, pobre e pouco fertil. Muito gado e colmeias, e caça grossa e miuda.

O abbade de S. Martinho de Suajo, apre-

sentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Ha por aqui aguias, guinchos e bufos. Nas sua intrincadas mattas, ha boas madeiras; mas de difficil conducção, pela falta de estradas e alcantilado do sitio.

É nos limites d'esta freguezia o famoso pico da Gabiarra, que tem 2:467 metros (segundo *Balbi*) e é a maior elevação de Portugal.

GAZÚ—portuguez antigo, matança, carnificina.

GAZÚA—portuguez antigo (do arabe) chamar gente para a guerra, appellidar, convocar. *Tocar a gazúa* póde entender-se por *tocar a rebate*. Tambem significa, reunião de tropas.

Ha na villa de Villela (comarca de Coimbra) uma fonte chamada *da Gazúa*.

GAYEIRAS—entre as villas de Obidos e Caldas da Rainha, está a nascente d'aguas mineraes das *Gayeiras* ou *Gaeiras*, junto á quinta d'este nome, em *Valle de Flores*, no centro de um bosque. (Vid. tom. 2.º, pag. 40, col. 2.ª)

Estas agnas são do mesma natureza das das Caldas da Rainha, e muito abundantes.

Analysadas em Paris, na Exposição Universal de 1867, deram o seguinte resultado:

Contem porkilogramma 0,gr.00867 d'acido sulphydrico e 2, gr. 2766 de principios fixos. Sua temperatura é de 32,8c., sendo a do ar exterior 23º.

GEBELIM—freguezia, Tras-os-Montes, comarca e concelho de Chacim até 1855, e desde então concelho de Alfandega da Fé, comarca de Moncorvo. 420 kilometros ao N. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1757 tinha 104 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O nome d'esta freguezia é corrupção da palavra arabe, *Jabalain*, significa, *dois montes*. Deriva-se de *jabalon* (o monte.)

O abbade de Chacim, apresentava o vigario, que tinha 8$000 reis de congrua e o pé d'altar.

GEIRA—portuguez antigo. Havia *geira de campo* e *geira de vinha*. Aquella levava 4 alqueires de centeio de semeadura e esta era a terra que 50 homens podiam cavar em um dia.

No *Campo de Coimbra*, a *geira*, são 60 *aguilhadas* de comprido e 12 de largo. Cada aguilhada anda por dois metros. Havia tambem *meias geiras* e *quartos de geira*. Chamava-se *geirom* ao que pagava geiras.

Nos foraes e emprasamentos se dá o nome de *geira d'homem*, ao dia que o caseiro era obrigado a dar ao senhorio, e *geira de bois*, ao serviço de um dia que o caseiro era obrigado a dar ao mesmo senhorio, com uma junta de bois. Na descripção dos fóros, que se impunham aos colonos, caseiros ou emphiteutas se designavam as geiras d'homem ou de bois que cada um era obrigado a dar aos directos senhores.

O decreto de 16 de maio de 1832, extinguiu os tributos pessoaes, e fez bem.

GEIRA—De *Brachara Augusta* (Braga) sahiam 5 *vias militares romanas*, para differentes pontos da provincia. O imperador Vespasiano as mandou construir pelos annos 75 de Jesus Christo, ou, segundo outros, as concluiu.

Segundo as inscripções de alguns *marcos milliares* da Geira, esta estrada já era antiga no tempo de Vespasiano. Elle a reconstruiu e ampliou, e ao que elle mandou fazer se chamava *Via Nova*.

A chamada da *Geira* ou *Geiria*, que tomava o rumo de NO., atravessava varias freguezias do Minho, tendo na freguezia de S. Thomé de *Perozêllo* uma robusta ponte de cantaria, de 12 arcos, obra magestosa (ainda muito bem conservada.) Atravessava varias serras, sendo a principal o *Gerez* e se dirigia a *Orense* (Hespanha) e d'ahi até Astorga, no comprimento de 240 kilometros.

Esta via militar, da qual, além de muitos *marcos miliares*, ainda ha por muita parte admiraveis vestigios (e até lanços do seu pavimento!) é notavel pela aspereza dos leitos por onde passa. Ora são bosques seculares, ora planicies, ora medonhos precipicios. Em algumas partes tem pontos de vista bellissimos. O seu leito foi preservado das aguas por *valêtas* (muitas vezes, cavadas na rocha *viva*) e é muito suave, porque, onde haviam

grandes declives, se fizeram bem imaginadas *voltas* e rodeios. (Lacêtes.)

Todos os rios e ribeiros que a atravessam teem robustas pontes de cantaria, a maior parte das quaes ainda estão em bom estado, apesar dos seus mil e oitocentos annos de existencia.

Grossos e solidos paredões e contrafortes, foram construidos nos despenhadeiros, alguns de grande altura, e que ainda estão attestando á posteridade o dispendio, a segurança e até o luxo com que foram feitos.

De milha em milha estava um padrão (marco *miliar*) com a numeração das milhas (a contar de Braga) e todos com inscripções dedicadas aos imperadores, consules e outros cavalleiros romanos.

Logo á sahida de Braga, passa sobre a ponte *do Porto*, obra soberba dos romanos e entra por o concelho de Amares e por cima da freguezia de Dornellas, segue ás freguezias de Santa Cruz, S. João da Balança, Chorense, Moimenta, Villar, Travassos, Chamoim, passa aos logares de Felgueiras, Santa Comba, Padroz, hindo sahir ao Bico (onde hoje está a bella ponte ha pouco construinda) e d'ahi passa á freguezia de Covide, cortando aqui a *Veiga de Santa Eufemia*, e passando pelos montes visinhos da antiga cidade de *Calcedonia* (que já não existe) vae á freguezia de S. João do Campo, aqui atravessava o rio Homem pelá ponte de *Rodas* (ou de *Eixões*) tambem obra romana; mas reedificada depois, conservando da primittiva só a base—corta a veiga, direita á *Casa da Guarda*. (Vide Campo do Gerez) e vae á freguezia de Villarinho, ultima d'este reino que a Geira atravessa. Na freguezia de Villarinho passa aos sitios chamados Berbezes, Bico da Geira, Volta do Covo, Ponte do Arco, Ponte de Monção, Ponte de Albergaria e Ponte de S. Miguel (tudo pontes da Geira.)

Note-se que da Volta do Covo até ao extremo, que pelos *padrões romanos* (marcos milliares) são duas milhas (4:000 metros) passa a Geira quatro vezes o rio, onde principia, e toma o nome de *Homem*. Havia pois 4 pontes, uma de 3 arcos e as mais de 1. Todas eram de bella architectura romana, de excellente pedraria, assentada sobre betume, sahindo para sua guarda, dos lados do rio, fortissimos muros de pedra lavrada de almofadas, tudo com luxo e segurança, e do meio d'estes muros sahia a obra de *esquadría*, que eram os arcos das pontes. Todos estes primores de architectura ainda hoje existiriam, se na guerra da restauração o povo d'aqui não cortassé as pontes, em 1642, para tolher o passo aos castelhanos. Nunca mais se reedificaram.

Pouco adiante da *Portella do Homem*, na raia da Galliza, se mette em Hespanha na freguezia do Valle. D'aqui seguia para a cidade de Orense e d'alli a Astorga. D'esta ultima cidade se dirigia aos Alpes, atravessava a França e terminava em Roma.

—

A maior parte dos *marcos milliares* foram destruidos ou roubados pelos povos. Dos que estavam mais proximos de Braga, mandou o arcebispo D. Diogo de Sousa recolher todos os que poude haver, para aquella cidade, collocando-os no *Campo de Sant'Anna*; mas depois foram mudados para as *Carvalheiras*, onde estão.

(Vide Braga.)

Foi o arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, que em 1723, achando alguns d'elles cahidos, os mandou erguer, fazendo-se-lhes bons alicerces e pilares. Eram ao todo 12, mas um estava no jardim dos arcebispos, partido: mesmo assim foi collocado ao pé dos outros, apesar de cada bocado ser de seu sitio, como se vê do resto da inscripção, pois um d'elles é do imperador Antonio Baciano e o outro de seu filho Antonino.

Ainda, apesar de tudo, existem varios *padrões* em differentes pontos por onde passava esta *via militar*, que vão descriptos nas freguezias onde existem ou existiram.

De um que está na *Portella do Homem* se póde colligir que a *Geira* foi construida pelo imperador Vespasiano, assistindo á obra os seus pretores Gayo Calpetano, Rancio Quirinal e Valerio Festo; porém temos memorias escriptas, e (como já disse) inscripções de varios *marcos milliares*, que provam ter esta estrada muito mais antiguidade.

Tambem de algumas inscripções dos taes

marcos se collige que a via aberta ao través do *Gerez* se chama *Via Nova*, e talvez fosse esta a que mandou fazer Vespasiano.

No concelho de Terras de Bouro, principia esta *via* na freguezia de Santa Cruz, ao S., e termina na *Portella do Homem*, ao N. (na freguezia do *Campo do Gerez*, vide esta freguezia.)

Desde Braga até á *Portella do Homem* havia 34 *marcos milliares*, por ter a estrada 34 milhas de comprimento até aqui.

Auctores de muito credito dizem que eram 27 marcos (e por consequencia 27 milhas) mas na *Portella do Homem* existem dois marcos que declaram que *de Braga alli, são 34 milhas*. Até o 8.º que eu designo, diz na ultima regra—..... RAC..... V....., o que faz suppôr que era o marco n.º 35, por não haver a lettra numeral V em nenhum dos outros e os latinos costumarem então escrever 4, IIII e não IV.

Em todo o caso eram pelo menos 34 e não 27.

Vide *Portella do Homem*, onde descrevo os 8 *marcos milliares* que alli existem.

O padre Jeronymo Contador de Argote, nas suas monumentaes *Antiguidades de Braga*, entende que a *Geira* foi aberta pelo imperador Augusto Cesar (pelos annos do mundo 3962, ou 42 antes de Jesus Christo) como se colhe da inscripção de um *marco milliar* que se achou nas margens do *Cávado* (onde passava a *Geira*) quando se edificou a ponte do Prado; mas que, arruinada a *via romana*, com o tempo, a mandára concertar o imperador Adriano, pelos annos 134 ou 135 de Jesus Christo.

Isto mesmo se collige de um *padrão* que está (ou estava) na quinta do *Antepaço* (vide esta palavra, onde vem as inscripções de 3 padrões que lá estão, ou estiveram) e do qual só aqui darei a traducção de Argote, é:

«*Este padrão se levantou, sendo imperador Cesar Adriano Augusto, Pontifice maximo, do poder tribunicio 18 vezes, consul 3. D'aqui a Braga são vinte mil passos.*»

—

Estas *vias romanas* eram construidas á custa do estado, ou do dinheiro que se tirava dos cofres publicos, ou dos donativos e legados que para isto deixavam os cidadãos e, finalmente, do producto dos despojos que se tomavam aos inimigos do imperio.

Havia sempre pessoas destinadas para o cuidado e governo das estradas, ás quaes se dava o nome de *Viarum Curatores*.

Nenhuma pessoa estava isenta de contribuir para taes estradas, e até as proprias terras do imperador pagavam para ellas.

—

Estas vias eram feitas com grande solidez e até com magnificencia.

Aplanavam-se os montes, ou, se eram de rocha, era a via aberta a picão. As baixas se entulhavam, procurando sempre o minimo declive possivel.

Todas as *vias militares* eram calçadas, consistindo o seu pavimento em 4 camadas, cada uma de differente materia—a 1.ª se chamava *statumen*, e era o fundamento das outras—a 2.ª tinha o nome de *ruderatio*, e consistia em uma composição de fragmentos de louça, telhas, ladrilhos, etc. de uma tal qualidade, que alguma ainda hoje dura!—a 3.ª se chamou *nucleus* e era cal amassada com areia em consistencia branda, e sobre ella se collocava a ultima camada, que era a *summa crusta*, ou *summum dorsum*: consistia em seixos, calháos ou pedregulho chato, tijolo ou cousa similhante, que faziam as estradas duras e duradouras; com as necessarias valletas para desviar as aguas.

Quando a pedra de que se fazia a estrada era branca, se lhe dava o nome *via argentea*, e se era cinzenta se lhe chamava *via ferrea*. (Vide *Estradas romanas*.)

GÉME—freguezia, Minho, comarca e concelho de Pico de Regalados até 1855, e desde então comarca e concelho de Villa-Verde 12 kilometros ao NO. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1757 tinha 61 fogos. Orago S. Claudio.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, collado, que tinha 250$000 réis annuaes.

Foi antigamente abbadia dos monges benedictinos de Rendufe, que punham aqui por abbade um religioso do seu convento.

GÉMEOS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 24 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757 tinha 54 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora do O.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O papa e a mitra, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 400$000 reis annuaes.

É aqui a quinta dos *Calvos*, que sendo dada como honra, a esta familia, (dos Calvos) aqui assentaram o seu solar.

GÉMEOS (S. Miguel dos) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 48 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 89 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis annuaes.

E terra muito fertil. Cria muito gado de toda a qualidade.

—

Na parede exterior da egreja matriz, do lado da Epistola, está um tumulo com duas figuras humanas de tosca esculptura, cuja origem se diz ser a seguinte.

Havia aqui uma capella do archanjo S. Miguel e junto a ella vivia um lavrador rico, com sua mulher, a qual teve um parto monstruoso—erau m ente com duas cabeças, quatro pernas e um só ventre. Este ser infeliz viveu 30 annos, com perfeito uso de razão e confessando-se sacramentando, e empregando-se na lavoura. Morreu uma das cabeças, sobrevivnedo-lhe a outra trez dias!

Foi esta creatura singular que edificou á sua custa a actual egreja, á qual doou todos os seus bens, e quiz que se ficasse chamando S. Miguel dos Gémeos, e assim se fez.

GEMÉZES — freguezia, Minho, comarca de Barcellos, concelho d'Espozende, 18 kilometros a O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa 168 fogos.

Em 1757 tinha 87 fogos.

Orago S. Miguel archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra muito fertil.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis annuaes.

Está nesta freguezia a *Barca do Lago*, onde antigamente se passava de graça, por um legado feito á camara, com esta condição.

GEMIEIRA ou **GIMIEIRA** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 30 kilometros a O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 109 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É erra fertil e muito rica.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 800$000 réis annuas.

Cria muito gado, de tôda a qualidade, e nos seus montes ha muita caça.

GEMUNDE — freguezia, Minho, comarça e concelho de Villa Nova de Famalicão; 18 kilometros ao O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 28 fogos, em 1757.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de S. Thiago d'Antas, apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis annuaes.

Esta freguezia está ha muitos annos unida á de Antas.

GEMUNDE — freguezia, Douro, concelho da Maia, comarca e 18 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 218 fogos.

Em 1757 tinha 154 fogos.

Orago S. Cosme e S. Damião.

Bispado, e districto administrativo do Porto.

O prior dos conegos regrantes do mosteiro de Moreira da Maia, apresentava o reitor, que tinha 160$000 réis annuaes.

É terra muito fertil, e cria muito gado bovino.

Ha aqui uma torre muito antiga, com sua quinta, que foi de Antonio Pinheiro Touro.

Ha n'esta freguezia um logar chamado *Campa do Prêto*, cuja historia, é a seguinte:

Em 1841, correu o boato que n'aquelle sitio estava um santo prêto, e logo alli começaram a concorrer os povos dos arredores, com muitas e bôas offertas e trataram de levantar uma ermida ao santo prêto. Soube-se depois, que todas as pedras que n'aquelle sitio se achavam reunidas, e que tinham a forma de campa, haviam sido trazidas de fóra, por especuladores, que sobre ellas punham cruzes e agua de cheiro, com o intento de fazer acreditar em um milagre, e aproveitarem-se da devoção da bôa gente d'estas terras, para fazerem negocio.

Foi isto sabido pelas auctoridades ecclesiasticas e administrativas, que mandaram para aqui uma força de tropa, que demoliu tudo e prendeu os especuladores criminosos.

GENÍZIO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Miranda do Douro, d'onde dista 12 kilometros, 470 ao N. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O papa e a mitra, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 400$000 réis annuaes.

GENS (S) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Fáfe, 30 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 410 fogos.

Em 1757 tinha 301 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

E' terra muito fertil. Cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha bastante caça miuda.

O cabido da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães, apresentava o vigario, confirmado, que tinha 200$000 réis annuaes.

Houve aqui um antigo mosteiro de monges bededitinos, fundado por D. Rodrigo Forjaz.

D. Affonso Henriques, o deu aos cruzios, e no tempo dos commendatarios, o prior João de Barros o deu á referida collegiada.

A egreja do mosteiro, ainda é a mesma que serve de matriz da freguezia.

GENS (S) — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Monte Mór Novo, 30 kilometros d'Evora, 90 ao E. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago S. Gens.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 240 alqueires de trigo e 120 de cevada.

E' terra muito fertil em cereaes.

GENS (S) — vide *Calvos*.

GENS (S) — vide *Ossa*.

GEOGRAPHIA LITTERARIA — Serie de composições e fragmentos escriptos em portuguez, desde o seculo VIII até ao anno 1500.

—

No reinado de D. Sancho I, e pelos annos 1187 se encontrou no castello de Louzan, o fragmento de um poema attribuido ao ultimo rei godo D. Rodrigo, descrevendo a occupação dos mouros nas Hespanhas, em 714.

Estava de tal maneira estragado pela humidade, que apenas se puderam ler quatro oitavas.

Para evitar repetições, vide *Arouce*, rio, no 1.º vol. E' a poesia que começa assim:

«*O rouço da cava impriu de tal sanha.*»

Se esta poesia era obra do infeliz rei D. Rodrigo (do que não temos motivo nenhum para duvidar; porque o ultimo rei godo era poeta) a que se achou no castello da Louzan, era evidentemente copia, pois tambem continha as duas célebres cartas de *Egas Moniz* á sua querida *Violante*, que são mais modernas do que o poema de D. Rodrigo uns 300 annos, e vão tambem copiadas na palavra *Arouce*, onde se podem ver.

É pois o tal poema a poesia mais antiga de que tenho noticia, escripta em portuguez, pois remonta ao principio do seculo VIII.

No tempo do governo do conde D. Henrique era muito conhecida em Portugal a canção anonyma, ou, como outros sustentam, obra do proprio libertador das donzellas, que canta a façanha praticada em *Figueiredo das Donas*, (antiga comarca de Lafões) por *D. Guesto Ansur*, libertando a sua amada *Orélia* e mais cinco companheiras, que hiam para o harem do kalifa de Córdova. (Vide *Figueiredo das Donas*.)

Este facto teve logar entre os annos de 783 e 789. (Julga-se que foi em 784.)

Se a poesia é de *D. Guesto*, como se collige da sua leitura, pois falla sempre na primeira pessoa, é evidentemente do fim do seculo VIII ou principio do IX. Se é de um outro poeta, tambem não é muito mais moderna; e é a *segunda* poesia de que tenho noticia, escripta na nossa lingua.

—

A esta canção segue-se a terceira poesia escripta na nossa lingua, de que tenho noticia. São as duas *cartas* de *Egas Moniz Coelho* a D. Violante, dama d'honor de D. Mafalda, mulher de D. Affonso I, e que se acham na palavra *Arouce*, do 1.º volume.

Estas *cartas* são da segunda metade do seculo XII. Já se vê que não são obra do grande *Egas Moniz*, mas de um seu sobrinho do mesmo nome.

—

Ás duas *cartas de Egas Moniz* segue-se a *canção* feita pelo templario *D. Gonçalo Hermigues* a sua mulher *D. Oriana*, ou *Oroana*. E' do fim do seculo XII ou principio do seculo XIII. (Vide *Ourem*).

Eis a canção:

Tinherabos nom tinherabos
Tal a tal ca monte?
Tinherasdeme nom tinherasdeme
De la vinherasdes, de ca filharasdes,
Cá amabia tudo em soma.

Per mil goyvos trebelhando
Oy oy bos lombrego
Algorem se cada folgança
Asmey eu: perque do terrenho
Nom ha hi tal perchego.

Ouroana, Ouroana oy tem per certo
Que inha vida do viver
Se olvidrou per teu alvidro perque em cabo
O que eu ey de la chebone sem referta
Mas nom ha perque se ver.

—

Regulamento feito pelas côrtes de 1211 (sendo rei D. Affonso II)

«Perque a sanha sohe embargar o coraçom que nom pode ver direytamente as cousas, per onde estabelecemos que se per ventura no movimento do nosso coraçom a alguem julgarmos morte, ou que lhe cortem algum membro; tal sentença seja prolongada ata vinte dias, e des hi em diante será a sentença a execuçom, se a nos em este comenos a nom revogarmos.»

—

Prologo do livro sobre o clima de Portugal, escripto por Zacuto Lusitano, astrologo e medico judeu; dedicado a D. Affonso, conde de Bolonha, regente de Portugal.

(*Foi escripto este livro entre os annos 1240 e 1248*)

«Do que achardes, honrado senhor, querele, e honrada seminheira deste reino em que deos vos mantenha et mais atrigada, pera arrabanhar porradas, a ganhas coisas per birras, et a jager em sembra co olho; a co cuidar no libro onde jaz a sabença. Perque com ei já ouvi, a o soibe de Rabi-Sangar, mei mestre, foi no segre quando pelas garrupas do terrenho andavom os Portuguezes a feiçom de bestiaes que nom sabem.»

—

Carta da abbadessa de Lorvão a D. Affonso III

(*Escripta a 4 de dezembro de* 1270 (?)

«Ao muy alto Senhor D. Affonso, pela graça de Deos Rey de Portugal e do Algarve, Orraca Rodriguez, Abbadessa, e o convento do Mosteyro de Lorvom, inviamos humildemente bejar vossas mons. Senhor, nos, per boa parança e honra de nos e do Mos-

teyro de Lorvom, recebemos a muy nobre infanta Dona Branca, vossa filha, pera Senhora de nos e do devandito Mosteyro, e todalas cousas que a nos e a este Mostèyro pertencem, e pertencer devem, e metemos sò su poder e sa guarda, que ella em nos, e em todalas cousas devanditas aja tal e tanto poder, qual et tanto ouve a Raynha Dona Tareja, ouve e acostumou a aver na Abbadessa, et nas Donas et no Mosteyro devandito, e nas sas cousas. Um vos pedimos, Senhor, per mercé, que vos plasa, e que o firmedes tombem per nos, como per aquellas que depois de nos vierem. Dado no dito Mosteyro de Lorvom iiij dias, per andar, do mez de dezembro.»

—

Testamento de D. João Affonso d'Albuquerque, conde de Barcellos (1304)

«Em nome de Deos amen. Eu o Conde Dom Joom Affonso, temente minha morte, pero com todo meu ciso et meu entendimento, faço meu testamento em esta guisa.

Primeiramente dou a minha alma a Deus et á sa Madre Santa Maria, et mando meu corpo sotterrar em o Mosteyro de Pombeyro. E perque eu fiz muitas malfeitorias, et em muitos logares o que nom podia dar recado, nem fazer d'ellas emenda assi como devia, mando que todolos dinheiros, e todalas cousas moveis, que eu ei, tambem os dinheiros que sabe o Mestre do Templo, et Gomes Paes, et Egas Lourenço, como os dinheiros que estom em Albuquerque para lavrar esta villa, que tragom todo a El Rey meu Senhor, e peço lhe por mercé e pela fiusa que eu em el ei, que faça todo dar per Deos, que nom fique ende nada, per aquelles a que ei era teudo. E se el achar que eu trazia vinhas, ou casaes, ou herdades d'alguem, como nom devia, peço-lhe per mercé que lhas faça entregar a seus donos, assim como el vir que direito será. Outro si mando a Gomes Paes, que dê o meu Castello d'Albuquerque que de mi tem, a meu Senhor El Rey. E vós, Senhor, devedes a saber que o feyto d'Albuquerque passou sempre assi em guisa que o ouverom os filhos mayores. E peço a vós, Senhor, per mercé, que o entreguedes a Tareja Martins, minha filha e vossa criada. E, Senhor, bem sabe Deos, e vós, que sobre a minha fazenda, nom ei outrem se nom vós. E per fiusa que em vós avia leixo todo em vós. E per vós foste desto mais certo, mandei eu fazer esta minha carta aberta, et sellada com o meu sello nas costas, estando deante Frey Estevom Martins, meu confessor, et Frey Martim Escola, da Ordem dos Prégadores et Egas Lourenço, meu clerigo. Feyta em Lisboa cinco dias andados de Mayo. Era de mil et tresentos et quarenta e dous annos.» (1304 de Jesus Christo.)

—

Dois sonetos attribuidos a D. Affonso IV ou a seu irmão bastardo D. Affonso Sanches, sobre o «Amadis de Gaula» [1]

(Escriptos entre 1345 e 1350)

Bom Vasco de Lobeira, e de grâ sem,
De pram, que vós avedes bem cantado
O feito d'Amadis o namorado,
Sem quedar ende per contar hirem.

E tanto nos aprogue e a tambem
Que vós seredes sempre ende loado,
E entre os homes bós por bom mentado,
Que vos lerom adeante, e que hora lem.

Mas porque vós fisestes a fremosa
Brioranja amar endoado hu non amarom.
Esto cambade, e compra sa vontade.

Ca eu grâ dó de a ver queixosa,
Per sa gram fremosura, e sa bondade,
E er perque o fino amor nom lho pagarom

—

Vinha amor pelo campo trebelhando
Com sa fremosa madre, e sas donzellas,
El rindo, e cheo de ledice entre ellas,
Ja de arco e de sas setas nom curando.

Brioranja ahi a sasom sia pensando
Na grâ coita, que ella ha, e vendo aquellas
Setas de amor, filha em sa man huâ d'ellas,
E metea no arco, e vay-se andando.

[1] Vide a nota no fim d'este artigo.

Des hi volveu o rostro hu amor sia
El, disse, ay, traydor, que me has fallido,
Eu prenderey de ti crua vendita.

Largou a mam, quedou amor ferido,
E catando a sá sestra, endoado grita,
Ay, mercé, a Brioranja, que fugia.

—

Poesia feita por D. Pedro I á morte da sua querida D. Ignez de Castro

(*Escripta entre 1355 e 1357*)

Senhora, quem vos matou
Seja de forte ventura,
Pois tanta dor e tristura
A vós e a mim causou.

E pois nom vi mais asinha
Tolher vosso triste fim,
Recebo-vos, vida minha,
Per Senhora, e per Raynha
D'estes Reynos e de mi.

Estas feridas mortaes
Que pelo meu se causárom,
Nom huma vida, e nom mais,
Mas duas vidas matárom.

A vossa acaba jaa
Pelo que non foy culpada,
E a minha, que fica quaa,
Com saudade seraa
Pera sempre magoada.

Oh crueldade tão forte
E injustiça tamanha!
Vio-se nunca em Espanha
Tam cruel e triste morte?

Contar-se-ha per maravilha
Minha alma tam verdadeira,
Pois morreis d'esta maneira.
Eu serei a Torturilha
Que lhe morre a companheira.

Hi, Senhora, descançada,
Pois que vos eu fico quaa,
Que vossa morte seraa
(Se eu viver) bem vingada!

Por isso quero viver,
Que, se per isso nom fôra,
Melhor me fora, Senhora,
Com vosco logo morrer.

Que cousa ha esta que vim
Ou onde m'ensanguentei,
Senhora, eu vos matei,
E vós matasteis a mi!
Sangue do meu coraçom
Ferido coraçom meu,
Quem assi per esse chom
Vos espargeu sem razom,
Eu lhe tirarei o seu.

—

Relação da morte de D. Pedro, o cruel, rei de Castella

(*Escripta no anno de 1369*)

Foy morto o muy alto e muy nobre Dom Pedro, Rey de Castella e de Leom, no mez de Março, em Montiel, que he d'este senhorio; o qual foy morto a traiçom, que lhe foy bastida per Dom Henrique, seu Irmom, et pera o haver em seu poder, que o matasse, foi ende o Corrector Dom Beltrom de Resquim, que áo dito Dom Henrique o vendeu per grande falcidade; logo o muy alto e muy nobre Dom Fernando, Rey de Portugal, primo do dito Rey Dom Pedro, esguardando o grande devido que com elle havia, tratou grandes e cruas guerras, e durom hora, á feytura d'isto. Feyta no Mosteyro de Santa Crux de Coimbra, aos 16 de Setembro. (1369)

—

Carta de D. João I (sendo ainda só governador do reino) ao abbade de Alcobaça

(*Escripta em 1384*)

Dom Abbade, Amigo. Nos o Mestre d'Aviz vos enviamos muito saudar. Fazemos vos saber que as Donas do Mosteyro de San Bento da cidade d'Evora elegerom per Abbadessa a Mor Paes, Freyra professa no dito Mosteyro, per que entendem que he pessoa idonea e pertencente pera aquelle cargo, e outro si grande serviço de Deos, e sua prol a todos geralmente, pela qual nos enviou

pedir per merce Nunalvares Pereira que vos escrevessemos, e quisessedes confirmar per Abbadessa, perque hé mulher que ha com elle devido; e nós, vendo em como ella hé bem discreta e virgem, e casta, e tal que merece o dito estado, e outro si per honra de Nunalvares, que hé homem de quem nós recebemos grande serviço, como sabedes; porem vos rogamos muito aficadamente que vosprasa de a querer confirmar per Abbadessa, e nom outra nenhuma, perque sede bem certo que nós entendemos bem que hé de serviço de Deos, e em esto fasedes cousa que nós muito vos agradecemos. Feyta em Torres novas, 19 desembro. (1384)

—

Poesia feita a Lisboa, pelo infante D. Pedro, irmão do rei D. Duarte (o que morreu em Alfarrobeira)

(*Escripta pelos annos de 1430*)

Porque tu foste a colheyta [1]
Daquelle Grego sesudo
Tam matreyro;
A te fés toda bem feyta [2]
Neste logo tam sabudo [3]
A neste outeyro.

A depois de muitos segres [4]
Sergueo de ta semente [5]
A desta Terra,
O Annibal Carthages [6]
Que ós Romons, et sa gente [7]
Armou crua guerra [8]

[1] *Colheyta* ou *acolheyta*, refugio, quartel, acolhida, abrigo, acolhimento, etc.
[2] *A*, no antigo portuguez correspondia á nossa actual conjuncção *e*.
[3] *Logo*, *sabudo*, logar, sabido.
[4] *Segres*, seculos.
[5] *Ta*, tua.
[6] *Carthages*, carthaginez.
[7] *Romoms*, romanos.
[8] É preciso advertir que, conservando religiosamente a orthographia dos *trechos* que copio, augmento, onde é essencialmente preciso, alguns assentos ou pontuação, para mais facil intelligencia d'elles.

Resposta do infante D. João, a seu irmão o rei D. Duarte, quando este lhe perguntou a sua opinião sobre a continuação da guerra de Ceuta. [1]

(Escripta pelos annos 1435 a 1437)

Senhor, sj per doutrinas e ensinanças de Jesus Christo, e de seus Apostolos, nos havemos de reger; esta guerra de mouros, nom estaa muito certo sj hé della servjdo; sej porem que a Santa Scriptura, per preegações e vjrtuosos exempros de vjda, os manda converter: e sj per outra maneyra Deos fora servjdo, permitjra e mandara que em seus erros e damnada contumacia usaramos de nossas forças e ferro atee seerem convertidos a sua fee: e isto ajnda nom vi nem ouvj que se achasse em authentica scriptura. E as indulgencias, e remissões de peccados, que pera esta guerra o Papa outorga, nom teem effectuosa força de ley pera obedecer, nem de regra pera de necessidade seguir ca estas presupoem necessidade que aquj nom ha, e santa vontade, e boa devoçom, que os menos nella levom. E mais bem sej que per mil dobras que enviemos a um Cardeal, pera fasermos uma muj pequena obra de misericordia, no las inviaara outorgada do Papa com graças muito maiores. Nem os milagres que n'esta guerra as veses parecem, e per ventura se fasem, nom os hej per testimunhos de seer vontade de Deos que a façamos; perque taes e maiores se fiserom e fasem em terra e sangue de christoms contra christoms, o que per qualquer interpretaçom nom hé serviço de Deos, e porem seu incomprensjbil juiso o permite assj.

—

Fragmento de uma carta escripta pela propria mão de D. Affonso V, ao chronista Gomes Eannes d'Azurara.

(Escripta pelos annos 1476)

Gomes Eannes, Eu vos envio muito saudar: vi huma carta, que me enviastes por

[1] Transcrevo esta carta, não só para se ver o aperfeiçoamento que hia tendo a lingua portugueza; mas, e sobre tudo, para conhecimento do são juizo e desassombrádo modo de expender a sua opinião, de que n'ella nos dá provas incontestaveis este sisudo principe.

Affonso Fernandes, com que muito folguey, por saber que ereis em muito boa disposição da saude, porque certo, tanto tempo havia, que vós la ereis, e eu não via carta vossa, que havia por muito certo que de alguma infirmidade ereis occupado; porque não podieis escrever, e desto dou por testemunha ao reverendo Padre Bispo de Lamego, com quem eu muitas vezes fallava, que causa seria para me não escreverdes? Que por muy sem duvida tinha, que não seria por mingua de vontade, e lembrança vossa: e muito me prouve saber como o conte D. Duarte vos aposentara; e o gasalhado que delle recebestes: e, posto que assim o deva fazer por sua virtude, eu lho agradeço muito, e vós assim lho disey da minha parte.

Não he sem razão, que, depois d'aquelles Princepes ou Capitães, que fazem os feitos dignos de memoria, aquelles que depois de seus dias os escreveram, muito louvor merecem. Bemaventurado, dizia Alexandre, que fora Achilles, porque tivera Homero por seu escriptor: que fora dos feitos de Roma, se Tito Livio os não escrevêra? e Quinto Curcio os de Alexandre; Homero os de Troya; Lucano os de Cesar; e assi outros Authores muitas cousas, que são dignas de memoria, quanto são dignas de ouvir, e ler, pelo bom estylo em que forão escriptas.

Lesse no primeiro de Tito Livio, como vós melhor sabeis, que, se não fôra a oração que fez em Roma um nobre Varão d'aquelle tempo, todo o povo romano fôra perdido: muitos são os que se applicão ao exercicio das armas; e muy poucos ao exercicio da arte oratoria: assi que pois vós sois n'esta arte assás ensinado, e a natureza vos deu muy grande parte della, com muita rasão eu, e os Princepes de meus reynos, e capitães devem haver por bem empregada a mercê que vos seja feita, muitos por certo vos são obrigados; porque ainda que os feitos de Cepta sejão assás de recente, depois que eu vi a Chronica que vós d'elles escrevestes, a muitos fiz honra e mercé, com melhor vontade, por ser certo de alguns bons feitos, que lá fiserão, por serviço de Deos, e dos Reys meus antecessores, e meu; e a outros por serem filhos daquelles, que assi la bem servirão; do que eu não era antes em tão comprido conhecimento.

. . . .

O meu vulto pintado, eu o não tenho para agora vo-lo poder enviar; mas o proprio prasерá a Deos que vereis lá em algum tempo, com que vos mais deve praser. A vossa irmãa haverey em minha encommenda, segundo me escreveis, etc.

(Quem quizer lêr esta interessante carta na sua integra, veja—*Essai statistique sur le royaume de Portugal et Algarve*, por Balbi, tom. 2.º—*Appendix*, pag. IX).

Vejam os modernistas, que tanto gritam contra o despotismo e ignorancia dos nossos antigos reis, com que franqueza e familiaridade escrevia o bravissimo D. Affonso V, o *Africano*, a um seu simples vassallo: com que deferencia e attenções o tratava, e quanta instrucção revela a sua carta. [1]

—

Poesia feita por Ayres Telles de Menezes, sobre a peste que houve em Lisboa, em 1481.

(Foi escripta durante o contagio ou pouco depois)

De pungentes estimulos ferido
O Regedor dos Ceos, e humilde terra,
Sobre ti manda, desastrada Lysia,
Effeitos da sua ira.
A peste armada, destruir teu povo
Ao seu leve aceno vôa logo,
Estraga, fere, mata sanguinosa
Despiedada e crua.
Despenhada no abysmo da ruina
Fugir pretendes aos accesos rayos
Qual horrida fantasma, porem logo
Desfallecida cahes.

O açoite do Céo lamenta, oh Lysia,

[1] D Affonso V não só era um valorosissimo e intelligente guerreiro, mas tambem um dedicado protector e cultor das lettras. Fallava a lingua portugueza com tal precisão e elegancia, que parecia composição estudada.

Mas ainda muito mais os teus errores,
Que provocar fizerão contra ti
Contagião mortal.
Dos Ceos apagar cuida a justa sanha,
Da penitencia com as vastas aguas,
Já que revel e surda te mostraste
A seus mudos avisos.
Então verás ornada a nobre fronte
Como nos priscos tempos que passárão
De esclarecidos louros signal certo
De teus almos triumfos.

—

Elogio da lingua portugueza, escripto por Manuel Severim de Faria; o qual é simultaneamente em latim e em portuguez.

O quam gloriosas memorias publico, considerando quanto vales, noblissima Lingua Lusitana! Cum tua facundia excessivamente nos provocas, excitas, inflamas! quam altas victorias procuras! quam celebres triumphos speras! quam excellentes fabricas fundas! quam perversas furias castigas! quam feroces insolencias rigorosamente domas! manifestando de prosa e de metro tantas elegancias latinas.

—

Soneto dedicado ao traductor das «Georgicas» de Virgilio, por José Barroso d'Almeida; e que é tambem escripto em portuguez e latim.

Cantando-te per modos eminentes
(Quando glorias adornas Mantuanas)
Tanto excusando estás musas humanas,
Quanto a divino stylo differentes.

De Phaebo spera tu palmas florentes,
De cujo solo, o bella Aurora, manas,
Ante confusas nubes virgilianas,
Manifestando luces refulgentes.

AEternamente docta, Phoenix rara,
Vivas felix, per modos peregrinos,
Mantuanas reliquias renovando.

A cuja gloria es Lusitania, clara
Mantua, dando stylos tam divinos,
Parthenope memorias conservando.

Ha em Portugal uma grande diversidade de opiniões sobre a epoca em que viveu Vasco de Lobeira, auctor do *Amadis de Gaula.*

Manuel de Faria e Sousa e mais alguns escriptores o fazem contemporaneo do rei D. Fernando, sem comtudo darem provas convincentes; em quanto que o maior numero, e os escriptores estrangeiros, suppõem que elle floresceu pelos fins do reinado de D. Diniz.

Os dois sonetos sobre o *Amadis*, que ficam classificados como pertencentes á época do reinado de D. Affonso IV, viriam em apoio da ultima opinião, se elles fossem incontestávelmente de algum dos principes a quem são attribuidos; mas Faria e Sousa os cita como composições do infante D. Pedro, irmão do rei D. Duarte (tio e sogro de D. Affonso V, regente do reino na menoridade d'este rei e morto em Alfarrobeira), sem notar quanto elles differem, quanto á linguagem, dos versos feitos á cidade de Lisboa pelo mesmo infante D. Pedro, e que ficam classificados como da epoca do reinado de D. Duarte.

No discurso que precede a primeira edição das obras de Antonio Ferreira, seu filho Miguel Ferreira, pretende que estes dois sonetos foram compostos secretamente por seu pae, na linguagem do tempo de D. Diniz, e que a indignação bem conhecida dos infantes, filhos d'este rei, contra Vasco de Lobeira, por elle ter feito tão desgraçada a formosa Brioranja (ou Briolanja) em seus amores, tinha dado logar a que elles fossem atribuidos a D. Affonso IV; mas Miguel Ferreira não adduz prova alguma em favor d'esta asserção.

Pessoas dignas de fé, que viram o manuscripto original do Amadiz, quando elle passou para o real archivo (pela confiscação dos bens do duque d'Aveiro, em cujo feudo estava) asseguram que elle é perfeitamente similhante aos manuscriptos de D. Diniz, pela linguagem, calligraphia, etc etc.

—

Como meu intento é sómente reproduzir excerptos de linguagem sob os differentes reinados que precederam aquelle em que a lin-

gua portugueza se fixou definitivamente, não hesito em atribuir os dois sonetos ao reinado de D. Affonso IV, seguindo n'isto a opinião do maior numero.

—

Na epoca do reinado de D. Duarte, juntei aos versos de seu irmão, o infante D. Pedro, uma carta, de seu irmão, o infante D. D. João, como prova da incerteza da orthographia n'aquelles tempos.

Sobre tudo do reinado dos dois Sanchos, o que ha escripto é mais inintellegivel ainda do que o dos reinados anteriores, o que se póde atribuir aos desastres d'estes dois reinados, os quaes (desastres) suspenderam o progresso das luzes, e mesmo o fizeram retroceder.

GERAZ — (Santo Estevão do)—freguezia, Minho, comarca e concelho da Póvoa de Lanhozo (foi até 1855 do concelho de S. João de Rei) 12 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago Santo Estevão, protomarty.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O sacro collegio patriarchal, apresentava o abbade, que tinha 600$00 réis.

E' terra muito fertil.

Querem alguns escriptores que foi aqui a cidade romana chamada *Forum Lemicorum*; é duvidossissimo.

Ha mais probabilidade que fosse no sitio da actual Ponte de Lima, ou proximo.

Foi primeiro abbadia dos condes do Sabugal.

Está n'esta freguezia a torre de Berrêdo, solar dos Berrêdos, que procedem dos Osorios Ribeiros, senhores d'esta casa e quinta que foi de D. Martim Paeś Ribeiro, do qual tomaram o appellido.

Andam agora unidos com os Pereiras; porque D. Maria de Berrêdo casou com Ruy Vasques Pereira, pelo que depois se chamaram Pereiras de Berrêdo.

Era d'esta familia a celebre e formosissima D. Maria Paes Ribeiro (a *Ribeirinha,*) amante de D. Sancho I.

Suas armas eram—escudo esquartelado, no primeiro quartel, o escudo d'Aragão, que são 4 barras de purpura em campo d'ouro, no segundo o escudo dos Vasconcellos, e assim os contrarios. Timbre, um lirio d'ouro, floreado.

Para as armas dos Paes, vide Mnagualde; para as dos Ribeiros, vide Lourinhan; para as dos Pereiras, vide Feira.

Tambem aqui ha a quinta de Paços, muito honrada em tempo do Rei D. Diniz, por ser de D. Thereza Paes Bugalho, irman de Ruy Paes Bugalho.

—

GERAZ DO LIMA (Santa Leocadia do)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, 24 kilometros ao O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 179 fogos.

Orago a mesma Santa.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É fertil e rica, e tem muito gado.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis annuaes.

No alto do monte existem as ruinas de um castello, que dizem ter sido fundado pelos túrdulos, 400 annos antes de Jesus Christo (vide *Facha.*)

Tambem aqui ha uma pedra espherica, que, de noute, fallando-se de certo sitio, repete claramente as palavras. De dia, batendo-lhe, vibra como se fosse de metal.

Geraz do Lima foi concelho, que o rei D. Fernando deu a Lopo Gomes de Lira. D. João I, deu a Ruy Mendes de Vasconcellos, e depois, a Fernão Annes de Lima fidalgo gallego, que deixou sua casa e veio ajudar o rei, no cêrco de Tuy.

Nas Doações antigas se mandava, que entrando aqui os senhores da terra, seria conforme o uso de Biscaia, que era com o pé direito descalço.

GERAZ DO LIMA (Santa Maria do) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, 30 kilometros ao O. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago a mesma Santa.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É terra fertil.

A camara ecclesiastica de Braga, apresentava o abbade, que tinha 280$000 réis annuaes.

É tradição que esta egreja foi de um antigo convento benedictino que aqui houve, e de que ainda ha vestigios.

Está n'esta freguezia uma torre a que chamam o *Paço*, que foi dos senhores d'este concelho. Passou aos Bezêrras, que a possuem por compra. Era vinculada.

GERAZ (Santa Tecla do) freguezia, Minho, comarca da Póvoa de Lanhoso, concelho de S. João de Rei, 12 kilometros ao N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Está unida á freguezia de Santo Estevão do Geraz. (O primeiro nomeado.)

GERAZ DO LIMA—Minho, concelho extincto, que abrangia as freguezias de Santa Leocadia e Santa Maria (do Geraz) na comarca de Vianna.

Orago Santa Marinha.

Tinha este concelho foral, dado em Lisboa, por D. Manuel, a 2 de junho de 1515.

N'elle se lhe dá o nome de *Jaraz*.

Vide *Geraz do Lima*, Santa Leocadia.

GEREZ — Cordilheira notavel nas provincias de Traz-os-Montes e Minho. Estende-se de NE. a SO. desde a povoação de *Pitões*, no sitio de *Fonte Fria*, até *Rio-Caldo*, na extensão de 35 kilometros, com 18 de largura. Isto pelo que respeita á parte da serra, que está em territorio transmontano.

Proximo d'este sitio, e ao N. de Pitões, se encontra a mina de ferro magnetico e *pedra de Sebar* (iman ou magnete.)

A formação geologica d'esta serra pertence ao terreno chamado *primittivo*, e é formada em grande parte pelo granito silicioso.

Seus picos são formados por descarnadas e alcantiladas rochas, d'enorme altura e aspecto medonho.

Segundo Link, a maior elevação d'esta serra, está a trez ou quatro mil pés a cima do nivel do mar, o que é êrro—Balbi, que medio estes pincares, dá ao da *Gabiarra* 2:467 metros, ao do *Bogarreiro* 1:600, e ao do Marão, 1:467.

—

Tem grandes mattas e plantas alpinas. Cria lôbos, javalis, cabras selvagens (*capra œnagrus, de Lin.*) veados, rapozas e muita caça miuda.

Tem aqui apparecido *lobos cervaes*. Em 1728 se matou um. Pelos annos de 1805, na freguezia de Cabril, matou o lavrador João Bernardo Pereira, outro animal d'esta especie. Na freguezia da Granja (concelho das Boticas) se matou outro, em 1825. Tambem aqui houve ursos; mas os fogos dos pastores os espantaram. O ultimo que aqui appareceu e se matou, foi em 1650.

Por esta serra passa a célebre via militar romana chamada a *Geira*. (vide esta palavra.)

As célebres *Caldas do Gerez*, são na freguezia de *Villar da Veiga*.

Ha n'esta serra minas de ouro (no rio de Cabril) manganez (junto á extincta fabrica de vidros) *aguas marinhas, turquezas, amethistas* (das quaes se tem feito formosos aderêces) *cobre, chumbo, ferro, crystal de roca* e carvão fossil.

Varias freguezias estanceiam nesta serra. Vide *Campo do Gerez, Covêllo do Gerez* e *Parada do Gerez*.

É abundantissima d'aguas, e n'ella nascem o *Homem* e grande numero de ribeiros.

Nos alcantís do Gerez fazem seus ninhos as aguias reas, os bufos, as garças e outras aves de rapina.

O conde de Hoff, Brótéro e outros naturalistas dizem que ha aqui grande numero de plantas raras, sendo as mais notaveis— *azereiros, teixos, junìperos, plátanos, azevínhos, uvas selvagens, cornogadinhos, sôrvas, betonicas, abróteas fragárias, medronheiros, cistos, airas, amieiro preto*, e grandissima variedade de plantas medicinaes.

—

Quasi todas estas circumstancias se dão na parte da serra que se estende na provincia do Minho. É aqui ainda mais pittoresca pela variedade de perspectivas que apresenta. Retalhada em todos os sentidos, por innumeras torrentes de frigidas e crystalinas aguas cobertas de florestas virgens até ao meio da altura, nas lombas mais elevadas; e nas inferiores até ao seu cume erriçada de rochedos, que se elevam aos ares por entre denso arvorêdo, ou se penduram imponentes e ameaçadores sobre pequenos mas profundos

valles, dominados em quasi toda a sua extensão por alcantis escalvados e temerosas agulhas de formas fantasticas.

Nas faldas d'estas montanhas ha, em grande cópia, prados sempre verdes, onde pascem descuidosos rebanhos de bois, cabras e ovelhas, quasi tão selvagens como o Gerêz.

—

Para o lado E. (Traz-os-Montes) até *Barroso*, é o Gerez quasi todo inculto e deshabitado, apesar de ter algumas campinas de optima terra vegetal, sendo as principaes— *Lâmas d'Homem, Chan da Fonte, Chan das Mêsas, Chan de Lionte e Chan Longa.* Pelo meio d'ellas correm varias fontes, que vem formar ao sopé differentes rios e ribeiros. Sendo os principaes dos primeiros, o *Cávado* e o *Homem.*

—

Para nada faltar aos encantos selvaticamente pittorescos d'estes famosos montes, tambem aqui se encontram não poucos monomentos de construcção romana. Já na palavra Geira, fallei de bastantes, e aqui addicciono mais os seguintes:

Restos de quatro pontes, que os romanos construiram sobre o rio Homem — chamamse —*ponte do Arco* (por ter só um)— *ponte d'Albergaria* (por estar construida junto ao sitio onde houve uma casa de acolheita de peregrinos) *Ponte de Monção* (por estar perto uma nascente de aguas medicinaes d'este nome) e *Ponte de S. Miguel* (por causa de uma ermida d'este archanjo, que aqui estava fundada.)

Consta que havendo uma interdicção no reino, os moradores d'aqui construiram uma capella, dedicada a S. Miguel, em territorio gallego, para ouvirem missa, e que, findo o interdicto, a mudaram para aqui.
Depois, como este sitio era ermo e remoto, demoliram a capella, levando o santo para a de Nossa Senhora das Mercês, de *Villarinho.* (Parece que este interdicto foi o que teve logar no anno de 1267, reinandoD. Affonso III)

Só uma das quatro pontes tinha 3 arcos; as outras eram de um só. Eram todas de bella architectura, sobre a via militar romana, chamada *Geira.* As pedras eram primorosamente lavradas e ligadas admiravelmente com optimo *cimento romano.* Os *pégões* eram robustissimos e lavrados em almofadas, assim como os solidos *corta-máres.*

Eram tão seguras estas construcções, que certamente ainda hoje se conservariam intactas, se D. Gastão Coutinho (general do Minho) as não mandasse demolir, a requerimento do povo, durante as guerras da restauração para evitar as surprezas dos gallegos.

—

Ha grandes indicios de existir um vasto edificio romano, na *Veiga de Santa Eufemia.* Alem de grande numero de pedras lavradas, se achou aqui um cippo, com esta inscripção.

M. C. CAES. C. I. C.
AED. M.

Tantas abriveaturas, tornam isto hoje ilegivel: apenas se conhece que falla de um monumento ou templo, dedicado a Marte. O ultimo verso, tanto se pode ler (adivinhar) templo de Marte, como (as letras *aed*) podem significar *edil* (vereador.)

É uma columna com 1m54 d'altura.

A 500 metros de distancia, se veem 6 baluartes, de forma circular, distando entre si o espaço de 100 metros.

Na planicie chamada *Chan de Linhares,* se veem restos de uma antiga aldeia, formada de casas pequenas, com uma rua calçada de pedra miuda.

Na *Veiga de Santa Eufemia,* está um grande penedo (chamado *da Santa*) em que se veem impressos, signaes de joelhos e pés, pequenos.

É tradição que foram feitos por Santa Eufemia, quando aqui orou prompta a padecer pela fé de Jesus Christo. (Andava fugida á perseguição de seu pae, que era idolatra, e governador romano de Braga.)

A um kilometro d'esta veiga, ao E., (no districto da freguezia de *Covide*) ha um altissimo monte, formado d'enormes penhascos, intermeiados de frondoso arvoredo, e cortados por torrentes de aguas perennes,

É tradição que no alto d'este monte existiu a cidade de *Calcedonia*, de que fallam Strabão, Plinio, Pomponio Mella e outros geographos antigos, e pela qual passava a via militar romana (Geira.)

É verdade que estes escriptores dizem que *Calcedonia* era na parte septentrional da Lusitania; mas o sitio que a tradição marca no tope d'este monte, como assento de uma cidade, apenas podia dar logar a uma não muito vasta fortaleza, e lá estão os vestigios d'ella, que se suppõe construida pelos lusitanos e romanos, no V seculo, para resistirem ás hordas germanicas.

A via militar passava ao sopé d'este cabeço. (Veja-se *Covíde* a pag. 431 do vol. 2.º e Geira.)

—

Em um valle pouco distante d'este sitio, se viam ainda no fim do seculo XVIII umas *fileiras* de pedra bem lavradas de 4m72, de altura, redondas, mais grossas na parte superior do que na inferior—diz se que foram assim collocadas para defenderem os ursos de hirem ás colmeias.

> Segundo o padre D. Jeronymo Contador d'Argote (*Mem. de Braga*, tom. V, pag. 392) usavam os ursos de um estratagema para comerem o mel. Era o seguinte: abraçavam-se a um cortiço e o rolavam até onde houvesse agua, afogando n'ella as abelhas, para, sem perigo poderem satisfazer o seu desejo.

Na freguezia de S. João do Campo, por onde passava a Geira, ha varias inscripções romanas. Para evitar repetições, vide *Campo do Gerez*, a pag. 64 do 2.º volume.

—

Ao N. de Braga (a distancia de uns 30 kilometros) nos limites de Santa Cruz, ha um sitio chamado *Cantos da Geira*, alli se acharam diversos pedaços de columnas, enterrados, e duas columnas, tendo uma 1m,54, com uma inscripção muito gasta —a outra tinha 2m,64 d'altura, sendo 1m,54 á vista, com 2m,31 de circumferencia, com a seguinte inscripção:

IMP. CAES. M.
AUR. CARO...
...INVICTO...
P. C. P. M. X. TR. P.
....AUG. P. P. XV.

Quer dizer:—*Esta columna se dedicou ao imperador Cesar Marco Aurelio Caro, invicto, proconsul, pontifice maximo. Investido dez vezes do poder tribunicio. D'aqui a Braga são 15:000 passos.*

—

Grande numero de marcos milliares (vulgarmente chamados *padrões romanos*) ainda existem em differentes freguezias que estanceiam paralellas á via militar romana.

Para não cançar o leitor com repetições, vão estes padrões nas freguezias onde pertencem, ou onde foram achados.

—

Aguas thermaes do Gerez [1]

Rebentam de muitas nascentes abundantissimas em volta de um grande rochedo, sobre a encosta da cordilheira do Gerez, á 30 kilometros de Braga e de Guimarães e a 5 da freguezia de *Villar da Veiga*, em territorio d'esta freguezia.

Ainda que estas aguas pareçam derivar de um mesmo reservatorio subterraneo, apresentam entretanto temperaturas differentes, nos varios tanques a que são dirigidas em razão das distancias maiores ou menores que teem de percorrer.

Os banhos principaes são conhecidos sob os nomes de—*forte*, *contra forte*, e *da bicca*. O 1.º tem a temperatura de 45° a 48° centígrados — o 2.º de 49° centígrados—e o 3.º de 42° a 45°5 centígrados—mas ao sahir do reservatorio, o mesmo thermometro marca uma temperatura mais elevada, oscillando entre 54° e 63° centígrados.

As aguas thermaes do Gerez, tão notaveis pela sua alta temperatura, apresentam comtudo uma composição chimica simplicissima; contem apenas por 1 kilogramma d'agua 02gr.,675 de principios fixos—são silicatos

[1] Traducção do relatorio da analyse feita na exposição universal de Paris de 1867.

e chloruretos alcalinos e uma pequena quantidade de saes cálcareos e de magnesia.

São limpidas e crystallinas, muito leves para o estomago, e sem gosto nem cheiro— Gosam de grande e antiquissima reputação pelas suas propriedades therapeuticas.

Já eram famosas no tempo dos romanos que as applicavam para a cura de varios padecimentos.

GERMELLO — Vide Jermêllo.

GERMIL — freguezia, Minho, comarca dos Arcos de Val de Vez, concelho da Ponte da Barca, 30 kilometros a ONO. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Em 1757 tinha 39 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O prior dos conegos regrantes (crusios) de S. Theotonio de Vianna, apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis annuaes.

GERMIL — freguezia, Beira Alta, comarca de Mangualde, concelho de Penalva do Castello, 18 kilometros de Viseu, 285 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago S. Cosme e S. Damião.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O abbade de S. Pedro, do Castello de Penalva, apresentava o cura, que tinha de congrua 6$000 réis e o pé d'altar.

GESTAÇÓ — Vide *Campo de Gestaçô.*

GESTAÇÓ — villa extincta, Douro, comarca e concelho d'Amarante, 60 kilometros a NE. do Porto, 355 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado, e districto administrativo do Porto.

O *Portugal Sacro e Profano* não traz esta freguezia.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 15 de maio de 1514.

Foi muitos seculos concelho. (Vide *Amarante.*)

N'este extincto concelho passam os rios *Tâmega, Dólo* e *Ovelha.* Todos regam, moem e trazem peixe.

Feira no 1.º de cada mez.

Produz poucos cereaes e pouco vinho e fructa, mas muita castanha, azeite e nozes. Cria muito gado e ha aqui muita caça e muitas colmeias. Tem muita pedra calcarea (carbonato de cal).

O primeiro senhor de Gestaçô foi o infante D. Pedro, conde de Barcellos, (o que compoz o *Livro das Linhagens*) que lh'a deu seu pae, D. Diniz, em 15 de setembro de 1306, e como não teve successores, vagou para a corôa.

D. João I fez mercê d'este senhorio a Gil Vasques da Cunha, que procede de D. Guterres. Casou com D. Isabel Pereira, filha de Alvaro Gonçalves Pereira, prior do Crato e irmão de D. Nuno Alvares Pereira. Foi seu filho João Pereira Agostim, que se diz fôra um dos *Doze d'Inglaterra,* e que tomou o appellido *Agostim,* porque o inglez que lhe coube em sorte, e que elle matou assim se chamava. É d'esta familia o nosso celebre embaixador em Roma, Tristão da Cunha.

Para as armas dos Cunhas, vide *Cunha.*

GÉSTEIRA — Vide *Giésteira.*

GÉSTEIRA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Soure; foi até 1855 do concelho de Abrunheira, 30 kilometros ao S. de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 137 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É freguezia muito antiga e pertencia ao reguengo da *Milharada.* O mosteiro de Ceiça deu em 1217 (1179) foral ao logar de *Colles* d'esta freguezia. (Vide *Colles.*)

O D. abbade cisterciense de Ceiça apresentava o vigario, que tinha de rendimento 100$000 réis.

É notavel a aldeia de *Carregosa,* d'esta freguezia, pelas suas antiguidades. (Vide *Carregosa,* aldeia.)

É terra fertil e bem situada.

GESTOSA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 90 kilometros a NO. de Miranda, 470 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 500 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O papa e o bispo apresentavam o abbade, que tinha 250$000 réis.

Não pude saber a causa de tão espantoso decrescimento de população. Note-se que ainda os 50 fogos actuaes, comprehendem os da freguezia extincta de *Tresmontes*, que está annexa a esta.

Gestosa decahiu tanto que até deixou de ser parochia, estando annexa a Villar Sêcco da Lomba, e para tornar a constituir-se em freguezia independente, foi preciso unir-lhe a tal de Tresmontes.

GESTOSA — aldeia, Douro, freguezia de Escariz, no extincto concelho de Fermêdo, hoje comarca e concelho de Arouca, d'onde dista 20 kilometros ao O.

Bispado do Porto, d'onde dista 35 kilometros ao S.; districto administrativo de Aveiro, d'onde dista 60 kilometros a NO. 275 ao N. de Lisboa.

É terra fertil.

Situada nas faldas do monte do Castêllo, sobre a estrada do Porto a Viseu.

Nas suas proximidades ha monumentos celtas (no *Cruto*, vide esta palavra) e proximo ás *Lagoas de Gestosa*, ha vestigios, em muitas partes, de varios edificios, que mostram ter sido totalmente arrasados.

Ha mais em Portugal 33 aldeias chamadas *Gestosa*, sem coisa digna de menção.

GHURGO — portuguez antigo — *Jorge*, nome proprio de homem. Tambem se dizia *Jurgio* e *Jurgo*.

GIÃO — freguezia, Douro, comarca, concelho e 10 kilometros ao NE. da Feira, 10 ao SO. do Douro, 25 ao S. do Porto, 20 ao NE. do Oceano, 285 ao N. de Lisboa, 150 fogos. Em 1757 tinha 108 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Situada em um ameno e fertilissimo valle, muito abundante de aguas e cercada por alguns montes de pouca elevação.

A matriz é bonita e foi construida no meiado do seculo passado. Tem um pequeno mas bonito cemiterio, a uns 300 metros ao N. da egreja.

A abbadessa do convento de S. Bento de Ave-Maria, do Porto, apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Ha aqui a grande casa da *Beira*, que, segundo a tradição, foi em tempos remotos mosteiro de freiras benedictinas, que se annexou ao da mesma ordem, do Porto. É certo que estas freiras ainda aqui teem muitas rendas. A casa da *Beira* e a sua vastissima e optima quinta são hoje propriedade do sr. Moura.

Produz muitos cereaes (principalmente milho) bastante vinho verde; fructa, algum azeite e é abundante em pastos, pelo que cria muito e bom gado bovino e lanigero.

Tem muitos pinhaes, cuja madeira e lenha exporta constantemente para o Porto.

O seu primeiro orago era *S. Gião* (S. Julião) do qual tomou o nome. Não sei quando nem porque deixou de ser padroeiro.

Em 1836 ou 1837, appareceram aqui em uma *saibreira*, proximo ao logar do Outeiro, mais de mil *aerolithos*, todos juntos.

As tres casas mais ricas d'esta freguezia são as de tres familias que enriqueceram no Brasil.

Os srs. Mottas Marques, da aldeia de *Azevedo*, tres irmãos *brasileiros*, (dos quaes já morreu um). Os srs. Pereiras, do *Outeiro* (quatro irmãos) e os senhores Freitas, de *Canedinho* (tambem quatro irmãos, dos quaes morreram dois.)

GIÃO (Castello de S.) — Minho, na freguezia de *Caldellas* ou *Ponte de Caldellas*, concelho, comarca e 4 kilometros a NE. de Villa Verde. (Vide *Ponte de Caldellas*.)

Ao NO. da egreja matriz está um alto cabêço, denominado *Monte do Castello de S. Gião*. No seu cume está uma capella dedicada a S. Gião (Julião).

Veem se n'este monte muitos vestigios de fortificações e uma escavação profunda e larga, chamada *Cóva da Moura*. Está hoje quasi entupida pelos pastores. Dizem que esta cóva era uma galeria ou *tunnell* subterraneo, que chegava ao rio Homem, que fica a 2 kilometros de distancia.

Ha annos, andando um lavrador a arrotear uma bouça, sita nas faldas d'este mon-

te, achou um canno feito de tijolos, que indicava ser uma parte da tal galeria.

GIÃO (S.)—aldeia, Beira Alta, freguezia de Penajoia, concelho, comarca, bispado e 9 kilometros a ONO. de Lamego, 335 ao N. de Lisboa; no districto administrativo de Viseu.

Tem esta aldeia 120 fogos.

—

Ha aqui uma capella (dedicada a Nossa Senhora da Encarnação) superior a muitas egrejas parochiaes. Está perto da povoação, no sitio mais alegre e pittoresco da freguezia, É bastante espaçosa, com dois altares lateraes e o altar-mór, com throno.

Tem uma excellente sachristia, e sobre ella a *casa da fabrica.*

Fazem-se n'esta capella, em cada anno, duas concorridas solemnidades, com apparatosas procissões; uma ao *Senhor dos Milagres*, e outra á padroeira.

Ainda ha poucos annos havia n'esta aldeia onze presbyteros. Hoje ha apenas dois e nenhum alli reside. Um, o rev. sr. Antonio Coelho Diniz, é conego honorario da Sé de Lamego, escrivão da camara ecclesiastica e mordomo do paço, onde reside. É um dos ecclesiasticos mais dignos e virtuosos da diocese, apesar de não ter hoje mais de 45 annos de edade.

O outro é o sr. Fr. Manuel Pinto Coelho, egresso, que é professor de latim na Régua. Ancião de muito merecimento, e não vulgar illustração; sabe francez e grego e é um profundo theologo. É varão exemplarissimo. Foi mestre do sr. conde de Samodães, que o honra, tanto pelo seu saber como pelo seu comportamento moral e religioso, que póde servir de modelo e nórma ao que quizer occupar um logar eminente na sociedade. (Vide *Samodães.*)

—

José Fernandes d'Almeida (filho de outro de egual nome) d'esta aldeia, deve mencionar-se aqui como um exemplo do que póde a coragem, a perseverança e o amor ao trabalho. Herdando uma boa casa; mas cujas dividas excediam o valor d'ella, viu todos os seus bens postos em almoeda e arrematados na praça. Não desanima—pelo contrario, emprehende reconstruir a casa de seus paes, e, bafejado pela fortuna, com uma herança, e á força de trabalho, conseguiu ser um dos maiores proprietarios actuaes da freguezia, e tem sido algumas vezes eleito vereador da camara de Lamego.

—

Pelos annos de 1770 morreu uma mulher d'esta aldeia, que deixou por sua alma treze mil missas (!) Era uma boa proprietaria.

—

O territorio d'esta aldeia é (como a maior parte da freguezia) fertilissimo, coberto em grande parte por vinhedos, que produzem mais de 100 pipas de optimo vinho, annualmente.

A povoação é unida e muito bem situada, atravessando-a uma estrada-rua.

O seu clima é ameno e saudavel, como o resto da freguezia.

D'aqui se vê a Régua, S. Domingos da Queimada, o Marão e varias povoações e serras.

Os homens de S. Gião eram turbulentos e máos, ainda ha poucos annos, sendo temidos até pelo proprio famigerado *fr. Bernardo*, de Mollêdo (vide *Coderneiro*) mas teem modificado os seus costumes, e hoje é um povo de lavradores pacificos e laboriosos.

Actualmente já por alli se póde viajar sem perigo de vida.

GIÃO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa do Conde, 24 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 125 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Bispado e districto administrativo do Porto.

E' terra fertil e cria muito gado.

As freiras benedictinas de Vairão, apresentavam o reitor, que tinha de rendimento annual, 100$000 réis.

A mesma etymologia.

GIÃO DA BARRA (S.)—vide *Julião (S.)* da Barra, Lisboa.

GIÃO (S.) hoje **S. JULIÃO**—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e na villa de Gouveia, 60 kilometros a NE. de Coimbra, 255 ao E. de Lisboa, 220 fogos.

Vide Gouveia.

A mesma etymologia.

GIÃO (S.)—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Cêa, (foi do concelho de Sandomil) 60 kilometros a NE. de Coimbra, 255 a ENE. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 230 fogos.

Orago S. Julião (antigamente S. Gião).

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O vigario de Penalva d'Alva, apresentava annualmente o cura, que tinha 25$000 réis e o pé d'altar.

GIELLA — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 30 kilometros a O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 49 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

(Giella é contracção de *Julianna).*

O papa e o bispo, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 170$000 réis.

Os Britos, dos Arcos, têem aqui um praso, ao qual a egreja paga 60 alqueires de pão terçado, pela *medida reguenga*. Deu-o D. frei Balthazar Limpo, frade crusio, de Grijó, bispo do Porto e depois arcebispo de Braga, a seu parente, Francisco de Caldas, sogro de Heitor Lemos de Leão, dando-lhe tambem parte da dizimaria de Gontrode, na Castanheira de Coura; e um praso em S. Pedro de Sá.

Está aqui o paço, capella e torre com sua barbacan, que consta ser obra de um D. abbade de Sabadim, que tambem fez a capella de Nossa Senhora da Conceição, nos Arcos de Val de Vez.

Annexa a esta torre está a quinta e uma grande matta. Tudo isto veio a ser da corôa, e D. João I a deu a Fernando Annes de Lima, com metade do senhorio dos Arcos e outras terras, por o ajudar na conquista da cidade gallega de Tuy. (Vide Villa Nova da Cerveira.)

GIÉSTEIRA ou **GÉSTEIRA** — freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 18 kilometros d'Evora, 100 ao E. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago S. Sebastião.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

O arcebispo apresentava o cura, que tinha 330 alqueires de trigo, annuaes.

E' terra fertil em cereaes.

GIESTEIRA — vide Gésteira.

GIL (S.) — vide Pérre.

GILMONDE — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 83 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

(Gilmonde é nome proprio de homem.)

O D. prior da collegiada de Barcellos, apresentava o vigario, collado, que tinha 50$000 réis.

Antigamente escrevia-se *Gimonde.*

GIMONDE—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 48 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

O reitor de S. Pedro de Bábe, apresentava o cura, que tinha 6$500 réis de congrua e o pé d'altar.

GINZO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Em 1757 tinha 32 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O D. prior da collegiada de Barcellos, apresentava o vigario, que tinha 24$000 réis annuaes.

GIÕES — freguezia, Algarve, comarca de Tavira, concelho d'Alcoutim, 60 kilometros a NE. de Faro, 285 ao S. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 247 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Faro.

A mitra apresentava o cura, que tinha 480 alqueires de trigo e 60 de cevada, annualmente.

O logar de Giões é uma grande aldeia, mal arruada, mas com boas casas; situada em um outeiro, entre serras. A 500 metros da povoação, tem uma fonte abundante de boa agua.

Boa egreja de tres naves, magnifica capella mór, moderna, e possue os mais ricos paramentos do Algarve.

N'esta freguezia se fabricam tecidos grosseiros de lan, da mesma qualidade e tantos como em Martim Longo.

E' terra de dextros caçadores. Ha aqui muitos almocreves. Seus campos são muito ferteis e bem cultivados.

A freguezia tem 36 kilometros quadrados. Tem poucos arvoredos e poucos mattos; mas tem boas terras de pão, principalmente para o lado do rio Vascão, que corre 3 kilometros ao N. do logar. Cria muito gado.

A ribeira do Vascão separa Giões da freguezia de S. Bartholomeu de Mértola, já no Alemtejo; pelo E. fica-lhe Pereiro, com o qual parte pelo *Barranco do Malheiro*, direito á *Lagôa-Marim* e vae ter á ribeira *Foupana*, que lhe serve de limite ao S., com Vaqueiros, e ao O. com a freguezia de *Martim Longo*.

Para a etymologia, vide *Gião*, de que esta palavra é plural.

GIRABOLHOS — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Cêa, 75 kilometros ao NE. de Coimbra, 255 ao E. de Lisboa, 215 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago Santa Justa.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O cabido da Sé de Coimbra, apresentava annualmente o cura, que tinha 25$000 réis annuaes.

GIRALDO (S.) — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Monte Mór Novo, 30 kilometros d'Evora, 100 a E. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 129 fogos.

Orago S. Geraldo.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e 180 de cevada.

GLAFÚRA — vide Galafúra.

GLORIA ou **NOSSA SENHORA DA GLORIA** — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Estremoz, 35 kilometros d'Evora, 145 ao SE. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 82 fogos.

Orago Nossa Senhora da Gloria.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e 60 de cevada.

GOÃES — freguezia, Minho, comarca e 11 kilometros a E. de Villa Verde, concelho e 4 kilometros a E. d'Amares, (foi até 1855, comarca de Lanhoso, concelho de Santa Martha de Bouro), 15 kilometros a NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É muito fertil.

O ordinario apresentava o abbade, por concurso synodal, que tinha 400$000 réis annuaes.

A egreja matriz, situada na extremidade norte da freguezia, é vasta e foi construida pelos annos de 1762. Tem uma boa torre de cantaria, concluida em 1861. Levou quatro annos a edificar. Na noite de 29 para 30 de novembro de 1872, um raio lhe arruinou a cúpula e fez grandes estragos na egreja. Foi logo tudo concertado.

Foi em tempos antigos da comarca da Foz do Lima, visita d'Entre Homem e Cávado e Valle de Tamel.

Ha n'esta freguezia quatro capellas, que são: — S. Lourenço (no monte do seu nome), Santo Antonio, Santa Marinha e Sant'Anna.

A freguezia está situada na margem direita do Cávado (que corre ao S.) em terreno accidentado.

As suas laranjas (conhecidas no Porto por *laranjas do Salgueiral*) são optimas e ha aqui grande abundancia.

Correm n'esta freguezia tres ribeiros — *Salgueiral*, que réga, móe e tem um lagar de azeite que foi do mosteiro de Bouro. Morre na direita do Cávado, com 3 kilometros de curso. *Portozêllo*, réga e móe. Morre na

direita do Cávado, com 1 kilometro de curso. *Ramourel*, réga, móe, tem engenhos de serrar madeira e um lagar de azeite. Morre na direita do Cávado, com 2 kilometros de curso.

GOÃES — freguezia, Minho, comarca de Pico de Regalados, concelho de Penella até 1855, e desde então comarca e concelho de Villa Verde. 18 kilometros ao NO. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 117 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis annuaes.

GOÃES — vide Guiães.

GODIM, mais vulgarmente **JUGUEIROS** — villa, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Peso da Regua, 85 kilometros ao NE. do Porto, 340 ao N. de Lisboa, 460 fogos, 1:600 almas.

Em 1757 tinha 252 fogos.

Orago S. José.

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real.

D. Manuel lhe deu foral em Evora, a 15 de dezembro de 1519. Tinha foral velho, dado em Bustello, em maio de 1205.

Jugueiros, quer dizer — lavradores que estão sujeitos ao pagamento das *jugadas*; por outra, *lavradores que têem bois e carro.* (Vide Jugada, Jugadeiro, Jugadário e Jugueiro).

O arcediago da Régua, apresentava o cura, que tinha 100$000 réis.

GODINHAÇOS — freguezia, Minho, comarca de Pico de Regalados, concelho de Penella, até 1855, e desde então comarca e concelho de Villa Verde, 18 kilometros a NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 114 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O prior do convento da Graça (Pópulo) da cidade de Braga, apresentava o vigario, que tinha 23$000 réis e o pé d'altar.

Está aqui uma torre, chamada hoje de *S. Mamede*, que, segundo a tradição, foi feita por um mouro, para guardar a sua amante.

GODOS ou **WISIGODOS** — (*wisigodos* quer dizer godos do oeste), povos da Scandinavia. Commandados por Alarico, atravessaram a Grecia, passaram á Italia e tomaram e saquearam duas vezes Roma. Expulsos do meio dia da Gallia, onde se haviam estabelecido, passam á Hespanha, e ahi, depois de submetterem os alanos, suevos e vandalos, dominam até á invasão dos arabes.

Os *ostrogodos* (godos do leste) tinham por chefe Theodorico, o menos barbaro dos chefes barbaros. Penetraram na Italia, onde venceram os *herulos*, em 493, e onde depois foram vencidos pelos *lombardos*. Os *ostrogodos* foram os primeiros povos da Germania que abraçaram a religião christan.

Os godos, senhores das Hespanhas, se foram pouco a pouco domesticando, vindo por fim a tornar-se muito mais pacificos e cultos, e misturando-se com as raças ibericas, e adoptando o catholicismo (elles eram arianos) vieram a formar uma só nação até á invasão dos arabes em 714.

Os *godos* e outras differentes raças do Norte que invadiram a França, as Hespanhas e outras nações da Europa, no seculo V.

Os *burgonhezes*, povos do N. da Allemanha, commandados por *Gondicario*. Invadiram o imperio romano em 407 de, Jesus Christo, e estabeleceram-se na parte oriental da Galliza.

Os *suevos*, povos da mesma procedencia commandados por *Hermanric* (ou *Hermenerico*). Atravessaram a Gallia em 409, e se estabeleceram na Hespanha e Lusitania, e sendo vencidos pelos *visigodos*, se fundiram em uma só nação.

Os *vandalos*, vieram das mesmas paragens, sendo seu chefe *Genserico*. Invadiram a peninsula iberica, juntos com os *suevos*, no mesmo anno de 409, depois de terem devastado a Gallia.

Á chegada dos *visigodos*, passaram á Africa, oude foram vencidos pelo famoso general romano Belisario, no tempo do imperador Justiniano.

Os *alanos*, originarios das proximidades do

Caucaso, na Asia. Era seu chefe *Gonderico*. Atravessaram a Hungria e a Allemanha, reuniram-se aos suevos e aos vandalos, e invadindo e devastando as Gallias, se estabeleceram na peninsula iberica. Foram desbaratados pelos *visigodos*, e os seus restos se incorporaram na nação gothica.

Francos, eram naturaes da Germania, e seu chefe *Pharamond* (ou Faramundo) passaram o Rheno em 418 e se estabeleceram nas Gallias, que dominaram e ás quaes impozeram o seu nome, ficando desde então chamando-se *França*.

Anglos e saxonios, povos do norte da *Germania-Jutlandia*. Foram chamados á Inglaterra em 449, pelos inglezes, para os defenderem de outros barbaros. Derrotados estes se apoderaram da *Bretanha*, expulsando os naturaes, e ahi dominaram até á invasão de *Guilherme o Conquistador*.

Hunos, eram da Scythia, e das fronteiras da *China Septemtrional*. Atravessaram a Hungria, commandados por *Attila*, em 466, e invadiram as Gallias, onde foram derrotados. Retiraram para a Italia, e por morte de *Attila* se estabeleceram uns na Hungria, outros na Polonia e na Russia.

Herulos, originarios da Allemanha. Era seu chefe *Odoacro*. Estabeleceram-se na Italia em 476, sendo depois expulsos pelos *ostrogodos*.

Visigodos (godos do oeste), eram *scandinavos*, e commandados por Alarico. Atravessaram a Grecia, e, passando á Italia, duas vezes tomaram e saquearam Roma.

Estabeleceram-se ao sul das Gallias, e sendo d'ahi expulsos, invadiram as Hespanhas, onde submetteram os *alanos*, *suevos* e *vandalos*.

Ostrogodos (*godos de Leste*), tambem *scandinavos*, e tendo por chefe *Theodorico*.

Lombardos, tambem oriundos da *Scandinavia*. Era seu chefe *Alboin*. Foram chamados por *Narsés*, e atravessando os Alpes se apoderaram da maior parte da Italia septemtrional, d'onde expulsaram os *ostrogodos*, e ahi se estabeleceram até que foram derrotados por Carlos Magno.

GÓES—villa, Douro, comarca de Arganil, 30 kilometros a NE. de Coimbra, 205 ao N. de Lisboa, 850 fogos, 3:300 almas. No concelho 1:650 fogos.

Em 1757 tinha 568 fogos na freguezia.

Orago Santa Maria Maior (Nossa Senhora da Assumpção.)

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Situada em um profundo valle, sobre o rio *Cêira*. É tão profundo que raras vezes lhe dá o sol no inverno.

É terra fertil.

O conde de Villa Nova (de Portimão) apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

Tem uma boa fabrica de papel, estabelecida em 1820, no sitio denominado *Ponte Soutão*. Emprega o motor hydraulico e os antigos processos. Trabalha apenas oito mezes no anno, por falta d'agua durante a estiagem. Emprega 90 operarios.

A villa está collocada entre as serras do Rabadão e Carvalhal. Mandou-a povoar em 1130 D. Anian Estrada, senhor asturiano, companheiro e amigo do conde D. Henrique.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 20 de maio de 1516. Serve para Agua Boa, Arcos, Cellaviza e Valle Bom.

O rio Cêira, réga, móe e traz peixe. Tem aqui uma ponte de pedra.

Tinha um formoso palacio dos senhores d'aqui, fundado por Vasco Pires Farinha (descendente de D. Anian Estrada) que aqui instituiu um grande morgado. É o solar dos Goes. Este morgado passou, por casamento, aos Silveiras, *condes de Sortêlha*.

É n'esta freguezia a serra de Baçô, ramo da Estrella. Tem 18 kilometros de comprido e 12 de largo. D'ella nasce o Cêira. Traz muita caça, grossa e miuda.

—

O concelho de Góes, é composto de quatro freguezias, todas no bispado de Coimbra. São: Cadafaz, Colmeal, Góes e Varzea.

GOIOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Expectação.)

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor do convento dos conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) de Villar de Frades, denominados *bons homens de Villar*, apresentavam o vigario, que tinha de rendimento annual 40$000 réis.

Esta parochia foi fundada pela rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques, pelos annos de 1150.

Na aldeia de Carcavellos, d'esta freguezia, no reinado de D. Sancho II, houve um tal Estevão Pires de Molnes, que tinha um nobre paço, e pretendia que toda a freguezia era honra sua, servindo-se para a sua pretenção, de exacções e violencias; chegando a querer impedir que aqui entrasse o mordomo do rei.

E porque Martim Vermoiz foi alli penhorar um lavrador, elle o prendeu, e o trouxe assim, em volta da freguezia, repetindo-lhe muitas vezes estas palavras: *por aqui é honra*, e no fim o enforcou.

Outra vez matou um alcaide, chamado Domingues, depois de lhe ter cortado as mãos.

Estando extincto este appellido (Molnes) no tempo do rei D. Diniz, passou o que era do tal despota, a ser solar dos *Gôios*.

GOIVÃES (ou **GOUVÃES**) **DO DOURO**—villa, extincta, Traz-os-Montes, comarca de Villa Real, concelho de Sabrosa (foi até 1855, concelho de Provezende) 345 kilometros ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago Nossa Senhora dos Anjos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

D. Affonso III lhe deu foral, em Pinhel, a 3 de outubro de 1256, e logo outro, confirmando o antigo, e dando-lhe novos privilegios, em Santarem, a 27 de março de 1257.

Situada em alegre e elevada planicie, muito fertil e com bello clima.

D. Sancho I a povoou e lhe deu foral em 1202, que foi o primeiro que a villa teve; mas Franklim não falla n'este foral.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 1:000$000 réis de rendimento annual.

É terra muito fertil.

Cria muito gado de toda a qualidade.

GOIVÃES ou **GOUVÃES**—freguezia, Beira Alta, comarca de Lamego, concelho de Tarouca, 6 kilometros de Lamego, 375 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de Tarouca, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

GOIVÃES DA SERRA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca de Aguiar, 75 kilometros ao NE. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 45 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Orago S. Jorge.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Tollões (ou Tellões) apresentava o vigario, confirmado, que tinha de rendimento 30$000 réis.

GÓJA—pequena villa, Beira Alta, na freguezia de Villa Maior, concelho de S. Pedro do Sul, comarca de Vouzella, 18 kilometros ao N. de Viseu 285 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Foi couto, com justiças proprias.

GOJIM—vide *Goujoim*.

GOJIM ou **GOGIM**—aldeia, Beira Alta, freguezia de S. Martinho das Chans, comarca e concelho de Armamar, 12 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

(Vide *Chans*, (S. Martinho das) a pag. 259 do 2.º vol.)

> Não se confunda esta povoação com *Goujoim*, pequena villa e freguezia (cujo orago é Santa Eulalia) no mesmo concelho, comarca, bispado e districto administrativo.

—

Tenho a satisfação de escrever aqui, em rapidos traços, a biographia de um verdadeiro homem de bem, de um portuguez de antiga tempéra, de um varão cuja probidade, franqueza, honra e lealdade, nos faz recor-

dar esses nobilissimos vultos de antigas eras.

É de todo o ponto insuspeito este artigo, escripto por um adversario politico do illustre biographado, militando ambos em campos diversos, n'essas pugnas fratricidas, que por tantos annos teem enlutado e ensanguentado o solo do nosso querido Portugal.

Perdoe-me o sr. Francisco de Azeredo Teixeira de Aguilar, 2.º conde de Samodães, se eu, tão falto de cabedal litterario, e em estylo chão, despretencioso e comesinho, ouso aventurar-me a um assumpto digno de mais apurada penna, narrando a vida de seu venerando pae.

—

Em 14 de janeiro de 1770, nasceu o sr. Francisco de Paula de Azeredo, no logar e freguezia de Samodães, d'este concelho e comarca de Armamar.

Foi o ultimo filho legitimo do sr. Francisco Antonio Teixeira de Carvalho (fallecido em 30 de outubro de 1771) e da sr.ª D. Joaquina Leocadia de Azeredo Leite e Albuquerque, senhora da casa de *Quintião*, nos suburbios de Lamego: nascida em 1742, e fallecida em 4 de abril de 1787. Jaz na capella da sua casa, n'esta aldeia de Gojim.

Era o pae do 1.º conde de Samodães, filho de Manuel Teixeira de Carvalho, senhor dos vinculos de Gojim e Samodães (que nascéra em 1669 e fallecêra em 29 de janeiro de 1756) e de sua mulher, D. Maria Euphrasia Rebello (nascida em Freixo de Numão, e fallecida em 21 de dezembro de 1759.)

Manuel Teixeira de Carvalho, era filho de outro do mesmo nome, casado com D. Maria Saraiva da Costa, herdeira da casa de Gojim.

Este Manuel Teixeira de Carvalho, era filho e representante de André Teixeira de Carvalho, natural de Lamego, fidalgo da casa real, casado, em segundas nupcias, com D. Anna Ribeiro Machado Rangel, que tinha nascido em Aveiro, em 1590. Era filha do capitão-mór de Aveiro, Antonio Ribeiro Rangel, fidalgo da casa real, e de D. Maria Nunes Machado.

Já se vê que, se o 1.º conde de Samodães não pertencia a uma das primeiras familias aristocraticas de Portugal, era todavia, pelas linhas paterna e materna, descendente de troncos muito nobres e respeitaveis.

Teve seis irmãos, (como já disse) mais velhos do que elle. Eram, pela ordem das edades:

1.º Antonio de Azeredo Teixera de Carvalho, administrador dos morgados de Samodães e Gojim, e da casa de Quintião e outras, que desbaratou completamente, morrendo em 1836, no emprego de administrador do correio do Porto, sem successão.

2.º Francisco Antonio de Azeredo Teixeira de Carvalho, bacharel formado em canones, que exerceu varios cargos publicos, e administrou os vinculos de Gojim e Samodães. Morreu sem successão, em Gojim, a 30 de julho de 1853.

3.º D. Marianna Casimira de Azeredo Leite, que casou em Celorico de Basto, com Rodrigo Leite de Sousa Machado, monteiro-mór de Basto e Monte Longo, a qual falleceu em 1850, deixando uma numerosa successão.

4.º Frei José de Santo Ignacio Leite, que foi monge da Ordem de S. Bernardo, exercendo n'ella cargos importantes. Falleceu no mosteiro de Alcobaça, em 1831.

5.º Bernardo Correia de Azeredo, capitão do regimento de infateria n.º 23, que depois foi reformado. Falleceu em 1836.

6.º Carlos de Azeredo, que morreu na infancia.

—

Vendo-se sua mãe viuva, e com tantos filhos, todos menores, foi com elles habitar para a sua casa de Gojim, que é em boa situação, com uma vasta quinta, e que possue todas as commodidades de uma habitação rustica.

Fôra esta casa reedificada por occasião do casamento de seu sogro, que se celebrou com um esplendor e magnificencia, que ainda vive na tradição d'estes povos, apesar do lapso de quasi dois seculos.

—

Fica a aldeia de Gojim nas ábas da serra que limita a bacia que está entre os rios *Thédo* e *Barosa* (ou *Varosa.*)

É banhada pelo ribeiro de Gojim, que morre na esquerda do Douro. É povoação saudavel, mas érma e triste.

—

Aqui, no socêgo da solidão, e com mestres de muita virtude e instrucção, aprenderam estes orphãos o portuguez, latim, logica, rhetorica, geometria, etc.

Sahiram estas doceis creanças, virtuosas, tementes a Deus e esmeradamente educadas.

Chegando á edade juvenil, cada um seguiu a vida para que tinha mais predilecção.

Cumpre notar, que antes da sua mútua separação, quizeram fazer partilhas, o que se não levou a effeito, sem grandes demandas, o que causou quasi a total ruina d'esta até então florescente casa.

—

O 1.º conde de Samodães e seu irmão Bernardo, sahiram da aldeia de Gojim, em 24 de janeiro de 1792, para a praça de Almeida, onde chegaram a 26.

Pretendiam sentar praça no regimento de cavallaria, que então alli estava de quartel; mas não havia uma só vacatura; pelo que se alistaram, como cadetes, no 2.º regimento de infanteria de Almeida, depois (desde 19 de maio de 1806) n.º 23, em 31 de janeiro do dito anno. [1]

Tratemos sómente do que depois foi feito conde de Samodães.

Foi despachado porta-bandeira, em 1796; alferes, em 4 de abril de 1797. Fez com muita distincção a curta campanha de 1801. Foi promovido a tenente, em 15 de agosto de 1805.

O tenente Azeredo (como seu irmão e camarada) na invasão de Junot, recusaram-se com lealdade de portuguezes, a servir nas fileiras dos inimigos da sua patria, e sahiram de Almeida, com as suas espadas, e não tornaram a entrar, mas foram, a pé, para a sua casa de Gojim.

Em 9 de junho de 1808, se lavantou a praça de Melgaço contra os *jacobinos*.

[1] O então chamado *regimento de Penamacor*, ou *1.º de Almeida*, tomou n'esse tempo o n.º 11.

A 11, Bragança, com o general Sepulvéda á frente. A 18 o Porto, e em seguida as duas provincias do Norte, e em breve todo o reino.

Estava Azeredo então na casa da *Ribeira*, em Cabeceiras de Basto, residencia de sua irman.

Não hesitou um momento em marchar para Amarante, a unir-se aos patriotas, sendo logo encarregado do commando de um corpo de paisanos armados.

Loison, com a sua horda (2:400 infantes e 100 cavallos) sahe de Almeida, invade a Beira Alta, entra em Lamego, e marcha para o Norte, em direcção a Mezão-Frio. Os povos sublevados, lhe vão picando os flancos e a rectaguarda, e chega ao Marão debaixo de um fogo mortifero, que lhe disima os seus soldados vendo-se obrigado a retroceder para Lamego, pela Régua.

Mas Azeredo, adivinhando o plano do inimigo, sahe de Amarante á frente dos portuguezes, sobe ao Marão, onde ataca os francezes, que, vendo-se assim acossados, tomam a estrada de Castro d'Ayre, retirando-se sobre Almeida, pela estrada de Viseu.

Azeredo, como perfeito conhecedor da provincia da Beira Alta, foi nomeado commandante de uma força destinada á perseguição dos francezes, em guerra de guerrilhas, que tão desastrosa foi para o inimigo, na Peninsula.

A sua marcha de flanco sobre Loison, lhe deu ensejo de causar grandes baixas aos francezes.

Assim foi Azeredo flanqueando-os até que se viram na necessidade de abandonar Almeida, dirigindo-se para Abrantes, deixando desoccupada toda a Beira Alta.

De Almeida se dirigiram estas hordas ferozes sobre a Guarda, onde praticaram as maiores atrocidades, e o mesmo fizeram em Sarzêdas.

Já a esse tempo se havia revolucionado o Algarve e depois d'elle o Alemtejo. O sanguinario Kellermann, á frente de 6:000 francezes, saqueia Beja, innundando-a de sangue e praticando os actos mais horrorosos.

Revolta-se a Extremadura e Junot chamou a Lisboa todos os francezes que tinham

invadido Portugal. O reino nadava em sangue.

O povo em armas, exasperado pelos actos de canibalismo praticados pelos francezes, não lhes dava quartel. Além d'isso foram assassinadas muitas pessoas indefesas (e maior parte innocentes) por serem alcunhadas de *jacobinas*.

Os francezes, em desforra de tantas pequenas derrotas, vingavam-se levando a ferro, fogo e sangue, todas as povoações por onde passavam. Evora, Thomar, Leiria e Nazareth, além de outras muitas mais, foram victimas de todos os horrores.

—

Em Viseu organisava-se uma junta, denominada *dos prudentes*, e o regimento 23 foi reorganisado.

Azeredo foi feito ajudante do seu antigo regimento.

Nos fins de julho principiou o desembarque das tropas inglezas, sob o commando de Sir Arthur Wellesley, na praia de Lavos.

As forças da Beira Alta, commandadas pelo general Bacellar, não tomaram parte nas gloriosas acções da *Roliça* e *Vimeiro;* mas expulsaram os francezes de Abrantes, e vieram postar-se sobre Villa Franca de Xira, cobrindo o flanco esquerdo do exercito alliado.

Todos sabem o desfecho d'esta campanha, pelo ominoso tratado conhecido sob o titulo de *convenção* de Cintra, que obrigou a sahir de Portugal as hordas de Junot.

Esta evacuação não nos trouxe o socêgo. Emquanto Buonaparte existisse, era impossivel a paz na Europa. Nada bastava para saciar a sêde de ouro e de sangue a este flagello, que a Corsega vomitára. Debalde as nações faziam com elle tratados sobre tratados, em que sempre eram por elle engulidos milhões e milhões e o dominio de varios paizes. Recebido o dinheiro, e avassallados os povos, que não havia remedio senão entregar-lhe, quebrava logo esses convenios, e a sêde de ouro e sangue tornava a rebentar com maior ferocidade.

O governo portuguez, que, por nossa desgraça, sabia isto, não se descuidou em prevenir-se para o caso de nova invasão, que todos julgavam imminente.

O marechal Beresford, o melhor organisador dos tempos modernos, trata, por ordem do governo, da reorganisação do exercito portuguez.

Formaram-se 6 batalhões de infanteria ligeira, de 628 praças cada um; os 24 regimentos de infanteria, ficaram compostos de 1550 praças cada um. Os 48 regimentos de milicias, eram compostos cada um de 1101 praças.

12 regimentos de cavallaria, 12 batalhões de caçadores e 4 regimentos de artilheria, concluiam o numero de corpos do exercito.

O tenente general Sir Arthur Wellesley (depois lord Wellington) toma o commando em chefe de todo o exercito alliado.

—

Verificam-se os receios dos alliados. Soult invade o norte de Portugal, em março de 1809, com um exercito de 30:000 homens.

O valoroso general Silveira defende tenaz e heroicamente a posição de Amarante, por 11 dias, sendo preciso vir Soult em pessoa, desalojar os portuguezes d'este ponto.

Mas os portuguezes não esmoreceram com esta retirada e foram sempre picando os flancos e rectaguarda dos invasores.

Wellesley (feito marechal-general, por decreto de 20 de abril de 1809) á frente do exercito alliado, marcha sobre o Porto, occupado pelo inimigo, e batendo as suas avançadas no Vouga e em Grijó, vae postar-se em Villa Nova de Gaia.

Os francezes fazem voar a ponte; porém o general inglez Murray passa o Douro, em Avintes, e o general Sherbrook, mesmo em frente da *Ribeira*, protegido pelos fogos da Serra do Pilar. Foi um dos bellos feitos de armas da guerra peninsular.

O inimigo fóge do Porto para o Minho, sob as bayonetas dos alliados, emquanto que Beresford, apoiado pelas tropas do general Silveira (1.º conde de Amarante) e outros, lhe não dão quartel em Traz-os-Montes.

Dentro em poucos dias os invasores tiveram de abandonar o solo portuguez, fugindo para a Galliza.

—

O tenente Azeredo, é promovido a capitão de infanteria n.º 23, por decreto de 14 de janeiro de 1809, e em fevereiro, tendo o coronel d'este corpo (Carlos Frederico Lecor) sido encarregado da organisação de uma brigada de operações, escolheu o capitão Azeredo para major de brigada.

Esta brigada foi postada em observação sobre o Tejo, porque o marechal francez Victor tinha forçado a passagem de Almaraz.

Os francezes Soult, Ney, Mortier, Kellermann, Sebastiani, Suchet e o alcunhado *rei de Hespanha*, José Buonaparte, occupavam a Extremadura hespanhola.

Beresford marchara de Castello Branco, pela Guarda e Almeida, para Ciudad-Rodrigo, contramarchando depois por Fuente Guinaldo, Acebo e Coria, para a Beira Baixa.

O general Sir R. Wilson, foi incumbido por Wellesley de marchar sobre Alberche, tomando parte n'este movimento a brigada em que servia o capitão Azeredo.

Postos em marcha a 15 de julho, chegaram a Escalona no dia 22. Ao mesmo tempo, entrava Wellesley em Talavera.

O exercito inimigo retira, e o grosso do alliado põe-se em communicação, por Cardíel, com a divisão do general Wilson, e com a divisão do general hespanhol Cuesta, por Casalejas.

A 28 de julho dá-se a gloriosa e sanguinolenta batalha de Talavera, em que os francezes são derrotados.

Sendo reforçado em agosto o exercito de Ney, os alliados retiraram por Oropesa para Arzobispo.

O nosso exercito passou á fronteira de Portugal. O exercito alliado estaciona ao N. do Tejo. A brigada Lecor, a que pertencia Azeredo, acantonou em Torres Novas.

Os francezes não se atreviam a sahir da Extremadura hespanhola, menos a praça de Badajoz, que Wellesley occupára.

Em 1810, sabendo-se que Massena pretendia invadir Portugal com um exercito formidavel, sahiu Wellesley de Badajoz, com a força principal do seu exercito, vindo sobre Coimbra, e d'ahi marchou para Viseu, onde estabeleceu o seu quartel general. A nossa direita apoiava-se sobre a Guarda; a esquerda, sobre o Douro, e os postos avançados, sobre o Côa.

O tenente-general Hill, estacionava em Abrantes com a sua divisão.

Os francezes tinham então em Hespanha, 8 corpos de exercito. Victor, Mortier e Sebastiani, occupavam posições sobre o Tejo; Soult, estava em Talavera; Ney e Junot, na Castella Velha; Suchet e Mac-Donald, no Aragão e na Catalunha.

Ney, cerca Ciudad-Rodrigo. Loison, cerca Astorga; mas os movimentos do exercito alliado o fazem retrocecer sobre o Tormes.

Os francezes recebem novos e grandes reforços, e com elles investem segunda vez Astorga, que se rende a 22 de abril.

Sir Wellesley muda o seu quartel general para Celorico da Beira; no dia 25 de junho para Almeida, e no dia 30 para Alverca.

Os francezes tinham posto cêrco a Ciudad Rodrigo, a 26 de abril, e esta praça capitulou a 11 de julho.

A 24, houve um combate entre a nossa divisão da vanguarda e os francezes. Aquella repassa o Côa e o inimigo põe cêrco a Almeida.

Wellesley vem estacionar sobre o Mondego; e a divisão de Lecor, foi encarregada de conservar as communicações entre a divisão Hill e o exercito de Wellesley.

O inimigo ataca Almeida a 15 de agosto, e esta praça, depois da explosão do paiol (não sem suspeita de traição) rende-se a 27. (O estampido d'esta explosão ouviu-se no acampamento de Lecor, a 78 kilometros.)

Lecor vae occupar a forte posição da Ponte da Murcella, a marchas forçadas, por se imaginar que fosse o objectivo do inimigo.

Massena invade Portugal, pela Beira Baixa, com um exercito de 120:000 homens.

Vendo Sir Wellesley que o inimigo avançava inesperadamente sobre Celorico da Beira e Trancoso, occupa as posições do Bussaco.

Lecor, com a sua divisão, sustentava as posições da Murcella e a ála direita do nosso exercito.

O general inglez Fane, á frente da caval-

laria, sustenta, no Alva, os ataques da cavallaria inimiga. Hill, passa o Mondego.

Trant, tinha avançado desde o Douro, sobre a estrada de Coimbra, para impedir a passagem do inimigo.

Em 27 de setembro trava-se o grande conflicto do Bussaco. Wellesley commandava os alliados, e Ney e Regnier os invasores.

Uma brilhantissima carga de bayoneta, dada pelo regimento n.º 8 de infanteria portugueza (quasi todo de recrutas) e pelos regimentos inglezes n.ºs 45 e 88, dirigidos pelo major-general Picton, decidiu a sorte d'este dia, sempre glorioso para as armas portuguezas e britannicas.

O inimigo retira para o Sardão (em frente e ao S. de Agueda) que não podéra ser occupado a tempo por Trant.

Os alliados, descendo a Coimbra, vão occupar as *linhas de Lisboa.*

Foi a divisão Lecor, que cobriu a rectaguarda do nosso exercito, n'esta admiravel retirada, na qual o major de brigada Azeredo mereceu os elogios de Sir Wellesley, pelo modo como deu as acertadas providencias, durante os 12 dias que ella durou, e tendo sobre a sua rectaguarda um exercito inimigo, numerosissimo. A sua marcha foi de Coimbra pelos Cabaços e Thomar, até Santarem.

Collocado o nosso exercito dentro das *linhas*, a divisão Lecor guarneceu as posições desde a direita do Tejo até Sobral de Monte Agraço.

A 14 de novembro, o inimigo retira sobre Santarem; tomando esta posição e occupando a sua rectaguarda Torres Novas, Gollegan e a linha de Zêzere, e n'estas posições se conservou todo o inverno.

O quartel-general dos alliados era no Cartaxo; não havendo n'este tempo senão simples escaramuças, nos postos avançados.

O inimigo tenta passar o Tejo; porém Hill, que occupava a margem esquerda, o fez retirar.

Portugal, occupado militarmente, na sua maior parte, por dois grandes exercitos, ficou horrivelmente assolado, tanto pelos amigos como pelos inimigos; porque os inglezes roubavam tanto como os francezes, apesar das repetidas e severissimas ordens do dia do general em chefe.

—

Principia o anno de 1811. A Hespanha e Portugal estavam occupados por grandes massas de francezes, capitaneadas pelos seus mais famosos generaes.

Buonaparte, desesperado por vêr eclipsar-se a sua estrella na Peninsula, invida todos os seus esforços, não recuando ante nenhum sacrificio, para se desforrar das grandes e repetidas derrotas que aqui tinham levado seus generaes escolhidos.

Massena continua a ameaçar Lisboa, defendida pelos alliados, postados nas formidaveis linhas que se estendiam desde o Tejo até ao Atlantico.

Os orgulhosos vencedores de Austerlitz, Jena e Wagram, aterrados á vista das linhas, e da heroica attitude dos alliados; depois de cinco mezes de inacção, retiraram para Santarem, a 5 de março de 1811.

—

Durante o cêrco, Lisboa, fiada no valor do exercito alliado, estava tão socegada como em plena paz; e os officiaes do nosso exercito facilmente obtinham licença para hirem para Lisboa descançar das fadigas da guerra.

A estada de Junot em Lisboa, deixára rastos desastrosos, não só pelos grandes roubos praticados pelos francezes, mas tambem pela seita maçonica que iniciou em Portugal.

Azeredo, joven inexperiente e facil de illudir, convidado pelo general inglez, barão de Eben, filia-se em uma *loja.*

(Eben esteve para ser enforcado com Gomes Freire (em 1817) devendo á sua qualidade de inglez a conservação da vida, porque Beresford não consentiria que um seu compatriota fosse justiçado por sentença de tribunaes portuguezes.)

Fisher, Damm, Rebold, Redarés, Reghellinide Schio, Acerelos, e outros escriptores mâçons, em que os fins da ceita maçonica são patenteados com a maior clareza e revelados os seus mysterios, não eram conhe-

cidos dos incautos, que hiam receber a iniciação.

Foi, pois, com as melhores intenções que Azeredo recebeu os primeiros gráos na franc-maçonaria. Desenganado, porém, dos fins a que visavam estas sociedades secretas, e muitos annos antes da sua morte, as abandonou para sempre, fazendo retractações sinceras.

—

Tendo Massena, como disse, retirado das linhas de Lisboa, Sir Welleley, já Lord Wellington (como d'aqui por diante sempre o designarei) marcha em sua perseguição na madrugada de 6 de março.

A columna de Lecor, onde hia Azeredo, seguiu a linha de ataque pelo Pombal. Os francezes, na sua retirada, devastam tudo, incendiando povoações inteiras e saqueando mosteiros, egrejas e casas particulares. Nem a historia antiga nem a moderna mencionam atrocidades como as que praticaram estes canibaes.

Fugindo do Pombal, procuram sustentar-se em um desfiladeiro entre esta villa e a Redinha, apoiando a sua esquerda sobre o rio de Sôr; mas foram brilhantemente desalojados por uma divisão do nosso exercito.

N'esta acção tomou uma parte mui distincta a columna Lecor, em que Azeredo servia.

No dia 13 foi ainda esta columna que bateu o inimigo na posição de Condeixa, obrigando-o a retirar sobre a ponte da Murcella.

No dia 14 foi a mesma columna, apoiada por outras forças de exercito, que desalojou os francezes das posições de Casal-Novo, repellindo a sua rectaguarda para Miranda do Corvo, em plena debandada, deixando no campo grande numero de mortos e feridos.

Os felizes resultados d'estas operações, deixaram livre toda a estrada de Lisboa a Coimbra, escapando esta ultima cidade aos horrores que a raiva devastadora do inimigo infligiu a Leiria, Alcobaça, Pombal, Condeixa e outras povoações que ficaram reduzidas a um montão de ruinas fumegantes.

Emquanto em Portugal os francezes eram heroicamente escorraçados de toda a parte, a praça de Badajoz se lhes entrega cobardemente, no dia 11 de março, apesar do governador ter a certeza de que seria efficazmente soccorrido em poucos dias; o que trouxe desastrosas consequencias aos alliados.

Nos dias seguintes ao ataque de Miranda do Corvo foram os francezes desalojados das suas posições do Rio Ceira e da Moita.

O exercito francez, depois d'estas acções, destruiu todo o seu material pesado, e poz-se em precipitada fuga, sempre perseguido pela nossa vanguarda. Entraram na Guarda, donde fugiram a 29 de março, sem esperarem combate, mas sendo perseguidos pela nossa cavallaria, que lhe fez grandes perdas.

Occuparam então a villa do Sabugal, e os alliados a margem esquerda do Côa.

A 3 de abril o inimigo é atacado nas fórtes posições do Côa, Rovina e Sabugal. Um denso nevoeiro fez com que a brigada Beckwith e a divisão ligeira, tendo passado o Cóa, sem poder vêr o terreno que pisava, foi bater com o grosso da ala esquerda no inimigo, seguindo-se um terrivel combate que lhe podia ser fatal se as brigadas Picton, Colville e Dunlop não lhe acudissem a tempo.

Azeredo tomou uma parte importante n'esta acção, atravessando intrepidamente o Côa com a brigada a que pertencia.

Os francezes perderam muitas peças e grande numero de prisioneiros e mortos, passando, no dia 4 de abril, o rio Agueda, e evacuando completamente o reino de Portugal, depois de 4 annos de correrias, das violencias mais inauditas e dos mais atrozes crimes, praticados por generaes e soldados de uma nação que se vangloriava de ser a primeira em civilisação.

As praças portuguezas de Almeida, Olivença e Campo-Maior ainda tinham guarnições francezas. Beresford liberta Campo-Maior a 4 d'abril e Olivença a 15. A praça d'Almeida é reconquistada a 11.

O tenente-rei, o coronel Francisco Bernardo da Costa e Almeida, é fuzilado (depois, em junho de 1812) por suspeitas de coninvencia na capitulação da praça.

Os aliados perseguem os inimigos em territorio hespanhol.

Como nos levaria longe esta eliada de gigantes, desenvolvida em um reino estrangeiro, limitar-me-hei a dizer que Azeredo tomou parte em varias acções com muita distincção durante toda a guerra da Peninsula, sendo por decreto de 2 de janeiro de 1812 promovido a major de infantaria 23, a que sempre tinha pertencido, dispensando-o Beresford das provas do costume para o accesso de official superior d'um regimento. N'esta qualidade tomou parte nos differentes assaltos á praça de Badajoz, á frente de infanteria 23, tornando-se este corpo e o 11 de infanteria, que formavam a brigada Harvey, admiraveis pela sua sua firmeza e bravura, merecendo por isso honrosa distinção; e como o major Azeredo commandou o seu regimento n'estas acções, teve depois a medalha correspondente.

Assistiu tambem Azeredo á batalha e victoria dos Arapiles, onde perdeu dois cavallos, levando-lhe uma bala a espada e outra a barretina.

N'esta batalha foram feridos Beresford, Cole, Leith, este gravemente, Marchand, cahiu morto, carregando o inimigo, que na sua retirada perdeu mais de 7:000 prisioneiros, incluindo generaes e grande numero de officiaes, peças d'artilheria, munições e bagagens. O marechal Marmont, commandante em chefe do inimigo, perdeu um braço, alem quatro de seus generaes, de grande numero de officiaes e soldados, que ficaram mortos no campo, fugindo os francezes em completa debandada.

Os alliados entraram victoriosos em Madrid e a divisão a que pertencia o regimento do commando do major Azeredo foi aquartellar-se para o Escurial.

Azeredo assistiu aos varios combates que tiveram logar na Hespanha, á celebre retirada de Burgos e outras acções subsequentes, distinguindo-se na gloriosa batalha de Victoria, em que o inimigo soffreu uma completa derrota, perdendo toda a sua artilheria, muitas bandeiras, bagagens, munições, equipagens, thesouros, cavallos e grande copia de feridos, mortos e prisioneiros.

José Buonaparte, commandante em chefe, fugiu, valendo-lhe a velocidade do seu cavallo, para não ficar em poder dos alliados.

Esta batalha, completamente decisiva, trouxe a immediata evacuação da Peninsula pelos francezes, que na sua precipitada fuga, cortando os tirantes da artilheria, para vêr se podiam salvar as muares, iam fazendo repetidas descargas sobre os seus persiguidores por uma das quaes foi Azeredo gravemente ferido na perna esquerda.

Os marechaes, ainda antes da entrada do ferido no hospital de sangue mandaram informar-se do seu estado, e felicital-o pela sua brilhante conducta n'esta sanguinolenta batalha. Beresford lhe mandava ao mesmo tempo parte de que n'este dia de gloria (24 de junho de 1813) o promovia, no campo da batalha, ao posto de tenente coronel.

Aqui terminou a campanha para Azeredo visto não poder seguir o seu regimento na perseguição do inimigo.

A junta dos cirurgiões militares dicidiu amputar-lhe a perna, ao que elle se oppoz terminantemente, conseguindo salval-a depois de um mez de cuidadoso curativo. Obteve licença de 6 mezes para vir concluir o restabelecimento nas Caldas de S. Pedro do Sul.

Em acção de graças pela sua cura, fez celebrar uma festa religiosa na capella de Nossa Senhora da Piedade, em Gojim, a que assistiram quasi todos os monges bernardos de Salzêdas.

Em 1814 foi mandado commandar o regimento de infanteria 8, que estava em Castello de Vide, o qual dentro em pouco apresentou um grao de disciplina e instrucção que o tornaram um dos melhores do exercito.

Em janeiro de 1815, sendo este corpo inspeccionado por Campbell, testemunhou este general a mais completa satisfação pelo seu estado de disciplina.

—

O tratado de Fontaineblau, expulsando da França o usurpador, deixou a Europa em paz por algum tempo, e na chamada guerra dos

cem dias não foi preciso entrar em campanha o exercito portuguez.

—

Azeredo, quando já na Europa não havia perigo para a independencia da sua patria, offerece-se para hir combater os rebeldes commandados por Artigas, no Rio da Prata, (America do Sul.) Foi acceite o seu offerecimento e por decreto de 12 de junho de 1815 foi promovido a coronel, addido ao Estado-maior da Divisão e foi apresentar-se em Lisboa ao tenente-general Carlos Frederico Lecor, seu antigo chefe e amigo, que havia sido nomeado commandante d'esta expedição. Azeredo embarcou a bordo da nau *Vasco da Gama* (que apodreceu no Rio de Janeiro e não voltou mais a Portugal.)

A 8 de fevereiro de 1816 tomou a esquadra que conduzia a divisão, o rumo do SO. em direcção ao novo mundo.

Com favoravel viagem chegaram ao Rio de Janeiro onde se demoraram 4 mezes. D. João VI lhe deu o commando do segundo regimento de infanteria d'esta expedicção, que em junho de 1816 levantou ferro do rio de Janeiro, tomando a direcção do seu destino.

Aportaram á cidade de Nossa Senhora do Desterro, na costa occidental da Ilha de Santa Catharina, onde permaneceram até 15 de julho, em cujo dia sahiu para o continente o segundo batalhão do segundo regimento de voluntarios reaes, d'el-rei commandado por Azeredo. O embarque fez-se em lanchas baleeiras, levando á atravessar o estreito canal que separa a Ilha de Santa Catharina, da provincia do mesmo nome, em terra firme, apenas 7 horas, desembarcando no pontal da *Pinheira,* proximo á barra do Sul e a 6 leguas de distancia da cidade de Nossa Senhora do Desterro.

A columna atravessou, em uma jangada, o rio *Imbaú,* indo os cavallos e as bêstas de bagagem á mão e á nado. Fizeram alto na povoação de *Cambôa* onde descansaram. Depois subiram o morro de *Seriú,* atravessando na baixa-mar o rio do mesmo nome, a vau, e indo pernoitar á *armação de Gurapavú.* Em seguida á uma comprida marcha encontraram os rebeldes em *India-morta,* onde teve logar o primeiro combate, em que o regimento de Azeredo não tomou parte, entrando as tropas portuguezas na praça de Montevideu, em janeiro de 1817; ficaram alli de guarnição alternando os bailes e toda a casta de divertimentos com sortidas contra os rebeldes.

Em 27 de janeiro de 1818, sahiu a brigada que de fazia parte o regimento de Azeredo para fóra da praça indo acampar no sitio denominado *Casa do Inglez,* d'onde Azeredo foi render o 1.º regimento, commandado pelo coronel João Carlos de Saldanha (hoje duque marechal do exercito.)

Apenas chegado ao novo acampamento teve noticia de ter sido promovido a brigadeiro graduado mas continuou a commandar o seu regimento.

No dia 22 de fevereiro fez uma sortida sobre os piquetes inimigos, fazendo-lhe alguns prisioneiros, principalmente dos *dragões de Torgues,* que eram quasi todos mulatos. A 10 de abril tomou o commando da brigada; e n'esta qualidade fez varias sortidas contra os inimigos, sempre com bom exito, e sendo a principal em 24 de maio, em que investiu, por surpresa, o valle de *Saladero de Pereira,* matando então dezenove praças do inimigo, e aprisionando-lhe 22, incluindo um official; isto alem de muitos feridos, quatro dos quaes por o serem gravemente, ficaram no campo, fugindo o resto em debandada, deixando 41 clavinas, 8 espadas e 33 cavallos.

Finalmente, depois de successivos combates, quasi todos por surpresa, porque os rebeldes fazendo guerra de guerrilhas não acceitavam uma batalha formal, terminou o anno de 1818, e principiou o de 1819.

Durava a campanha já ha 3 annos n'esta região, cujo clima contrario aos padecimentos de Azeredo o obrigou a pedir licença por tres mezes para regressar ao Rio de Janeiro visto que no Rio da Prata havia paz, porque os insurgentes tinham fugido para os bosques.

Chegou-lhe a licença no fim de julho de 1819, e a 7 de agosto entregou o commando da brigada a Antonio Feliciano Telles Apparicio, brigadeiro graduado, marchando em seguida para a capital do Brasil em um navio mercante inglez.

Chegado ao Rio de Janeiro, depois de 14 dias de viagem, o rei o tratou com muita consideração, promovendo-o em 13 de maio de 1820 a brigadeiro effectivo. Já por decreto do 1.º de julho de 1817 lhe havia sido conferida a Ordem de S. Bento de Aviz, e em 5 de fevereiro de 1820 tinha sido feito commendador da Ordem de Christo, com a tença de 300$000 réis, em quanto se não designasse a commenda. Tambem em 1820 se lhe deu a propriedade do officio de escrivão do juizo da corôa, da cidade do Porto, lotado em 500$000 réis.

D. João VI lhe offereceu a capitania geral de Goyaz, que elle não acceitou, e depois de 10 mezes de continuas sollicitações conseguiu licença para regressar a Portugal, havendo permanecido por mais de 4 annos na America.

—

Depois de uma viagem de 71 dias, chegou Azeredo a Lisboa. D. Miguel Pereira Forjaz, presidente da regencia, o mandou chamar ao palacio do governo, narrando-lhe os acontecimentos politicos occorridos na cidade do Porto, em 24 de agosto d'esse anno (1820).

O ministro da guerra lhe entregou o commando da brigada d'Elvas, 5 e 17 de infanteria, que elle acceitou; mas nova ordem o obrigou a ficar em Lisboa, sendo então desligado d'aquelle commando, e encarregado do governo da praça de Abrantes, e do commando do regimento de cavallaria n.º 7, do batalhão de caçadores n.º 2 e dos regimentos de milicias de Thomar e Santarem.

Foi só a 14 de setembro que o commandante em chefe, interino, do exercito, Francisco de Paula Leite, lhe deu ordem para marchar para Abrantes; mas rebentando no dia immediato a revolução em Lisboa, acclamando a constituição, o ajudante general Manuel de Brito Mousinho, participou ao brigadeiro Azeredo, que, em virtude d'este acontecimento estava dispensado do encargo que recebera na vespera.

Estabelecido n'este mesmo dia o governo liberal em Lisboa, Azeredo apresentou-se logo ao mesmo, que lhe deu o commando da brigada, composta dos regimentos de infanteria 4 e 16, de que logo tomou conta.

Depois d'isto foi transferido para a brigada formada pelo 1 e 19 de infanteria e 5 de caçadores, indo a Alcobaça encontrar-se com os chefes da revolução do Porto, para os harmonisar com o governo de Lisboa.

—

Finalmente, Azeredo, votado de corpo e alma ao partido liberal, lhe fez sempre assignalados serviços, desde 1820 até 1834, pelo que foi elevado a tenente general, par do reino e conde de Samodães.

Mas Azeredo era um liberal de boa fé e convicções sinceras, e presenceava com mortal desprazer o caminho inesperado que as cousas publicas hiam tomando. *Viu com horror o esbanjamento da fazenda publica em diversas epochas e notavelmente em 1834 e 1851; o predominio das facções; o modo porque eram sophismados os principios constitucionaes; e a desmoralisação desenfreada que se enraizou nas regiões do poder, propagando-se immediatamente ás differentes camadas da sociedade.*

Morreu desenganado de que todos os seus sacrificios tinham sido baldados, que o seu intenso amor pelo bem publico não podia ser senão uma utopia, e que uma corrupção gangrenosa corroia as entranhas da patria.

Não deixou, porém, de confessar a sua fé politica até final, e não tendo gravâme na consciencia sobre o modo como a servira, teve a consolação de que não era sua a culpa, se os negocios publicos tinham levado e continuariam a seguir tão errado caminho.

Estes pezares profundos o levaram á sepultura e não pouco perturbavam o seu espirito desde muitos annos.

Foi com estas tristes idéas que o conde de Samodães deixou a capital nos fins de junho de 1857, vindo para o Porto, esperando tão pouco da sua saude como dos homens que estavam na estacada da politica, dirigindo e preparando-se para dirigir os negocios do estado. O seu firme e inabalavel instincto religioso exaltou-se com a proximidade, em que via a eternidade, não só pela sua avançada edade mas pela sua deteriorada saude.

Quiz, porém, ir morrer á terra do seu nascimento, e por isso deixou o Porto nos fins de julho, partiu para Samodães e d'ahi para

Gogim, onde passou o mez de agosto, progredindo sempre o seu enfraquecimento.

A 5 de setembro voltou outra vez para Samodães, fazendo ainda uma jornada de tres leguas, por um caminho intransitavel.

Desde os principios de agosto, porém, que elle estava plenamente convencido de que os seus dias estavam cheios. Em pleno juizo e com uma memoria san, quando corria para a avançada edade de 88 annos, não alterou nunca a serenidade e bom humor de que era dotado, e entregue a contemplações espirituaes, animado pela luz ardente de uma fé vivissima, esperava tranquillo o termo de uma longa existencia, que podia contemplar com vista retrospectiva, cheia de intima consolação, porque nem uma mancha embaciava o brilho que n'ella divisava.

Para recompensar a bondade do seu coração e a pureza de suas intenções, Deus proporcionou-lhe um passamento suave, sem dores nem anciedade.

....

Meia hora antes de morrer, conversava docemente e estava sereno como o justo, que antevê a beatitude.

Pelas 4 horas da tarde, do dia 9 de setembro de 1857, deixou de existir.

Quatro annos depois, as côrtes geraes declararam relevantes os seus serviços, e a sua viuva recebeu uma pensão de 50$000 réis mensaes.

Tudo quanto vae em *italico*, é textualmente copiado dos *Apontamentos biographicos de Francisco de Paula de Azeredo, conde de Samodães, compilados e publicados por Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, conde de Samodães.*

Peço desculpa aos meus leitores pela extensão d'este artigo, a que deu causa—1.º, a occasião opportuna de descrever rapidamente as tres invasões francezas; 2.º, a consideração e respeito que dedico ao actual sr. conde de Samodães, por ser um dos mais exemplares caracteres de nossos dias.

A biographia d'este senhor, e as armas da sua familia, irão em Samodães, para não fazer este artigo ainda mais extenso.

—

O 1.º conde de Samodães, casou em *Cedovim* (comarca e concelho de Villa Nova de Foz Côa) com sua prima, a sr.ª D. Maria do Carmo de Lemos Teixeira d'Aguilar, filha de Francisco Teixeira Bravo Pacheco Rebello d'Aguilar, fidalgo da casa real, e senhor de varios morgados, e de D. Maria Ludovina de Lemos Alvim e Carvalho, da casa de Cedovim, onde se effectuou este consorcio, a 4 de junho de 1827.

—

Sanctuario de Nossa Senhora da Piedade

A 12 kilometros a E. de Lamego, está a aldeia das Chans, capital da freguezia do mesmo nome, no antigo concelho de Lumiares, e hoje no de Armamar.

A uns 900 metros das Chans, está esta aldeia de Gojim, e proximo a ella o *monte de Nossa Senhora da Piedade*, a que deu o nome o famoso *sanctuario* da Virgem d'esta invocação, visitado por continuas romagens vindas não só das proximas freguezias, da cidade de Lamego e villas de Armamar e Mondim, como ainda de povoações a muitos kilometros de distancia.

É muito antigo este devoto sanctuario, o que a sua architectura demonstra evidentemente.

—

Ha duas tradições da origem d'este sanctuario.

Segundo uma—a imagem de Nossa Senhora da Piedade, appareceu n'este mesmo monte, junto a um silvado, e a pessoa ou pessoas, que a acharam, foram dar parte d'isto ao abbade das Chans, que, com o devido respeito e devoção, levou processionalmente a santa imagem para a egreja matriz de S. Martinho.

Quando no dia seguinte o povo foi á egreja, tinha a Senhora desapparecido, regressando ao monte onde tinha sido encontrada.

Tres vezes foram buscar a Senhora para a egreja, e outras tantas fugiu ella para o monte.

Então resolveram edificar-lhe uma ermida no proprio sitio da apparição.

A segunda tradição é que—um juiz do mesmo logar, sonhára tres vezes (ou tres noites) que a imagem da Senhora estava debaixo de uma silveira, no alto do monte. Foi lá e a achou no sitio do sonho.

Mandou-lhe o mesmo juiz logo edificar uma pequena capella, que a piedade e devoção dos povos em poucos annos transformou no formoso templo que hoje admiramos.

Com os milagres obrados por Nossa Senhora da Piedade, foi crescendo e propagando-se a devoção dos povos, e com muitas e valiosas esmolas, não só se adornou o templo com magnificencia, mas se edificaram casas de novenas, casas de residencia para um eremitão, e outra capella, junto ao templo. (Julga-se que esta capella está no proprio sitio onde foi a apparição.)

Construiu-se ainda outra capella, dedicada a Santa Maria Magdalena.

—

Do altar de Nossa Senhora sae uma fonte de excellente agua, correndo para um sitio agradavel, não só pelos loureiros e amieiros que lhe dão fresca sombra, mas tambem pelas extensas e formosas vistas que d'aqui se disfructam.

—

A imagem de Nossa Senhora da Piedade é de madeira, e, apesar da sua antiguidade, é de primorosa esculptura e está tão bem conservada como se fosse feita ha poucos annos.

Está sentada, tendo seu divino filho, morto, nos braços. Tem 0m,66 de altura, na posição em que está.

Tem uma irmandade que a serve, a qual alcançou um Breve perpétuo, com um grande jubileu e outras muitas graças e indulgencias.

O jubileu se ganha a 25 de março, porque n'este dia se celébra a festividade da Senhora, que é muitissimo concorrida de romeiros de muitas leguas de circumferencia.

Está o templo perfeitamente adornado e tem mui ricos paramentos.

Para a sua fabrica lhe deixou uma devota 6 alqueires de trigo, perpétuos.

A camara de Lumiares (e hoje a de Armamar) apresentava o eremitão e administrava a egreja.

—

Ao sopé do monte de Nossa Senhora da Piedade, correm de um lado o rio *Tédo*, e do outro o *Temilobos*.

—

A devoção d'esta santa imagem decahiu muito desde 1834, por não haver quem alli fosse celebrar; mas, ha poucos annos, o actual abbade de S. Cosmado (então reitor de S. Martinho das Chans), tomou sobre si o cuidado de restituir á Senhora e á egreja todo o seu perdido esplendor, fazendo-lhe uma solemne festividade.

O actual reitor das Chans, não tem sido menos incançavel n'esta piedosa devoção, e as romagens, offertas e esmolas têem continuado n'estes ultimos annos, a ponto de se poder restaurar a egreja e construir-se uma outra capella de Santa Maria Magdalena.

No dia 31 de maio de 1874, se fez a festa da Santissima Virgem da Piedade, na fórma dos annos antecedentes, sendo a romaria concorridissima, indo milhares de pessoas visitar o sanctuario da adoravel mãe dos afflictos.

A camara d'Armamar, as auctoridades do concelho e pessoas de todas as classes, alli concorreram, acompanhando as cruzes parochiaes e assistindo á solemnidade com a maior decencia e recolhimento.

—

É uma doce consolação para os verdadeiros catholicos, ver como o nosso bom povo portuguez, desprezando os sophismas blasphemos de sonhadores ignobeis, e as nescias utopias dos desgraçados atheus do seculo XIX, conservam indestructiveis e inabalaveis as sacrosantas crenças de nossos paes, e a fé e a esperança de que o sangue do Redemptor não regou inutilmente os rochedos do Calvario, e que a Egreja Catholica, edificada sobre alicerces divinamente solidos, resistirá eternamente a todos os vendavaes da descrença, corrupção e immoralidade.

—

São dignos de louvor os reverendos parochos de S. Martinho das Chans e S. Cosmado, pelo zelo edificante que sempre têem mostrado pelo culto da Santissima Virgem da Piedade, e pelo esplendor do seu devoto sanctuario.

—

Devemos declarar, em honra da verdade, e como voto de sincero agradecimento a esta, a todos os respeitos nobre familia, que todos os senhores da casa de Gojim, cujo proprietario e representante é o actual sr. conde de Samodães, foram, em todos os tempos, fervorosos devotos e dedicados protectores d'este sanctuario.

Já disse que o 1.º conde de Samodães (pae do actual) em cumprimento de um voto que fez a Nossa Senhora da Piedade, se escapasse dos graves ferimentos que recebeu em defeza da sua patria e do seu rei, e terminada a desastrosa guerra que tão injustamente nos moveu Buonaparte, aqui veio, em 1815, cumprir a sua promessa, fazendo a Nossa Senhora uma das mais sumptuosas festas que se têem visto por estes sitios.

—

Não menos sollicito, zeloso e dedicado n'esta devoção, tradicional na sua familia, se tem mostrado sempre o actual sr. conde de Samodães, que tem justo orgulho na sua qualidade de sincero christão e catholico verdadeiro—e que está convencido ser mais nobre ainda conservar as santas e inabalaveis crenças de seus antepassados, do que os seus nobres pergaminhos—e que a verdadeira e immorredoura nobreza, consiste mais na virtude e na honra, do que nos titulos e commendas.

Honra ao nobre fidalgo, que assim nos recorda esses gloriosos varões portuguezes, que, cobertos de honras, titulos e glorias, vinham agradecer de joelhos, humildes e reverentes, ao Deus dos exercitos, as victorias homericas obtidas contra os inimigos da sua patria.

GOLÃES ou **GULÃES**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Fáfe, 18 kilometros ao NE. de Braga, 360 a N. de Lisbôa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 175 fogos.

Orago S. Lourenço.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É povoação muito antiga. D. Affonso Henriques, estando a banhos em Lafões (Vouzella) fez doação de Golães, que então era villa, a D. Sancha Paes, em 1175, dando então á mesma senhora as villas de Gondim e Villar, em terra de Guimarães.

Passou isto depois para os infantes D. Martinho Sanches, filho bastardo de D. Sancho I, e para sua mulher, D. Urraca, que deram ao mosteiro de Santo Thyrso o padroado d'esta egreja.

O abbade benedictino de Santo Thyrso, apresentava o cura, que tinha 70$000 réis annuaes.

GOLEGAN ou **GOLLEGAN**—villa, Extremadura, comarca e 5 kilometros a SO. de Torres Novas, 108 ao NE. de Lisboa, 20 ao NE. de Santarem, 900 fogos, 3:600 almas. Em 1757 tinha 750 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

No concelho os mesmos 900 fogos.

Feira franca a 11 de novembro, uma das melhores do reino. Dura 8 dias.

Situada em uma vasta planicie de 224 kilometros de comprido e 8 de largo, toda cultivada, coberta de cearas, vinhas e olivaes.

Os *campos da Golegan* são famosos em todo o reino.

São limitados ao S. pelo Tejo, que nas suas enchentes invade não só os campos, mas a villa, da qual então se póde sahir embarcado.

Foi sempre da corôa.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 320$000 réis de rendimento annual.

Teve principio esta villa em uma estalagem que aqui estabeleceu uma gallega, no reinado de D. Affonso Henriques, ou de D. Sancho I.

No reinado de D. Affonso V, já aqui havia uma povoação.

Á estalagem chamavam *Venda da Gallega*, e depois se mudou para *Villa Gallega* e por fim se corrompeu no actual nome.

Esta mulher tinha primeiro vivido alguns annos em Santarem. A venda primittiva que ella aqui estabeleceu era apenas uma barraca de taboas, mas em breve os lucros lhe deram para transformar a humilde choupana em boa casa de pedra e cal, e a taberna em hospedaria. Os seus grandes lucros despertaram a cubiça de outros concorrentes, que estabelecendo novas vendas, foram transformando a *Venda da Gallega* em povoação, por se hirem edificando casas tambem para a residencia de pessoas de differentes officios.

O seu brazão d'armas é—um escudo verde (alludindo a fertilidade dos seus campos) e no centro uma mulher com uma infusa na mão.

Por estar sobre a antiga estrada real de Lisboa para o Porto, prosperou muito até ao reinado de D. Maria I, em que se abriu a nova estrada real por Leiria e Pombal, ficando a chamar-se esta, *estrada velha*.

A mudança da estrada causou grande mal a esta villa e a sua decadencia.

O tempo do seu maior engrandecimento foi no reinado de D. Manuel, porque tendo este monarcha por muitas vezes a sua côrte em Almeirim (a 20 kilometros de distancia) faziam os da Golegan alli grande extracção dos seus generos.

Os povos, porém, vendo que a recuperação da sua antiga prosperidade estava na agricultura e na grande fertilidade do seu solo, se dedicaram a ella, e a povoacão vae medrando a olhos vistos, em edificios, população e riqueza.

O caminho de ferro do norte e Leste, que tem uma estação proximo d'esta villa, tambem muito tem concorrido para a sua actual prosperidade.

Tem uma só freguezia, de que é orago Nossa Senhora da Conceição, e quatro capellas (Salvador, S. João, Santo Antonio e S. Miguel.)

Tem casas de boa apparencia e algumas d'ellas sumptuosas. Ha aqui opulentos lavradores.

É terra abundantissima em cereaes, azeite, vinho, fructas e hortaliças. Tem vastissimos prados, onde se cria muito gado de varias especies, com o que faz grande negocio com Lisboa e outras muitas terras.

No seu termo está a quinta da *Cardiga*, junto ao Tejo, que foi dos freires de Christo, de Thomar. Hoje é do sr. Almeida Lima. É uma das maiores propriedades que ha no reino, e uma das mais bem cultivadas, onde se teem adoptado os processos agricolas mais aperfeiçoados. Foi comprada á *Fazenda Nacional*, em 1834, por Domingos de Almeida Lima (pae do actual proprietario) por uns 200 contos de réis.

O actual proprietario é irmão da sr.ª viscondessa do Paço do Lumiar.

Em nada inferior á quinta da *Cardiga*, antes a muitos respeitos superior, é a famosa quinta do *Paúl*. Foi dos marquezes de Niza (descendentes de D. Vasco da Gama.)

O ultimo marquez a vendeu em 1866, por 400 e tantos contos de réis, ao sr. dr. José Maria Eugenio de Almeida, que gastou em melhoramentos quasi tanto como o seu custo.

Até 1866, o termo medio porque andava arrendada eram 24 contos de réis! Agora deve dar o dobro! Supponho que é a maior e a melhor quinta de Portugal.

O sr. José Maria Eugenio de Almeida, nasceu pobre, e formou-se em direito, em Coimbra, com grande sacrificio da sua familia. Fez um casamento rico, e como era intelligentissimo e muito activo, aventurou-se a negociar, ganhando em todos os seus negocios, sobretudo, com o contrato do tabaco. Hindo visitar as ricas propriedades que tinha em Evora, morreu n'esta cidade, de um ataque apopletico, a 23 de abril de 1872. Era par do reino e deixou dois filhos, e uma fortuna de 10 milhões de cruzados, metade em dinheiro, e o resto em optimas propriedades. O seu palacio de S. Sebastião da Pedrira, é um dos melhores de Lisboa e de Portugal.

Ainda no termo da Golegan ha outras grandes quintas, como a da *Labruja* (que foi dos jesuitas) a dos *Álamos*, etc.

Muitos fidalgos attrahidos pela fertilidade do solo, se vieram aqui estabelecer, fazendo-se *lavradores*.

—

Foi el-rei D. Manuel que mandou edificar a egreja matriz, no principio do seculo XVI.

É um templo de tres naves, vasto, e sumptuosissimo, da ordem a que chamamos *manoelina*. Poucas villas de Portugal teem uma tão magestosa matriz.

O seu interior é espaçoso e de proporcionada altura, sendo as naves divididas por amplas arcadas ogivaes, esbeltas e bem lançadas, mas singelas: não assim o *arco-cruzeiro*, que é adornado com todas as galas do estylo *gothico florido* e coberto de lavores primorosos.

Ha n'esta egreja um painel attribuido ao Grão Vasco, mas estragado.

Este templo está muito bem conservado, porque, ainda ha poucos annos se lhe fizeram reparações importantes, conservando-se-lhe rigorosamente a sua primittiva architectura.

Tambem se attribue ao rei D. Manuel a fundação da egreja da Misericordia, e pelo mesmo tempo.

É uma bonita egreja, e o seu hospital tem boa renda, está bem organisado, com excellente serviço e administrado com muito zêlo.

A casa da camara e cadeia são bons edificios.

As praças e ruas são todas irregulares, como todas as nossas terras antigas. A melhor casa da villa é da familia Relvas de Campos.

Ha na villa um club recreativo e uma excellente philarmonica.

O cemiterio publico é bem construido e está com muito aceio. Ha n'elle varios mausoleus muito formosos.

—

Ha aqui muito peixe, tanto do Tejo como do mar, vindo da *Nazareth*.

Não é falta d'aguas, mas á sua má qualidade se attribue a presistencia de febres intermitentes que aqui incommodam bastante os seus habitantes, principalmente nos arrabaldes.

Criam-se no seu termo optimos cavallos.

Nos campos da Golegan já trabalha, com bom resultado, ha mais de 8 annos, a charrua movida por vapor. Foi o sr. Antonio Vaz Monteiro, abastado lavrador d'aqui, que introduziu este melhoramento.

—

A uns 1:300 metros da villa está o convento de Santo Onofre, que foi de frades franciscanos, da provincia de Portugal.

Foi fundado em 1519 e pertenceu primittivamente aos frades *claustraes*. É edificio pequeno e de mesquinha architectura.

—

O concelho da Golegan tem apenas 25 kilometros quadrados; mas, para que se faça idéa da sua riqueza, basta dizer que paga uns 22 contos de contribuição predial, industrial, de registo e decima de juros.

—

A Golegan deve importantissimos serviços ao benemerito cidadão José Farinha Relvas de Campos, nascido em 1791 e fallecido em 27 de fevereiro de 1865.

Era tão probo e intelligente, quanto activo e emprehendedor. Vindo fixar a sua residencia aqui fundou importantes estabelecimentos agricolas e uma bella casa de habitação. N'esta achavam franca e excellente hospedagem todas as pessoas notaveis que transitavam por esta estradas e por varias vezes hospedou a familia real.

Nos seus estabelecimentos agricolas, introduziu e fez uso, com grande proveito publico, de muitos processos e instrumentos agricolas modernamente adoptados e aperfeiçoados entre as nações mais cultas da Europa.

Ao seu zêlo e á sua iniciativa deve a Golegan muitos e importantissimos melhoramentos, uns promovidos por elle como simples particular, outros a que deu impulso como presidente da camara, cargo que exerceu quasi constantemente; e como procurador á junta geral do districto, para que foi eleito seis ou sete vezes.

Os povos o elegeram deputado ás cortes de 1842, mas elle não acceitou. Tambem por muitas vezes o quizeram fazer commendador, canselheiro, barão, e até visconde; mas o honradissimo lavrador, superior a todas estas futilidades, tornadas caricatas pela sua multiplicidade, regeitou com despreso, titulos que via todos os dias prodigalisar a in-

dividuos sem o minimo merecimento, a outros de pessimos precedentes, e rarissimas vezes a pessoas de bem.

Seu filho, o sr. Carlos Relvas, segue em tudo os nobres exemplos de seu benemerito pae, distinguindo-se alem d'isso pelo modo brilhante por que exerce, como amador, a arte photographica. Os seus trabalhos teem alcançado justo renome em Portugal e no estrangeiro.

—

O concelho da Golegan é composto sómente da sua freguezia.

GOLEIRA DA QUINTA DAS TULHAS—vide *Pontos do Douro.*

GOLFAREIRA—vide Carvalhal, aldeia do Douro.

GOLPELHARES ou **GULPELHARES**—freguezia, Douro, concelho de Gaia, comarca e 6 kilometros ao S. do Porto, 305 ao N. de Lisboa, 350 fogos. Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Expectação.)

Bispado e districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis annuaes.

Esta freguezia está situada em terreno accidentado, fertil e bonito, na costa do Atlantico, e é atravessada pelo caminho de ferro do norte.

É nesta freguezia a poetica capella do Senhor da Pedra, edificada sobre um rochedo, que as ondas açoitam furiosas, em ocasiões de temporal: ficando a capella reduzida a ilheu, nas aguas vivas. É de bôa cantaria e o seu interior está ornado com luxo.

E' imagem de muita devoção para os povos d'estas terras, até mais de 50 kilometros de distancia.

A romaria do Senhor da Pedra faz-se no ultimo domingo de maio. E' concorridissima não só por aldeanos, mas por milhares de romeiros do Porto, e até por alguns de Lisboa, d'esde que ha caminhos de ferro, cuja companhia estabelece então comboios a preços reduzidos.

Na vespera ha muito e variado fogo preso e do ar, com grande gaudio dos lavradores.

Antigamente havia sempre, por occasião das festas, grandes desordens (e até ás vezes mortes.) Ainda occorrem alguns desaguisados, mas de pouca monta, em razão do destacamento de tropa, que vae sempre fazer a policia do arraial.

A freguezia de Golpelhares é muito rica, em consequencia do grande e constante commercio que faz com a cidade do Porto.

As mulheres d'esta freguezia teem fama (bem merecida) de formosas.

GOMES AYRES—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho d'Almodovar, 120 kilometros d'Evora, 155 ao E. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 137.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado e distrcto administrativo de Beja.

Foi da comarca e concelho d'Ourique.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e 68 de cevada.

É terra muito fertil em cereaes.

O seu nome lhe provem de Gomes Ayres, valoroso cavalleiro de D. Affonso Henriques, ao qual o rei deu o senhorio d'esta freguezia, em premio dos seus serviços á patria, e povoou estas terras, pelos annos de 1170.

GOMÍDE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Pico de Regalados, até 1855, e desde então, comarca e concelho de Villa-Verde, 18 kilometros a NO. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 47 fogos. Orago S. Maméde.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É corrupção de *Gomía,* palavra árabe. Era uma arma antiga, especie de *faca de matto.*

Foi aqui o solar da familia dos *Gomídes,* e parece que o primeiro que tomou este appellido foi Gonçalo Lourenço de Gomide, escrivão da puridade (primeiro ministro, é o titulo que hoje corresponde ao de escrivão da puridade) de D. João I.

Este Gonçalo Lourenço era o primeiro senhor de Villa Verde. Seu filho, João Gonçalves de Gomide, II senhor de Villa Verde, foi alcaide-mór de Leiria, Obidos e Alemquer.

Foi bisneto de Gonçalo Lourenço de Go-

mide, o grande Affonso d'Albuquerque, vice-rei da India desde 1510 até 1515. A casa de Villa Verde foi elevada a condado e passou para os marquezes d'Angeja.

Foi couto de Malta, com grandes privilegios, como os dos outros caseiros d'esta ordem.

Tinha juiz para o civel, mas não tinha escrivão. Vinha um dos de Pico de Regalados aqui escrever nas audiencias e fazer os processos.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 260$000 réis annuaes.

É terra fertil.

Cria muito gado e os seus montes tem muito caça, grossa e miuda.

GOMÍL — freguezia, Traz-os-Montes, no bispado, districto administrativo, e comarca de Bragança, extincto concelho de Santalha. Foi supprimida ha muitos annos.

O seu nome vem de *gomil,* especie de jarro antigo. Ainda nas casas nobres são conservados alguns gomis de prata ou porcellana, como memoria de antiguidade.

GOMINHÃES — freguezia, Minho, comarmarca e concelho de Guimarães, 12 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 21 fogos.

Orago S. Pedro Fins.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O nome d'esta freguezia significa *terra dos gomís.* Talvez por se fabricarem aqui aquelles vasos. Vide *Gomil.*

A mitra apresentava o abbade, que tinha 230$000 réis annuaes.

GONÇA ou **GONCE** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros a NE. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 94 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis annuaes.

GONÇALO — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho e 18 kilometros da Guarda, (foi do concelho de Valhelhas) 300 a E. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 260 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

É terra fertil; cria muito gado e caça, grossa e miuda.

A mesa da consciencia apresentava o prior que tinha 100$000 réis annuaes.

GONÇALO BOCCAS — freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 12 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 59 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O prior de S. Pedro, da cidade da Guarda, apresentava o cura, que tinha 15$000 réis de congrua e o pé d'altar.

GONDALÃES — vide Gondellães.

GONDAR ou **GUNDAR** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros ao NE. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 74 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

400 leguas ao S. do *Cairo* é a cidade de *Gondar,* capital da Abyssinia. *Gondar* tambem é nome proprio de homem. É palavra normanda.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis annuaes.

GONDAR — freguezia, Minho, comarca de Vianna, concelho de Caminha, 54 kilometros a ONO. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 74 fogos.

Orago S. Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O D. abbade, benedictino, do mosteiro de Tibães, apresentava o vigario, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Depois passou a ser vigariaria de S. Bento de Coimbra.

A mesma etymologia.

GONDAR — freguezia, Minho, comarca de

Vallença, concelho de Villa Nova da Cerveira, 48 kilometros a ONO. de Braga, 406 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 55 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna. A mesma etymologia.

É terra fertil.

Foi vigariaria das freiras bentas de Vianna, que apresentavam o parocho, o qual tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Era senhor donatario d'esta freguezia D. Mendo Moniz, rico-homem, que lha deu D. Affonso Henriques, em premio de destruir a machado a porta da praça de Santarem, quando aquelle rei a tomou aos mouros, em 8 de maio de 1147; e mais determinou que elle e os seus descendentes tomassem o appellido de Machado. Outros dizem que este appellido foi dado por D. Sancho I, em 1205, a Fernão Mendes Machado, filho de D. Mendo, ao qual deu tambem o senhorio da *Torre de Penagate*, no Minho. Estes Machados tem por armas — em campo vermelho, tres machados de prata, em roquete, e nove torres da sua côr, em orla. Timbre, dois machados em aspa, atados com fita vermelha.

D'esta familia procedem muitas no Minho e em outras partes. A Alvaro Machado, a seu primo João Machado Moniz e a seu filho Francisco Fernandes Machado, todos d'esta familia, deu o imperador da Allemanha, Fernando II, em 1637, novas armas, que são — escudo esquartellado, no 1.º quartel, de verde, tres machados de prata, com cabos d'ouro, em roquete; no 2.º, de negro, uma espada de prata com um bastão d'ouro, em aspa, entre estas quatro lettras — F. I. L. F. — que querem dizer «*Ferdinandus Imperator libenter facit*» (o imperador Fernando a deu de boa vontade); no 3.º, asul, um coração vermelho, perfilado d'ouro, entre um letreiro do mesmo, que diz «*spes mea in Deo est*» (a minha esperança está em Deus); no 4.º, d'ouro, um gallo, cinzento, com algumas pennas de negro.

GONDAR — freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 54 kilometros ao NE. do Porto, 305 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 220 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mesma etymologia.

É terra fertil. Cria muito gado. Caça.

A mitra, por concurso synodal, apresentava o reitor, que tinha 150$000 réis annuaes.

—

Houve aqui um antigo convento de freiras benedictinas, do qual era egreja a actual matriz da freguezia. Aqui vinham aos *capitulos* as freiras de dois conventos, pois n'esses tempos ainda não havia clausura.

No seculo XVI passou ao poder de commendatarios.

—

Foi aqui o solar dos *Gondares*, procedentes de *Mem Gondar*.

Tambem foi solar dos *Mottas*, descendentes de um nobre fidalgo asturiano, que veio para Portugal com o conde D. Henrique, pae do nosso primeiro rei.

O primeiro que se acha com este appellido, é Ruy Gomes de Gondar da Motta, em tempo de D. Affonso II. Tomou-o de sua quinta da Motta, onde teve o seu solar, na freguezia de Villa Chan do Marão.

Tem brasão d'armas completo, a saber — em campo verde, cinco flores de liz d'ouro, em aspa — elmo d'aço, aberto, e por timbre, duas plumas verdes, guarnecidas d'ouro e entre ellas, uma das flores de liz das armas.

Os que descendem do dr. Jeronymo da Motta, formado em direito na universidade de Sena (Italia) e escrivão da camara de D. João III, do seu desembargo, e juiz da real fazenda, augmentaram as suas armas, por outhorga do mesmo rei, do modo seguinte: — escudo esquartellado, no 1.º e 4.º quartel, de púrpura, leão de prata, coroado d'ouro; no 2.º e 3.º, as armas dos Mottas, que ficam descriptas. Elmo d'aço, aberto; timbre, meio leão das armas.

GONDAREM — freguezia, Minho, comarca e 20 kilometros ao O. de Vallença, concelho e 3 kilometros ao O. de Villa Nova da Cerveira, 54 ao ONO. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 253 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A casa de Britiandos apresentava o abbade, que tinha 360$000 réis annuaes.

Situada parte em bella planicie, na margem esquerda do rio Minho (que limita a freguezia pelo N.) e parte na encosta de uma alcantilada serra, ramo da Arga, com formosas e dilatadas vistas. Pelo meio das suas veigas passa a bella estrada real, feita em 1864.

É terra muito fertil, devendo toda a sua feracidade aos preciosos *nateiros* que o rio Minho deposita nas suas margens.

Ha aqui em abundancia, cereaes, vinho e fructas; muito linho, algum azeite e colmeias. Cria muito e bom gado. É farta de saborosissimo peixe do rio e do mar, que apenas lhe fica distante 9 kilometros ao O.

A estrada real, por estes sitios, mais se póde chamar um delicioso e encantador passeio, do que uma via publica.

É aqui o solar dos *Cadavaes*, fidalgos oriundos da Galliza. É hoje representante d'esta familia o sr. Francisco de Sousa Cadaval, aqui residente.

—

Os navios de piratas normandos e gascões, invadiram por muitas vezes as costas da Lusitania, saqueando seus povos e talando seus campos, principalmente as costas do N., no seculo VI.

Como eram christãos, os reis de Hespanha por algumas vezes recorreram ao seu auxilio, nas guerras contra os mouros. Por fim, attrahidos pela amenidade e fertilidade do clima, se foram estabelecendo por estes sitios, fundando varios castellos e povoações, nas proximidades do litoral e nas margens dos rios navegaveis, e por fim, vieram a formar uma e mesma nação com os antigos povos que por aqui estacionavam. (Vide Normão.)

Um chefe normando (alguns lhe dão o titulo de rei, o que de certo é êrro) chamado *Gundarêdo*, que no reinado de D. Ramiro III tomou aos mouros a Galliza e varias terras da parte septentrional da provincia do Minho, fundou esta povoação, pelos annos 970, fazendo aqui um castello á beira do rio de que não ha vestigios (provavelmente alguma enchente do Minho o destruiu) e dando o seu nome á povoação, o qual se corrompeu em *Gondarem*.

Note-se que *Gundarêdo* só fundou o castello e a povoação proxima a elle, porquanto já então aqui havia uma freguezia chamada *Mangoeiro*, que com o andar dos tempos veio a perder o nome, tomando o de *Gondarem*, que só se dava ao castello e povoação immediata. Ainda n'esta freguezia ha uma aldeia chamada *Mangoeiro*, onde estava a primittiva egreja.

Os descendentes de *Gundarêdo* foram senhores de Gondarem por muitos annos e se intitulavam os *Gondarens* ou *Gondares*, e aqui tinham o seu solar. Este sr. Cadaval em quem já fallei, consta ser descendente d'essa familia; entretanto o seu ramo primogenito (dos Gondarens) extinguiu-se, sendo a sua grande casa dividida por varios herdeiros.

O nobre appellido *Cadaval* d'esta familia, não vem do Cadaval portuguez, mas da povoação do *Cadabal*, na Galliza, cujo solar o sr. Francisco de Sousa herdou.

Para a familia e armas dos Sousas, vide S. Thiago de Bedoído, Alafões e Redondo.

GONDAREM — bonita aldeia, Douro, freguezia da Raiva, concelho e 10 kilometros a ONO. de Paiva, comarca e 20 kilometros a NO. de Arouca, 35 ao E. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Está situada em terreno bastante accidentado, mas fertil, sobre a margem esquerda do Douro, e o seu territorio é bem cultivado, e muito fertil.

A mesma etymologia, isto é, vem do nome proprio de homem, *Gundarêdo*. Talvez o mesmo que fundou o Gondarem da margem esquerda do Minho fundasse este; ou outro normando do mesmo nome — ou seria senhor d'este logar um *Gondarêdo*.

GONDEFÉLLOS ou **GONDIFÉLLOS** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 24 kilometros a O. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 147 fogos

Orago S. Felix e Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era abbadia da mitra primacial. O abbade tinha 600$000 réis annuaes.

Era da comarca e concelho de Barcellos, mas em 20 de dezembro de 1872 passou a fazer parte da comarca e concelho de Famalicão.

É terra muito fertil. Cria bastante gado de toda a qualidade.

GONDELLÃES ou **GONDALÃES**—freguezia, Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes, 30 kilometros ao NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757 tinha 69 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

A mitra e os conegos regrantes (cruzios) da Serra do Pilar (Gaia) apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 300$000 réis annuaes.

GONDEZENDE—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 18 kilometros ao S. da raia hespanhola, 48 de Miranda, 210 ao NE. do Porto, 480 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Gondezendo, *Gondezindo* e *Gozendo* são nomes proprios de homem.

Era da casa de Bragança, que apresentava o abbade, o qual tinha 200$000 réis annuaes.

GONDIÃES e **SAMÃO**—freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, 48 kilometros ao NE. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Orago Nossa Senhora dos Remedios.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

E' terra fertil. Muito gado e caça. Bom vinho, chamado *de Basto*.

O *Portugal Sacro e Profano* não traz esta freguezia.

GONDIÃES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde, (até 1855, comarca e concelho de Pico de Regalados), 12 kilometros ao NO. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 69 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de S. Pedro de Esqueiros, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis annuaes.

Foi couto. Houve aqui um palacio de D. Berengueira (ou Berengaria) Ayres, fundadora do mosteiro d'Almoster (bernardas).

Affonso Vasques Pimentel e sua mulher, Sancha Fernandes, pretenderam o senhorio d'este couto, por lh'o venderem Mayor Pires de Novaes e seu marido Lourenço Annes Carneiro; mas D. Affonso III, julgou a favor de D. Berengueira.

GONDIÇALVES ou **GONDISALVES**—freguezia, Minho, comarca, concelho e suburbios de Braga, 360 kilometros ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 49 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de S. Pedro de Maximinos, da cidade de Braga, apresentava o vigario, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está annexa á de S. Pedro de Maximinos, e fórma com ella parte da cidade. Têem ambas hoje 400 fogos, e os dois oragos (S. Pedro e Santo André). Aqui vinham os arcebispos fazer oração, antes de fazerem a sua entrada official em Braga.

Foi aqui a cidade primittiva, do que ainda existem ruinas, que mostram ser de grandes edificios; como o amphitheatro, aqueductos e outras construcções. Vide Braga.

GONDIFELLOS—Vide Gondefellos.

GONDIM—freguezia, Douro, concelho da Maia, comarca e 12 kilometros ao N. do Porto, 324 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

É freguezia muito antiga, e tinha o titulo de villa no seculo XII, pois estando D Affon-

só I nas Caldas de Lafões, em setembro de 1169, deu as suas tres villas de Golães, Gondim e Villar a D. Sancha Paes.

É terra fertil.

D. Diniz lhe deu foral, em Santarem, a 20 de fevereiro de 1287.

O bailio de Lessa (do Bailio) apresentava o vigario, collado, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

Cria-se n'esta freguezia muito gado bovino que se exporta. É uma terra prospera, pelo commercio diario que faz com a cidade do Porto.

GONDINHÃES (mais vulgarmente *Gontinhães*) — freguezia, Minho, comarca e 12 kilometros ao N. de Vianna, concelho e 6 kilometros ao S. de Caminha, 50 ao O. de Braga, 98 ao N. do Porto, 408 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 219 fogos.

Orago Santa Marinha.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É da casa do infantado.

Situada na costa maritima, parte em planicie á beira-mar e parte em terreno accidentado, abrigado do N. e NE. pela serra d'Arga.

É uma das mais bonitas freguezias da provincia do Minho, e fertilissima em todos os generos de agricultura.

Cria muito gado e colmeias, e nos seus montes ha muita caça. É abundante de peixe aqui mesmo pescado; no que se empregam muitos barcos e *maceiras*, e do rio Minho lhe vem o optimo savel, a deliciosa lampreia, o rico salmão, o excellente e volumoso sôlho, e a saborosa *truta* marisca.

Quasi na extremidade da freguezia passa a nova estrada real de Lisboa para as provincias do Norte, a poucos metros das praias do Oceano, e ainda entre estrada e o mar, deve passar o *caminho de ferro do norte*, quando se fizer, e se se adoptar o *traçado* feito.

N'esta freguezia é o formoso logar da *Lagarteira* (vide esta palavra) optima estação de banhos do mar, e concorridissima no verão — vulgar, mas erradamente chamados *Banhos d'Ancora*.

Querem alguns escriptores que a primitiva egreja matriz d'esta freguezia era na veiga de *Balthazares* (corrupção de *Valle d'Azares*), e que a capella de S. Braz que ainda alli existe (e que realmente é antiquissima) foi a matriz. É e não é verdade. Segundo a tradição, o 1.º nome da freguezia d'*Ancora* foi *Valle d'Azares* (que se corrompeu em *Balthazares*) e a sua matriz estava na veiga que ainda tem este nome. Mas essa egreja era a matriz d'Ancora, quando Gontinhães lhe pertencia, e a 1.ª egreja matriz de Gontinhães era a actual.

Além d'isso a veiga de *Balthazares* é nos limites d'Ancora, e não nos de Gontinhães.

Tenho lido que a matriz de Gontinhães foi edificada em 1560.

Não pude averiguar quando esta freguezia se formou desmembrando-se d'Ancora, mas o que é verdade, e eu vi, é que esta egreja denotava muito mais antiguidade. Era de 3 naves, de architectura simples e grosseira, e estava quasi a cahir. O povo da freguezia se propoz reedifical-a á sua custa, e principiaram as obras em 1864, terminando em 1866.

Ficou pouco do antigo templo, sendo feita de novo a capella-mór, o arco cruzeiro e a frente. As columnas toscas e os arcos singelos e desengraçados das suas tres naves foram completamente desmanchados. Tornou a ficar de 3 naves, mas elegantes e de boa architectura, e esta egreja é uma das bôas e bonitas do Minho.

Dividida da egreja só por o caminho está a *quinta da Egreja*, ou *das Torres*, ou *dos Pintos* (que por todos estes nomes é conhecida) que foi solar dos Pintos. O abbade d'esta freguezia, Diogo de Caldas Barbosa (irmão do bisavô da actual condessa da Ribeira) a houve por compra, e d'ella fez um vinculo, que por sua morte se encorporou no dos Castros, de Villa Nova da Cerveira, de que era então administrador o desembargador Ignacio de Castro Lemos, sobrinho do tal abbade.

A quinta é pequena; tem grandes casas, em ruinas, e duas altas torres (torreões) que lhe dão o nome — e tem um bello chafariz, onde vem em tubos de pedra (mani-

lhas) a agua que foi das freiras de Bulhente. Mas se esta quinta é pequena, não deixa de ter um grande valor, não sómente por estar no mais bello sitio da freguezia, e por se ver d'aqui toda ella, a estrada real e grande extensão do mar; mas, e principalmente, pela grande quantidade de propriedades e fóros, que lhe estão annexos. São actuaes possuidores de tudo isto a sr.ª condessa da Ribeira (residente na Junqueira, em Belem) e seus sete irmãos, que todos teem valiosissimas propriedades e muitos e ricos prasos em toda esta costa e nas freguezias da margem esquerda do rio Minho, desde Caminha até Monção.

A actual freguezia de Ville era uma aldeia (ou aldeias) d'esta, da qual foi desmembrada, passando a formar parochia indepente, no principio do seculo passado. Julgo que a freguezia d'Azevedo, contigua á de Ville, tambem então se desmembrou da de Gontinhães.

Na encosta O. da serra de *Real*, ramo da d'Arga, estão os vestigios de uma antiquissima egreja, tendo apenas um metro de altura. Ainda se distinguem os *cunhaes*, com os seus grosseiros e toscos lavores, denotando a architectura dos seculos VI ou VII. É a egreja do antiquissimo mosteiro *do Salvador do Mundo*, de freiras benedictinas, de Bulhente.

Não pude saber quando foi fundado este convento, só se sabe que já existia no tempo dos suevos, e que pertencia ao bispado de Tuy, que até ao reinado de D. Affonso V, de Portugal, chegava até á margem direita do rio Lima. Foi este soberano que expoz ao papa Eugenio IV (pelos annos 1440) que não tinha que dar ao novo bispo de Ceuta (Africa) e que lhe ficasse pertencendo o territorio do bispado de Tuy que estava entre o Minho e o Lima; ao que o papa annuiu, ficando desde então até 1512 do bispado de Ceuta, e sendo n'este anno mudado todo aquelle territorio para o arcebispado de Braga, por troca, o que D. Manuel confirmou e o papa Leão X aprovou em 1513.

As freiras d'aqui eram, como as de *Recião* (vide esta palavra que traz coisas curiosissimas com respeito ás suas freiras) praticando toda a casta de escandalos com quem lhes parecia, principalmente com os frades de S. João de Cabanas, na freguezia de Afife, que ficavam perto parecendo mais sacerdotizas de Venus, do que religiosas christans. Tantas fizeram que o bispo de Ceuta, supprimiu este convento, pelos annos de 1460, e parece que até o mandou arrazar.

Outros dizem que os arabes assassinaram as freiras e arrazaram o convento, em 716; o que é êrro, porque elle ainda existia no reinado de D. Affonso V, como já disse.

O que é certissimo, e eu vi, é que da egreja só existem os vestigios que disse, entre silvas e cardos.

Do edificio do mosteiro só existem alguns alicerces; e a sua *cêrca* está hoje convertida em uma *bouça*, chamada *Matta de Bulhente*, que é da casa do Côvo (Oliveira de Azemeis).

Esta bouça está toda murada, provavelmente com a pedra que foi do mosteiro; pois não ha outros signaes d'elle, a não ser nas paredes d'esta e outras tapadas de por alli.

Em todo o caso era mosteiro pequeno e pobre. É situado em um alto com deliciosas vistas.

No matto, que foi *cêrca*, passa *encanada* a grande nascente d'agua, de *Real*, que nasce pouco acima d'onde foi o convento, e réga e fertiliza grande parte da freguezia.

Ha n'esta freguezia a capella do *Salvador do Mundo*, feita depois da suppressão do mosteiro, e por ordem do arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Telles. Foram para aqui trazidas, em 1723, as imagens da egreja de *Bulhente* (o que eu não sei é onde ellas estiveram até então.)

—

Tambem ha a capella de S. Sebastião, toda de abobada, situada no centro da freguezia, tendo no seu adro um pulpito de pedra, muito tosco, feito a modo de cuba, coberto por uma abobada sustentada por columnas de pedra; obra incontestavelmente muito antiga, e em 1865, quando eu vi isto, estava a abobada do tal pulpito já qua-

si a cahir. Ha n'este adro uns corpulentos carvalhos, que tambem denotam grande velhice.

E' tradição que esta capella serviu de matriz, emquanto se não construiu a primittiva egreja.

Dizem alguns escriptores que a matriz foi a capella de S. Braz, o que já mostrei ser é êrro. A actual matriz é incontestavelmente a primittiva. Parece que foi edificada no fim do seculo XV, sendo abbade da freguezia João Vicente do Valle, que lhe deixou todos os seus bens, por testamento. Não sei o que foi feito d'esses bens — se é certo isto — porque a egreja não tem bens de raiz, e o actual parocho só possue o passal, que é pequeno.

—

Não pude averiguar em que anno Gontinhães e Riba d'Ancora se desmembraram de Ancora, formando freguezias independentes, apenas soube que foi no seculo XV.

Depois d'isto, ainda se desmembraram de Gontinhães varias aldeias, que foram formar as freguezias d'Azevedo e Ville. Quando Ancora possuia a vasta área, que agora comprehende aquellas quatro freguezias, chamava-se *Valle d'Azares*, e depois *Villar de Ancora*. (Vide esta palavra, e tambem *Azevedo*, no concelho de Caminha).

—

No sitio da *Barrosa*, ha um cerrado (tambem da tal casa do *Côvo*), chamado *Matta da Lapa*. No centro d'este cerrado está um *dolmen* (*celtico* ou *pre-celtico*) dos mais bem conservados que tenho visto. O povo lhe chama a *Lapa dos Mouros*, e é d'este engano que ao cerrado provem o nome de *Matta da Lapa*.

Apesar da facilidade que ha em achar este *dolmen*, que está em um sitio plano, e proximo da nova estrada real e do logar da Lagarteira, nenhum archeologo antigo, ou moderno, o viu nem falla n'elle; antes *todos* dizem que na provincia do Minho ha *só dois dolmens*, — um no monte da *Polvoreira*, (proximo das Caldas de Visella) e outro no monte da *Pedreira*, perto de Pombeiro.

Tambem n'esta freguezia, na de *Mollêdo*, (contigua) e na de *Cristêllo*, contigua á de Mollêdo, ha varios *carns*, ainda facilmente reconhecidos como taes, e a que o povo d'aqui chama *cerrados dos mouros*.

Não achei em grande parte do Minho que percorri, vestigios de *mâmoas*, nem informações de que por aqui as houvesse.

Tambem o mesmo me aconteceu com as *antas*. Não vi nem me constou que houvesse nenhuma.

É verdade que na *Gandara de Santo Isidro*, (freguezia do Mollêdo, 3 kilometros ao S. de Caminha) ha dois penedos que me parecem antas; mas não o pude verificar, por estarem enterrados (parte) com as areias, pois são mesmo á beira mar. Ambos estão rachados pelo meio: um consta que foi partido por um raio (e lhe chamam mesmo penedo do raio) e o outro foi partido pelos constructores da estrada real (que por alli passa) em 1857.

José Avellino d'Almeida no seu *Diccionario Geographico Abreviado*, diz que, quando cahiu o raio sobre o penedo, estavam abrigadas debaixo d'elle duas pastoras. Não póde ser. Nenhum d'estes penedos podia servir d'abrigo a cousa nenhuma; porque são esphericos e estando metade enterrados, teem a figura de uma tigella com o fundo para cima — isto é — a forma hemispherica. Accrescenta o mesmo escriptor que quando cahiu o raio, uma das raparigas resava e a outra praguejava, mas que nenhuma teve perigo.

Para os leitores saberem a que eu chamo *dolmen, anta, carn mâmoas*, vide Dolmen.

—

É pois incontestavel que estes sitios foram habitados d'esde a mais remota antiguidade, em vista dos vestigios que por aqui existem de povos desconhecidos.

Segundo alguns historiadores, quando a Lusitania foi invadida pelos gregos, no anno 1360 antes de Jesus Christo, alguns persas os acompanhavam.

Talvez que estes persas aqui se estabelecessem, ou, pelo menos, aqui residissem. Faz-me conjecturar isto o seguinte:

Haver n'esta freguezia um valle ou veiga chamado de *Sapôr*.

Na freguezia de Riba d'Ancora, a partir

com esta, ha uma aldeia e uma matta chamada *do Médo* (proximo de Ponte de Lima ha tambem um monte chamado *dos Médos.*) Entre esta freguezia de Gontinhães e a de Riba d'Ancora, ao O. da tal aldeia do Médo, e pela parte debaixo d'ella, ha a veiga de *Sub-Médo* ou *Sumédo.*

Ha ainda por aqui outros nomes antiquissimos de que já me não recordo.

Tambem este foi habitado o paiz pelos primeiros lusitanos, do que ha vestigios.

Aos povos que na antiguidade habitaram esta parte da costa lusitana, se dava o nome de *espacos* ou *spacs,* e porisso ao rio Ancora chamavam os romanos *Vicus Spacorum.* Vide Ancora.

—

O rio *Ancora* divide freguezia da de Ancora, e ainda que a formosa estação dos banhos esteja toda ao N. do rio, e por consequencia na freguezia de Gontinhães, lhe dão vulgarmente o nome de *Banhos d'Ancora.* (Vide *Lagarteira.*)

Já disse que o rio *Ancora* era o *Vicus Spacorum* dos romanos. No tempo d'elles, a sua era mais ao S., (e proximo do *fortim do Cão*) do que ainda ha vestigios. A actual *foz do Ancora,* de areia movediça, é apenas uma pequena *garganta,* que na vasante se passa quasi a pé enchuto, e mesmo na praia mar só dá ingresso a pequenas lanchas.

Da ponte d'Ancora já fallei, quando tratei d'este rio e da tragedia que lhe deu o nome.

Na *Lagarteira* ha um *fortim,* que foi reparado em 1865 e que tem uns 3 ou 4 veteranos de guarnição; mas ha muitos annos está completamente desartilhado.

Tambem ha aqui, junto e ao S. do tal fortim, um *varadouro* chamado o *Portinho,* onde só podem entrar as pequenas lanchas de pesca. Está de todos os lados cercado de penhascos, onde quasi todos os annos ha desgraças a lamentar, pois os barcos n'elles se despedaçam com frequencia. É verdade que em 1865 se concluiu um *quebra-mar,* ao N. do *Portinho,* por conta das obras publicas do districto, que evita alguns perigos e sinistros; mas muito mais util seria aos pobres pescadores d'aqui, se fosse mais sólida e mais scientificamente construido. Este, no estado em que está, não dá grande credito a quem o delineou!

O mar, com qualquer temporal (que é quando o corta-mar era precizo) galga sobre elle com a maior semceremonia!

—

Atraz do *fortim,* uns 300 ou 400 metros ao NE., ha vestigios de fortificações muito antigas, no sitio da *Venda-Velha* e em um cabeço proximo. Mais a cima uns 500 metros, na encosta da serra, ha as ruinas de uma *atalaia,* a que chamam *o facho.*

Todas estas fortificações foram feitas por causa dos piratas africanos que infestavam estas costas muito frequentemente.

Foi D. Pedro II que mandou fazer os fortins da *Lagarteira, do Cão* e outros, em 1690.

—

D'esta freguezia se avista o *pico de Santa Tecla,* 8 kilometros ao ONO, sobre a foz do Minho, já na Galliza, e outras povoações.

É uma freguezia rica, saudavel, abundante de bôas aguas e fertil.

GONDIZALVES — Vide *Gondiçalves.*

GONDOMAR — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 12 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 68 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Gondomar é corrupção do nome proprio de homem *Gondemar* ou *Gondemario.*

A mitra apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis annuaes.

É terra fertil.

GONDOMAR — freguezia, Minho, comarca e concelho de Nilla Verde, 24 kilometros ao ONO. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 62 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A casa dos Menezes (senhores da Barca) apresentava o abbade, que tinha 150$000 réis annuaes.

Tinha sido primeiro do real padroado.

É terra fertil.

Ha aqui um fojo para caçar lobos.

A mesma etymologia.

GONDOMAR ou **S. COSME DE GONDOMAR**—villa, Douro, comarca e 8 kilometros a NE, do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 950 fogos, 3:800 almas, no concelho 5:300 fogos.

Em 1757 tinha 548 fogos.

Orago S. Cosme e S. Damião.

Bispado e districto administrativo do Porto.

A mesma etymologia.

Diz-se que esta villa foi fundada em 610, pelo rei gôdo *Flavio Gundemario*, que lhe deu o seu nome.

Desde que Gondomar se elevou a villa, se disse *S. Cosme de Gondomar*. Hoje diz-se simplesmente *Gondomar*.

O ordinario e os conegos de S. Martinho, de Cedofeita (Porto) apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar, que é bom.

A egreja matriz é antiquissima. Foi a primeira egreja das Hespanhas, dedicada a estes padroeiros.

S. Cosme e S. Damião eram naturaes de Egéa, na Arabia, (a cidade que deu nome ao mar *Egeu*).

O terreno da freguezia é bastante accidentado; mas seus valles são amenos, salutiferos e fertilissimos em todos os generos agricolas. E' muito fertil em aguas de boa qualidade, e ha aqui grande abundancia de cebolas, das quaes se exportam para o estrangeiro uns poucos de contos de réis por anno.

Fabricam-se n'esta freguezia muitas obras de filigrana de oiro e prata e artefactos de marceneria.

Ha muitas, boas e bonitas quintas. Fica proximo da direita do Douro.

Tem peixe do rio e do mar.

Tem foral, dado por D. Sancho I, em Coimbra, a 5 de abril de 1193; confirmado por D. Affonso II, em Santarem, em março de 1218.

D. Manoel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 19 de junho de 1514.

E' freguezia muito antiga, pois já em 897 foi dada esta egreja ao mosteiro de *Lavra*, por Gundezindo. (Vide *Lavra*.)

Foram donatarios d'este concelho os condes de Penaguião, marquezes de Fontes, e depois, por herança, os marquezes d'Abrantes.

Tanto esta freguezia, como quasi todas de que se compõe o concelho, são fertilissimas em todos os generos agricolas. São terras muito ricas em razão do constante commercio, que por terra e pelo Douro, fazem com a cdade do Porto. Tambem exporta annualmente centenares de cabeças de gado bovino, para a Inglaterra, o que muito tem feito desenvolver a creação de bois e vaccas e fabricação da manteiga.

Foi aqui a honra de D. Soeiro Reymondo, solar dos Reymondos, que D. Affonso III, nas *Inquirições*, não julgou ser *honrada nem coutada*, por padrões ou documentos, mas confirmou a honra, em attenção á pessoa de D. Soeiro.

No monte *Crasto* houve um forte castello romano.

Ha n'este concelho minas de carvão de pedra, talco, antimonio e outros metaes.

E' tradição que houve tambem minas de ouro; e é certo que os romanos e os arabes aqui fizeram muitas obras de mineração, do que ha evidentes vestigios em varias galerias.

Aqui nasceu, em 19 de março de 1804, D. João de França Castro e Moura, que morreu bispo do Porto.

Era filho legitimo de Antonio João de França e Rosa de França Castro e Moura, naturaes d'esta freguezia.

Foi um dos mais illustrados e virtuosos bispos que tem tido a diocese portuense.

O concelho de S. Cosme é composto de 11 freguezias, todas no bispado do Porto. São — *Covêllo, Fânzeres, Foz do Sousa* (vulgo *Sousa*) *Gondomar, Jovim, Lomba, Méêdas, Métres, S. Pedro da Cóva, Rio Tinto* e *Walle Bom*.

GONDOMIL — freguezia, Minho, comarca e concelho de Vallença, 60 kilometros a NO. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 178 fogos.

Orago S. Christovão.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O padroado real apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis annuaes.

Ha aqui uma torre com *fóros sabidos*, annexa á casa d'*Agra*, que dos Abreus, de Regalados, se desannexou por successão, passando para a casa de Sotto Maior. Tinha primeiro sido dos condes de *Crecente*, marquezes de Tenorio, na Galliza. São os ascendentes dos Sottos Maiores de Monção e outros.

(Para a familia e armas dos Sottos Maiores, vide Monção.)

GONDORIZ — freguezia, Minho, comarca de Villa Verde, concelho de Terras do Bouro, 15 kilometros a NO. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 337 fogos.

Orago S. Maméde.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor do Salvador, de Baldreu, apresentava, *ad nutum*, o vigario, que tinha 12$000 réis e o pé d'altar.

Foi n'esta freguezia a *honra* dos Coelhos, que, no reinado de D. Diniz, passou aos Abreus, de Regalados. Ainda existe a torre da *Gardenha*, que era o seu solar.

Esta freguezia foi até 1855 d'este mesmo concelho, mas da comarca de Pico de Regalados, que, em 24 de outubro d'esse anno passou para Villa Verde.

E' terra fertil.

Cria muito gado. Nos seus montes ha muita caça.

Se não é erro do *Portugal Sacro e Profano*, não sei a que se possa attribuir a reducção da população, a menos da terça parte do que era em 1757.

GONDORIZ — freguezia, Minho, comarca e concelho de Val de Vez, 30 kilometros a ONO. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 311 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira apresentavam o abbade, que tinha 800$000 réis annuaes.

—

Foi primeiramente do padroado de João Rodrigues, do *Cabo da Villa* (metade, e a outra metade era da casa do *Paço*, solar dos *Gachimeiros;* dos Gonçalves, de *Pugido*, e dos Vellosos, Pires de Castro, e Barros) que tambem tinha (João Rodrigues) os padroados, *in solidum*, de *Santa Vaia*, e sua annexa, *Aguião*. Como todos estes eram pobres, para evitar *simonías*, D. João III obteve bulla de Paulo III, para este padroado passar para a corôa, e o deu aos taes viscondes.

GONDUFE — villa, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 30 kilometros a O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Gondufe é de certo corrupção do nome proprio de homem — *Gondulfo* ou *Gundulfo*.

Foi couto, com justiças proprias.

O arcebispo apresentava o abbade, por concurso synodal, e tinha de rendimento annual 500$000 réis.

É povoação muito antiga, provavelmente fundada, ou povoada por algum senhor gôdo, chamado Gondulfo, que lhe deu o nome.

Não tinha foral proprio; era incluido no de S. Martinho. (*Livro dos foraes novos do Minho*, fl. 67 v.)

Ha aqui um pequeno ribeiro, que vem do *Beiral*. D'este logar para cima, nunca ha nevoa no rio, nem cria peixe de qualidade nenhuma.

No logar da *Armada* está a capella de S. Lourenço e vestigios de um antiquissimo castello.

No logar da *Aldeia* existem os restos desmantelados do paço e casa dos *Sequeiros*, que procedem do conde *D. Fafes Sarrazim*, de Lanhoso, morto na batalha que D. Garcia deu a seu irmão D. Sancho, de Castella, em 1071.

D. Fafes Luz, filho de D. Egas Fafes e

neto de D. Fafes Sarrazim, foi senhor do couto e solar de Gondufe, por mercê de D. Affonso Henriques.

Ha tambem aqui o antigo paço de *Jazim*, que foi dos Antas, de Coura.

É terra bonita, fertil e saudavel. Cria muito gado, de toda a qualidade, e nos seus montes ha muita caça.

(Vide Correlhan.)

GONTÃES — aldeia, Traz-os-Montes, freguezia da Campean, comarca de Villa Real, concelho d'Ermêllo, 65 kilometros ao NE. de Braga, 355 ao N. de Lisboa.

Situada na serra do Marão.

É muito provavel que antigamente se extrahisse aqui, de minas de ferro, este metal em não pequena quantidade, pois que em 1292, fez o mosteiro de Salzedas, prazo do casal de Gontães, impondo-lhe o foro annual de *10 masas de ferro bôas e direitas.*

Com semelhante pensão, variando o numero de *massas*, ha por estas terras outros prazos. Todos sabem que as rendas dos prazos eram sempre dos fructos que as terras foreiras produziam.

Já se vê que este fôro indica claramente a existencia e lavra de minas de ferro, n'aquelle tempo.

GONTIGE—freguezia extincta, situada na provincia do Minho, sobre a margem esquerda do rio Minho, e ha muitos annos encorporada na de *Reboreda*, concelho de Villa-Nova da Cerveira d'onde dista 5 kilometros a NE., comarca e 12 kilometros a O. de Valença, 422 ao N. de Lisboa.

Gontige era uma das dez *beetrias* de Portugal.

Ha quem diga que existiu aqui uma cidade, em tempos remotissimos, com o mesmo nome de *Gontige*. O que é certo (e eu vi) é existirem por aqui vestigios de uma povoação grande. Dizem uns que foi destruida pelas guerras da edade media, e outros attribuem a sua destruição ás enchentes do Minho. Eu sou d'esta ultima opinião.

Gontige não é hoje mais do que uma pequena aldeia, bellissimamente situada na *Veiga de Gontige*, fertil e saudavel planicie que o rio alaga nas suas enchentes.

Passa proximo a bella estrada real de 1.ª classe, que de Lisboa vae ás provincias do Norte.

GONTIM—freguezia, Minho, comarca e concelho de Fafe, 40 kilometros a NE. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 32 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Gontim é nome proprio d'homem; *Gontina* é o feminino correspondente.

O abbade de S. Clemente de Basto, apresentava o vigario, confirmado, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

GONTINHÃES — Já está em *Gondinhães*.

Já estava composto e paginado o artigo d'esta freguezia, sob a palavra Gondinhães, quando se deram os calamitosos successos que vou mencionar.

No dia 10 de junho de 1874 (quarta feira) pelas quatro horas da tarde principiou n'estes sitios, uma medonha trovoada, ao E. O rebombo aterrador dos trovões, o constante fusilar dos relampagos e o aspecto escurissimo do ceu, horrorisava o povo, que fugia espavorido. A saraiva cahia em torrentes, partindo vidros e destruindo telhados, arvores e cearas. As freguezias que mais soffreram, foram Ville-Riba d'Ancora e esta de Gontinhães. Alguns lavradores ficaram prejudicados em mais de 200$000 réis.

A saraiva era tão volumosa, que chegou a ferir varias pessoas.

GÓRÇA — Vide *Pontos do Douro*.

GOSTEI ou **GUSTEI** (*Formil e Castanheiro* — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 480 kilometros ao N. de Lisboa, 95 fogos. Em 1757 tinha 80 fogos.

Oraga S. Claudio.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Foi concelho, com justiças proprias.

D. Diniz lhe deu foral em Lisboa, a 20 de junho de 1289. N'este foral se chama *Gustei*.

O cabido da Sé de Bragança, apresentava o cura, que tinha o pé d'altar.

GOUJOIM ou **GOJOIM** — villa, Beira Alta, comarca e concelho e 5 kilometros d'Armamar, 20 kilometros de Lamego, 310 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Foi antigamente da comarca de Lamego, depois, até 24 de outubro de 1855, da comarca de Taboaço, concelho de S. Cosmado; passando então para Armamar. Ainda existe na praça de Goujoim o antigo pelourinho.

Situada a meia encosta de um monte ingreme e alcantilado, na margem esquerda do Tédo.

Na coroa do monte, em um plató denominado *Crasto*, ha vestigios de fortificações romanas. Teem se aqui achado ferros de lanças e outras armas antigas e moedas romanas.

Parece que os godos abandonaram esta villa; porque, em 1030, estando deserta a povoou o *regulo* de Lamego *Zadam Aben Uvim* (ou *Win.*) É pois povoação muito antiga. Ignora-se o seu 1.º nome e parece que o actual é corrupção de *Aben* ou *Ben-Uvim*

Muito linho e grande abundancia de castanha, optimo vinho de pasto, azeite, cereaes e muita fruta.

O reitor da collegiada de Barcos, apresentava o cura, que tinha 13$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Em igual altura, na margem direita do Tédo, em frente d'este castro, fica Pinheiros, antiga povoação, que tambem foi fortificada.

Ainda se veem os restos de um castello d'alguma consideração, e diz-se que este castello e o castro se communicavam por fachos e outros signaes então em uso.

Os habitantes d'esta freguezia são muito lhanos e de ameno tracto, mesmo os pobres.

Sendo pequeno o povoado, e completamente isolado dos povos visinhos, aqui se fazem ha muitos annos funções religiosas notaveis, e tambem ha muito tem uma banda de musica e já houve um theatro.

Tem esta pequena villa algumas casas boas e familias ricas e nobres, avultando entre ellas a nobre, rica e antiga familia do morgado da *Praça*, o sr. Francisco Antonio Lopes Freire de Gouveia, já fallecido, e hoje representado muito dignamente por seus tres filhos, o dr. Germano Lopes Freire de Gouveia, juiz de direito substituto, Braulio Lopes Freire de Gouveia, por vezes presidente da camara municipal, e Candido Lopes Freire de Gouveia, tres cavalheiros de muito merecimento.

A egreja matriz é exteriormente singela, mas interiormente merece attenção, por ter boa obra de talha e o tecto apainelado e todo ormamentado com quadros a oleo, muito antigos e de muito preço.

Diz-se que esta povoação de Goujoim, bem como Gogim, Lalim, Lazarim, Mondim e Sendim, todas no bispado de Lamego, e quasi lemitrophes foram fundadas aproximadamente em 1:030 pelo dito regulo de Lamego *Zadan. Aben Wim....*

O terreno d'esta freguezia é em grande parte inculto, por ser muito alcantilado, e todo coberto e eriçado de penedos.

Ao sul, junto a esta povoação, ha uma ermida de Santa Barbara, em sitio pittoresco, e com bonitas vistas.

A villa é abundante d'agua magnifica, e na extremidade sul tem um elegante chafariz, mandado fazer ha poucos annos.

GOUVÃES — Vide *Goivães*.

GOUVEIA — villa, Douro, na antiga freguezia de Cepéllos, comarca e concelho d'Amarante, 60 kilometros ao NE. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 60 fogos, na villa, e 260 na freguezia.

Em 1757 tinha 53 fogos.

Orago S. Simão, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Gouveia era cabeça de concelho do seu nome (composto de sete freguezias) na comarca de Guimarães; depois passou a ser do concelho de Sobre-Tamega e da mesma comarca, até que finalmente, sendo supprimido este concelho, ficou a formar parte do de Amarante.

Esta pequena villa consta só de uma rua. Muita castanha: do mais mediania.

(Vide a primeira Cepéllos.)

O reitor do convento de Santo Eloy, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 22 de novembro de 1513. (Liv. dos foraes Novos do Minho, fl. 3, col. 1.ª

Trata-se n'este foral das terras seguintes: —Bocaya, Bomba, Font'arcada, Lourêdo, Lourosa, Mirêlhe, Mós, Penha, S. Salvador, e Viveiros.

Foram senhores d'esta villa os Sousas, descendentes de Martim Affonso Chicorro, filho bastardo de D. Affonso III e de D. Aldonça (ou Dulce) Rodrigues de Sá. O primeiro sr. de Gouveia foi Fernão de Sousa, que casou com D. Mecia de Castro.

Gouveia pertenceu em tempos antigos á freguezia de Cepéllos; mas, ha mais de 150 annos que forma parochia independente.

Já em tempo do conde D. Henrique tinha sido parochia: depois se annexou a Cepellos, e no principio do seculo XVIII tornou a ser freguezia independente.

—

Para a familia e armas dos Souzas uma das mais nobres de Portugal, vide Lisboa, Miranda e Penafiel.

—

A rainha D. Thereza e seu filho, D. Affonso Henriques, coutaram, em 1125, a povoação de Gouveia, e a doaram nesse mesmo anno, ao mosteiro de conegos do Santo Sepulchro, *d'Aguas Santas* (Maia.)

A mesma rainha e seu filho, deram muitos privilegios a esta freguezia, e na doação que d'ella fizeram aos taes conegos, se diz que os habitantes de Gouveia só pagam.— «*Medietatem de homicidio, et de Rauso et de merda inbuca. vel de latronem: et vadunt in anuduvam Regis.*» — Vide Aguas Santas.

GOUVEIA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Moncorvo, concelho da Alfandega da Fé, 390 kilometros ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor d'Adeganha, apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis.

GOUVEIA (S. Payo de)—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Gouveia, 95 kilometros de Coimbra, 320 a E. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago S. Pelagio (que é o mesmo S. Payo) Bispado e districto administrativo da Guarda. Bonita e fertil.

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o prior, que tinha 370$000 réis.

Situada em uma baixa, nas abas da serra da Estrella, com uma boa egreja, e em agradavel e salubre posição. É freguezia muito antiga.

GOUVEIA—villa, Beira Baixa, cabeça de concelho e de comarca, 80 kilometros a NE. de Coimbra, 30 da Guarda, 280 ao E. de Lisboa, 600 fogos, 2:400 almas, em duas freguezias (S. Pedro, 390 fogos, e S. Julião, 210) no concelho, 4:600 fogos, e na comarca 11:670.

Em 1757, tinha uma só freguezia, que era S. Pedro, com 240 fogos.

As freiras de Santa Clara, de Coimbra, apresentavam o vigario, que tinha 140$000 réis annuaes.

Situada em alto nas faldas da Estrella (que aqui se chama *Ajax*) e cortada pela ribeira do seu nome.

A egreja de S. Pedro é o melhor edificio da villa.

Fabricam-se aqui saragoças e baetas (seu principal commercio.)

Ha aqui uma optima fabrica de lanificios, cujo motor é o vapor. São seus proprietarios os srs. Guimarães e Barbosa. Em 24 de março de 1874, sahiu da alfandega de Lisboa uma excellente machina, para este florescente estabelecimento industrial.

No concelho de Gouveia ha 23 fabricas de tecidos, com 192 teares.

É fria, mas o seu territorio muito abundante em cereaes, vinho, azeite e fructas, hortaliças e castanha. Muitos e bons pastos. Fabrica optimos queijos, chamados *da serra* ou *de ovelha*.

Era antigamente quartel de caçadores 7.

Foi fundada pelos turdulos, 580 annos antes de Jesus Christo, com o nome de *Gauvê*.

D. Fernando Magno de Castella e Leão, a tomou aos mouros, em 1038. Arruinou-se e a reedificou e povoou D. Sancho I, em 1186, dando-lhe foral com grandes privilegios.

Tinha marquez, que era o primogenito dos duques de Aveiro.

Este marquezado extinguiu-se em 1759. (Vide Aveiro.) Tinha visconde *novo.* (Era o distincto poeta e bem conhecido litterato, o sr. José Freire de Serpa Pimentel, que seguia a magistratura.)

As armas da villa, são—em campo de prata, um leão de púrpura, *armado* de azul, e por timbre um leão, como o do escudo. São as armas dos Silvas; porque, no tempo da usurpação philippina, Philippe IV fez d'aqui marquez a D. Manrique da Silva, conde de Portalegre, em 20 de janeiro de 1625.

Tem misericordia e hospital. Tem um convento que foi de frades franciscanos, da invocação do Espirito Santo.

Tem 5 capellas.

Grande creação de gado.

O ultimo marquez de Gouveia, foi o infeliz duque de Aveiro, D. José Mascarenhas, que tinha sido feito marquez de Gouveia em 1749. Era senhor de uma das grandes casas do reino (e isso tambem concorreu muito para a sua morte!)

Esta *tragedia* vem mais circumstanciada em *Chão Salgado*, para onde remetto os leitores, para evitar repetições.

Os arrabaldes de Gouveia são pittorescos, ainda que o seu clima é bastante excessivo.

O primeiro foral (como já disse) lh'o deu D. Sancho I, em fevereiro de 1186. D. Affonso II o confirmou em Coimbra, em novembro de 1217. D. Manuel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1510.

Os marquezes de Bórba (que tambem são condes de Redondo) foram senhores de Gouveia.

A comarca de Gouveia é composta de 3 julgados: *Gouveia*, com 4:600 fogos; *Cêa*, com 6:400; e *Manteigas*, com 670.

O concelho comprehende 23 freguezias, 10 no bispado de Coimbra, que são: *Aldeias, Cativéllos, Gouveia* (S. Pedro) *Gouveia* (S. Julião) *Lagarinhas, Mangualde, Moimenta, Paços da Serra, Villa Nova do Casal* e *vinhó.*

E 13 no bispado da Guarda, que são: *Arcosêllo, Cabra, Figueiró da Serra, Folgosinho, Freixo da Serra, Mello, Nabaes, Nespreira, Rio Tôrto, S. Payo de Gouveia, Villa Cortez, Villa Franca* e *Villa Ruivo.*

GOUVEIAS—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel, 70 kilometros de Lamego, 340 ao E. de Lisbôa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 140 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

É povoação muito antiga.

Em 1142, S. Paes (julgo que é *Soeiro Paes*) deão da Sé de Viseu, deu foral aos que povoassem «*as suas herdades das Gouveias e seu termo, junto a Pinhel, com o fôro, do 6.º de todo o fructo, além dos 8.ºs do trigo e centeio, excepto verças, porros e fructas das arvores.*»

(*Tombo Velho* da Sé de Viseu, fl. 9 v.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil. Tem muito gado e caça.

GOUVIÃES ou **GOUVEÃES** ou **GOUVÃES**—freguezia, Beira Alta, concelho de Tarouca, comarca e 6 kilometros de Lamego, 320 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Tinha foral antigo, dado por D. Sancho I em 1202 (a 8 de abril.)

N'elle se lhe dá o nome de *Guivães.*

Esta freguezia era do grande D. Egas Moniz. Payo Cortes era seu monteiro e sua mulher, D. Ximena, era dama de D. Thereza, mulher de D. Egas.

Payo Cortes, trouxe de presente a D. Thereza (que então estava em Salzedas, creando o principe D. Affonso Henriques) um grande porco montez. D. Thereza lhe deu por isto (em 1115) a sua quinta de *Gouvães* (hoje *Gouviães*) que passou aos seus herdeiros.

O reitor de Tarouca apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e pé de altar.

É terra fertil. Tem muito gado e caça.

Esta freguezia foi dada á Sé de Braga por D. Sancho II, a 26 de novembro de 1238, e mais outras. (Vide Braga, no logar competente.)

GOUVINHAS ou **GOIVINHAS**—freguezia. Traz-os-Montes, comarca de Villa Real, concelho de Sabrosa, 90 kilometros a NE. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 93 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O vigario de Santa Maria de Goães apresentava o vigario *ad nutum*, que tinha annuaes 80$000 réis.

Foi até 1855 do concelho de Provezende, que foi então supprimido.

GOVE—freguezia, Douro, comarca e concelho de Bayão, 60 kilometros ao NE. do Porto, 345 ao N. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 213 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Foi até 24 de outubro de 1855 da comarca de Soalhães, que então foi extincta.

N'esta freguezia é a villa e *honra de Gozende*.

O prior do convento de S. Domingos, de Lisboa, apresentava o cura, que tinha de rendimento 50$000 réis.

GOZENDE—villa, Douro, na freguezia de Gôve. É povoação muito antiga, pois já existia em 967, no reinado de Bermudo II, que deu esta villa e outras muitas terras a D. Arnaldo de Bayão, fidalgo allemão, filho de Wilhelmo I, duque de Baviera e eleitor do imperio romano.

D. Arnaldo era um extremado cavalleiro, mas sendo-lhe adversa a sorte das armas, em uma batalha que sustentou contra Hugo, conde de Arles, sahiu da Allemenha e se veio com os seus para as Hespanhas fazer guerra aos mouros. Desembarcou na cidade do Porto, pelos annos de 963, e com tanta bravura investiu os mouros, que lhe tomou todo o territorio d'aquella cidade até Bayão. Continuou com as guerras e victorias no reinado de D. Affonso IV de Castella, que lhe deu ainda mais senhorios.

D. Gozendo Arnaldes de Bayão era segundo filho de D. Arnaldo. Foi senhor de Bayão, rico-homem de pendão e caldeira. Casou com D. Alonça Gutierres, filha do conde D. Alonso Gutierres e de sua mulher D. Velasquita (ou Velasquinha) Egas, descendentes do rei godo Wamba, e são os progenitores dos Soares de Azevedo e outras muitas familias.

Foi este D. Gozendo que elevou a povoação ao titulo de *honra*, dando-lhe o seu nome, pelo anno 1000 de Jesus Christo, e assim existiu *emquanto houveram honras em Portugal*.

GOZENDE—villa extincta, Beira Alta, comarca e concelho de Castro d'Aire, 12 kilometros ao O. de Lamego, 315 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 170 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

É terra fertil.

Já vimos que *Gozendo* é nome proprio de homem.

D. Affonso III lhe deu foral em Guimarães, a 18 de fevereiro de 1261; n'elle se lhe dá o nome de *Gozendas*.

Um dos beneficiados da collegiada de S. Mrtinho de Mouros apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

GRAÇA (Nossa Senhora da)—Vide *Divôr*.

GRAÇA (Nossa Senhora da)—Vide *Chão do Couce*, o segundo.

GRACIOSA—sumptuoso palacio e formosissima quinta dos srs. condes da Graciosa na freguezia da Anadia, comarca e concelho d'este nome, na provincia do Douro.

(Vide *Anadia.*)

GRADE—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 35 kilometros ao NO. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 97 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É terra fertil.

O thesoureiro-mór da collegiada de Santo Estevão de Valença apresentava o vigario, que tinha 180$000 réis annuaes.

—

Da parte do Evangelho, no altar lateral

da egreja matriz, está a maior reliquia do Santo Lenho, que havia nas Hespanhas. Foi achada por D. Affonso Henriques, na batalha que deu a D. Affonso VII de Leão (seu primo) na *Veiga de Matança*, proximo á villa dos Arcos de Valle de Vez (1129).

Póde ver-se na primeira oitava da Paschoa, dita do Espirito Santo; a 3 de maio; na Ascenção; e a 8 de setembro. Fóra d'estes dias, só com licença do arcebispo de Braga.

—

Ha n'esta freguezia a *Torre do Pháro*, edificada pelos mouros, (segundo a tradição) para dar signal, por meio de uma fogueira, da aproximação dos christãos. É mais provavel que seja construcção romana, como a palavra *pháro* leva a acreditar.

—

O nome d'esta freguezia lhe vem (segundo a tradição) de ser d'aqui o constructor das grades que se poseram contra os castelhanos e leonezes na *Veiga da Matança.*

—

Foram senhores da *Torre do Pháro* os *Gáres*, cuja familia se extinguiu.

Em 1434 era senhora d'esta torre, Maria Dias da Torre; e sob pretexto de que esta propriedade pagava uma canada de azeite, de fôro, ao mosteiro d'Azere, Mem Vaz Aranha, então abbade d'esta freguezia, arranjou tornar-se commendatario da Torre (que tinha varios fóros annexos). Passou-a depois a um filho chamado García Vaz d'Azevedo. Tendo os seus descendentes instituido o morgado dos Azevedos Abreus, incluiram no vinculo esta torre e seus fóros. Em 1680 a possuia Francisco Pereira de Castro.

—

Além do rio, ha um monte, chamado do *Castello* (entre *Villela de Gráde* e *Carral-Cóva*). Tem uma estrada coberta (especie de *tunnell*) que se diz communicar com o rio, e, segundo a tradição, a guarnição da fortaleza, que existiu no Monte do Castello, vinha d'elle buscar agua ao rio, pela tal estrada subterranea.

GRADIL — villa extincta, Estremadura, antigamente comarca de Torres Vedras, concelho da Azoeira, hoje comarca e concelho de Mafra, 30 kilometros ao NE. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 112 fogos.

Orago S. Silvestre, papa.

Patriarchado, districto administrativo de Lisboa.

D. Manuel lhe deu foral, em Evora, no 1.º de outubro de 1519.

É terra fertil.

O real padroado apresentava o cura, que tinha 70$000 réis annuaes.

Tinha sido curato dos padres do collegio de Santo Antão (jesuitas) de Lisboa.

GRADINS — Vide *Pontos do Douro.*

GRADISSIMO — Vide *Amendoeira.*

GRADIZ — freguezia, Beira Baixa, comarca de Trancoso, concelho de Aguiar da Beira, 35 kilometros de Vizeu, 315 ao NE. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

N'esta freguezia nasceu, pelos fins do seculo XVII, ou principio do XVIII, o sabio e estudiosissimo antiquario, fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, auctor do immortal *Elucidario*. (Vide *Ferreira d'Aves.*)

É povoação muito antiga. Em 1189 deu D. Sancho I ao convento de Tarouca a *Granja de Gradiz*, que os frades emprazaram em 1197.

O vigario de Aguiar da Beira apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

GRAJAL — aldeia, Beira Alta. (Vide *Santa Comba Dão.*

GRAJAL — Vide *Granjal.*

GRÁLHAS — villa extincta, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, 75 kilometros a NE. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 85 fogos,

Em 1757 tinha 112 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

D. Diniz a fez villa e lhe deu foral em Lisboa, a 20 de setembro de 1310.

Foi *honra.*

Um tercenario da Sé de Braga apresentava o vigario, que tinha 20$000 réis e o pé d'altar.

GRALHEIRA — cordilheira, Beira-Alta, principia na freguezia do seu nome (comarca e concelho de Sinfães) no extincto concelho de Ferreiros de Tendaes, 18 kilometros ao NO. de Lamego, 30 ao ENE. de Arouca, 310 ao N. de Lisboa—e seguindo para OSO., passa ao O. de Lafões, e termina nas Talhadas. Segundo uns, seu nome lhe provém das muitas *gralhas* que aqui ha; mas entendo que vem d'*agreste*, porque o seu primeiro nome foi *Agralheira*, que no portuguez antigo significava—sitio desabrido, agro, aspero, infertil, etc. (Vide a *Gralheira* seguinte.

GRALHEIRA—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Sinfães, 18 kilometros a NO. de Lamego, 30 ao ENE. d'Arouca, 60 ao E. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 80 fogos. Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O seu primeiro nome foi *Agralheira*; muito adequado, pela asperesa e pouca fertilidade do seu terreno.

Tinha grandes privilegios. (Vide *Ferreiros de Tendaes*).

Era um dos quatro curatos da freguezia de S. Pedro dos Ferreiros de Tendaes.

Os presuntos da Gralheira (que se vendem em todo o reino, sob o nome de *presuntos de Lamego*) são optimos.

É situada na serra que lhe dá ou d'ella recebe o nome.

Os d'aqui lhe chamam *Grélheira*, porque ás gralhas chamam *grélhas*.

É terra muito fria, e pobre por ser pouco productiva.

O abbade de S. Pedro, de Ferreiros de Tendaes, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

GRALHEIRA — monte, Traz-os-Montes, freguezia do Avidágos, comarca e concelho de Mirandella, antigo concelho de Lamas de Orelhão, arcebispado e 120 kilometros a NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, districto administrativo de Bragança.

Fica a 2 kilometros da matriz. Aqui se veem escavações que parecem ser de mineração muito antiga. Ha uma abertura bastante extensa, rasgada até á superficie do monte, em cuja encosta está situada a esta povoação, e tão estreita, que em partes é preciso andar de lado. Tem o seu principio no meio da encosta do monte, vindo o corte horisontal a ter grande profundidade no alto do monte. No fim contínua uma galeria, que se não póde examinar por estar entulhada. Ha em outras partes d'este monte mais escavações, todas em rocha viva. Ignora-se que mineral se extrahia á custa de tão dispendiosos trabalhos.

GRALHÓS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 400 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Orago Santa Cruz.

O abbade de Vinhas apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia anda ha muitos annos annexa á de *Castro Roupal*. (Vide esta palavra)

GRAMAÇOS ou **GRAMASSOS** — Vide *Codeço*.

GRAMÍDO — aldeia, Douro, freguezia de Campanhan, concelho de Gondomar, comarca e 10 kilometros a E. do Porto, 315 ao N. de Lisboa.

Situada sobre a margem direita do rio Douro.

Esta pequena povoação é memoravel na historia portugueza, pela célebre convenção do seu nome, feita entre os generaes, portuguez *Cesar de Vasconcellos* e castelhano *Concha*, em 30 de junho de 1847; pela qual o exercito do povo foi desarmado.

Para este triumpho se conseguir, foi preciso que Portugal fosse invadido por um exercito hespanhol de 25:000 homens. Que outro exercito, tambem hespanhol, estivesse na raia prompto para entrar n'este reino á primeira ordem. As esquadras combinadas, ingleza, castelhana e franceza. O *aprisisionamento* do general do povo, *conde das Antas*, em 31 de maio de 1847 (entregando 4:000 homens e toda a esquadra do povo). A deserção de outro general do povo, o *marquez de Sá*

daBandeira, em 14 de junho do mesmo anno, fugindo de Setubal (onde deixou as suas tropas sem chefe) e mettendo-se a bordo de um navio inglez. A fuga de alguns membros da junta popular, e finalmente outras muitas circumstancias, para que a revolta do povo portuguez tivesse este resultado.

GRANDOLA—villa, Extremadura, cabeça de concelho, comarca e 24 kilometros ao S. de Alcacer do Sal, 95 a SE. de Lisboa, 580 fogos, 2:300 almas, no concelho tem 1:500 fogos.

Em 1757 tinha 214 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Lisboa.

Situada em planicie ao O. da serra do seu nome. Feira no ultimo domingo de agosto.

A Mesa da Consciencia e Ordens, apresentavá o prior, que tinha 240 alqueires de trigo, 90 de cevada e 10$000 réis em dinheiro.

No principio do XVI seculo não era Grandola mais do que uma insignificante aldeia.

D. Jorge d'Alencastre, duque de Coimbra, filho legitimado de D. João II, sendo muito inclinado á caça, vinha com muita frequencia fazer caçadas á serra da Grandola, onde então havia muita caça, grossa e miuda; por isso tanta amisade tomou ao sitio, que mandou fazer um palacio nas faldas da serra, junto á referida aldeia, e alli assistia a maior parte do anno.

Grandola era então do termo d'Alcacer do Sal, e D. Jorge, desejando tornal-a independente, pediu a D. João III o fôro de villa para o seu logar de Grandola, o que o rei lhe concedeu, em 1543.

D. Jorge era um perfeito cavalheiro e muito rico, pelo que, tomando a peito o progresso da sua villa, em pouco tempo mandou edificar muitas e boas casas de habitação. No foral que o rei lhe deu em 1543, foram concedidos muitos privilegios a Grandola, o que muito concorreu para a sua rapida povoação.

Como o duque vivia com grande fausto e consideração, tinha grande auctoridade, como principe e extremado cavalleiro que era, e demais a mais, sendo grão-mestre da Ordem de S. Thiago, conseguiu facilmente attrahir á sua villa algumas familias nobres e ricas, que aqui edificaram boas casas de residencia permanente.

A egreja matriz era muito pequena e velha, e D. Jorge a reconstruiu e ampliou com magnificencia.

Por estas razões e por ser uma povoação moderna, é uma das villas mais regularmente edificadas.

Tem cinco ruas bem alinhadas e varias travessas que as cortam.

No centro está a matriz, dedicada a Nossa Senhora da Assumpção; mas a antiga era da invocação de Nossa Senhora da Abendada.

Ha na villa mais quatro egrejas (S. João Baptista, S. Domingos, S. Sebastião e S. Pedro), collocadas em quatro pontos oppostos, de modo que formam uma cruz, ficando a da Senhora da Assumpção (unica parochia) no centro.

Misericordia e hospital, situado em frente do antigo palacio do duque.

Em 1679 se fundou aqui um celleiro commum, á maneira dos d'Evora e de Beja, para fazer emprestimos de trigo aos lavradores pobres, recebendo depois, na mesma especie, o capital e um modico juro.

Nos seus arredores ha muitas vinhas, hortas, olivaes, alguns campos de trigo, e mais longe bosques de carvalhos e sobreiros.

O rio Davino, com suas margens arborisadas, passa junto da villa, vindo desaguar no Sado, depois de fazer trabalhar varias azenhas. E' tambem proximo o célebre *Borbolegão*. (Vide esta palavra.)

Ha ainda outros mananciaes de optimas aguas, e o Sado tambem corre pouco distante; o que tudo concorre para fazer o termo da villa fertil, aprasivel e formoso.

Cria-se aqui muito gado, principalmente suino, que constitue um grande ramo de commercio.

Tem por armas, uma cruz da Ordem de Christo. (Não sei porque não é a de S. Thiago, visto ser a villa fundada por um grão-mestre d'esta ultima Ordem, que era a donataria da villa e apresentava os seus parochos.)

Proximo d'esta villa ha tres curiosidades

naturaes. O *Borbolegão*, grande *olho d'agua*, que nasce á 3 kilometros de distancia, formando logo o rio Arcão. A *ponte dos Aivados*, feita pelo mesmo rio, debatendo-se furioso contra um enorme penhasco que lhe obstava a carreira, e sobre cuja ponte passa commoda e seguramente um carro. As heras e outras trepadeiras com que a natureza a enfeita, augmentam a sua formosura e poesia. A *Diabroria*, lagôa formada pelo mesmo rio, a qual se despenha de uma alta penedia com grande fragor. Para evitar repetições, vide *Aivados, Arcão, Borbolegão* e *Diabroria*.

Tambem a 6 kilometros fica a serra dos *Algares*, d'onde os romanos e arabes (e talvez os phenicios) extrahiram grande quantidade de prata e ferro. Vide Algares, serra.

Teve primeiramente prior e dois beneficiados, todos freires de S. Thiago, providos pelo mestre da ordem; mas o arcebispo de Evora, D. José de Mello, lhe usurpou esta regalia.

Foi commenda dos duques de Aveiro, passando depois aos marquezes de Ferreira (duques de Cadaval.)

Tinha capitão-mór e tres companhias de ordenanças. Os condes de Santa Cruz eram alcaides-móres da fortaleza.

—

Tem minas de cobre em lavra.

—

Tinha seis fortalezas (S. João Baptista, S. Domingos, S. Sebastião, S. Pedro, Nossa Senhora da Assumpção, e a que depois serviu de armazem de munições.)

Junto á villa, sobre a *Varzea das Vinhas*, ha um sitio chamado *Castello*, onde se vêem ruinas de um antigo edificio. Olhando para o S., se vê um outeiro, onde está a capella de Nossa Senhora da Penha de França, fundada em 1700.

Quando se andava a fazer esta capella, appareceram nos alicerces, ferros de lança e moedas de ouro, romanas.

Mais adiante, ao S., está o sitio chamado *Corte Gallego*, onde se vêem tambem ruinas de antigas fortificações e muitos cannos de agua subterrados, que vão ter ao sitio chamado a *Repreza*, de cuja agua se aproveitam os habitantes para fazerem moer as suas azenhas.

—

Conta-se que a causa principal (ou o pretexto) para que o duque D. Jorge pedisse o fôro de villa para a Grandola, foi a seguinte:

Achando-se o duque um dia á janella do seu palacio, olhando para a matta que lhe ficava em frente e proxima, um furioso e corpulento javalí, rompendo com furia o matto, perseguido dos cães, veio esbarrar ao terreiro do palacio. O duque, apenas o viu, chamou pelos criados e vassallos, e sahiu a montear o javalí.

Faltou-lhe porém o mais destro e ousado dos seus monteiros e o animal escapou. O monteiro havia faltado por ter de ir infallivelmente a uma audiencia judicial a Alcacer do Sal, para a qual fôra citado, e a cuja jurisdição pertencia então a Grandola. O duque, para evitar a repetição d'estes casos, é que pediu a D. João III o foral de villa e justiças proprias para a sua Grandola.

(Bem se diz: — *Pequenas causas produzem ás vezes grandes effeitos!*)

—

O concelho da Grandola é composto de cinco freguezias, todas no arcebispado de Evora. São: *Azinheira dos Bairros, Grandola, Serra, Sadão* e *Mellides*.

GRANHAR — portuguez antigo, *esquecer, despresar, abandonar*.

GRANJA — aldeia, Douro, concelho e 10 kilometros ao S. de Gaia, comarca e a mesma distancia ao S. do Porto, freguezia de S. Felix da Marinha.

Estação 37.ª do caminho de ferro do Norte, inaugurada em 1863. Situada na costa do Oceano, e em uma bella e concorridissima estação de banhos.

É uma formosa povoação, que tendo apenas principio em 1854 já conta muitas e bellas casas de habitação, sendo a maior parte d'ellas propriedade do sr. Fructuoso José da Silva Ayres (pae do lente de Coimbra e bispo eleito do Algarve, o sr. D. Antonio Ayres de Gouveia) que tem aqui uma boa quinta com uma capella da invocação do Espirito Santo. (O sr. D. Antonio, nas-

ceu no Porto, a 13 de setembro de 1828, e foi feito bispo do Algarve em 1871.)

Granja (antigamente *Grancha*) é o mesmo que *casal*, qualquer propriedade, grande ou pequena, que consta de casas, curraes e campos.

GRANJA — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 60 kilometros de Viseu, 330 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O abbade de Santa Maria de Guimarães, da villa de Trancoso, apresentava o cura, que tinha 15$000 réis de congrua e o pé d'altar.

GRANJA—aldeia, Traz-os-Montes, freguezia, concelho e comarca de Alijó, 20 kilometros a E. de Villa Real, e 95 a NE. de Braga, 20 fogos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Aqui nasceu, em 18 de fevereiro de 1808, o sr. D. frei Antonio Alves Martins. Foi religioso franciscano, depois capellão da fragata *Pérola*, e por fim, bispo de Viseu. Foi ministro uma vez, e presidente do conselho de ministros e ministro do reino outra. (Vide *Historia Chronologica*, no fim do *Diccionario*.)

GRANJA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas, 70 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 88 fogos.

Em 1757 tinha 77 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O D. abbade (bernardo) do mosteiro de Bouro, apresentava o vigario, collado, que tinha 70$000 réis annuaes.

GRANJA — freguezia, Alemtejo, comarca de Redondo, concelho de Reguengos, 65 kilometros a OSO. de Evora, 160 ao S. de Lisboa, 310 fogos. Em 1757 tinha 245 fogos.

Orago S. Braz.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A Mesa da Consciencia apresentava o capellão, curado, que tinha 120 alqueires de trigo e 120 de cevada.

É terra fertil, sobretudo em cereaes.

GRANJA (quinta da)—aldeia, Beira Alta, freguezia de S. Christovão de Nogueira do Douro, comarca e concelho de Sinfães.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Situada na margem esquerda do rio Douro, em aprasivel e fertil posição. É seu actual proprietario o sr. dr. D. Pedro da Silva Cerveira Montenegro de Bourbon, um dos mais ricos e nobres proprietarios da comarca.

Tem uma capella muito antiga e singela. Sobre a porta d'ella tem as armas dos Azevedos de Bayão, de que procede o proprietario da quinta.

Em 1860 morreu n'esta casa, frei José da Granja, tio do sr. D. Pedro, e o homem mais valente e corajoso d'estes sitios. Não era todavia malfasejo; mas em alguem o insultando, tinha o castigo certo, immediato e terrivel.

Uma vez fui a casa d'elle. Estava na cama, d'onde ha muitos annos não sahia (por estar entrevado, dizia elle.) Mostrou-me a sua *livraria*. Eram barrís, garrafões, garrafas, etc., cheias de vinho, licores, aguasardentes, etc., etc. Até entre a parede e a cama tinha entaladas garrafas! As cadeiras eram os barrís. O seu quarto era uma perfeita adega... quero dizer, *livraria.*

GRANJA—freguezia, Beira Alta, comarca de S. João da Pesqueira, concelho de Penedôno, 6 kilometros de Lamego, 345 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro.*

Chama-se vulgarmente, *Granja de Penedôno.*

GRANJA DE ALPREADE—freguezia, Extremadura, 18 kilometros de Lisboa.

Em 1757 tinha 36 fogos.

Era seu orago S. Sebastião, martyr.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O povo apresentava o cura, que tinha 40$000 réis annuaes.

Esta freguezia foi ha muitos annos supprimida.

GRANJA NOVA—freguezia, Beira Alta, concelho de Mondim da Beira, comarca de Armamar, 12 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 62 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O abbade do Salvador, de Penedôno, apresentava o cura, que tinha 18$000 réis de congrua e o pé d'altar. É terra fertil.

É n'esta freguezia a aldeia de *Formillo*, residencia actual do sr. Miguel Antonio de Mesquita Pimentel, representante da familia dos *Mesquitas*, da *Aldeia*, de Armamar, uma das mais nobres da Beira Alta.

—

Ha n'esta aldeia uma capella da invocação de Nossa Senhora do Carmo, a que todos os annos afflue um concurso immenso de povo, no dia da sua festividade, que é uma das esplendidas d'estes sitios. (Vide Formillo.

—

Aqui é o solar do distincto cavalheiro e rico proprietario o sr. José Osorio Freire Marques, que foi official do exercito realista.

Varão respeitavel e respeitado pela sua honradez e probidade.

Marques, appellido nobre em Portugal. Veio de Hespanha, tomado por patronimico do nome proprio Marcos. Suas armas são—em campo asul, castello de prata, com duas chaves de ouro, com os aros para cima.

Osorio, é tambem appellido nobre d'este reino. Veio de Hespanha, por D. Gutierre Osorio, pae de D. Osorio Cabreira, que veio povoar Portugal, em tempo do conde D. Henrique.

Passou segunda vez aqui este appellido, no reinado de D. João I, pelos annos 1386, na pessôa de Martim Osorio, da casa dos marquezes de Astorga. Fez seu solar na villa de Trancoso.

Trazem por armas—em campo de ouro, 2 lobos de púrpura, passantes, em pala, elmo de aço aberto, e por timbre, um dos lobos das armas.

Outros do mesmo appellido usam—em campo de púrpura, banda de prata, entre 2 lobos do mesmo.

Outros usam—em campo de ouro, 2 ursos de púrpura.

Outros usam—em campo de púrpura, 2 vaccas, de ouro, passantes, em pala. Elmo e timbre, como as primeiras.

GRANJA DE S. PEDRO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 12 kilometros de Miranda, 455 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 20 fogos.

Orago Santa Marinha.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Bragança.

O abbade de Villar Sêcco, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está annexa á da Silva. (Vide Silva.)

GRANJA DO TÉDO (ou **THÉDO**) villa, extincta, Beira Alta, comarca de Taboaço, concelho de S. Cosmado, até 1855, e desde então, concelho de Taboaço, comarca de Armamar, 24 kilometros a E. de Lamego, 335 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 85 fogos.

Oragos S. Faustino e Santa Jovita.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Situada em baixo, cercada por dois montes e banhada pelo rio Tédo.

D. Thedon (ou *Theudo*, ou *Thedo*) Ramires e seu irmão, D. Rauzendo Ramires, filhos de D. Hermigio (ou *Ermiro*) Alboazar Ramires e de D. Dordia Ozorez; netos do infante D. Alboazar Ramires (o *Cid*) e de D. Helena Godes—e bisnetos de D. Ramiro II, rei de Leão e da bella e celebrada moura *Zahara* (a que alguns escriptores dão erradamente o nome de *Gaia.*)—Vide Ancora, rio—Cabriz, Calle, Pavedes e Resende.

D. Thedon e Rausendo, nasceram (ou viviam na provincia d'Entre o Douro e Minho, e como eram muito ricos e valorosos fizeram crua guerra aos mouros, tomando-lhes muitas terras n'aquella provincia.

Em 1062 de Jesus Christo, (e segundo outros, em 1030, e esta data é a mais seguida) com os seus vassallos minhotos, passaram para o S. do rio Douro (Beira Alta) a guerrear os arabes, e lhes tomaram muitas terras pertencentes ao *rei* ou *emir* de Lamego.

Agradados d'este sitio, aqui assentaram a sua residencia, ajudando elles mesmos a fazer uma *granja* ou quinta e as casas d'habitação, que porisso se ficou chamando *Granja de D. Thedon* e depois *Granja do Tédo.*

D. Thedon dispoz pelas suas proprias mãos um grande olival, que existiu seculos.

Foi tambem o mesmo cavalleiro que fundou o castello de *Cabriz*, na freguezia de Sendim, a 3 kilometros de Paredes da Beira, e elle e seu irmão que tomaram aos mouros a villa de Paredes da Beira, na madrugada do dia 24 de junho de 1062, em quanto grande parte da guarnição mourisca da villa tinha hido banhar-se ao Távora, e neste mesmo rio acabaram de derrotar os mouros.

D. Thedon é progenitor da familia dos Tavoras. D. Rauzendo fundou a villa de Rézende e outras povoações.

O vigario de S. Cosmado, apresentava o vigario, que tinha 24$000 réis e o pé d'altar.

GRANJA DO ULMEIRO — freguezia, Douro, concelho e comarca de Soure (foi do concelho de Santo Varão) 18 kilometros ao S. de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa, 155 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos. Orago S. Gabriel.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

A mesa da consciencia apresentava o vigario (collado) que tinha 120$000 réis.

GRANJAL — freguezia, Beira Alta, comarca de Moimenta da Beira, concelho de Sernancelhe, 35 kilometros de Lamego, 325 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Orago Nossa Senhora das Candeias.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu. (Esta freguezia não vem no Portugal Sacro, nem em Bettencourt.)

GRANJINHA (S. Pedro das Aguias)—freguezia, Beira Alta, concelho de Taboaço, comarca d'Armamar, 24 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Orágo Santa Maria.

Bispado de Lamego districto administrativo de Viseu.

Esta freguezia está annexa á de Sandim.

GRAVÃO — vide *Garvão.*

GRÁVIOS—povos da Grecia, tambem chamados *graios* e *grovios*, que acompanharam *Teucro* á guerra de Troia, pelos annos do mundo 2620. Destruida aquella cidade, muitos gregos se estabeleceram nas costas maritimas de variss nações da Europa.

Strabão, Pomponio Mella, Silio Italico e outros historiadores dizem que os gravios se vieram então estabelecer na costa da Lusitania, desde o rio Ave até ao rio Minho e ainda ao N. d'este ultimo rio; e alguns sustentam mesmo que os gravios desembarcaram na foz do Douro e se espalharam por todo o litoral desde este rio até álem do Minho. «*A Durio ad flexum Gravii, fluuntque per eos Avo, Celandus, Naebis, et Minus, et cui oblivionis cognomen est, Limia* (Pomponio Mella, lib. 3.° cap. 1.°)

Eram *gravios* os povos que habitavam as margens do Lima.

«*Quique super Gravios lucentes volvit arenas Infermae populis referens oblivia Lethes.*»

(Sil. Ital. lib. 1.° v. 235.)

Os *gravios* deduziram o seu nome de *graios* (gregos.)

«*Et quos nunc Gravios, violato nomine Grajum.*

«*Oenea misere domus Aetolaque Tyde.*

(Ib. lib. 3.° v. 366.)

Plinio diz que os *helenios*, os *grovios* ou *gravios* e os da cidade de Tuy (Galliza) descendiam dos gregos.

—«*A Cilenis conventus Bracharum Helleni, Gravii, Castellum Tyde, Graecorum sobeles omnia.*»

Os *celerinos* e os *nemetatos*, tambem eram gravios (Vide aquellas duas palavras.)

GRÊGOS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 24 kilometros de Miranda, 445 ao N. de Lisboa, 15 fogos, em 1757.

Orago Santo Apolinario.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Travanca apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi ha muitos annos supprimida e está annexa a Travanca.

GREGORIO (S)—freguezia, Alemtejo, comarca de Monte-Mór-Novo, concelho d'Arrayolos 24 kilometros d'Evora, 114 ao E. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 140 fogos.

Orago S. Gregorio Magno.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o capellão curado, que tinha 240 alqueires de trigo e 120 de cevada, annualmente.

É terra muito fertil em cereaes.

GRÊNHA—portuguez antigo, cabello comprido.

GRIJÓ—villa, Douro, concelho e 18 kilometros ao S. de Gaia, comarca e egual distancia ao S. do Porto, 294 ao N. de Lisboa, 1:200 fogos, 4:800 almas, na villa e freguezia.

Em 1757 tinha 308 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O prior (crusio) do mosteiro d'esta freguezia, apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

A antiga villa de Grijó era sómente o convento e povoação adjacente. Sobre a estrada de Lisboa (feita sobre o mesmo leito da antiga *estrada mourisca)* havia uma *venda* que existiu muitos annos; mas depois se foram construindo mais algumas tabernas e outras casas.

O primeiro nome d'esta povoação era *Venda Nova de Grijó*, depois, como as vendas se multiplicaram, se chamou *Vendas Novas de Grijó* e por fim, progredindo esta povoação, se tornou a principal da freguezia, e, ainda que os povos d'aqui lhe chamam as *Vendas*, é geralmente conhecida por Grijó.

Devemos notar que não é esta povoação que teve a cathegoria de *villa*, mas é hoje considerada como tal. Tem uma só rua (que é a estrada real) orlada de bonitas casas, a maior parte d'ellas novas.

A egreja matriz é sumptuosissima, e pertencia ao convento de frades cruzios de Grijó, um dos mais antigos da sua ordem em Portugal. Tratemos d'elle.

—

Vivia por estes sitios, em 912 de Jesus Christo, (no reinado de D. Ordonho II de Leão e Castella) um rico homem, chamado D. Nuno Soares Velho, senhor das Terras de Santa Maria (hoje Terra da Feira.)

Tinha dois irmãos padres, um chamado Guterres Soares, e outro Ausindo Soares.

Edificaram estes dois clerigos uma pequena egreja, em uma quinta que seu irmão D. Nuno lhes deu para isto: e como o templo era de acanhadas dimensões, lhe chamaram elles *ecclesiola*—e o povo—*egrejola* ou *egrejol*, diminutivo d'egreja e o mesmo que egrejita ou egrejinha, eis aqui a origem do nome do convento, da villa e da freguezia—*Grijó*.

Fizeram os dois padres casas para a sua residencia e alli viviam orando a Deus e praticando actos de caridade.

Bem depressa se lhes reuniram outros clerigos, a ponto de lhes ser precizo, em 922, edificar convento; dando-lhe os dois fundadores, além da quinta que D. Nuno lhes déra uma grande herdade que tinham na freguezia de *Perosinho*.

D. Guterres Soares foi o primeiro abbade d'este convento, e por sua morte lhe succedeu na abbadia seu irmão, D. Ausindo Soares.

D. Soeiro Formarigues, filho e herdeiro de D. Nuno Soares Velho, vendo que era pequena a egreja que seus tios haviam construido, fez uma nova, muito mais ampla e sumptuosa, que se concluiu em 1093 (no mesmo anno que o conde D. Henrique e sua mulher tomaram posse de Portugal.)

Foi esta egreja dedicada ao Salvador do Mundo, e foi sagrada a 3 de novembro d'esse anno, por D. Cresconio, bispo de Coimbra (porque o bispado de Coimbra chegava então até á margem esquerda do Douro.)

D. Soeiro Formarigues, fez, no acto da sagração, uma ratificação por escripto, da doação que havia feito ao mosteiro, de extensas e ricas propriedades; isto em presença

do dito bispo, de todos os frades do mosteiro, de D. Flacencio, alcaide-mór do castello da Feira, e outras pessoas notaveis.

Morreu D. Soeiro, pelejando valorosamente contra os mouros, ao lado do conde D. Henrique, em Santarem, no anno de 1110.

Era casado cam D. Elvira Nunes Aurea, da qual teve varios filhos, sendo o primogenito D. Nuno Soares, herdeiro de seu pae, não só nas riquezas, mas tambem no valor e na piedade; pois, a 7 de junho de 1112, elle, sua mãe e irmãos, doaram ao mosteiro varias terras «*que seu pae havia ganhado aos mouros, á ponta da lança.*»—e augmentou o edificio do mosteiro.

Os irmãos de D. Nuno que assignaram a doação, eram Payo (ou Pelayo) Soares, que aqui veio a ser abbade; Soeiro Soares; Pedro Soares; Erus Soares; Salvador Soares; Adozinda Soares; Ermezinda Soares e Tóda Soares.

Sendo já abbade D. Payo Soares, a rainha D. Thereza, viuva do conde D. Henrique, doou ao mosteiro, em maio de 1128, o couto de Grijó e sua jurisdição, que n'esse mesmo anno havia coutado, para dar a estes frades.

Mas D. Thereza não deu este couto aos frades, de *mão beijada*. D. Nuno Soares lhe deu, para que ella fizesse esta doação «*unum caballum adpretiatum in D.* (500) *modios.*» segundo consta da mesma doação.

Em 1132, a dita D. Elvira Nunes Aurea, que era padroeira das egrejas de S. Mamede de Serzedo, S. Martinho d'Argoncilhe, S. Salvador de Perosinho, S. Martinho de Travanca e S. Miguel de Travassô, doou todos estes padroados ao mosteiro.

O abbade D. Payo, desejando a maior perfeição nos seus padres, quiz tomar a regra de Santo Agostinho; mandando pedir a Santa Cruz de Coimbra, frades para isso.

Em 1135, vieram de Santa Cruz, o padre D. frei João Peculiar e seu sobrinho D. fr. Pedro Rabaldis, que aqui chegaram a 21 de novembro, e logo a 24 foi canonicamente tomada a nova regra e habito de conegos regrantes de Santo Agostinho, vulgarmente cruzios.

D. Payo resignou a abbadia (cujo titulo foi desde então mudado em *priorado*) e foi logo feito seu primeiro prior *D. Fr. Tructezindo* (ou *Tructezêndo*).

D. Fr. João Peculiar, sahiu d'aqui, para bispo do Porto, em 1136, succedeudo-lhe seu sobrinho, *D. Fr. Pedro Rabaldis.*

Sendo bispo do Porto *D. Fr. João Peculiar*, foi a *Terra da Feira* desmembrada do bispado de Coimbra, ficando a pertencer até hoje ao do Porto; mas o bispo isentou o convento de Grijó e seus coutos, da jurisdição episcopal, e lhe deu outros muitos privigilegios, que confirmou quando foi feito arcebispo de Braga, e fazendo com que fossem (como foram) confirmados pela curia romana, por bullas apostolicas de Innocencio II em 1139; Lucio II, em 1144; Eugenio III, em 1148; e, finalmente, Celestino IV, em 1195.

Os bispos de Coimbra opposeram-se obstinadamente á separação da *Terra da Feira*, porque não queriam perder as grandes rendas d'este vasto territorio. É por isto que, como vimos, nada menos de quatro bullas, de quatro differentes papas, foram precisas (fulminando as duas ultimas interdictos, e excommunhões contra os desobedientes) para que os bispos de Coimbra largassem a sua preza; durando a sua tenaz desobediencia, demandas e chicanas, nada menos de 56 annos!

Por estas bullas, além de outras prerogativas, podiam os priores de Grijó usar insignias pontificaes, bago e mitra, nas festas solemnes, trazer cruz peitoral e annel como os bispos e conferir ordens menores.

Tinham tambem no temporal a jurisdição civel dos seus coutos, nomeando justiças e empregados d'ella.

—

D. Affonso I coutou a villa de *Brito*, em 1139, e a deu ao mosteiro de Grijó.

Em 1142 coutou a villa de *Tarouquella*, e lh'a doou tambem.

—

Aqui foi frade *D. Nuno Sanches*, filho bastardo de D. Sancho I, e da formosissima e célebre *D. Maria Paes Ribeiro*. Seu irmão D. Affonso II, muito o estimava, e por mui-

tas vezes o quiz fazer bispo; mas *D. Nuno* nem prior quiz ser. Era varão virtuosissimo.

Morreu n'este mosteiro em 16 de dezembro de 1246, de desgosto pela morte de seu irmão *D. Rodrigo*, a qual teve logar do modo seguinte:

D. Rodrigo Sanches era tambem filho bastardo de D. Sancho I, e de D. Maria Paes Ribeiro. Tendo amores com uma irman de *D. Martinho* (ou *Martim*) *Gil de Soverosa*, descendente do conde *D. Gomes do Sobrado*, D. Martinho o desafiou e feriu mortalmente em duello, vindo D. Rodrigo a morrer junto á egreja de Grijó, no sitio onde chamam o *Padrão Velho*, a 2 de julho de 1245, deixando um filho natural chamado *D. Affonso Rodrigues*, que houve de uma senhora chamada *D. Constança Affonso*, da freguezia de Cambra.

D. Affonso Rodrigues foi creado n'este convento, mas querendo antes ser frade franciscano, professou a regra de S. Francisco, e morreu guardião do convento de S. Francisco, de Lisboa.

—

A infanta D. Constança Sanches, filha legitima de D. Sancho I, muito amava seu irmão D. Rodrigo Sanches, e foi ella que mandou fazer o cruzeiro do *Padrão Velho*, no sitio onde seu irmão expirou, e lhe mandou fazer um magestoso tumulo, com uma grande inscripção laudatoria, em latim (que por extensa não copio) e doou muitas rendas ao mosteiro, para fazer um anniversario no dia 2 de julho de cada anno.

Esta doação foi feita na éra de 1301 (1263 de Jesus Christo) e por ella deu ao mosteiro tudo quanto tinha na *Avelleda*, que era muito.

D. Maria Paes Ribeiro tambem doôu ao mosteiro tudo quanto tinha em *Maçans de Dona Maria*, para os seus rendimentos serem empregados em missas por alma de seu filho D. Rodrigo; cujo legado foi religiosamente cumprido pelos cruzios, até 1834, anno em que foi supprimido este mosteiro.

Estando bastante deteriorada a antiga egreja, se construiu uma nova, lançando-lhe a primeira pedra o prior D. Fr. Pedro Salvador, a 28 de junho de 1574, e é a actual.

Para as egrejas da sua jurisdição, tinha o convento *vigario geral*, promotor de justiça, meirinho ecclesiastico; e *aljube*, junto ao mosteiro.

—

O prior de Grijó era tambem *ouvidor* dos seus tres coutos (*Grijó, Brito* e *Tarouquella*).

—

D'este convento sahiram, um arcebispo de Braga, um de Lisboa, dois bispos do Porto, e um de Silves.

—

O couto de Grijó era dos maiores de Portugal. Confrontava pelo S. com o concelho da Feira; pelo N. com o rio Douro; pelo O. com o mar; pelo E. com o concelho de Fermêdo; chegando pelo NO. até ao couto de Avintes. Todo lhe deu a rainha D. Thereza, e foi a doação confirmada por seu filho D. Affonso Henriques, sendo infante, a 11 de janeiro de 1139, e depois de rei ratificou a confirmação em 13 de julho de 1142. D. Affonso II, seu neto, confirmou tudo em 1220.

—

Com tantas doações e rendas, prosperou muito este mosteiro.

Sendo prior *D. Fr. Bento d'Abrantes*, desejou ter um hospicio da sua ordem proximo da cidade do Porto, e, com licença de D. João III, comprou, *á custa do convento*, um monte chamado então de *S. Nicollau*, ou *Meijoeira*, ou *Coimbrãos*, em uma eminencia, quasi a prumo, do lado do S., sobre a esquerda do Douro, em frente do Porto.

N'este sitio havia uma capella dedicada a *S. Nicolau* (que deu o nome ao monte) e junto a ella um hospicio de *emparedadas*, a que chamavam *donas de S. Nicolau*. Os frades, com licença do bispo, mudaram a capella e o hospicio para o fundo do monte, mesmo á beira do rio. Acabaram as *emparedadas*; o hospicio está hoje transformado em fabrica de loiça de *faiança*, e a capella ainda existe sob a invocação do *Senhor d'Além*. (Vide esta palavra.)

Lançou a primeira pedra ao edificio do convento (hoje e desde então chamado da *Serra do Pilar*) o bispo do Porto, *D. Fr. Balthazar Limpo*, a 28 de março de 1538.

Como este convento fosse tambem prosperando muito, se separou do de Grijó, em 1566, por breve de Pio V. (Vide *Pilar* e *Gaia*.)

—

As familias dos *Soares*, *Rodrigues*, *Sanches* e *Formarigues*, descendentes dos fundadores do convento de Grijó, e que todos eram (segundo o costume) considerados *padroeiros* do mosteiro, chegaram a ser tão numerosas, que o convento tinha, no reinado de D. Pedro I, nada menos de 208 padroeiros! Isto além das familias d'estes, que tinha os mesmos direitos. (Vide Padroeiro.)

Tamanhos e tantos pedidos fizeram os frades ao rei (D. Pedro I) que elle os livrou dos taes padroeiros, pelos annos de 1360.

(Os outros conventos tambem se foram pouco a pouco descartando, como puderam dos taes parasitas.)

A egreja do convento de Grijó foi sempre e ainda é, a matriz da freguezia. É um templo grandioso e dos melhores do bispado do Porto.

A sua cêrca é extensa, muito abundante de boas aguas e fertilissima. As suas laranjas são famosas, pela sua optima qualidade. Foi vendida, e o edificio do convento, em 1835 (pela oitava parte do seu valor), e é propriedade do sr. Maia, filho do comprador.

—

A freguezia de Grijó é situada em terreno bastante accidentado, mas seus montes são todos pouco elevados. Seus valles, regados por alguns pequenos ribeiros e arroyos, são muito ferteis.

Das suas elevações se gosa uma extensa e bonita vista para todos os lados, descobrindo-se a cidade do Porto, muitas freguezias ruraes, varias serras e o mar. Os seus montes estão cobertos de arvoredos, sobretudo grande abundancia de pinheiros.

É terra bastante rica pelo commercio quotidiano que sustenta com a cidade do Porto, não concorrendo tambem pouco o grande numero de pedreiros, trolhas, carpinteiros e outros operarios que constantemente se empregam nas obras d'aquella cidade, e que ao sabbado trazem boas *férias* para a freguezia.

—

Não me consta que em Grijó hajam outras antiguidades dignas de nota (além das descriptas) nem que aqui occorresse mais facto algum digno de memoria, além dos que relatei.

—

Os habitantes d'esta freguezia tinham as honras, foros e privilegios de *infanções*, por ser Terra de Santa Maria.

GRIJO — aldeia, Beira Alta, freguezia de Gafanhão, comarca e concelho de Castro d'Aire, bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

N'esta povoação nasceu e aqui reside, o sr. Joaquim d'Almeida, official do exercito realista. E' um dos mais ricos proprietarios, e incontestavelmente um dos mais respeitaveis e respeitados cavalheiros d'estas terras, e um verdadeiro portuguez, dos de antes quebrar que torcer.

E' homem chão e despretencioso, bemfazejo e religioso, o typo (hoje rarissimo) do verdadeiro lavrador portuguez. Vide Gafanhão.

GRIJÓ DE PARADA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 40 kilometros de Miranda, 500 ao N. de Lisboa, 100 fogos. Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mesma etymologia.

O reitor de S. Gens de Parada, apresentava o cura, que tinha 24$000 réis e o pé d'altar.

GRIJÓ DE VALLE BEM FEITO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chacim, concelho de Cortiços, até 1855, e desde então comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros, 60 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mesma etymologia.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 150$000 réis, annuaes.

GRIJÓ DE VALLADARES — aldeia, Beira Alta, freguezia de Valladares, concelho de S. Pedro do Sul, comarca de Vouzella, 24 kilometros a NO. de Viseu, 290 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Tanto a freguezia como esta aldeia são muito antigas. Em 1155, D. Odorio, bispo de Viseu e o seu cabido, demittiram ao mosteiro de S. Christovão d'Alafões, todos os direitos episcopaes que tinham *na Grijó de Valladares.*

A mesma etymologia.

GRILLO — freguezia, Douro, comarca e concelho de Baião, 60 kilometros a NE. do Porto, 345 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 89 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era do concelho de Baião, comarca de Soalhães, e sendo esta comarca supprimida em 24 de outubro de 1855, e creada a de Baião, ficou sendo do seu concelho e comarca.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

E' terra fertil. Optimo vinho. Muita caça. Muito peixe do Douro e do mar.

GRILLO—povoação, Extremadura, na freguezia do Beato Antonio, concelho dos Olivaes, comarca e 5 kilometros a ENE. de Lisboa, a cujo patriarchado e districto administrativo pertence.

Situada sobre a direita do Tejo.

Fica proxima aos palacios dos marquezes de Olhão, representados actualmente pelos filhos do sr. D. José da Cunha Mendonça e Menezes, e do dos condes da Taipa.

E' um sitio povoado de casas e dois conventos. O primeiro, foi de eremitas descalços de Santo Agostinho, com a invocação de Nossa Senhora da Conceição do Monte Olivete. Foi fundado pela rainha D. Luiza de Gusmão, viuva de D. João IV, quando era regente do reino. Seu filho, D. Affonso VI, lançou a primeira pedra, no dia 15 de maio de 1666. Em 1683, a 23 de outubro, um violento incendio destruiu, em menos de duas horas, toda a egreja e a maior parte do mosteiro; mas logo se restaurou. Pela extincção das ordens religiosas, foi transferida para este templo a parochia de S. Bartholomeu do Beato.

Passados tempos, foi reparado o edificio do mosteiro, e para elle se mudou o recolhimento de Nossa Senhora do Amparo, que estava na Mouraria, e tinha sido fundado por D. João IV, em 1644, para servir de asylo a filhas de militares e de magistrados pobres.

O segundo convento é de freiras da mesma ordem e reforma, de Santo Agostinho, e está ao S. da estrada, communicando-se com a cêrca, que fica do lado do N., por um passadiço coberto, sobre um arco de pedra, de bastante altura e largura. Era dedicado a Santo Agostinho (por isso a este convento se chamava das *grillas*, e ao outro dos *grillos)*, e foi fundado pela mesma rainha, D. Luiza.

D. frei Domingos de Gusmão, arcebispo d'Evora, lhe lançou a primeira pedra, no dia 2 de abril de 1660. (Este prelado era filho dos duques de Medina Sidonia e sobrinho da fundadora.)

As primeiras seis freiras que o povoaram, vieram do convento de Santa Monica, de Lisboa.

A rainha D. Luiza, desgostosa de seu filho, D. Affonso VI, depois de lhe entregar as redeas do governo, se recolheu a este convento (23 de junho de 1662), estando ainda por acabar, e n'elle falleceu, em 27 de fevereiro de 1666.

O seu mausoleu, ergue-se no côro, e é de marmore, primorosamente lavrado.

Vide Beato.

—

Tendo na descripção do Beato, fallado de leve, na *quinta do Duque*, e como julgo que ella merece uma descripção mais circumstanciada, juntarei aqui mais o seguinte:

—

Segue-se ao Grillo, o sitio do *Beato Antonio*, onde os srs. duques de Lafões têem a sua principal residencia.

O palacio foi principiado pelos annos 1760,

pelo duque D. João de Bragança, filho do principe D. Miguel, que era filho legitimado de D. Pedro II. Apenas tem concluida a frente que deita para o jardim. Encerra uma magnifica galeria de pintura, em que se admiram varios quadros de alguns dos mais distinctos mestres, das diversas escolas.

Foi colligida esta galeria, pelo fundador do palacio, um dos homens mais illustrados do seu tempo, e instituidor da *Academia real das sciencias, de Lisboa.*

Este principe, notavel pela cultura do seu espirito, pela sua gentileza, e pela graça e delicadeza de suas maneiras, foi o portuguez que mais viajou, principalmente pela Europa, em todo o decurso do seculo XVIII.

Na ermida d'este palacio, da invocação de Nossa Senhora da Piedade, têem sido baptisados os duques de Lafões e todos os seus filhos; sendo conduzidos á pia baptismal pelos nossos soberanos, desde D. João V, que estabeleceu esta pratica.

A *quinta dos duques* contém formosos jardins e extensas ruas de bosques, assombradas por copado arvoredo.

O caminho de ferro de norte e leste, corta esta quinta, quasi na extremidade do N.

—

No fim da rua do Grillo, a E., principia a alameda que conduz ao edificio, que foi mosteiro do Beato Antonio.

No logar em que estava a egreja, existiu em tempos remotos, uma ermida dedicada a S. Bento, que foi a primeira d'esta invocação, em Lisboa e seus arredores.

Foi fundada por D. Estevão d'Aguiar, sendo D. abbade d'Alcobaça, com o intento de fundar alli um collegio ou hospicio para a sua ordem (Cister). Como se não levasse a effeito esta fundação, determinou a rainha D. Isabel, mulher de D. Affonso V, leval-a ávante, não para os *bernardos*, mas sim para uma congregação introduzida no paiz, no reinado de D. João I, a qual, pelas virtudes dos *congregados*, e por se estabelecerem em um sitio chamado *Villar*, junto ao rio Cávado, 12 kilometros ao N. de Braga, principiou a ser conhecida do povo, sob a denominação de *Congregação dos bons homens de Villar.* (Vide Villar de Frades.)

Morreu em Evora, aquella desditosa rainha [1] em 1455, na florente edade de 23 annos, (jaz na Batalha).

No seu testamento, deixou ao mosteiro 8:000 corôas de ouro, determinando que o novo convento fosse cabeça da ordem.

D. Affonso V se apressou a dar execução ás ultimas vontades de sua virtuosa esposa, obtendo do D. abbade d'Alcobaça, a ermida de S. Bento, e construiu n'este logar a egreja e convento, que entregou aos *bons homens de Villar*. Além d'isso, e em memoria da singular devoção que a fallecida rainha dedicava ao discipulo bem amado de Jesus Christo, alcançou de Pio II, por breve de 1461, que aquelles homens se intitulassem *conegos seculares de S. João Evangelista.* Em homenagem, porém, ao antigo padroeiro da ermida, deu-se á nova egreja a invocação de *S. Bento de Emxobrégas.*

Como este mosteiro era destinado a uma ordem pobre e humilde, a sua fabrica era tambem pobre e mesquinha, de modo que 150 annos depois da sua fundação, já estava ameaçando ruina, em partes.

Era então conventual d'aqui, fr. Antonio da Conceição, simples conego, sem cargo algum na ordem, que não tendo de seu mais de 700 réis, metteu hombros á empreza da reconstrucção de todo o edificio. Tal era a sua bem merecida fama de virtude em Lisboa, que grande numero de fidalgos e populares, se apressaram a ajudal-o com as esmolas de que podiam dispor, de modo que nunca lhe faltou dinheiro, apesar de ser vasto o plano da nova obra da egreja e mosteiro, que, com o correr dos annos chegou a ser muito rico, pelos legados e doações de muitos particulares ricos e pelos padroados de muitas egrejas, que lhe deram alguns reis, principalmente D. Sebastião.

Quando foi supprimido, em 1834, tinha este mosteiro um rendimento annual superior a 30:000$000 réis.

O seu superior, denominava-se *D. reitor geral* (vulgarmente *geral*) e tinha honras e poderes quasi episcopaes.

[1] Era filha do infante D. Pedro, que morreu em Alfarrobeira, a 20 de março de 1449. Vide Alfarrobeira.

Por algum tempo serviu o mosteiro de hospital de sangue.

Em 1834, estando aqui aquartellada a tropa realista da divisão do conde da Madeira (D. Alvaro da Costa, da familia dos condes de Mesquitella) que tinha convencionado nas ilhas da Madeira e Porto Santo— um pavoroso incendio (lançado por alguns exaltados, para queimarem os soldados de D. Alvaro, segundo é fama) reduziu a cinzas este sumptuoso edificio. Esteve alguns annos em ruinas. Depois foi destinado para deposito de monumentos historicos, o que não teve effeito, e a final foi dividido em lotes e vendido a diversos particulares, que o reedificaram, adaptando-o a casas de habitação, armazens de vinhos e outras industrias.

Mais tarde, um dos arrematantes, o fallecido negociante João de Brito, estabeleceu, na parte que comprou, a par dos seus vastos armazens de retem, de vinhos, uma grande fabrica a vapor, de farinha, pão e bolacha, cujos productos rivalisam com os melhores de França e Inglaterra. (Vide *Beato*.)

—

A livraria do convento dos conegos seculares de S. João Evangelista, era notavel, não só pela vastidão e optima distribuição da luz, como por conter dez mil volumes, muitos d'elles raros a preciosos.

Tambem era bella e magnifica e escadaria conventual, construida de marmore branco e côr de rosa, e guarnecida de uma elegante balaustrada com varias estatuas.

—

A egreja parochial primitiva, de S. Bartholomeu, era junto dos muros do castello de S. Jorge. Sendo destruida pelo desastroso terramoto de 1.º de novembro de 1755, passou a ser matriz da freguezia a egreja do Beato, que depois foi transferida para a egreja do convento de Nossa Senhora da Conceição do Monte Olivete, como já disse na palavra Beato e no principio d'este artigo.

A egreja do Beato, era vasta, sumptuosa e rica de imagens e ornamentos, e ainda mais rica de tradições, e monumentos historicos.

A dos Grillos é pequena e pobre, sem historia e sem coisa alguma que a recommende; pelo que a profanação da primeira e a mudança da parochia para a segunda, foi um verdadeiro vandalismo.

—

O ducado de Lafões foi creado por D. João V, em 5 de novembro de 1718, sendo seu primeiro duque, D. Pedro Henrique de Bragança Sousa Tavares Mascarenhas da Silva, terceiro marquez de Arronches, setimo conde e senhor de Miranda (do Corvo) senhor de Alafões e das villas de Jermêllo, Folgosinho, Sóza, Podentes, Vouga e Oliveira do Bairro. Era filho do infante D. Miguel, que era filho legitimado de D. Pedro II.

Para a familia e armas d'esta nobilissima familia, das primeiras de Portugal, e para as suas armas, vide Lafões.

GRIMANCELLOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 71 fogos.

Orago S. Matheus, evangelista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de Minhotães apresentava o vigario, collado, que tinha 70$000 réis.

Foi barão de Grimancellos, o sr. Antonio de Almeida Passos Pimentel, que morreu governador do castello da Foz do Douro, sem successão.

GROVELLAS—freguezia, Minho, comarca dos Arcos de Valle de Vez, concelho da Ponte da Barca, 18 kilometros a NO. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago S. João, evangelista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi antigamente do concelho de Aboim da Nóbrega, comarca do Pico de Regalados.

Em um monte d'esta freguezia, ha escavações, que, segundo a tradição, foram minas de ouro, dos mouros.

As freiras do Bom Jesus de Evora, apresentavam o vigario, que tinha 25$000 réis e o pé d'altar.

GRUIM, GROIM ou **GOIM**—em portuguez

antigo significa *tromba* ou *focinho de porco*, que na baixa latinidade se disse *grugnum*, por onomatopea; pois com a tromba é que o porco *grunhe*.

Ha em Portugal alguns logares d'este nome, mas vulgarmente lhe dão só o terceiro nome, *Goim*.

—

Talvez que Goim venha da palavra gallo-celtica, *guí*, que significa *agarico*, planta parasita. (Vide Guí.)

GRUTA — **Ermida de Nossa Senhora do Carmo, da Penha, na Serra de Sauta Catharina.**

A Serra de Santa Catharina fica 3 kilometros a E. da cidade de Guimarães, na provincia do Minho, arcebispado e districto administrativo de Braga, e é uma das mais pittorescas da provincia. É esmeradamente cultivada até meia encosta e tambem muito aprasivel, cortando-a varios arroios e regatos de limpidas aguas, e modificando-lhe os ardores do sol, frondosos arvoredos, onde trinam uma infinidade de passarinhos. Do meio para cima, é formada por grandes maças de alcantilados rochedos, muitos d'elles minados por varias grutas e espaçosos subterraneos.

Na linha superior da montanha, a poucos metros ao E. de uma pyramide geodesica, está a capellinha de Santa Catharina, que deu o nome á serra.

Esta ermida está hoje despresada e em ruinas, apesar de ter uma irmandade com alguns fundos.

Em volta d'ella se vêem muitos milhares de carradas de pedra miuda, que parece serem os restos de antiquissimas construcções, e ha vestigios de ter sido cultivado em remotas eras este sitio.

A poucos metros ao S. da capella, ha um grupo de penedos, sendo um d'elles escavado no centro, á maneira de pía irregular e com um buraco em uma das paredes que olha para o O. Chamam a esta pía, a *cama de Santa Catharina*, e a elle anda ligada a seguinte tradição:

Em tempos remotos, pastoreava a Santa Virgem, por estes desertos, numerosos rebanhos. De dia, reclinada á sombra d'aquellas rochas, e de noite, deitada no seu tosco leito de granito, era a atalaia vigilante dos povos christãos, contra os mouros, que então dominavam a Lusitania.

Uma noite viu ella que uma numerosa legião de mouros, á luz de fachos, descia sobre Guimarães. Santa Catharina, para subtrahir o povo da villa aos horrores de uma batalha e um saque, com todas as suas crueldades, lembra-se de um plano — ata vellas accesas nas pontas de suas cabras, e dirigindo-as com o seu bordão, as obriga a descer a montanha, quasi em fórma. Os mouros, julgando ser um grande exercito de christãos, fogem em tropel, deixando em paz a povoação de Guimarães, a cujas portas já estavam.

—

Descendo por uma extensa fraga, cortada nos sitios de mais difficil accesso, por toscos degraus, abertos na rocha, em direcção ao N., chega-se á *fonte de Santa Catharina*, que rebenta de alterosos rochedos, com grande abundancia, mesmo no tempo da estiagem, apesar de estar em tamanha altura. Poucos passos além, e sempre na direcção N., está a *Gruta do Sino*, que é uma comprida mas estreita garganta entre dois monstruosos rochedos. Chama-se *do Sino*, porque ao fundo ha certas pedras que, feridas com outras, produzem um som alguguma cousa similhante ao do sino. Andando em frente, chega-se á uma vasta chapada ou plató, de ilimitados e bellos horisontes.

É aqui onde existe a *gruta-ermida*, coberta por enormes penedias, cheias de grutas e cavernas, communicando, quasi todas, umas com as outras.

No môrro mais septentrional da serra, levanta-se, a uma desmedida altura, um grupo enorme de penedos escarpados e inaccessiveis, em toda a volta da sua grande extensão. Por baixo d'esta montanha de pedra, abre-se primeiro uma grande gruta, formada por dois penedos, erguidos a prumo, e por um terceiro que assenta sobre elles, parecendo um grande portico, com seu atrio, ladrilhado por uma vasta lagem.

D'esta entrada principal, se ramifica, para a esquerda do espectador, outra caverna

apertada, que vae descendo em linha quasi regular, até muitos metros de comprimento, para o N. Além d'esta, ha varias grutas que minam os rochedos em todas as direcções, tendo algumas evidentes signaes que mostram ligar-se alli a mão do homem á obra da natureza.

Os antigos construiram ao S. d'esta penedía, uma escada, na pedra, de 11 degraus, por onde se sóbe para um pavimento quasi regular, que dá entrada para o hospicio, que está em frente; e para a esquerda, passagem para a gruta-ermída, por um estreito corredor, no fundo do qual, e junto á porta da ermida, se abre, na rocha, uma pequena gruta, forrada de cortiça e musgo, obra de arte, e n'ella está Santo Elias, monge carmelita, adormecido.

D'aqui por entre dois grandes penedos, que se fecham em abobada, se sóbe por uma escada de 18 degraus, para um segundo pavimento, em fórma de terraço. de 15 metros de comprido e 12 de largo, recentemente plantado de buxo e flores.

Ao N. d'este jardim suspenso, sobem-se mais 7 degraus, para se chegar ao *terraço da bandeíra*, menos espaçoso que o primeiro, mas muito regular. Sobindo ainda mais algumas escadas e parte de um penedo descommunal, chega-se á *Cruz Alta*, o ponto mais elevado d'estes rochedos.

Este sitio, descoberto por todos os lados, é de uma vista surprehendente e abrange um vastissimo horisonte.

Descendo d'aqui, por uma escada de 21 degraus, chega-se a outro terraço, chamado *da Ermida*, e d'este para ella, ainda se desce outra escada de 6 degraus, para se chegar ao ponto da partida.

A *gruta-ermida* é formada por dois grandes penedos, formando-lhe um d'estes a parede do lado da Epistola, e o outro, o tecto e as paredes da sachristia, do lado do Evangelho. Entre esta e o corpo da ermida, se construiu uma parede de estuque, para dar regularidade á capella. Abrem-se n'esta parede dois nichos, nos quaes estão as imagens de Nossa Senhora da Oliveira e Nossa Senhora do Rosario, e levanta-se um dos altares lateraes, muito antigo, dedicado a S. José, padroeiro da egreja. Em frente está outro altar egual, dedicado a S. Simão Stok, patriarcha da Ordem do Carmo. Á esquerda fica o pulpito.

O altar principal, em que se venera a magnifica imagem de Nossa Senhora do Carmo, da Penha, é moderno e elegante. Por baixo do pavimento do templo, ha uma caverna, que recebe luz de uma janella aberta na rocha, e, ainda por baixo, ha outra caverna, escurissima, que se estende pela penedía. Tem a ermida, desde a porta até ao altar-mór, 8 metros de comprido, e de largo $3^{m}80$, sendo a sua altura média, $3^{m}20$.

O hospicio, ou *casa da Senhora*, está collocado sob um montão de rochedos para o lado do nascente. Compõe-se de uma sala, dois quartos, cosinha e dispensa, tudo com communicação para um corredor que vae ter a um terraço plantado de arbustos e trepadeiras.

Fóra do acervo de rochedos já descripto, ha um grande penedo, a E., accessivel por uns degraus abertos no mesmo. Tem no cimo uma grande pía, que é reservatorio das aguas pluviaes. Pela parte inferior ha uma espaçosa gruta, que a arte transformou em loja, fechada por uma porta e recebendo luz por uma pequena janella. Chama-se *Gruta Verde*, porque as suas paredes interiores são forradas de um mimosissimo musgo de uma linda côr verde.

Ha ainda por todo o monte muitas outras grutas e varios grupos de rochedos, parte d'elles tambem minados.

—

Origem da Gruta-Ermida e do hospicio de Nossa Senhora do Carmo, da Penha.

Um devoto e virtuoso ermitão, chamado Guilherme, natural de uma aldeia proxima da cidade de Roma, sahindo da Italia, e depois de ter percorrido varias partes da Europa, veio ter á Galliza e d'aqui passou á villa de Vallença do Minho.

Visitou todos os desertos d'estes sitios a vér se encontrava um, proprio para fazer vida eremitica. A 3 kilometros a E. de Guimarães viu a serra, hoje chamada de Santa Ca-

tharina, e ahi assentou fazer o seu eremiterio, em setembro de 1702.

Escolheu para seu tugurio uma gruta, e n'ella collocoua imagem de Nossa Senhora, que havia mandado fazer em Braga. É de perfeita esculptura em madeira, de 0m66 de alto com o menino Jesus nos braços. (Foi primeiramente collocada na loja que fica descripta e está por baixo da *Gruta-Ermida*, e é por isso que se lhe dá o nome de *Nossa Senhora da Penha.*) Os povos d'estes sitios principiaram a ter grande devoção a esta imagem, concorrendo aqui em constante romaria, invocando a Senhora nas suas attribulações e dando ao eremitão muitas esmolas que foi applicando em adornar o altar e a gruta da Senhora.

A *Casa da Senhora* ou *Hospicio da Penha.* foi, segundo a tradição, construido mais tarde pelos religiosos carmelitas calçados, no pincaro d'aquelles rochedos, e aqui vivia sempre um monge com alguns noviços, tendo elle o titulo de presidente.

—

Em 1870 alguns poucos devotos, animados de fervor religioso, empenharam-se em levantar o culto á Virgem do Carmello, até então simplississimo e pobre, e aformosear e engrandecer a *Gruta-Ermida.* Appellaram com tal fim para a piedade e dedicação das damas vimaranenses, e ellas corresponderam digna e generosamente concorrendo com donativos e mimosas prendas, que, vendidas em leilão, produziram meios com que logo no primeiro anno se realisaram alguns melhoramentos, que satisfizeram os concorrentes que alli affluiram em romagem a 23 de julho de 1871, a presencear a boa applicação das suas esmolas. A commissão que realisou os melhoramentos foi em 1872 ampliada com mais alguns devotos, com egual fim de promover a realisação de novos planos de maior importancia. Fizeram-se alguns reparos no hospicio da Senhora, mandaram estudar por engenheiro competente o nivelamento das aguas, que sahindo da Fonte de Santa Catharina, devem ser convenientemente canalisadas para o local da Penha: o mesmo engenheiro levantou a planta topographica que deve regular a disposição e construcção de seis passos, havendo já concluidos dois em 21 de julho de 1872, e fundou-se a irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha, havendo tambem projectados grandes melhoramentos, como arborisar os terrenos já pertencentes á Senhora, abrir uma estrada, que seguindo de Guimarães pela de Fafe até á freguezia de S. Romão, córte d'aqui pelo Senhor dos Serodios para ligar Guimarães com a Penha, etc., etc.

Ha todas as esperanças da breve realisação d'estes planos, pois existe muita boa vontade da parte dos vimaranenses e povos convisinhos, tendo além d'isso a cooperação dos compatriotas de além-mar que teem offertado valiosas sommas, sem fallar em serviços gratuitos, esmolas e objectos do culto, que ultimamente teem emanado da generosidade de muitos fieis.

GUADIANA — rio, do Alemtejo, e Algarve, nasce nas famosas *lagôas de Roidera*, na Mancha (Hespanha.)

A primeira destas lagôas está a 12 kilometros a NO. d'Alcaraz, no campo chamado *Ossa de Montiel* perto de *Villa Nueba de los Infantes*; e tendo corrido, ainda com pouca agua, 30 kilometros, perde-se em uma planicie (proxima da aldeia de *Logar Nuebo*, pouca distante de *Formelloso*) entre juncos e canaviaes; percorrendo subterraneamente 30 kilometros.

Torna a surdir entre *Villa-Harta* e *Daimiel*, no sitio chamado *Ojos del Guadiana* e é desde então que toma o nome com que termina. Continúa o seu curso, banhando os muros de *Merida* e *Badajoz.* A 12 kilometros d'esta praça e a 6 ao O. d'Elvas, divide os termos d'estas praças e os dois reinos, por uma parte e o rio *Caia* por outra. (Vide *Caia.*)

No termo d'Elvas se junta o mesmo *Caia.*

Entra o Guadianna de todo no reino de Portugal 12 kilometros ao N. de Mourão. Torna a dividir este reino do de Hespanha (separando a antiga Betica, da Lusitania) desde a confluente do *Chança* até ao Occeano. Passa por entre *Beja* e *Serpa* e pouco a baixo d'esta villa forma uma catadupa, chamada *Salto do Lobo*, precipitando-se as aguas

de uns altos rochedos, mas n'um passo tão estreito, que quasi se póde saltar de um a outro lado. Torna logo a alargar e vae passar a *Mértola* (banhando seus muros) sendo d'ahi em diante navegavel até á sua fóz.

Passa tambem ás villas d'*Alcoitim Castro-Marim, e Villa-Real-de-Santo Antonio,* abaixo da qual se mette no Occeano. Na margem opposta (esquerda) fica, em frente de *Alcoitim* a villa hespanhola de *S. Lucar de Guadiana*, e em frente de *Castro-Marim* e *Villa-Real*, a cidade, tambem hespanhola (tudo Andaluzia) chamada *Ayamonte.*

O seu curso total (incluindo o que anda subterraneamente) são 840 kilometros (140 legoas de 6 kilometros.) Sendo a sua nascente até se juntar no *Caia*, e formar a divisão de Portugal e Hespanha, 600 kilometros e d'ahi á sua fóz 240.

D'estes só 72 são navegaveis, desde *Mértola*, como já disse, até ao mar.

Muitos ribeiros engrossam este rio, tanto na Hespanha como depois em Portugal, desembocando nas suas margens.

Os principaes afluentes em Portugal são: na margem direita *Caia*, *Degebe* (ou *Odejebe*) e *Córbes* e á esquerda, *Ardila* e *Limas.*

—

O Guadiana tinha no tempo dos phenicios e dos carthaginezes (e supponho que ainda no tempo dos romanos) na sua extremidade O. dois braços, cada um com sua fóz. Hoje tem só uma.

Ha muitos seculos que este rio, ou mudando de leito, ou abandonando um dos seus braços, termina proximo a Villa Real; mas esta mudança tem causado grandes duvidas e contestações, tanto nos geographicos como nos historiadores; porque ninguem hoje sabe onde eram situados esses dois braços.

Ignora-se qual foi o primeiro nome d'este rio. O nome que tem ha mais de 23 seculos, é incontestavelmente carthaginez; porque *Ana* é palavra *púnica*, segundo uns nome proprio d'homem, e segundo outros, de mulher.

Pretendem outros que *Anna* é palavra phenicia, mas que significa *áde* ou *adem*, ave aquatica, que mergulha para pescar, e que deram este nome ao rio por tambem mergulhar por baixo da terra e tornar a apparecer. Teem os etymologistas por onde escolher.

Em todo o tempo da dominação romana e gothica se chamou *Ana*, ou *rio Ana*, e assim se vê em todos os escriptores d'aquelle tempo.

Os árabes invadindo a peninsula hispanica no principio do seculo VIII, e assenhorando-se d'ella, não mudaram o nome d'este rio, mas accrescentaram-lhe (como era seu costume, em todos os rios) o substantivo *uad*, que em árabe significa *rio* ou *agua* e lhe chamaram *Uadiana*; mas como pronunciavam o *u* quasi como *gu*, os portuguezes e hespanhoes lhe chamaram *Guadiana*, e assim ficou.

Querem alguns que *Ana* seja tambem palavra árabe, que significa *cousa que se esconde*, ou *escondida*; mas é érro; porque, ainda que este rio effectivamente se esconde (como já disse) e corre por baixo do chão, já vimos que mais de 13 seculos antes da invasão dos mouros, já o rio se chamava *Ana*.

Duarte Galvão (*Chronica de D. Sancho I. pag. 9.*) lhe chama, com menos corrupção, —*Odiana.*

A mesma origem tiveram os nomes dos rios do Algarve: *Odeleite*, *Odesseixe e Odiáxare;* e os do Alemtejo, *Odegebe*, *Odemira* e *Odivo*, e outros mais.

Alguns auctores escrevem *Waddyel Ana* fundando-se na palavra radical árabe *Wad*, ou *Waddy*, que significa não o rio ou a agua, mas o *leito do rio*, e de cuja palavra nós fizemos *vau* (de um rio) é porem mais proprio escrever-se *uad.*

Tambem em alguns escriptores se vê este rio escripto com o nome de *Uad-And-Fluvius.* (É pleonasmo.)

—

Muitos rios da Hespanha ainda conservam com pequena corrupção os nomes árabes: os principaes são.

Guadalabiar (Uad-el-abiar) Rio dos Poços —Guadelcacer (Uad-el-caçar) rio do Palacio—Guadelerce (Uad el-ôrse) Rio das Bodas —Guadalajara, ou *Guadalaxara (Uad-el-jara) Rio das Pedras — Guadellanar (Uad-el-fanar) Rio de Lanterna, da Luz*, ou *do Pha-*

rol —*Guadelmedina* (*Uad el medina*) *Rio da Cidade* — *Guadalquibir* (*Uad-el quibir*) *Rio Grande*— *Guadelupe* (*Uad el ûbb*) *Rio do ubere* (Para significar rio fertilisador.) etc.

GUADRAMIL— freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 54 kilometros de Miranda, 505 ao N. de Lisboa, 27 fogos, em 1757.

Orago S. Vicente, martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Rabal apresentava o cura, que tinha 8$500 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi supprimida no fim do seculo XVIII, ou principio do XIX, e encorporada na de S. Bartholomeu de Rabal.

GUALTAR — freguezia, Minho, comarca, concelho, e proximo de Braga, 360 kilometros ao N. de Lisboa, 115 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O arcediago da sé de Braga apresentava o vigario, collado, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

Na freguezia de Fiães, do concelho da Feira, ha uma aldeia do mesmo nome. É corrupção do nome d'homem — *Gualter*.

GUARDA ou **S. THIAGO DA GUARDA** — freguezia, Extremadura, comarca do Pombal, concelho d'Ancião, 30 kilometros ao S. de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa, 550 fogos.

Em 1757 tinha 833 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

As religiosas de Lorvão apresentavam o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra muito fertil.

GUARDA (Casa da) — Minho, concelho de Terras de Bouro. Dá se lhe este nome, porque antigamente se fazia d'este sitio um posto militar.

Junto ás ruinas d'esta *Casa da Guarda*, no sitio chamado *Padrões de Cal*, está um pedaço de columna (marco milliario) de 1m,32, com esta inscripção:

DIV. C. ABI.....
MAXIMIANO.....
....
....
A BRAC. AUG.
M. P. XXVIIII.

Quer dizer:—*Esta columna foi dedicada ao imperador Maximiano.... D'aqui a Braga são 29:000 passos.*

Havia aqui muitas mais d'estas columnas e entre outras uma de notavel grandeza (com 5m28 de alto), e grossura correspondente. Tambem tinha uma inscripção.

Um lavrador de Villarinho a levou e mais outras, para pesos de lagar e outros misteres.

GUARDA— cidade, Beira-Baixa, cabeça de bispado, e de districto administrativo, 66 kilometros de Viseu, 300 ao N. d'Elvas, 70 de Castello Branco, 300 ao E. de Lisboa, 830 fogos, em 3 freguezias (Sé 480, S. Vicente 240, S. Pedro 210), 3:700 almas.—No concelho 7:500 fogos;— na comarca 7:500 (porque é formada só pelo seu julgado);— no districto administrativo 52:400.

É quartel de infanteria n.º 12, e da 2.ª divisão militar.

Tem estação telegraphica.

Situada em planicie elevada nas faldas da serra da Estrella, proximo das nascentes do Mondego, cercada de muralhas de cantaria, com suas torres, e castello na parte mais alta da cidade. (Apesar de bastante arruinado, este castello, ainda, pela sua elevada posição e robustez, se tornou importante na guerra peninsular.)

As muralhas teem 6 portas.

Está em 40º e 14' de latitude, e 14º e 32' de longitude N.

Diz se que é *feia*, *fria* e *farta*.

Em 1829 gelaram aqui os óvos, aguardente e outros corpos, que só gelam com frio intensissimo.

É a *Lancia Oppidiana* dos romanos.

Seus arrabaldes são ferteis e muito abundantes de boas aguas, e o seu clima, posto que excessivo, é sádio.

Feiras a 24 de junho e 4 de outubro, durando cada uma tres dias.

Foi reedificada por D. Sancho I, em 1197, abaixo do sitio onde havia uma alta torre d'atalaya, a que chamavam *Garda* ou *Warda*, d'onde lhe veio o nome actual. (Adiante tratarei mais circumstanciadamente d'esta célebre torre.)

O mesmo rei lhe deu foral, com muitos e grandes privilegios, em 26 de novembro de 1199, na cidade de Coimbra. D. Affonso II o confirmou em Santarem, em dezembro de 1217. D. Manuel lhe deu novo foral em Santarem, no 1.º de junho de 1510, com os antigos privilegios.

Tinha voto em côrtes com assento no banco 2.º

D. João III fez duque da Guarda a seu irmão mais novo, o infante D. Fernando, em 5 de outubro de 1530. Foi o primeiro e ultimo duque que aqui houve.

Seus melhores edificios são: a egreja cathedral, (das mais sumptuosas do reino) o o paço dos bispos e a casa da Misericordia, que tem a seu cargo o hospital civil.

No antigo seminario estão as differentes repartições do governo civil.

Tem lyceu.

Era cidade muito florescente no tempo dos godos, mas decahiu muito, pois que D. Sancho I a achou quasi despovoada, em 1197.

Em *Tentinôlho*, aldeia ao O. da cidade, tem apparecido varios objectos antiquissimos. Esta aldeia está em tal altura (n'um dos ramos da serra da Estrella) que d'ella se avistam mais de vinte leguas em circumferencia! Ao sopé da cidade passa o Mondego.

Tenho ouvido dizer que nos campos da Guarda se criam nabos de 8 e 9 kilogrammas de pêso.

Ao S. e a 6 kilometros da cidade está a aldeia de *Porcas*, e ao S. d'ella e mui proximo, um pequeno monte, chamado *Fonte Alta*. N'elle nascem muitas aguas, que, umas correndo para o N. se vão juntar ao Mondego, á ponte da *Misarella*; outras, dirigindo-se para o S., se vão unir ao Zêzere, proximo de Belmonte; outros, encaminhando-se para E., vão engrossar o Côa.

Ha na casa da camara d'esta cidade uma collecção de pêsos e medidas muito curiosa pela sua antiguidade. Os pesos teem a fórma de um cóne truncado, e pesam todos 60 kilogrammas, ou 4 arrobas, tendo submultiplos até 459 grammas (arratel).

Na tampa do maior dos pêsos (que serve de caixa aos outros) ha as armas de Portugal, em alto relevo, com duas espheras armillares, uma de cada lado (são as armas de D. Manuel).

Os pêsos são todos de bronze, e no maior ha a seguinte inscripção:

O MVYTO, ALTO, E, EJXELENTYSYMO,
REJ, DON, EMÃNVEL, O PRJMEJRO, DE
PVRTVGAL, ME, MÃNDOV, FÃZER,
ÃNO, DO NCMTO, DE, NOSO, SNOR,
JHV, XPO, DE 1499.

Estas letras estão mal gravadas. A orthographia está fielmente copiada.

A collecção de medidas para seccos compõe-se de um alqueire, meio alqueire, quarta e selamim, tudo tambem de bronze, e tendo a fórma de prismas de base quadrada.

Cada uma d'estas medidas tem, entre ornatos em alto relevo, um distico tambem em relevo, na disposição seguinte:

R.
L. SEBAS V.
TIANUS
A. I. S.
1575

No lado opposto a esta inscripção, ha tambem, em alto relevo, as armas reaes, e nas duas faces restantes, em cada uma, uma asa.

Com estas, e com egual inscripção, ha uma canada e uma meia canada. São tambem de bronze, e de fórma cylindrica.

A capacidade das medidas de sêccos é perfeitamente egual ás actuaes; mas as de canada e de meia canada fazem uma pequena differença para menos, provavelmente em resultado de se terem gasto pela oxidação.

No dia 26 de junho de 1727, pelas duas horas da tarde, houve n'esta cidade uma trovoada medonha, e uma espantosa chuva de pedra, tão grossa que cada uma pesava uma onça.

Os conegos estavam na cathedral acabando o officio de vesperas; cahiram n'ella dois raios, derribando um, do alto da capella nova, o escudo das armas dos condes d'Alva, seus padroeiros, e o outro uma pyramide da capella-mór, e outras pedras do côro; fazendo cahir alguns conegos e capellães, os quaes, apesar do grande susto, proseguiram no officio divino, e cantaram, com grande devoção, uma ladainha a Nossa Senhora; ordenando-se que se fizesse uma novena de missas, no altar do Santissimo, em acção de graças por não terem os raios feito damno a pessoa alguma.

—

Foi D. Sancho I que mandou fazer as fortes muralhas guarnecidas de torres e no centro o seu robusto castello. Isto tambem em 1197, edificando então a primeira Sé, com as suas competentes habitações e officinas.

Transferiu para aqui a séde do bispado (que era até então em Idanha, mas o bispo e cabido já havia muitos annos residiam em Penamacôr, e d'esta villa veio para aqui D. Martinho Paes, primeiro bispo da Guarda, que tinha sido conego de Santa Cruz de Coimbra), [1] o que foi confirmado pelo papa Innocencio III, em 1199, com a condição de se intitularem *bispos egitanenses*, em memoria da antiquissima Sé de Idanha Velha. (Vide Idanha Velha e Penamacôr).

Em 1270, dividiu o bispo que então era, as rendas do bispado entre elle e os seus conegos, e estes deixaram de viver em communidade, sob a regra de Santo Agostinho, que até ahi seguiam, e passaram a *conegos seculares.*

Tem por brazão d'armas, um escudo coroado e n'elle uma fortaleza de prata com tres torres, em campo asul, tendo na torre do meio um escudo com as quinas portuguezas.

—

Tinha um convento de frades franciscanos, fundado por fr. Gualter e fr. Zacharias, em 1217.

Tinha tambem um convento de freiras franciscanas.

—

A correição da Guarda comprehendia 20 villas e 12 concelhos.

A feira de S. João foi creada por D. Sancho I, em 1199, com grandes privilegios. Dizem que este soberano lhe deu o nome de Guarda, por *guardar* as fronteiras castelhanas.

Entre os grandes privilegios que tinham os moradores d'esta cidade, era o principal que os cavalleiros tivessem honras de *infanções*, e os peões fôro de *cavalleiros.*

O primeiro alcaide que o dito rei aqui poz, foi Pedro Paes de Mattos.

Supponho que este Pedro Paes de Mattos era ascendente dos condes de Sarzedas, porque eram elles os alcaides-móres da Guarda. O primeiro conde de Sarzedas, foi D. Rodrigo Lobo da Silveira, feito por Philippe IV, em 21 de outubro de 1630.

Deu-a em 1202 ao conde D. Fernando e depois a Pedro Viegas Tavares.

Aqui esteve o rei D. Diniz, e sua mulher, a rainha Santa Isabel, em 1182, pouco depois do seu casamento; e aqui fez e promulgou varias leis a favor do povo (como eram todas as d'este illustrado e benemerito soberano.)

Tornou á Guarda em 1295, e aqui fez pazes com D. Fernando IV, de Castella.

Foi bispo da Guarda, D. João Manuel, filho bastardo do rei D. Duarte.

O bispado da Guarda era o mais vasto em territorio de todos os do reino, em quanto teve unido o que hoje constitue o bispado de Castello Branco e grande parte do de Portalegre. Quando a Sé era em Idanha, foi primeiro suffraganeo de Merida, e como Compostela ficou sendo successora de Merida,

[1] Mas a séde do bispado não se mudou logo em 1199, nem então havia bispo egitanense, pois D. Martinho Paes, foi feito bispo em 1202, e ainda residiu alguns annos em Penamacôr, como bispo, e de Penamacôr quiz reivindicar (até á força d'armas!) as egrejas de *Germêllo*, *Castello Mendo* e outras, que o bispo de Viseu lhe tinha usurpado n'uma *séde vacante.*

ficou o bispado sendo suffraganeo de Compostella, até ao reinado de D. João I, que conseguiu do papa Innocencio VII, que ficasse livre de sujeição á metropolitana estrangeira, passando a sel o do arcebispado (hoje patriarchado) de Lisboa. Isto em 1405.

Pertence a este bispado todo o territorio do arcediagado de Cêa, que separou de Coimbra o papa Clemente XIV, em 12 de abril de 1774, á instancias de D. José I.

Tem esta Sé, sete dignidades, 22 conegos e 4 meios prebendados.

—

A Guarda foi no principio do seculo XVIII côrte de dois monarchas, D. Pedro II de Portugal e D. Carlos III (ou, segundo outros, VI) de Castella, na campanha de 1704.

—

Já disse que quando a séde episcopal passou da Idanha para a Guarda, era o mais vasto bispado do reino em territorio. Julgam alguns que o bispado de Idanha foi creado pelo concilio de Lugo, em 569, sendo seu primeiro bispo *Adorio* ou *Adorico*, que em 572 assistiu como tal ao concilio bracharense; mas elle foi creado em 534, e seu primeiro bispo foi *Pamerio*, o segundo foi *Audencio* e *Adorio* foi o terceiro. Teve 9 bispos até 715, sendo o ultimo *Agecindo*. Vide Idanha a Velha.

O bispado egitanense tinha quatro territorios — *Tota Egitania, Mene, Cipio et Francos.*— Mas parece êrro de copia, e provavelmente deve ser — *Tota Egitania, Municipio et Tancos* — vindo a ser só dois territorios Este *Tancos* é o territorio de *Abrantes*, em que habitavam os *tancos* ou *tabuccos*.

O bispo D. fr. João Martins (da Guarda) em 1283, dava por verdadeira e legitima a divisão que o rei Wamba fez, em 675, limitando este bispado em 40 leguas de comprido e 20 de largo.

Outros porém dizem — *Egitania teneat de* Salla *usque Nabam: de* Sena *usque* Muriellam. — (Itacio, Lib. Fidei).

Salla é hoje *Sarça*, no bispado de Córdova (Hespanha) proximo da raia.

Nabam, era *Nabancia* (vide esta palavra e Thomar). *Sena*, é a actual villa de Cêa. *Muriella* é, com muita probabilidade, o poetico castello de *Almourol*, edificado no meio do Tejo, e proximo da foz do Zêzere (que antigamente se chamava *Ozezar*). Vide Almourol.

—

Prometti de fallar da famosa torre de *Garda* ou *Warda*, e vou desempenhar-me.

Em 879, D. Affonso III, das Asturias (o *Magno*) derrotou os mouros em Coimbra, Viseu, Lamego e Chaves; e julgando indispensavel pôr um forte *padrasto* ás correrias dos mouros de Alcantara e dos que habitavam os campos de Idanha a Velha, escolheu o ponto, já pela natureza defensavel, da *Serra da Estrella*, e alli fez construir um temeroso e altissimo castello, que, além de servir para o que já disse, fosse tambem uma atalaya, vigia, sentinella ou *guarda*. Eis porque a esta fortaleza se deu o nome de *Garda* ou *Warda*, que hoje se diz *Guarda*.

Cinco kilometros a O. d'esta cidade, e sobranceiro ao logar de *Cabedoudi*, ainda se vêem as tres ordens de muralhas que cingiam esta praça formidavel e quasi impossivel de conquistar com as armas d'aquelles tempos; não só pelo alcantilado do sitio, como pela robustez da sua construcção.

Ao sitio onde estão estas ruinas venerandas, se chama *Tintinolho*, e aqui se tem achado monumentos de pedra e objectos de ouro e prata antiquissimos.

D'aqui se vêem Celorico, Viseu, Trancoso, Pinhel, Caria, Penedono, etc.

Almançor, rei mouro de Cordova, destruiu este castello, no anno de 985.

—

Como o sitio do castello era muito desabrido, por isso D. Sancho I resolveu fazer a povoação em uma planicie mais baixa, e taes diligencias empregou o rei, e tantos e tamanhos privilegios concedeu ás familias que para aqui quizessem vir estabelecer-se, que em 1199 (dois annos depois da fundação da fortaleza) já era uma grande povoação e foi n'esse anno que se lhe deu o nome da antiga torre da *Garda* (que se suppõe que no antigo dialecto fosse synonimo de *Tintinôlho*) e muitos annos se gastaram em concluir as fortificações d'esta nova cidade, pois que em 1221 ainda se andava fazendo o seu castello;

todavia, ainda em vida de D. Sancho I, por auctoridade do papa Innocencio III, veio para aqui a cadeira episcopal, como já disse.

Até março de 1200 se chamou a esta povoação *Villa de Garda*, e depois cidade da *Garda*, e por fim (passados poucos annos) *Guarda*.

Segundo o sr. I. de Vilhena Barbosa, D. Sancho I elevou a Guarda á cathegoria de cidade, em 26 de novembro de 1199.

—

Duas grandes quebradas separam a cidade dos terrenos circumvisinhos. Pela do O., que fórma um profundo valle, corre o Mondego, que nasce perto d'aqui, na serra, d'onde se precipita no valle. Pela outra quebrada passa o ribeiro *Nocyme*, que, unindo-se depois ao *Lamegal*, vae morrer no *Côa*.

A Guarda está quasi na extremidade da Beira Baixa, distando 35 kilometros da raia de Hespanha.

—

A egreja da Sé, como as outras cathedraes do reino, é dedicada a Nossa Senhora da Assumpção.

A primeira egreja que serviu de Sé, foi começada por D. Sancho I, em 1197, e concluida por D. Affonso II, em 1214, sendo consagrada a *S. Gens*. Era pequena e de mesquinha fabrica, como quasi todas as d'aquelle tempo; mesmo que fossem de fundação real; e não tendo a necessaria capacidade, decidiu D. Pedro I fazer uma nova. Escolheu para isso sitio mais desafogado, em um espaçoso terreiro, fóra dos muros da cidade, e ahi a mandou construir, á custa das rendas do bispado, pelos annos de 1360. Consta que era um templo vasto e de boa architectura.

Pouco tempo existiu esta egreja, pois seu filho, D. Fernando I, a mandou arrazar, afim de desaffrontar as fortificações da cidade, durante as guerras encarniçadas, que então por vezes houve entre Portugal e Castella (1369 a 1382).

Em vão requereram os bispos a D. Fernando que lhe mandasse edificar nova Sé dentro da cidade; elle não lh'o concedeu.

Acclamado rei o Mestre d'Aviz, e terminada a guerra com Castella, mandou fazer o novo templo, para o qual deu o risco e algum dinheiro; mas D. Jorge de Mello, então bispo da Guarda, apesar de ter umas rendas enormes, não queria dar nada para as obras; porém o cabido e o legado dos papas Urbano VI e Bonifacio IX, com sequestros rigorosos e até com interdictos, obrigaram o bispo a dar uma avultada quantia annual para a fundação. Correram as obras com grandes interrupções, ora por impulso real, ora por conta da mitra, pelo espaço de mais de um seculo, até que só terminaram no reinado de D. João III.

É das mais vastas e sumptuosas de Portugal; de bella architectura gothica, exteriormente construida de boa cantaria, e no interior ornada de bellos marmores, e obra primorosa de talha dourada.

O seminario episcopal foi fundado pelo bispo D. Nuno de Noronha, filho dos condes d'Odemira, em 1595.

—

Das antigas fortificações da cidade, ainda existem as muralhas, com 6 portas, com varias torres, e na parte mais alta, o seu vetusto castello; mas tudo em ruinas.

—

O seu territorio é fertil em milho, centeio legumes, hortaliças, fructas e algum vinho; porém as suas vastas pastagens, que são magnificas, e onde se cria grande quantidade de excellente gado, de diversas especies, constituem o principal ramo da sua industria agricola; sendo importantissimo o seu commercio de exportação de gado, lans, queijos e manteiga.

Tambem a plantação d'amoreiras se tem aqui desenvolvido muito, prosperando a creação do bicho de seda, e a fiação d'ella, no que as mulheres se empregam quasi exclusivamente; o que já dá animadores resultados, que, com o tempo e aperfeiçoamento, virão a ser uma nova fonte de prosperidade.

—

A *Serra da Estrella*, com as suas celebradas lagôas, vistosas cascatas, grutas singulares e rochedos imponentes, faz mui curiosas e pittorescas as cercanias da Guarda.

Ha tambem na serra muita variedade de caça miuda e grossa.

O Mondego tambem fornece bastante peixe.

(Tudo o que aqui se não achar quanto a antiguidades da Guarda, vide Idanha Velha.)

—

É patria do insigne chronista Ruy de Pina. Nasceu ahi pelos annos de 1450.

Apparece pela primeira vez em publico na qualidade de secretario do barão d'Alvito, em uma embaixada a Castella, em 1482.

Depois, D. João II o encarrega de uma missão secreta aos reis de Castella.

Em 1484, terceira embaixada de Castella lhe foi confiada pelo mesmo rei. Na volta d'esta embaixada, foi encarregado por D. João II de escrever a chronica do seu reinado.

Em 1493 foi outra vez como embaixador a Castella. Em 1495 assistiu á morte de D. João II, em 25 d'outubro, em Alvor, (como assistira á execução do duque de Bragança, D. Fernando 2.º, cujas ultimas palavras recebeu, na praça d'Evora, no cadafalso, a 21 de junho de 1483).

D. Manuel o fez chronista-mór do reino e guarda da Torre do Tombo.

É opinião geral que Ruy de Pina, para escrever a historia dos reis anteriores a D. Duarte, se utilisou muito das chronicas de Fernão Lopes, se as não plagiou completamente, sumindo depois os manuscriptos.

Não se sabe com certeza a época do seu fallecimento; mas, foi nos primeiros annos de reinado de D. João III; e portanto posteriormente a 1521.

Deixou-nos as chronicas de D. Sancho I, D. Affonso II, D. Sanho II, D. Affonso III, D. Diniz, D. Affonso IV, D. Duarte, D. Affonso V, D. João II, e a de D. Duarte de Menezes, conde de Vianna, e governador da praça de Alcacer-Ceguér (Africa).

Tambem principion a escrever a chronica do rei D. Manuel, da qual Damião de Goes confessa ter-se aproveitado.

O estylo de Ruy de Pina é sóbrio e digno Sabe dizer a verdade aos reis; e era grande observador e profundo politico.

—

Aqui nasceu. em 1435, o santo varão *Fr. Pedro da Guarda.* Era filho de João Luiz, official de tecelão, e de sua mulher, Agueda Gonçalves.

Foi frade franciscano. Morreu no convento de S. Bernardino, da Ilha da Madeira, a 27 de julho de 1505.

Os madeirenses teem particular devoção com este santo, ao qual erigiram duas capellas, das quaes só existe uma actualmente.

—

Tratemos agora de uma questão que para alguns será cousa de muita importancia, e para mim não tem nenhuma; pois que estou intimamente convencido de que não são os nobres ascendentes que dão merecimento ao homem, nem os humildes que lh'o tiram. O seu merecimento está unicamente nas suas obras. Já vêem que não é por *desfazer* no sr. *Mem da Guarda* (*o Barbadão*) nem na sua nobilissima descendencia; mas para esclarecimento de um ponto historico, que vou narrar o seguinte:

Um antigo *Nobiliario, anonymo* (note-se que é *anonymo*) tratando dos *Pereiras*, do *Gêge*, diz—que, em tempo de D. Pedro I houve no logar de Veiros (Alemtejo) um homem *honrado e rico*, chamado *Fernão*, ou *Pero, Esteves*, por alcunha o *Barbadão*, o qual teve *de sua mulher*, um filho e uma filha. Aquelle se chamou *João Mendes d'Agueda* (note-se que *Mendes* quer dizer — filho de *Mem* ou *Mendo*); e aquella *Ignez Peres*.

João Mendes d'Agueda casou com *Isebel Pereira*, filha de *Alvaro Pereira*, senhor de Souzel, de quem teve *Affonso Pereira*, reposteiro-mór de D. Affonso V. e morreu na batalha de Tóro—*Fernão Pereira*, senhor de Castro Daire, Penella, Lalim e quinta de Gége, que deu o nome aos seus descendentes—*Violante Pereira*, primeira mulher de Martim Affonso Valente, senhor do morgado da Póvoa, e, em segundas nupcias, mulher do Dr. João Fernandes da Silveira, regedor da casa do civel, e primeiro barão d'Alvito— e *D. Bri-*

tes Pereira (só esta é que teve *Dom ?*) que casou com D. Diogo de Castro, 1.º capitão d'Evora.

Ignez Peres, filha do *Barbadão*, e irman de *João Mendes d'Agueda*, teve amores com o mestre d'Aviz (depois D. João I) e d'elle houve *um filho*, chamado *D. Affonso*, que foi primeiro duque de Bragança.

Ignez Peres, depois de ter este filho, se metteu (ou a metteram) *commendadeira* de Santos.

Diz o tal *Nobiliario* que *o pae* (d'Ignez) *foi tão anojado d'ella assim parir do Mestre que nunca mais cortou a barba, e pela trazer, mui comprida, lhe chamarám o Barbadão, d'alcunha; e nem sendo D. João já rei, se póde acabar com elle, que o visse, nem lhe fosse beijar a mão.*

O padre Sousa (*Hist. Gen.* tom. II, liv. 3.º pag. 49 e seguintes) diz que *alguns genealogicos* chamam ao pae de D. Ignez *Mem da Guada, que era castelhano, e que morou em Veiros,*—e ao irmão (d'ella) *João Mendes da Guada.* Confessa que esses genealogicos *se fundam na tradição* e que ha *poucas* luzes sobre os ascendentes do *Barbadão.*

Não haver em Portugal (nem na Hespanha) nenhum nome de povoação ou appellido de homem *Guada*, (estou certo que o *r* foi furtado para *disfarçar o caso).*— não se saber de quem é o tal velho *Nobiliario* — a duvida no nome do *Barbadão* — a mera tradição, e as *poucas luzes* e incertezas confessadas pelo padre Sousa, levam a dar algum credito a um manuscripto antigo, existente na bibliotheca real da Ajuda; do qual fallei em Barcellos, e com muito mais desenvolvimento na Castanheira (vide estas duas palavras).

E' tambem attribuido a Damião de Góes, que alli o poz, ou mandou pôr, subrepticiamente.

Diz assim:

Quando D. Henrique II de Castella (pae do D. João, I que foi derrotado em Aljubarrota pelo nosso D. João I, em 14 d'agosto de 1385) expulsou os judeus, de Castella, uma grande parte d'elles se vieram estabelecer em Portugal, sobre tudo na Beira Baixa.

Um d'elles chamado *Mem, Mum,* ou *Mendo* era sapateiro e veio estabelecer-se na cidade da Guarda, exercendo alli a sua profissão, e parece que abjurou a *lei de Moysés.*

O sapateiro (tornado de judeu christão novo) parece que era casado ou cousa que o valha — pois ahi por 1360, lhe nasceu na Guarda uma filha chamada Ignez Fernandes Esteves.

Mem não tinha, ou não queria usar de appellido de familia (ou talvez esquecesse aos historiadores) o caso é que só era conhecido por *Mem da Guarda*, e por ter grandes barbas lhe poseram a alcunha de *Barbadão* Parece que era rico (como são quasi todos os judeus!)

Ignez Fernandes era formosissima, como são quaisi todas as *filhas de Israel.* O mestre d'Aviz, filho bastardo de D. Pedro I, viu Ignez e namorou-se d'ella. Ignez teve d'elle uma filha e um filho. Aquella, chamada D. Beatriz, casou com o conde d'Arondel (Inglaterra) e d'ella procedem muitos *lords* e *ladys* da alta aristocracia britannica.

O filho chamou se D. Affonso, e casou com D. Beatriz, filha unica do santo condestavel D. Nuno Alvares Pereira, que herdou a grande casa de seu pae; vindo a ser D. Affonso, o 9.º conde de Barcellos e 1.º duque de Bragança, feito por seu irmão, o infante regente D. Pedro. (Note-se que D. João I reconheceu os dois filhos que teve de Ignez Fernandes.)

Parece que D. João I, deu grandes propriedades a *Mem da Guarda*, na villa de Veiros: o que é certo é que elle se veio aqui estabelecer e aqui morreu e foi enterrado.

—

Do duque D. Affonso e de sua mulher D. Beatriz (e por consequencia do Barbadão) procede a familia real portugueza e brasileira e a maior parte das familias reaes da Europa.

Tambem dos mesmos, procedem os duques do Cadaval e Lafões; os marquezes de Cascaes, Niza e Marialva; os condes de Portalegre, Monsanto, Vidigueira, Cantanhede, Vimioso, Santa Cruz, Obidos, Feira, Faro e Castanheira; os senhores da Azambuja e do Vimos, e outras muitas familias nobilissi-

mas do reino. Tambem procediam do mesmo tronco os duques d'Aveiro e Caminha, os marquezes de Villa Real, de Ferreira, de Castello Rodrigo, de Gouveia etc.

Para se dar a estes manuscriptos a fé que elles merecem, leia-se o que a este respeito digo na Castanheira. Menciono aqui estes factos, por me parecerem curiosos e por isso dignos de memoria; e por estar convencido que a sua narração não póde por modo algum offender pessoas de são juizo e completo descernimento.

—

Perto dos muros d'esta cidade, ao E, no sitio do *Mirleu* (hoje *Mileu*) havia uma albergaria do mesmo nome e junto a ella houve antigamente *emparedadas.* Vide esta palavra e *Mirleu,* se quizerem saber o que qualquer d'estes dois termos segnificam.

—

Em 19 de junho de 1727, falleceu no convento de Santa Clara, com 103 annos de edade, e 80 annos de professa, a madre Marianna de S. Miguel. Ainda no dia antecedente tinha assistido ao triduo de S. José, na capella do claustro.

—

Em 22 de maio de 1733, morreu n'esta cidade, com 103 annos incompletos, Antonio de Sequeira e Albuquerque, conego da egreja cathedral, da mesma, havendo 86 annos que occupava esta dignidade. Consta que um mez antes do seu fallecimento se lhe tornou preto todo o cabello, que tinha completamente branco.

—

Foi senhor da Guarda, D. Pedro Viegas de Tavares, no reinado de D. Sancho I. Era filho de D. Estevão Peres de Tavares, primeiro alcaide-mór da cidade de Fáro, depois que foi tomada por D. Affonso Henriques. Os Tavares foram muitos annos alcaides móres de Portalegre, Assumar e Alegrete e senhores da villa de Mira.

Tavares é appellido nobre em Portugal, tomado do logar de Tavares, na antiga comarca de Lamego (segundo Villas-Bôas; mas outros escriptores dizem que foi tomado da villa de Tavares, na antiga comarca de Viseu.)

Suas armas são, em campo d'ouro 5 estrellas, de púrpura, de 6 pontas. Elmo d'aço aberto. Timbre meio cavallo, de púrpura, sellado, com peitoral, cascaveis e freio d'ouro.

(Livro da armaria da Torre do Tombo, a fl. 15.)

Julga-se que estas armas ganhou o dito Estevão Peres, quando se achou na tomada de Sevilha. Deste descende Estevão Tavares, alcaide mór de Portalegre.

Outros do mesmo appellido, trazem por armas, em campo azul, banda d'ouro, sahindo da bôcca de dois tragantes de verde, lampassados de púrpura. Timbre, meio leão azul.

—

A cidade da Guarda tinha em 1757 cinco freguezias com uma população de 743 fogos, a saber:

Nossa Senhora da Conceição, (Sé) tinha 420 fogos.

A mitra apresentava o prior, que tinha de rendimento 120$000 réis.

S. Vicente Martyr, tinha 125 fogos.

A mitra apresentava tambem o prior, que tinha o mesmo rendimento.

S. Pedro apostolo, tinha 77 fogos.

O prior era da mesma apresentação e tinha de rendimento 170$000 réis.

Nossa Senhora da Victoria, tinha 92 fogos.

O commendador Maltez da commenda de Oliveira do Hospital, apresentava o prior, que tinha 150$000 annuaes.

S. Thiago, tinha 29 fogos.

O padroado real apresentava o prior que tinha 200$000 réis de rendimento.

—

O concelho da Guarda é composto de 55 freguezias, que formam tambem a comarca e julgado. Destas, uma, Avellans da Ribeira, é no bispado de Pinhel, e 54 no bispado da Guarda; são:

Adão, Albardado, Aldeia do Bispo, Alvendre, Arrifana, Avellans de Ambom, Benespéra Carvalhal-Meão, Castanheira, Cavadoude, Casal Cinza, Codeceiro, Crujeira, Faia, Famalicão, Fernão Joannes, Gonçalo, Gonçalo Bôccas, João Antão, Macainhas, Marmelleiro, Meios, Misarella, Monte-Margarida, Pa-

noyas, Pêga, Pera-do-Môço, Pero-Soares, Pinzio, Pomares, Porcas, Porco, Porto-da-Carne, Pousada, Ramellas, Ribeira-dos-Carinhos, Rochoso, Rocamundo, S. Miguel, Guarda (S. Pedro) Guarda (S. Vicente) Guarda (Sé) Sant'Anna, Seixo-Amarello, Sobral-da-Serra, Trinta, Valle-de-Moreira, Valhêlhas, Vella, Vide-Monte, Villa-Cortez, Villa-Franca, Villa-Garcia, e Villa-Fernando.

O districto administrativo comprehende 14 concelhos, que são:

Celorico e Manteigas, no bispado da Guarda; Gouveia, nos bispados de Coimbra e Guarda; Guarda e Sabugal, nos bispados de Pinhel; e Guarda; Aguiar da Beira e Fornos, no bispado de Viseu; Céa, no bispado de Coimbra; Méda, no bispado de Lamego; Pinhel, Trancoso e Villa Nova de Foz-Côa, nos bispados de Pinhel e Lamego; Figueira, no bispado de Pinhel; Almeida, nos bispados de Pinhel e Lisboa.

—

GUARDA-MÔR—O officio de guarda-mór de el-rei, era o primeiro depois de mordomo-mór.

Dormia á porta da camara do rei, ao qual tinha obrigação de ver, depois de deitado, hindo em companhia do *sumilher*, sem cuja ceremonia se não corria a cortina.

Era tambem o primeiro que entrava, de manhan, na camara real.

O guarda-mór era capitão da guarda do rei, e esta se compunha de 24 fidalgos, de nobreza conhecida.

Assim se praticou nos reinados de D. Manuel e D. João III.

Algumas vezes succedia não estar completo o numero dos 24 guardas, e do *rol das moradías* (vide *Moradías)* que está no maço 29 da chancellaria de el-rei D. João III, consta que n'aquelle anno, não excediam o numero de 20, incluindo o mesmo guarda-mór. Consta tambem que as moradias dos dois mezes, de janeiro e fevereiro, faziam a quantia de 86$468 réis; conforme o mandado do guarda-mór (D. Diogo da Silveira) feito em Evora, a 14 de março de 1534.

Finalmente do mesmo *rol* se sabe os nomes dos guardas que havia n'aquelle tempo, que eram:

Guarda-mór—D. Diogo da Silveira.
Guardas—D. Simão da Silveira.
D. Alvaro da Silveira (irmãos do guarda-mór.)
Garcia de Rézende.
Bastião da Costa.
Fernão Lopes de Sande.
Braz Gomes de Carvalhosa.
Antonio Godinho.
Henrique da Motta.
Thomaz de Barros.
Henrique Moniz.
Duarte de Goes.
Fernão Rodrigues de Palma.
Bartholomeu Ferraz.
Fernão Táveira.
Fernão Cardoso.
Diogo de Lemos.
Antonio Antunes.
Antonio Lopes de Andrade.

—

Ao guarda-mór tambem se davam os titulos de *guarda-mór da camara, guarda-mór da côrte e capitão dos cavalleiros da guarda da camara.*

—

Entre as obrigações dos guardas, uma era a de dormir no paço; e alguns d'elles, na mesma casa do guarda-mór.

Vê-se em alguns documentos, que no reinado de D. Affonso Henriques, se dá o titulo de *guarda-mór*, a D. Mendo Moniz.

Os guardas-móres de que ha mais clara noticia são:

Gonçalo Mendes—no tempo de D. Sancho I, do qual se faz mensão com o titulo de *custodiens curiam* (guarda do paço) em uma escriptura do anno de 1197. Estava no cartorio do mosteiro de Pedroso (concelho de Gaia.)

Este é o primeiro guarda-mór de que falla Gaspar Alvares de Lousada.

Gonçalo Vaz de Moura—no reinado de D. Affonso IV.

Lourenço Bubal—no reinado de D. Pedro I. Vem mencionado na carta em que o mesmo rei lhe dá a alcaidaría-mór do Porto, datada de Lisboa, a 8 de junho de 1357.

Gomes (ou *Gonçalo) Lourenço de Avellar*—no reinado de D. Fernando. Consta da con-

firmação que o rei lhe fez da doação da villa e termo de Cascaes.

É datada de Villa Nova de Famalicão, a 22 de agosto de 1372.

A doação lhe tinha sido feita pelo mesmo rei, *com toda a jurisdicção alta e baixa, méro e mixto imperio*, em Santarem, a 8 de abril de 1370. (*Livro do Registo do Sr. Rei D. Fernando.*)

Em 7 de junho de 1373, estando este rei em Vallada, fez nova doação de Cascaes a Henrique Manuel de Vilhena, *por se ter hido Gomes Lourenço d'estes reinos*; o que consta do mesmo Livro do Registo.

Vasco Martins de Mello—no mesmo reinado, ao qual D. Fernando fez seu guarda-mór, e meirinho no reino do Algarve; fazendo-lhe doação dos bens e fóros que tinham no Algarve as pessoas que se passaram para Castella, tomando o partido de Henrique II.

A carta d'esta doação, foi feita em Santarem, a 15 de fevereiro de 1382.

João Fernandes Pacheco—no reinado de D. João I, logo que este monarcha subiu ao throno; mas depois lhe tirou o officio, e lhe mandou confiscar todos os bens para a corôa, por crime de traidor; o que consta de uma carta, feita no Porto, a 12 de abril de 1398.

Martim Affonso de Mello—no mesmo reinado; como se vê de uma carta datada de 2 de maio de 1398, pela qual lhe faz mercê de todos os bens que João Fernandes Pacheco tinha em Santarem. No mesmo anno, estando o rei no Porto, em 30 de agosto, lhe fez mercê da *cêrca velha de Evora*, e no de 1399, lhe deu, e aos seus descendentes, os paços de Elvas; por carta feita em Lisboa, a 27 de outubro.

Acompanhou el-rei na tomada de Ceuta (Africa) e continuou nos dois reinados seguintes (D. Duarte e D. Affonso V) como se vê de uma carta d'este ultimo rei, feita em Evora, a 18 de abril de 1450; na qual diz que elle fôra guarda-mór de el-rei, seu avô.

Ruy de Mello (ou *D. Rodrigo Affonso de Mello*) filho do precedente, governador da infanta D. Joanna, filha de D. Affonso V, capitão de Tanger (Africa) alcaide-mór e depois conde de Olivença. Foi guarda-mór no reinado do mesmo D. Affonso V, que lhe deu todos os privilegios dos desembargadores. Depois, em Evora, lhe fez mercê de outra tença,

Em 5 de janeiro de 1469, o fez védor dos vassallos de Olivença, por ser filho de Martim Affonso de Mello, que morrêra. Em 22 de setembro do mesmo anno, lhe fez mercê de outra tença. Finalmente, em 1476, o fez conde de Olivença: como consta do *Livro 2.° dos Mysticos*, que está na Torre do Tombo.

D. João de Lima—no reinado de D. João II, o qual o fez seu guarda-mór, por carta datada de Alvito, a 16 de abril de 1482. Em 5 de julho d'este mesmo anno, estando em Evora, lhe dá posse das terras e fóros que tem da corôa, e declara que é filho primogenito de D. Leonel de Lima, 1.° visconde de Villa Nova da Cerveira.

Já era guarda-mór d'este monarcha, emquanto era ainda principe.

Jorge Moniz—no reinado de D. Manuel, como se vê da carta que lhe passou d'este officio, em Monte Mór Novo, no 1.° de março de 1496. Já era guarda-mór d'este rei, emquanto era duque de Beja.

O rei lhe deu 2:000 corôas para o seu casamento, como consta do *Livro 4.° dos Mysticos*.

D. Nuno Manuel—no mesmo reinado, pelos annos de 1507, conforme se vê da quitação da sua moradia, em Santarem, a 4 de dezembro. Continuava em 1518; como consta de um *mandado*, d'elrei D. Manuel, para outro pagamento; datado d'Almeirim, a 9 de janeiro de 1519.

João de Barros—no reinado de D. João III, no anno de 1527; como se vê de um mandado d'este rei, datado d'Almeirim, a 16 de dezembro, no qual lhe chama *guarda-mór da sua côrte*.

D. Luiz da Silveira—no mesmo reinado, pelos annos de 1528, o que consta de uma carta de mercê, feita em Almeirim, no mez de maio do dito anno; no qual lhe dá o titulo de seu guarda-mór do seu conselho e veador-mór das obras, terços, resi-

duos, hospitaes e capellas, de seus reinos e senhorios.

Já era guarda-mór d'este rei, emquanto principe.

Foi o 1.º conde de Sortêlha.

D. Diogo da Silveira—2.º conde de Sortêlha (filho do precedente) no mesmo reinado, conforme um *mandado*, datado em Evora, a 29 de outubro de 1533. N'elle é chamado guarda-mór, e capitão dos cavalleiros da guarda de el-rei. No rol das moradias, de 1534, lhe chamam guarda-mór da camara.

Continuou com o mesmo officio, nos reinados de S. Sebastião e D. Henrique.

D. Diogo de Miranda—no reinado de D. Henrique.

Martim Affonso de Miranda—no mesmo reinado.

D. Luiz da Silveira—3.º conde de Sortêlha, em algum tempo da usurpação de Philippe II.

D. Gregorio Taumaturgo de Castello Branco—conde de Villa Nova (de Portimão) no dominio do mesmo Philippe II.

Pedro de Mendonça Furtado—no reinado de D. João IV. Desde então, não se proveu mais o officio de guarda-mór de el-rei.

—

Tambem havia o officio de guarda-mór dos principes e dos infantes. Contam-se os seguintes:

Alvaro Rodrigues—(do infante D. Pedro, filho D. João I.)

Ruy de Sousa—senhor de Sagres (do principe D. João, depois II.)

D. João de Lima—filho de D. Leonel de Lima, 1.º visconde de Villa Nova da Cerveira (do mesmo principe.)

Payo Rodrigues de Araujo—(do infante D. Henrique, filho de D. João I.)

Jorge Moniz—(do duque de Beja, depois D. Manuel I.)

D. Rodrigo de Menezes—(do principe D. Affonso, filho de D. João II.)

D. Luiz da Silveira—depois 1.º conde de Sortêlha (do principe D. João, depois III.)

Ruy Telles—(do infante D. Luiz, filho do rei D. Manuel.)

Francisco Pereira Pestana—(do mesmo infante.)

Jorge da Silveira—(do infante D. Fernando, filho do rei D. Manuel.)

Martim Affonso de Mello—(do infante D. Duarte, filho de D. Manuel, do qual tambem era camareiro-mór.)

D. Garcia de Menezes—(do infante D. Affonso, e depois, do infante D. Henrique, filhos de D. Manuel.)

Simão de Miranda—(do infante D. Henrique, depois cardeal e rei.)

Ruy Pereira—(do principe D. João, filho de D. João III.)

GUARDÃO—villa, Beira Alta, comarca e concelho de Tondella, 18 kilometros de Viseu, 265 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção) antigamente Nossa Senhora dos Milagres.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Diz o padre Carvalho, que no logar de *Parêdes*, d'esta freguezia, ha uma fonte, cuja agua mata a quem a bebe.

O morgado do Guardão apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis.

É povoação muito antiga e foi concelho com justiças proprias.

D. Sancho I a povoou e lhe deu foral, com muitos e grandes privilegios (para attrahir povoadores) em Coimbra, em setembro de 1207. D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514.

Situada no fertilissimo e formoso valle de Bésteiros.

Ha por aqui bastante caça. Cria gado, de varias especies, de optima qualidade, com cuja exportação faz bom commercio, assim como tambem exporta, em grande quantidade lans, queijos e manteiga.

(Note-se que a freguezia de que esta villa é cabeça, já está descripta em Bésteiros (Guardão de) para se não julgar que são duas freguezias do mesmo nome.)

Para tudo o mais que aqui se não encontrar com respeito a esta povoação, vide Bésteiros (Guardão de) a pag. 96 do 1.º volume.

GUARDIFANTE—portuguez antigo (contracção de *guarda-infante*) *babeiro* que se vestia ás creanças para não sujarem a rou-

pa. Vinha a ser, com pouca differença, o mesmo a que hoje se dá o nome de *bibe*.

GUARDIZELLA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 180 fogos. Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Expectação.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente da comarca de Barcellos.

A mitra primacial e o mosteiro de crusios, de Landim, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 450$000 réis.

Em junho de 1872, uma mulher do logar de *Penso*, d'esta freguezia, deu á luz tres creanças do sexo feminino, duas vivas, e no dia seguinte, ainda outra do sexo masculino, que nasceu morta. As duas que nasceram vivas, morreram pouco depois.

GUARÍTA—aldeia, Beira Alta, na freguezia e concelho do Carregal e Currêllos, comarca de Santa Comba Dão, 24 kilometros de Viseu, 258 ao N. de Lisboa.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

É uma bonita e fertil povoação.

É aqui o solar dos Serpas Pimenteis. É actual representante d'esta familia o sr. barão de S. João d'Areias.

Serpa é appellido nobre de Portugal, que se diz proceder do infante D. Fernando (4.° filho de D. Affonso II) o qual se denominava D. Fernando de Serpa, por ser senhor da villa d'este nome, no Alemtejo. Foi guerrear os mouros a Castella, e lá casou, em 1241.

Não consta que de Hespanha viesse algum seu descendente para Portugal, mas consta que deixou cá um filho natural, que é o progenitor dos Serpas. Jorge de Serpa, seu descendente, foi fronteiro-mór da Beira, no interregno do cardeal rei.

As armas dos Serpas, são—em campo verde (segundo Albergaria. Villas Boas diz que o campo é vermelho), leão d'ouro, lampassado de púrpura, entre duas torres de prata, lavradas de negro, e por baixo do leão, uma serpe d'ouro, volante; elmo d'aço aberto, e por timbre, uma das torres, com a serpe, nascendo do alto d'ella.

Outros do mesmo appellido, trazem por armas—em campo verde, leão d'ouro e ao pé d'elle um abutre e quatro torres de prata, acantonadas; elmo e timbre como as antecedentes.

—

Tambem na Guarita, nasceu o bem conhecido politico liberal, José da Silva Carvalho.

—

Em 1874 se fundou aqui uma escola de primeiras lettras. O sr. barão de S. João d'Areias deu o terreno para ella, assim como mobilia e utensilios, e ainda um subsidio pecuniario para ajuda do custeamento da mesma escola.

O sr. Antonio de Serpa Pimentel, actual ministro da fazenda, é da mesma familia e irmão do sr. barão de S. João d'Areias.

—

Para os Pimenteis, vide Formillo, a pag. 215 d'este volume.

GUAZIL—vide Aguazil.

GUÊDA e **GUÊDO**—eram nomes proprios de mulher e de homem, gôdos. Hoje, em vez de *Guêdo* diz-se *Guédes*, que significa, *filho ou descendente de Guêdo*.

GUÊDO (S.) ou **TERREIRO**—freguezia, Douro, comarca, concelho e 10 kilometros a NE. da Feira, 17 ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 152 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Em todos os diccionarios geographicos vem errado o nome d'esta freguezia, pois lhe dão um nome só—*Sanguêdo*—quando não é senão *São Guêdo*, que foi o primeiro padroeiro d'esta antiquissima parochia.

Tambem vulgarmente é esta freguezia conhecida pelo nome de *Terreiro*, ou *Santa Eulalia do Terreiro*.

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 170$000 réis e o pé d'altar. Tem uma boa residencia e soffriveis passaes.

Feira a 24 de cada mez.

Para a etymologia, vide a palavra antecedente.

—

A egreja matriz é um bonito templo, e ainda que muito antigo, bem conservado, em razão dos bons materiaes de que é construido. Está situada a egreja, em uma bonita planicie, com extensas vistas.

—

É terra fertil em todos os generos de agricultura, e cria muito gado bovino, que exporta.

Faz constante negocio com a cidade do Porto. A freguezia é cortada pela nova estrada, em construcção, que de Gaia conduz á Feira e á estação do caminho de ferro do norte, em Ovar.

Esta freguezia é limitada pelo S. e E., pelo rio Uíma (aqui chamado rio de Gaêta, em razão de passar por uma aldeia d'este nome, na freguezia de Villa Maior) e morre na esquerda do Douro, na freguezia de Crestuma. É n'esta freguezia atravessado por uma boa ponte de alvenaria, no logar da *Tabuáça*, e outra de madeira, no sitio dos *Moinhos*.

GUEIFÃES ou **GUIFÃES**—freguezia, Douro, concelho da Maia, comarca e 6 kilometros ao N. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago S. Faustino.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O bailío de Leça apresentava o abbade, que tinha 120$000 réis.

É terra bonita, rica e muito fertil. Cria muito gado bovino, que exporta, e faz muito e diario commercio com a cidade do Porto.

GUELFEZ ou **GUELFES** — freguezia, Algarve, concelho de Olhão, comarca e 12 kilometros de Faro, 240 ao S. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1757 tinha 243 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Faro.

Esta freguezia está espalhada em casaes pelos campos, com boas terras, vinhas, figueras, alfarrobeiras, amendoeiras, etc.

—

A egreja matriz é ordinaria e está fundada junto ao ribeiro de *Guelfes*, sobre o qual tem uma boa ponte de pedra (mandada construir pelo benemerito bispo do Algarve, D. Francisco Gomes de Avellar, no principio do seculo XIX) no sitio de Marim, na estrada que vae para Tavira, e logo abaixo d'esta ponte, se mette o ribeiro no mar.

Ha aqui um bom pinhal.

Esta freguezia foi supprimida em 1838, passando os seus casaes para as freguezias de Olhão, Moncarapacho e Pexão; mas não teve effeito essa suppressão.

A mitra apresentava o cura, que tinha 90$000 réis annuaes.

GUERAL — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago S. Payo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de Rio Côvo apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis.

GUETIM — freguezia, Douro, concelho e 12 kilometros ao S. de Gaia, comarca e a mesma distancia ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757 tinha 35 fogos.

Orago Santo Estevão, protomartyr.

Bispado e districto administrativo do Porto.

É terra muito fertil.

O reitor de S. Felix da Marinha apresentava o cura, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar.

GUÍ — palavra gallo-celta, significa—*agarico*, planta parasita, que vive enleada nos troncos das arvores.

A maior solemnidade dos druidas consistia na colheita do *gui- (agarico.)* Esta trepadeira parasita, vegeta e prospéra em varias especies d'arvores; porem os druidas criam que Deus tinha principalmente escolhido o carvalho para lhe confiar esta planta, para elles tão preciosa; e por isso só colhiam o *gui* d'esta arvore.

O ramo do carvalho é de tempos remotissimo, o emblema da força e o symbolo da guerra. Os scandinavos, os germanos, os francos, os armoricos os gregos, os phenycios, os romanos e outros povos da anti-

guidade, tinham pela maior honra o serem coroados com um simples ramo de carvalho, depois das suas mais disputadas victorias, e era para elles uma causa de perpetuo orgulho, este simples ornato natural, conferido pelos seus concidadãos reconhecidos.

A nação celtica essencialmente guerreira, guardava tambem estas tradições. É por isso que escolhiam exclusivamente o *gui* do carvalho.

Corriam com a maior sulicitude as florestas do seu paiz, em busca d'esta planta preciosa, e se felicitavam quando, depois das mais minuciosas investigações achavam a sua planta symbolica.

Segundo os seus livros sagrados, era expressamente prohibido colher esta planta mais do que no sexto dia da lua, no mez de dezembro.

Este mez e o numero seis, eram sagrados para elles, e era sempre no sexto dia da lua que elles praticavam os seus principaes actos religiosos, e os seus mais solemnes sacrificios.

No dia destinado para a ceremonia de colher o *gui*, se reuniam com maior apparato e hiam em procissão para os sitios onde havia probabilidade de se encontrar a planta.

Dois adfvinhos marchavam na frente cantando hymnos sagrados e balladas patrioticas.

Um arauto, empunhando um caducéu, os seguia. Atraz d'este vinham tres, druidas, com os instrumentos necessarios para o sacrificio: em fim o chefe dos pontifices, vestido d'alva tunica, fechava esta procissão, que era seguida de uma multidão immensa de pôvo de ambos os sexos e de todas as edades.

Chegados ao pé da arvore, o chefe dos druidas, subia ao carvalho, cortava o *gui* com uma fouce d'ouro e os druidos o recebiam em baixo, com grande respeito, no *sagum*, que era uma especie de saia branca.

Immolavam-se depois dois touros brancos, e se seguia um esplendido festim. Concluido elle se dirigiam orações á divindade, para que ella ligasse á planta recentemente colhida, uma ventura participada por todos os assistentes, a cada um dos quaes se distribuia uma pequena parcella do *gui*.

Era no primeiro dia do anno que se sagrava todo o *gui* colhido, que não tinha sido distribuido na acto da colheita, e que então se repartia completamente por todo o pôvo.

—

GUIA — freguezia, Algarve, concelho de Albufeira, comarca de Louté.

Orago Nossa Senhora da Visitação. Já está descripta sob o nome de Alffontes da Guia Vide esta palavra.

GUIÃES ou **GOÃES** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Real, 90 kilometros a E. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 215 fogos. Em 1757 tinha 179 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

É terra muito fertil. Gado e caça.

Peixe do Douro, que lhe fica 6 kilometros ao S.

O cabido da Sé de Braga, apresentava o vigario, collado, que tinha 225$000 réis annuaes.

—

GUIDE — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella (foi do concelho da Torre de D. Chama) 70 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Orago S. Maméde.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 1:600$000 réis de rendimento annual.

É terra muito fertil.

GUIDIMTESTA — nome do vasto territorio que D. Sancho I deu a D. Affonso Paes, prior da ordem do Hospital, em 13 de junho de 1194, para alli fazer o castello de *Belver* Vide esta palavra.

GUIDÕES — freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 24 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Passa aqui o rio Áve.

É terra fertil. Gado, caça e peixe.

O reitor d'Alvarelhos apresentava o cura que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

GUIFÕES —freguezia, Douro, concelho de Bouças, comarca e 6 kilometros ao N. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 78 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto. É terra fertil.

O reitor de Mattosinhos apresentava o cura, que tinha 125$000 réis, e 20 alqueires de milho.

Cria-se aqui muito e optimo gado bovino que se exporta, em grande parte para a Inglaterra.

É n'esta freguezía que nasceram os dois célebres républicanos de bôa fé Manuel e José da Silva Paços.

Vide Bouças de Mattosinhos.

GUILHA (Torre da) — Vide Cascaes e S. Domingos de Rana.

GUILHABREU—freguezia, Douro, comarca e concelho de Villa do Conde, 18 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era do concelho da Maia, comarca do Porto; mas a requerimento do povo da freguezia passou para o concelho de Villa do Conde, por decreto de 11 de maio de 1870.

É terra muito fertil.

Guilhabreu é corrupção de Gil Abreu. N'esta freguezia houve uma aldeia chamada *Paiços*, de que só existem as ruinas; foi solar dos Mendes da Maia Paiços é corrupção de Paços.

Na aldeia de Parada, ha uma casa nobre, que fez Luiz de Moraes da Silva, o qual deixou seis mil réis perpetuos, para vestir pobres.

Ha tambem a casa do Freixo, que foi cabeça do morgado dos Madureiras.

A sé apostolica apresentava o reitor, que tina 120$000 réis.

Cumpre prestarmos n'este artigo preito e menagem ao portuguez intrepido, ao valente soldado da Cruz, ao incançavel batalhador, ao invicto guerreiro nonagenario, a um dos maiores vultos d'este reino de Portugal, a cuja espada sempre victoriosa devemos em grande parte a nossa liberdade: áquelle que pelas suas gigantescas e gloriosas façanhas, se tornou um heroe legendario, e que, tão justamente mereceu dos contemporaneo e da posteridade, o cognome de *Lidador*.

Se em mil combates, *vencedor, nunca vencido*, conquistou, á custa do seu sangue e da sua vida, e mais do que outro coevo, um nome brilhante nas paginas da historia portugueza, não lhe foi preciso hir buscar entre o fragor de sanguinolentas batalhas, a nobreza para a sua descendencia; porque, rico-homem e descendente de ricos-homens, já era um nobre fidalgo portuguez, antes de Portugal figurar na lista das nações como reino livre e independente.

Amigo e companheiro fiel do conde D. Henrique, dedicou ao filho a amisade verdadeira que consagrára ao pae, e foi um dos mais extremados servidores do nosso primeiro rei.

N'esses felizes tempos, em que quasi todos os portuguezes eram heroes, Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador, se podia afoitamente chamar heroe entre os heroes.

Nasceu este famosissimo varão n'esta freguezia. e, com toda a probabilidade, na aldeia de *Paços*, em 1079.

Aos 90 annos, conservava todas as forças e intrepidez e até toda a temeridade da juventude.

Sendo *fronteiro* de Beja, fazia *entradas* frequentes em terras de moiros, ficando sempre victorioso, por mais desiguaes que fossem as forças; acontecendo muitas vezes atacar e vencer tropas mouriscas dez vezes superiores em numero aos seus portuguezes.

Em uma d'essas desiguaes batalhas cahiu morto o nosso bravissimo Lidador, mas depois de derrotar o inimigo, no anno de 1169, tendo, como já disse, 90 annos de idade, e 74 de guerras, batalhas e victorias.

Mendes é um appellido nobre em Portugal, tomado do nome proprio *Mendo*, de que é patronimico.

Os primeiros que n'este reino se acham com elle, são os dois capitães, *Soeiro Mendes, o Bom* e o nosso *Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador.* Eram irmãos. e tambem de *D. Payo Mendes*, arcebispo de Braga, todos nascidos n'esta freguezia.

Não pude saber que armas traziam os *Mendes*, até ao reinado de D. Manuel, que em 1520 deu por armas a Manuel Mendes, descendente de Gonçalo Mendes da Maia, ou, segundo outros, de Soeiro Mendes.—Escudo dividido em faxa, na 1.ª d'asul, uma muralha de prata, com duas torres, tudo com ameias, uma em cada canto e lavrada de negro, e uma porta do mesmo, no meio da muralha, a 2.ª, dividida em pala, na 1.ª, de púrpura, uma cabeça de mouro, cortada em sangue, com turbante de azul e prata, na 2.ª, tambem de púrpura, 3 lanças de prata com hasteas de ouro, em roquete. Elmo de aço aberto e por timbre a cabeça do mouro das armas.

A segunda familia d'este appellido, que ha n'este reino, veio de Galliza, que o trouxe D. Estevão Mendes de Araujo, cujas armas são—escudo dividido em pala, no 1.º, de púrpura, um braço de prata, armado de uma espada com guarnições de ouro, com a ponta para baixo, enfiada n'um broquel do mesmo—a 2.ª de ouro, lisa; elmo d'aço aberto e por timbre o braço armado com a espada em acção de cutilar.

D. Antonio Mendes, 1.º bispo de Elvas, usou das armas seguintes: em campo de ouro, 3 faxas de púrpura, orla de prata, carregada com 8 cruzes de púrpura.

Outros Mendes trazem—em campo de púrpura, 5 bandeiras asues, 2 em banda, 2 em contrabanda, e 1 em pala, no meio d'ellas. Hasteas de ouro e ferros da sua côr, cada uma carregada de 3 crescentes de prata.

Ainda, finalmente, outros Mendes, usam—campo de prata, semeado de azinheiras verdes, chefe de ouro, carregado de 4 cabeças de mouro, cortadas em sangue, e toucadas de asul e prata, e, por differenças, uma brica, com seu coxim.

Maia, appellido nobre em Portugal; procede de D. Gonçalo Alboazar Ramires da Maia (primeiro filho de Alboazar Ramires, infante leonez, filho de Ramiro II, de Leão, e de Zahara. (vide Ancora)—que com outros companheiros veio a Portugal, no anno 1000, e resgataram dos mouros, as terras da Maia, de cujo senhorio tomou o appellido, e ahi fez seu solar.

É este infante D. Gonçalo o legitimo progenitor (avô) do grande Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador.—As armas d'esta familia são—em campo de purpura, aguia d'ouro, armada, bicada e golada d'oiro, elmo d'aço aberto e por timbre, meia aguia das armas. Diz-se que estas armas foram dadas a D. Soeiro Mendes da Maia (pae do Lidador e de seus irmãos) por ter vencido um cavalleiro em desafio, em Roma, no anno de 1038.

Outros do mesmo appellido, usam—em campo de purpura, aguia negra golada de oiro. Elmo d'aço aberto, e por timbre, meia aguia das armas.

—

Moraes, appellido nobre em Portugal, tomado do logar de *Moraes*, termo da cidade de Braga, onde esta familia tem seu solar. O 1.º que com elle se acha, é Gonçalo Rodrigues de Moraes, que vivia em 1217. Tem brasão d'armas completo, a saber—escudo dividido em pala, na 1.ª de purpura, torre de prata, lavrada de negro, com telhado de oiro, e grimpado de uma bandeira de prata, contrachefe d'ondas d'asul e prata, na 2.ª de prata uma amoreira verde, com raizes, contrachefe estreito de terra, elmo d'aço, aberto, e por timbre, a torre das armas.

Outros do mesmo appellido, usam—escudo dividido em pala, na 1.ª d'ouro, uma amoreira verde, na 2.ª, de púrpura, torre de prata, lavrada de negro, contrachefe estreito, de ondas de asul e prata.

—

Madureira, appellido nobre em Portugal. O 1.º que com elle se acha, é Alvaro Annes de Madureira, em tempo de D. Affonso V. Tem brasão d'armas completo, que é—escudo de púrpura, esquartelado, no 1.º e 4.º, leão de ouro, no 2.º e 3.º, flor de liz ao mes-

mo—elmo de aço, aberto, e por timbre o leão das armas.

—

Outros do mesmo appellido, usam—escudo esquartelado, no 1.º e 4.º, de púrpura, 6 besantes de ouro, em duas palas—no 2.º e 3.º, de prata, um cordeiro pardo, lampassado de púrpura, tem por baixo da barba uma flor de liz, de prata.

—

Outros trazem — escudo esquartelado, no 1.º e 4.º, de púrpura, uma flor de liz, d'ouro — no 2.º e 3.º, tambem de púrpura, um lobo passante, com a bôcca aberta. Elmo e timbre como os das 1.as.

—

Outros, finalmente, usam — escudo esquartelado no 1.º e 4.º, de púrpura, um coelho de ouro—e no 2.º e 3.º, tambem de púrpura, uma flor de liz de ouro — elmo como as 1.as—timbre, o coelho das armas, com uma flor de liz de ouro na testa.

GUILHADÊZES — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 30 kilometros ao O.NO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Arcebispado de Braga e districto administrativo de Vianna.

É n'esta freguezia a Torre da Mó, solar dos cabeças de Vacca.

Os Menezes e outros compadroeiros da mesma familia, da cidade de Braga, apresentavam o abbade, que tinha 400$000 réis annuaes.

GUILHAFFONSO ou **VILLA FONCHE** — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 30 kilometros ao ONO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago Santa Comba.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O seu nome é corrupção de *Gil Affonso*. (O verdadeiro nome d'esta freguezia, é o da primeira palavra indicadora; e é como vem em todos os livros antigos. Não sei porque razão, já no seculo XIX, lh'o corromperam para Villa Fonche.)

O abbade do Salvador, da villa dos Arcos, apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis.

Aqui viveram, no reinado de D. Affonso III, Martim Fernandes Batalha e sua mulher, freires do Hospital, a cuja ordem fizeram foreiras as suas fazendas. Eram da familia dos Pachecos.

No logar de *Cadorcas*, está a capella de S. Thiago, e crê o povo que, de uma sepultura que aqui ha, se exhala um cheiro suavissimo.

GUILHAFFONSO — aldeia, Beira Baixa, 8 kilometros ao N. da cidade da Guarda. Proximo de um regato perenne, que passa junto da aldeia, em uma campina, cercada de outeiros, ha um dolmen, cuja mesa tem 2m,8 de largo e 3m,3 de comprimento. Tem, acima da terra, a altura de 1m,98. Firma se sobre cinco toscos padrões.

A mesma etymologia.

GUILHAFFONSO — aldeia, Douro, comarca e 10 kilometros ao NO. da villa de Arouca.

Entre esta aldeia e a de Monte de Monção, ha uma serra d'este ultimo nome, que é tristemente célebre, pelo facto seguinte: Pelos annos de 1840, por causa das partilhas de uma agua de regar, quatro caseiros de duas quintas (sendo um pae e um filho de um lado, e outro pae e outro filho do outro), como não tivessem outras armas senão enchadas, com ellas entraram a bater uns nos outros. Um dos filhos foi o primeiro que ficou gravemente ferido, por uma *enchadada* na cabeça, cahindo logo sem sentidos. O pae, julgando o filho morto, atira-se como um leão aos contrarios. Depois de um pequeno combate, cahem dois mortos e um mortalmente ferido, que poucos minutos viveu. Só uma pastora viu esta barbara carnificina, a alguma distancia. Quando acudiu gente, aos gritos da rapariga, achou no sitio tres cadaveres, e um desgraçado alagado em sangue e sem sentidos. Este, depois de uma longa e perigosa cura, foi preso; mas nada soube dizer do occorrido, porque, como já disse, foi o primeiro ferido. Pelo depoimento da unica testemunha presencial, que provou que elle não teve tempo de ferir ninguem, foi absolvido.

Este facto aterrou a gente d'estes sitios.

GUILHEIRO—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 24 kilometros ao O. de Pinhel, 325 ao NE. de Lisboa, 110 fogos. Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O commendador de Malta, de Cernancêlhe, apresentava o cura, que tinha 18$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Foi villa e tinha foral, dado por D. Sancha Vermuiz e seus filhos, em 1231.

Foi cabeça de viscondado, que D. Pedro II deu a Pedro Jaques de Magalhães, fidalgo aragonez, que por causa da morte do arcebispo de Zaragoça, se passou a Portugal, com D. Isabel, mulher do infante D. Pedro, filho de D. João I. Foi governador das armas da Beira, e na batalha de Castello Rodrigo, derrotou completamente o duque de Ossuna, general castelhano. Casou e teve successão.

GUILHOFREI—freguezia, Minho, comarca da Póvoa de Lanhoso, concelho de Vieira, 24 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 250 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 150$000 réis annuaes.

GUILHOTE—portuguez antigo,—velhaco.

GUILHUFFE—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 30 kilometros a NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 207 fogos.

Orago S. João, evangelista.

Bispado e districto administrativo do Porto.

É terra fertil.

O papa, o bispo e o collegio dos eremitas de Santo Agostinho, de Coimbra, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 440$000 réis.

Cria muito gado bovino, que exporta.

A freguezia de Urrô, esteve annexa a esta, mas já está outra vez independente.

GUIM—vide Gruim.

GUIMARÃES—cidade, Minho, cabeça de concelho e de comarca, 18 kilometros a NE. de Braga, 48 ao N. do Porto, 360 ao N. de Lisboa. Tem 1:940 fogos (7:752 almas) em 4 freguezias—*Santa Maria d'Oliveira*, com 815 fogos e 3:260 almas—*S. Miguel do Castello*, com 37 fogos e 140 almas—*S. Payo*, com 484 fogos e 1:936 almas—e *S. Sebastião*, com 604 fogos e 2:414 almas.

Em 1757 tinha as mesmas 4 freguezias.

Nossa Senhora da Oliveira, tinha 689 fogos, e a honra de *collegiada insigne*. Era curada por dois parochos (conegos de meia prebenda) apresentados pelo D. prior d'esta collegiada. Tinha cada um de rendimento annual, 250$000 réis.

S. Miguel do Castello—(antigamente Santa Margarida) tinha 17 fogos. O D. prior e o cabido da collegiada d'esta cidade (depois de feito o exame synodal, em Braga) apresentava o abbade, collado, que tinha trezentos mil réis.

S. Payo—tinha 587 fogos. O mesmo D. prior e cabido, apresentavam simultaneamente o cura, que tinha 100$000 réis de rendimento annual.

S. Sebastião—tinha 422 fogos. Tambem o D. prior e cabido apresentavam simultaneamente o cura, que tinha 100$000 réis annuaes.

O concelho de Guimarães tem 12$000 fogos, e, como a comarca não tem julgados, tem os mesmos fogos do concelho.

—

Situada em terreno accidentado, mas formoso, fertil e aprasivel, nas faldas da serra de Santa Catharina, e entre os rios Ave e Visella. É a *Araduza* e depois *Vimaranes*, dos antigos—ou, mais verdadeiramente, proxima a esta antiquissima povoação.

> O primeiro nome da velha *Vimaranes*, vem escripto de diversos modos, pelos escriptores antigos. Uns lhe chamam *Araduza*, outros *Araduça*, outros *Arzúa*.

Tem Guimarães a honra de ser a côrte do conde D. Henrique, de sua mulher, a rainha D. Thereza, e de seu filho, D. Affonso I, e o berço da monarchia portugueza.

Tem uma notavel collegiada, com bella egreja gothica.

A condessa *Mumadona*[1] tia de D. Ramiro II, rei de Leão (vide Ancora, rio) e viuva de Hermenegildo Gonçalves Mendes, conde de Tuy e do Porto e governador da provincia de Entre Douro e Minho, que residiu e morreu aqui; fundou um mosteiro, para n'elle se recolher na sua viuvez, pelos annos 929. Dedicou a egreja a Nossa Senhora da Oliveira e ao Salvador do mundo, e n'ella deu o conde D. Henrique (pae de D. Affonso Henriques) principio á collegiada, com o nome de *capella real*, deixando desde então de ser mosteiro. Seu filho a concluiu em 1172.

N'ella poz clerigos e lhes deu por prior D. Pedro Amarello, isto pelos annos 1109; mas o templo que hoje existe (de Nossa Senhora da Oliveira) foi fundado por D. João I, pelos annos 1396, e dedicado á Virgem, em memoria da célebre victoria de Aljubarrota (14 de agosto de 1385) como se vê da inscripção posta por baixo das armas de Portugal, e que está á entrada da porta principal, entre dois anjos; tendo por timbre um seraphim, que sustenta a corôa real. A egreja é de tres naves e de nobre architectura gothica.

A imagem da Senhora é antiquissima, e, segundo a tradição, trouxe-a o apostolo S. Thiago para a Lusitania.

D. João I fez demolir o templo de Mumadona, que estava muito arruinado, para o reconstruir com a actual magnificencia.

D. Affonso I e seus successores, e, sobre tudo, D. João I, concederam a esta egreja muitas honras e bens, e lhe alcançaram dos papas grandes privilegios, com o que vejo a ser uma das mais ricas e insignes collegiadas do reino.

A condessa Muma Dona (ou Mumadona) teve de seu marido quatro filhos e duas filhas. O conde, á hora da morte determinou que sua mulher podesse gastar a quinta parte da sua fazenda, com pobres, peregrinos, viuvas, orphãos e construcção e reparo de egrejas e mosteiros.

Feitas as partilhas, tocou Guimarães, entre os rios *Cêlho* e *Celhinho*, junto ao monte *Latito*, a sua filha D. Urraca. Sua mãe trocou com ella, dando-lhe em outra parte, e aqui fundou o convento de monges e monjas, benedictinos.

Em 1028, o abbade D. Pedro fez outra doação ao mosteiro *dobrado*. D. Hermenegildo Mendes lhe doou, em 1046, a villa de *Calvos*, com a egreja de S. Cypriano, para frades e freiras.

Os primeiros monges d'aqui, vieram do mosteiro de Telões.

A doação da condessa ao mosteiro foi — os logares dos *Fornos*, *Lavrosa*, *Santa Olaia* — as quintas de *Silvares*, de *Adaúfe*, *Alcorobim* (junto ao Vouga) — terras e marinhas em Aveiro — pomares e devezas no *Tamega*, *S. Fins*, em *Gestaçô* — *S. Mamede*, em *Gestaçô* — *Ferreira* e *Monte Córdova*, com mais 13 logares em varias partes do reino — as egrejas de *S. João* e do *Salvador*, em *Felgueiras* — em *Ponte Vedra*, na *Galliza*; e terras nos rios *Minho* e *Lima*.

Tambem lhe deu alguns calices, 5 cruzes douradas e com pedras, 3 corôas de 70 soldos, 12 capas, frontaes, thuribulos, castiçaes, alampadas, 4 sinos, vasos, livros para o côro, e para a livraria.

Deu mais para a hospedaria muitas camas e roupas; muito gado para o serviço do mosteiro, 30 cavallos, 50 muares e 70 eguas.

Impoz aos monges e monjas a regra de S. Bento, com as constituições de S. Fructuoso e Santo Izidoro.

D. Gonçalo Mendes, filho da condessa D. Flamula e D. Mendo, sobrinho de S. Rosendo, ambos fizeram boas doações ao mosteiro.

—

Segundo alguns escriptores, Guimarães teve varios nomes. (Mas não a Guimarães do sitio actual e sim a primitiva.)

Dizem que, quando os gallos-celtas a edificaram, lhe deram a denominação de *Ara-*

[1] Parece-me que o nome d'esta senhora era *Muma* — e assim vem escripto em alguns auctores — o povo se havia de dizer *Dona Muma*, dizia *Muma Dona*, e d'aqui vem o engano, de modo que alguns chronistas, menos reflectidos, escrevem *D. Mumadona*.

duça, que quer dizer em celtico, (segundo elles) *Cidade das letras*.

Que esta povoação chegou a ser uma grande cidade e foi crismada em *Leobriga* (este nome é que me parece verdadeiramente celtico).

Que pelo decurso do tempo, se veio a chamar *Columbina*; e finalmente, *Vimarano* ou *Vimaranes*. (*Vimarano* é nome proprio de homem, e *Vimaranes* é nome patronimico —significa filho ou descendente de Vimarano).

Adiante trato da moderna Guimarães.

—

Consta que foi no anno 954 que a antiquissima cidade, que se chamára primittivamente *Araduça*, se mudou de todo para o sitio onde está a actual Guimarães.

Ainda a povoação não era formada senão de pequenas casas e cabanas, quando *Al-Coraxi*, rei mouro de Sevilha, cahiu uma noite sobre os desprevenidos burguezes, e saqueiou e destruiu a povoação, em 967.

Reinava D. Ramiro III (que tinha apenas 5 annos) em Leão, e os mouros só retiraram em razão de uma grande peste, que então se desenvolveu n'esta parte da Peninsula.

Tratou o povo de reconstruir as suas habitações; mas, ainda ellas não estavam concluidas, quando o feroz *Almançor*, rei de Cordova, repetiu as mesmas crueldades de *Al-Coraxi* (998).

Retirado *Almançor* com os roubos que fez em Portugal, invadiu a Galliza; mas alli o esperava o intrepido conde D. Forjaz Vermuiz, que reunido com o conde D. Garcia Fernandes e D. Bermudo, rei de Navarra, no sitio de *Alcantanaçôr*, junto a Osma, deram sobre os mouros e os desbarataram, tomando-lhes tudo quanto em Portugal e na Galliza tinham roubado.

Foi provavelmente depois de 998, que se concluiu sobre o alcantilado monte *Latito*, o forte castello, com altas muralhas e macissas torres, cercado de profundos fossos, e com todas as obras de defeza n'aquelles tempos usadas.

A cidade é cercada de muralhas e tinha sete torres (parte d'ellas foram arrazadas em 1848, por ordem da camara, para, com os seus materiaes, se concertarem as calçadas das ruas!)

A velha torre e castello d'esta cidade foram feitos pela condessa *Mumadona*, pelos annos de 957, dando-lhe o titulo de *castello de S. Mamede*, para defeza do mosteiro *dobrado*, (de frades e freiras) que fica na baixa da collina.

É mais provavel que a condessa não terminasse as obras de defeza, pois não consta que ellas estivessem em estado de resistencia na occasião das duas invasões dos mouros, em 967 e 998, como atraz fica dito.

(A condessa vivia na sua quinta de *Vimaranes*, da qual a maior parte dos escriptores derivam o nome da cidade, e é certo.)

O monte *Latito* onde está a torre, é no mais alto da cidade. É dividido em dois cabeços (*Monte de Santa Maria* e *Monte-Largo*.)

A torre tem uma só porta, e á sua esquerda está uma inscripção, composta de certos caracteres, que uns traduzem «*Via Maris*», (d'onde tambem derivam Guimarães) outros leem «*Via militaris*» (e dizem que é em memoria da *via militar romana* que de Braga ia para Amarante e a Traz-osMontes,—(que julgo não existir nunca: pelo menos, não vem mencionada no *Itinerario* de Antonino).

A torre é quadrangular, e do seu cume se descobre para muito longe, em todos os sentidos, vendo-se uma vasta porção de mar.

A torre é cercada de altas muralhas, com seus cubellos, e dentro d'ellas estão os venerandos restos dos *paços* do conde D. Henrique.

Foi a 4 de dezembro de 968 (930) que a condessa doou este castello ao mosteiro.

Foi n'este castello que D. Henrique de Borgonha e sua mulher D. Thereza assentaram a sua côrte, e aqui nasceu, a 25 de julho de 1109 seu filho D. Affonso Henriques.

—

Attribue-se a fundação d'esta cidade aos gallos-celtas, 296 annos antes de Jesus Christo, (outros dizem 500) o que é muito duvidoso.

Outros, ainda não contentes com esta antiguidade. dizem que foi fundada pelos gre-

gos, 1300 annos antes de Jesus Christo. Já se sabe, isto refere-se á velha *Vimaranes*.

É porém certo que no tempo dos romanos havia proximo, uma cidade, ou grande povoação chamada *Araduza*, mas *Mumadona* achou isto deserto, e a ella é que deve considerar-se como verdadeira fundadora de Guimarães; pois que *Araduza* era no sitio onde ainda se vêem alguns vestigios de povoação, que depois se chamou *Vimaranes*, e da qual esta cidade incontestavelmente herdou o nome.

Feito o mosteiro e castello, e mudando para aqui a condessa a sua residencia, se foram construindo ao abrigo do castello, e em torno do convento, varias casas de habitação, de pessoas dependentes d'elle, e pouco a pouco se mudaram para este sitio os moradores da antiga villa de *Vimaranes*, que se foi arruinando e despovoando completamente.

Vimaranes estava quasi destruida pelas guerras da edade media, e principiava apenas a repovoar-se quando a condessa fez o mosteiro e o castello.

—

Seus arrabaldes são muito aprasiveis, e ha por elles varias e boas quintas.

Suas ruas não são muito largas, mas são bem calçadas e ornadas de bons edificios. São em geral, mais bem alinhadas do que a maior parte das povoações antigas do reino.

Na egreja de Nossa Senhora da Oliveira ainda existe a pia de pedra em que foi baptisado o nosso primeiro rei, por S. Giraldo, arcebispo de Braga, em agosto de 1109.

Em 1664 mandou o prior, D. Diogo Lobo da Silveira, abrir um nicho dentro da egreja, do lado da epistola, para guardar esta pia monumental. Veio da egreja de S. Miguel do Castello (onde o infante foi baptisado) em 1664.

Guimarães foi sempre muito considerada dos nossos reis, que lhe concederam grandes privilegios, honras e isenções.

Já antes d'isso D. Ordonho III, de Leão, em 953; D. Affonso IV, em 1010; e D. Fernando Magno, em 1050; deram grandes privilegios á nova villa de *Vimaranes*.

Tenho em meu poder uma *provisão* e um *alvará* (authenticos) de D. Pedro II, passados em favor do cabido e seus caseiros, servidores e familiares da collegiada de Santa Maria da Oliveira, de Guimarães.

A *provisão* é datada de 5 de dezembro de 1699, e sustenta todos os privilegios e isenções conferidas pelas *Tabolas-Vermelhas* a esta collegiada.

O *alvará* é de 4 de março de 1707. Confirma a provisão e todos os privilegios antecedentes e dá as razões porque elles foram concedidos. Tenho pena de não poder (pela sua extensão) transcrever aqui estes dois documentos, que são curiosissimos.

D. Diniz e D. Affonso IV guarneceram a cidade de muralhas e D. João I lhe fez as sete torres.

Tambem foi D. João I depois de fundar a nova egreja de Nossa Senhora da Oliveira, lhe fez riquissimas doações; entre ellas o magnifico altar de prata, que tomou a D. João I de Castella, em Aljubarrota, o qual ainda existe na sachristia, assim como o *pelote* que o rei portuguez trazia vestido no dia d'essa gloriosa batalha: deu-lhe tambem riquissimas alfaias e paramentos.

D. João III, deu a Nossa Senhora da Oliveira uma corôa de oiro e diamantes, de subido valor. D. Affonso IV lhe deu uma cruz de prata, de bello lavor.

—

Esta egreja foi Sé, e é hoje collegiada, com 28 conegos e um *D. prior*.

As arcarias do templo eram magestosas, e as tres naves estavam em harmonia com tudo o mais; mas uns *illustrados* conegos entenderam ser melhor caiar tudo de gesso, e cobrir de paus doirados e outros ridiculos arrebiques, e assim o fizeram, tirando a este venerando monumento toda a sua originaria poesia e magestade.

É de grande valor, tanto pela fórma como pela materia, o riquissimo thesouro de objectos de ouro, prata e brilhantes que ha n'esta collegiada.

—

São n'este concelho as celebres caldas de Visella, e no rio Visella ha boas fabricas de optimo papel.

Junto a esta cidade (em S. Mamede) ganhou D. Affonso Henriques uma batalha, em 1128, contra o *conde de Trastamara*, D. Fernando Peres de Trava, que com os seus vassallos e alguns portuguezes do partido da rainha D. Thereza, mãe d'aquelle principe, lhe disputavam a soberania de Portugal.

Escriptores mui veridicos sustentam, com bons fundamentos, que D. Thereza era uma senhora virtuosissima, completamente desambiciosa, e não disputando um só momento o governo a seu filho. É certissimo que mesmo antes da maioridade do principe, sua mãe o associava ao governo, como o provam muitas doações e outros actos publicos d'aquelle tempo, assignados por ambos. Estes taes sustentam que o conde gallego fazia a guerra por sua conta, ou por odem do seu rei.

Dizem que D. Thereza, depois da acção, foi presa para o castello de *Lanhoso*.

Este facto é contestado por alguns escriptores de boa nota; mas outros o julgam verdadeiro, pois foi o principal fundamento para que os papas recusassem a *canonisação* de D. Affonso I, como desejaram alguns dos seus descendentes, que fizeram muitas, mas baldadas diligencias para isso.

É certo que D. Thereza esteve então uns poucos de mezes no castello de Lanhoso, mas não ha uma unica prova incontestavel de que ella estivesse presa, e ha muitas de que estava no uso pleno dos seus direitos de soberana, pois de Lanhoso datou muitas doações, foraes, coutamentos e outros actos publicos, que *todos* seu filho confirmou; o que se tem visto e continuará a ver em muitas partes d'esta obra.

Talvez que a recusa dos papas fosse só por fazer a vontade aos castelhanos, que odiavam D. Affonso I, pelas derrotas que lhes causou.

Uns escriptores dão D. Thereza como amante do conde de Trastamara, outros, como mulher, e outros finalmente (e com provas attendiveis) dizem que elle não foi uma nem outra coisa; e que a guerra que fez a Portugal, em que sempre foi infeliz, era por odio a D. Thereza, por ella ter recusado a sua mão, como elle *ardentemente* ambicionava.

(Não me parece todavia que a rainha estivesse, em 1128, na edade de inspirar um amor *ardente*, pois já tinha então os seus 55 annos. O conde era um poderoso senhor na Galliza, e talvez quizesse d'ella e de Portugal formar um reino para si; ambição que bons escriptores lhe attribuem.)

—

Não se póde hoje dizer com certeza quaes foram os motivos que levaram D. Affonso VII, de Leão (sobrinho de D. Thereza) a mover guerra a seu primo D. Affonso Henriques. Uns dizem que foi para despicar o seu poderosissimo *vassallo*, conde de Trastamara, outros que foi para obrigar o principe portuguez a reconhecer-se seu feudatario, e outros finalmente, dizem que elle veio a Portugal para livrar, pelas armas, sua tia, do supposto captiveiro; o que é certo é que elle invadiu este reino com um exercito, em *som de guerra*, em 1129.

D. Affonso Henriques juntou á pressa a gente que pôde e lhe foi sahir ao encontro na veiga de *Val de Vez*, ou da *Matança*, desbaratando-o completamente. O rei leonez fuigu para a Galliza, mas reunindo um poderoso exercito, tornou no mesmo anno a Portugal e veio pôr cerco a Guimarães.

Se dermos credito a varios historiadores, á tradição, e á grosseira esculptura do tumulo de D. Egas Moniz, em Paço de Sousa, este glorioso varão, aio e o maior amigo de D. Affonso Henriques, sahiu de Guimarães,

como parlamentario (outros dizem que foi a occultas de D. Affonso Henriques) e foi prometter a Affonso VII, que seu pupillo compareceria nas côrtes de Toledo. O rei levanta o cerco e regressa a Leão; mas D. Affonso Henriques não esteve pelo que tratou o seu aio, pelo que este, com sua mulher e filhos (pois dizem que por si, por ella e por elles, se tinha obrigado ao cumprimento da sua palavra) se apresenta ao rei leonez «*offerecendo a doce vida, em troca da palavra mal cumprida*»—e o rei, vendo tanta magnanimidade, lhe perdoôu.

Este facto, que tem dado assumpto a tanta coisa bonita em prosa e verso, é tão duvidoso como a recusa de D. Thereza a entregar o governo a seu filho; como a sua prisão no castello de Lanhoso, e como os seus amores ou o seu casamento com o conde gallego. Bons escriptores negam a hida de D. Egas Moniz a Toledo (*vestido de sacco, e de corda ao pescoço*), e o nosso sabio chronista, Duarte Nunes de Leão, diz que o caso aconteceu, mas que foi com *Pero Ansures*, aio de D. Urraca de Castella, irman de D. Thereza.

Qualquer que fosse o motivo, o que é certo é que D. Affonso VII levantou o cerco e se foi embora.

—

Guimarães foi elevada a cathegoria de cidade, por decreto de 22 de junho de 1853. Tinha voto em côrtes, com assento no banco 3.º

—

Sobre a etymologia do seu nome ha tantas opiniões, que por fim de contas ninguem sabe qual é a verdadeira. Ahi vão as principaes.

1.ª—que provem do nome da villa e residencia da condessa *mumadona*, senhora d'este territorio, que se chamava *Vimaranes*, e é verdade.

Note-se que o mosteiro foi fundado em uma quinta da condessa, que se chamava *Quinta de Vimaranes*, por ser proximo á villa velha d'este nome.

2.ª—que vem de *Via-Maris*, legenda que está á porta do castello, segundo a traducção de alguns.

Outros dizem que esta inscripção estava gravada em uma pedra da muralha de uma antiga torre que existiu sobre o monte Latito, proximo á cidade.

3.ª—que é corrupção de *Via-Militaris*, que é uma outra traducção da mesma legenda.

4.ª—que o chefe celta (gallo-celta) que presidiu á sua fundação se chamava *Vimarano*, e lhe deu o nome de *Vimaranes*, que significa, filha ou procedente de *Vimarano*.

(Pretendem outros que Vimarano se chamava um conde, governador de Entre Douro e Minho, que aqui residia e lhe poz o seu nome.)

5.ª e ultima—que tendo-a reedificado *Wimarano*, irmão do rei godo *D. Fruela*, no seculo 8.º, lhe poz o seu nome.

É certo que o nome lhe provem da antiga villa de *Vimaranes*, e, o que é mais rasoavel é vir de *Via Maris*, nome que os romanos lhe pozessem por passar por aqui alguma estrada que levasse a Braga e de lá ao Oceano.

Antonino Pio não menciona esta *via* no seu *Itinerario*; mas isso não prova que ella não existisse. Elle só mencionava as *vias militares* e poucas mais. É porém mais que provavel que de Traz-os-Montes viesse uma estrada pelo Marão a Amarante, Guimarães e Braga, para d'aqui cortar por duas partes em direcção ao mar, uma por Ponte de Lima a Vianna, outra por Barcellos a Fão.

—

Diz-se de Guimarães (e é verdade) que tem—*Sé, sem bispo; ponte, sem rio; palacio, sem rei e relação sem desembargadores.*

—

Quando D. Ioão I se propoz atacar os piratas nos seus proprios covis africanos, todas as terras notaveis de Portugal (e principalmente as que estavam proximas da costa, e, por consequencia, mais sujeitas á rapina e captiveiro dos mouros) concorreram

com gente, dinheiro, navios e munições para uma empresa de geral utilidade.

Tomada a cidade e praça de Ceuta (no Estreito de Gibraltar) no glorioso dia 21 de agosto de 1415, o rei repartiu os pontos da praça pelos moradores das cidades e villas de Portugal que o haviam acompanhado á Africa.

Os mouros, desesperados por perderem esta cidade, vieram em grande numero para a resgatar. Atacaram tão bravamente e com tamanho alarido (como é costume dos arabes) o ponto defendido pela gente de Barcellos, que esta, aterrada, fugiu, abandonando o posto. Junto a elle era o dos vimaranenses, que vendo aquelle acto de cobardia, dividiram a sua gente em duas secções, defendendo os dois postos com tanta galhardia e bravura, que os mouros foram furiosamente repellidos, com grande perda.

D. João I mandou que d'alli em diante (em premio do valor d'estes e castigo da cobardia de outros) fossem os dos Barcellos todos os annos varrer as praças e açougues de Guimarães.

Por mais de 70 annos hiam os vereadores de Barcellos, nove vezes no anno (que tantas eram as festas da camara) varrer as ruas, praças e açougues de Guimarães.

Vendo o duque de Bragança, D. Jayme, que não havia quem quizesse ser vereador na sua villa de Barcellos, por causa d'este acto de humiliação, contratou, em 1488, com a camara e povo de Guimarães, de lhes ceder as freguezias da Cunha e Ruilhe, do termo de Barcellos, e de que elle era senhor, para continuarem aquella obrigação, o que os de Guimarães acceitaram, e continuou esta comedia até 1580, anno em que terminou. (Vide Barcellos, onde isto vem mais circumstanciado.)

—

O primeiro foral que teve Guimarães, lhe foi dado pelo conde D. Henrique, com grandes privilegios. Não tem data; mas é do fim do seculo XI. D. Affonso Henriques lhe deu outro foral, com todos os privilegios do primeiro, e ainda outros mais, a 27 de abril de 1128, que foi confirmado por seu neto, D. Affonso II, sem data. D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, no dia 20 de novembro de 1517.

O foral do conde D. Henrique ainda lhe dá o nome de *Vimaranes*.

D. Diniz tambem lhe deu carta de confirmação dos seus antigos foraes e concedeu novos, em 1324. Segundo Viterbo, D. Affonso I ainda deu outro foral a Guimarães, em 1158.

D. Affonso Henriques, alargando o seu reino pelas gloriosas conquistas que fez aos mouros, na Beira, Extremadura e Alemtejo, não podia continuar com a sua côrte em Guimarães, que lhe ficava quasi na extremidade septentrional dos seus estados; por isso a mudou para Coimbra, que era (e ainda é) no centro de Portugal. Isto fez decahir muito a villa de Guimarães, que deve o não cahir em total decadencia á prodigiosa affluencia de peregrinos e romeiros que de remotas terras vinham em romaria a Nossa Senhora da Oliveira, que era a mais venerada d'aquelles tempos, e á qual attribuiam numerosissimos milagres.

Esta circumstancia attrahiu para Guimarães muito povo, varias familias nobres e algumas ordens religiosas.

Deve tambem Guimarães grande parte da sua prosperidade, á industria de seus habitantes. A separação e autonomia do Brasil deu um golpe profundo na felicidade e bem estar d'estes povos, pois era para alli que exportavam em grande escala, a maior parte das suas manufacturas.

Tambem nas discordias entre D. Diniz e seu filho D. Affonso (depois IV) e na guerra do fim do seculo XIV, entre D. João I de Portugal e D. João I de Castella, foi por vezes Guimarães cercada e combatida, o que lhe causou graves damnos.

As pestes que flagellaram Portugal no seculo XVI, disimaram-lhe grande parte da sua população.

—

O brasão das suas armas, é—em campo de prata, a imagem da Virgem, tendo nos braços o Menino Jesus, que empunha, na mão esquerda, um ramo de oliveira.

—

Em frente da egreja collegial, ergueu-se

um curioso monumento, obra do reinado de D. Affonso IV. É um cruzeiro de pedra, com varias imagens e ornatos de alto e baixo relevo e collocado no centro de 4 arcos gothicos, que sustentam a abobada que o cobre, tudo de pedra.

Proximo se vê uma oliveira cercada de grades de ferro, que recorda o milagre de Nossa Senhora, e que consistiu, segundo a lenda, em que uma oliveira que para aquí se transplantara em tempos remotos, seccando logo depois, reverdeceu apenas por ella passou a dita imagem da Virgem.

—

A egreja de S. Miguel do Castello era a matriz da villa velha. Está edificada perto do castello, e é um pequeno templo, de mesquinha architectura, que denota muito grande antiguidade. Foi n'elle que foi baptisado D. Affonso Henriques.

Actualmente (1874) varias senhoras e cavalheiros de Guimarães tratam de restaurar, por subscripção, este monumento historico.

—

A egreja de S. Thiago, reconstruida em tempos modernos, dizem que foi em tempos remotos um templo gentilico, dedicado a Ceres, o que se prova por uma inscripção romana que aqui se achou quando se reedificou a ogreja.

Em Guimarães ha outros muitos templos, capellas e conventos, sendo os mais importantes—a egreja da Misericordia, fundada em 1585; a egreja de Nossa Senhora da Consolação, templo moderno, de boa architectura, em sitio aprasivel, cercado de arvores, em um extremo da cidade; a egreja de S. Damazo, edificada em 1641, em memoria d'este pontifice, d'aqui natural; convento de frades dominicos, fundado em 1271, por frei Alvaro, prior de S. Domingos, do Porto, frei Estevão e outros. Adiante tratarei mais circumstanciadamente d'este convento, e por que se mudou para o sitio actual.

Darei tambem mais algumas particularidades que pude obter, com respeito aos outros conventos. Este convento é da invocação de Nossa Senhora das Neves.—Convento de frades franciscanos, fundado em 1290—convento de Santo Antonio, de frades capuchos, fundado em 1644. As egrejas de todos estes conventos ainda estão em bom estado e se conserva n'ellas o culto divino—convento de freiras de Santa Clara (franciscanas) fundado em 1561—convento de Santa Rosa, fundado em 1680—convento de freiras capuchas, fundado em 1681—convento de Santa Thereza de Jesus (carmelitas calçadas) fundado em 1685. Foi supprimido em 1850. Foi depois hospital de caçadores n.º 7, e é agora o asylo da infancia desvalida, de Santa Estefania.

Ha aqui 4 hospitaes—*Misericordia, Santo Antonio dos Capuchos, Terceiros de S. Francisco* e *Terceiros de S. Domingos*. Os dois ultimos são dos bons que ha no reino.

—

A cidade tem varias praças e terreiros, a melhor é a do Toural. Tem nas suas extremidades um esbelto chafariz, feito em 1588, e um bonito cruzeiro, feito em 1650. A praça da Oliveira é a mais notavel por ser aqui a egreja collegial (a que chamam *Sé!*) o cruseiro de que já fiz menção e a célebre oliveira.

Tambem nesta praça está a casa da camara, feita sobre arcarias de pedra e obra de D. Manuel, cujas armas estão na frente do edificio.

Tem um bom theatro moderno, denominado de D. Affonso Henriques.

Ainda existem de pé varias torres das que fez D. João I; e alguns lanços da muralha, feitos por D. Diniz e por seu filho, D. Affonso IV. Tambem existe o vasto palacio dos duques de Bragança, principiado no seculo XV por D. Affonso 1.º duque de Bragança (filho bastardo de D. João I e neto do Barbadão.) Aqui residiram por vezes principes e princezas d'esta familia. Hoje está parte em ruinas e parte servindo de quartel militar.

Ainda aqui se admiram duas grandes e formosas janellas gothicas, que pertenciam á capella.

As mais bellas torres que D. João I mandou construir para defeza das portas de Guimarães, foram arrasadas até aos fundamentos pelos vandalos modernos.

Esta cidade tem muitas fontes de optima aguá que á abastessem. Tem um mercado semanal (ao sabbado) dos melhores, senão o melhor de todo o reino. A elle concorre grande numero de gente de muitas leguas em redor, e aqui se vendem gados, aves, cereaes, fructas, hortaliças, louças, tecidos (de lan, seda, linho e algodão) ferragens, etc.

Feira no primeiro d'agosto.

O jardim dos Terceiros de S. Domingos é bonito. O Campo da Feira serve de passeio publico. Está em uma situação pittoresca á sahida da cidade, junto ao ribeiro Célho, aqui atravessado por uma formosa ponte, guarnecida de estatuas, assentos e arvores. (A ponte é mal empregada em semelhante ribeiro, e é por isso que se diz — «*ponte sem rio.*»

São mui formosos os arrabaldes de Guimarães (poucas povoações portuguezas os teem tão lindos.)

São notaveis os palacios e jardins dos senhores condes da Arrochella e de Villa Pouca. Faz uma linda vista o castello de Mumadona, vestido d'heras e cercado d'arvores.

O mosteiro da Costa (que foi de monges de S. Jeronimo) é rico de memorias da rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso I, e de D. Antonio, prior do Crato.

Está magestosamente sentado a meia encosta de um monte todo coberto de arvoredos, entre os quaes avulta o carvalho colossal de que adiante tracto.

Proximo e pela parte de cima d'este convento houve antigamente uma especie de universidade, com lentes de humanidades, philosophia e theologia.

Aqui estudou o infante D. Duarte, filho de D. João III, e D. Antonio (prior do Crato) filho do infante D. Luiz. Ainda se dá hoje o nome de *Fonte de D. Duarte* a uma que alli ha, onde este infante costumava hir passear. O edificio do mosteiro e a cêrca, foram vendidos em 1835, e são hoje propriedade particular.

A egreja conserva ainda o culto, e em dia de Santa Marinha (que é o seu orago) se faz aqui uma grande festa, concorridissima de gente da cidade e de varias freguezias limitrophes e remotas.

O termo de Guimarães é abundante de bôas aguas e fertilissimo.

Produz cereaes, legumes, vinho, linho, azeite, etc, e tem optimas pastagens onde se cria muito gado de varias especies, que se exporta em grande quantidade.

A maior parte dos moradores d'esta cidade são serralheiros, ferreiros, cuteleiros, tecelões e surradores. A maior parte d'estes artistas são muito trabalhadores e muito esmerados nos productos da sua industria: sobre tudo, os seus artefactos de linho e de ferro, teem justa e bem merecida fama em todo o reino e no Brazil.

—

Tambem aqui se faz e exporta varia qualidade de doce, sobre tudo de fruta, e ha annos em que só d'este genero se exportam 8 contos de réis.

Aqui nasceu, no principio do seculo XVI, João Gonçalves, cognominado o Engenhoso, que assombrou os maiores mathematicos do seu tempo, com as machinas e artefactos que inventou, sem ter cultivado as sciencias. Ha uma moeda d'ouro, de 500 réis, chamada Engenhoso, por ter sido lavrada por João Gonçalves, com raro primor, em 1562.

—

Aqui celebrou cortes o conde D. Henrique em 1093 (quando tomou posse de Portugal) para estabelecer novas leis. D. Affonso III, em 1256; e D. Diniz, em 1324 (pouco antes da sua morte.)

Por essa occasião lhe fez carta de confirmação dos seus antigos privilegios, concedendo-lhe novos.

—

O rei de Leão não quer reconhecer a total independencia de Portugal, pelo que D. Affonso I lhe declara guerra e obriga a fazer a paz, em 1140. Neste anno poz o rei leonez cêrco a Guimarães, e como não podesse tomar a villa, vingou se em saquear e incendear os seus arrabaldes. Foi porisso que D. Affonso I, no foral que, segundo Viterbo, deu em 1158 a Guimarães, se lembra expressamente dos seus burgeis, (moradores dos arrabaldes) dizendo que as herdades d'elles «*qui mecum sustinuerunt, et male pe-*

nam in Vimarens, numquam dent fossadejras.»

—

Vou cumprir a promessa que fiz, sobre factos historicos relativos a alguns conventos de Guimarães.

Convento de frades dominicos (Ordem dos prégadores.)

Em 12 de dezembro de 1270 (em uma sexta feira) o povo da villa, que com fr. Alvaro, prior do convento de S. Domingos, do Porto, fr. Estevão e outros frades da mesma ordem, se tinha congregado na egreja de S. Thiago, *deram licença aos ditos frades para a fundação do convento; dando muitos particulares logo para isso, dinheiro, campos, casas, e quintas.*

Principiou logo a obra, no sitio onde é a *Porta da Villa*, que vae para S. Domingos.

Este convento foi derribado depois, porque nas contendas entre D. Diniz e seu filho D. Affonso (depois IV) estando a villa pelo rei, de cima do mosteiro faziam os do infante grande damno aos da villa.

No reinado de D. Affonso IV (pelos annos de 1350) se tornou a edificar este convento no sitio onde hoje está.

Aqui foi conventual S. Gonçalo de Amarante, quando o convento ainda era no primeiro sitio.

Frades franciscanos

Em tempo de D. Affonso II, veio residir a Guimarães fr. Gualter e um companheiro (franciscanos). Assistiam no cimo da serra, onde chamam Villa Verde, em uma pequena e pobre casinha. D'alli foram para a villa, para um hospital que existia junto ao sitio da *Torre Velha.* Foi ao longo da parede d'este hospital que, já no tempo de D. Diniz, D. fr. Tello, arcebispo de Braga, lançou a primeira pedra para o convento (1290) onde fr. Gualter e seu companheiro foram residir.

Este mosteiro foi destruido pela mesma razão e no mesmo tempo do de S. Domingos. No tempo de D. João I (1400) e com licença d'este rei, tornou a edificar-se, sob a condição (quo o rei lhe impoz) de *não ser mais chegado á villa, do que estava o de S. Domingos.*

Fr. Gualter foi canonisado e tem no mesmo convento capella propria, em cujo altar estão as suas reliquias, em um tumulo de fórma pyramidal.

—

O primeiro donatario de Guimarães, foi D. fr. Alvaro Gonçalves Camêllo, por mercê de D. João I, em 1403. Vagando depois para a corôa, foi dado este senhorio, pelo mesmo rei, a D. Fernando I, segundo duque de Bragança, e ao filho primogenito d'este, e do mesmo nome, foi então concedido o titulo de conde de Guimarães.

Tendo casado o infante D. Duarte, filho do rei D. Manuel, com D. Isabel, filha de D. Jaime, 4.º duque de Bragança, que lhe trouxe em dote o senhorio e palacio de Guimarães, intitulou-se aquelle principe, duque de Guimarães, em cujo titulo e senhorio succedeu seu filho D. Duarte; por morte do qual foi outra vez para a corôa.

—

Em 1569, houve no reino o flagello a que se deu o nome de *grande peste.* Tinha então Guimarães umas 4:000 pessoas, das quaes metade morreram da epidemia.

—

Na cêrca do convento da *Costa*, é tradição que a rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso I, plantou dois carvalhos. É certo que alli existe um frondoso carvalho, com 700 annos de edade, que mede 7^{m},50 de circumferencia no tronco. É uma das maiores res arvores de Portugal.

Tinha um irmão da sua edade (o outro que a rainha plantou) e tão robusto e gigantesco como elle, que seccou em 1834.

—

Em a noite de 3 para 4 de junho de 1869, houve um pavoroso incendio no largo do *Toural*, ardendo quasi todo um dos quarteirões.

Mais de 60 pessoas ficaram mortas ou feridas! Os prejuizos foram enormes.

O povo, ao principio, temendo alguma explosão, esteve alguns minutos aterrado e inactivo, mas depois todos concorreram para que o fogo se extinguisse.

Os vimaranenses deram, n'esta triste conjunctura, nobilissimos exemplos de coragem, generosidade, caridade e abnegação. Muitos dos que acudiram, foram feridos, e um dos que mais se distinguiu pela sua bravura, entre tantos bravos, morreu no dia seguinte, em resultado dos ferimentos que recebeu na extincção do incendio.

Por muitos annos será este dia lembrado com horror em Guimarães.

—

Pretendem alguns, que o immortal doutor João Pinto Ribeiro, o heroe de 1640, nasceu em Guimarães, o que é duvidoso. Amarante, Lamego, Lisboa, Paiva e Arnoia lhe disputam esta honra. (Parece-me mais provavel que elle fosse oriundo d'Amarante, mas nascido em Lisboa, segundo a declaração feita por o mesmo Ribeiro, sendo juiz de fóra de Pinhel.)

Vide Lisboa no logar competente, onde vem isto tratado minuciosamente.

—

Nos arrabaldes de Guimarães, nasceu, pelos annos 304, *S. Damaso*, papa (o primeiro d'este nome). *Urciano* lhe disputou a thiara, pelo que houve guerra, na qual interveio o imperador, em favor de S. Damaso, que ficou vencedor. Foi papa 18 annos (desde 367 a 384). Morreu a 11 de dezembro de 384. É padroeiro de Guimarães.

S. Jeronymo, o austero eremita de Bethlem, lhe chamou:—*Vir egregius, et eruditus in scripturas, et virgo ecclesiæ virginis doctor.*—Estas palavras, proferidas por S. Jeronymo, equivalem aos mais dilatados elogios.

Ha quem diga que elle não nasceu aqui, mas na cidade de *Egitania* (hoje Idanha Velha, na Beira Baixa).

Vide Briteiros (Santa Leocadia e Nossa Senhora da Piedade) e Idanha Velha. Parece que S. Damaso nasceu na antiga cidade de *Citania*, que era em territorio hoje d'este concelho. Vide Citania. João de Barros, nas *Antiguidades de Braga*, diz que elle nasceu em Pedralva. Vide Pedralva.

—

Tambem alguns pretendem que aqui nasceu Gil Vicente (o *Plauto portuguez*) pelos annos de 1470; porém Lisboa e Barcellos lhe disputam esta honra. Vide Lisboa, no logar competente.

D. Thereza e D. Henrique

Não cabe nos limites de um diccionario (nem mesmo da natureza d'este) *desenvencilhar* pontos historicos duvidosos ou controvertidos. De mais, tendo tanto de que tratar n'esta obra, e sobre tudo a minha insufficiencia, não me permittem ser extenso, nem decidir *ex cathedra*, questões obscuras e problematicas.

Tenho porém, tanto lido e tanto estudado, e desejo tão ardentemente que a minha obra seja de alguma utilidade á minha patria, que tão cordialmente amo, que me atrevo a tratar (no meu estylo, humilde, comesinho e despretencioso) de varias questões, nos logares que julgo proprios.

Desejando dizer alguma cousa relativa á mãe do nosso primeiro rei (da qual tanto bem e tanto mal se tem dito) e não tendo outro logar senão aqui, onde ella tantos annos viveu, digo o que sobre o caso penso, além do que já disse.

D. Thereza, era a terceira e mais nova filha de D. Affonso VI (o *Grande*) de Leão, Castella, Oviedo, Portugal, Galliza, etc., e se intitulava *imperador das Hespanhas*.

Suppõem alguns que ella era bastarda, *reconhecida;* mas a opinião mais geral e que mais provas apresenta de verdade, é que ella era filha legitima, e das tres a que seu pae mais amava, pelas suas grandes virtudes e raros talentos.

Casou em 1095, com D. Henrique de Borgonha, 3.º filho de D. Henrique, duque de Borgonha e da duqueza Sibyla, filha de Renato, conde de Borgonha, neto de Robberto I, duque de Borgonha, bisneto de Roberto II (o *devoto*) rei de França e 3.º neto de Hugo Capeto, tronco da *dynastia Capeto*, que teve principio em 987.

Suppõe-se que D. Henrique nasceu em 1035. Veio para a Hespanha guerrear os mouros, em 1063, e pelos seus repetidos actos de bravura, pela sua intelligencia e pelas suas virtudes, foi muito estimado de

D. Affonso VI, que em 1093 lhe deu o governo de Portugal, com o titulo de conde (o maior d'aquelles tempos, abaixo do rei) e em 1095 lhe deu em casamento, sua filha D. Thereza, tendo D. Henrique então os seus 60 annos e sua mulher 22.

Sua mulher trouxe em dote Portugal, como então era, e tudo quanto os portuguezes podessem conquistar aos mouros, ao sul, até ao Guadiana.

D. Henrique, como conde soberano de Portugal, justificou a escolha de seu sogro e amigo, alargando o seu herdamento, derrotando os mouros em 17 batalhas e muitos combates; fazendo bôas leis e regimentos; dando foraes a muitas povoações; fundando muitas egrejas, ermidas e conventos e fazendo outras muitas obras de utilidade publica.

Estando a sitiar Astorga, morreu no primeiro de novembro de 1112, com 77 annos d'edade. Á hora da morte, designou para seu jazigo a Sé de Braga. Seu filho, D. Affonso Henriques, o fez logo transportar para a ultima morada que escolhera, e alli jaz.

D. Thereza havia nascido em 1073, tendo portanto 39 annos quando enviuvou.

Seu pae, reunindo as coroas de Castella e Aragão e os reinos de Portugal e Galliza, se intulou imperador das Hespanhas. Sua mãe era D. Ximena Nunes de Gusmão. Teve em dote Portugal, que se compunha então de Coimbra, Braga, Porto, Viseu, Lamego e Feira, com seus territorios, Traz-os-Montes e tudo o mais que ha desde Guimarães até ao castello de Laboreira, para álem de Ponte Vedra, na Galliza, e tudo quanto os portuguezes conquistassem ao Sul do reino, até á margem direita do Guadianna.

Todos os escriptores são concordes em designar esta senhora como um modelo de virtude e uma illustrada e benemerita soberana. (Sempre se intitulou rainha, pois naquelles tempos e ainda nos principios da nossa monarchia, todas as filhas legitimas dos reis assim se denominavam. Isto é tambem uma prova da sua legitimidade.)

Depois de viuva, porem, alguns escriptores dizem que ella foi amante de D. Fernando Peres de Trava, conde de Trastamara, e poderoso senhor gallego; e até alguns sustentam que ella casou com elle clandestinamente, o que é mais que duvidoso.

Fr. Bernardo de Brito, na sua *Chronica de Cister*, sustenta, com sólidos fundamentos, que D. Thereza se portou sempre virtuosamente, tanto em solteira e casada, como depois de viuva; accrescentando que «*estando a rainha em Guimarães, ahi a veio visitar o conde de Trastamara, a dar-lhe os sentimentos pela morte do marido, e propondo-lhe passar a segundas nupcias com elle.*

D. Thereza levou tanto a mal esta proposta, que, com mostras de muito enfado lhe ordenou que em 12 horas se posesse fóra de Guimarães, e em 3 dias, de Portugal.

O conde jurou então, mesmo á vista de D. Thereza, que havia de casar com ella, ou por vontade ou por força. Foi para a Galliza, e juntando um grande exercito, veio pôr cêrco a Guimarães, em 1125.

D. Thereza se defendeu tenazmente com a pouca gente que tinha, em quanto esperava por seu filho, que com a sua gente andava por terras das Asturias, e que mandou logo chamar.

D. Affonso Henriques, assim que isto soube, marchou immediatamente para Portugal, só com a cavallaria, deixando Egas Moniz com a mais gente, para o seguir como podesse.

Chegado o principe a Guimarães, mesmo sem dar descanço á gente e aos cavallos, atacou os gallegos; mas, como estes álem de serem muito superiores em força, estavam descançados, obrigaram a retirar o principe, hindo lhe no encalço: até que encontrando-se os portuguezes com a gente d'Egas Moniz, deram sobre os gallegos, derrotando-os completamente, e fazendo prisioneiro o conde que, D. Affonso trouxe para Guimarães, entregando-o a sua mãe, para lhe dar o castigo que quizesse; mas tudo se terminou em bem, por tratados de paz que alli se fizeram, e com o casamento das duas filhas de D. Thereza (D. Urraca e D. Thereza) casando D. Urraca com o conde D. Bermudo e D. Thereza com D. Fernão Mendes.

D. Thereza (mãe) veio depois d'isto residir em Coimbra, onde viveu até ao anno 1130 (alguns dizem 1129) *em que morreu.*»

Poucos dias antes da sua morte, quiz to-

mar o habito de religiosa de Cister, o que fez.

Falleceu no dia primeiro de novembro de 1130, 18 annos exactos, dia por dia, depois da morte de seu marido, tendo 57 annos de edade.

D. Affonso Henriques, em cumprimento do testamento materno, a fez sepultar na Sé de Braga, junto ao conde D. Henrique, e com o respectivo habito de S. Bernardo.

Vide Braga e Coimbra.

—

Guimarães é patria de Manuel Gonçalves, o Trovador. Consta que foi o primeiro que fez trovas em Portugal.

Jaz no mosteiro de Santa Maria de Pombeiro, ao pé do tumulo de D. João de Mello e Sampaio, antigo cammendatario d'aquelle mosteiro.

—

Aqui nasceu, em 25 de julho de 1109 (30 annos, dia por dia, antes de dar a gloriosa batalha de Campo d'Ourique, em que foi acclamado rei dos portuguezes) o nosso primeiro soberano, D. Affonso Henriques. Era filho do conde D. Henrique de França e de sua mulher, a rainha D. Thereza, filha do imperador das Hespanhas, D. Affonso VI, neto por parte do pae, de D. Henrique, duque de Borgonha e de sua mulher Sybilla de Semier, bisneto do duque Roberto II, o *Devoto*, e de sua mulher Mengrada (ou Ermengarda).

D. Affonso I foi incontestavelmente um dos maiores e melhores reis dos portuguezes. Não só foi o fundador do reino de Portugal, tirando grande parte d'elle das garras dos agarenos; mas promulgou leis; creou instituições uteis; amou o povo; venceu, em muitas batalhas, 36 reis mouros, e a sua vida foi um continuo lidar. Fundou ou reedificou muitas povoações, sendo as principaes, as villas d'Almada, Villa Franca de Xira, Villa Verde, Arruda, Azambuja, etc.

Fundou 150 mosteiros e fez ou reconstruiu varias egrejas.

Coberto de gloria, d'annos e de trabalhos morreu em Coimbra, a 6 de dezembro de 1185, com 76 annos de edade. Jaz na egreja de Santa Cruz de Coimbra.

Aqui nasceu em 29 de setembro de 1749 D. Catharina de Sousa, filha de Francisco da Silva Alcoforado e de D. Maria Viterbo d'Alencastre, da casa dos viscondes da Asseca.

Casou com Luiz Pinto de Sousa Coutinho, feito visconde de Balsemão, em 1801.

Falleceu no Porto, em 4 de janeiro de 1824. Foi poetiza distincta. Sabia com perfeição francez, inglez e italiano, e compôz varias poesias muito mimosas. Cognominavam-a a *Sapho portugueza.*

—

Guimarães é o solar dos Mesquitas,—Mesquita é um appellido nobre em Portugal. Procede de Fernão Vaz Pimentel, que mudou este ultimo appellido em Mesquita (mas alguns de seus descendentes usam d'ambos.)

Provem do seguinte: Na tomada da cidade de Ceuta (Africa) aos mouros, em 1459, por D. Affonso V, Fernão Vaz Pimental, com quatro irmãos seus, atacam furiosamente e tomam á viva força uma mesquita, onde muitos inimigos se tinham refugiado, e se batiam desesperadamente. O rei os mandou desde então usar do appellido de Mesquita, em premio e por memoria d'esta façanha.

Foi seu primeiro filho e herdou a casa de Guimarães, Lopo Martins de Mesquita.

Suas armas são: em campo d'ouro 5 cintos de púrpura (em memoria dos 5 irmãos) com fivellas e passadores de prata e orla azul carregada de 7 flores de liz d'ouro. Elmo d'aço coberto. Timbre, meio mouro, em frente, vestido d'azul, com turbante de prata e uma lança da sua côr com hastea d'ouro e n'ella enfiada uma bandeira de prata.

Outros Mesquitas uniram as suas armas ás dos Pimenteis, e, finalmente, outros fizeram variantes de pouca monta nos seus escudos d'armas.

Tambem é solar dos Rochas, appellido nobre, proveniente de Castella. O doutor Pedro Fernandes da Rocha, veio para Portugal, e se estabeleceu em Guimarães, onde sua filha casou, com João Gonçalves da Ramada, e teve successão. Isto segundo os manuscriptos da casa Palmella; mas Villas-Bôas diz que o tal Pedro veio de França, e não de Castella, e que fez seu solar em Vianna

do Minho; e que já no anno de 1126 se acha Arnaldo da Rocha, companheiro do mestre do Templo, D. Gualdim Paes.

Suas armas são: Em campo de prata, aspa vermelha, firmada e carregada de 5 vieiras, d'ouro, realçadas d'azul, timbre a aspa do escudo, entre trez vieiras, uma em cada extremidade da aspa, e uma outra no meio—outros teem por timbre a aspa com uma só vieira no meio.

—

Na praça do *Toural* está o palacio dos srs. Mellos e Alvim, da casa de Tresmonde, (proximo a Guimarães). N'esta casa houve, desde remota antiguidade, o fôro de nobreza. Modernamente foram d'esta familia Jeronymo Vaz Vieira da Silva e Mello, alcaide-mór de Villa do Conde, e João Antonio Vaz Vieira de Mello e Alvim, mestre de campo dos auxiliares, de Guimarães.

Mello é um appellido nobre em Portugal. Procede de D. Soeiro Raymundo, rico-homem n'este reino, o qual, indo em uma das cruzadas, assaltou e tomou o forte de *Mello*, em Jerusalem, e por isso lhe ficou este appellido.

Regressando a Portugal, povoou o logar denominado *quinta do Mello* (depois villa do Mello) em 1204.

Foi alferes-mór de D. Affonso II.

Teem brazão d'armas completo; é—em campo de púrpura, 6 besantes de prata, entre uma dupla cruz de coticas d'ouro—orla do mesmo, elmo d'aço cerrado, e por timbre, uma aguia negra abesantada, bicada, membrada e armada de prata.

Os *Alvins* teem por armas— escudo esquartelado, 1.º e 4.º xadrez de púrpura e oiro, e no 2.º e 3.º 5 flores de liz, d'ouro, em campo azul.

—

Ha em Guimarães a nobilissima casa do *Tanque*, a que está unida a não menos nobre da *Oliveira*. É dos verdadeiros Vasconcellos.

(Para esta familia e suas armas, vide Castello-Melhor.)

—

A casa dos *Pinheiros* é tambem nobilissima, e é seu representante o sr. João Machado Pinheiro, visconde de Pindella.

—

Cardoso é appellido nobre em Portugal.

O instituidor do morgado dos Cardosos foi Pedro Cardoso do Amaral, contador-mór do reino, a quem foi passada carta de brazão, em 1538, por provar ser descendente legitimo da familia Cardoso, de nobreza esclarecida.

D'esta casa era fidalgo, Pedro Cardoso do Amaral e Menezes, que na India foi o primeiro a levantar o grito da independencia em 1641.

Representa hoje esta casa o sr. João Lobo Machado Cardoso do Amaral e Menezes, filho da sr.ª D. Maria Amalia Cardoso Pinheiro de Menezes, filha do sr. visconde de Pindella.

—

Arrochellas—familia tão nobre como antiga, d'esta cidade. Foi d'ella ultimamente senhor o sr. Nicolau d'Arrochella Vieira de Almeida Sodré.

Sua filha, a srª D. Leonor da Arrochella, é a actual representante d'esta casa.

Almeidas—teem por armas — em campo de púrpura, 3 besantes d'ouro, entre uma dupla cruz e bordadura do mesmo. Timbre — uma aguia de púrpura, besantada de ouro.

Sodrés — teem por armas — em campo asul, uma asna de prata, entre 3 gomis do mesmo metal, descobertos, e com duas asas cada um; sobre a asna 3 estrellas de púrpura. Timbre—a mesma asna.

Vieiras—teem por armas—em campo de purpura, 6 vieiras d'ouro, realçadas de preto, em duas palas; timbre, dous bordões de S. Thiago, de púrpura, em aspa, com uma das vieiras do escudo entre elles, atados com um troçal de prata.

—

Para a casa de *Sesim*, junto a Guimarães, —vide Sezim.

—

Casa dos Torrados e casa do *Costeado*, em Guimarães.

É um vinculo antigo, de que foi barão Antonio de Napoles Vieira de Mello, fidalgo

da casa real, ex-governador civil de Braga.

Foi senhor d'este vinculo, por casar com a senhora D. Anna de Faria, senhora e herdeira d'estas duas casas.

Os srs. dos Torrados eram padroeiros do convento de Santa Clara, de Guimarães.

Já ficam mencionadas as armas dos Mellos e dos Vieiras.

Farias, teem por armas — em campo de púrpura, um castello de prata, com portas e janellas de preto, entre 5 flores de liz, de prata, 3 em chefe e duas em facha. Timbre —a torre do escudo.

—

Casa da Caldeiroa— Está situada na rua *da Caldeirôa*, n'esta cidade.

O sr. João Carlos Pereira Lobato de Azevedo (filho do sr. João Pereira da Arrochella Machado e Couros, e da sr.ª D. Augusta Eduarda de Sousa Lobato, filha do sr. José Joaquim de Sousa Lobato, guarda-roupa e porteiro da camara de D. João VI, e 1.º visconde do Magé) é o actual senhor e representante d'esta familia.

Para a genealogia e e armas dos Pereiras, vide Feira.

Azevedos—teem por armas — escudo esquartelado, no 1.º e 4.º d'oiro, uma aguia, de preto, estendida — no 2.º e 3.º d'azul, 5 estrellas de prata, de 5 pontas, em aspa,— bordadura de púrpura, com 8 aspas d'ouro. Elmo de prata aberto, e por timbre a aguia das armas, com uma estrella d'ellas no peito.

Lobatos—para a genealogia e armas d'esta familia, vide Almeida, no 1.º vol. pag. 147.

Casa de Villa Pouca — morgado antigo d'esta cidade, instituido por Diogo Machado, fidalgo da casa real.

João de Sousa Alcoforado, moço fidalgo da casa real, deixando sua mulher, alguns de seus filhos, morgado e casa de Villa Pouca, obrigado mais do amor de Deus que do mundo, embarcou para a India com seus filhos, Manuel de Sousa da Silva e Francisco de Sousa Alcoforado, onde se distinguiram nas guerras contra os inimigos da patria, até morrerem gloriosamente em seu serviço.

É tambem d'esta familia a celebre poetisa D. Catharina Michaella de Sousa Cesar e Lencastre, dama de 1.ª ordem de S. João de Jerusalem, que casou com o 1.º visconde de Balsemão, Luiz Pinto de Sousa Coutinho.

Rodrigo de Sousa da Silva Alcoforado, do conselho d'el-rei, alcaide-mór, commendador de Christo, tenente general, governador das armas do Porto, foi o 1.º barão de Villa Pouca (d'Aguiar).

Sua filha, D. Maria Antonia, senhora e herdeira da casa de seu pae, casou com Gaspar Teixeira de Magalhães e Lacerda, commendador das ordens de Christo e Torre e Espada, tenente-general, governador das armas de Traz os-Montes, e visconde do Peso da Régua.

Rodrigo Teixeira de Sousa da Silva Alcoforado, filho dos viscondes do Peso da Regua, foi o 2.º barão e 1.º conde de Villa Pouca, par do reino, commendador da Conceição e ex-governador civil de Braga. Foi tambem coronel do regimento de milicias de Guimarães, o corpo d'esta classe mais disciplinado e aceiado de Portugal.

O sr. Rodrigo Teixeira da Silva Alcoforado (filho do antecedente) é moço fidalgo, commendador da Conceição, e é o 3.º barão e 2.º conde de Villa Pouca, e actual senhor e representante d'esta illustre casa.

Alcoforados — teem por armas — campo enxiquetado de prata e asul, de 7 peças em facha. Timbre—uma aguia asul, voante, armada e enxiquetada, da parte direita, de prata.

Lacerda—Para a genealogia e armas d'este appellido, vide *Castro d'Ayre*.

Magalhães—appellido nobre em Portugal, tomado da torre e quinta de *Magalhães*, na provincia do Minho.

O 1.º que com elle se acha é Affonso Rodrigues de Magalhães, no reinado de D. Diniz, por ter casado com D. Sancha de Novaes, senhora d'aquella quinta. Foi grande valido de D. Affonso IV.

Suas armas são:— em campo de prata, 3 faxas, xadrezadas de púrpura, e prata, de 3 peças em pala — elmo aberto. Timbre —

um abutre de prata, armado e bicado de oiro.

Outros do mesmo appellido, trazem—escudo esquartelado—no 1.º e 4.º de prata, um pinheiro verde—no 2.º e 3.º, d'azul, cruz d'oiro floreada, e vasia do campo—elmo d'aço aberto, e por timbre o pinheiro das armas.

Outros usam—em campo de prata 3 bandas escaquetadas de púrpura e prata, de 3 peças em pala.

Outros usam—escudo escaquetado de prata e púrpura, de tres peças em faxa e 3 em pala—elmo d'aço aberto—e por timbre um abutre de prata, bicado e membrado de púrpura.

Silvas—para a sua genealogia e armas, vide Aveiras, S. Thiago de Beduido, Unhão e Villa Nova da Cerveira.

Sousas—para a sua genealogia e armas vide Arronches, Lafões, Miranda e Penafiel.

Teixeiras—appellido nobre em Portugal. Veio de Hespanha.

O 1.º que em Portugal se acha com este appellido, é D. Hermigio Mendes de Teixeira, filho de D. Fafes Luz, alferes-mór do conde D. Henrique e seu rico-homem. Tomou o appellido da villa de Teixeira, em Bayão, onde teve solar.

Trazem os Teixeiras por armas—em campo asul, cruz d'oiro, vasia do campo—elmo de prata cerrado, e por timbre, meio unicornio de prata, armado d'ouro.

A João Teixeira de Macedo (que tem capella na villa de Macedo de Cavalleiros, onde é o seu morgado) foram dadas as referidas armas, por D. Affonso V, em 1472.

Outros Teixeiras usam—escudo faxado e contrafaxado de prata e púrpura, de 4 peças. O mesmo elmo e escudo.

—

Casa da Azenha—Foi fundada pelo intrepido cavalleiro Pedro Alvares de Almada, que, depois de se distinguir valorosamente no Ultramar, foi servir Henrique III, rei de França e Inglaterra, e senhor da Hybernia. Este monarcha, por carta de 2 de março de 1501, dada na sua côrte (Richemond) em recompensa dos seus serviços, não só accrescentou ao seu brazão d'Almada, uma parte determinada das armas de Portugal, metade de uma flor de liz, d'ouro e metade de uma rosa de purpura, em campo dividido de verde e prata; senão o elevou tambem á alta dignidade de cavalleiro da jarreteira.

Dona Gracia Xavier Leite d'Almada, gran-cruz da ordem de Santa Isabel, senhora e herdeira d'esta casa, desposou Martinho Correia de Moraes Madureira, que foi o 1.º visconde da Azenha, commendador de Christo e brigadeiro dos reaes exercitos.

Bernardo d'Almada Correia Leite de Moraes e Castro foi o 2.º visconde e 1.º conde d'Azenha, conde-commendador palatino, e commendador das ordens de Torre Espada, Conceição e Christo.

Representa hoje (1874) esta casa o sr. Ignacio Correia d'Almada, 3.º visconde e 2.º conde da Azenha.

Ficando já n'este artigo descriptas as armas dos Moraes e Madureiras, fallarei só das seguintes:

Almadas—tem por armas, em campo de oiro, uma banda asul, com duas cruzes de oiro, floreadas, vasias do centro, entre duas aguias, de púrpura, estendidas;—mas os Almadas, da casa da Azenha, trazem sobre este escudo outro, partido em pala; a 1.ª de verde, e n'ella meio lyrio de oiro, e a 2.ª de prata, e n'esta, meia flor de purpura.

Correias—trazem por armas, em campo de oiro, correias de púrpura, repassadas (tecidas) umas nas outras, e por timbre—dois braços, em aspa, armados, e atados com uma correia de púrpura, com fivela de oiro.

Os *Correias de Farelães* trazem por armas:—escudo de púrpura, e n'elle uma aguia de negro, estendida, formando-lhe o corpo um escudo, tambem de púrpura, e n'elle, correias de oiro, tecidas. Timbre, a aguia das armas.

Os *Correias*, visconde da Asseca, trazem por armas—escudo esquartelado—no 1.º quartel, campo de púrpura, com as correias tecidas, de oiro,—no 2.º as armas dos Sás,—no 3.º as dos Vellascos e Benevides,—e no 4.º as dos Silvas.

Leites — trazem por armas — em campo verde, 3 flores de liz, d'oiro, em roquete, elmo d'aço, aberto, e por timbre, uma das flores de liz das armas. (Outros trazem por timbre, a cruz dos Pereiras, entre duas flores de liz d'ouro.)

Castros—para as armas dos legitimos vide *Rézende*, e para as dos bastardos, vide *Cascaes*.

—

No meiado do seculo XVI, nasceu em Guimarães o famoso capitão, *Salvador Ribeiro de Sousa.*

Era um dos aventureiros portuguezes, que no principio do seculo XVII, offereciam os seus serviços aos reis dos pequenos estados em que o Indo-China n'aquella epoca se dividia.

Pelos fins do seculo XVI, passou a Arrakan, onde commandava as tropas do rei d'este paiz, que em premio dos serviços do guerreiro portuguez, lhe deu licença para fundar uma feitoria em *Sirião.*

Acompanhava Salvador Ribeiro, um sujeito de Lisboa, chamado Philippe de Brito Nicote, filho de paes francezes, que, atraiçoando o seu companheiro e o rei, marchou para a India, para que o vice-rei tomasse conta da feitoria; o que o rei veio a saber, pelo que ganhou um grande odio não só a Nicote, mas a Ribeiro e a todos os portuguezes, ordenando a expulsão d'elles de todo o seu reino.

Juntou, para isto, um exercito de 40:000 homens, e uma esquadra de 1:200 velas, com que cercou o estabelecimento portuguez. Salvador Ribeiro, com um punhado de soldados, se tinha refugiado na feitoria, mal fortificada, onde se defendeu heroicamente, e, a final, em uma surpreza nocturna, desbaratou o inimigo, obrigando-o a levantar o cêrco.

A fama do valor e façanhas de Ribeiro, chegaram ao Pegú, cujos habitantes vieram a Sirião offerecer-lhe o throno d'aquelle reino.

Ribeiro acceitou, e foi por algum tempo rei do Pegú.

Entretanto, Nicote, tendo allegado em Goa grandes serviços á corôa portugueza, conseguiu ser nomeado capitão geral da conquista do Pegú; apparecendo aqui, entregou-lhe Ribeiro a corôa que os povos lhe haviam offerecido, e se retirou a Portugal.

A vida d'este intrepido guerreiro, deu a I. P. de Moraes Sarmento assumpto para um pequeno romance, em verso, intitulado *O Massinga*, que é a antonomasia por que era conhecido Salvador Ribeiro.

> Nicote se tornou um tyranno execrado em todo o reino do Pegú, pelas suas crueldades. O rei de Ova surprehendeu em 1613, a feitoria, já então tornada fortaleza, que Nicote não soube defender, enervado pelos prazeres e sensualidades orientaes; e sendo a fortaleza entrada pelo inimigo, o rei vencedor o mandou empalar, nas ameias do forte. Seu filho, que tinha casado com a filha do rei de Matarban, foi assassinado por seu sogro; perdendo assim Portugal, pela traição e cobardia de Nicote, esta conquista, com tanta facilidade como a ganhára.

Salvador Ribeiro de Sousa, o *Massinga*, morreu em Alemquer, para onde se tinha retirado, e jaz na casa que foi do capitulo do conventinho de Santa Catharina, proximo a esta villa.

Na sua campa se poz a seguinte inscripção:

Este capitulo e sepultura é de Salvador de Souza, commendador de Christo, natural de Guimarães, a quem os naturaes do reino de Pegú elegeram por seu rei.

Tem de obrigação, missa quotidiana, conforme o contracto que fez. Pede um Padre Nosso e uma Ave Maria.

—

A casa do capitulo, onde jaz este grande homem, é hoje uma casa de despejos. Por cima da sepultura de um rei, estão arrumadas umas tábuas velhas e vigas podres, que ficaram das ultimas obras da casa.

Vide *Alemquer e o seu concelho*, pelo sr. Guilherme João Carlos Henriques, publicado em 1873.

Para mais perfeito conhecimento da bio-

graphia do *Massinga*, vide o vol. 4.º do *Archivo Pittoresco*, n.º 8, pag. 62.

—

Para a admiravel escola dos surdos-mudos, de Guimarães, vide os n.ºs 4 e 5 do jornal politico *Correspondencia de Coimbra*, do anno de 1874.

—

Ha aqui uma fabrica de cutelaria, fundada em 1836, de que é proprietario o sr. José Custodio Vieira. Emprega 20 operarios, e os seus productos foram premiados nas exposições de Braga, Porto e Londres.

—

Para a devota capella de Nossa Senhora do Carmo, da Penha, vide *Gruta-Ermida.*

—

No convento da *Costa*, de Guimarães, foi creado o infeliz D. Antonio, prior do Crato, filho natural do infante D. Luiz (irmão de D. João III) e de Violante Gomes, a *Pelicana.* (Vide Crato.)

Foi depois levado para Lisboa e entregue aos insignes mestres, D. fr. Bartholomeu dos Martyres e D. Jeronymo Osorio; pelo que chegou a ser um douto latino, philosopho e theologo. (Vide *Anno Historico*, vol. 2.º, pag. 591).

—

D. Payo Galvão, natural d'esta cidade, (filho de Pedro Galvão e de D. Maria Paes) foi conego regular de Santo Agostinho (crusio) e mestre em theologia pela universidade de Paris, da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira.

Foi embaixador de Portugal, em Roma, sendo pontifice Innocencio III, por D. Sancho I, e este papa o nomeou cardeal de Santa Maria, *in septi solio*, em 1206. Em 1211, cardeal de Santa Cecilia e em 1215 elevado a cardeal albanense. Em 1218, foi enviado por Honorio III, como legado apostolico, á Terra Santa, e alguns annos depois, legado junto do imperador Frederico II. Na crusada em que foi, como legado apostolico, prestou grandes serviços, não só durante o assédio de Damietta; mas tambem na calamidade da peste, e depois, na paz que os crusados fizeram com o sultão; nos convenios com os soberanos de Chypre e Armenia.

Depois de uma vida tão agitada, e de tão assignalados serviços, retirou-se ao cenóbio do *Monte Casino*, onde falleceu no 1.º de junho de 1229, e alli jaz.

—

D. frei Soeiro Gomes, fundador da ordem dos prégadores (dominicanos) em Portugal, fundou o convento d'esta ordem em Guimarães, onde foi prelado, D. Lourenço Mendes.

Para a biographia de D. frei Soeiro Gomes, vide Monte Junto.

—

O papa João XXI, natural de Lisboa, e que antes de subir ao pontificado se chamava Pedro Gião (ou Pedro Julião, que é o mesmo) foi, por D. Affonso III, feito prior de Mafra; foi depois feito deão da Sé de Lisboa e prior de Guimarães.

Foi embaixador de Portugal ao concilio lugodunense, e ahi creado cardeal da Santa Egreja romana, em companhia de S. Boaventura e frei Pedro de Tarantaria, geral dos dominicanos.

Pela morte de Adriano V, foi elevado ao papado, e o rei de Portugal, D. Affonso III, o felicitou pela sua exaltação ao throno pontifical (1276) e pedindo-lhe então que levantasse as censuras apostolicas que pesavam sobre o reino; mas o novo papa lhe respondeu que se sujeitasse á Santa Sé, pois que sem isso o interdicto não seria levantado.

O seu pontificado apenas durou 8 mezes, fallecendo repentinamente a 19 de maio de 1277. Succedeu lhe no mesmo anno Nicolau III.

Foi João XXI o primeiro papa portuguez, isto é, o primeiro portuguez que subiu ao sólio pontificio, desde que este reino se constituiu nação independente; pois que S. Damaso, posto ser minhoto, viveu quando este paiz ainda se chamava Lusitania, e estava sujeito ao imperio romano. S. Damaso foi eleito papa em 15 de setembro de 367 e falleceu em 385.

—

Guimarães é patria de frei Estevão de S. Payo. dominico.

Em 1580, não se quiz bandear com os castelhanos, e seguiu o partido popular de D. Antonio I, pelo que foi depois preso, por or-

dem de Philippe II, e mettido em um forte carcere, em Lisboa; do qual pôde fugir com outros religiosos da sua ordem, que com elle e pelo mesmo motivo estavam presos. Fugiu para Tolosa, onde obteve o grau de doutor em theologia, vindo a ser um mestre distincto d'aquella universidade. Era um famoso latino, e para essa lingua verteu do portuguez, as vidas de S. frei Gil; de S. Gonçalo de Amarante; de S. Pedro Gonçalves; do beato frei Lourenço Mendes; de frei Payo, 1.º prior do convento de Coimbra; de frei Pedro, porteiro do convento d'Evora e de outros varões illustres em dignidades, lettras ou virtudes da sua religião dominicana.

Escreveu mais na mesma lingua, um tratado sobre o juramento e confirmação que D. Affonso Henriques fez, da celestial visão de Campo de Ourique. Todas estas obras foram impressas e publicadas em Paris, desde 1585 até 1600.

Ouvindo dizer em Tolosa, no anno de 1598, que el-rei D. Sebastião estava preso em Veneza, partiu immediatamente para esta cidade, e não podendo alcançar do senado licença para ver o preso, passou disfarçado, a Portugal, e depois de dar aquella noticia aos fidalgos portuguezes que eram patriotas, voltou para Veneza, e fez as mais fortes instancias para que o rei (verdadeiro ou supposto) fosse solto; o que finalmente conseguiu por intervenção de Henrique IV, de França, da rainha de Inglaterra e da republica de Hollanda; mas com a condição de sahir de Veneza no mesmo dia da soltura, e em tres dias do territorio da *senhoria.*

Frei Estevão levou D. Sebastião (?) para Florença, acompanhando-o sempre com a mais dedicada fidelidade; mas n'aquella cidade, o duque, faltando a todas as leis da hospitalidade, o entregou ao célebre e feroz conde de Mello, governador de Napoles, por Philippe II de Castella.

Frei Estevão, sendo preso, Philippe III o mandou assassinar, em S. Lucar de Barramêda, em 30 de agosto de 1603.

—

Aqui nasceu, em 1589, D. Agostinho Barbosa, filho de Manuel Barbosa, ambos famosissimos jurisconsultos, e ambos dignos de perpetua memoria, pelos excellentes livros que escreveram e publicaram.

O pae excedeu o filho na profundidade, e este a aquelle na vastidão. As suas obras são mais uma copiosa livraria, do que livros.

D. Agostinho Barbosa deixou impressos 21 livros, de differentes e gravissimas materias, e promptos para se imprimirem, 12; todos muitos volumosos e de grande erudição.

Em Roma e em toda a Italia, foi justamente apreciado e respeitado. Urbano III o fez thesoureiro-mór da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, proto-notario apostolico, censor de livros e consultor da sagrada congregação do Index. Philippe IV o fez bispo de Ughento (Napoles), onde falleceu, no primeiro anno de governo episcopal, em 19 de novembro de 1649. Jaz na sua egreja cathedral.

Seis kilometros ao N. de Guimarães, é a *Ponte de S. João,* célebre porque—quando alguem d'estes sitios adoece, e descrê da medicina, vae, *á meia noite em ponto,* (que é a hora dos doendes) levando comsigo um padre, ou um *benzedeiro* que lhe lê os exorcismos. Concluidos elles, o doente atira da ponte abaixo com meio, ou um alqueire de milho miudo, ou painço (segundo as suas posses) e depois tres punhados de sal e rasga a fugir, *sem olhar para traz,* e muito convencido que o *pôrco sujo* (o diabo) ficará entretido a contar os grãos do milho ou painço, *per omnia sæcula sæculorum,* e deixará de molestar *a creatura.*

—

Faz-se n'esta cidade, a 10 de junho de cada anno, a festa dos pães-bentos, em cumprimento de uma promessa antiquissima, feita em occasião de grande calamidade. Vae em procissão o *andor do rôlo,* e é acompanhado pelo cabido e camara. As vellas de céra que o andor leva, são depois distribuidas pelos altares do Santissimo Sacramento, Espirito Santo e Nossa Senhora da Oliveira, todos na collegiada. Estas vellas devem conter o péso que teria o rólo necessario para cercar os muros da cidade. (Vide Alemquer, onde ha egual procissão.)

Recolhido o prestito, procede-se á benção

dos *pães*, que são repartidos pelas auctoridades ecclesiasticas, civis e militares e pelo povo. A procissão sahe da egreja de Santa Clara e recolhe-se na collegiada.

—

Em 24 de julho de 1861, pelas 8 horas e meia da noite, falleceu n'esta cidade, em casa de José Fernandes Guimarães (que a tinha caridosamente recolhido) Felicidade da Gloria, velha e entrevada. Viveu oito annos n'esta casa, sempre paralytica. Um anno continuo, o seu unico alimento era uma chavena de café pela manham, outra de tarde, sem mais nada! Um anno, succando moellas de gallinha (uma por dia) sem as engulir, 18 mezes fazendo o mesmo a cabeças ou pernas de frangos.

No tempo da fructa, succava maçans, quando ainda estavam muito verdes. Finalmente, n'aquelles 8 annos não enguliu nada sólido. Perdeu a falla por espaço de 3 annos, e recobrou-a 18 dias antes de fallecer, não a tornando a perder até ao ultimo momento, e quasi que não proferindo mais do que louvores ao Senhor, á Santissima Virgem e aos Santos.

Emquanto não fallou, escrevia em uma lousa tudo o que queria dizer ao seu confessor, e em papel, o que queria communicar ás pessoas da sua amisade. Desde que recobrou a falla, já não escrevia, nem tinha forças pa sustentar a penna.

Teve sempre desde o seu nascimento uma vida virtuosa e exemplarissima. Soffreu com uma paciencia e resignação inalteraveis, todas as dores e incommodos dos ultimos annos da sua existencia, o que admirava e edificava todos quantos a viam. Está sepultada na egreja da Ordem Terceira de S. Domingos, d'esta cidade.

—

No dia 3 de outubro de 1873, passou por aqui um furioso cyclone, acompanhado de chuva e trovoada, que causou grandes prejuizos a casas e arvoredos. Sentiu-se tambem no mesmo dia, no Pombal, Aveiro e Coimbra.

As freguezias de S. Cosme de Lobeira e S. Torquato, nas immediações d'esta cidade, foram as que mais soffreram.

Pelos fins de 1873, falleceu no Brasil, o sr. Antonio Francisco Guimarães, natural d'esta cidade, o qual legou á Santa Casa da Misericordia de Guimarães, 143 contos de réis; e deixou alguns legados importantes, para o casamento de seis orphans, da freguezia de S. Payo; onde tinha nascido e fôra baptisado este caritativo cidadão.

—

A comarca de Guimarães é composta só do seu julgado.

O concelho é formado por 80 freguezias, todas no arcebispado de Braga. São: Airão (Santa Maria) Airão (S. João) Abação (S. Christovão) Abação (S. Thomé) Athães, Azurem, Arosa, Aldão, Brito, Balazar, Briteiros (Santa Leocadia) Briteiros (S. Salvador) Briteiros (Santo Estevão) Barco, Creixomil, Candoso (S Thiago) Candoso (S. Martinho) Calvos, Caldas (S. Miguel) Caldas (S. João) Conde, Costa, Cerzêdo, Corvite, Castellões, Caldellas, Donim, Figueiredo, Fermentões, Gondar, Gémeos, Gandarella, Guardizella, Guminhães, Goma, Gondomar, Infías, Infantas, Leitões, Lordéllo, Lobeira, Longos, Mascotéllos, Moreira dos Conegos, Mezão-Frio, Matta-Má, Nespreira, Guimarães (as 4 freguezias da cidade) Paraizo, Polvoreira, Pentieiros, Pinheiro, Pencêllo, Prazins (Santa Eufemia) Prazins (Santo Thyrso) Ponte, Rônfe, Renduffe, Oleiros, Silvares, Sêlho (*Cêlho*, S. Christovão) Sêlho (*Cêlho*, S. Jorge) Sêlho (*Cêlho*, S. Lourenço) Serzedêllo (Cerzedêllo) Souto (S. Salvador) Souto (Santa Maria) Sande (S. Martinho) Sande (S. Clemente) Sande (S. Lourenço) Villa Nova de Sande, Taboadêllo, Tagilde, Torquato (S.) Urgêzes, Vermil, Visella (S. Mamede) Visella (S. Payo.)

GUIMARANTINHOS — aldeia, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde, freguezia de Tavares (Chans de) 24 kilometros de Viseu, 255 ao N. de Lisboa.

Estevão Mendes Cavalleiro, vendeu a quinta de *Guimarantinhos*, na terra de Tavares, aos bispos de Viseu, em 3 de julho de 1309, por *cinco forles de ouro.*

Este vendedor era conhecido pela alcunha de *Pichel.*

GUIMAREI — freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 24 kilometros

ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 130 fogos. Em 1757 tinha 88 fogos. Orago S. Payo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Os herdeiros de João Rodrigo Pereira de Lacerda e Mello, apresentavam o abbade, que tinha 200$000 réis annuaes.

Ha n'esta freguezia uma casa, que pertence aos Guimareis, e outra que fez o bailío Braz Brandão.

É terra fertil. Tem gado de toda a qualidade.

GUINFÃES—vide Guifães.

GUIZANDE—freguezia, Douro, comarca, concelho e 8 kilometros ao E. da Feira, 25 ao S. do Porto, 3 a E. das Caldas de S. Jorge, 285 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 126 fogos.

Orago S. Mamede.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

A egreja matriz é pequena, mas bonita e aceiada. Abbadia, que apresentava alternativamente o papa, a mitra e as religiosas de S. Bento da Ave Maria, do Porto.

Rendia 400$000 réis annuaes.

Situada em terreno muito accidentado, mas abundante de boas aguas e muito fertil nos seus pequenos valles.

Tem uma capella dedicada a Santo Ovidio, onde se fazem tres festas no anno, muito concorridas.

A quem tiver padecimento nos ouvidos, tem (segundo a crença da gente d'aqui) um optimo remedio. É furtar uma *telha* e leval-a de presente a este santo; fica logo bom e a ouvir perfeitamente.

É medicamento muito experimentado e approvado pela gente da *terra da Feira*.

A *telha* ha de ser furtada, senão não vale.

Guizando, é nome proprio de homem.

Ha n'esta freguezia a capella da *Senhora da Boa Fortuna* e junto a ella se faz uma feira (nova) de varios generos, e, sobretudo, de gado cavallar, bovino e suino, muito concorrida, e com premios para os mais esmerados expositores. Estes premios são dados pela camara da Feira. Chama-se a mesmo a feira da *Bôa Fortuna*.

GUIZANDE—freguezia, Minho, comarca concelho e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mesma etymologia. (Vide Braga e Lomar.)

O reitor de Lomar apresentava o viggario, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé de altar.

GULÃES—vide Golães.

GULFAR ou **GOLFAR**—concelho extincto, Beira Alta, é hoje concelho de Satão, cuja capital é a *Villa da Egreja;* comarca e 18 kilometros de Viseu, 290 ao N. de Lisboa.

O concelho de Satão é formado do d'este nome, do de Gulfar e do de Ferreira de Aves.

Em Gulfar nasce a ribeira do seu nome, que entra na direita do Vouga.

D. Diniz deu foral a Gulfar (então villa) em Lisboa, a 6 de junho de 1315.

D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, a 29 de abril de 1514.

GULPILHARES—vide Golpelhares.

GUNDEZENDO—vide Gondezendo.

GUNDIFÉLLOS—vide Gondeféllos.

H

HABUDO—portuguez antigo, *tido, havido.*

HARAMENHA—vide Aramenha.

HAZ—portuguez antigo, batalha ordenada—exercito posto em campo. Hoje é mais usada na Hespanha do que em Portugal.

HEGIRA—posto que a paginas 42 e 43 d'este volume, já fallei em *hegira,* julgo dever dar mais as seguintes explicações.

Mafoma pretendeu acclamar-se senhor de Méca, contra os orachitas, seus parentes; mas, falhando a sua tentativa, teve de fugir, na noite de 15 para 16 de julho de 622 de Jesus Christo. (Note-se que os arabes não contam—como as mais nações—o espaço de 24 horas, por *dias,* mas sim por *noutes.* O dia d'elles tem principio e fim á meia noite; e quando querem designar uma data, não dizem *no dia tantos,* mas, *na noite de tantos.*)

O anno arabe pois, começa á meia noite do dia 15 de julho de cada anno christão. Esta data é muito necessaria em Portugal, por causa dos documentos arabes que existem do tempo d'elles, por um espaço de mais de 500 annos (desde 715 até 1250) para não cahirmos em anachronismos, em que bons escriptores têem tropeçado.

Advirto que o anno arabe não é *solar* e nada tem com este astro (o sol), mas lunar, e totalmente depende do curso da lua; de modo que 12 luas formam um anno arabe, composto de 12 mezes; dos quaes—6, têem 30 dias, e os outros 6, 29—alternando-se um de 30 a um de 29, excepto no anno *embolimeo,* em que o ultimo mez tambem tem 30 dias.

Ao *mez* dão os arabes em umas partes o nome de *rabia* e em outras o de *molud.*

Os mezes têem a seguinte denominação:

EM PORTUGUEZ	EM ARABE	DIAS	OBSERVAÇÕES
Janeiro	Al-muarão	30	Pronuncia-se *Al-muára.* É o oitavo mez arabe.
Fevereiro	Saphar	29	É o nono mez.
Março	Rabia 1.º	30	É o decimo.
Abril	Rabia 2.º	29	É o decimo primeiro.
Maio	Jomada 1.º	30	Pronuncia-se *Chobé* ou *Giumé.* É o decimo segundo e ltimo.
Junho	Jomada 2.º	29	Idem. É o primeiro mez arabe.
Julho	Rajab	30	Pronuncia-se *Raguel.* É o segundo mez arabe.
Agosto	Shaban	29	Pronuncia-se *Chavão.* É o terceiro mez.
Septembro	Ramadan	30	É a quaresma arabe, e o seu quarto mez.
Outubro	Shaaval	29	Pronuncia-se *Chavel.* É o seu quinto mez.
Novembro	Dulcandath	30	Pronuncia-se *Dulquida.* É o sexto mez.
Dezembro	Dulhegia	29	Pronuncia-se *Dulqueia* (no *embolimeo* tem 30 dias). É o setimo mez.

Do que fica exposto se vê que sendo o anno arabe mais pequeno 11 dias do que o nosso, é hoje complicada a conta para reduzir uma data arabe á actual christan.

Como é extensa a explicação que ensina a fazer esta operação, o que desejar sabel-a, veja as *Memorias de Braga*, de D. J. C. d'Argote, tom. 4.°, cap. 1.° do liv. 5, pag. 37.

HERALDOS ou **ARAUTOS, REIS D'ARMAS** e **PASSAVANTES** — o que eram.

Reis d'Armas

Os reis de Portugal tiveram sempre grande empenho em conservar a nobreza do reino, não consentindo que os fidalgos casassem sem seu consentimento, e tratando da conservação dos appellidos, titulos de nobreza e brazões d'armas.

A mais antiga providencia que se encontra sobre este objecto, é a construção da *Gallité*, (galleria) no mosteiro de Pombeiro, na abobada da qual estavam esculpidos por sua ordem todos os escudos d'armas da nobreza antiga de Portugal.

Por muitos annos era alli que se hiam tirar duvidas sobre nobiliarchia; mas, como este mosteiro era muito antigo (havia sido fundado em 900) a *Gallité* veio a terra no seculo XVI, e hoje só d'esse *salão* restam memorias escriptas.

D. Fernando I mandou fazer para a sua capella um paramento mui rico de borcado, em que se viam bordadas a ouro e aljofares, as armas dos fidalgos portuguezes.

Infelizmente esta raridade (e outras muitas) perdeu-se em 1755, sepultando-a o terramoto debaixo das ruinas do paço.

Todos sabem que nas guerras da independencia, que Portugal teve de sustentar contra Castella, pela morte do dito rei D. Fernando, muitos fidalgos portuguezes renegaram a sua patria e tomaram o partido de D. João I de Castella, contra D. João I de Portugal. A estes condemnou o bom *Mestre de Aviz*, desnaturalisando-os e confiscando-lhes seus bens.

Nimguem tambem ignora que todos os populares foram fieis ao seu rei e á sua patria, obrando em toda a porte prodigios de valor em defeza da causa sagrada da liberdade d'esta terra e do seu adorado rei, o mais populár e dos melhores que temos tido.

A estes *populares* assim nobilitados pelos seus actos de lealdade e valor, concedeu o rei portuguez muitos premios e aos que d'entre elles mais se distinguiram concedeu fóros de nobreza e deu brazões d'armas.

Mas d'isto resultou grande confusão heraldica, tomando os novos fidalgos as armas que lhes pareceu e muito a seu bello prazer.

D. João I, querendo pôr côbro a esta desordem, e por conselhos de sua esposa, D. Philippa de Lencastre e de seu sogro, João de Gand, duque de Lencastre, adoptou a instituição ingleza de reis d'armas.

Estes foram incumbidos da formação de livros em que estivessem escriptos todos os fidalgos e pintados os brazões e divisas pertencentes a cada um.

D. Manuel reformou e melhorou esta instituição, encarregando Antonio Rodrigues, seu rei-d'armas, d'hir por essa Europa adiante estudar as obrigações do seu cargo; e emquanto Rodrigues andava n'estas *utilissimas* diligencias e investigações, o rei mandou por todo o reino examinar as sepulturas que tinham brazões e copial'as exactamente.

Colligidos estes desenho e recolhidos ao reino Antonio Rodrigues, com o que pôde obter, decretou o rei novo regimento para os reis-d'armas, e mandou fazer um livro com todos os brazões de nobreza do reino, illuminados.

Não se contentando com isto, construiu no paço real de Cintra um vasto salão, no tecto do qual mandou pintar, em torno das armas reaes e dos escudos de seus filhos, 74 brazões de familias nobres que foram os que couberam no tecto.

Pelo novo regimento foram assim classificados os officiaes da armaria:

Tres *reis d'armas*, trez *arautos* e tres *passavantes*.

Os *reis-d'armas* denominados *Portugal Algarve* e *India*. Os arautos com os nomes das capitaes d'estes trez reinos (*Lisboa*, *Sil-*

ves, Gôa) e os passavantes chamados *Santarem, Lagos* e *Cochim.*

Aos *reis d'armas* incumbia ter cada um o seu livro do respectivo reino, para registo de todas as familias nobres, assentos de casamentos e nascimentos, com os brazões e arvores genealogices de cada familia. Vigiar que os fidalgos não usassem de brazões que lhes não pertencessem (para o que os reis d'armas deviam visitar o seu reino de dois em dois annos.) Tomar lembrança de todos os feitos d'armas, torneios, reptos e desafios em que os fidalgos se distinguissem.

Estudar a *sciencia heraldica* e determinar os escudos d'armas *timbres* e insignias que que deviam usar as pessoas a quem o rei concedia de novo titulos de nobreza e assignar e registar as cartas de taes nomeações.

Assistia nos actos solemnes e publicos onde estava o rei, como nas acclamações, reunião de côrtes, entradas solemnes das cidades, etc.

Á ceremonia da investidura do officio de rei d'armas, se chamava *baptismo.*

Ainda existem presentemente e com os mesmos nomes estes officiaes; mas hoje só servem para acompanharem o rei nas grandes solemnidades, hindo na frente do prestito com as suas insignias sobre as cotas (que são de seda encarnada, do feitio de uma dalmatica e bordados a ouro.) A insignia dos reis d'armas é um collar com as armas do reino de que tem o nome.

Tambem ainda lhes compete compôr e designar os brazões que devem usar as pessoas a quem o rei *faz a graça* de conceder essa honra.

Já se sabe, cada rei d'armas só governa no seu *reino.* Já não se baptisam.

Heraldos ou Arautos

Na Grecia desempanhavam as funcções a que este cargo obrigava depois na Europa, uns individuos denominados *caduceatur* (proveniente da divisa que os distinguia, que era um *caduceu.*)

Os romanos tomaram dos gregos este cargo, mas chamavam aos que os exerciam *fetiales,* e, em logar de *caducens,* levavam na dextra, quando hiam em serviço, um ramo de certa planta chamada *Sagueina.*

Com a queda d'estes dois imperios lá foram por agua abaixo os *caduceatur* e os *fetiales*; mas decorridos muitos annos, Carlos Magno, fundando o novo imperio romano, fez reviver o cargo de *fetiales*, dando-lhe porem o nome de *herold,* segundo uns (e que na lingua germanica quer dizer *homem d'armas*) e de *heráos,* segundo outros (e que é derivação da palavra latina *heros*—heroe.)

Os inglezes (de quem herdamos os *arautos* e *reis d'armas*) e que haviam adoptado este emprego dos allemães, lhes chamavam *heralde.* É pois d'esta palavra que nós fizemos heraldo e *arauto,* e foi tambem D. João I, que os creou em Portugal, quando fez os *reis d'armas.*

É tambem de *herald* que se deriva a palavra *heraldica.*

Os arautos serviam de embaixadores e parlamentarios. Davam parte ao inimigo da terminação das treguas; faziam as declarações de guerra, etc, acompanhando as tropas junto ao estandarte real, e, finalmente, faziam serviço de officiaes de cavallaria.

Nos combates subiam a uma eminencia para notar os que mais se distinguiam e participal'o ao rei. Depois da batalha levantavam e recolhiam as bandeiras que achavam no campo; contavam os mortos; tratavam da troca dos prisioneiros, presidiam á distribuição dos despojos e das recompensas. Intimava as praças d'armas e fortalezas para que se rendessem; proclamavam pelo seu reino as victorias obtidas e hiam participal'as aos soberanos amigos.

Annunciavam tambem aos justas, torneios e desafios, convidando as pessoas que ahi deviam comparecer. Marcavam o campo do combate e animavam os justadores, dando-lhe o signal de começo. Por este serviço recebiam uma gratificação paga pelos contendores, maior se combatiam com lança, menor se era com espada.

Tambem á investidura d'este cargo se chamava *baptismo.* Ninguem podia ser *arauto,* sem haver sido sete annos *passavante.*

Ainda existem em Portugal os arautos, cujas funcções actuaes são, pouco mais ou menos como as dos *reis d'armas*. Nas acclamações vem a uma janella e gritam «—Real, real, por D. Fulano, rei de Portugal» Tambem annunciam a morte dos reis.

As *cotas* dos *arautos* são como as dos reis d'armas, mas não teem collar: trazem o brazão do seu reino (sem corôa) preso ao peito.

Já não são *baptisados*.

Passavantes

É inferior ao *arauto* e este ao rei d'armas. Quer dizer *passa adiante*.

Deu-se-lhe este nome, porque é uma especie de aspirante ou aprendiz d'arauto. Depois de ser sete annos *passavante*, passa a arauto, assim como este, no fim de egual prazo, passa a rei d'armas.

Suppõe-se que este cargo tambem teve origem durante o imperio de Carlos Magno. Em Portugal foi tambem introduzido por D. João I, quando creou os *reis d'armas* e *arautos*.

As obrigações dos *passavantes* eram: estudar tudo quanto pertencia aos arautos e *reis d'armas*, para a seu tempo desempenharem estes logares com proficiencia, e seguirem a côrte em todas as suas solemnidades, ao lado dos *reis d'armas* e *arautos*, e a estes nas diligencias que tivessem a desempenhar dentro ou fóra do reino.

Tinham tambem a obrigação especial de andarem pelo reino, de terra em terra, observando os usos e costumes dos povos, e do que vissem dar conta ao rei.

É por isso que muitos tambem sustentam que o nome lhes vem d'esta circumstancia.

Já disse que os *passavantes* se denominavam Santarem, Lagos e Cochim. Obedeciam aos *arautos* e *reis d'armas* do seu reino.

As ceremonias da sua *investidura* deixou de existir como as dos *reis d'armas* e *arautos*, deixando tambem de ser *baptisados*. Uma simples carta regia as substituiu e é o seu unico diploma.

Hoje a sua unica obrigação, é comparecerem nas solemnidades da côrte ao lado dos seus *arautos* e *reis d'armas* respectivos.

Já se vê que estes tres empregos são actualmente de mera ostentação e portanto completamente inuteis.

HERDADE — casal, quinta, villa, granja, casa de campo, aldeia, etc., que alguem *herdou*. No Alemtejo, herdade, granja, casal e monte, são sinonymos. Hoje dá-se o nome de *herdade* á mesma propriedade a que se chama *granja*, de que é sinonymo. Vide *Granja* e *Villa*.

HERDADE D'ALGÊDA — Na estrada que segue da mina de cobre, da serra da *Caveira* para a aldeia dos *Barros*, no Alemtejo, a uns 200 metros, existe um dolmen, grande, e bem conservado. Consiste em 8 grandes lagens cravadas verticalmente no solo, e formando um circulo de uns 4 metros de diametro.

Proximo á mesma herdade (ou monte) de Algêda, ha outro dolmen, mais pequeno do que o antecedente, e já não tem *mêsa* (a pedra que cobre horisontalmente as lagens perpendiculares). Tinha nove *esteios* ou lagens, mas já lhe falta um: os que existem, em consequencia das escavações que se lhes têem feito, estão deslocados da sua posição primittiva.

A ONO. do dolmen, jaz, deitada no chão, uma grande lagem de 2,^{m} de comprido e um de largo. É provavelmente a mêsa (ou parte d'ella) que completava este monumento.

O escriptor de quem copiei isto, suppõe (e eu tambem) que estes dois dolmens, não são mais do que um, cujos esclarecimentos lhe foram remettidos por dois differentes individuos.

HERDADE DA MURTEIRA DE BAIXO — Alemtejo, concelho d'Evora, a 500 metros de distancia do monte da Murteira.

Ha aqui um dolmen, com dois metros de altura fóra da terra. Só tem de pé 3 esteios, e outros tres deitados, dentro do seu ambito.

HERDADE DA TISNADA — Alemtejo, na freguezia da Torre da Coelheira, concelho d'Evora, d'onde dista 14 kilometros ao SE.

Ha aqui um dolmen desmantelado, tendo-

lhe sido roubada a pedra superior (a mesa).

HEREIRA—(que é como se devia escrever) vide Eireira.

HERMÊLLO—vide Ermêllo.

HERMENHO e **HERMINIO**—no portuguez antigo significava *aspero, duro, intratavel.* D'aqui os montes Herminios, grande e pequeno, (o Grande Herminio ou Herminio Maior é a Serra da Estrella, e o Pequeno Herminio ou Herminio Menor é a Serra de Marvão, a que alguns tambem chamam Serra d'Aramenha.)

A qualquer d'estas duas serras (Estrella e Marvão) é bem applicado o nome de aspero, rude, duro e intratavel; e tambem o era aos seus habitantes (os *pesures*) que eram os mais ferozes e rudes de todos os lusitanos; mas bravissimos, e os que mais estragos causaram aos romanos. Viriato (o antigo) era *pesure.*

HERMIDA—vide Ermida.

HERMÍNIO MAIOR—vide Estrella (serra da) e Hermenho.

HERMÍNIO MENOR—vide Aramenha e Marvão.

HERMITAGIO—ermida, sanctuario, capella, ou casa de oração, fundada em *êrmo* e solitario. Em 1285 emprazou o mosteiro de Vairão, certos casaes, e a *hermida ou hermitagio* de Santa Maria Magdalena «*que est in Castro de Boi.*»

No bispado de Castello Branco, foi célebre o *hermitagio* de S. Pedro, de Villa Corea (quando ainda era bispado da Guarda.)

Em 1388, emprazaram os conegos da Guarda *todos os direitos* que ao cabido pertenciam, do dito *hermitagio*, e em 1450, D. Luiz, bispo da Guarda e o seu cabido, arrendaram a Gonçalo Affonso, conego da Guarda, o mesmo *hermitagio, vinhas, hulivais, figueiredos, terras, chãos, casas, hortas e todalas outras cousas, com foro e pensom annual de 3 arrobas de cêra bôa e recebonda (de receber) 36 alqueires de bôos e recebondos figos passados, pelo pêso e medida d'esta cidad,* (Guarda) *e 18 libras de moeda antiga.*

Em 1483, emprazou a camara de Coimbra o *hermitagio* de Santa Comba, com sua *clasta*, casas e oliveiras, etc.

HERVOEIRA—portuguez antigo, mulher prostituida, marafona, meretriz, etc., que se vende ao primeiro vindo, onde quer que fôr; ainda que seja em um matto, deveza ou relva. D'aqui, *filho das hervas.* Mas, tome-se sentido, *filho das hervas*, não significa o filho bastardo, de pae conhecido; mas aquelle a que não é possivel designar o pae, por a mãe ser de todos.

HESTER—vide Parada de Esther.

HIRIVAR—portuguez antigo, derribar, arrazar, deitar por terra. «Entonces D. Gomes, que era mui sonhudo, fijo (fez) hirivar em terra aquella Igreja; que era fundaçon de saa avoenga.» (Documento da Torre do Tombo.) Vide Lobrigos e Santa Martha de Penaguião.

HISN-KASTALA—nome que os arabes poseram á antiga villa de Cacella, no Algarve.

HOMEM—rio, Minho. Nasce na *Portella do Homem* (em frente de Lóbios, na Galliza) proximo á *Volta do Côvo.* É pobre d'aguas no verão, mas crescido, furioso e arrebatado no inverno; porque recebe muitas aguas que descem do *Gerez*, e principalmente as de *Lamas d'Homem* (d'onde o rio toma o nome. (Vide Lamas d'Homem.)

Junta-se ao *Cávado* no *Vau do Bico*, onde se concluiu em 1870 a construcção de uma das mais bellas e extensas pontes feitas no seculo XIX em Portugal. Foi edificada alguns metros acima da confluencia (por causa da solidez do terreno) vindo portanto a passar sobre os dois rios (Homem e Cávado) antes de se juntarem. (Vide Bico e Cávado.

As aguas do Homem, correndo turbulentas e arrebatadas por mais de 30 kilometros, já apertadas entre penhascos, já espraiando-se por ferteis e formosas veigas, vão, juntas com as do Cávado, morrer no Oceano, em Fão.

Quando o Homem passa á freguezia de Cibões (proximo á de S. Payo da Carvalheira) se some, na distancia de uns 80 metros, por um *tunnell* natural. Nas grandes enchentes, espadana furioso, arremeçando-se aos ares, em novêllos frementes e atroadores e precipitando-se no abysmo com me-

donho estridor. A este *tunnell* ou *sorvedouro* se dá o nome de *Pontido*, ou *Rio Sêcco*.

Cria muito e saborosissimo peixe, principalmente ás deliciosas *trutas*, que cosidas em calda de vinagre, ou mettidas em neve, se mandam como um precioso mimo (e é) para terras muito distantes.

Um dos affluentes d'este rio, é o ribeiro que nasce no *Chão da Fonte* (um dos mais altos pincaros do Gerez) e que fórma uma magestosa catarata, que se precipita com medonho estridor no *Pôço da Moura*. (Vide Chão da Fonte.

A estrada da Geira (via militar romana) corta muitas vezes o rio Homem. (Vide Geira.)

Abaixo da Portella do Homem, sobre a margem esquerda d'este rio, se ostenta orgulhoso um rochedo de grande altura, em sitios quàsi perpendicular, parecendo de longe um castello formidavel, com suas *almenáras*, *adarves* e ameias.

HONRA ou **ONRA**—senhorio dado pelo rei, em recompensa de grandes serviços, ou brilhantes actos de coragem.

Compunha-se de um numero indeterminado de aldeias e casaes, ou de uma mesma freguezia, ou de diversas.

Tambem ás vezes, uma freguezia inteira era elevada á cathegoria de *honra*.

Os conventos, de ambos os sexos, tinham tambem muitas d'estas *honras*, mas era mais commum terem *coutos*.

As *honras* gosavam muitos privilegios, que o marquez do Pombal cerceou e a constituição de 1820 extinguiu.

As *honras* são muito antigas em Portugal, pois já as havia no tempo dos godos. El-rei D. Diniz lhe deu uma organisação mais uniforme em 1315.

—

Os dois Affonsos, 2.º e 3.º e D. Diniz, fizeram tirar rigorosas inquirições sobre o *feito das honras*, e vendo-se que a maior parte d'ellas eram abusivamente adquiridas, foram estas supprimidas, ficando as terras *devassadas*. No reinado de D. José I, ficou isto sendo um mero titulo honorifico; isto é, alguns fidalgos intitulavam-se *senhores da honra de tal* (que já não existia) e nada já alli tinham, ou apenas alguns fóros, mas nenhum terreno.

Amadigo, tambem era uma especie d'honra. Vide Amadigo.

HONRA DE SOBRADO—vide *Sobrado*, villa, Douro, capital do concelho de Castello de Paiva.

HORTA—freguezia, Beira Alta, antigamente comarca da Pesqueira, concelho de Freixo de Numão, hoje comarca e concelho de Villa Nova de Foz Côa, 50 kilometros de Lamego, 355 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 36 fogos.

Orago O Salvador.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 15 de dezembro de 1512.

O chantre da Sé de Lamego apresentava o cura, que tinha 40$000 réis.

HORTA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Moncorvo, 135 kilometros ao NE. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 80 fogos. Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

A collegiada da Torre de Moncorvo apresentava o vigario, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

A freguezia de Vide tem andado annexa a esta.

HOSPITALEIROS—vide *Ordens Militares* e *Crato*.

HOSTE ou **OSTE**—exercito posto em campo contra o inimigo. D'aqui, *hostilidade*. Vem do verbo latino, *hostire*, que antigamente significava ferir. Tambem nos seculos XIII e XIV se tomava por *alistamento*, *recrutas*, etc. (portuguez antigo.)

HU—portuguez antigo (derivado do celta *oú*, *onde*.)

HUCHA—arca, cofre, armario. Tambem se escrevia, *ucha*. Vem do francez *huche*, ou do inglez *hutch*, arca (portuguez antigo.)

HUM—portuguez antigo, onde. Muito usado no seculo XV.

HYCHARÍA—Ucharia real. (hoje *Ucharía*.)

I

IAGO-YAGO—o mesmo que Thiago, Jacob, Jacobo, Jácome, Jaques Jaco, Iakoube Diogo, etc.

IANA—nome porque os arabes tambem designavam o rio Guadiana; mas, mais commumente diziam, *Uadi Ana.* (Vide Guadiana.)

ICHA-CORVOS—portuguez antigo, impostor, enganador, ocioso, comilão, etc. Dava-se este nome mais vulgarmente aos que pediam para os santos e lhe comiam as esmolas.

IDÃES—freguezia, Douro, comarca de Lousada, concelho de Barrosas, até 1855, e desde então comarca e concelho de Felgueiras, 30 kilometros ao E. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 216 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra primaciapal apresentava o abbade, que tinha 480$000 réis

IDANHA NOVA—villa, cabeça de comarca e de concelho, Beira Baixa, 30 kilometros a E. de Castello Branco, 70 kilometros da Guarda, 240 a E. de Lisboa, 800 fogos, 3:200 almas, no concelho 4:000 fogos, na comarca 6:200.

Em 1757 na villa e freguezia 551 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 90$000 réis annuaes.

Feira a 13 de dezembro, 3 dias.

Situada em um alto bastante aspero, cercada de muros, com um castello, feitos por D. Galdim Paes, grão-mestre da Ordem dos Templarios, em 1187.

Em 1206, D. Sancho doou esta villa aos templarios, sendo seu mestre D. Fernando Dias. Já então o rei lhe dá o nome de villa. D. Affonso II, confirmando esta doação, em 1218, em Santarem, dá a ambas as Idanhas o titulo de villas.

É banhada pelo rio *Ponsul,* que a reduz a Peninsula, tendo aqui uma antiga e formosa ponte, além de outras menores.

Tem um convento de frades franciscanos da provincia da Piedade (de Santo Antonio) ao qual lançou a primeira pedra, fr. Custodio da Guarda, a 2 de setembro de 1630. É nos suburbios.

Esta villa teve principio quando se fez o castello, em roda do qual se foram fazendo varias habitações. D. Manuel lhe deu foral, em Santarem, no 1.º de junho de 1510.

Deu-se-lhe o nome de *Idanha Nova,* em memoria da antiquissima cidade de *Egiditania* ou *Egitania,* hoje *Idanha Velha,* 13 kilometros a O. d'esta.

Foi commendador de Idanha e da Azinhaga, governador da casa do civel e capitão de Tanger, D. Rodrigo de Menezes, da casa dos condes de Tarouca. Era natural de Lisboa.

Tem Misericordia e hospital e sete ermidas. Tambem passa perto a ribeira *Alpreada,* atravessada por algumas pontes de pedra.

O sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, natural d'esta villa, a dotou com uma escolhida bibliotheca de 600 volumes.

Em março de 1874, foram registadas na camara municipal de Idanha Nova, tres minas de chumbo, duas de chumbo argentife-

ro, duas de galena de chumbo, uma de chumbo e ferro e uma de ferro, manganez e outros metaes.

Seu territorio é fertil em cereaes, legumes, algum azeite e vinho e muito gado e caça. Tem por brazão d'armas, a esphera armilar de D. Manuel, que foi o que lh'as deu.

A comarca de Idanha Nova é composta do seu julgado, com 4:000 fogos, e do de Penamacor, com 2:200.

O seu concelho comprehende 15 freguezias, todas no bispado de Castello Branco. São:

Alcafozes, Aldeia de Santa Margarida, Idanha Nova, Idanha Velha, Ladoeiro (ou Lodoeiro) Medelim, S. Miguel de Acha, Monsanto, Olêdo, Penha Garcia, Proença Velha, Rosmaninhal, Salvaterra do Extremo, Segúra, Zebreira.

IDANHA VELHA — villa, Beira Baixa, comarca e concelho d'Idanha Nova, da qual dista 13 kilometros a O. 40 a E. de Castello Branco, 63 da Guarda, 240 a E. de Lisboa, 50 fogos, 200 almas.

Em 1757 tinha 20 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

Situada em terreno accidentado, proximo ao rio Alpreada, onde tem uma antiga ponte. A mesa da consciencia e ordens apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis.

Era uma da mais antigas cidades da Lusitania, atribuindo-se a sua fundação aos turdulos, uns 500 annos antes de Jesus Christo.

Foi destruida por varias vezes durante as longas e encarniçadas guerrras que a Lusitania sustentou contra os romanos. Dominados por fim os valorosos lusitanos pelas aguias do imperio, os romanos reedificaram esta cidade uns 30 annos antes de Jesus Christo, dando-lhe o nome de *Igaedita Egitania*, ou *Egiditania*.

(Alguns tambem lhes dão o nome de Hircania.) E em um documento de S. Vicente de Fora (Lisboa) de 1290 (1252) se lhe dá o nome de Eydaia. Consta d'esse documento que era então cidade episcopal.

(Ignora-se qual foi o seu primeiro nome.) Os romanos lhe concederam grandes honras e preeminencia, fazendo-a municipio do antigo direito latino.

Era uma das mais vastas, nobres e opulentas cidades da Lusitania.

Dizem alguns que aqui prégou o Evangelho o apostolo S. Paulo, em 64, o que é muito inverosimil.

Foi destruida pelos suevos, em 420. Os godos a reedificaram, poucos annos depois, e, se não tornou a ser a florescentisssima cidade romana, readequiriu grande parte da sua importancia, pois em 534 foi elevada a cidade episcopal, sendo seu primeiro bispo *Pamerio*. Teve nove bispos no tempo dos godos, que foram:

1.° *Pamerio* (que governou o bispado 25 annos) — 2.° *Audencio* (que em 569 assistiu ao concilio de Lugo)—3.° *Adorio*, ou *Addorico* (que em 572 assistiu ao concilio brachaarense) — 4.° *Licerio* — 5.° *Metensio* — 6.° *Armenio* — 7.° *Selva* — 8° *Monefonso* — 9.° *Agecindo*, ou *Aregesindo* (que em 693 tinha assistido ao XVI concilio de Toledo.

Era este o bispo d'Egitania quando os arabes invadiram a Lusitania em 715; que depois de saquearem esta cidade a reduziram a um montão de ruinas, consumindo o ferro e o fogo toda a sua grandeza e formosura.

O bispado egitanense era um dos maiores da Lusitania, pois, segundo a divisão dos bispados feita por Wamba, rei dos godos (quasi todos os historiadores dão como natural d'aqui) no consilio XI de Toledo, em 675, tinha 40 leguas de comprido e 20 de largo (Para tudo quanto pertencer ao bispado, que aqui se não ache, vide Guarda e Penamacor.)

A egreja que serviu de cathedral, é a actual matriz d'Idanha Velha, templo veneravel, do, de 3 naves.

Supponho eu com fundamentos que julgo attendiveis, que Wamba nasceu em Egitania, darei um breve resumo da sua vida.

Wamba nasceu pelos annos 630. Era um varão illustrado e virtuoso.

Posto descender do rei godo Flavio Gundemario por ser muito rico, era tão pouco

ambicioso, que nunca se envolvera em intrigas politicas e occupava-se em cultivar as suas vastas propriedades.

Em 672, morreu o rei godo Recesvindo, deixando por unico herdeiro Theodofredo, ainda na infancia. Os senhores godos, temendo, com razão, as desordens que uma longa regencia occasionaria e como julgavam (com mais acerto do que nós hoje) que as bôas qualidades, e não o sangue, é que fazem os bons reis, elegaram Wamba, que nesse mesmo anno foi coroado em Toledo, com grandes festas e ceremonias magnificas

Ainda havia pouco que era rei, quando os navarros e outros povos do norte das Hespanhas se revolucionaram; mas Wamba os fez entrar na ordem, á força d'armas, obrando então actos de grande coragem.

Em 676, uma poderosa armada africana infestava as nossas costas.

Wamba a derrota e aniquila, e seus navios foram incendiados nos portos, onde esperavam captivos e despojos.

Wamba, depois de reinar dés annos, abdicou (em 682) voluntariamente a corôa em *Ervigo*, que tinha adoptado, o qual se tinha distinguido na guerra contra os africanos, pelo seu valor, e nos concilios pela sua inteligencia (Note-se que esses concilios eram uma especie de *junta dos tres estados.*)

Ervigo só reinou 5 annos, morrendo em 687 e succedendo-lhe Egica, seu genro, e sobrinho de Wamba. Este depois de abdicar *cortou o cabello* (o que era grande acto de humiliação para os godos, e impedimento para subir ao throno) e se metteu em um convento, onde morreu com fama de santo.

Sabe-se que Wamba se fez frade em um convento então da Lusitania, mas ingnora-se em qual.

Na freguezia de Santa Leocadia de Briteiros (concelho de Guimarães) houve em tempos remotos, um convento de frades bentos. Contiguo á porta da matriz da freguezia, que era a egreja do tal convento (de que não ha vestigios) está uma sepultura de pedra, fechada com grades e coberta com telhado, que se diz ser a sepultura de S. Wamba, que foi abbade d'este mosteiro. Ha quem diga (mas não eu) que é o mesmo rei que aqui professou e morreu.

É verdade que *Wamba* se fez religioso benedictino, mas foi no mosteiro d'Arlança, na Hespanha, onde morreu. Sendo rei D. Affonso, o sabio, foi *Wamba* trasladado para a egreja de Santa Leocadia, de Toledo (em 1284) e ali jaz. Tomou parte na trasladação dos restos mortaes de *Wamba*, o nosso portuguez D. João Martins, frade menor da ordem seráphica, que então era bispo de Cadix, d'onde o papa Nicolau 3.º o transferiu para a Sé da Guarda.

Aqui, pelas suas grandes virtudes, o cognominaram *de bôa memoria*. Morreu em março de 1301.

Aqui perto existiu a antiga cidade de *Citania*, e é por isso que alguns dizem que *Wamba* era natural d'aqui, e que n'este sitio era a Egitania dos romanos e não onde hoje é a Idanha Velha.

Tambem alguns dizem que S. Damaso, papa, era natural de Idanha a Velha (Egitania) e não de Guimarães, outros querem que elle nascesse em Citania.

Ora vão lá deslindar a confusão que a semelhança d'estes dois nomes (*Citania* e *Egitania*) tem causado!

Todavia, os escriptores mais acreditados dizem que *Egitania* é uma cidade e *Citania* outra. Que *Wamba* era da primeira e S. Damaso da segunda. (Vide Briteiros, Santa Leocadia e Briteiros, Nossa Senhora da Piedade, Citania e Guimarães.) João de Barros nas *Antiguidades de Braga*, diz que S. Damaso nasceu em *Pedralva*.

Não se sabe em que anno morreu *Wamba*.

—

Ervigo, a que muitos escriptores dão o nome d'*Ervigio*, guarneceu Egitania de fortes muros, em 686, em memoria de *Wamba*. D'estas muralhas não ha vestigios.

Os árabes tornaram a reconstruir a cidade d'Egitania, pelos fins do seculo VIII e parece que foram elles que, não lhe *chegando a lingua* para dizerem Egitania ou Egeditania, lhe chamavam *Eydaia*, ou *Idanha*; e assim ficou.

As continuas guerras entre mouros e christãos, causaram ainda outra vez a ruina d'E-

gitania, de modo que no reinado de D. Affonso I estava deserta. Este rei e seu filho, D. Sancho I, a 2 das kalendas de dezembro da era de 1203 (1165) a doaram aos templarios

D. Gualdim Paes lhe fez um castello e reedificou as muralhas; mas a desgraça da Egitania tornou ainda a cahir em poder dos mouros, que a tornaram a destruir, arrazando-lhe o castello, sem d'elle deixarem vestigios D. Sancho I, a resgatou do poder agareno, a 20 de outubro de 1206, tornando a dal'a aos templarios (que d'esta vez, parece que não lhe fizeram obra nenhuma de defeza, nem tomaram conta d'ella. (Ainda pela ultima vez!) os a mouros acabaram d'arrazar; mas a abandonaram. D. Sancho II a reedificou e povoou, em 1229, dando-lhe o foral da Guarda (que tinha grandes privilegios) em abril d'esse anno. D. Manuel lhe deu foral novo, em Santarem, no primeiro de junho de 1510. (No mesmo dia, mez e anno que o deu a Idanha Nova.)

Debalde, porém, os nossos reis tentaram povoar esta villa.

Tantas vezes tinha sido reedificada e arrazada, que parecia uma povoação maldicta, e ninguem para lá queria hir!

Em 1240, achando-se de *fogo morto* todo o territorio de Idanha Velha, mandou D. Sancho II (a 10 de março d'esse anno) *que fosse todo povoado até ao ultimo dia do proximo maio, sob pena de perderem o que seu fosse, os que o não viessem póvoar* (já se sabe, os que aqui tivessem propriedades, ou seus herdeiros).

Segundo Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, a marcha das coisas de Idanha Velha, varia alguma coisa dos outros escriptores. Segundo elle: D. Affonso I deu-a aos templarios (e tambem Monsanto) em 1165; mas, não podendo elles então preencher as condições da doação (povoação e reedificação) continuou a ser da corôa até que, em 1194, D. Sancho I deu principio á sua povoação, intitulando-a cidade, e dando-a de novo aos freires do templo, sendo então seu mestre D. Lopo Fernandes.

Doou-a o rei á Ordem, *jure hereditario in perpetuum*, com todos os direitos reaes; mas os templarios cederam então ao rei os castellos de *Mogatorio* (Mogadouro) e *Petenis-Rubis* (Penas Royas).

Já vimos, em Idanha Nova, que, quando D. Affonso II confirmou em 1218 as doações das duas Idanhas aos templarios, lhes dá (a ambas) o titulo de *villas*.

Estou persuadido que desde 715, não o tornaram a haver bispos em Idanha Velha, e com residencia aqui; e que, mesmo antes de se mudar a séde do bispado para a Guarda, os bispos—posto que se assignassem *egitanenses*, residiam na villa de Penamacor, servindo-lhe de Sé a egreja matriz de S. Thiago.

Parece-me mesmo, que nos primeiros tempos de D. Affonso I, não havia bispo nem na Idanha-Velha nem em Penamacôr, mas apenas uma *collegiada episcopal*, uma especie de cabido, que governava o bispado, *sede vacante*.

Isto mesmo se collige do foral que D. Sancho I deu a Penamacôr, em 1199, pois diz:

«*Ecclesia de Penamacôr accipiant primicias singulas fangas de omni pane, et decimam de pane, et vino, et de omnibus fructibus et pecoribus.*

«*Et* episcopus *habeat tertiam partem, et clerici tertiam partem, et parrochiani aliam tertiam, et expendat illam per* episcopum, *et perdericos ecclesiarum, ubi rectum fuerit....... venarii et barrari de Penamacôr habeant unum forum, exceptis Domibus Regis, et* episcopi, *etc.*»

Assignados além do rei e outros—«*Menendus Petri, prætor qui incepit populare.—Martinus Cresconis, archidiaconus, qui incepit populare.—Mauratum, portarius, qui incepit populare.*»

Aqui se falla em bispo, que ainda não havia, mas que brevemente se esperava, pois se determina por lei, o que se devia praticar quando elle chegasse a existir.

Tambem se póde inferir que *Martim Cresconio* era prelado dos clerigos de Penamacôr.

E' pois muito de suppôr que, pelo menos depois de 1100, os bispos d'Idanha (se os houve, o que é provavel) residiram sempre em Penamacôr; porque nem em Idanha Ve-

lha tinham povo, nem egreja, que podesse servir de cathedral — e em Penamacôr tinham ambas as coisas; e além d'isso, estava mais a coberto das invasões dos mouros, e já no fim do seculo XII, se achava com povo e clero, a quem um *arcediago* presidia.

E mais—é tradição constante na Beira-Baixa, que a egreja de S. Thiago de Penamacôr, foi Sé. (Já então tinha castello.)

Já disse que os bispos, ainda que aqui residissem, sempre se intitulavam (como ainda hoje) egitanenses.

D. Sancho III, vendo que, por mais que fizesse, não era capaz de tornar Idanha Velha uma cidade em termos de ser episcopal, pediu ao papa Innocencio III, para mudar para a Guarda a séde d'este bispado, o que o papa lhe concedeu em 1199, com a condição, *sine qua non*, de que os bispos sempre se intitulariam egitanenses, em memoria da famosa cidade de Egitania.

Não pude saber se em Penamacôr houve só um, se mais bispos d'Idanha. O que é certo é que D. Martinho Paes, eleito bispo depois de março de 1202, residiu, como bispo egitanense, alguns annos em Penamacôr; e d'esta villa quiz revindicar (até á força d'armas) as egrejas de *Germêllo*, *Castello Mendo* e outras, que o bispo de Viseu lhe tinha usurpado.

Do bispado de Idanha sahiu o de Castello Branco, todo, e a maior parte do de Portalegre. Era suffraganeo de *Merida* (capital da Lusitania) e depois o foi de *Compostella*, successora de Merida.

No reinado de D. João I, quando já os bispos residiam na Guarda havia muitos annos, é que Innocencio VII, a rogos d'aquelle rei, livrou o bispado da sujeição a metropolitano estrangeiro, fazendo-o suffraganeo do arcebispo (hoje patriarcha) de Lisboa, em 1405.

Para tudo o mais que diz respeito a bispos e bispado, vide *Guarda*.

—

Ainda em Idanha Velha e nos arredores ha muitos vestigios da sua remota antiguidade, e da vastidão do seu ambito.

Esta, que foi nobilissima e brilhante cidade, está hoje reduzida a insignificante aldeia, e só por commiseração e em attenção ao que foi outr'ora, se lhe dá o titulo de villa!

Egitania era um dos seis bispados em que o concilio de Lugo (569) dividiu a Lusitania. (Vide *Bispado*.)

—

É actualmente (1874) bispo egitanense (da Guarda) o sr. D. Manuel Martins Manso, que em 1873 consagrou esta Sé, solemnemente, ao Santissimo Coração de Jesus.

IEBORÁH ou **JEBORAH** — nome que os arabes davam á cidade d'Evora.

Vinha a ser o seu antigo nome *(Ebora)* mal pronunciado.

IENTO — herdade cultivada e fructifera. (Portuguez antigo.)

IFFANES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca do Mogadouro, até 1855, e desde então comarca, concelho e 12 kilometros de Miranda do Douro, 465 ao N. de Lisboa, 150 fogos. Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 42$000 réis annuaes.

IGREJA — vide Egreja.

IGREJINHA — vide Egrejinha.

IGREJOL — vide Egrejol. (Tambem se dizia *igréjó* e *igréjô*.)

IGUARÍÇO — vaqueiro, pastor de vaccas. (Portuguez antigo.)

IHOM ou **YOM** — portuguez antigo, João, nome proprio.

ILANDRA — Olanda, panno de linho que vem de Hollanda. Dá-se o mesmo nome ao panno portuguez fabricado de egual modo.

ILDEFONSO (Santo) — freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 6 kilometros de Elvas, 180 a E. de Lisboa, 55 fogos.

Em 1757 tinha 59 fogos.

Orago Santo Ildefonso.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

É terra fertil.

A mitra apresentava o vigario, collado, que tinha 180 alqueires de trigo e 90 de cevada.

ILGARES—vide Ligares.

ILHAS E MAIS POSSESSÕES PORTUGUEZAS NA AFRICA, ASIA E OCEANIA [1]

Africa portugueza

AFRICA OCCIDENTAL

Archipelago da Madeira (a que se chama *Ilhas adjacentes*):

Consta das ilhas da *Madeira, Porto Santo, Desertas, Bogío* e *Selvagens.*

Estão na Africa Occidental, na zona temperada, em 32°37' e 32°64' de latitude septentrional—e 6°50' e 1°30' de longitude oriental;= 540 kilometros a O. da costa de Africa, e 960 de Lisboa.

O seu clima é dos melhores do mundo. As suas maiores elevações são—na Madeira, o *Monte-Ruivo,* que tem 1:800 metros acima do nivel do mar; e o das *Torrinhas,* que tem 1:660 metros.

Os seus principaes portos são *Funchal,* na Madeira, e *Porto Santo,* na ilha d'este nome.

O terreno d'estas ilhas é fertilissimo; produzindo todos os fructos da Europa e muitos da Africa, Asia e America.

A ilha de *Porto Santo* foi descoberta em 1418; e a *Madeira* foi descoberta por *João Gonçalves Zarco,* em 1 de julho de 1420.

Outros dizem que foi em 1419. João Gonçalves Zarco ficou desde então chamandose, por ordem do rei, *João Gonçalves da Camara,* por causa da caverna, ou *camara,* das phocas *(lobos marinhos)* que alli ha.

ARCHIPELAGO DOS AÇORES

Consta de 9 ilhas e alguns *ilheus,* divididas em 3 grupos.

O *grupo oriental* comprehende as ilhas de *S. Miguel* e *Santa Maria.*

O *central* comprehende a *Terceira, S. Jorge* e *Graciosa.*

O *occidental* consta do *Fayal, Pico, Flores* e *Côrvo.*

Situado em 53° de latitude e 10 de longitude da ilha do *Ferro.*

A sua maior elevação é a montanha vulcanica do *Pico,* na ilha d'este nome, com 2:500 metros acima do nivel do mar.

Os seus principaes portos são:—*Horta,* no Fayal; *Angra,* na Terceira; e *Ponta Delgada,* em S. Miguel.

Fertilidade como na Madeira.

—

Este archipelago foi descoberto por *Gonçalo Velho Cabral,* em 1444.

ARCHIPELAGO DE CABO VERDE

Consta de 10 ilhas e alguns *ilheus,* divididas em dois *grupos.*

O *grupo do norte,* compõe-se das ilhas de *Sal, Boa-vista, S. Nicolau, Santa Luzia, S. Vicente* e *Santo Antão.*

O do *sul* compõe-se das ilhas de *S. Thiago, Fogo, Brava* e *Maio.*

Os *ilheus,* são—*Grande* e *Bombo,* ao sul—e *Branca* e *Roza* (ilhotas) ao norte.

É na Africa occidental, em 14°43' de latitude N., e 8°24',5" O. de Lisboa. 600 kilometos ao O. da terra firme, de *Cabo Verde.*

Clima doentio, por causa das aguas estagnadas. Na ilha de *Santo Antão* é bom.

As suas maiores elevações são—o *Pico de Santo Antonio,* na ilha de S. Thiago, com 3:114 metros acima do nivel do mar, e o *Volcão,* na ilha do Fogo, com 2:466.

Os principaes portos são na ilha de *S. Vicente* e na de *S. Thiago*—os immediatos são—na *Ilha do Fogo, Boa-Viste, Maio* e *Sal.* Os mais são de pouca importancia.

Tem minas metalicas, aguas thermaes, e muito sal mineral e artificial.

Terreno fertil em quasi todas as ilhas, não havendo grandes séccas.

—

Antonio Noli e Diogo Gomes, descobrem este archipelago, em o 1.° de maio de 1460.

COSTA DE GUINÉ

Territorio no continente da Africa occidental.

[1] No fim d'esta obra publicarei um *Diccionario Geographico* de todas as nossas possessões fóra do continente portuguez, com todos os esclarecimentos que me fôr possivel obter. Para satisfazer porém a impaciencia de muitos senhores assignantes, dou n'este logar a relação abreviada d'essas possessões.

Tem *adjacentes*, as ilhas de *Cacheu, Bissau, Bossis* e *Bolama*, e a ilha das *Gallinhas*, archipelago de *Bujalós*.

Situada em 13° de latitude N., e 3° de longitude.

Tem 360 kilometros de comprido, pela costa, e o mesmo de largo.

Clima doentio, por causa das aguas estagnadas. De novembro até maio grassam as febres chamadas *carneiradas*.

Tem quatro *cabos*;—*Verde, Santa Maria, Roxo* e da *Vêrga*.

Os seus principaes portos são:— *Bissau* (formado pelos rios de *Gêba*)— *Bolama* (formado pelos rios *Gêba* e *Grande*); — *Cacheu* (formado pelo rio de *S. Domingos*).

Os outros são de menor importancia.

Os seus mais importantes rios, são: *Casamansa, S. Domingos* (ou *Cacheu*), *Gêba* e *Rio Grande*.

Terreno feracissimo, sobretudo em arroz fructas, anil, algodão, inhames, azeite de palma, café, madeiras de construcção e tinturaria, etc.

Cria muito gado e abelhas.

—

Esta costa foi descoberta por *Diogo da Azambuja*, em 1482.

GOLFO DE GUINÉ

Ilhas de S. Thomé, Principe, e *Rôllas*.

Situadas debaixo do Equador.

Insalubres por causa das aguas estagnadas, principalmente na ilha de S. Thomé; mas o clima tem melhordo bastante.

A maior elevação d'estas ilhas é o *Pico*, na de S. Thomé, que tem 2:200 metros acima do nivel do mar.

O porto de S. Thomé é bom; e o do Principe é excellente.

Terreno fertilissimo em madeiras, café, anil, tabaco, assucar, algodão, pimenta, canella, etc.

Cria muito gado e abelhas e tem sal mineral.

O sr. barão de Agua Isé descobriu na sua vasta propriedade do mesmo nome, em 1874, uma abundante mina de petroleo.

—

A ilha de S. Thomé foi descoberta em 1470; e a do Principe em 1471.

COSTA DA MINA

O *forte de S. João Baptista de Ajudá*, que é uma *feitoria* commercial; mas está quasi abandonada.

Situado em 6°16' N. e 11°16' de longitude oriental do meridiano de Lisboa.

Tem dois portos, *S. Jorge da Mina* e *Ardra*, no reino de Dahomé na costa de Leste.

—

Diogo da Azambuja descobriu esta costa, em 1482, e fundou a fortaleza de *S. Jorge da Mina*. Lançou-lhe os alicerces a 21 de janeiro de 1482.

CABINDA E MOLEMBO

Paiz na costa de *Loango*, na Africa occidental. Estão abandonados.

Situados de 5° a 8° de latitude.

O clima é mortifero para os europeus; e é por isso que se acham abandonados.

O porto principal é *Cabinda*. O seu maior rio é o grande rio *Zaire*.

—

Foi *Diogo Cão* que descobriu este paiz, em 1484.

ANGOLA E BENGUELLA

Reinos na Africa occidental, situados de 8° até proximo de 18°, perto de *Cabo Frio*.

Tem 1:200 kilometros de comprido de N. a S., pela costa e de 840 a 1:200 para o interior.

Paiz insalubre para os europeus, principalmente durante as *carneiradas*, na estação das chuvas, que é de novembro a abril.

Os seus principaes *cabos* são:—*Lédo, Negro* e *Frio*; e os seus melhores portos são: *S. Paulo de Loanda* e *S. Philippe de Benguella*.

Os seus maiores rios são: em Angola — *Lifune, Dande, Bengo* e *Quanza*; — e em Benguela — *Longo, Nico, Catumbella*, e *Rio dos Mortos*.

As suas producções do reino animal, são: —*gado cavallar, vaccum, lanigero, suino* e

toda a qualidade d'aves domesticas. Varias especies de animaes silvestres e amphibios, e muito peixe; abundando a *baleia*, o *cachalote* e o *bacalhau*.

As do reino vegetal, são: *milho*, *legumes*, *azeite de palma*, *algodão*, *anil*, *trigo*, *arroz*, *chá*, *assucar*, *tabaco*, *cacau*, *camphora*, e optimo *café*; boas madeiras, etc.

As do reino mineral, são: pedra calcarea, ferro, cobre, estanho, salitre, sal, enxofre, prata, oiro, muitas aguas sulphureas, etc.

—

A conquista de Angola principiou em 1576, e terminou em 1589.

O seu bispado foi erecto em 1596.

AFRICA ORIENTAL

As ilhas de *Cabo Delgado*, a ilha de *Moçambique*, os vastos territorios de *Rios de Senna*, e de *Sofalla* e *Inhambane*, e a *Bahia de Lourenço Marques*.

Lourenço Marques foi o que, em 1545, descobriu a bahia a que deu o seu nome.

Situada entre 10° e 26°.

Tem 2:400 kilometros de comprimento, pela costa, e 1:200 na sua maior largura, para o interior.

O seu clima ainda é mais doentio para os europeus que o de Angola.

Os seus principaes cabos são: — o *Cabo das Correntes*, e o *Delgado*.

A sua maior elevação são os montes de *Lupata*, que teem 2:000 metros acima do nivel do mar.

Os portos principaes são—*Bahia de Lourenço Marques*, *Moçambique*, *Sofalla*, *Quilimane* e *Oibo*.

Os seus maiores rios são:—*Espirito-Santo*, *Inhambane*, *Sofalla*, *Zambeze* (ou *Cuama*), *Quilimane*, *Mongollo*, *Arcanha*, *Revugo*, *Chire*; além de outros muitos de menos volume.

Terreno fertilissimo, produzindo o mesmo que Angola e Benguella.

—

Este paiz foi descoberto por *Vasco da Gama*, em 1497.

—

Asia portugueza

ESTADOS DA INDIA OU INDIA PORTUGUEZA

As ilhas de *Goa*; as de *Anchediva*; os territorios de *Bardez*, *Salsete* e *Novas Conquistas*; *Damão*, na costa de Decan, 440 kilometros ao N. de Goa; ilha de *Diu*, no golfo de Cambaya e costa de Guzarate, 480 kilometros a NNO. de Gôa.

Situados entre 15° a 21° de latitude occidental, e 87° a 97 de longitude septemtrional.

Este paiz é quasi todo plano, e o seu clima benigno e saudavel.

Os seus principaes portos são:—*Gôa*, *Damão* e *Diu*.

Produzem muito gado e aves domesticas; ha muito peixe, e são abundantissimos em chá, café, especiarias, algodão, arroz, milho, trigo, assucar, côco, opio, vinho de palma, fructas, etc.

Tem sal mineral, aguas sulphureas e minas metallicas.

—

Vasco da Gama, é que descobriu o caminho para a India, por mar, dobrando o *Cabo da Boa Esperança*, e penetrando no Oceano Indico, em 1498.

CHINA PORTUGUEZA

A cidade e terriiorio de Macau é n'uma peninsula, que faz parte da grande ilha de *Han-chan*, que está á entrada do grande rio e bahia de *Cantão*, na parte meridional da China.

Situada na latitude N. de 22°12'.

A cidade e o territorio tem 6 kilometros de comprido e 1:500 metros de largo.

O clima é bom e saudavel, e o porto vasto e seguro.

—

Fernando de Andrade é recebido amigavelmente pelo imperador da China, em 1517 e faz então com elle um tratado para os portuguezes edificarem a cidade de Macau, cuja fundação principiou em 1557.

(Parece que este navegador portuguez se chamava *Fernão Peres de Andrade*, e não Fernando de Andrade.)

Elle descobriu a China a 15 de agosto de 1517.

—

Oceania portugueza

Temos n'esta parte do mundo os estabelecimentos das ilhas de *Solor* e *Timor*.

Seu clima é quente e humido; mas salubre na maior parte.

Tem algumas pontas ou cabos pequenos, sendo a principal — *Larantuca*, na parte oriental de Solor Novo.

A sua maior elevação é em Timor, cujo monte tem 2:000 metros sobre o nivel do mar.

O porto principal é o da cidade de *Dilli* em Solor; e o de *Lifau*, em Timor.

São muito ferteis; teem muito gado cavallar, vaccum e lanigero, e outras muitas especies de animaes.

Tem muitas tartarugas e no seu mar se pescam muitas perolas.

Produzem algodão, milho, trigo, legumes, arroz, uvas, laranjas, limas, ananazes, especiarias e pau sandalo.

Tem minas de sal, salitre, enxofre, ouro, cobre, ferro, etc.

Debaixo do nome de Solor, comprehende-se a grande ilha de *Solor-Novo, Flores* ou *Oendé*, e as tres pequenas adjacentes de *Adonare, Sabráo* e *Solor.-Velho.*

Estão situadas em 10° de latitude oriental.

Todas estas ilhas teem muito bons portos, sendo o melhor o de *Babau* ou *Capam*, que póde receber grandes esquadras, mas não é nosso. Estas ilhas não são nossas senão em parte; o resto está occupado pelos indigenas, governados por seus reis ou chefes, dos quaes uns são tributarios, outros nossos alliados e outros (poucos) nossos inimigos, e com os quaes andamos quasi sempre em guerra.

A Oceania foi descoberta pelos portuguezes em 1525.

As fortalezas de Solor foram edificadas em 1595.

Por a julgar bem cabida n'este logar, dou aos leitores a taboa topographica e estatistica seguinte:

Táboa topographica e estatisiica das provincias continentaes, insulares e ultramarinas

	PROVINCIAS	SUPERFICIE EM LEGUAS QUADRADAS	CAPITAES	POPULAÇÃO	N.º DE HABITANTES POR LEGUA QUADRADA
CONTINENTAES	Estremadura	800	Lisboa	762:885	953
	Douro	320	Porto	839:796	2:624
	Minho	210	Braga	410:720	1:955
	Traz-os-Montes	340	Villa-Real	305:314	897
	Beira Alta	200	Vizeu	289:038	1:445
	Beira Baixa	260	Castello-Branco	326:160	1:254
	Alemtejo	860	Evora	276:590	321
	Algarve	160	Faro	130:329	814
INSULARES	Açores — Orientaes	68	Ponta-Delgada	89:857	1:321
	Açores — Centraes	60	Angra	65:000	1:083
	Açores — Occidentaes	135	Horta	68:438	505
	Adjacentes — Madeira e Porto Santo	66	Funchal	116:146	1:759
ULTRAMARINAS	Cabo Verde, etc.	4:200	Ribeira-Grande	100:000	23
	S. Thomé e Principe	54	S. Thomé	16:000	293
	Angola, etc.	28:000	Loanda	432:853	15
	Moçambique	24:000	Moçambique	300:000	12
	Estado da India	556	Nova-Gôa	451:276	811
	Macau, Solor e Timor	1:652	Macau	875:000	529
	Somma	61:941		5.855:402	94

(A superficie e população do ultramar é por um calculo aproximado rasoavel, pois não ha dados officiaes.)

ILHAVO—villa, cabeça de concelho, Douro, comarca e 5 kilometros ao S. de Aveiro, 240 ao N. de Lisboa, 65 ao S. do Porto, 2:065 fogos, 8:000 almas.

Tem 1:405 fogos na villa e 660 no resto da freguezia.

Em 1757 tinha 1:023 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

No concelho os mesmos fogos, porque é formado só por esta freguezia.

Situada em fertil e bonita planicie, banhada, na direcção NS., pela formosissima ria de Aveiro.

Abunda em cereaes, vinho, fructas e legumes. Boas pastagens e muito gado de toda a qualidade.

Muito peixe, da ria e do mar; porém o seu maior commercio é o sal, que exporta em grande abundancia.

Tem quatro *companhas* de pescadores, que, com suas familias, formam a maior parte da população da villa, e freguezia.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 1:100$000 réis de rendimento annual.

—

Ilhavo é povoada de boas e bem construidas casas, divididas em 11 ruas principaes, com 43 travessas, que todas tem numeração civil. Algumas das principaes ruas e toda a parte central da villa é soffrivelmente illuminada a petroline.

Augmenta notavelmente a população de anno para anno, favorecida pelas condições climatericas da localidade, que são excellentes, em resultado da abertura da barra de Aveiro, e dos melhoramentos materiaes da villa, em continuo desenvolvimento ha 30 annos a esta parte.

Foram donatarios d'esta villa os condes de Carvalhaes.

Ignora-se a epocha da sua fundação, e qual o fundador; e não é menos desconhecida a origem do nome de Ilhavo; pois que não parece crivel a que a tradição dá por verdadeira, qual é a de que, quando em eras remotas vinha a esta localidade algum morador de Aveiro, dizia «á ilha vou», e d'ahi o nome de Ilhavo; nem ainda a que refere que, existindo junto a Aveiro uma avó com seu neto, este, convidando-a a vir á nova povoação, lhe dizia: «á Ilha, avó.»

Mais acceitavel seria a que ha poucos annos tenho ouvido, e é que—reconhecendo todos os comvisinhos a belleza e fertilidade d'este trato de terra, amiudo cortada de regatos e valles abundantes, que tornam feracissimos os seus numerosos prados e campinas, lhe deram o nome de Ilha Bôa, que o decorrer dos tempos mudou no de Ilhavo.

Em tal escuridade porém está envolvido este ponto, que não póde affirmar-se qual ou se alguma d'estas origens é verdadeira.

—

A população de Ilhavo compõe-se, na sua maxima parte, de maritimos, artistas e lavradores; predominando todavia a classe maritima, que é justamente apreciada e distincta no paiz pela inexcedivel coragem e valentia com que se arroja aos perigos do mar, e pela sua constancia e serenidade de animo na luta contra a adversidade.

São maritimos de Ilhavo os que tripulam todos os navios dos armadores d'esta villa, e dos de differentes praças commerciaes do reino, principalmente do Porto e Aveiro.

Os homens de Ilhavo passam por descendentes da raça pelasgica; e esta opinião é tambem a do visconde d'Almeida Garrett, como póde vêr-se no 1.º capitulo das *Viagens na minha terra.*

As mulheres gosam do conceito de formosas, e sobretudo de muito sympathicas e donairosas.

Acerca do caracter dos habitantes de Ilhavo citarei o que d'elles escreveu o grande orador parlamentar José Estevão Coelho de Magalhães, no periodico o *Districto de Aveiro*, em 1861 «A povoação de Ilhavo é intelligente, livre e apaixonada» e a este juizo devemos tambem accrescentar que, a população de Ilhavo é sincera e verdadeiramente religiosa e bem morigerada.

Dos edificios publicos da villa é notavel a egreja parochial, bello templo de tres naves, vasto e elegante.

No dia 3 de outubro de 1774 benzeu e lançou nos fundamentos d'ella, a primeira

pedra o respectivo parocho, com licença do prelado, e proseguindo as obras muito morosamente foi a egreja finalmente benzida, e exposta ao culto em 1785.

Foi edificada com o rendimento do real da carne e vinho, e do acrescimo do cabeção das cizas, que el-rei D. José para este fim concedeu por sua real resolução de 7 de julho de 1773; exceptuando porém a capella-mór, que, segundo reza o mesmo documento, ficava a cargo do parocho, que disfructava os dizimos, e que effectivamente a mandou construir á sua custa. Valioso e importantissimo para aquelle tempo era o rendimento dos dizimos, pois que subiu em alguns annos a dez mil cruzados.

Sabe-se que esta egreja era rica de alfaias preciosas de ouro e prata, que infelizmente lhe foram arrebatadas na primeira invasão franceza por ordem de Junot, escapando apenas uma boa custodia de prata dourada, de grande valor artistico, que pertence á irmandade do Santissimo Sacramento, erecta na mesma egreja. Possue bons paramentos brancos de lhama de prata, bordados a ouro em relevo.

Tem a villa mais dois templos: o das Almas, onde está erecta a Ordem Terceira da Penintencia de S. Francisco, e o de Nossa Senhora do Pranto, a cargo da irmandade sob a invocação do Pranto e Dores.

Tem a villa mercado diario, abundante dos artigos de primeira necessidade; e póde affoitamente dizer-se, que é uma das terras do reino onde as subsistencias são mais baratas.

Em volta da villa ha 18 aldeias, todas pertencentes á freguzia e concelho de Ilhavo, e são, a começar pelo Norte: Forte da Barra, Costa Nova, Gafanha, Chouza Velha, Vista Alegre, Soalhal, Ermida, Ribas Altas, Carvalheira, Valle de Ilhavo, Moitas, Moitinhas, Quintans, Preza, Legua, Corgo Commum, Arribas e Coutada.

Quasi todas estas aldeias são aprasiveis e pittorescas, com os seus campos povoados de constante vegetação, e abundantes de hortas e pomares.

Entre a villa e o Oceano, que é limite da freguezia, correm dois braços da ria de Aveiro; um, que separa a Gafanha da villa, e sobre o qual ha uma ponte de pedra d'onde se desfructa um bellissimo panorama; e o outro, que separa a Gafanha da Costa Nova do Prado e offerece agradavel distracção aos banhistas e moradores d'esta costa.

São ambos navegaveis em todo o tempo; criam abundantes e variadas especies de saborosissimos peixes, e differentes algas, denominadas *moliço*, que serve para adubo das terras; e com suas aguas alimentam numerosas salinas ou marinhas, que são *amanhadas* por *marnotos* d'esta villa.

Os artigos principaes, que a villa de Ilhavo exporta, são: peixe, sal, fructas, trigo, feijão, pão fabricado, serguilhas e moliços, afora outros productos de industria.

Cabe aqui fazer especialissima menção da fabrica de porcellana e vidraria da Vista Alegre, que é povoação da freguezia, e quasi continuação da villa de Ilhavo.

Os productos ceramicos d'este estabelecimento fabril, unico do seu genero no paiz, são geralmente estimados; e nos certames da industria, assim nacionaes como estrangeiros, se teem apresentado honrosamente para o reino, alcançando sem favor medalhas e diplomas de merito.

Na Vista Alegre faz-se mensalmente um importantissimo mercado, conhecido pela triplice denominação de *feira da Ermida, dos treze e do bispo.* Diz-se da Ermida, porque a Vista Alegre pertenceu outr'ora ao extincto concelho e couto da Ermida; dos treze, porque o mercado tem logar em egual dia de cada mez; e do Bispo, porque alli residiu o bispo de Miranda, D. Manuel de Moura Manuel, cujos restos mortaes estão encerrados n'um admiravel mausoleu de marmore na capella por elle edificada, a qual é toda um primor de arte, mas sobretudo notaveis o mausoleu, a magnifica tribuna de masaico, e a pintura do tecto da capella. Alem do que a respeito d'este templo se diz no *Santuario Mariano*, deve lêr-se o que refere o sr. Brito Aranha no seu livro, ácerca de algumas povoações notaveis do paiz. Ahi vem narrados importantes factos, e lendas curiosas, que julgo desnecessario

repetir aqui; mas que assevero serem conformes á tradição.

A absoluta falta de annaes do municipio deixou cahir no olvido os factos notaveis, que possam ter acontecido em Ilhavo em epochas afastadas; se é que as revoluções politicas do nosso paiz, e aquelle tão conhecido, e tão nosso, desamor pelas antiguidades não inutilisaram os documentos publicos (que alguns existiriam forçosamente outr'ora nas repartições publicas dos antigos concelhos de Ihavo e Ermida) onde um espirito investigador colheria hoje abundante messe de curiosas noticias.

No mesmo esquecimento cahiram as pessoas notaveis de Ilhavo em eras remotas. No primeiro quarto d'este seculo e ainda alguns annos depois, distinguiram-se entre os filhos de Ilhavo, o brigadeiro João de Sousa, segundo tio do actual visconde de Almeidinha, cujo brazão d'armas se vê na sua casa da rua de Alqueidão, solar da familia, e onde tem o seu jazigo em capella propria, dedicada a Nossa Senhora das Neves; o dr. Manuel da Rocha Couto, lente de canones na Universidade de Coimbra, e deputado ás côrtes ordinarias, que se seguiram ás de 1820; Manuel Nunes Chocha do Couto, que foi juiz do crime no Porto, e corregedor de Trancoso; e Ricardo José da Maia Vieira, que depois de exercer varios logares da magistratura judidial antiga, foi corregedor em Setubal até ao estabelecimento do regimen constitucional.

Actualmente ennobrece-se a villa de Ilhavo, contando no numero dos seus filhos existentes, um arcebispo, um governador civil, um juiz desembargador da Relação do Porto, dois juizes de direito, um delegado do procurador regio, medicos, advogados, engenheiros civis e de minas, parochos e grande numero de simples sacerdotes.

Entre todos os filhos de Ilhavo sobresahe o vulto venerando do ex.^{mo} arcebispo de Evora, cuja biogaphia, em rapidos traços, vae no fim d'este artigo, e ao qual, assim como ao seu digno secretario o rev^{mo} sr. José Candido Gomes de Oliveira Vidal, agradeço eternamente reconhecido, a benevolencia com que se dignaram satisfazer a minha supplica, mandando-me preciosos apontamentos sobre esta villa.

—

Pelos annos 1372 ant. de Jesus Christo, *Baccho*, filho de *Semele*, acompanhado de muitos gregos, aportou á Lusitania, e mettendo-se de gôrra com os povos d'aqui, lhes deu para rei, Lysias.

Foi, provavelmente, por este tempo, ou pouco depois, que uma colonia de gregos, da formosa raça pelasgia, entrou pela foz do Vouga e se estabeleceu nas suas margens, e d'ella procedem (mas hoje já muito *crusados* com outras raças) os *ilhavenses*, *aveirenses* e *ovareiros*, *varinos*, ou *vareiros*.

Os primeiros (ilhavenses) são, ainda hoje, o typo mais gracioso e elegante d'essa formosa raça. As mulheres d'Ilhavo, sobre tudo, conservam, com pouca corrupção, as fórmas elegantes e esbeltas, e o rosto regular e bello das encantadores georgianas do Caucaso, tão célebres pela sua inimitavel belleza e elegancia.

—

Já se vê que Ilhavo é povoação antiquissima.

D. Diniz a elevou á cathegoria de villa e lhe deu foral, em Coimbra, a 13 de outubro de 1296. D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 8 de março de 1514

(Este foral é tambem para *Sá* e *Villa-de Milho*, hoje *Verde Milho*.)

—

Aqui nasceu, a 22 de março de 1801, o sr. D. José Antonio Pereira Bilhano, filho dos srs. João Antonio Bilhano e Rosa Maria de Jesus, modestos e honrados habitantes d'esta villa.

Ficou no adolescencia orphão de pae, o que lhe foi um obstaculo para seguir a vida ecclesiastica, para que mostrava decidida vocação.

Foi porem apresentado ao virtuoso bispo d'Aveiro, D. Manuel Pacheco de Rezende, que o tomou e amparou.

Em 1823, havidos d'aquelle prelado os precizos meios, fez em Coimbra a sua formatura em canones, obtendo informações distinctas pelo seu talento, applicação, exemplar comportamento.

N'aquelle mesmo anno foi nomeado professor das cadeiras de historia sagrada, ecclesiastica e de direito canonico: regendo depois tambem a de theologia moral.

O bispo o nomeou promotor do juizo ecclesiastico e successivamente juiz dos casamentos, vigario geral do bispado e provisor.

Até á morte do seu protector, se conservou o sr. D. José no exercicio dos seus ultimos cargos, não accedendo as instancias que então lhe fizeram para continuar (como vigario geral) no governo do bispado, sede vacante; preferindo recolher-se á sua humilde casa d'Ilhavo, tão pobre como d'ella tinha sahido, e depois de 14 annos de vida publica.

Aqui se dedicou exclusivamente ao ensino particular da historia, latinidade, logica, rhethorica, geographia, francez e inglez.

Gratuitamente receberam do sr. D. José a instrucção, muitos mancebos, que d'outra sorte a não alcançariam.

A fama das muitas luses, superior methodo de ensino e bons exemplos que o sr. D. José adquiriu até grandes destancias de Ihavo, lhe trouxeram muitos discipulos, que depois, nos estudos superiores e em elevados logares publicos, honraram o mestre pela sua illustração e moralidade.

Ficando em 1842 interrompidas as relações entre a Curia romana e o governo portuguez, Sua Santidade investiu o sr. D. José, de todos os poderes e jurisdicção ordinaria, no bispado d'Aveiro, com a faculdade de os delegar em ecclesiasticos da sua escolha.

Por tal modo se houve, que mereceu do Summo Pontificie, os justos louvores e incontestaveis provas de estima e aprêço; o que directamente lhe foi communicado em documentos honrosissimos, admirando a prudencia com que o sr. D. José soube sempre cumprir os seus deveres, sem se malquistar com os poderes seculares de Portugal.

Em 1849 foi feito prior da freguezia da Oliveirinha, e em 1851, ganhou, por concurso, a d'esta villa d'Ilhavo.

Em 1860, não podendo resistir ás repetidas instancias de seus amigos e admiradores, acceitou o governo do bispado d'Aveiro, que conservou até 17 de março de 1868, em que foi exonerado.

Em 1869 foi eleito arcebispo metropolitano d'Evora e confirmado por Sua Santidade, Pio IX em 6 de março de 1871.

No primeiro de maio d'este anno, tomou posse, por procuração do sr. D. José, o fallecido deão da Sé d'Evora, José Abilio de Oliveira.

No dia 4 de junho do mesmo anno, foi sagrado em Lisboa; fazendo a sua entrada solemne, na sua cathedral, no dia 8 do mesmo mez e anno.

Nos tres annos que até hoje tem durado o seu governo archiepiscopal, se tem mostrado o sr. D. José um sollicito e exemplarissimo principe da egreja lusitana, e digno do eminente logar que com tanta dignidade occupa.

Uteis e urgentes reformas materiaes e moraes tem levado a effeito, com geral louvor, e o seu trato ameno, chão, affavel e despretencioso lhe tem conquistado as geraes simpathias: distinguindo-se d'entre tantas virtudes que adornam este varão respeitavel, a principal a — caridade— que exerce em larga escala.

Honra pois ao nobilissimo prelado, que se soube elevar pelo caminho da honra, da virtude e da sciencia, a tão alto emprego, e n'elle conservar-se com tanta dignidade.

IMPRIR — portuguez antigo, *encher.*

INÇALDE — Vide *Insalde.*

INCLUSA ou **EMPAREDADA, EMPEREDEADA EMPAREDENADA** e **EMPARDEADA** —pois de todas estas maneiras se escrevia.

A *emparedada* mettia-se voluntariamente (ou em cumprimento de um voto, ou por penitencia d'algun pecado grave, ou por mera devoção) n'uma cella ou cubiculo estreito (em alguns nem se podiam deitar!) fechava-se-lhe a porta de pedra e cal, ficando apenas um buraco para receberem o alimento (pão e agua) e por onde se confessavam e commungavam.

É tão repugnante ver um homem sem religião como é ridiculo ver outro supersticioso até este ponto. Não fariam maior serviço a

Deus e á humanidade, estas mulhéres desvairadas se fossem umas virtuosas e exemplares mães de familia, ou se empregassem o seu tempo em soccorrer os famintos e consolar os afflictos? Decerto que sim.)

As *emparedadas* do Porto habitavam na rua da Ferraria de Cima, onde depois foi um hospital e actualmente está o bonito oratorio de Nossa Senhora da Silva, que já era padroeira d'ellas e do hospital. Vide Senhor d'Alem.

Junto á cidade da Guarda havia duas *emparedadas* uma no logar e Sanctuario de Mirleu (ou Milreu) e outra proxima á Senhora do Templo. Existiram desde 1299 até 1302.

No Porto tambem no principio do seculo XIV havia muitas emparedadas; e por todo o reino as havia, principalmente em Lisboa, Coimbra, Porto, Santarem, Braga, Viseu, Guarda, etc.

Esta singular devoção durou desde o seculo XII até ao XV.

Tem havido grandes polemicas entre os escriptores, por causa das célebres *Donas de S. Nicolau*, do Porto. Querem alguns que ellas existissem no *Monte de S. Nicolau*, ou *Serra de Quebrantões*, hoje *Serra do Pilar* (Gaia) e que eram *emparedadas*. Viterbo porém, diz que as *Donas de S. Nicolau*, existiram na *Serra do Pilar;* mas que eram conegas regrantes de Santo Agostinho e não emparedadas.

É certo que o primeiro nome da *Serra do Pilar*, foi *Serra de Quebrantões;* depois, tendo-se alli erigido uma capella a S. Nicolau, se ficou chamando *Serra de S. Nicolau;* e por fim, quando os cruzios aqui fundaram o seu convento, lhe mudaram o nome para *Serra do Pilar*. Foram os cruzios que mudaram para a beira do rio (margem esquerda) a antiga capella de S. Nicolau e o hospicio annexo, que desde então se ficou chamando *Senhor d'Além*. A capella ainda existe e o hospicio está hoje convertido em fabrica de louça.

Estou persuadido que n'este hospicio, quando ainda estava no alto da serra (onde hoje está o convento) houve *emparedadas*, mas que o seu viver era menos rigoroso do que o das acima ditas, porque nem todas viviam n'um cubiculo estreito e immundo.

As *encelladas* (que eram uma especie de *inclusas* ou *emparedadas)* viviam em communidade, não sahindo porém nenhuma da sua respectiva cella, senão para orar em commum, para se confessarem e commungarem, ou para o serviço indispensavel da casa; e feito elle se recolhiam ás suas cellas. Tambem não comiam só pão e agua, mas sustentavam-se das suas rendas e das esmolas que lhe davam. Em Coimbra havia um convento chamado ainda hoje por isso, de *Cellas*. Vide Coimbra.

Não eram só mulheres que viviam esta vida de pobreza voluntaria e mortificação, segregadas do mundo; tambem muitos homens assim viviam *encellados*. Não eram outra cousa os eremitães das serras *d'Ossa*, *Cintra*, *Arrabida*, *Bussaco*, etc.

Tanto homens como mulheres, tinham uma regra mais ou menos rigorosa, segundo o voto que tinham feito, que impunham a si mesmos. No seculo XV, os respectivos bispos lhe impozeram *regra*, e os *encellados* de ambos os sexos se transformaram em conventos, todos porém de ordens pobres e penitentes.

Tenho achado nas chronicas, tanto de diversas ordens religiosas, como dos nossos reis, e em outros livros, muita relaxação (e até crimes) nas ordens religiosas, principalmente nos taes *conventos dobrados* (de frades e freiras) mas ainda não li um só facto de relaxação attribuido ás *emparedadas*.

INCRÉO—portuguez antigo, vide *Encréo*.

INFANÇÃO—(no portuguez antigo *Infançon*).

Em vista da sentença que a 3 de julho de 1486 se proferiu, *pelo juizo dos feitos d'el-rei* «com conhecimento dos documentos e arestos, que se acharam nos archivos antigos d'este reino, mandados examinar, para este fim, por el-rei (D. João II) e pela qual se julgou, que, os cidadãos de Lisboa deviam gosar os privilegios dos infanções *e que os infanções nada mais eram, do que os netos dos reis e filhos dos infantes, irmãos do principe herdeiro da corôa—ou, mais breve—os infanções eram sobrinhos do rei, que foi, que era, ou que havia de ser.*»

É de certo d'aqui que ainda hoje os reis de Portugal dão (por grande honra) o titulo de *sobrinho* ao individuo a quem querem fazer grande mercê.

Em vista de tal sentença, proferida por tal tribunal, e no tempo de tal rei (que tanto *esmiunçou* os titulos de nobreza em Portugal) parece que deviam ter terminado todas as duvidas e contestações sobre o que eram os *infanções*. (Esta sentença está nos documentos de Silves, e a transcreve Pegas, tom. 7.º, á Ord., liv. 1.º, tit. 91, § 2.º, gloss. 4.ª)

Ainda mais.

No *Livro das Provisões*, da camara de Coimbra, se vê a sentença, tambem de 1486, e d'ella consta, que se mandaram examinar os archivos da camara de Lisboa, e da Torre do Tombo; assim como os cartorios de Santa Cruz de Coimbra; d'Alcobaça, Bouro, Santo Thyrso, Lorvão, Odivellas e Arouca, e que, depois de vistos e examinados todos os alfarrabios alli encontrados, decide o mesmo que *julgou* o juiz dos feitos d'el-rei.

Ha uma carta regia, na qual D. Manuel manda (em 1510) que os cidadãos de Coimbra tenham os mesmos privilegios que antigamente tinham os infanções e ricos-homens, sob o *encouto* (multa) de 6:000 soldos, a quem lh'os infringir.

No foral dado a Coimbra, em 1111, se diz: *Infanzon non habeat in Colimbria domum, vel vineam, nisi qui voluerit habitare vobiscum, et servire, sicuti vos.*

Pois apesar de todas estas *peças officiaes*, e de muitas outras que deixo de citar, por ser desnecessario, ha documentos antigos, incontestaveis, que provam evidentemente, que o infanção era inferior ao *conde* e ao *rico-homem.*

Além de outras preeminencias que os condes e ricos-homens tinham sobre os infanções, bastará notar as seguintes:

D. Affonso IV, tratando das aposentadorias, manda que se dêem aos ricos-homens, 30 réis; aos infanções 15, e aos cavalleiros, 10.

D. Affonso III, fez rico-homem, em premio de brilhantes serviços, a Ruy Gomes de Briteiros, que era infanção. Se rico-homem fosse menos do que infanção, não era *premio*, era *castigo.*

Vemos tambem de todos os documentos antigos, e *regimentos* dos nossos primeiros reis, que, aos condes, se coutavam vinte creados, montados; aos ricos-homens, doze; aos infanções, sete; e aos cavalleiros e escudeiros, quatro. (Vide *Nobiliarch. Port.*, c. 7 e 10).

Já se vê, pois, que o tal exame, feito e tempo de D. João II, ou foi parcial (talvez feito por algum infanção) ou por quem não entendeu os codices antigos.

Pretendem alguns, que, todos os militares que acompanharam o infante D. Pelagio (ou Pelaio) para as cavernas e alcantis de Covadonga, nas montanhas quasi inaccessiveis das Asturias, e que lá formaram o nucleo d'essas hostes crentes, dedicadas e aguerridas, que, depois de continuas guerras, por espaço de sete seculos e meio, conseguiram expulsar totalmente da peninsula iberica as raças mouriscas; e os herdeiros d'esses bravos militares, tiveram o titulo de infanções, por se unirem ao dito infante.

Não ha fundamento para negar esta asserção, que póde muito bem ser verdadeira; mas o que se póde afoitamente affirmar, sem o minimo receio de ser desmentido, é que não se inventou então o titulo; pois que já muito antes havia infanções, no tempo dos reis godos; aos quaes se dava tambem o nome de *gillonarios* e depois, de *donzeis* (donzel é synonimo de infanção) e entre os officiaes palatinos de 1.ª ordem, havia o *praefectus gillonariorum*, a que depois se deu o titulo de *alcaide dos donzeis.*

Em Castella, Oviedo, Leão, etc., sempre antigamente houve infanções, e d'estes se diz, nas *Leis das Partidas* (t. 1.º, p. 2.ª) *que são fidalgos, mas não tidos em conta de grandes, ainda que procedidos de antiga linhagem.*

Sustentam bons auctores (e é o mais provavel) que *infanção* correspondia exactamente ao a que hoje chamamos *moço-fidalgo.*

Segundo Miguel del Molino (Reportorio For. Aragon v. Infantio e v. Miles) o filho do fidalgo, era infanção; quer fosse legitimo, quer bastardo, e, ou fosse varão ou femea.

Finalmente, nenhum documento incon-

testavel apparece, que prove ser o infanção superior ao conde e ao rico-homem; e todos mostram antes, que era inferior: pelo que me parece inacreditavel que, se os infanções fossem filhos de infantes, os reis collocassem os netos e sobrinhos em uma classe inferior (a terceira) na cathegoria aristocratica.

INFANÇOM ou **INFANÇON** — portuguez antigo. Vulgarmente fidalgo. Vide *Infanção.*

INFANTADÍGO — terra ou cousa pertencente aos infanções. (Documento de Refoyos do Lima).

INFANTAS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 16 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano.*

INFANTE — o menino, desde que nasce até chegar á edade da adolescencia. Os filhos dos reis, menos o primogenito, que se intitula *principe.* (Ás filhas, menos á primogenita, está permittido pelo uso chamarem-se *infantas*; mas contra as leis grammaticaes, porque *infante* é commum de dois.)

Houve tempo em que aos monges benedictinos, que eram novos ou que ainda não tinham ordens de missa, se dava o nome de infantes; depois se lhes chamou *choristas.*

INFERNO—vide Castello de Paiva.

INFESTA—freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho de Coura, 45 kilometros a NO. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 190 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Tem dois abbades, um curado, que apresentava a mitra e tinha 200$000 réis e o pé d'altar, que andava por 60$000 réis. O abbade sem ser curado (era um *beneficio simples)* era apresentado pela casa do infantado, e tinha 200$000 réis.

Os dizimos e as primicias eram divididos ao meio, entre os dois abbades.

No sitio ainda hoje chamado *Paço,* houve uma torre, que consta ter sido de Vasco Enes Caramena, que a deu a sua filha, Rica Vaz Caramena, mulher de Pedro Vaz, fidalgo gallego, que morou no logar da *Rapadoura.* Esta torre foi demolida, para com os seus materiaes se construir uma casa.

Para a etymologia vide a terceira Infesta.

INFESTA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 45 kilometros a NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 160 fogos. Em 1757 tinha 87 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É fertil. Gado e caça.

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

INFESTA (S. Mamede de) — freguezia, Douro, concelho de Bouças, comarca e 4 kilometros ao N. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 160 fogos.

Orago S. Mamede.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Muito fertil e rica. Cria-se aqui muito gado de toda a qualidade.

A egreja matriz é nova. Foi sagrada em 9 de setembro de 1866.

Está edificada no mesmo sitio da antiga (em uma bonita planicie) á custa do benemerito Rodrigo Pereira Felicio, natural d'esta freguezia e residente no Brasil, e feito visconde de S. Mamede de Infesta.

É um bonito templo com um elegante frontispicio, ainda que singello. Interiormente, ainda que pouco elevado, é de bonita apparencia, adornado com um bom altar-mór e seis lateraes.

Todos estes altares foram da egreja do convento de freiras franciscanas de Monchique, da cidade do Porto.

Lançou-se a primeira pedra n'esta egreja, em 27 de agosto de 1864.

Foi toda a obra concluida em 7 de setembro de 1866.

O bailio de Leça (Ordem de Malta) apresentava o abbade, que tinha 120$000 réis annuaes.

A freguezia tinha muitos e grandes privilegios, por ser da Ordem de Malta.

Esta freguezia tem tido tres nomes, sempre com o mesmo orago (S. Maméde,) pois se tem chamado *Mualde, Ermida* e *Infesta* (nome actual.) Parece que estes diversos nomes teem sido tomados das aldêas que ha na freguezia, e nas quaes tem estado a egreja parochial, pois ainda hoje existem as aldeias de Mualde, Ermida o Infesta: mas a egreja actual está em outro logar. Em um documento feito no anno de 1021, pelo qual D. Unisca Mendes e seu filho Oseredo, e sua filha Patrina, doaram ao mosteiro de Vaccariça o mosteiro de Leça e suas pertenças, se nomea a egreja de S. Maméde de Manualde, de que sem duvida Mualde é corrupção.

No catalogo dos bispos do Porto, de D. Rodrigo da Cunha, impresso em 1623, tambem se nomeia a freguezia de S. Maméde de Moalde; melhor se dirá *Mualde.* É uma grande aldeia d'esta freguezia, e talvez alli seria a primeira egreja da parochia.

Não sei quando perdeu este nome e passou a chamar-se *Ermida.* Na aldeia assim cognominada ha hoje uma bella capella da invocação da Senhora da Conceição. Ainda pelos fins do seculo passado se dizia S. Maméde da Ermida.

Provavelmente mudou-se a egreja para o logar da Infesta que tambem se chama o logar da *Egreja Velha*: e é este o nome que até hoje se tem conservado.

A freguezia de S. Maméde da Infesta é muito linda, povoada, e tem bellos edificios, lavradores ricos e grandes proprietarios. Parece uma villa, e bem merecia ser elevada a esta cathegoria, com mais razão do que outras aldeolas.

Atravessa esta freguezia a estrada de macadam que vae para Braga, e ha d'aqui uma estrada concelhia para a villa de Mattosinhos Todos os dias ha d'aqui carreira de diligencia para o Porto e Mattosinhos.

Ao norte é banhada pelas aguas do rio Leça, que vae morrer no Oceano Athlantico entre Mathosinhos e Leça de Palmeira: e tem aqui a historica *Ponte da Pedra, rendez-vous* de muitos portuenses.

Produz esta freguezia muito milho e centeio, bom gado, tem muitas leiteiras, lavadeiras, pedreiros e carpinteiros.

A egreja tem um bello cemiterio.

Infesta é palavra antiga portugueza, que significava *subida costa, costeira,* etc.

Hoje significa cousa prejudicial, damn'inha etc, e d'aqui *infestar,* damnificar, saltear, assolar, etc.

Os barqueiros do Douro chamam *infêsto* á corrente da agua do rio que desce pelos lados em quanto a maré sóbe; ou que sobe pelos lados quando a maré desce—isto é—os pontos do rio em que as duas correntes se encontram e neutralisam a sua rapidez, facilitando assim a viagem aos que remam contra a maré; pelo que os barqueiros, n'estas circumstancias, escolhem sempre o infêsto.

—

Infesta — como nome d'esta e das duas freguezias antecedentes, é na antiga accepção, por causa da subida ao cimo da qual estava a antiga egreja.

—

Agradeço cordialmegte ao sr. padre João Vieira de Castro da Cruz, de Milheiroz, os esclarecimentos que tem tem tido a bondade de me dar, d'esta e d'outras freguezias do concelho de Bouças.

INFÍAS—vide Enfias.

INFÍAS—villa, Beira Baixa, comarca de Celorico da Beira, concelho de Fornos de Algodres, 35 kilometros de Viseu, 315 ao NE. de Lisboa, 60 fogos, 240 almas.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

Situada em terreno accidentado, sobre a margem direita do Mondego.

É povoáção antiquissima e foi grande e notavel no tempo dos romanos, como ainda hoje attestam as suas ruinas.

Pretendem alguns que a sua antiga egreja matriz foi um templo dedicado a Mercurio, e dão como prova uma inscripção latina que está na parede do lado esquerdo d'ella, que diz:

DEO MERCVRIO
APONIVS SOSVMVS
A. L. V. S.

Tambem no fim do seculo passado existia aqui uma lapide, muito bem lavrada, com a inscripção seguinte:

D. M. S.
MARCVS
MARINO
I. F. AN. LX.
CILEIA
VXOR

(*Cileia*, fez pôr esta memoria sepulchral, em honra de *seu marido, Marcos, filho de Marqninhos*, ou Marcos pequeno, *no anno sessenta*.)

—

O papa e o bispo apresentavam o abbade, que tinha 100$000 réis annuaes.

INFÍAS (antigamente **INFÍDIAS**)—Minho, proximo a Braga. (Vide esta cidade e Dume.)

INFURÇÃO—portuguez antigo, tributo, renda ou aluguer que era pago ao senhorio, pelo que vivia nas suas casas.

INGUIAS ou **ENGUIAS**—freguezia, Beira Baixa, concelho de Belmonte, comarca e 24 kilometros da Covilhan, 285 ao E. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 114 fogos.

Orago S. Silvestre, papa.

O vigario de Belmonte apresentava o cura, que tinha 6$5900 réis de congrua e o pé d'altar.

INHA—pequeno rio, Douro. Tem seu nascimento n'uns pequenos arroyos que vem do monte do *Castêllo*, freguezia de Escariz, concelho de Arouca.

Passa proximo a Cabeçaes (ao O.) regando as freguezias de Escariz, Fermedo, Romariz, Valle, Louredo, Gião e Canedo (sendo a 1.ª, 2.ª e 5.ª do concelho de Arouca e as mais do da Feira, e fazendo nas duas ultimas trabalhar fabricas de papel.)

Desagúa na esquerda do Douro, no sitio da *Foz do Inha*, 1 kilometro abaixo de Pé de Moura, e 24 a E. do Porto. Tem 18 kilometros de curso. Faz mover muitos moinhos, e traz algum peixe, miudo mas muito saboroso, em razão de correr arrebatado por entre pedras. Tem algumas pontes de pau e uma boa de pedra, no *Cascão*.

Dá-se n'este rio uma singularidade. Logo abaixo da tal ponte do *Cascão* (que é proximo da aldeia de S. Vicente de Lourredo) é a fabrica de papel da *Lagem*. A margem esquerda é da freguezia de Gião, concelho da Feira, e a direita é da de Louredo, concelho de Arouca, e, como a maior parte do edificio da fabrica está construido sobre o rio (que aqui é muito estreito) póde um individuo (ou uns poucos, estando em linha) estar de pé no meio de uma sala, e ter metade do corpo na comarca da Feira e a outra metade na comarca de Arouca.

O que é bonito é que a esta sala vem os tabeliães das duas comarcas fazer escripturas, e todos dizem que estão na sua; e se muitas vezes mentem, tambem muitas fallam verdade.

O Inha recebe varios ribeiros, por uma e outra margem.

INSALDE, ou **ENÇALDE** [1]—freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho de Coura, 54 kilometros a NO. de Braga, 4405 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 163 fogos.

Orago Santa Maria (ou Nossa Senhora da Natividade.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os descendentes de Pedro Vieira da Silva Telles, de Lisboa, apresentavam o abbade, que tinha 330$000 réis de rendimento annual.

N'esta freguezia ha vestigios de duas fortificações, em frente uma da outra. A do E., no sitio chamado *Forninho do Ouro*, diz-se que é obra dos mouros. Tinha grandes *estradas subterraneas*, que, segundo a tradição, hiam ter ao ribeiro de Portozêllo: sendo a fortaleza para defender as minas de ouro que alli havia.

É mais provavel que as taes *estradas* subterraneas fossem galerias de lavra d'aquelle metal, que vinham desembocar ao ribeiro, para alli ser *lavado*.

A outra fortaleza, que a tradição diz ter

[1] No foral que D. Manuel deu á villa de Coura, em 2 de junho de 1515, se lhe dá o nome de *Ençalde;* mas nos livros modernos se lhe chama *Insalde*. (Vide Coura.)

sido obra dos christãos, era no sitio chamado mesmo *Ensalde (*ou *Insalde).*

Consta que os christãos, após uma encarniçada batalha, tomaram a fortaleza dos mouros, que fugiram para os Arcos de Valle de Vez.

O padre Manuel José da Cunha, d'esta freguezia, diz que as aldeias de *Rebordans* e *Villarinho*, d'esta freguezia, formaram um couto, em tempos antigos; mas Franklin não menciona similhante couto nos foraes novos nem velhos.

O que é certo, é que no foral que D. Manuel deu a Coura, em Lisboa, a 2 de Junho de 1515 *(Livro de foraes novos do Minho*, fl. 72 v., col. 2.ª) é comprehendida a freguezia de *Ensalde*. (Vide vol. 2.º, pag. 414.)

Na provincia do Minho, nenhuma povoação chamada Rebordans ou Villarinho tem foral no Franklin.

É verdade que o padre Cunha diz que os monges benedictinos de Ganfei eram padroeiros d'esta egreja e que foram elles que deram foral ás taes duas aldeias; mas o *Portugal Sacro e Profano* traz unicamente como padroeiros, d'esta freguezia os taes descendentes dos Silvas Telles, de Lisboa, e não os monges de Ganfei; aos quaes tambem o padre Cunha attribue jurisdição espiritual e temporal em Insalde, o que não está provado.

—

O territorio d'esta freguezia, posto ser bastante accidentado, é muito agradavel e sádio.

As povoações da freguezia estão situadas a pouca distancia do rio Coura. As terras bem cultivadas, são no centro da freguezia, que é cercada por mattos, bosques e terrenos baldios.

Está em uma baixa formada pela serra da Boulhosa, e n'ella nasce (no sitio do *Ral*, limites d'Insalde) o referido rio *Coura*.

É terra abundante de milho, centeio, algum trigo, batatas, lenha, matto e feno. Ha tambem por aqui muita caça.

Nos pincaros da serra da Boulhosa ha varios fortins, mas todos em ruinas.

No sitio chamado ainda *Torre Velha* existiu uma torre, de que não ha vestigios.

Haverá 10 ou 12 annos (1864) que debaixo do muro do quintal do *Casal de Cima*, se achou uma lapide sepulchral, com uma inscripção em caracteres que ainda ninguem entendeu, e sob ella, um vaso de barro (muito bem conservado) cheio de ossos.

—

Affirmam muitos escriptores que o imperador do Oriente, Theodosio Magno (que depois, por morte de Valentiniano II, foi tambem imperador do Occidente) era natural da cidade de Cauca, na Lusitania, e que *Cauca*, era a actual Insalde, ou muito proximo. (Vide a pag. 215 do 2.º vol.)

INSUA ou **INSUA DE SANTO IZIDRO**, e vulgarmente **FORTE DA INSUA**—Mesmo no meio do rio Minho ha um ilheu de rochedos graniticos, que divide em duas, a barra, sendo a do S. chamada *barra portugueza*, e a do N. *barra gallega*. A nossa é mais limpa, funda e melhor.

Fica este ilheu entre a villa portugueza de Caminha e a aldeia gallega da Passagem.

Sobre o rochedo, ou rochedos se construiu a fortaleza da *Insua*. Na baixa-mar descobre uma restinga de areia; mas na preamar, as ondas banham as muralhas, e não poucas vezes, embravecidas, galgam por cima d'ellas com fragor.

Em occasião de temporaes fica incommunicavel com a terra, porque nenhum barco se atreve a ir lá.

D. João I construiu esta fortaleza em 1388, e D. Manuel a reedificou e ampliou em 1512.

Dentro da fortaleza ha um convento que foi de frades capuchos da Conceição, fundado por Fr. Diogo Arias, em 1392.

Affirmaram-me varias pessoas naturaes de Caminha, que n'esta fortaleza ha tres singularidades:

1.ª Uma fonte de optima agua potavel, dentro do recinto da fortaleza;

2.ª Que quem estiver dentro da pequena egreja do convento não ouve o rugido do mar, debatendo-se contra os rochedos, por mais embravecido que elle esteja;

3.ª Não haver aqui ratos. Alguns *curiosos*

por experiencia os levam para lá, mas morrem logo.

Os soldados da guarnição, (quando a tinha) fizeram uma especie de tanques com grandes pedras, (ao que por aqui chamam *cambôas*) e quando vaza a maré, fica nos taes tanques, ou *cambôas*, muito peixe, que facilmente se apanha.

Em 1866 (que aqui estive) era este forte guardado por dois ou tres veteranos; hoje não sei se ainda tem esta *guarnição.*

Do forte da Insua se gosa uma bellissima vista. Ao E. o formoso rio Minho, e suas deliciosas margens—ao O. a vastidão do mar—ao N. a serra de Santa Tecla, e a bonita aldeia da *Passagem* (Galliza) e ao S. a bonita villa de Caminha.

No rio Minho ha muitas outras *insuas*, todas planas e cobertas de uma especie de *murraça* (herva marinha), que vão ceifar os moradores das duas margens — mas só na falta de outra, porque é fraca, e o gado só com muita fome a pode comer.

Ha *insuas* portuguezas, promiscuas e gallegas. Á mais vasta de todas se dá o nome de *Canosa* (e por isso, á tal *murraça* ou *capim* dão aqui o nome de *herva da Canosa*).

Apesar da pessima qualidade d'esta herva, por muitas vezes tem havido serias desintelligencias entre portuguezes e gallegos.

Todos sabem que *insula* é o mesmo que *ilha.*

—

Por uma casualidade, muito frequente nas typographias, e sobre tudo em obras extensas e complicadas (em que trabalham differentes compositores) se não *paginaram* seis *graneis* que terminavam a descripção de Caminha, pelo que, o unico recurso que tive foi publical-o na palavra Insua, por ser este forte dependencia da villa.

Peço aos leitores desculpa d'esta *deslocação* involuntaria, a que não dei causa.

—

Custando-nos a acreditar os escriptores que pretendem dar á fundação d'esta villa uma data remotissima e se não fabulosa, pelo menos problematica; esquecendo-nos da invasão da Lusitania, por Baccho, filho de Semele, no anno do mundo 2632 (1372 antes de Jesus Christo) e da residencia de Ulysses em Lisboa, pelo mesmo tempo, facto que tem bastante de inverosimil, direi apenas que os escriptores antigos, sempre inclinados ao fabuloso, deram por fundadores de Caminha os gregos Antifilico e Diomedes, companheiros de Ulysses.

Já disse que Caminha foi *couto de homisiados:* primeiro só tinham este privilegio os maritimos; mas depois, estendeu-se a toda a casta de criminosos.

Consta que no archivo do forte da Insua existe um documento que prova que quarenta d'estes criminosos homisiados foram os fundadores de Caminha; e que uns vereadores d'aqui, envergonhando-se de taes fundadores, riscaram do archivo da camara esta circumstancia, extrahida de tal livro.

Tambem não se póde dar fé a similhante documento; porque é innegavel que Caminha, qualquer que fosse o seu fundador, é muito mais antiga do que a monarchia portugueza, e os coutos de homisiados são instituição dos nossos primeiros reis. Podiam muito bem esses quarenta criminosos, achando a povoação destruida, reconstruirem algumas casas para sua habitação, mas não me parece deverem ser considerados como fundadores da villa.

O ultimo alcaide-mór de Caminha foi Gonçalo Affonso Pereira, setimo neto de D. Pedro Alvares de Souto Maior, visconde de Tuy, senhor da casa de Souto Maior, que passou ao serviço de Portugal no reinado de D. Affonso V, que o fez conde de Caminha.

É aqui o solar dos Caminhas, cujo fundador era um fidalgo gallego.

D'esta familia procedem varões illustres nas armas e nas lettras. Em Vianna houve um Gaspar Caminha que foi o mais rico negociante portuguez do seu tempo. No fôro são bem conhecidos Antonio Caminha de Castro e Fernão Caminha, afamados jurisconsultos.

É tambem esta villa patria do dr. Pedro Barbosa, que reformou as *Ordenações do Reino.*

Aqui nasceu, no seculo XVII, João Soares Rebello, que foi considerado o melhor com-

positor de musica, da Europa, e cujas obras mandou imprimir todas, á sua custa, D. João IV.

O concelho de Caminha foi muito mais extenso, do que é actualmente, pois d'elle se desmembraram varias freguezias das que constituem hoje o concelho de Villa Nova da Cerveira.

—

Em 1743, foi feito parocho da freguezia de Villár de Mouros, João Affonso de Souza, que escreveu sobre Caminha uns apontamentos (ineditos) bastante curiosos. Sustenta, contra a opinião do padre Carvalho e outros, que o nome de Caminha não vem de *Caminio;* porque, muitos seculos antes da existencia d'este homem, já Plinio dá a esta povoação o nome de *Opido Minitim;* e que o nome actual é corrupção de *Caput Minii.* É certo achar-se esta villa situada proximo ao cabo de Santo Antão, sobranceiro ao Minho, e a rua que corre na raiz do mesmo cabo se denomina ainda *Rua do Cabo.*

—

Já disse que primeiramente esta villa só tinha privilegio de homisio para quarenta criminosos, da classe maritima; mas como d'esta classe não chegassem nunca a quarenta, para a povoação da villa, requereram os moradores d'ella a D. João I para o privilegio se estender a toda a classe de criminosos, mas nunca excedendo o dito numero de quarenta.

Este privilegio foi confirmado por el-rei D. Manuel.

—

O pedreiro que construiu o corpo da egreja matriz, chamava-se João de Siloro, era biscainho; a torre porém foi construida pelo portuguez Diogo Ennes. Duraram as obras 68 annos.

—

Os parochos, até 1561, intitularam-se abbades. O ultimo foi D. André de Noronha, da casa dos marquezes de Villa Real, que era então a padroeira.

Este D. André foi depois bispo de Portalegre.

Passou então a ser reitoria, e das rendas dos abbades (a maior parte provenientes dos dizimos) se fizeram quatro prestimonios, da Ordem de Christo, que todos dava a casa de Villa Real, até ao seu exterminio, em 1641, passando então o padroado para a casa real e depois para o infantado.

—

O convento de freiras de Santa Clara (franciscanas) teve principio em um recolhimento de beatas. É situado na rua da Misericordia, que tomou este nome porque a padroeira do recolhimento, e depois do convento, é Nossa Senhora da Misericordia. A capella das beatas foi continuando a servir de egreja do convento, até se fundar a actual; menos a capella-mór, que é mais moderna, e foi fundada pelo morgado d'esta villa, Antonio de Magalhães e Menezes, residente em Braga, e progenitor dos Pittas e Magalhães, de Caminha; Castros, do Côvo; e outras familias nobres de Portugal.

Este morgado tinha obrigação de dar 10$000 réis por anno ao convento, para o azeite da alampada do Santissimo Sacramento.

—

Segundo a tradição, a imagem de Nossa Senhora da Conceição, que se venera na egreja d'este mosteiro, foi achada por uns fidalgos, que andavam á caça no pinhal do Camarido, mettida dentro d'um caixão, quasi enterrado na areia. Trouxeram-n'a para a egreja do convento, na intenção de a levarem no outro dia processionalmente para a matriz; mas as freiras, escondendo-a, se recusaram a entregal-a, e lá ficou.

—

Havia n'esta villa uma albergaria, administrada pela Misericordia, muito antiga, e não se sabe quem a fundou. Tinha 12$000 réis de renda annual, provenientes de bens que lhe deixou Gonçalo Gil, em 1457. Esta albergaria foi, por ordem regia, unida ao hospital da Misericordia, em 1556.

Antes de existir o hospital militar de S. João de Deus, curava-se a tropa no da Misericordia, pelo que recebia annualmente do thesouro, dez cruzados (4$000 réis) para pagar ao medico e cirurgião, e cada soldado da guarnição do forte da Insua, dava do seu soldo, annualmente, um vintem, para ter o direito de ser alli curado.

Durou isto até 1647, em cujo anno os padres de S. João de Deus, vendo que a Misericordia lhes não queria ceder o hospital, fizeram um para os militares.

A Misericordia tinha no principio d'este seculo uns 600$000 réis de rendimento.

Junto á Misericordia está a bonita e grande capella de S. Sebastião. Tem duas imagens d'este santo, sendo objecto de maior devoção a mais antiga, que é tradição ter sido achada no areal do Camarido (como a de Nossa Senhora da Conceição.)

A mais moderna foi mandada alli collocar, pelos annos de 1750, por um governador de Caminha.

A camara faz a festa a S. Sebastião, a 20 de janeiro (para isto tinha a camara annualmente 20$000 réis, que lhe dava o cobrador dos direitos reaes.)

Emquanto aqui houve guarnição militar, lhe fazia a tropa uma outra festa, á sua custa.

—

A capella de S. João, foi fundada em 1632, e n'ella collocaram os estudantes da villa, uma imagem de S. Bento, e principiaram uma florescente irmandade, no anno de 1728, e celebram suas festividades, sem dependencia do parocho.

—

A capella de Nossa Senhora da Piedade, do Muro, tem esta denominação, por estar dentro da torre que se chamava da Piedade, e que tinha uma irmandade, composta das donzellas da villa.

—

A capella de Santo Antonio Esquecido, estava mettida na mesma torre, por baixo da antecedente. Tinha uma imagem de Santo Antonio, que esteve muitos annos mettida em um nicho, na mesma torre.

Fez-se-lhe, em 1739, a actual capella, com as offertas e esmolas do povo, que é muito devoto d'este santo.

—

A capella de Nossa Senhora de Guadalupe, foi administrada pelos herdeiros de Eugenio Pereira de Castro. Hoje é da administração parochial, e a familia dos Castros (de Villa Nova da Cerveira) só lhe paga, para ajuda do azeite da alampada, 240 reis annuaes.

Está extra-muros.

—

A capella de Nossa Senhora da Graça, é publica, mas administrada pela casa dos Pittas (hoje o sr. Rodrigo Pitta de Menezes e Castro.) Está tambem extra-muros, além da ponte do Coura, já na freguezia de Seixas; mas mesmo no fim da ponte.

—

É Caminha o solar dos Pittas. Foi seu progenitor, um fidalgo gallego, chamado João Pitta Ortigueira, natural de Santa Martha da Ortigueira, na Galliza; que veiu para Portugal e aqui estabeleceu o seu solar. D'elle procedem quasi todos os Pittas de Portugal. A sua primeira residencia (do tal João Pitta) foi em Ponte de Lima; mas, commettendo alli um crime, fugiu para aqui por ser couto de homisiados.

Fez grandes serviços a D. Affonso V, nas guerras da Africa, pelo que, em 1476, estando aquelle rei em Toro, o fez fidalgo, o que D. Manuel confirmou, em 1497.

Todas as familias nobres d'esta villa, são descendentes dos Pittas.

Dizem outros que João Pitta e seu irmão Gonçallo Pitta, assassinaram na Galliza, dois fidalgos, um da familia Pardo e outro da dos Fajardos; e que fugiram logo para o couto de Caminha e não para Ponte de Lima.

As armas dos Pittas, são: escudo esquartellado no 1.º e 4.º, de azul, uma torre de ouro e no 2.º e 3.º, de púrpura, banda de ouro, sahindo da bocca de duas serpes, tragantes, de verde, picadas de ouro, lampassadas de púrpura. Timbre, a torre das armas. (São os *Serpes* de Caminha.)

Outros da mesma familia, descendentes de Sebastião Gonçalves Pitta, commendador da Ordem de Christo, trazem por armas: em campo de púrpura, uma onça, da sua côr, rompente, cortada de sangue e lampassada de ouro: orla do mesmo, carregada de oito crescentes azues, em pala, com as pontas para a direita. Timbre, a onça das armas, com um dos crescentes da orla nas garras, em acção de o querer despedaçar.

Estas armas foram dadas, por el-rei D

Sebastião, em 1572, ao tal Sebastião Gonçalves Pitta, em recompensa dos seus grandes serviços.

—

A feira, tinha antigamente o privilegio de *franca*. Faz-se no primeiro dia de cada mez. A primeira fez-se no dia 1.º de maio de 1627.

—

A Porta do Sol (onde está a capella de Santo Antonio Esquecido) foi aberta por D. Affonso III, em 1260.

Junto a esta porta estão as ruinas dos antigos paços dos condes de Caminha. Ainda alli se vê, em uma pedra, já muito gasta pelo tempo, a seguinte inscripção:

AQUI VIVEU D. PEDRO ALVARES
DE SOTTO-MAIOR
E SUA MULHER, D. THEREZA
DE TAVORA,
CONDES DE CAMINHA
VISCONDES DE TUY, SENHORES
DA CASA DE SOTTO-MAIOR
E DAS VILLAS DE CRECENTE
E FORNELLOS
ANNO DE 1476

—

No dia 10 de junho de 1874, houve em Caminha e na maior parte do seu concelho, uma horrorosa tempestade, de vento, trovões e raios; cahindo ao mesmo tempo e por uns tres quartos de hora, uma chuva de pedra, tendo alguma 500 grammas de pêso.

Causou grandes prejuizos, quebrando vidraças, arrancando e esmigalhando telhados, matando gado e gente. As novidades perderam-se, sendo preciso semear de novo. Foi preciso cobrir as casas com palha, até se fazer telha.

As freguezias que mais soffreram, foram: Caminha, Portella, Cristêllo, Mollêdo, Gontinhães, Ville, Ancora, Riba de Ancora, e a freguezia de Affife, já no concelho de Vianna; mas a partir com Ancora. Aterrou toda a gente d'estes sitios.

INSUA — Vide Castendo.

INTEIRO E ENTREGADO — portuguez antigo, ainda hoje usado no Norte do reino.— Significa — completo, sem quebra ou desconto. (Vide *Entregue.)*

IRIA (Santa) — freguezia, Alemtejo, comarca de Moura, concelho de Serpa, 70 kilometros ao O. de Evora, 150 ao SE. de Lisboa, 65 fogos. Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago Santa Iria.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mesa da consciencia apresentava o capellão curado, que tinha 180 alqueires de trigo, de rendimento annual.

IRÍA (Santa) ou **RIBEIRA DE SANTAREM** — freguezia, Estremadura, concelho e comarca e um bairro de Santarem, vulgarmente chamado *Ribeira*, onde está a 13.ª estação do caminho de ferro do Norte e Leste; 84 kilometros a NE. de Lisboa, 360 fogos. Em 1757 tinha 381 fogos.

Orago Santa Iría, virgem e martyr.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

Situada sobre a margem direita do Tejo, e muito fertil.

Tem grande commercio com Lisboa pelo Tejo, e pelo caminho de ferro com Lisboa e outras muitas terras.

A collegiada de Santa Maria da Alcaçova, de Santarem, apresentava o vigario, que tinha 180$000 réis. (Para evitar repetições, vide, para tudo quanto diz respeito a esta freguezia, a palavra *Santarem).*

IRÍA (Santa) ou **POVOA DE SANTA IRÍA** —freguezia, Estremadura, comarca e concelho de Villa Franca de Xira (foi do extincto concelho d'Alverca) 16 kilometros a NE. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 349 fogos.

Orago Santa Iría, virgem e martyr.

Patriarchado, districto administrativo de Lisboa.

É a 4.ª estação do caminho de ferro do Norte e Leste.

Situada sobre a direita do Tejo, em bonita posição. Faz tambem grande commercio com a freguezia antecedente.

O prior de Santo André, de Lisboa, apresentava o cura, que tinha 150$000 réis annuaes.

—

A Povoa de Santa Iría foi solar dos *Valentes*.

O primeiro que se acha com este appellido é Abril Pires Valente, pae de D. Vicente Affonso Valente (ou D. Affonso Pires Valente) que em 1348 instituiu o morgado da Povoa; como se vê de um letreiro que está em uma sepultura da capella-mór da egreja de S. Jorge, de Lisboa. Este D. Vicente, morrendo sem successão, deixou o morgado a seu irmão, Lourenço Affonso Valente, pae de Pedro Affonso Valente.

Suas armas são—em campo de púrpura, leão de oiro, faxado de 3 faxas azues; êlmo d'aço, aberto, e por timbre o leão das armas.

Alguns d'esta familia accrescentaram o escudo com este letreiro—STRENO STRENUUS NON INDIGET ARMIS.

IRIVO E COREIXAS— (antigamente *Erívo)*, freguezia, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros á O. de Penafiel, 30 ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 94 fogos.

Oragos S. Vicente, martyr, e Santa Maria, que eram os das duas antigas freguezias, hoje annexas.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Irívo é corrupção de *Eurígo* ou *Eurico*, nome proprio de homem. Antigamente escrevia-se *Erivo*, e era menos corrupto.

É terra fertil.

Vide Coreixas, onde está o mais que pertence a esta freguezia, que aqui não vae, por já estar na sua annexa.

Em Coreixas disse quem apresentava o parocho, quando as duas freguezias estavam separadas.

O D. abbade benedictino do mosteiro de Paço de Sousa apresentava o cura de Irívo que tinha 9$000 réis de congrua e o pé d'altar.

IRMÃOS DAS TALHADAS —tres monstruosos penedos que se vêem na serra das *Talhadas*. O maior chama-se *penêdo dos cucos*; o 2.º é o *penêdo do trigo*; e o 3.º é a *lapa da fazenda*. D'elles trato circumstanciadamente na serra das *Talhadas*; vide esta palavra.

ISABEL (Santa) — freguezia da capital. (Vide Lisboa.)

ISIDÓRO (Santo) ou **SANCHE**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 54 kilometros a NE, de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 81 fogos.

Orago Santo Isidoro.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Era do antigo concelho de Santa Cruz de Riba-Tamega, que foi supprimido em 24 de outubro de 1855, por isso ainda se dá a esta freguezia o nome de Santo Isidoro de *Cima-Tamega*, ou de *Sobre Tamega*, ou finalmente de *Riba-Tamega*.

As religiosas do convento dos Remedios, Piedade e Madre de Deus, de Braga, apresentavam o vigario, que tinha 80$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Produz muito bom vinho.

ISIDÓRO (Santo)—freguezia, Estremadura, comarca de Cintra, concelho de Mafra, 40 kilometros a NO. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 361 fogos.

Orago Santo Isidoro.

Pathriarchado, districto administrativo de Lisboa.

Os freguezes apresentavam o cura, ao qual davam 60 alqueires de trigo, 60 de cevada, e uma pipa de vinho. O vigario de Santo André de Mafra, de que esta egreja foi filial, lhe pagava 30 alqueires de trigo, 30 de cevada, uma pipa de vinho, 600 réis em dinheiro, metade das offertas da mesma freguezia de Santo Isidoro, que vinha a ser —das pessoas maiores, 3 canadas de vinho e meio alqueire de trigo; e das menores, canada e meia de vinho, e uma quarta de trigo, e o pé d'altar. Além d'isto rendia uns 30$000 réis de *benesses*.

ISIDÓRO (Santo) **DE RIBA TAMEGA**— freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes, 54 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 81 fogos.

Orago Santo Isidoro.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis.

(Vide *Cima-Tâmega*.)

ISNA — freguezia, Beira Baixa, comarca da Certan, concelho d'Oleiros, 180 kilometros a E. de Lisboa, 100 fogos.

Orago Nossa Senhora das Dôres.

Patriarchado (por ser do grão-priorado do Crato), districto administrativo de Castello-Branco.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano*.

ITINERARIO DO IMPERADOR ANTONINO AUGUSTO PIO — Damos a parte do Itinerario de Antonino, relativa ás vias romanas, comprehendidas entre o Minho e o Guadiana, conforme a optima edição de Parthey et Pinder, Berlin, 1848. Para julgar, porém, da maior ou menor auctoridade das variantes, que vão em nota ao texto de Wesseling *(Vetera Romanorum Itineraria, 1735)* adoptado pelos editores, fazemos a enumeração dos codices que se tiveram presentes, indicando-os com as lettras do alphabeto, que marcam a procedencia das variantes.

A — Codice da Bibliotheca de Paris (num. 4806) escripto no seculo X.
B — » » » (num. 4806) do fim do seculo IX.
C — » » » (num. 4808) do seculo XII.
D — » » » (num. 7230) do seculo X.
E — » » » (num. 4126) do seculo XIII.
F —, *G* — } Copia do seculo XVI. *G* non magnae est auctoritatis.
J — Codice Remensis (num. 785 K) do anno 1417.
K — » Guelferbitano (num. 61) do seculo XV.
L — » Vindobonense (num. 329) do seculo VIII.
M — » Dresdense (D, 182) do seculo XI.
N — » Vaticano (num. 1883) do seculo XIV.
O — » Matritense (Q, 129) do seculo XIV ou XV.
P — » Scorialense (II, R, 18) do seculo VIII.
Q — » Florentino (plut. 89, sup. cod. 68) do seculo XV.
R — » » (plut. 89, sup. cod. 67) do seculo X.
S — » Lugduno-Batavo, do fim do seculo XIII.
T — » Parisiense (sup. lat. 671) do seculo XV.
U — » Monacensis (num. 291) do anno 1542–51.
V — » » (num. 99) do anno 1436.

Assim, para designar o codice d'onde deriva a variante, se põe somente a lettra, ou, quando sejam mais do que um os codices, as lettras iniciaes que os distinguem.

ITINERA

1 Iter ab Olisipone Emeritam.......... mpm CLXI sic
2 Equabona.......................... mpm XII
3 Catobriga......................... mpm XII
4 Caeciliana........................ mpm VIII
5 Malececa.......................... mpm XXVI

1 *om. B* | olisippone *CDFGMRTU*, olishippone *JLN*, hilisipone *Q* emerita *Q* | CLXI | *s c CDFJLR, recte*; CXLI *N*, e Wesseling. CLXXVII *GMOQTUV*
2 aquabona *D*, aequabona *MOQTUV* | XVI *GOQTUV*
3 catobrica *libri: nummi et lapides in similibus* — briga
4 Caeciliana | *sic L*, ceciliana *DJN*, ciliana *GMOQTUV*, ciciliana *BCFR* | XII *D*
5 Malececa | *sic CGJLMNT*, maleceta *OQV*, malecea *R*, malecaeca *U*, malateca *D*, malceca *BF* | XVI *F* e Wesseling.

1 Salacia .... mpm XII
2 Ebora.................................. mpm XLIIII
3 Ad Adrum flumen...................... mpm VIIII
4 Dipone................................. mpm XII
5 Evandriana............................ mpm XVII
6 Emerita................................ mpm VIIII.

---

7 A Salacia Ossonoba.................. mpm XVI.

---

8 Alio itinere ab Olisipone Emeritam... mpm CXLV sic
9 Aritio praetorio...................... mpm XXXVIII
10 Abelterio............................. mpm XXVIII
11 Matusaro.............................. mpm XXIIII
12 Ad Septem aras...................... mpm VIII
13 Budua .... mpm XII
14 Plagiaria .... mpm VIII
15 Emerita............................... mpm XXX.

---

16 Item alio itinere ab Olisipone
17 Emeritam.......................... mpm CCXX
18 Ierabrica............................. mpm XXX
19 Scalabin.............................. mpm XXXII
20 Tubucci............................... mpm XXXII
21 Fraxinum .... mpm XXXII
22 Montobrica .... mpm XXX
23 Ad Septem aras...................... mpm XIIII
24 Plagiaria............................. mpm XX
25 Emerita............................... mpm XXX

1 salatia *CMOQTUV*
3 atrum *JLN*, dadrum *FG* | flumen *inter versus sec. L*, fulcoen *J* | VIII *R*
4 *om. B* | dippone *FGMOQTUV*
5 euandria *J*, euendriana *R*
6 *om. QR* | ementa *MTUV*
7 *ante* A Salacia *F G add.* Iter — A Salacia *om. J* | salatia *CMOQTUV* | ossonoba *BFG LNR*, osonoba *J*, bona *CMOQTUV*.
8 Alio| item alio *N*, item *(puntis supra pos.)* alio *L*, *om. FG* | itenere *L*, iter *FG* || Olisipone| *sic O*, olisippone *CFG*, olisinpone *B*, olippone *R*, olishippone *JL*, olishopppone *N*, alisippone *MTUV*, ilisipone *Q* | emerita *R* | CXLIIII *N*, CXLIIII *(ex. corr. sec. m) L*; *numeri collecti efficiunt* CXLVIII | R hic III super sunt *mg. B*, R IIII super *mg. L*
9 pretorio *BJQR* | XXX *J*, XXVIII *OQ*
10 abelteri *BF*, a belitrio *G*, abaelterio *M*
11 manisaro *G* | XXVII *B*
14 Plagiaria| *sic JN*, plagiari *BFR*, plagiara (*corr.* plagiaria) *L*, plagiam *CMOQTUV*, plactaria *D*, plagiani *G* | VIII| *sic BCDJLNR*, VIIII *CMOQTV*, XII *F* e *Wesselingio*.
16 iter *FG* | alio *om. F* | itenere *L*, *om. F* | Olisipone *sic OQ*, olisinpone *B*, olilishippone *JL*, holishippone *N*, olisippone *reliqui*
17 emerita *R* | CCXX) *recte;* CCL *D* | sic *om. Q*
18 ierabrica *JLN*, ierabrica *D*, gerabricam *Q*, gerabrica *reliqui; cf. n.* 19
19 scallabin *BCFGJLR* | XXX *Q*
20 *et 12 post 13 ponit J* | tabucci *(ut videtur) D* | XXX *QR*
21 fraxinum *C* | XXX *Q*, XXXIII *D*
22 Montobrica) *sic JLN*, mundobrica *BFG*, mantobrica *T*, montobrica *reliqui* | X (X.....?) *D*
23 XIII, *Q*, XXIIII *B*, XL *D*

1 Iter ab Olisipone Bracaram Au-
2 gustam .... mpm CCXLIIII sic
3 Ierabrica........................ mpm XXX
4 Scalabin......................... mpm XXXII
5 Sellium.......................... mpm XXXII
6 Conembriga....................... mpm XXXIIII
7 Eminio........................... mpm X
8 Talabriga........................ mpm XL
9 Langobriga....................... mpm XVIII
10 Calem........................... mpm XIII
11 Bracara......................... mpm XXXV.

---

12 Iter a Bracara Asturicam........ mpm CCXLVII sic
13 Salacia......................... mpm XX
14 Praesidio....................... mpm XXVI
15 Caladuno........................ mpm XVI
16 Ad Aquas........................ mpm XVIII
17 Pinetum......................... mpm XX
18 Roboretum....................... mpm XXXVI
19 Compleutica..................... mpm XXVIIII
20 Veniatia........................ mpm XXV
21 Petavonium...................... mpm XXVIII
22 Argentiolum..................... mpm XV
23 Asturica........................ mpm XIIII

---

24 Item alio itinere a Bracara Astu-
25 ricam........................... mpm CCXV sic

1 Olisipone) *sic FG*, olisinpone *B*, olishippone *JLN*, olisippone *reliqui* | bracaram *BCFGMQRTUV*, bracatã *O* | Augustam *om. F*
2 CCXLIIII) *recte;* CCXLIII *R* | sic *om. B*
3 Ierabrica) *sic JL*, ierabrica *BFG*, ierabriga *N*, ierab̄rica *reliqui*
4 scallabin *JLN*, scalabim *Q* | XXVI *R*
5 cellium *BF*, cellum *G*
6 Conembriga) *sic JLN*, concunbrica *O*, concumbrica *Q*, conembrica *reliqui* | XL *J*
7 *om. J* | emenio *C*, aeminio *L*, emmio *R* | XI *Q*, XXX *N*
8 *om. J* | talabrica *libri*, Talabria *Ptolem. Appian.* | XI *R*
9 Langobriga) *sic JLN*, langobrica *reliqui* | XXX *R*
11 bragara *libri*
12 a *om. QR* | bragara *CFGOQR* | asturigam *C* | CCXLVII) *recte;* CCXLVI *R om. CO* | *inter* CCXL *et* VII *spatium trium vel quattuor litterarum capax L* | sic *om. CJLNO* | R X minus *mg. L*
13 salatia *CFGMNOQTUV*
14 presidio *JOQRV*
16 XXVI *BFG* e *Wesseling.*
17 pineto *G* | XXVIIII *G*
18 XXXIII *R*
19 compleutica *BL*, completica *Q* | XVIIII *(ex correct. sec. m.* XXVIIII) *L*, XXV *OV*, XXVI *Q*, XXXIIII *FG*
20 ueniacia *BCLMRU*, uemacia *N*
23 asturiga *D*, astudiga *Q* astirica *R* | XXIIII *D*
23 *quae sequuntur duo itinera hoc loco habet D, om. L*
24 Item) item ab *D* | itenere *B* | asturica *BCDJMNOQRT*
25 CCXII *F; numeri collecti efficiunt* CCXIIII | sic *om. JN*

1 Salaniana........................... mpm xxi
2 Aquis Originis...................... mpm xviii
3 Aquis Querquennis................... mpm xiiii
4 Geminas............................. mpm xvi
5 Salientibus......................... mpm xiiii
6 Praesidio........................... mpm xviii
7 Nemetobriga......................... mpm xiii
8 Foro................................ mpm xviiii
9 Gemestario.......................... mpm xviii
10 Bergido............................ mpm xiii
11 Interamnio Flavio.................. mpm xx
12 Asturica........................... mpm xxx

---

13 Item a Bracara Asturicam........... mpm ccxcviiii sic
14 Limia.............................. mpm xviiii
15 Tude............................... mpm xxiiii
16 Burbida............................ mpm xvi
17 Turoqua............................ mpm xvi
18 Aquis Celenis...................... mpm xxiiii
19 Pria............................... mpm xii
20 Asseconia.......................... mpm xxiii
21 Brevis............................. mpm xii
22 Marciae............................ mpm xx
23 Luco Augusti....................... mpm xiii
24 Timalino........................... mpm xxii

1 silaniana *D*, salamiana *J*, salamana *MQTUV* | xi *CMOQTUV*
2 Originis) *sic BCF*, oreginis *D*, ogirinis *GMOTUV*, ogirinis (*corr.* originis) *N*, ogeerinis *QR*, ocirinis *J* | xxviii *F*
3 *om. GT* | quis *D* | quercennis *D*, quennis *MUV*, quecnis *Q*, quetnis *O*, querquuennis *R* | xiii *J*, xviiii *N*
4 geminis *D*, ceconas *J* | xv *R*, xiii *Wess.*
5 *in D legi nequit* | xiiii) *sic N*, xiii *J*, xviiii *CMRT*, xviii *reliqui*
6 —10 *R ponit post p.* 11
6 *om. O* | presidio *JQR* | viii *BFG*, xvii *C*
7 Nemetobriga) *sic N*, nemetobrica *FMR*, nemotobrica *B*, nemetoborica *C*, nomerobrica *Q*, nometobrica *GOTUV*, nemetobrica coptio (coptio *natum ex* mpm)
8 forocoptio *J* | xviii *J*
9 gecoestario *J* | xvii *J*
10 belgido *libri;* | xvi *N*, x *Wess.*
11 Interamnio) *sic N*, intereraconio *BR*, intereragonio *F*, interepaconio *CGMOTUV*, inte-repaconia *Q*, interaconio *J* | fluvio *CGMOQTUV*
12 asturiga *N*
13 bragara *BC* | adsturicam *B*, asturica *JNR* | ccxcviiii) *recte;* ccxcviii *JNV*, ccccxcix *Sur. Wess,* | sic *om. J*
14 licoia *J* | xviii *JN*
15 yvi *J*, xviiii *O*
16 *om. J* | burbala *G*, burbacla *T*, burbada *MOQUV*, barbida *R* | xxvi *F*
17 *om. J* | turoca *C* | xiii *F*
18 selinis *F*, scelenis *OQ*, celinis *BJT* | xxiii *J*
20 assegonia *DJN*, aseconia *O*, ascionia *H* | xiii *D*, xxii *OQ*
21 xxii *D*
22 Marciae) *sic CNUV*, martiae *FG*, martie *J*, marcie *reliqui*
23 loco *libri.* | augusto *CMOQTUV*, augustini *R* | vi *F*, xvi *Sur. Wess.*
24 timilano *F*, tinialino *N*, tomalino *G*, timalino *T*, ticoalino *J*

1 Ponte Neviae........................... mpm XII
2 Uttaris................................ mpm XX
3 Bergido................................ mpm XVI
4 Interamnio Flavio...................... mpm XX
5 Asturica............................... mpm XXX

---

6 Item per loca maritima a Bracara
7 Asturicam.............................. mpm CCVII sic
8 Aquis Celenis.......................... stadia CLXV
9 Vico Spacorum.......................... stadia CXCV
10 Ad Duos pontes........................ stadia CL
11 Grandimiro............................ stadia CLXXX
12 Trigundo.............................. mpm XXII
13 Brigantium............................ mpm XXX
14 Caranico.............................. mpm XVIII
15 Luco Augusti.......................... mpm XVII
16 Timalino.............................. mpm XXII
17 Ponte Neviae.......................... mpm XII
18 Uttari................................ mpm XX
19 Bergido............................... mpm XVI
20 Asturica.............................. mpm L.

---

21 Item de Esuri Pace Iulia.............. mpm CCLXVII sic
22 Balsa................................. mpm XXIIII

1 Neviae) *sic DR*, neuie *BCF*, naeuie *J*, naeuiae *N*, nouiae *GTUV*, nouie *MOQ* | XVI *J*
2 Uttaris) *sic CDR*, uttarris *(ut videtur) B*, utcaris *MOQTUV*, uitarris *FG*, uitaris *N* uectaris *J*
4 interamnio *FG*, intermino *U*, in teraconio *J* | fluuio *CGMOQRTUV*
5 sturica *D*
6 marittima *Q* | braccara *N*, bracaria *OQR*, B *C*
7 asturica *MOQRT* | *post* Asturicam *add.* usque *CJMMOQRTUV* | CCVII *om. JNQ, inter versus a tertia manu habet L* | sic *habent MOQT, om. reliqui* | *stadiorum summa omissa est: milia sunt* CCVII
8 scelenis *J* | *Aquae Celenae, si eaedem sunt quae memorantur antec, via eo loco ponendae erunt quo nunc legitur* Ad Duos pontes, *ita:*
Ad Duos pontes
Vico Spacorum
Aquis Celenis
| stadia) *sic codices plerique hic et in seqq.*, stadia mp *Q*, stadia mpm *T*, stad *Wess.* | CXLV *MOQRTUV*
9 sparcorum *FG* | stadia mpm CXCV *T*, *om. Q* | CXXV *R*, CL *UV*
10 spontes (*corr.* pontes) *C* | stadia) stadia mpm *TU*, stadia mp *Q* | pontes duos *U*
11 grandimuro *GMTUV*, gradimuto *O*, grandimuto *Q* | stadia) stadia mpm *TUV*, stadia mp *Q* | LXXX *GMOQTUV*
12 trigondo *JLN*, erigondo *Q*, | XX *U*, XXIIII *R*
13 *om. Q*
14 carinico *Q*, caronico *R* | XVII *Q*
15 lugo *CMOQTUV*, loco *N*, iugo *R* | angustini *R* | XIIII *F*
16 tunalino *UV* | XXIIII *GT*
17 Neviae) *sic FLR* neuie *BJN*, nouie *CMOT*, nouiae *GUV*, nonio *Q* | mpm XII *om. OQ*
18 utari *FGMOQTU*, uitari *R*, ultari *V*
19 borgido *GOQTUV* | XVII *Q*, *om. J*
20 LI *O*
21 esupi *G*, estri *F*, exuri *Q*, suri *J*, suri (*corr. sec. m.* esuri) *L* | CCLXVII) *recte;* CLXIIII *F*, CLXVII *G*, CCLXXVII *JLN*, CCLXIIII *Wess.* | sic *om. JUV* | R X minus *mg. L*

1	Ossonoba	mpm XVI
2	Aranni	mpm LX
3	Salacia	mpm XXXV
4	Eboram	mpm XLIIII
5	Serpa	mpm XIII
6	Fines	mpm XX
7	Arucci	mpm XXV
8	Pace Julia	mpm XXX

---

9 Item ab Esuri per compendium

10	Pace Iulia	mpm LXXVI sic
11	Myrtili	mpm XL
12	Pace Iulia	mpm XXXVI.

1 Ossonoba) *sic JLN*, ossanoua *B*, ossana *R*, ossonoua *reliqui* | XIII *F*
2 atani *Q*, atanni *O*
3 scalacia *D*, serapia (*et mox* sarapia) *J*, sarapia *LN*, rarapia *BCFR*, rapta *GMOQTUV*. | XXXII *F* | *versus 1 et 2 repetit J, deinde inserit duo itinera a Bracara Asturicam (pag. 99-100), quod hic latet vitium Cortesius ita emendare tentavit (M. Cortés y Lopez, Diccionario geogr. hist. de la Esp. ant. Madrid 1835, T. 1, p. 265):*

Iter ab Esuri Pace Iulia
Balsa XXIV. *Tavira.*
Ossonoba XXVI. *Faro.*
Arani XL. *Monchique.*
Rarapia XXX. *Ourique.*
Pace Iulia XXXIX. *Beja.*
Iter ab Esuri Ebora
Serpa LX. *Terpa.*
Fines XVI. *Moura.*
Arucci XXIV. *Mourão: Arucci nova.*
Ebora XXIX. *Ebora.*

4 eburam *R*, Ebora *Wess.* | XLIII *V*, XLVIII *N*, LXIIII *D*
5 XII *R*
6 fine *D*
7 aracci *D*, arrucci *FG*, aructi *J*, aruca *MOQTUV* | XXII *FG*
8 paci *D* | XXXVI *D*
9 *om. D* | ab) a *U* | esuria *R*, aesuri *T* | conpendium *BL*
0 *om. D* | LXVI *R* | sic *om. JN*
11 *om. D* | mirtili *N*, murtila *O*, murtili *Q* | L *Q*
12 *om. D* | XXIII *R*

IZÊDA — villa, Traz-os-Montes, comarca de Chacim até 1855, e desde então concelho e comarca de Bragança, 200 fogos, 800 almas. Em 1757 tinha 102 fogos.

Orago Nossa Senhora d'Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Foi até 1855 cabeça de um antigo concelho, que tinha 1:520 fogos, e que então foi supprimido,

Izêda é corrupção de *Jazêda* (portuguez antigo) que significa—estancia, enseada, ancoradouro. Tambem pode ser derivado de *Isidis*, palavra latina—a deusa *Isis*, adorada primeiramente pelos egypcios, e cujo culto se propagou por quasi todo o mundo, sendo tambem adoptado pelos suevos.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 42$000 réis e o pé d'altar.

ÍZIDÓRO (Santo) — Vide Isidoro.

J

JACINTHO (S.) (Costa de) povoação maritima, Douro, pertencente á freguezia de Vera Cruz, da cidade, concelho, comarca, bispado e districto administrativo de Aveiro. É uma pequena costa no litoral, com algumas casas de madeira, a que chamam *palheiros*. A sua população permanente são apenas, alguns, poucos, pescadores. No tempo da *sáfra* está mais animada, porque se fazem aqui grandes pescarias—e no tempo dos banhos do mar, estão as casas cheias de gente, que vem para aqui tomar banhos.

Em dezembro de 1873, appareceu n'esta costa um peixe desconhecido. Estando alli mais de 400 pescadores (alguns septuagenarios) nenhum lhe soube dar o nome, nem se lembrava de vêr outro de egual especie.

Tinha a configuração de um peixe espada; mas muito curto, relativamente á altura, que é—desde o ápice do lombo até á extremidade inferior, 0m;36, e de comprimento 0m,60. Não tinha rabo, era tão largo pela parte anterior como pela posterior, terminando em gume, como uma faca. Tinha nos olhos um circulo branco, com o centro preto. Em logar de boca, tinha um buraco circular, na extremidade superior da cabeça.

Tinha duas barbatanas, crescidas, nos pontos onde os outros peixes as teem, e duas ainda mais crescidas (guias) no corpo, uma por cima e outra por baixo.

Tinha côr de estanho, com lindissimas ondulações.

JALLES—vide Alfarella de Jalles.

JALNE—portuguez antigo, *amarello*, derivado do francez *jaune*.

JAMAR—portuguez antigo, *nomear*, chamar alguem pelo seu nome.

JANARDE—freguezia, Douro, comarca, concelho e 12 kilometros ao ENE. de Arouce, 35 ao O. de Lamego, 325 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Orago S. Barnabé.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro.

Ha n'esta freguezia uma mina de optima galena, que se não explora pela sua má posição; pois, além de estar ao fundo de um barranco, onde não podem hir carros, nem mesmo bêstas, fica muito longe das vias de communicação. Junto d'esta mina, por entre as fendas de um rochedo sahe um liquido betuminoso que me pareceu petroleo.

Esta freguezia produz alguns ceréaes, castanha, azeite e algumas fructas. Cria bom gado de varias especies, e ha por aqui muita caça. É montanhosa. É atravessada pelo ribeiro do seu nome.

JANEIRO DE BAIXO—freguezia, Beira-Baixa, comarca de Arganil, concelho de Pampilhosa, 240 kilometros ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 117 fogos.

Orago S. Domingos.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Coimbra.

Todos sabem que *Janeiro* é nome proprio de homem, corrupção de *Januario*.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

Foi do concelho de Fajão.

JANEIRO DE CIMA—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho do Fundão, 264 kilometros ao E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 65 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O vigario de Janeiro de Baixo apresentava o cura, que tinha 9$000 réis de congrua e o pé d'altar.

JANÊTA—portuguez antigo, *jinêta, fuínha*.

JARAZ—vide Geraz.

JARMÊLLO — vide Jermello.

JAZEDA — portuguez antigo, estancia, enceada, ancoragem de navios.

JAZENTE (antigamente **JACENTE**) — freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 60 kilometros ao NE. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago Santa Maria.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O papa e o bispo do Porto apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de rendimento annual 300$000 réis.

Situada em terreno accidentado mas fertil e sádio, proximo do Tamega.

Aqui foi abbade, o célebre poeta e *bon vivant*, Paulino Cabral de Vasconcellos, que floresceu no fim do seculo XVIII.

Havia aqui um antiquissimo convento de freiras bentas, que ainda existia em 1458, pois então foi para aqui mandada do convento da mesma ordem, de *Recião*, Maria Rodrigues, por incorrigivel. Não pude saber quando este convento foi supprimido, passando a abbadia secular; mas parece-me que foi antes de 1600.

JAZÍDA — portuguez antigo, *habitação, morada*,

JAZÍDO — portuguez antigo, *o que é, o que está—ser, estar*.

JEJÚA — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 24 kilometros da Guarda, 315 ao E. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757 tinha 64 fogos.

Orago o Salvador (antigamente a Transfiguração de Jesus Christo.)

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O commendador de Santa Eulalia de Ceia, apresentava o vigario, collado, que tinha de rendimento 50$000 réis

JELMANIAH — nome posto pelos arabes á villa de Moura, no Alemtejo.

JERMELLO ou **S. MIGUEL DE JERMELLO** — villa, Beira Baixa, comarca, concelho e 12 kilometros da Guarda, 310 ao E. de Lisboa, 130 fogos, 600 almas.

Em 1757 tinha 102 fogos.

Orago o Archanjo S. Miguel.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Já era couto no reinado de D. Affonso Henriques. Depois passou a concelho com 1:060 fogos, que foi supprimido em 1855.

Situada em terreno accidentado, na Serra da Estrella.

Fazem-se aqui optimos queijos.

E' terra fertil.

Havia antigamente tres freguezias d'este nome, que hoje estão reunidas, de que adiante tratarei. Além d'essas, ha mais a seguinte, cujo orago é S. Pedro.

É patria de Pedro Coelho, um dos cobardes assassinos de D. Ignez de Castro. Era filho de Estevão Coelho e D. Maria Mendes Petite. (Vide Gaia.)

Elle, Alvaro Gonçalves e Diogo Lopes Pacheco, commetteram aquelle barbaro assassinio, em Coimbra, a 7 de janeiro de 1355.

A Pedro Coelho, mandou D. Pedro I arrancar o coração pelo peito, e ao seu cumplice, Alvaro Gonçalves, lhe foi arrancado pelas costas, em Santarem, á 18 de janeiro de 1357.

Só escapou á vingança do rei, Diogo Lopes Pacheco, por ter fugido para a França, feito almocreve.

D. Pedro I, ainda não contente com este horroroso castigo. mandou no mesmo anno de 1357, arrazar esta villa de Jermêllo (o que se fez) só por ser patria de Pedro Coelho!

—

Jermêllo é povoação muito antiga, pelo menos do tempo dos godos, que lhe chamavam *Jarmello*.

D. Affonso Henriques lhe deu foral, em Coimbra, mas não tem data. (Acha-se no *Livro Preto* da cathedral de Coimbra, a pag. 222.)

—

D. Fernando mandou reedificar esta villa, pelos annos de 1375; e D. Manuel lhe deu novo foral, em Santarem, no 1.º de junho de 1510.

Os duques de Lafões, que são tambem marquezes d'Arronches e condes de Miranda (do Corvo) eram senhores donatarios das

villas de Jermêllo, Folgosinho, Sóza, Podentes, Vouga, e Oliveira do Bairro. (Para o seu brazão d'armas vide Alafões.)

Esta egreja, como a da freguezia seguinte, é matriz de varias povoações espalhadas pela serra, e em bastante distancia umas das outras.

(Não sei porque razão nenhuma das freguezias de Jermêllo vem mencionada na *lei das congruas.*)

As 3 antigas freguezias, que, como já disse, hoje estão reunidas ou annexas; são:

Santa Maria, de Jermêllo, cujo parocho era cura da apresentação do prior da Castanheira, e tinha de rendimento 20$000 réis e o pé d'altar. Tinha em 1757 apenas 17 fogos. Fica a 12 kilometros da Guarda.

Nossa Senhora da Conceição, de Jermêllo, cujo parocho era prior, collado, da apresentação dos marquezes d'Arronches e condes de Miranda (duques de Lafões). O prior tinha 500$000 réis de rendimento. Tinha em 1757 só 18 moradores. Fica a 12 kilometros da Guarda.

S. Miguel, de Jermêllo, cujo prior, tambem collado, era da mesma apresentação do antecedente, e tinha de rendimento 200$000 réis. Tinha em 1757 102 fogos. Fica á mesma distancia da Guarda.

Havia sete freguezias annexas a estes dois priorados e ao seguinte, todas apresentadas pelos duques de Lafões.

—

Pretendem alguns que Jermêllo é corrupção do adjectivo arabe *jobeilia,* que significa *montuoso,* por ser derivado de *jabalon,* o monte. Ainda que o nome quadra ao sitio *montanhoso* do antigo couto de Jermêllo, parece-me esta etymologia bastante *forçada.*

JERMÊLLO (S. Pedro)—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 12 kilometros da Guarda, 310 ao E. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 146 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Foi até 1855 do antiquissimo concelho de Jermello.

A egreja é, como a da freguezia antecedente, matriz de varias povoações espalhadas pela serra.

As *ceremonias* que fazem por occasião dos casamentos são como as da freguezia antecedente, e é como ella fertil, e fabricam-se tambem aqui dos melhores queijos chamados da *Serra da Estrella.*

Eram tambem senhores donatarios d'esta freguezia (porque o eram de todo o couto) os duques de Lafões, por serem marquezes d'Arronches. Eram pois elles que apresentavam os priores, que tinham de rendimenta 450$000 réis.

(Para tudo o mais vide a freguezia antecedente.)

JERONYMOS—Sumptuoso convento, em Belem, para cuja descripção seria necessario um volume maior do que qualquer d'este *Diccionario.* Já a pag. 378 do 1.º volume tratei rapidamente d'este magestoso edificio.

Recommendo ás pessoas que desejarem possuir uma mais ampla descripção do convento dos jeronymos, de Belem, o livro publicado em 1873, sob o titulo—*Summario de Varia Historia,* e do qual é auctor o sr. Ribeiro Guimarães.

No tomo 3.º d'esta obra curiosissima, e no capitulo 1.º d'ella, descreve o sr. Guimarães tudo quanto n'este mosteiro ha digno de menção.

—

Como no 1.º volume disse que o caridoso estabelecimento da *Casa Pia,* era sustentado pela Real Casa da Misericordia, de Lisboa, e isto não seja de todo o ponto exacto, visto que a Casa Pia se sustenta de outros rendimentos além do que recebe da Misericordia, dou aqui todas as fontes d'onde provém a receita para o custeamento das despezas da casa.

Os seus rendimentos provém do seguinte:

Alfandega municipal de Lisboa —quota nos direitos da carne e vinho	14:004$441
Santa Casa da Miisericordia—loterias ordinarias; lucros e quota de 500$000 réis das extraordinarias	8:806$846

Junta do Credito Publico—juros das inscripções de 3 % (o capital é de 406:000$000 réis).....................	12:180$000
Propriedades rusticas e urbanas; e fóros em differentes localidades, renda............	2:098$287
Praça dos touros do Campo de Sant'Anna...............	4:000$000
Cêrca e hortas junto do edificio da Casa Pia, em Belem	2:413$955
Donativos em dinheiro andam, termo medio, por............	500$000
Legados em dinheiro, termo medio........................	3:000$000
Receitas eventuaes não classificadas, termo medio...........	868$969
	47:912$518

Sustenta, veste, instrue, etc. 550 alumnos, gastando com cada um, por dia, 137 réis; somma 27:502$750 réis.

Ainda ha 30 orfans do antigo estabelecimento, com as quaes gasta (com cada uma) 130 réis diarios; somma 1:423$500 réis.

Com empregados invalidos, 734$800 réis.

Subsidios a alumnos que sahiram d'este estabelecimento, 300$000 réis.

O remanescente é dispendido com o culto divino, ordenados dos empregados obras, concertos, etc.

JERUMENHA—Vide Juromenha.

JESUFREI—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 12 kilometros a O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 80 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Querem uns que o nome d'esta freguezia lhe viesse de um frade que aqui morreu em cheiro de santidade, ao qual chamavam *Fr. Jesus.*

Outros dizem que é porque havia aqui antigamente uma imagem de Jesus Christo, vestido com habito de frade.

Ha aqui um paço, que foi do convento de Nossa Senhora da Graça do Populo, em Braga.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

JOANNE—portuguez antigo—*João.* Tambem antigamente se dava o nome de *joanne* ao que fazia vida penitente e eremitica.

JOANNE ou S. SALVADOR DE JOANNE—freguezia, Minho, comarca, concelho e 12 kilometros de Famalicão ao O. de Braga, 364 ao N. de Lisboa, 338 fogos.

Em 1757 tinha 226 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi até 1311 reitoria e commenda dos templarios, que em 1319 passou para a Ordem de Christo.

Na serra da Corvean, d'esta freguezia, estão as ruinas de um edificio, que, segundo a tradição, foi um castello mourisco.

O papa e a mitra apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 110$000 réis annuaes.

O terreno em que está situada a parochia é formado, no geral, de boa ribeira, defendida do norte pelos montes d'Arcella e Corvean que dão os mattos para fazer os adubos das terras de cultura. Corre ao nascente da parochia, um regato, a que impropriamente dão o nome de rio, e se denomina—*Rio Pelle*—cuja origem dista d'aqui 3 kilometros, e é na freguezia de S. Martinho de Leitões; formado das vertentes do monte e da Serrana e aguas nascentes na dita freguezia. Tanto este como outros ribeiros que atravessam a freguezia, régam muitas das suas terras.

As producções mais valiosas da propriedade agricola são: milho grosso, centeio, feijão e vinho, e empregam-se na cultura mais de 600 individuos entre maiores e menores.

Não existe n'esta freguezia estabelecimento algum fabril digno de menção, ha, porém, 68 teares que tecem cotim, em cujo mister de tecer, dobar, etc., se empregam mais de 150 pessoas; e é industria que n'esta e nas freguezias circumvisinhas vae em progresso.

—

Atravessa esta freguezia a estrada nova feita pela companhia *Viação Portuense* (que

sae para Villa Nova de Famalicão, para Guimarães, e d'aqui para outras povoações do norte; dentro dos limites da freguezia tem duas pontes, uma junto ao logar de Villa Boa e outra no sitio de Laborins; a primeira atravessando o ribeiro de *Pelle*, a segunda o ribeiro *Laborins*, além de varios pontilhões de serviço particular e publico. No primeiro d'estes ribeiros abundam as trutas e peixe miudo, e em ambos ha moinhos de moer milho grosso.

—

N'esta freguezia não ha mercado ou feira.

Não me consta que na mesma houvesse alguem que se tornasse célebre em virtude, armas ou lettras, nem por inventos ou descobrimentos notaveis.

Não ha brazão d'armas, a não ser o que está na casa do sr. Paulo de Mello Pereira Sampaio, barão de Pombeiro. Tambem esta freguezia serve de titulo ao barão de Joanne, sr. Antonio Machado Guimarães, que na mesma possue varios predios.

Ha uma aula regia de instrucção primaria para o sexo masculino, subsidiada pela junta de parochia, que fornece casa e utensilios, e que é frequentada por bastantes alumnos.

Ha tambem uma sub-delegação do correio e uma pharmacia soffrivelmente montada.

As freguezias confinantes com esta, são: do N. as freguezias de S. João d'Airão e Santa Maria d'Airão, do concelho de Guimarães; do poente S. Martinho de Pousada de Saramagos, d'este concelho; do nascente, S. Thiago de Ronfe; do sul, Santa Marinha de Mogege, concelho de Famalicão e Ronfe do de Guimarães.

—

A egreja d'esta freguezia denota antiguidade, é espaçosa, tendo 100 palmos de fundo e 45 de largo; é de duas naves, divididas por quatro arcos de pedra sustentados por tres columnas da mesma; as paredes no interior são forradas de azulejos antigos; tem cinco altares, um na frente de cada nave, sendo um dedicado ao Santissimo Sacramento, o outro á Santissima Trindade; do lado do evangelho tem os altares de Nossa Senhora do Rosario e do Senhor da Agonia; do lado da epistola o altar de Santo Antonio; todos elles (mas principalmente os dois da frente) não obstante a sua antiguidade, attestam que nada se poupou de trabalho e despeza; é tudo obra de talha dourada, porém pela sua vetustez tem perdido muito do seu brilho. A torre da egreja é de architectura moderna e n'ella estão collocados tres sinos, e tem relogio.

Estão erectas n'esta egreja a confraria do Santissimo Sacramento e irmandade de Nossa Senhora do Rosario e de Santo Antonio; os estatutos da primeira foram reformados e approvados em 1614, por provisão do dr. Aleixo de Moraes, governador, provisor e vigario geral, no espiritual e temporal, do arcebispado de Braga; os da Senhora do Rosario em 1684, e os de Santo Antonio em 1785, pelo ex.mo sr. D. Gaspar; os da confraria do Santissimo foram consumidos no incendio que houve no palacio do governo civil, em Braga, onde estavam.

Existem dentro dos limites da parochia tres capellas publicas, que são — a de S. Bento, sita no logar do mesmo nome, ao S. da egreja matriz, erecta pelos rendimentos da fabrica, e hoje administrada pela junta de parochia, a cujo cargo está a sua veneração e despeza de culto — a capella de Nossa Senhora da Conceição, no logar de Villa Boa, pertencente á quinta da Torre, da qual é possuidor o sr. barão de Pombeiro; foi fundada pelo bisavô d'este, o dr. Luiz Caetano de Barbosa e Lima, é seu patrimonio 10 razas de pão impostas em uma leira na Agra de Vinhal do Louro, d'esta freguezia — a capella de Nossa Senhora do Soccorro, no logar da Bemposta, pertencente á casa e quinta do mesmo nome, de que é possuidor o sr. João José Rodrigues de Azevedo Marinho, e que foi fundada pelo bisavô d'este, o sr. Paulo Gonçalves, é é patrimonio d'elle 5 razas de pão meado, imposto em terras sitas na freguezia de Ruivães, d'este concelho.

—

É tradição constante ter sido a egreja matriz, mosteiro dos cavalleiros templarios, cuja ordem foi extincta em 1311; o unico vestigio que passa por ser ainda do tempo d'aquelles cavalleiros, é uma pequena porta con-

tigua ás duas principaes da egreja, por onde se entra para descer uma escadaria de pedra, que pára n'um grande páteo, tudo hoje pertencente á quinta do Assento, que dizem ter sido passal d'aquelles cavalleiros, e é seu actual possuidor o sr. Domingos Antonio de Araujo Campos. Esta quinta produz para cima de 40 carros de cereaes.

JOANNÍCO (S.)—freguezia, Traz-os-Montes, concelho do Vimioso, comarca e 18 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 40 fogos, em 1757.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Caçarêlhos apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi, no principio do seculo XIX, annexa á de Caçarelhos.

JOANNINHO (S.)—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Castro Daire, 24 kilometros ao O. de Lamego, 300 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto adminitrativo de Viseu.

O reitor da freguezia da Ermida do Paiva apresentava o cura, que tinha 8$800 réis de congrna e o pé d'altar.

É terra fertil em cereaes, gado e caça.

JOANNINHO (S.) — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Santa Comba Dão, 45 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 255 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o prior, que tinha 350$000 réis de rendimento annual.

É terra muito fertil.

Produz muito bom vinho; cria gado e caça.

JOÃO (S.) ou **SEIXO DE GATÕES** —freguezia, Douro, comarca e concelho de Monte Mór Velho, 24 kilometros ao O. de Coimbra, 200 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 133 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É terra fertilissima em todos os generos agricolas.

A mitra apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Foi villa e couto. D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 9 de fevereiro de 1514.

Foi antigamente da comarca de Coimbra, depois da da Figueira, até que foi feita cabeça de concelho.

JOÃO (S.) — vide Fontoura (S. João Baptista).

JOÃO ANTÃO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Guarda, 300 kilometros ao NE. de Lisboa, 80 fogos.

Orago S. José.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano*.

JOÃO D'AREIAS (S.)—vide Areias (S. João de) a pag. 238 F, do 1.º volume.

JOÃO (S.) **D'AREIAS** e **SILVARES**—villa, Beira Alta, comarca de Santa Comba Dão, 20 kilometros de Viseu, 260 ao N. de Lisboa, 550 fogos, 3:200 almas, no concelho 1:100 fogos.

Em 1757 tinha 103 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis.

Vide Areias (S. João de) onde já fica descripta em parte, e Silvares.

Este concelho é apenas composto de tres freguezias, que são: S. João Baptista (capital), S. Miguel de Parada e S. Miguel do Pinheiro d'Ázere, todas no bispado de Viseu.

—

Como já depois da publicação d'esta freguezia, sob o nome de *Areias*, teve logar aqui um facto digno de nota, descrevo-o n'este logar.

No dia 16 de novembro de 1873, tiveram logar nos paços d'este concelho, as eleições municipaes.

Os regedores, cabos de policia, influentes, etc., tinham conduzido para aqui grande mu-

mero de eleitores. Estavam a fazer-se os preparativos para a formação da mesa provisoria. De repente ouve-se um estrondo immenso! Era o pavimento que cahia, e com elle, quantos alli estavam, menos o administrador do concelho e presidente da camara, que foram as duas unicas pessoas que escaparam de ser precipitadas.

Dos que cahiram, tres ficaram com as pernas quebradas e alguns com os braços partidos, sendo melindroso o estado de alguns dos feridos.

Todos quantos cahiram soffreram mais ou menos.

Debaixo d'aquella sala, era a cadeia das mulheres, e lá estava uma presa, que escapou milagrosamente, soffrendo apenas algumas contusões.

A parte da sala que está sobre a cadeia dos homens, não cahiu, aliás teriamos mais victimas a lamentar.

—

O orago da freguezia de Silvares, que está annexa a esta, era Nossa Senhora da Natividade. O cura era apresentado alternativamente pelos vigarios de S. Thiago de Bésteiros e Capa Rosa. Tinha 19$000 réis de congrua e o pé d'altar. Tinha em 1757, tempo em que ainda constituia parochia independente, 80 fogos.

—

Tem visconde, novo. O actual sr. visconde (hoje juiz de direito d'Aveiro) instituiu, em março de 1874, á sua custa, uma escola de instrucção primaria, na aldeia da Guarita, d'esta freguezia. Honra ao nobre titular, que assim promove os interesses moraes da sua terra. Vide Guarita.

JOÃO BAPTISTA (S.)—freguezia, Alemtejo, comarca d'Evora, concelho de Portel, 40 kilometros d'Evora, 120 a E. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 26 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e 35 de cevada.

JOÃO BAPTISTA (S.) **DOS CALDEIREIROS**—freguezia, Alemtejo, comarca de Almodóvar, concelho de Mértola, 110 kilometros a O. d'Evora, 180 ao S. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 55 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Beja.

É terra fertil em cereaes, e cria muito gado de toda a qualidade.

A Mesa da Consciencia apresentava o capellão, curado, que tinha 180 alqueires de trigo e 20 de cevada.

JOÃO DA FOZ (S.)—Já está em *Foz do Douro*.

JOÃO DA FRÉSTA (S.)—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde, (foi até 1855 do concelho de Tavares), 24 kilometros a SE. de Viseu, 255 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 133 fogos.

Orago S. João Baptista.

O abbade de Santa Maria das Chans, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

JOÃO DAS LAMPAS (S.)—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Cintra, 30 kilometros ao NO. de Lisboa, 800 fogos.

Em 1757 tinha 400 fogos.

Orago S. João Baptista.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Tambem se chama simplesmente *Lampas*.

É terra fertil.

Os athenienses celebravam annualmente uma grande festa, denominada das *Lampas*, em acção de graças, a trez divindades—a Minerva, por lhes ter dado o azeite—a Vulcano, por ter inventado as *alampadas*—e a Prometheu por ter trasido o fogo do ceu. A cidade se illuminava toda e os jovens corriam com tochas accesas certo espaço. Eram premiados os que as não deixavam apagar na carreira.

Introduziriam aqui os gregos estas festas? Chamar-se-ha S. João das Lampas por causa d'algumas *alampadas* (antigamente *lampas*) que houvessem notaveis, na egreja?

É o que me não foi possivel averiguar. A mitra apresentava o vigario, que tinha 66 alqueires de trigo e 6$600 réis em dinheiro, que lhes davam os conegos de Santa Ma-

ria Maior, da cidade de Lisboa, e 1$300 rs. da egreja de S. Martinho, da villa de Cintra.

JOÃO DE LOURE (S.) —freguezia, Douro, comarca d'Agueda, concelho d'Albergaria Velha, 10 kilometros ao NO. d'Aveiro, 225 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757 tinha 71 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo d'Aveiro.

As religiosas do convento de Jesus, da cidade d'Aveiro, apresentavam o reitor, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

É terra muito fertil e rica; cria muito gado de toda a qualidade.

JOÃO DA MADEIRA (S.) — Vide Madeira.

JOÃO DO MONTE (S.) — villa, Beira Alta, comarca e concelho de Tondella, 30 kilometros de Viseu, 255 ao N. de Lisboa, 340 fogos, 1260 almas.

Em 1757 tinha 224 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Foi concelho, com 720 fogos, que se supprimiu em 1855.

Situada na encosta da serra do *Caramulo*, em terreno accidentado, mas fertil. Produz muito e bom vinho. Muita caça.

O prior do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra apresentava o reitor, que tinha annuaes 160$000 réis.

JOÃO DOS MONTES (S.) —freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Villa Franca de Xira (foi do concelho da Alhandra até 1855) 30 kilometros a NE. de Lisboa, 330 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago S. João Baptista.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

É terra fertil.

A mitra apresentava o vigario que tinha de congrua 60 alqueires de trigo, uma pipa de vinho, 5$000 réis em dinheiro, 18$000 réis de rendimento dos passaes e o pé d'altar.

JOÃO DOS NEGRILHOS (S.) — freguezia, Alemtejo, concelho d'Aljustrel, comarca e 70 kilometros d'Evora, 100 ao S. de Lisboa, 200 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mesa da consciencia apresentava o capellão, curado, que tinha 150 alqueires de trigo e 120 de cevada, annualmente.

JOÃO DA PESQUEIRA (S.) — Vide Pesqueira.

JOÃO DE REI (S.) — villa, Minho, comarca e concelho da Póvoa de Lanhoso, 12 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 120 fogos, 430 almas.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era um antigo concelho que foi extincto em 1855. Tinha este concelho 910 fogos.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 25 de dezembro de 1514.

Franklim não traz este foral.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis annuaes.

Passa por este concelho o rio Cávado, que réga, móe, e traz peixe.

No monte do *Castro*, por cima da egreja matriz, ha ruinas de fortificações romanas.

É terra fertil, cria gado e caça.

É natural d'esta freguezia (da casa de *Pousadella*) a célebre D. Maria Paes Ribeira, formosissima amante de D. Sancho I.

Villas Bôas diz que eram naturaes da villa da Lourinhan; mas supponho que é engano, como adiante direi. (Vide Grijó)

A familia dos Paes Ribeiros, ricos homens de Lanhoso, era das mais nobres de Portugal.

Paes é um nome patronimico, que significa, filho ou descendente de Payo. É appellido tão nobre como antigo em Portugal, porque já D. Pedro Paes foi um dos 5 fidalgos que acclamaram D. Affonso Henriques, na batalha de Campo de Ourique, em 25 de julho de 1139; e foi depois alferes mór do mesmo rei, e morreu gloriosamente, na batalha de Badajoz.

A Payo Rodrigues Paes, foi dado brazão d'armas—que é—em campo de prata, 5 pinheiros verdes, com raizes, em aspa, elmo d'aço aberto e timbre, meio leão de prata, lampassado de púrpura.

A João Paes, deu D. Affonso V, em 20 de

abril de 1476, brazão d'armas, que é — em campo azul, 9 losanjas, veiradas e contraveirados d'ouro e púrpura, em 3 palas-elmo d'aço aberto; timbre um pavão da sua propria côr.

A Gonçalo Paes, natural de Coimbra, e thesoureiro e mordomo-mór do cardeal rei, se deu brazão d'armas, em agosto de 1561, é em canpo azul, 9 losanjos, veirados e contraveiradas de ouro e púrpura, em 3 palas, elmo d'aço aberto, e por timbre, meio dragão, de prata, com uma losanja de púrpura no peito.

Ribeiro — é tambem um appellido nobre e antigo em Portugal. Villas Boaes, lhe dá origem, em D. Martim Paes Ribeiro e sua irman, D. Maria Paes Ribeiro (a Ribeirinha, em que já fallei) filhos de D. Pay Moniz, rico homem de D. Sancho I e natural da villa da Lourinhan [1]

Suas armas são — em campo verde, trez coticas d'ouro, em faxa, timbre, um lirio de folhas verdes, com 5 flores d'ouro. Villas-Boas, lhe dá—campo d'ouro com 3 faxas de verde; mas estas armas são dos Ribeiros de Castella, e não d'estes,—porque aquelle escriptor não distingue os Ribeiros de origem portugueza dos de origem castelhana. As armas que Villas Boas dá ao outro ramo dos Ribeiros, que são os denominados vulgarmente de Lanhoso (os de S. João de Rei) as armas seguintes — escudo esquartellado, no primeiro e quarto as armas d'Aragão e no segundo e terceiro as dos Vasconcellos. Timbre, um lirio d'ouro florido, com 5 pernas.

Fr. Manuel de Santo Antonio traz as armas de outros Ribeiros, construidas do modo seguinte— em campo d'ouro, banda azul, contra chefe d'ondas verdes e prata, e por timbre o mesmo lirio.

—

Lopo Dias d'Azevedo, descendente do grande D. Arnaldo de Baião (Vide Baião) e de D. Velasquinha Rodrigues, filha de D. Rodrigo Forjás—*o Bom*—conde de Trastamava (descendente do conde D. Mendo, irmão de Desiderio, ultimo rei dos longobardos e casado com D. Isabel Romães, filha do infante e conde D. Romão, filho de D. Fruella II rei de Leão) Lopo Dias d'Azevedo, digo, era senhor das terrrs d'Aguiar (de Jalles) Pena (de Jalles) Jalles e S. João de Rei, Terras de Bouro com todos os seus coutos e jurisdições e a honra Frazão, com todos os seus direitos reaes.

Tomando, em 1383 o partido do mestre de Aviz, a rainha regente (D. Leonor Telles de Menezes, viuva de D. Fernando I) o expoliou de todos estes senhorios e dominios dando-os á João Affonso de Bessa, partidario de Castella, e que aleivosamente quiz assassinar ao mestre de Aviz. Este, logo que tomou o governo do reino, restituiu tudo ao fiel Lopo Dias de Azevedo, o qual praticou taes actos de bravura na gloriosa batalha de Aljubarrota, em 14 de agosto de 1385, que D. João I o armou cavalleiro no proprio campo da batalha.

Diogo Lopes de Azevedo (1.º filho de João Lopes de Azevedo e de sua 1.ª mulher D. Maria de Vilhena, segundo outros, D. Maria da Cunha Coutinho, filha de Fernão Coutinho da Cunha, senhor de Celorico de Basto, de Monte Longo e outras terras) foi senhor de S. João de Rei e Terras de Bouro.

Teve um filho do seu mesmo nome e appellidos, que por sua irregular conducta, perdeu os senhorios de S. João de Rei e Terras de Bouro.

Teve este Diogo Lopes de Azevedo (filho do outro) quatro irmãos, que éram: Pero Lopes de Azevedo, Antonio de Azevedo, D. Branca de Vilhena, e D. Joanna de Azevedo.

Pero Lopes de Azevedo, herdou os senhorios de S. João de Rei e Terras de Bouro (que o rei D. Manuel tirára a seu irmão mais velho, e as deu a este, em 1513.)

Casou, a primeira vez, com D. Maria de Vilhena, de quem não teve filhos e a segunda (em Arzilla, na Africa) com D. Maria Ribeiro, filha de Diogo Fernandes, *escrivão dos contos*, de Arzilla, de quem teve Antonio de Azevedo Coutinho, que herdou a sua casa, e de quem adiante tratarei.

[1] Villas Boas diz que o pae e os dois filhos eram da Lourinhan; mas os mais acreditados escriptores, dizem que só o pae era da Lourinhan, e que os filhos nasceram na casa de *Pousadella*,

Antonio de Azevedo, foi clerigo, desembargador do paço e embaixador de D. João III ao imperador Carlos V, sobre as *cousas de Maluco*, dando boa conta da sua missão; mas, sendo malquistado com o rei, que o reprehendeu, morreu de paixão.

D. Branca de Vilhena, casou com Antonio de Sousa, senhor das terras de Gouveia e alcaide-mór de Montalegre, de quem teve geração.

D. Joanna de Azevedo, casou cou João Alves Pereira, senhor de Fermêdo, d'onde procedem os Azevedos da casa de Paradella, na freguezia de S. Miguel do Matto, no concelho e comarca de Arouca.

O primogenito d'estes quatro irmãos (o 2.º Diogo Dias de Azevedo) era casado com D. Leonor da Silva, filha de Henrique Henriques de Sá, senhor de Sever e alcaide-mór do Porto, da qual não teve filhos; por isso passou a casa de S. João de Rei e Terras de Bouro, ao 2.º irmão, Pero Lopes de Azevedo.

Já disse que este casou em Arzilla com D. Maria Ribeiro.

Teve d'ella, cinco filhos, que foram:

Antonio de Azevedo Coutinho, que herdou a casa de seu pae, e de quem adiante trato.

Francisco de Azevedo (que morreu no cêrco de Dio, India) casado com D. Anna Soares, filha de Ayres Pereira Soares, progenitores de todos os Azevedos e Soares de Azevedo, da cidade de Braga e immediações.

Diogo de Azevedo, que morreu em Tanger (Africa) sem successão.

D. Isabel Coutinho, que casou com Diogo Soares de Albergaria, de quem procedem os Soares de Albergaria das casas de *Refojos* e de *Areias*, em Cambra; de Aveiro de Porto de Mós; de Torres Vedras; de Paradella (que já eram da mesma familia) do Buraco (freguezia de Couto de Cucujães) e outros.

Antonio de Azevedo Coutinho, 1.º filho de Pero Lopes de Azevedo (irmão dos tres ultimamente nomeados) foi criado do infante D. Luiz, filho do rei D. Manuel, e este rei confirmou n'elle (em Evora, no anno de 1520) o senhorio de S. João de Rei e Terras de Bouro, que 7 annos antes tinha dado a seu pae.

Casou Antonio de Azevedo Coutinho, com D. Mayor da Cunha, filha de Xisto da Cunha, commendatario do mosteiro de Oliveira. Tiveram:

Francisco de Azevedo, que morreu nas guerras da India, sem successão legitima.

Pero Lopes de Azevedo, que tambem morreu nas guerras da India, sem filhos.

Diogo de Azevedo, que teve egual sorte.

João Lopes e Lopo Dias de Azevedo, que morreram solteiros.

Vasco Fernandes de Azevedo, que, sendo o 4.º filho, herdou a casa de seus paes, pela falta de successão de seus tres irmãos mais velhos.

Vasco Fernandes de Azevedo, senhor de S. João de Rei e Terras de Bouro, com toda a sua jurisdicção, casou com D. Jeronyma Coronel, filha do desembargador Leonardo Nunes Coronel, physico-mór de D. João III e do rei D. Sebastião. Tiveram:

Diogo de Azevedo Coutinho, que herdou a casa.

Vasco Fernandes de Avevedo Coutinho.

Antonio de Azevedo Coutinho, que morreu solteiro.

D. Philippa de Azevedo, que casou com Al varo Barbosa, morgado de Aborim.

D. Leonor de Azevedo, que casou com Fernão Velho de Araujo.

O primogenito (Diogo de Azevedo Coutinho) senhor de S. João de Rei e Terras de Bouro, casou com D. Brites de Sá e Menezes, filha de Francisco de Sá e Menezes, senhor da casa da *Tapada*, na freguezia de Fiscal. (Vide Fiscal.)

Foram seus filhos:

Vasco de Azevedo Coutinho, senhor de S. João de Rei e Terras de Bouro, foi cavalleiro (com tença) do habito de Christo, mestre de campo, da gente dos seus coutos, nos reinados de D. João IV e D. Affonso VI, e fez grandes serviços á patria, na guerra da restauração. Casou com D. Luiza Ignacia de Castilho, filha de Diogo de Castilho, da cidade de Lisboa, de quem teve filhos.

Francisco de Azevedo, senhor da quinta

da Tapada, que, depois de viuvo, foi beneficiado e tomou o nome de Francisco de Sá de Miranda, escriptor classico bem conhecido. (Para a sua biographia, vide Tapada.)

—

Para não estar a cançar mais os meus leitores com abborrecidas genealogias (que só interessam ás familias a quem dizem respeito) termino dizendo, que é actual representante dos antiquissimos senhores de S. João de Rei e Terras de Bouro, e dos senhores da quinta da Tapada, o sr. D. Rodrigo de Azevedo de Sá Coutinho, 16.º senhor de S. João de Rei, irmão do chorado D. João de Azevedo de Sá Coutinho, illustre fidalgo e primoroso escriptor, que morreu na flor da edade (43 annos) em Lisboa, em 18 de dezembro de 1854.

Como na palavra *Tapada*, tenho de fallar ainda d'esta nobilissima familia, para la remetto o leitor.

JOÃO DA RIBEIRA (S) — freguezia Alemtejo, comarca de Santarem, concelho de Rio Maior, 40 kilometros d'Evora, 120 ao E. de Lisboa, 630 fogos.

Em 1757 tinha 382 fogos.

Orago S. João Baptista.

Patriarchado de Lisboa districto administrativo de Santarem.

O reitor dos conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) de S. Bento de Xabregas (Lisboa) apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis annuaes.

JOÃO DA RIBEIRA (S)—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Fronteira, 40 kilometros d'Elvas e 165 a SE. de Lisboa, 25 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado d'Evora districto administrativo de Portalegre.

A mitra apresentava o cura, que tinha 119 alqueires de trigo e 47 de cevada.

É terra fertil em cereaes.

JOÃO DA RIBEIRA (S.) Vide Ribeira, concelho de Ponte do Lima.

JOÃO DA SERRA (S)—freguezia Beira Alta comarca de Vousella, concelho d'Oliveira de Frades, 30 kilometros a ONO. de Viseu, 275 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O reitor d'Olive'ra de Frades apresentava o cura, que tinha 9$5000 rs. de congrua e o pé d'altrr.

JOÃO DA TALHA (S.) — freguezia, Extremadura, concelho dos Olivaes, comarca e termo e 12 kilometros de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 108 fogos.

Orago S. João Baptista.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

A mesa da fazenda, da universidade de Coimbra, apresentava o cura que tinha de congrua 16$000 réis, 64 alqueires de trigo, um tonel de vinho, 4 cantaros d'aseite, e o pé d'altar, que andava por 40$000 rs.

JOÃO DE TAROUCA (S.)—freguezia, Beira Alta, comarca de Armamar (foi até 1855 da comarca de Moimenta da Beira) concelho de Mondim, 12 kilometros de Lamego, 324 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago S. Braz.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

A pag. 505 do 1.º vol., sob a palavra *Burgo* (hoje S. João de Tarouca) já fallei do mosteiro de religiosos cistercienses (bernardos.) Obtendo mais alguns esclarecimentos, os dou n'este logar; mas notando que esta freguezia e a tal do Burgo, são actualmente uma e a mesma cousa.

—

A egreja matriz da freguezia, que é a do antigo mosteiro, é magestosa e tão vasta como a Sé de Lamego.

Foi o 1.º convento que houve em Portugal, da Ordem de S. Bento reformada, denominada de S. Bernardo ou de Cister.

O beato abbade Bernardo (francez) discipulo de S. Bernardo, fundador da nova ordem (ou reforma) foi por este patriarcha mandado a Portugal, para fundar esta ordem, e assistiu á fundação d'este mosteiro; do qual foi 1.º abbade Santo Adalberto, varão tão respeitado no seu tempo, que a rainha D. Thereza, viuva do conde D. Henri-

que, estando para morrer, se quiz confessar com elle; mas como pela sua avançada edade não podesse fazer a jornada, mandou em seu logar o beato Bernardo e o abbade João Cirita, que foi depois 2.º abbade d'este mosteiro e succedendo-lhe o dito beato Bernardo.

D. Sancho I tinha grande devoção por este mosteiro, que visitou varias vezes, e nos santos exercicios do claustro alli passou um advento inteiro. O beato Bernardo acompanhou a D. Sancho I, á batalha de Sevilha, contra os sarracenos.

Ainda existe este mosteiro, por tantos titulos venerando; mas deserto, abandonado e reduzido a ruinas. Tinha muitos fóros, rendas e pensões; mas, tendo em 1834 hido o cartorio para os Nerys, de Viseu, ardendo este edificio, foram devorados pelas chammas todos os documentos de S. João de Tarouca. A *fazenda nacional* nada lucrou com a suppressão d'este convento, porque não tem documentos por onde possa pedir os foros e rendas: e, comquanto os foreiros muito bem saibam quaes são as propriedades oneradas, não o dizem, entendendo nas suas consciencias, que é mais justo ficarem com ellas do que pagal-as.

JOÃO DA VARZEA—(S.) vide Varzea.

JOÃO DE VER (S.)—freguezia, Douro, comarca e concelho da Feira, d'onde dista 3 kilometros ao NE., 24 ao S. do Porto, 16 ao N. de Oliveira de Azemeis, 285 ao N. de Lisboa, 385 fogos.

Em 1757 tinha 229 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

É terra muito fertil, e cria muito gado de toda a qualidade.

A estrada real á macadam, de Lisboa para as provincias do Norte, atravessa esta freguezia. Já era atravessada pela antiga estrada real, e pela estrada mourisca que de Lisboa se dirigia a Calle.

No logar de *Souto-Redondo* (ou Ayras) ha uma boa feira mensal (mercado) no dia 17.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 800$000 réis annuaes.

Souto-Redondo é uma boa povoação, metade d'esta freguezia de S. João de Ver e metade da freguezia das Caldas de S. Jorge.

É célebre esta povoação pela grande batalha que aqui se deu em 7 de agosto de 1832, entre realistas e liberaes, sendo estes completamente batidos.

Vide Souto Redondo e Caldas de S. Jorge.

JOBIM—vide Jovim.

JÓLDA (Santa Maria Magdalena) —freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 30 kilometros a ONO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 81 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Marcos Pereira Velho de Moscoso (*Pé de Ferro*) da quinta da Brejueira, apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis annuaes.

É n'esta freguezia a casa solarenga da Jólda, a que o conde D. Pedro chama Jóla. D'este appellido (Jola) houve uma nobre familia do Minho, que teve principio em Martim Paes de Jola, filho de Vasco de Bravães neto de D. Vasco Nunes de Bravães, fundador do mosteiro de Bravães (na Barca) fidalgos muito illustres, senhores do meio termo dos Arcos de Val de Vez. D'esta familia procederam os condes d'Aveiras e Unhão, os senhores da Chamusca e Ulme, em Portugal —os duques de Pestrana, os principes de Mileto, os marquezes de Orais, na Sardenha,—na Hespanha os duques de Ixar, os condes de Salinas, e outras muitas casas illustres.

Esta casa passou a Garcia Rodrigues de Caldas, da freguezia de Vascões, por casamento; extinguindo-se então o appellido *Jola*.

JÓLDA (S. Payo) — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 30 kilometros a ONO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 46 fogos.

Orago S. Payo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira, apresentavam o abbade, que tinha 300$000 réis annuaes.

Até esta freguezia chegam os barcos que vem de Vianna, pelo rio Lima. Já chegaram á villa da Barca, no fim do seculo XVII. Em 1680 o capitão Antonio d'Aráujo e Azevedo, dedicou-se a melhorar o Lima n'este ponto, para facilitar a navegação, porem a falta de dinheiro interrompeu esta utilissima obra. Depois Antonio Fernando d'Araujo quiz levar a effeito o projecto da desobstrucção do rio n'estes sitios; mas não fez mais do que estragar alguns campos marginaes e ficou o rio no mesmo estado.

JOMIL (S.) — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes 90 kilometros de Miranda 480 ao N. de Lisboa, 55 fogos.

Em 1757 tinha 38 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor do Edral apresentava o cura que tinha 6$500 réis de congrua e o pé d'altar.

JORDÃO (S.) — freguezia, Alemtejo, concelho, comarca, d'Evora donde dista 9 kilometros, 125 a SE. de Lisboa, 67 fogos.

Em 1757 tinha 47 fogos.

Orago S. Jordão.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 111 alqueires de trigo e 111 de cevada.

JORGE DOS ARCOS (S.) — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 30 kilometros a NO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 340 fogos.

Em 1757 tinha 210 fogos.

Orago S. Jorge.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Esta freguezia já está descripta a pag. 233 do primeiro vol. sob a palavra Arcos; mas repito-a, aqui, não só porque então disse que era do districto administrativo de Braga, sendo do de Vianna, como por cauza da apresentação dos dois abbades, que aqui havia, que eram do modo seguinte:

Tinha esta freguezia dois abbades — um com cura outro sem elle — dividiam ambos entre si os disimos e permicias. O abbade com cura era apresentado alternativamente pela mitra e pelos conegos de Santa Cruz de Coimbra. (Primeiramente era apresentação *in solidum* do convento de *Muhia*, com reserva do arcebispo) e o abbade sem cura, era apresentado pelos viscondes de Villa Nova da Cerveira.

A abbadia sem cura, rendia 285$000 réis annuaes e a abbadia com cura, rendia o mesmo na disimaria; mas tinha de mais as *oblatas*, que com os mais direitos parochiaes, rendia 400 mil réis annuaes.

O abbade sem cura, não tinha obrigação nenhuma parochial, limitando-se o seu serviço a receber e gastar os rendimentos. A estas abbadias se dava o nome de *beneficios simples*. Esta apresentação foi de varios padroeiros, depois, até 1834, da casa dos viscondes de Villa Nova da Cerveira.

Ha aqui um poço, no rio Lima, em que os lavradores deitam a nadar o gado doente, na crença de que fica são.

Esta virtude curativa é atribuida pela tradição, á passagem de um santo (que se suppõe ser S. Julião) por este sitio, fugindo á perseguição dos romanos, e que foi por fim preso e martyrisado em *Flavia Lambria*, que segundo uns ficava entre Monção e Valladares, no sitio das *Caldas*, e segundo outros em Lindoso. (Vide *Lindozo.*)

É n'esta freguezia a aldeia de *Garção*, digna de ser aqui mencionada, pelo facto seguintee:

Um certo fidalgo, tomando o nome supposto de D. Martim Velho, por alguma circumstancia que se ignora, veio com sua mulher habitar para o logar de *Outeiro Maior*, no sitio chamado *Villa Bôa*. Com algum dinheiro que trazia, comprou gados, que constituiram o seu principal patrimonio.

Como lhe adoecessem, os trouxe a banhar a este poço do Lima, onde melhoraram. D. Martim se veio estabelecer em um sitio proprio, a que deu o nome de *Gração*, que no antigo portuguez dizem que significa *bonito*, *engraçado*, e que depois se corrompeu em *Garção*.

Junto á casa em que vivia, tinha sempre este fidalgo, sobre o caminho, uma cêsta em um póste, com pão ,vinho e carne, ou peixe, para os passageiros.

Por isto e pela bondade de D. Martim, seus descendentes foram sempre muito considerados e respeitados por estes sitios, sendo isentos de todos os trabalhos servis ou empregos vis do municipio; mesmo os desta familia que tinham cahido em pobreza.

D. Martim, apesar da sua nobre linhagem foi sempre lavrador, assim como seus descendentes, sem que por isso deslustrassem a sua nobre ascendencia.

D. Diniz ordenou que os fidalgos antigos conservassem todas as suas honras, ainda que fossem lavradores (uma vez que não fossem jornaleiros) que por suas proprias mãos cultivassem terras suas.

Este D. Martim Velho e sua mulher; são progenitores dos Cerqueiras e Taveiras, nobres familias da provincia do Minho.

JORGE INTRAMUROS (S.) — Vide Lisboa

JORGE EXTRAMUROS (S.) ou **S. JORGE D'ARROIOS** —freguezia, Extremadura, concelho dos Olivaes, comarca, patriarchado e districto administrativo de Lisboa, 125 fogos.

Orago S. Jorge.

Vide *Olivaes* e *Arrois.*

JORGE DE CALDELLAS (S.) — Vide Caldas de S. Jorge.

A mitra e o convento de Santa Clara franciscanas do Porto, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 500$000 réis

Tinha a freguezia em 1757 112 fogos.) É a mesma freguezia que fica descripta a pag. 36 do 2.º volume.

JOSÉ DE RIBA MAR (S.) — Vide Riba-Mar.

JOU —freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chaves, concelho de Carrazêdo de Monte Negro, até 1855, desde então comarca e concelho de Valle Paços, 105 kilometros a NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 203 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de S. Pedro dos Valles, apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis annuaes.

É terra fertil, cria muito gado e caça.

JOUVER — portuguez antigo, jazer, dormir, decançar, estar sepultado. Vide Lobrigos.

JOVIM ou **JOBIM**—freguezia, Douro, concelho de Gondomar, comarca e 9 kilometros a ENE. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 340 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago A Santa Cruz.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Jovim é corrupção de *Jouví* descanço, por isso dever-se-ha escrever *Jovim* e não *Jobim*

Pertendem alguns que o nome d'esta freguezia é diminutivo de *Job* (*Jobinho*) mas é êrro Vide *Jouver*, que é o verbo.

O papa e o bispo apresentava alternativamente o abbade, que tinha 400$000 annuaes.

Não me consta que nesta freguezia haja tradicção alguma, nem munumento digno de menção.

A extremidade meridional de Jovim é limitada pela margem direita do rio Douro: ao N. e O., intesta com a freguezia de S. Cosme da Gondomar, e pelo E. com a de S. João da Foz do Sousa (vulgo Sousa.)

Sobre a margem do Douro, pertence a esta freguezia o logar de Atães (ou Athães) onde está a bella quinta d'Atães, da snr.ª D. Maria Helena Leite Pereira de Mello e Alvim, por herança de seu tio o virtuoso sr. Alvaro Leite Pereira de Mello e Alvim, que falleceu no Porto, em junho de 1871. Era esta quitna um morgado, annexo a uma capella que esta nobre familia tem na claustra da Sé cathedral do Porto.

Esta quinta é a primeira da freguezia, do lado de S. e a que está mais proxíma do rio.

Ha aqui uma praia, onde se vem buscar os generos que vão para o Porto.

—

Ainda sobre a margem direita do Douro, está a aldeia de *Marécos,* em uma praia onde embarcam para a cidade do Porto diversos generos agriculas, e onde os barcos do Douro esperam pela praia-mar, para descerem o rio.

Supponho que em tempos antigos, *Atães* era uma freguezia e *Jovim* outra. Fundo me no seguinte.

Atães é a principal povoação de toda a freguezia, já pelo seu maior numero de habitontas, já por ser muito mais fertil.

A parte da freguezia denominada Atães está naturalmente dividida de de Jovim, por um ribeiro anonymo, que vae desaguar ao Douro, na povoação de Marécos. Atães fica a O. e Jovim a E.

Estas duas partes da freguezia estão phisica e moralmente divididas, como se fossem freguezias diversas, de modo que os de Jovim, dizem «Vamos a Atães — Aquelle é d'Atães, etc.» — e vice versa. — Até ha uma certa rivalidade entre estas duas populações.

O terreno da freguezia é, em grande parte, de aluvião, ou secundario; achando-se terra argilosa e sedimentar, até grande profundidade, o que torna muito fertil, apesar de ser bastante accidentado.

Apparecem em varias partes da freguezia camadas ou filões de ferro, que ainda se não teem explorado; assim como bastantes nascentes d'agua ferruginosa, ainda que pobres e que me não consta terem sido analysados

O terreno cultivado d'esta freguezia, (que é apenas uma terça parte d'ella) é fertilissimo em todos os generos agriculas do nosso paiz, havendo grande abundancia de melancias, pêcegos e melões, que tem prompta venda no Porto, pela sua optima qualidade. Os nabos, rivalisam, em volume e bôa qualidade, com os famigerados de S. Cosme, e ha tambem grande producção de sebôlas, que se exportam para o Porto, Inglaterra e Brasil.

Tambem aqui se cria muito e optimo gado vaccum, que em grande escala se exporta para a Granbertanha. É sustentado principalmente com nabos, o que o faz engordar em pouco tempo.

Nos seus valles, ha tambem grande abundancia de milho, centeio e legumes.

Produz pouco e pessimo vinho, não pela má qualidade do sólo; mas pelo desleixo na cultura da videira, pela indifferença na escolha da sua qualidade, e, sobretudo, por fazerem o vinho quando a uva está ainda mal sasonada.

Duas terças partes da freguezia estão a tojal e pinhal; pelo que a terra é abundante matto, lenha e madeira, que exporta constantemente para o Porto.

A unica via de communicação d'esta freguezia, é o Douro; pois ainda não tem uma só estrada concelhia ou municipal. Anda porem em construcção (1874) uma estrada, que sahindo de Goudomar, vae até Melres (margem direita do Douro, 20 kilometros ao E. d'esta freguezia) a qual, se se excutar o traçado feito em 1856, hade corresponder com a que d'Arouca deve vir a Pédorido.

—

A egreja matriz, é no centro da freguezia Tem bôa residencia e optimos passaes.

Tem cemiterio.

Esta freguezia está em excellentes condições de prosperidade, sobre tudo, se o po d'aqui, abandonando o systema rutineiro, se souber aproveitar da bôa qualidade do solo, que lhe coube em partilha.

—

Ao digno e illustrado abbade de Jovim, o Rev.^{mo} sr. Bernardo de Vasconcellos Monterroso, agradêço os esclaricimentos, que a meu pedido, teve a bondade de enviar-me.

JUDENGA — Vide Juderéga.

JUDERÉGA — portuguez antigo, tributo de 30 dinheiros, que antigamente os judeus pagavam em Portugal (e julgo que tambem na Hespanha) em memoria e castigo de terem vendido Jesus Christo por aquella quantia. *Cada cabeça* pagava annualmente os taes 30 dinheiros.

(Os nossos antepassados tinham tamanho odio a esta raça proscripta, que procuravam todos os meios e pretextos de os esfolarem!)

Tambem a este tributo infamante se dava o nome de *judenga.*

JUDIARÍA — portuguez antigo. Nos primeiros tempos da nossa monarchia, os judeus e os mouros, não viviam nas povoações, misturados com os christãos: tinham seus bairros separados. Ao bairro dos primeiros se chamava *judiaría* e ao dos segundos *Mouraría.*

Os mouros porem não eram tidos em des-

preso, e logo que se baptisassem, eram em tudo considerados como os mais portuguezes, e seus descendentes eram armados cavalleiros, dava-se-lhes fôro de fidalgo e serviam os logares da republica. Um grande exemplo d'isto, é o célebre e benemerito conde D. Sisnando, consul ou governador de Coimbra no seculo XI, que era filho de mouros. (Vide Coimbra e Tentugal.)

D'este D. Sisnando fallo muita vez n'esta obra.

Mesmo os mouros que não abjuravam a sua lei, eram protegidos pelas nossas instituições politicas, ficando até grande parte d'elles com as vastas propriedades que haviam herdado de seus maiores. Um grande exemplo é *Echa*, rei ou *emir* de Lamego, a quem D. Affonso Henriques deixou todo o vasto territorio que seus antepassados lhe tinham deixado. (Vide Lamego e Arouca.)

Álem d'isso os nossos reis, para os protegerem de qualquer vexame ou injustas exacções, lhe concediam foraes exclusivamente para elles, a que chamavam—«*foral dos mouros forros*»—Lisboa, Evora, Santarem, Silves, Setubal, etc. etc. tinham d'estes foraes, como se tem visto e continuará a ver n'esta obra; mas os desgraçados judeus; eram tidos em tamanho desprezo, que para elles não havia leis protectoras. Todos os perseguiam e roubavam, quasi sempre impunemente.

Elles porem, vingavam-se em nos extorquir por todos os meios de que podiam dispor, quantas mealhas lhe era possivel; porque eram todos sórdidos, miseraveis, avarentos e usurarios.

Vide *Cinuna*.

JUGADA—tributo antiquissimo que, já desde o tempo dos romanos, se pagava nas Hespanhas.

D. Affonso Henriques reservou as *jugadas* para a corôa; mas, algumas vezes, ainda que raras, doavam as jugadas, por grande mercê, os nossos reis. (Deve notar-se que este tributo desde a sua remota stituição, era destinado ao chefe do estado.)

O conde D. Henrique doou a Bernardo Franco cinco casaes em *Villa Bôa de Satan*, livres de todo o direito real, *e mesmo da jugada*; accrescentando que—se algum mordomo, guarda ou meirinho entrar n'elles, (cinco casaes) com animo de *fazer mal*, e alli o matarem—«*nullam inde Imperator terræ recipiat calumpnia.*» (*Documento* de Alpendurada.)

Pagava-se este tributo de cada *jugo* de bois com que—*em terra jugadeira*—se lavrava um moio de trigo ou milho (miudo, porque ainda não havia *milho grosso* ou *milhão*).

Os lavradores eram, no tempo dos gôdos, meros *servos da gleba;* pagando cada anno *o censo fiscal, conon, frumentario* ou *fossatária*, que consistia em certa porção de grãos, por cada junta de bois.

Os *ricos-homens*, e muitos nobres receberam grandes porções de territorio, com a obrigação de accudirem á guerra, com suas gentes sustentadas á sua custa. Estes deram terras aos seus *vassallos* com os mesmos direitos dos reis.

As *jugadas* variavam, segundo as terras em que se pagavam. Havia *jugadas* de pão, de vinho e de linho.

D. Manuel, em 1514, manda pagar, no foral de *Serpins (por contracto feito com o povo d'aqui e o mosteiro de Lorvão, que era seu donatario)* 890 alqueires de pão pela medida de Coimbra, 300 almudes de vinho e 35 feixes de linho, repartido isto por todas as propriedades, em proporção do que produziam.

Havia *jugada nova* e *jugada velha*. Parece que esta era maior do que aquella.

JUGADAR—portuguez antigo—medir o pão da jugáda.

JUGADEIRO—portuguez antigo—o que pagava a jugáda.

JUGÁRIO e **JUGUEIRO**—o mesmo.

JUGUEIROS—Vide Godim.

JUGUEIROS—freguezia, Douro, comarca de Lousada, concelho de Felgueiras até 1855, e desde então comarca e concelho de Felgueiras, 30 kilometros a E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 330 fogos.

Em 1757 tinha 246 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

(Para a etymologia, vide *Jugario.*—Vide tambem *Jugáda.*)

O D. abbade benedictino, do mosteiro de Pombeiro, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis e o pé d'altar.

É terra muito fertil. Cria muito gado.

JUGUEIROS—aldeia, Douro, 4 kilometros acima de Entre os Rios, comarca e concelho de Penafiel, mas da freguezia de Santa Clara do Torrão, que é da comarca e concelho de Marco de Canavezes; está porém (*só administrativamente*) annexa á freguezia de S. Payo da Portella, que é da comarca e concelho de Penafiel.

É o tal disparate que já mencionei em *Entre Ambos os Rios.* Remetto para esta palavra o leitor que quizer saber mais alguma coisa d'esta *célebre divisão territorial.*

JUIGADO—portuguez antigo—julgado ou concelho que tem foral proprio.

JULGADO—nas *inquirições* reaes, desde D. Affonso II até D. Diniz, *julgado* era synonimo de *concelho*—terra ou termo, que tinha juiz ou alvazil, com maior ou menor jurisdição.

Tambem se chamava *julgado* certo tributo que se pagava ao juiz da terra, proveniente da carne e outros comestiveis que se vendiam no districto da sua jurisdição.

—

Até 24 d'outubro de 1855 todos os concelhos eram julgados. Então, foram supprimidos 54 concelhos no continente e 3 no archipelago dos Açores, (os que vão na relação junta a este artigo) deixando portanto de ser concelho e julgado.

Foi desde essa época que *concelho* ficou sendo uma circumscripção diversa de julgado; porque foram supprimidos os julgados de Bouças, Gondomar, Maia, Vallongo e Villa Nova de Gaia, e ficaram existindo os concelhos d'estas villas.

Por decreto de 23 de setembro de 1873 foram supprimidos 20 julgados (os constantes da 2.ª relação) mas os concelhos ficaram como municipios.

O concelho tem um administrador effectivo e um substituto (e na sua falta, serve interinamente o presidente da respectiva camara); uma camara, composta de mais ou menos vereadores, segundo a classificação do concelho; escrivães da camara, do administrador e da fazenda; officiaes de diligencias da camara e do administrador; um recebedor; um carcereiro e um thesoureiro da camara.

O julgado tem—um juiz ordinario, 3 substitutos, um subdelegado do procurador regio; escrivães e officiaes de diligencias.

O sub-delegado, ou agente do ministerio publico, é tambem curador dos orfãos, contador, distribuidor, e fiscal da fazenda publica do julgado.

Os escrivães são tambem tabelliães de notas.

Relação dos concelhos e julgados supprimidos por decreto de 24 de outubro de 1855

DISTRICTOS ADMINISTRATIVOS	CONCELHOS E JULGADOS	DISTRICTOS ADMINISTRATIVOS	CONCELHOS E JULGADOS
Vianna do Minho	Castro Laboreiro Valladares	Guarda	Linhares Marialva
Braga	Prado Penella (só o julgado) Pico de Regalados (com. concelho e julgado)	Castello-Branco	Sobreira Formosa Alpedrinha Salvaterra do Extremo
Santarem	Ulme Salvaterra de Magos Pernes Mont'argil	Portalegre	Cabeço de Vide Souzel Veiros Alegrete

DISTRICTOS ADMINISTRATIVOS	CONCELHOS E JULGADOS	DISTRICTOS ADMINISTRATIVOS	CONCELHOS E JULGADOS
Beja	Messejana Villa Nova de Mil Fontes	Faro	Villa do Bispo, Aljesur (só o julg.do)
Porto	S. Thomé de Negrellos Bouças, Gondomar, Maia, Vallongo, Villa N.a de Gaia (só os julgados)	Viseu	Mões S. Martinho de Mouros Leomil Ferreiros de Tendaes S. Fins Trevões
Bragança	Torre de Dona Chama	Coimbra	Avô
Leiria	S. Martinho do Porto Pederneira Chão do Couce Maçãs de Dona Maria Louriçal	Evora	Vimieiro Alandroal, Móra, Mourão (só o julgado)
Aveiro	Fermedo Pinheiro da Bemposta	Angra (Açores)	S. Sebastião Villa da Praia Villa do Tôpo
Lisboa	Sines Moita Alcoentre Ald.a Gallega da Merceana Sobral de Monte Agraço Collares	Lisboa	Ericeira Azeitão Palmella Ribaldeira Alhandra Oeiras (só o julgado)

Relação dos julgados supprimidos por decreto de 23 de dezembro de 1873

	JULGADOS	FICAM PERTENCENDO ÁS COMARCAS DE
1	Aljesur	Lagos
2	Alvito	Cuba
3	Barreiro	Aldeia Gallega do Ribatejo
4	Batalha	Porto de Mós
5	Castello de Paiva	Arouca
6	Castro Verde	Almodovar
7	Cezimbra	Almada
8	Fornos d'Algodres	Celorico da Beira
9	Mação	Abrantes
10	Marvão	Portalegre
11	Mondim	Armamar
12	Mondim de Basto	Villa Pouca d'Aguiar
13	Nellas	Mangualde
14	Penedôno	S. João da Pesqueira
15	Ribeira de Pena	Villa Pouca d'Aguiar
16	S. Thiago de Cacem	Alcacer do Sal
17	S. João d'Areias	Santa Comba Dão
18	Sardoal	Abrantes
19	Satão	Viseu
20	Villa Velha do Rodam	Castello Branco

JULIÃO (S.) — freguezia, Traz-os-Montes, concelho e comarca de Bragança, 465 kilometros ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 102 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O cabido da Sé de Bragança apresentava o reitor, que tinha 42$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

JULIÃO (S.) — Vide *S. Gião*.

JULIÃO (S.) — Vide *Lisboa*.

JULIÃO (S.) — freguezia, Alemtejo, concelho, comarca e 12 kilometros de Portalegre, 180 a SE. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 93 fogos.

Orago S. Julião.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

A mitra apresentava o cura, que tinha 120 alqueires de trigo e 2$000 réis em dinheiro.

É terra muito fertil em cereaes.

JULIÃO (S.) ou **MONTE-NEGRO** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 95 kilometros a NE. de Braga, 450 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 44 fogos.

Orago S. Julião.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 80$000 réis.

JULIÃO (S.) **DA BARRA** — freguezia, Estremadura, concelho de Oeiras, comarca e 18 kilometros ao O. de Lisboa, 45 fogos.

Em 1757 tinha 12 fogos.

Orago S. Julião (antigamente S. Gião).

Patriarchado, districto administrativo de Lisboa.

Situada na vastissima foz do Tejo.

O real padroado apresentava o capellão-cura, que tinha 50$000 réis.

Tem uma fortaleza bem construida.

Lançou-lhe os alicerces D. João III, pelos annos de 1556, e seu irmão, o cardeal D. Henrique, depois rei, fez continuar as obras durante a sua regencia, na menoridade de seu sobrinho D. Sebastião, desde 1563 até 1568.

Ainda aqui ha a porta chamada do *Cardeal*, que era então a principal da fortaleza. Tem sobre o escudo das *Quinas*, as setas, de que usava o rei D. Sebastião.

Os tres Philippes tambem deram impulso ás obras de fortificação d'este castello, por causa das guerras que traziam com differentes nações da Europa. (Para se saber o fim que tinham em vista estes usurpadores, construindo ou reedificando as nossas fortalezas, vide o que digo no artigo S. João da Foz, a pag. 221, col. 2.ª d'este volume.)

D. João IV concluiu estas fortificações em 1650. Este rei ampliou o recinto da praça, para o lado meridional, e concluiu o revelim, como declara a seguinte lapide que está por baixo do escudo d'aquelle monarcha, e diz assim:

O Serenissimo Rei de Portugal D. João IV de gloriosa memoria, mandou fazer esta fortificação, á ordem do conde de Cantanhede, D. Antonio Luiz de Menezes, sendo dos seus conselhos de estado e da guerra, veador da fazenda e governador das armas de Cascaes, a cujo cargo está a fortificação da barra de Lisboa.—Anno de 1650.

Estas ultimas obras tinham principiado em 1644.

—

Proximo a S. Julião da Barra ha minas de oiro, mas, ou são pouco abundantes, ou foram mal exploradas, pois ha muitos annos se abandonaram.

O governo as lavrou por sua conta, e desde 28 de fevereiro até 2 de abril de 1825 se extrahiu d'ellas oiro no valor de 474$370 réis, com a despeza de 298$585 réis; e portanto com o lucro de 175$785 réis.

Perto d'esta fortaleza está o forte de *Catalazête* feito pelo mesmo tempo, e do qual se disfructam bellissimos pontos de vista.

O castello de S. Julião da Barra é de triste nomeada na nossa historia, por ter por varias vezes servido de *prisão do estado*, sendo mais notaveis as cinco épocas seguintes.

1.ª desde o sanguinario usurpador Phi-

lippe II de Castella, que aqui fez encarcerar todos os fidalgos e religiosos, que não quizeram ser traidores á sua patria, nem bandear-se com os intrusos castelhanos.

Muitos d'estes presos foram mesmo aqui julgados, e sentenciados com tal barbaridade, que, segundo escriptores veridicos do tempo, muitos sacerdotes, seculares e regulares, e grande numero de fidalgos, foram lançados ao mar, pela gruta da torre.

Consta das memorias contemporaneas, que o mar, por muito tempo não deu peixe, e os pescadores só colhiam em suas redes membros humanos despedaçados, restos das infelizes victimas da ferocidade castelhana.

Foi preciso ir o arcebispo de Lisboa, D. Jorge d'Almeida, exorcismar o Oceano, com as santas ceremonias da egreja. Diz-se que desde esta formalidade religiosa, tornou o mar a dar peixe.

O povo de Lisboa cria que o mar estava excommungado, e nem os pescadores queriam ir á pesca; e se algum, mais descrente se aventurava a pescar, e colhia algum peixe, ninguem lh'o queria comprar, emquanto o arcebispo não levantou a excommunhão.

Consta que Philippe II impetrou e obteve do papa uma bulla de absolvição por *dois mil* ecclesiasticos que mandára então assassinar por varios modos.

—

2.ª — Foi durante o ministerio do marquez de Pombal.

Fulminada a Companhia de Jesus por decreto de 3 de janeiro de 1759, e expulsos do reino os jesuitas, o marquez, attribuindo a alguns d'elles a conspiração dos fidalgos, cujo resultado foi a tentativa de regicidio da noite de 3 de setembro de 1758, na *Calçada do Galvão*, (vide *Chão Salgado*) encerrou 124 padres da Companhia nas masmorras de S. Julião, onde jazeram por espaço de 18 annos, de 1759 até 1777, em que morreu D. José I, e o marquez de Pombal foi desterrado.

—

3.ª — Desde 1828 até 1833, foram tambem as masmorras de S. Julião da Barra, convertidas em prisões do estado, para *crimes politicos*, sendo aqui encerrados 618 presos, que tambem soffreram muitas barbaridades de seus carcereiros. A historia d'este captiveiro foi escripta, em 4 volumes, por um dos presos, o dr. João Baptista da Silva Lopes.

Era governador do castello, o malvado brigadeiro, Joaquim Telles Jordão, que depois (em 23 de julho de 1834) na *Cova da Piedade*, e em Cacilhas, pagou com usúra as suas atrocidades, sendo arrastado em vida e despedaçado pelos liberaes. (Vide a pag. 141 do 1.º volume, e *Historia de Portugal*, no fim do *Diccionario*.)

—

4.ª — Em maio de 1847, sendo alli encerrado, como *prisioneiro de guerra*, o conde das Antas, chefe do ministerio formado pela *Junta do Porto*, com toda a sua divisão.

Já em 1846 para alli foram presos o conde de Villa Real o outros, por pertencerem ao partido popular, sendo muitos d'elles *degredados* para a Africa por esse *crime*.

—

5.ª — Em 1861, vindo para estas prisões e d'aqui para a Africa, as praças que se tinham revolucionado em Braga contra o governo.

Tinha-se-lhes promettido amnistia completa, e foi sob essa condição que entregaram as armas; mas assim que os viram desarmados, os encarceraram, e depois os mandaram para o degrêdo.

Os jornaes, porém, tanta motinada fizeram, que os revoltosos foram mandados recolher do degredo.

—

Desde o fim da guerra peninsular se descuraram as obras d'estas fortificações, que mais estavam convertidas em prisões do que em uma fortaleza de guerra. Sendo porém governador da praça o general Cabreira, barão da Batalha (vide Faro) restaurou a maior parte d'ella, reparando os baluartes, desentulhando os terraplenos, e avivando as memorias e lapides antigas.

—

O castello de S. Julião da Barra, posto se

uma sólida e robusta fortaleza para resistir por muito tempo á antiga artilheria; não está de modo algum em condições de poder sustentar-se contra os formidaveis projectis modernos; é porém de suppor que agora, que parece tratar-se sériamente das fortificações de Lisboa e Tejo, seja transformada em uma boa praça de guerra artilhada e couraçada, ou blindada, pelo systema moderno.

O actual ministro da guerra, o sr. Antonio Maria Fontes Pereira de Mello, a tem inspeccionado com outros officiaes competentes, para lhe fazerem as indispensaveis modificações.

JULIÃO (S.) DE GOUVEIA — freguezia, na villa, comarca e concelho de Gouveia.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 200$000 réis annuaes.

Para tudo o mais que diz respeito a esta freguezia, vide *Gouveia*, villa da Beira Baixa, onde já fica descripta.

JUNÇA — freguezia, Beira Baixa, comarca de Pinhel, concelho de Almeida, 95 kilometros ao SE. de Lamego, 335 ao E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado de Pinhel, districto administrtivo da Guarda.

Todos sabem que *junça* é planta paludosa, uma especie de junco.

O reitor d'Almeida apresentava o cura, que tinha 4$000 réis de congrua e o pé d'altar.

JUNCAES — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira (foi do extincto concelho de Linhares), 100 kilometros de Coimbra, 315 ao E. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 33 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

A casa do infantado apresentava o prior, que tinha 120$000 réis annuaes.

JUNCAL—freguezia, Estremadura, comarca e concelho de Porto de Mós, 24 kilometros de Leiria, 105 ao NE. de Lisboa, 400 fogos. Em 1757 tinha 380 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

O povo apresentava o cura, ao qual dava 380 alqueires de trigo annualmente.

JUNCEIRA—freguezia, Estremadura, comarca, concelho e 10 kilometros de Thomar, 130 ao NE. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 146 fogos.

Orago S. Matheus, evangelista.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 130$000 réis annuaes.

JUNIAS DE PITÕES—Vide Pitões.

JUNQUEIRA — vide Estevaes.

JUNQUEIRA — vide Pontos no Douro.

JUNQUEIRA — freguezia, Douro, comarca, concelho e 3 kilometros ao S. de Villa do Conde, 30 a O. de Braga, 330 ao N. de Lisboa, 20 ao N. do Porto, 290 fogos.

Em 1757 tinha 178 fogos.

Orago S. Simão, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

É no antigo couto e julgado de Faría, extincto.

O cabído do mosteiro dos conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) apresentava o vigario, triennal, que era um dos conegos do mesmo mosteiro. Tinha 30$000 réis annuaes.

Situada em terreno fertil e pouco accidentado, entre os rios Ave e Éste (ou Déste). *A egreja matriz está situada na ribanceira do rio Éste e junto ao rio Áve.* (Palavras da escriptura de que logo se trata.)

Tinha um antiquissimo convento de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) que, segundo todas as probabilidades, foi fundado antes da invasão dos arabes, em 716.

É certo que em 1110 (1072) achou o arcediago de Braga, D. Arias, enterrado no laranjal da cêrca, um breviario do seculo VII, o qual depois mandou imprimir João Gonçalves de Sequeira, abbade de Santa Olaia de Rio Côvo (Santa Eulalia). No fim do breviario vem a nota d'esta circumstancia.

Arruinado o mosteiro e destruido durante o dominio sarraceno, o dito D. Arias, por ordem do arcebispo de Braga, D. Pedro, o reedificou, principiando a obra, provavelmente, em 1071 ou 1072, e concluindo-se, com certeza, em 1082, sendo seu primeiro abbade o mesmo D. Arias.

O antigo convento era de monges de S. Bento; mas, desde a sua reedificação, foi de cruzios.

Existia n'este mosteiro um prazo feito por D. Arias, em agosto de 1082 (em latim) a D. Maria Paes, da vinha de Guazim, para ella a possuir em sua vida, sem renda, por ter doado ao convento os tres casaes, de Formariz, Lamezinhos e Córvos.

O célebre capitão, D. Payo Guterres (vide Villela) e sua mulher, D. Fafia Guterres, augmentaram muito este convento em edificios e rendas, no anno de 1110, por uma doação, confirmada por seus descendentes, no segundo dos idos de dezembro de 1218 (12 de dezembro de 1180). Figuram na escriptura de confirmação de doação, todos os filhos, filhas e netos de D. Payo e de D. Fafia; os filhos, filhas e netos de Soeiro Ramirez e sua mulher, D. Eldora Soares; todos os filhos e netos de D. Payo Soares e sua mulher, D. Elvira Soares; todos os filhos e netos de Payo Nunes; e Gonçalo de Rio Máo, com todos os filhos e netos de D. Guida.

Todos estes individuos eram padroeiros do mosteiro e senhores do couto de Faria, que pela tal escriptura cederam e doaram ao mosteiro.

Estavam presentes e confirmaram a escriptura—D. Godinho, arcebispo de Braga—Pero João, deão—D. Pedro Garcia, prior de Nandim—D. Wilhelmo Nunes, prior de S. Pedro de Rates—mestre D. Pedro Moniz, conego de Nandim—D. Mendo Odoriz, conego de Rates.—Tambem assignaram os herdeiros do mosteiro, Soeiro Fafes, Payo Fafes, Mendo Paes, Gonçalo de Rio Máo e Payo Nunes. Foi escrivão o padre Mendo.

Era então *priol* (prior) D. Payo Garcia, sobrinho do arcebispo D. Godinho, irmão do prior de Nandim e parente dos doadores. Tambem era parente d'estes, o prior de Rates.

Este D. Payo Garcia, era, pelas suas grandes virtudes, chamado geralmente *o prior santo, de S. Simão*. Morreu a 20 de agosto de 1192, e está sepultado na parede da egreja, junto ao altar de Santo Agostinho, como se vê da competente inscripção.

A egreja do convento foi sempre a matriz da freguezia.

D. Affonso I confirmou esta doação, em 1181. D. Affonso III tambem a confirmou, em 1275; mandando, entre outras cousas, que *sob pena de 500 crusados, não devassem o couto de Faria, do mosteiro de S. Simão da Junqueira*, e deixou fazer ao juiz do dito couto (posto pelo prior) livremente o seu officio, etc.

Este mosteiro, pagava, desde a sua reedificação, aos reis de Portugal, um *morabitino de ouro*, annualmente pelo seu couto.

D. Diniz, por carta regia, datada d'Evora, a 20 de fevereiro de 1320 (1282) dispensou, para sempre, d'este tributo, o mosteiro.

Os priores da Junqueira, eram *coudeismóres* do couto de Faria.

Foi ultimo prior perpétuo, eleito canonicamente, D. Pedro Alvares, que morreu em 1516. Passou então o mosteiro ao poder de commendatarios, sendo o primeiro D. Diogo Pinheiro, bispo do Funchal. Por morte de D. Martim Pinheiro, que era commendatario em 1594 (provavelmente filho ou neto de D. Diogo) se uniu este convento ao de Santa Cruz de Coimbra, sendo seu primeiro prior triennal, D. Manuel, nomeado a 7 de fevereiro de 1595. Vide Milhom.

JUNQUEIRA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Miranda, concelho de Vimioso, 24 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 20 fogos.

Orago S. Bento.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor d'Algoso apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Algoso.

JUNQUEIRA—freguezia, Douro, concelho de Macieira de Cambra, comarca de Oliveira de Azemeis (depois de 24 de outubro de

1855), 40 kilometros ao OSO. de Viseu, 8 ao N. de Oliveira de Azemeis, 43 ao S. do Porto, 285 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 147 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Viseu, districto administrativo de Aveiro. É terra muito fertil.

Esta freguezia foi annexada á de Arões, em 1702; mas está outra vez separada e independente.

O abbade de S. Simão, d'Arões, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia é na serra. Fertil em cereaes e algum vinho e azeite. Muita caça do chão e do ar.

JUNQUEIRA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Bragança, concelho d'Algoso, (até 1855 e desde então comarca e concelho de Moncorvo), 24 kilometros de Miranda, 440 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 20 fogos.

Orago S. Philippe e S. Thiago, apostolos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Esteve alguns annos annexa á freguezia de Estevaes, do mesmo concelho, comarca, bispado e districto administrativo.

O reitor de Adeganha apresentava o vigario, collado, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar.

JUNQUEIROS—aldeia, Alemtejo, proximo da villa e concelho d'Ourique, na comarca d'Almodóvar.

Em 10 de maio de 1733, a mulher de Braz Figueira pariu um filho, e nos dias 11, 12 e 13, em cada um, outro filho. Todos quatro foram baptisados, e morreram pouco depois do sacramento.

JURADÍA — portuguez antigo, officio de jurado.

JURGIO e **JURGO**—portuguez antigo, *Jorge*, nome de homem. Tambem se dizia *Jurge*.

JURIO — portuguez antigo. Abreviatura ou contracção de Jeronymo.

JUROMENHA — villa e praça d'armas, Alemtejo, concelho do Alandroal, comarca do Redondo, 35 kilometros ao SE. de Estremoz, 15 ao SO. d'Elvas, 180 ao E. de Lisboa, 110 fogos, 440 almas.

Em 1757 tinha 148 fogos.

Orago Nossa Senhora do Loreto.

Bispado d'Elvas, districto administrativo d'Evora.

A Mesa da Consciencia apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada e 20$000 réis em dinheiro, de rendimento annual.

Situada junto á margem direita do Guadiana, sobre um outeiro, escarpado do lado do rio, que a separa de Hespanha.

Não se sabe com certeza quem foram os seus fundadores e qual o seu primeiro nome; alguns dizem que foram os gallos-celtas, 390 ou 400 annos antes de Jesus Christo.

Julio Cesar a cercou de fortes muralhas, pelos annos 44 antes de Jesus Christo, dando-lhe o nome de *Julii-moenia* ou *Juris-moenia* (*Muralhas de Julio* ou *Jurisdição de Julio*). Outros porém attribuem o seu nome ao facto que deu motivo ás suas armas (que adiante narrarei) e portanto mui diversa etymologia.

D. Affonso I a conquistou aos mouros, em 1167. D. Sancho I deu o castello de Juromenha a D. Gonçalo Viegas (filho do excelso D. Egas Moniz) o primeiro que se intitulou *mestre da cavallaria* d'Evora.

Em 1242, os mouros a tornaram a conquistar, mas o grande D. Payo Peres Correia a resgatou logo.

D. Diniz reedificou a villa e seus muros, ampliando a antiga cêrca romana, em 1312, dando então muitos e grandes privilegios á povoação.

O seu castello, tambem obra romana, reedificado por D. Diniz, tem 17 torres, sendo uma d'ellas (a de *menagem*) muito alta e robusta.

Suppõe-se que foi D. Diniz que lhe deu o seu brazão d'armas, o qual consiste em um escudo de prata, com um castello cercado d'agua, pendendo de cada lado de suas ameias, dois grilhões (um de cada lado). O castello e a agua são allusões á villa fortificada e ao Guadianna que a banha. Os dois grilhões, segundo uns, significam o privilegio que D. Diniz deu aos seus moradores, de não poderem ser mudados para outra cadeia fóra da villa, estando presos, sem que

os tribunaes pronunciassem sentença final.

Segundo outros, os grilhões alludem a que, em tempo dos romanos, n'este castello se prendiam e executavam os criminosos de delictos graves.

A terceira etymologia de Juromênha, querem muitos que seja pelo facto seguinte:

No tempo dos godos, um rico e nobre senhor, quiz expoliar sua irman *Mégnia* ou *Mênha* (não é preciso dizer que, ou *Mégnia* é *alatinisando* a palavra *Mênha*, ou esta *lusitanisando* aquella) das grandes riquezas que herdára de seus paes, (outros dizem que o tal senhor godo pretendeu ter amores incestuosos com a irman).

Qualquer que fosse o motivo, o irmão, vendo que ella não annuia ás suas ambições, ou ao seu criminoso amor, a prendeu n'este, já então, fortissimo castello, a ver se ella, pelo desejo da liberdade, consentia em satisfazer os desejos do irmão; porém ella recusou-se heroicamente a isso, dizendo sempre—*Jura Mênha que não.*—D'este Jura Mênha, é que muitos derivam Juromênha.

O que é certissimo é que uma das torres do castello se chama *torre de Mênha*. Diz-se que foi n'ella que esteve presa a tal donzella.

Esta villa e seu termo, foram antigamente concelho, com camara, casa do senado, juizes e justiças proprias, e pertencia á comarca d'Elvas.

Tem uma só freguezia.

Tem governador da praça e uma pequena guarnição.

Tem Misericordia e hospital. Quatro capellas.

Junto á villa (a E.) entra no Guadianna a ribeira de *Mures*; em cujo confluente se fazem grandes pescarias.

Ha tambem por aqui muita caça.

As margens do Guadiana e do Mures, fazem muito amenos os suburbios da villa, e seu territorio é abundante de cereaes, fructas e extensas pastagens, onde se cria muito gado de varias especies.

Tem muitos azinhaes, onde se criam muitos porcos, por isso se diz:

Juromênha, Juromênha
Boa de trigo e melhor de lenha.

No dia 19 de janeiro de 1659, durante a guerra da independencia, estando de guarnição a esta praça os estudantes da universidade d'Evora, commandados pelo padre Francisco Soares, o *Lusitano*, estavam aquartellados em umas casas, sobre o armazem da polvora. Por acaso (e segundo outros, por traição) incendiou-se a polvora, indo pelos ares as casas e todos quantos n'ellas estavam, o que horrorisou a villa e contristou todo o reino, pelos muitos e esperançosos mancebos e seu heroico chefe, que assim morreram tão horrivelmente.

As fortificações estão muito arruinadas.

—

O seu primeiro foral lhe deu D. Diniz, em 1312. Está declarado na carta regia de foral, dada por D. João II, em Villa Viçosa, a 28 de agosto de 1492.

D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 15 de setembro de 1512.

—

N'esta villa se achou, em 1776, uma lapide, com a seguinte inscripção romana:

C. IVLIVS C. F. GAL.
MAXIMVS
MILES. LEG. VII. O. M.
V. S. L. M.

JUSSÃA, JUSSAN e **JUSAN**—portuguez antigo, *debaixo*; assim como *Susãa* ou *Susan* é *decima.* Vg. *Caría-Jusan* (Caría de Baixo) *Caría-Susan* (Caria de Cima.)

Porque antigamente se dizia, *jusso*, por baixo, ou sob, e *suso*, por cima, ou sobre. Em quasi todos os documentos antigos se lê, *susodito*, por sobredito.

Ainda hoje tambem dizemos, *jusante*, por maré a vazar, e *montante* por maré a encher.

Estou persuadido que são palavras introduzidas aqui pelos gallos-celtas, pois ainda hoje na lingua franceza, *sous* é o que está por baixo, ou *sob;* e *sus*, o que está por cima, ou *sobre.*

JUSTA—nome proprio de mulher, tambem antigamente se dava o nome de *justa*, a um vaso pequeno, de ouro, prata, estanho, vidro, barro, etc., e em que á mesa se lançava vinho para cada convidado. Eram

todas, com pouca differença, do mesmo feitio, mas não do mesmo tamanho, pois as havia maiores e mais pequenas.

Justas se chamavam tambem aos exercicios dos antigos cavalleiros, armados de ponto em branco e com as suas melhores galas. Tinha logar em um campo ou arena, que tivesse pelo menos a extensão da carreira de um cavallo e quasi cercado de uma *têa*. Collocavam-se dois contendores nas duas extremidades da praça e arremettiam um para o outro. Primeiro combatiam á lança e depois á espada. O mais destro, ou mais feliz, era acclamado vencedor.

JUSTA (Santa)—vide Eucisia.

JUSTA (Santa)—freguezia, Extremadura, comarca de Benavente, concelho de Coruche, 105 kilometros ao SE. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 13 fogos.

Orago Santa Justa.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

O prior da Érra apresentava o cura, que tinha 40$000 réis.

JUSTA (Santa)—freguezia Traz-os-Montes, concelho de Alfandega da Fé, comarca de Moncorvo, 150 kilometros ao NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 25 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Orago Santa Justa.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O D. abbade do mosteiro de Bouro (bernardos) apresentava o cura, que tinha de congrua 8$000 réis e o pé d'altar.

JUSTA (Santa)—freguezia, Alemtejo, comarca de Monte Mór Novo, concelho de Arrayolos, 18 kilometros de Evora, 125 ao SE. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 82 fogos.

Orago Santa Justa.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o capellão-curado, que tinha 124 alqueires de trigo e os mesmos de cevada.

JUSTA (Santa)—serra, Douro, freguezia de Vallongo, concelho de Gondomar, comarca e 6 kilometros a ENE. do Porto.

Ha n'esta serra profundos póços e extensas galerias, que evidenceiam a grande extracção de metaes que aqui fizeram os antigos.

Suppõe-se que os primeiros que aqui fizeram trabalhos de mineração foram os phenícios, e depois d'elles os romanos e por fim os arabes.

Alguns d'estes trabalhos são realmente notaveis.

JUSTA (Santa)—vide Lisboa.

JUSTIÇA DE MONTE MÓR—a que mandava que o criminoso fosse precipitado de um rochedo ou despenhadeiro.

Teve principio este supplicio em Monte Mór Velho, e d'aqui passou a Santarem e outras terras.

Junto a Jerusalem (Palestina) havia o *Monte Moria*, sitio onde os criminosos eram justiçados, arremeçando-os de uns penhascos altissimos e perpendiculares (especie de *Rocha Tarpéa*, de Roma.)

Será de *Monte Mória* derivado o nome de *Monte Mór*, por ter um similhante principio?

JUVIM—vide Jovim.

FIM DO TERCEIRO VGLMME